Catecismo Católico Popular

CATECISMO
Católico Popular

POR

Francisco Spirago

Versão feita sôbre a tradução francesa do Padre N. DELSOR

PELO

Dr. Artur Bivar

3.ª EDIÇÃO

PRIMEIRA PARTE

1938
União Gráfica
R. de Santa Marta, 158
Lisboa

NIHIL OBSTAT

Olisipone, 26 Septembris 1938

Michael A. de Oliveira

Imprimatur

Olisipone, 27 Septembris 1938

† *Em., Card. Patriarcha*

A

Maria Imaculada

GLORIOSA RAINHA DO CÉU

dedica

O Autor

Explicação das abreviaturas

S. Ag. — Santo Agostinho.
S. Af. — S. Afonso de Ligório.
S. Alb. M. — Santo Alberto Magno.
S. Ambr. — Santo Ambrósio.
S. Ang. Fol. — Santa Ângela de Foligno.
S. Ans. — Santo Anselmo.
S. Antoni. — Santo Antonino.
S. Ant. E. — Santo Antão, eremita.
S. Ant. L. — Santo António de Lisboa.
S. At. — Santo Atanásio.
S. Bas. — S. Basílio.
Ben. XIV — O Papa Bento XIV.
S. Bdin. — S. Bernardino de Sena.
Bel. — Cardial Belarmino.
S. Bern. — S. Bernardo.
S. Boa. — S. Boaventura.
S. Brig. — S. Brígida.
S. Car. Bor. — S. Carlos Borromeu.
Cat. rom. — Catecismo romano.
Cat. Em. — Catarina Emmerich.
S. Cris. — S. João Crisóstomo.
S. Clem. — S. Clemente, Papa.
Clem. Al. — Clemente de Alexandria.
S. Clem. H. — S. Clemente Hofbauer.
Coch. — Cochem, S. J. Século XVIII.
Conc. Tr. — Concílio de Trento.
Conc. Vat. — Concílio do Vaticano.
S. Cip. — S. Cipriano.
S. Cir. Al. — S. Cirilo de Alexandria.
S. Cir. J. — S. Cirilo de Jerusalém.
Deh. — Deharbe, S. J. (catecismo) Século XIX.
S. Dion. Ar. — S. Dionísio areopagita.
S. Fr. de As. — S. Francisco de Assis.

S. Fr. de S. — S. Francisco de Sales.
S. Fr. X. — S. Francisco Xavier.
S. Fulg. — S. Fulgêncio.
S. Gert. — Santa Gertrudes.
Gem. — Geminger.
S. Greg. M. — S. Gregório Magno.
S. Greg. Naz. — S. Gregório Nazianzeno.
S. Greg. Nss. — S. Gregório de Nissa.
S. In. A. — S. Inácio de Antioquia.
S. In. L. — S. Inácio de Loiola.
In. — Inocêncio.
S. Ild. — S. Ildefonso.
S. Ir. — S. Ireneu.
S. Isid. — Santo Isidoro.
S. Jer. — S. Jerónimo.
S. Jo. Cl. — S. João Clímaco.
S. Jo. Dam. — S. João Damasceno.
S. Jo. Esm. — S. João Esmoler.
Jos. Fl. — José Flávio, historiador.
S. Just. — S. Justino.
S. Lour. Just. — S. Lourenço Justiniano.
L. L. — Ladaínhas lauretanas.
Luís de Gr. — V. Luís de Granada.
S. Mad. Paz. — Santa Madalena de Pazzi.
Mar. Lat. — Maria Lataste.
Meh. — Mehler.
Orig. — Orígenes.
S. Ped. Cri. — S. Pedro Crisólogo.
Scar. — Scaramelli, S. J. Século XVII.
Segn. — Segneri, S. J. Século XVII.
S. r. — Salvè-Raínha.
Tert. — Tertuliano.
S. Ter. — Santa Teresa.
S. T. de Aq. — S. Tomás de Aquino.
T. K. — Tomás de Kempis.
S. Vic. F. — S. Vicente Férrer.
S. Vic. L. — S. Vicente de Lérins.
Wen. — Weninger, S. J. Século XIX.

É esta a terceira edição do Catecismo Católico Popular, *de Francisco Spirago, em língua portuguesa. Apresentando a primeira, escreveu o seu tradutor, sr. Dr. Artur Bivar: «Conformando-me com a intenção do autor e com o próprio carácter popular do catecismo, procurei assingelar o estilo, por forma a evitar na versão termos ou expressões obscuras que toldassem a limpidez do original. Curei também, quanto em minhas fôrças coube, que a versão saisse correcta».*

Como no frontispício se declara, fêz-se esta versão sôbre a tradução francesa do Padre N. Delsor. Havendo absoluta necessidade de actualizar a obra e não existindo nenhuma edição francesa posterior às nossas, introduzimos-lhe as modificações que nos pareceram convenientes, seguindo a orientação quer do autor quer do tradutor português. A mudança mais notável é, no entanto, a do novo arranjo gráfico de tôda a obra que continua dividida em três volumes, mas de menor formato e mais nítida impressão.

PREFÁCIO

Êste catecismo, na sua forma actual, é um *livro de instrução popular*, adaptado às necessidades do nosso tempo, e um *manual* para os catequistas e prègadores.

As partes impressas em caracteres pequenos, sobretudo, são as que lhe dão êste cunho especial. O autor crê útil dar as explicações seguintes:

1. Êste catecismo compõe-se de três partes: a primeira trata do **dogma**, a segunda da **moral**, a terceira da **graça**. Na *primeira* parte Cristo aparece principalmente como *doutor;* na *segunda* como *rei;* na *terceira* como *pontífice*.

Como êste catecismo responde em primeiro lugar à pregunta: *porque estamos nós sôbre a terra?* — e põe particularmente em relêvo o *destino sublime do homem*, convém singularmente à nossa época materialista, sensual e propensa à vida de prazeres. Também as palavras do Salvador se referem, quási tôdas, *ao que ùnicamente é necessário*. Ora, o catecismo não é mais que um breve resumo da doutrina de Cristo. Eis por que êste catecismo é como que a *guia*, o *itinerário* do cristão no seu caminho para o céu. Trata-se primeiro do fim da viagem, e, depois, dos caminhos que a êle conduzem. A primeira parte compreende os actos requeridos da nossa *inteligência* (devemos procurar conhecer a Deus pela crença nas verdades reveladas por êle); a segunda, o que deve fazer a nossa *vontade* (devemos submeter a nossa vontade à de Deus, isto é, devemos observar os seus mandamentos); a terceira parte tratará do que devemos fazer para o obter a *iluminação* da nossa inteligência obscurecida pelo pecado original, e a *fôrça* da nossa vontade enfraquecida pelo mesmo pecado (devemos adquirir a graça do Espírito Santo pelo uso dos meios de santificação; é, com efeito, pela graça do Espírito Santo que a inteligência se ilumina e a vontade se fortifica). As partes principais dêste catecismo são, portanto, sèriamente coordenadas e as suas subdivisões são, por sua vez, tão bem concebidas e re-

lacionadas entre si, que a *conexão lógica das verdades da religião ressalta claramente aos olhos do leitor*. Nisto vai muito; quanto melhor conhecermos o liame íntimo do conjunto das verdades religiosas, mais aptos estaremos para as penetrar isoladamente. Com razão diz Mons. Ketteler: «O catecismo completo é um sistema admiràvelmente organizado das verdades fundamentais da religião. Se as crianças chegam a reconhecer esta grande, admirável e celeste estrutura dos ensinamentos divinos em tôda a sua harmonia, os dardos do inferno caïrão impotentes a seus pés».

2. Êste catecismo é impresso em caracteres de **três tamanhos.** Os grandes formam como que a **ossatura,** os medianos como que os **músculos,** os pequenos como que o **sangue** do catecismo. Esta última parte poderia ter-se omitido, que o catecismo não deixaria de conter as verdades da religião católica; mas assemelhar-se-ia a um homem completamente anémico. Ora, catecismos dêsses, e manuais de instrução religiosa, anémicos e que se dirigem ùnicamente à inteligência, há muitos; e assim como um homem sem sangue não é bom para o trabalho, assim a maior parte dêsses livros foram incapazes de comover o coração dos cristãos, e de acender nêles o fogo do amor de Deus e do próximo, efeito que devia produzir todo o livro religioso, todo o sermão e todo o catecismo, dignos dêsses nomes. Êsses livros careciam sobretudo do calor da expressão que convence e vai ao coração, da fôrça juvenil e vivificante que é própria da palavra do Espírito Santo.

3. Êste catecismo tem por fim formar *igual* e *simultâneamente* as **três faculdades da alma, a inteligência, o coração e a vontade;** não gira, portanto, em tôrno de simples definições. O fim principal dêste livro não é fazer do homem uma espécie de *filósofo religioso,* senão fazer dêle um **bom cristão,** que pratica alegremente a sua religião. Eis por que eu ou pus de parte ou não tratei com profundeza as questões de pura especulação, e sobretudo as questões controvertidas entre teólogos, que não têm utilidade alguma na vida prática. Em geral, esforcei-me por tirar às verdades religiosas todo o verniz de alta sciência, e por apresentá-las numa forma popular e de fácil inteligência. Os termos eruditos e técnicos, que eriçam tantos catecismos, ainda dos destinados às crianças (recordem, por exemplo, a cópia de termos de que vêm cheios os nossos manuais no capítulo da graça) de-

balde se procurarão neste livro. Êsses termos técnicos convêm às aulas de teologia, ou, como disse o padre Cl. Fleury, aos teólogos de profissão: mas devem absolutamente eliminar-se dum catecismo ou dum livro feito para o povo. Tudo que se escreve para crianças ou para o comum dos fiéis, deve ser escrito em linguagem simples e sem artifício, como a que usavam o Salvador e os apóstolos; estes escritos são feitos para ser *compreendidos*, para comover os corações e dar acção às vontades, e não para formar sábios, e ainda menos para martirizar o espírito com termos ininteligíveis e tornar a religião fastidiosa. Desta arte o presente catecismo formará um contraste notável com a maioria dos livros similares publicados até hoje: não é uma refundição de um ou de muitos vélhos catecismos e manuais; é um trabalho original, feito segundo os princípios da teologia pastoral e da pedagogia. Desejo também fazer observar que a doutrina da Igreja não é apresentada num modo sêco, antes a tornamos *atraente* — transformamo-la, por assim dizer, em *lições de coisas* — por meio das figuras, dos exemplos, das máximas, das citações de homens ilustres, o que dá a estes ensinamentos amenidade e gôsto. Não há que temer que um cristão se enfade cedo dêste livro. Contudo as citações dos SS. Padres e doutros autores nem sempre são literais, muitas vezes apenas usei dêles o pensamento. Os Padres sobretudo (a-fim-de actuarem mais eficazmente sôbre as vontades) curaram da beleza da expressão, dos períodos simétricos, etc., que são mais nocivos que úteis às crianças e ao povo. Para estes querem-se antes de mais nada expressões claras e fáceis de perceber. Os próprios apóstolos nem sempre citam do Antigo Testamento a letra, mas apenas o sentido; não há, pois, inconveniente em resumir as passagens de um Santo Padre: basta exprimir exactamente o seu pensamento. Aliás, eu cito as mais das vezes os Padres não para provar uma verdade, mas para tornar a expressão mais concreta e mais clara.

4. Este catecismo popular foi redigido segundo os princípios da **pedagogia.** Esforcei-me por dividir as matérias de modo prático e à maneira de quadro, ordenar lògicamente as ideias, escolher expressões simples, empregar proposições curtas, etc.; segui neste ponto os conselhos de Hirscher e as indicações dos bispos e catequistas contemporâneos mais ilustres. Uni também *num só sistema* — sem fazer partes separadas — *todos os ramos* do ensino religioso: catecismo, história sagrada, liturgia, apologética,

história eclesiástica; esta disposição evidentemente evita o enfado e interessa no mesmo grau o espírito, o coração e a vontade. Se neste catecismo popular não usei a forma interrogativa que nos legou a Idade Média, foi que julguei ter para isso motivos muito poderosos. Em primeiro lugar essas interrogações contínuas não harmonizam com o princípio da fé católica, porque a fé vem da afirmação, não da interrogação. Não são as verdades da nossa santa religião tão conhecidas, que se possa sujeitar o público a um exame profundo sôbre elas; é preciso comunicá-las pelo método explicativo. Só se deve interrogar sôbre o que já se conhece. Aliás, o método interrogativo cria obstáculos à brevidade do ensino, e em parte também à sua clareza, porque as numerosas preguntas impedem a vista geral, como muitas árvores impedem que se veja a floresta. Não convém reduzir a farinha a palavra divina: deixaria de levedar no coração dos homens. Sem a forma interrogativa uma proposição é pelo menos tão inteligível como por pregunta e resposta. Se um livro se destinasse principalmente para *repetir um exame*, o método interrogativo era admissível; mas, quando as verdades devem ser compreendidas a fundo, o método expositivo é o que convém: provoca melhor a reflexão.

5.° Tive além disso em vista **as necessidades** *do mundo contemporâneo*. Procurei, em primeiro lugar, combater quanto possível o *materialismo egoista e sensual;* demonstram-no o próprio princípio do livro e o cuidado que pus em tratar a *moral*. Não me contentei com sêcas definições, com nomenclaturas de pecados e de virtudes, mas expus as virtudes em tôda a sua beleza com tôdas as suas conseqüências felizes, pintei os vícios em tôda a sua fealdade e malícia com os seus resultados desastrosos, indicando sempre os seus remédios. Os pontos que são de peculiar importância para a nossa época, longe de os omitir, tratei-os com minucioso cuidado. Aqui se encontrarão partes que muitas vezes faltam noutros catecismos; no 3.° mandamento da lei de Deus se encontrará, em conformidade com as indicações do catecismo do concílio de Trento, o *dever do trabalho* e a noção do trabalho; no 4.°, os deveres para com o *Papa* e o *Chefe do Estado*, e os *deveres eleitorais* dos católicos; no 5.°, o *valor enorme da saúde e da vida* e avisos contra o mal que se faz à saúde com modas nocivas, com o abuso de alimentos contrários à higiene (alcool, café), com o abuso dos prazeres; no 10.°, os *princípios socialistas* são tratados muito popularmente, e

imediatamente depois, trata-se do *emprêgo da fortuna*, do rigoroso *dever da esmola*. (As obras de misericórdia de que o Salvador faz particularmente depender a salvação eterna não foram atiradas ao acaso para um canto, mas tomaram um lugar eminente, como derivadas directamente do Decálogo). Ao tratar das ocasiões do pecado, falei da *freqüentação das tabernas*, da *dança*, do *teatro*, da *assinatura dos maus jornais*; ao tratar do orgulho, examinei à devida luz o abuso da *toilette* e a *loucura da moda* em nossos dias. A propósito do matrimónio, tratei do *casamento civil*, e, logo a seguir às confrarias religiosas, das *associações cristãs* (leigas). Tratei a fundo do *amor de Deus e do próximo* que falta a tantos homens de hoje, aproveitei a doutrina da Providência para mostrar como é preciso suportar os *males dêste mundo*. O modo de suportar a *pobreza*, e o dever da *gratidão*, não foram explicados com menor amplitude. Em muitas passagens fiz sobressair as *aparências enganosas dos bens terrenos*, e recomendei a prática da *renúncia a si mesmo*. Falei também da cremação dos cadáveres, dos congressos católicos, das representações dramáticas da Paixão, e de outros usos contemporâneos. Ninguém, pois, poderá dizer que êste catecismo, pela substância e pela forma, é um fantasma da Idade Média.

6.º Na sua forma actual, êste catecismo, por sem dúvida, é sobretudo um **livro de vulgarização** e um *manual* para os **catequistas** e para os **pastores de almas**; estes pouparão com êle muito tempo, porque lhes ministra muitas comparações e exemplos e sugere-lhes muitas explicações. Está, contudo, redigido de feição que se pode transformar fàcilmente, abreviando as partes que vão em tipo miúdo e, naturalmente, mudando-lhe o formato, num **catecismo escolar**, conforme com a *pedagogia*, e que poderia usar-se em tôdas as classes. As partes em tipo grande bastariam para os principiantes (não para as crianças dos primeiros dois anos, que só têm História Sagrada); bastariam ainda para as crianças de idade mais avançada, mas de inteligência medíocre. As partes em tipo médio são destinadas às crianças mais adiantadas. Sendo que na instrução religiosa católica a palavra do catequista é e será sempre o elemento principal, porque a fé vem do ouvir e não do ler ou recitar, bastará de-certo que os próprios adultos saibam bem estas duas partes. Estas são o fundamento sôbre que se há-de levantar o edifício da instrução religiosa mediante a *palavra viva do catequista*. Mais tar-

de o trabalho consistirá não tanto em desenvolver estes conhecimentos por uma espécie de educação teológica, como *em os explicar duma forma mais tangível*, por meio de novas figuras e comparações, e em os *motivar com mais profundidade*, isto é, em arreigar a convicção religiosa.

Conviria, por certo, **abreviar consideràvelmente** a parte estampada em tipo mais miúdo, se êste livro devesse usar-se na *escola*: **sem contudo a suprimir de todo.** Com efeito esta parte dá às crianças o meio fácil de *refrescar a memória* do que aprenderam na catequese. O catequista é assim obrigado também *a introduzir no ensino coisas importantes*, sem contar que esta parte lhe facilita consideràvelmente a preparação e o trabalho para a escola. Esta parte faz também com que se possa conservar o livro nos **estabelecimentos de instrução secundária** e será útil também *aos pais dos alunos*. Com efeito os pais, que em casa se ocupam em vigiar os deveres de instrução religiosa de seus filhos, hão-de passar necessàriamente os olhos por sôbre as partes impressas em tipo miúdo, e serão levados, sem esfôrço, à compreensão da doutrina cristã. Meditarão nas verdades religiosas, sem darem por isso, e nós vemos pela vida dos santos e dos homens ilustres como esta meditação é um meio poderoso de aperfeiçoar a vida e robustecer as convicções cristãs. A nossa época tempestuosa carece grandemente de fazer voltar o espírito cristão às famílias por meio da escola. Por isso Hirscher, o célebre catequista, dizia: «O catecismo não se faz, porventura, para sugerir ao catequista os principais meios de edificação? Ou deve-se deixar a cada um o cuidado de procurar aquilo com que se há-de contribuir para a edificação? E demais, o que se disse, quanto à edificação, não deve, porventura, nos pontos essenciais, pôr-se *estampado* diante dos olhos dos catecúmenos, para que se recordem das impressões recebidas e para que a leitura renove nêles os sentimentos despertados antes? Ai! tudo o que está longe da vista, em geral apaga-se prestes da memória! Se, portanto, as emoções, as primeiras resoluções, etc., devem perseverar, é preciso conservar-lhes a expressão no texto do catecismo, bem como os pontos de doutrina. O catecismo será então, por certo, um livro de instrução, mas também, essencialmente, um **livro de edificação.** E se o catecismo *não tem atractivos na parte reservada à edificação*, será um livro que mais cedo ou mais tarde se põe de parte, e em que, certamente, nunca mais

se pega numa idade mais avançada». (*Os meus cuidados acêrca da utilidade da nossa instrução religiosa*, pág. 11).

Considere-se, além do que fica dito, o notável desenvolvimento que tomaram os livros escolares actuais! E seria precisamente o livro destinado ao ensino mais importante o que se havia de reduzir ao formato mais mesquinho? Não deve antes o catecismo ser por excelência o livro de vulgarização em que o povo alimenta a sua fé? As verdades religiosas não devem ser apresentadas sob forma de esqueleto e com os mais elementares contornos; não devem ser ensinadas num tom sêco e uniforme. Acrescento que procurei dar ao meu catecismo popular o desenvolvimento de um ser organizado: um catecismo dêste teor alarga os conhecimentos religiosos das crianças como que por circunferências concêntricas, e é assim que eu entendo um bom catecismo. Assim como a árvore, crescendo, não muda contìnuamente de troncos e ramos, assim o cristão, crescendo no conhecimento da verdade religiosa (II S. Pedro, III, 12), não deve perpètuamente modificar a base sôbre que assenta êste conhecimento. Um arquitecto nunca arrancará os alicerces para alevantar um pouco o edifício! Eis por que convém empregar **no ensino religioso um só manual de instrução.** Quem o estudar a fundo, não será na sua vida simplesmente um cristão de nome; dêle se dirá: «*Receio o homem de um só livro*». E se são precisos absolutamente *muitos manuais*, que ao menos sejam redigidos segundo *um único sistema*. O grande catecismo deve conter totalmente o pequeno; por outras palavras: o grande deve germinar do pequeno. Ora se no grande catecismo distinguimos pela diferença do tipo a matéria que é para os pequenos e para os maiores, os catecismo pequeno e médio deixam de ser indispensáveis ao lado do grande. Se as crianças têm sempre o mesmo livro, **a memória local** recebe notáveis auxílios.

Comece, pois, êste livro cristão a sua viagem pelo mundo! Possa êle contribuir muito para a glória de Deus e para a salvação das almas, e sobretudo aligeirar o trabalho dos catequistas. Para lhe assegurar a bênção de Deus, dediquei-o à Mãe de Deus, à **Imaculada Conceição.**

Francisco Spirago

ORAÇÕES

I. ORAÇÕES EM USO NA IGREJA

1. O sinal da cruz

† Pelo sinal da santa cruz,† livre-nos Deus, nosso Senhor, † dos nossos inimigos.

† Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo. Amen.

2. A oração dominical ou Padre Nosso

Padre Nosso que estais nos céus,

1.° Santificado seja o vosso nome;

2.° Venha a nós o vosso reino.

3.° Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu.

4.° O pão nosso de cada dia nos dai hoje.

5.° Perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.

6.° E não nos deixeis cair em tentação.

7.° Mas livrai-nos do mal. Amen.

3. A saüdação angélica ou Avè Maria

1. Avè Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

2. Bemdita sois vós entre as mulheres, e bemdito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

3. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amen.

4. O símbolo dos Apóstolos, ou Credo

1. Creio em Deus Padre todo poderoso, criador do céu e da terra.

2. E em Jesus Cristo um só seu filho, Nosso Senhor.

3. O qual foi concebido por obra e graça do Espírito Santo: nasceu de Maria Virgem.

4. Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos: foi crucificado morto e sepultado.

5. Desceu aos infernos: ao terceiro dia ressurgiu dos mortos.

6. Subiu ao Céu: está sentado à mão direita de Deus Padre todo poderoso.

7. De onde há-de vir a julgar os vivos e os mortos

(isto é aquêles que no momento do Juízo final ainda viverem e morrerem ainda antes do juízo, bem como os que tiverem morrido há mais tempo. Isto porém pode também significar os eleitos e os condenados).

8. Creio no Espírito Santo.

9. Na santa Igreja Católica: na comunicação dos santos.

10. Na remissão dos pecados.

11. Na ressurreição da carne.

12. Na vida eterna. Amen.

5. Os dois mandamentos da caridade

(S. Marcos, XII, 30)

1. Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de tôda a tua alma, de todo o teu entendimento, e de tôdas as tuas fôrças.

2. Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.

6. Os dez mandamentos da lei de Deus

(Êx., XX, 2-17).

Os mandamentos da lei de Deus são dez: os três primeiros pertencem à honra de Deus e os outros sete ao proveito do próximo.

1. Amar a Deus sôbre tôdas as coisas.
2. Não jurar o seu santo nome em vão.
3. Guardar os domingos e festas de guarda.
4. Honrar pai e mãe.
5. Não matar.
6. Guardar castidade.
7. Não furtar.
8. Não levantar falso testemunho.
9. Não desejar a mulher do próximo.
10. Não cobiçar as coisas alheias.

Estes dez mandamentos se encerram em dois, convém a saber: amar a Deus sôbre tôdas as coisas, e ao próximo como a nós mesmos.

7. Os mandamentos da Igreja

1. Ouvir missa inteira aos domingos e festas de guarda.
2. Confessar-se o cristão ao menos uma vez cada ano.
3. Comungar pela Páscoa da Ressurreição.
4. Jejuar quando manda a Santa Madre Igreja, e não comer carne nos dias proïbidos.
5. Pagar os dízimos devidos à Igreja, conforme os usos.

II ORAÇÕES PARA SE RECITAREM EM DIVERSOS MOMENTOS DO DIA

Orações da Manhã

Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo. Amen.

Ponhamo-nos na presença de Deus e adoremos o seu santo nome.

Santíssima e augustíssima Trindade, um só Deus em três pessoas, creio que vós estais aqui presente. Adoro-vos com os sentimentos da mais profunda humildade, e vos rendo de todo o meu coração as homenagens que são devidas à vossa soberana majestade.

Acto de fé

Meu Deus, eu creio firmemente tôdas as verdades que vós revelastes e que nos ensinais por intermédio da vossa Igreja, porque não podeis enganar-Vos, nem enganar-nos.

Acto de esperança

Meu Deus, eu espero com firme confiança que me haveis de dar, pelos merecimentos de Jesus Cristo, a vossa graça neste mundo e, se eu observar os vossos mandamentos, a vossa glória no outro; porque vós o prometestes e sois soberanamente fiel nas vossas promessas.

Acto de caridade

Meu Deus, eu vos amo de todo o meu coração e sôbre tôdas as coisas, porque sois infinitamente bom e amável; e amo o meu próximo como a mim mesmo por amor de vós.

Agradeçamos a Deus as graças que nos tem feito, e ofereçamo-nos a êle.

Meu Deus, eu vos agradeço humildemente tôdas as graças que me tendes feito até agora. É ainda por um efeito da vossa bondade que eu vejo êste dia; quero pois

empregá-lo ùnicamente em vos servir. Eu vos consagro todos os pensamentos, palavras e acções e sofrimentos dêste dia. Abençoai-os, Senhor, a-fim-de que nenhum haja que não seja animado pelo vosso amor e que não tenda à vossa maior glória.

Formemos a resolução de evitar o pecado e de praticar a virtude

Adorável Jesus, divino modêlo de perfeição à qual devemos aspirar, eu vou esforçar-me, tanto quanto me fôr possível, por me tornar semelhante a vós, manso, humilde, casto, zeloso, paciente, caritativo e resignado como vós. E farei particularmente todos os esforços ao meu alcance para não recair hoje nas faltas que tantas vezes cometo e de que desejo sinceramente emendar-me.

Peçamos a Deus as graças que nos são necessárias

Meu Deus, vós conheceis a minha fraqueza; nada posso sem o auxílio da vossa graça. Não ma recuseis, ó meu Deus; proporcionai-a às minhas necessidades; dai-me fôrça bastante para evitar todo o mal que vós proïbis, para praticar todo o bem que esperais de mim, e para suportar com paciência todos os sofrimentos que vos aprouver enviar-me.

Padre Nosso. Avè Maria. Credo.

A confissão dos pecados

Eu pecador me confesso a Deus todo poderoso, à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado São Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado São João Baptista, aos santos Apóstolos, São Pedro e São Paulo, a todos os Santos e a vós, padre, que pequei muitas vezes por pensamentos, palavras e obras, por minha culpa, minha culpa, minha tão grande culpa. Portanto peço e rogo à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado S. Miguel Archanjo, ao bem-aventurado S. João Baptista, aos santos apóstolos São Pedro e São Paulo, a todos os Santos e a vós, padre, que rogueis a Deus Nosso Senhor por mim. Amen.

Deus todo poderoso nos conceda misericórdia, e nos perdoe os nossos pecados, e nos conduza à vida eterna. Amen.

O Senhor omnipotente e misericordioso nos conceda indulgência, absolvição e remissão de todos os pecados. Amen.

Invoquemos a Santíssima Virgem, o nosso bom Anjo e o nosso santo Protector

Santíssima Virgem, Mãe de Deus, minha mãe e minha protectora, eu me ponho sob a vossa protecção e me lanço com confiança no seio da vossa misericórdia. Sêde, ó Mãe de bondade, o meu refúgio nas minhas necessidades, a minha consolação nas tribulações e a minha advogada junto de vosso adorável Filho, hoje, em todos os dias da minha vida, e particularmente na hora da minha morte.

Anjo do céu, meu fiel e caridoso guia, alcançai-me a graça de ser tão dócil às vossas inspirações e de regular tão santamente os meus passos, que em nada me desvie do caminho dos mandamentos do meu Deus.

Grande Santo cujo nome tenho a honra de usar, protegei-me, rogai por mim, a-fim-de que possa servir a Deus como vós na terra, e glorificá-lo eternamente convosco no céu. Assim seja.

O Anjo do Senhor anunciou a Maria: e concebeu do Espírito Santo.

Avè Maria, etc.

Eis aqui a escrava do Senhor: faça-se em mim segundo a vossa palavra.

Avè Maria, etc.

O Verbo Divino incarnou e se fêz homem: e habitou entre nós.

Avè Maria, etc.

℣. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus:

℟. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amen.

Oremos. Infundi, Senhor, nós vos suplicamos, a vossa graça em nossas almas, para que nós, que pela anunciação do Anjo conhecemos e veneramos a incarnação de Jesus Cristo, vosso Filho, pela sua Paixão e Morte de Cruz sejamos conduzidos à glória da ressurreição. Pelo mesmo Jesus Cristo, Senhor Nosso. Amen.

No tempo pascal (desde sábado de aleluia até ao imediato ao domingo do Espírito Santo) diz-se:

Raínha dos céus, alegrai-vos, aleluia: porque aquêle que merecestes trazer em vosso seio, aleluia: ressuscitou, como disse, aleluia.

Rogai por nós a Deus, aleluia.

Regozijai-vos e alegrai-vos, ó Virgem Maria, aleluia.

Porque ressuscitou o Senhor verdadeiramente, aleluia.

Oremos. Ó Deus que vos dignastes alegrar o mundo com a ressurreição do vosso Filho, e Senhor nosso, Jesus Cristo, concedei-nos que por sua santa Mãe, a Virgem Maria, alcancemos os inefáveis gozos da eterna vida. Pelo mesmo Cristo, Senhor nosso. Amen.

Orações da Noite

Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo. Amen.

Ponhamo-nos na presença de Deus e adoremo-lo.

Eu vos adoro, ó meu Deus, com a submissão que me inspira a presença da vossa soberana grandeza. Eu creio em vós, porque sois a verdade mesma. Espero em vós, porque sois infinitamente bom. Amo-vos de todo o meu coração, porque sois soberanamente amável, e por amor de vós amo ao meu próximo como a mim mesmo.

Agradeçamos a Deus as graças que nos tem feito.

Que acções de graças vos renderei eu, ó meu Deus, por todos os bens que de vós tenho recebido? Vós pensastes em mim desde tôda a eternidade; tirastes-me do nada, destes a vossa vida para me resgatar, e cumulais-me todos os dias de uma infinidade de favores. Ah! Senhor, que posso eu fazer, em reconhecimento de tanta bondade? Juntai-vos a mim, espíritos bem-aventurados, para louvar o Deus das misericórdias, que não cessa de fazer bem à mais indigna e à mais ingrata das suas criaturas.

Peçamos a Deus que nos faça conhecer os nossos pecados.

Fonte eterna de luz, Espírito Santo, dissipai as trevas que me escondem a fealdade e a malícia do pecado.

Fazei-me conceber por êle um horror tão grande, ó meu Deus, que o deteste, se é possível, tanto quanto vós mesmo o detestais, e que nada receie tanto como tornar a cometê-lo para o futuro.

Examinemo-nos sôbre os pecados cometidos.

Para com Deus. Omissões ou negligências nos nossos deveres de piedade, irreverência na igreja, distracções voluntárias nas orações, falta de atenção, resistência à graça, juramento, murmúrios, falta de confiança e de resignação.

Para com o próximo. Juízos temerários, desprezos, ódio, inveja, desejo de vingança, alterações, arrebatamentos, imprecações, injúrias, maledicências, escárnios, contos falsos, danificações nos bens ou na reputação, mau exemplo, escândalo, falta de respeito, de obediência, de caridade, de zêlo, de fidelidade.

Para com nós mesmos. Vaidade, respeito humano, mentiras, pensamentos, desejos, conversas e acções contrárias à pureza, intemperança, cólera, impaciência, vida inútil e sensual, preguiça no cumprimento dos deveres do nosso estado.

Façamos um acto de contrição.

Eis-me aqui, Senhor, todo coberto de confusão, e penetrado de dor à vista das minhas faltas. Venho-as detestar na vossa presença, com verdadeiro desgôsto por ter ofendido um Deus tão bom, tão amável e tão digno de ser amado. Era isto, ó meu Deus, que vós tínheis a esperar do meu reconhecimento, depois de me terdes amado até ao ponto de derramar o vosso sangue por mim? Sim, meu Deus e Senhor, levei muito longe a minha malícia e a minha ingratidão. Peço-vos muito humildemente perdão, e suplico-vos, ó meu Deus, por essa mesma bondade cujos efeitos tantas vezes tenho sentido, que me concedais a graça de fazer por tudo isto, de hoje em diante e até à morte, uma sincera penitência.

Tomemos a firme resolução de nunca mais pecar.

Como eu desejaria, ó meu Deus, nunca vos ter ofendido! Mas, já que tive a infelicidade de vos desagradar, vou mostrar-vos a dor que disso tenho, por um teor de

vida inteiramente oposto ao que até agora tenho seguido. Renuncio desde já ao pecado e à ocasião de pecado, sobretudo daquele em que tenho a fraqueza de cair com tanta freqüência. E se vos dignardes conceder-me a vossa graça, como a peço e espero, procurarei cumprir fielmente os meus deveres, e coisa alguma será capaz de me deter, quando se tratar de vos servir. Assim seja.

Padre nosso, Avè Maria, Credo e Confissão.

Encomendemo-nos a Deus, à Santíssima Virgem e aos Santos.

Abençoai, ó meu Deus, o repouso que vou tomar, para reparar as minhas fôrças, a-fim-de melhor vos poder servir. Virgem santíssima, Mãe do meu Deus, e depois dêle minha única esperança, santo Anjo de minha Guarda, meu santo protector, intercedei por mim, protegei-me durante esta noite, em todo o tempo da minha vida e na hora da minha morte. Assim seja.

Oremos pelos vivos e pelos fiéis defuntos.

Derramai, Senhor, as vossas bênçãos sôbre os meus parentes, bemfeitores, amigos e inimigos. Protegei todos aquêles que me destes por superiores, assim espirituais como temporais. Socorrei os pobres, os prisioneiros, os aflitos, os viandantes, os doentes e os agonizantes. Convertei os hereges e os pecadores, e iluminai os infiéis.

Deus de bondade e de misericórdia, tende piedade também das almas dos fiéis que estão no purgatório. Ponde têrmo aos seus sofrimentos; e dai àquelas pelas quais sou obrigado a orar o repouso e a luz perpétua. Assim seja.

Peçamos a Deus a sua protecção para esta noite.

Nós vos pedimos, Senhor, que visiteis a nossa habitação e que afasteis dela tôdas as ciladas do inimigo; habitem nela os vossos santos Anjos a-fim-de nos conservarem em paz, e a vossa bênção seja sempre sôbre nós. Por Cristo Senhor nosso. Amen.

Oração a todos os santos

Almas bem-aventuradas, que tivestes a graça de chegar à glória, alcançai-nos duas coisas daquele que é nosso Deus e Pai comum: que nunca o ofendamos mortalmente, e que êle afaste de nós tudo o que lhe desagrada. Assim seja.

III. ORAÇÕES DE DEVOÇÃO

AO ESPÍRITO SANTO

Autor da santificação das nossas almas, Espírito de amor e de verdade, eu vos adoro como princípio da minha felicidade eterna; eu vos dou graças como soberano dispensador dos bens que recebo do céu; eu vos invoco como fonte das luzes e da fôrça que me são necessárias para conhecer o bem e para o praticar. Espírito de luz e de fôrça, iluminai pois a minha inteligência, fortificai a minha vontade, purificai o meu coração, regulai todos os meus movimentos e fazei-me dócil a tôdas as vossas inspirações.

À SANTÍSSIMA VIRGEM

Salvè Regina. — Salvè, Raínha, Mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salvè. A vós bradamos, os degredados filhos de Eva; a vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia pois, advogada nossa, êsses vossos olhos misericordiosos a nós volvei. E depois dêste destêrro nos mostrai Jesus, bemdito fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce, sempre Virgem Maria. Rogai por nós, santa mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amen.

Sub tuum præsidium. — À vossa protecção recorremos, santa Mãe de Deus, para que não desprezeis as nossas súplicas em as nossas necessidades; mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bemdita.

Memorare. — Lembrai-vos, ó piíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que têm recorrido à vossa protecção e implorado o vosso socorro, fôsse por vós desamparado. Animado eu, pois, com igual confiança, a vós, Virgem entre tôdas singular, como a Mãe recorro; de vós me valho, e, gemendo sob o pêso dos meus pecados, me prostro aos vossos pés. Não desprezeis as minhas súplicas, ó Mãe do Filho de Deus humanado, mas dignai-vos de as ouvir propícia e de me alcançar o que vos rogo. Amen.

O santo Rosário

Quando se reza quotidianamente não o rosário inteiro, mas só o têrço, meditam-se habitualmente: às *segun-*

das e *quintas-feiras*, os mistérios gozosos; às *têrças* e *sextas*, os mistérios dolorosos; às *quartas*, *sábados* e *domingos*, os mistérios gloriosos.

Ao princípio de cada dezena, anunciar-se-á, como adiante se diz, o objecto e o fruto de cada mistério.

1.° Têrço

Mistérios gozosos

1.° *Mistério.* A anunciação do Anjo à Virgem nossa Senhora. — *Fruto do mistério:* a humildade.

2.° *Mistério.* — A Visitação de Maria Santíssima a santa Isabel. — *Fruto do mistério:* a caridade para com o próximo.

3.° *Mistério.* — O nascimento de Jesus Cristo. — *Fruto do mistério:* o desapêgo dos bens dêste mundo.

4.° *Mistério.* — A apresentação de Jesus no templo. — *Fruto do mistério:* a pureza.

5.° *Mistério.* — O encontro de Jesus no templo. — *Fruto do mistério:* a verdadeira sabedoria.

2.° Têrço

Mistérios dolorosos

1.° *Mistério* — A agonia de Jesus no Horto. — *Fruto do mistério:* o ódio ao pecado.

2.° *Mistério* — A flagelação de Nosso Senhor. — *Fruto do mistério:* a mortificação dos sentidos.

3.° *Mistério* — A coroação de espinhos. — *Fruto do mistério:* o desprezo do mundo.

4.° *Mistério* — Nosso Senhor Jesus Cristo com a cruz às costas. — *Fruto do mistério:* a paciência.

5.° *Mistério* — A crucifixão e morte de nosso Senhor Jesus Cristo. — *Fruto do mistério:* a salvação das almas.

3.° Têrço

Mistérios gloriosos

1.° *Mistério* — A ressurreição de Nosso Senhor. — *Fruto do mistério:* a caridade para com Deus.

2.° *Mistério* — A ascensão de Nosso Senhor. — *Fruto do mistério:* o desejo do céu.

3.° *Mistério* — A vinda do Espírito Santo. — *Fruto do mistério:* a vinda do Espírito Santo às nossas almas.

4.º *Mistério* — A assunção de Nossa Senhora. — *Fruto do mistério:* a devoção a Maria.

5.º *Mistério* — A coroação de Maria Santíssima no céu. — *Fruto do mistério:* a perseverança final.

ORAÇÃO A S. JOSÉ

Grande Santo, que sois aquêle servo prudente e fiel a quem Deus confiou o cuidado da sua família; vós a quem êle constituíu nutrício e protector de Jesus Cristo, consolador e amparo de sua santa Mãe, e cooperador fiel na grande obra da redenção do mundo; vós que tivestes a felicidade de viver com Jesus e Maria, e de morrer entre os seus braços; casto espôso da Mãe de Deus, modêlo e protector das almas puras, humildes, pacientes e interiores, olhai à confiança que depositamos em vós e acolhei com bondade os testemunhos da nossa devoção.

Nós bemdizemos a Deus pelos favores extraordinários com que lhe aprouve cumular-vos, e lhe pedimos, pela vossa intercessão, que nos faça imitadores das vossas virtudes. Intercedei, pois, por nós, ó grande Santo, e por aquêle amor que consagrastes a Jesus e a Maria, e que Jesus e Maria vos consagraram, alcançai-nos a felicidade incomparável de vivermos e morrermos no amor de Jesus e Maria. Assim seja.

ORAÇÃO AO ANJO DA GUARDA

Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, se a ti me confiou a piedade divina, sempre me rege, guarda, governa e ilumina, hoje (nesta noite), todos os dias da minha vida, e na hora da minha morte.

A SAÜDAÇÃO CATÓLICA (1)

Seja louvado nosso Senhor Jesus Cristo. — Para sempre seja louvado

Duas pessoas que se saüdarem por esta forma, ganham uma indulgência de 50 dias; as que o têm por costume durante a vida, ganham uma indulgência plenária em artigo de morte. (Clemente XIII, 5 set. 1759).

---

(1) Esta saüdação, tão poética e tão usada pelo nosso povo, vai infelizmente desaparecendo dos costumes. Bom seria que todos se esforçassem por conservar esta prática ao mesmo tempo cristã e nacional.

N. do T.

QUADRO SINÓPTICO

Estamos neste mundo a-fim-de conseguirmos pela glorificação de Deus a **salvação eterna**; *conseguimo-la com os meios seguintes:*

I. *É necessário procurar conhecer a Deus pela* **fé**, *ou crença nas verdades que êle nos revelou.*

Nesta parte falaremos do conhecimento de Deus, da revelação, da fé, dos seus motivos, dos seus contrários, da sua confissão pública e, finalmente, do sinal da cruz.

Explicaremos os *doze artigos do símbolo dos apóstolos:* Art. 1.º A existência de Deus, a sua essência, as suas perfeições, a Trindade. A criação do mundo e a Providência. Os anjos e os homens. O pecado original. A promessa do Redentor. A preparação da humanidade para a vinda do Redentor. 2º. Jesus é o Messias, o filho de Deus e Nosso Senhor. 3.º a 7.º A incarnação e a vida de Cristo. 8.º O Espírito Santo e a doutrina da graça. 9.º A Igreja católica, sua organização, seu desenvolvimento, sua divina perpetuidade, seu chefe, sua jerarquia, suas notas. Fora da Igreja não há salvação; a Igreja e o Estado. — A comunhão dos Santos. 10.º A remissão dos pecados. 11.º e 12.º A morte, o juízo particular, o céu, o inferno, o purgatório, a ressurreição da carne, o juízo universal.

No fim do símbolo dos apóstolos trata-se dos bens que devemos **esperar** de Deus. Trataremos aí da natureza da **esperança cristã**, da sua utilidade e do que a ela é contrário.

II. *É necessário observar os* **mandamentos** *da lei de Deus, a saber:*

Os dois mandamentos da caridade.

O mandamento do amor de Deus que é explicado nos 4 primeiros mandamentos do Decálogo:

- Deus como soberano senhor pede
- No 1.º A adoração e a fidelidade
- No 2.º O respeito
- No 3.º O serviço
- No 4.º O respeito aos seus representantes

O mandamento do amor do próximo que proíbe que lhe causemos dano:

- No 5.º No corpo
- No 6.º Na sua inocência
- No 7.º Na sua fortuna
- No 8.º Na sua honra
- Nos 9.º e 10.º Nos seus direitos de chefe de família

Os mandamentos da Igreja são a aplicação prática do 3.º mandamento da lei de Deus.

Depois do amor de Deus falaremos do *amor do mundo;* depois do amor do próximo, do amor dos amigos, dos inimigos, de si mesmo. Ao 1.º mandamento ligaremos o *culto dos Santos,* o *juramento* e o *voto;* ao 3.º a doutrina do *trabalho;* ao 1.º mandamento da Igreja, o *ano eclesiástico;* ao 4.º mandamento da lei de Deus, os deveres para com o Papa e o Chefe do Estado, e os deveres das autoridades; ao 5.º os deveres para com os animais. Tratando das obras de misericórdia, falaremos do *emprêgo da fortuna,* do dever da *gratidão,* e da *pobreza.*

A obediência aos preceitos manifesta-se pela prática das **boas obras** e das **virtudes,** pela fuga do **pecado** e do **vício,** emfim, pela fuga de tudo o que pode conduzir ao pecado, isto é, a *tentação* e a *ocasião.*

As principais virtudes são as 7 *virtudes fundamentais,* opostas aos 7 *vícios* ou *pecados mortais.*

Para cumprir exactíssimamente os preceitos, é preciso empregar **os meios de perfeição.** (Os meios ordinários

dizem respeito a todos os homens, os meios extraordinários, ou os 3 conselhos evangélicos, só se dirigem a determinadas pessoas).

Este caminho nos conduzirá, ainda neste mundo, à verdadeira felicidade. — As **8 bem-aventuranças.**

III. *Para crer e cumprir os mandamentos temos necessidade da graça de Deus.* Haurimos a graça nas *fontes da graça.* — É, preciso, portanto, ir beber **às fontes da graça,** que são o **S. Sacrifício da missa,** os **sacramentos,** e a **oração.**

Antes do capítulo da Santa Missa falaremos do *sacrifício* em geral, e do *sacrifício da cruz.* Trataremos em seguida da Santa Missa, sua instituïção, sua natureza, suas partes, das cerimónias, da relação da missa com o sacrifício da cruz, da sua utilidade, da sua aplicação, da devoção no assistir à missa, da obrigação de a ouvir, do tempo e do lugar do sacrifício, das vestimentas e do mobiliário sagrado, das côres, da língua, do canto litúrgico. — Falaremos depois da maneira de *ouvir a palavra divina.* Seguir-se-á: a doutrina dos Sacramentos em geral e de cada Sacramento em particular. O capítulo do SS. Sacramento tratará da sua instituïção e da sua natureza, da comunhão, sua utilidade e seus efeitos, e da preparação para a comunhão; o da *Penitência,* tratará da sua instituïção e da sua natureza, da sua necessidade, do ministro (confessor), dos seus efeitos, da sua recepção válida (os 3 actos do penitente), da confissão geral, da instituïção e da utilidade da confissão, da reincidência no pecado, e das indulgências. — No sacramento do *Matrimónio* se tratará da sua instituïção, da sua natureza, dos deveres dos esposos, dos casamentos mixtos e do celibato. — Os *sacramentais* constituem a continuação natural desta terceira parte.

Quanto à *oração,* tratar-se-á da sua natureza, sua utilidade, sua necessidade e qualidades; do lugar, do tempo e do objecto das nossas orações; da meditação. Explicaremos em seguida as *principais orações* (o *Padre Nosso,* as invocações à Virgem), os *exercícios mais importantes da piedade* (orações da manhã e da noite, as procissões, as peregrinações, a Via-Sacra, a exposição do SS. Sacramento, as missões (retiros e jubileus), os *congressos católicos,* os dramas da Paixão, as associações religiosas (Ordem-terceira), confrarias e as principais corporações cristãs.

INTRODUÇÃO

1. Para que estamos nós neste mundo?

Assim como o estudante freqüenta a escola com um fim determinado, isto é, para abraçar uma carreira, assim também o homem está sôbre a terra, na escola da vida, para atingir um fim sublime: a felicidade eterna. É o homem como um servo, que serve ao seu senhor e ganha o seu pão com êste serviço; o homem existe para o serviço e para a glorificação de Deus, e dêste modo consegue a felicidade eterna depois da morte, e, em certo modo, já durante esta vida.

Nós estamos neste mundo para conseguir a felicidade eterna pela glorificação de Deus.

A glória de Deus é o fim de tôda a criação. Tôdas as criaturas foram criadas por Deus a-fim-de que por elas (em primeiro lugar pelas qualidades que receberam de Deus) fôsse revelada a *perfeição* ou a *glória* divina às criaturas racionais, isto é, aos anjos e aos homens, para que elas louvem e honrem a Deus. «Levado pela sua bondade infinita, Deus criou o céu e a terra, os anjos e os homens, os sêres vivos e os inanimados, a-fim-de que cada um o louvasse e honrasse segundo a sua dignidade e as suas faculdades» (P.e Cochem) (1). Até os sêres destituídos de razão e de sensibilidade, os animais ferozes e domésticos, as árvores e as plantas, os metais e as pedras, louvam a Deus, cada um de sua maneira e segundo suas faculdades, porque todos contribuem para a glória e para a honra do seu Criador (P.e Cochem). Tudo fêz o Senhor por causa de si mesmo (Prov. XVI, 4), e Êle diz pelo profeta Isaías: «A todo aquêle que invoca o meu no-

(1) Capuchinho (1630-1712), autor de grande número de obras religiosas populares.

me, eu para minha glória o criei» (Is. XLIII, 7). Por isso o homem também foi criado para **revelar a glória de Deus.** Esta glória todo o homem a revela, **quer queira, quer não.** O magnífico organismo do seu corpo, as sublimes faculdades do seu espírito, as recompensas do justo, os castigos do pecador, numa palavra, tudo nêle anuncia a glória de Deus: a sua omnipotência, a sua sabedoria, a sua bondade, a sua justiça, etc. Até *os próprios condenados* dão glória a Deus (Prov. XVI, 4), porque demonstram a grandeza e a santidade da justiça divina. — Mas o homem, sendo uma criatura *racional* e *livre,* glorificará a Deus, sobretudo, pela *sciência* de Deus e pelo uso da sua *liberdade;* é o que êle faz *reconhecendo* a Deus, *amando-O e honrando-O.* (Veja-se o parágrafo seguinte).—Portanto, visto que o homem não é criado ùnicamente para a vida terrestre, mas sobretudo para a que se segue à morte, resulta que êle não é mais que **um viajante,** um estranjeiro neste mundo (Ps. CXVIII, 19); assemelha-se ao atleta que corre no estádio (I Cor. IX, 24). A vida é uma *viagem* (Gen. XLVIII, 19), uma peregrinação para um santuário comum (S. Basílio); não temos aqui demora permanente, mas procuramos a que há-de ser (Hebr. XIII, 14). A nossa pátria é o céu; a terra é um exílio (Segneri) (1).

Portanto não existimos só para ajuntar tesouros terrestres, para ganhar honras, para comer e beber, para gozar os prazeres dos sentidos.

Todo aquêle que só tende a êste fim, procede de maneira tão *insensata* como o servo que, em lugar de servir ao seu senhor, passa o tempo em ocupações acessórias e descura a principal. Está ocioso na praça pública e não trabalha na vinha do Senhor (Mat. XX, 4). É proceder tão loucamente como uma criança que, incumbida de um recado por seu pai, encontra alguma coisa no caminho, pára, e esquecendo completamente as ordens recebidas, só já se ocupa do que precisamente devia deixar (Luís de Granada). É como o viajante que, seduzido pelos encantos da estrada, pára por demasiado tempo, sobrevém-lhe o inverno e não chega ao seu fim (S. Agost.) — Nós não somos criados para esta terra; Deus fêz o nosso corpo de tal

(1) Jesuíta italiano (1624-1694), célebre prègador.

forma que os olhos se voltam para o céu (S. Greg. de Nissa). A tôrre da igreja, as próprias árvores e as plantas nos recordam a nossa pátria: tôdas tendem para as regiões do alto.

Por isso J. Cristo disse: «Uma só coisa é necessária» (S. Luc. X, 42);... «Procurai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, tudo o mais vos será dado em acréscimo.» (S. Mat. VI, 33).

Muitos homens, infelizmente, esquecem o seu destino; não pensam senão nas coisas presentes e efémeras, no dinheiro, na fortuna, nas dignidades, etc. Sôbre o sepulcro dêles podia gravar-se êste epitáfio: «Aqui jaz um insensato; nunca soube porque vivia» (Albano Stolz) (1). Muitos homens fazem como aquêles reis da antiguidade, que só reinavam um ano e eram em seguida relegados para uma ilha deserta; depois de terem passado o seu ano nas mais loucas prodigalidades, morriam, miseràvelmente, no exílio. Poucos se parecem com o rei sábio, que aproveitou o seu ano de reinado para explorar a ilha e fazer-se preceder nela por criados e tesouros (Mehler, VI, 213) (2). Cristo recordava sempre aos homens o seu último fim; S. Filipe Néri fazia o mesmo a um estudante a quem dirigia sempre a mesma pregunta: *E depois?* (Mehler, VI, 440). — Quem não cura do fim não é um viajante, senão um vagabundo; um cai nas mãos da polícia, o outro nas do demónio; *cai em tentação* (S. Mat. XXVI, 41). É como um marinheiro que não sabe para onde vai e que conduz o seu navio ao naufrágio (S. Af. de Lig.). Jesus Cristo compara-o a um homem que dorme (S. Mat. XXV, 5); e quem é cuidadoso da sua salvação é comparado a um homem que está desperto (S. Mat. XXIV, 42).

2. Como adquirimos a felicidade eterna?

A felicidade eterna consiste na *união com Deus.* Esta união produz-se por um acto da *inteligência* (pelo co-

(1) Professor de teologia pastoral na Universidade de Friburgo em Brisgau, um dos escritores mais humorísticos da Alemanha (1808-1883).

(2) Mehler é autor de um grande catecismo em exemplos.

nhecimento ou antes pela **vista** de Deus) e por um acto da *vontade* (pelo **amor** de Deus). Se queremos atingir êste fim, a felicidade, é preciso que nos acerquemos dêle já neste mundo: é preciso procurar *conhecer* a Deus e *amá-lo;* ora o amor consiste, segundo Jesus Cristo (S. Jo. XIV, 21), na observância dos mandamentos. Daí resulta que:

Nós adquirimos a felicidade eterna pelos meios seguintes:

1. É preciso procurar conhecer a Deus pela fé (a crença) nas verdades por êle reveladas.

Jesus Cristo disse: «A vida eterna consiste: Em que êles *conheçam* por um só verdadeiro Deus a ti, e a Jesus Cristo, que tu enviaste» (S. Jo. XVII, 3); afirma, portanto, que o conhecimento da divindade conduz o homem à bem-aventurança.

2. É preciso cumprir a vontade de Deus pela observância dos mandamentos.

Jesus Cristo disse na sua conversa com o jovem rico do Evangelho: «Se queres entrar na vida eterna, observa os **mandamentos**» (S. Mat. XIX, 17).

Reduzido às suas fôrças próprias, o homem não pode crer nem observar os mandamentos; tem precisão, para isso, da **graça** de Deus.

O homem considerado em si próprio tem necessidade da graça para atingir o seu fim. Adão, **mesmo no estado de inocência,** carecia dela. Quem quere fazer uma viagem precisa de recursos, além da faculdade de andar; por isso nós temos, na viagem para o céu, precisão de um socorro divino. O lavrador que cultiva o seu campo nada recolhe sem sol e sem chuva; assim também o homem que aspira ao céu. — Mas convém, além disso, observar que o homem se encontra particularmente *enfraquecido pelo pecado original;* pelo que a graça é para êle tanto mais necessária. Tudo o que é fraco precisa de auxílio e apoio;

o cego, de um guia; o doente, de um remédio; assim o homem enfraquecido pelo pecado carece de um auxílio exterior, da graça divina, para conseguir o seu fim (S. Boav.). Nós somos como um homem prostrado de cansaço no seu caminho e incapaz de o continuar; se vê alguém passar num carro, pede-lhe que o leve. O sentimento da nossa fraqueza deve levar-nos a procurar o auxílio que se encontra em Deus (Alb. Stolz). Por isso Cristo nos disse: «Sem mim nada podeis» (S. Jo. XV, 5). A graça de Deus é tão necessária à nossa alma como o sol à terra para a iluminar e aquecer.

A graça de Deus recebe-se nas fontes de graças estabelecidas por Jesus Cristo. Portanto,

3. Devemos beber nas fontes da graça, que são: o Santo Sacrifício da missa, os Sacramentos e a oração.

Assim como um vaso é um meio para beber, assim também há meios estabelecidos por Deus para nos conceder a graça. — A fé é como que o caminho que conduz à porta do céu; os mandamentos são como que os marcos indicadores, e as graças são como que provisões de dinheiro. O caminho que conduz ao céu é estreito, escabroso, eriçado de espinhos, e poucos são os que o seguem. Ao invés, «a porta e o caminho da perdição são largos, e numerosos os que por êles passam» (S. Mat. VII, 13).

Pode também dizer-se: aquêle que quere salvar-se deve ter **religião.**

De facto, a *religião* é o *conhecimento* da divindade, unido ao *serviço de Deus* e a um *procedimento* conforme com a vontade de Deus. — A religião não é, como crêem alguns em nossos dias, uma questão de *sentimento*, porque a religião mostra-se na aplicação de princípios firmes, revelados por Deus; é, sobretudo, uma questão de vontade e de actividade. Ela dá a tôdas as nossas acções a medida do justo; é uma âncora em tôdas as tempestades da vida. A religião também não é puro negócio de *sciência*, simples conhecimento das coisas religiosas; aliás os próprios demónios seriam religiosos, porque sabem o

que Deus quere, mas procedem em sentido contrário. A religião compreende também o *serviço de Deus*. Não se chama pianista a quem tem maior ou menor conhecimento do piano, mas não tem prática; igualmente não dizemos de um homem que êle tem religião, se não manifestar os seus sentimentos religiosos por actos exteriores.

Pode-se ainda dizer: aquêle que quere salvar-se deve procurar tornar-se *semelhante a Deus*.

Torna-se o homem semelhante a Deus, quando todos os seus pensamentos e todos os seus actos se assemelham ao pensamento, aos actos divinos. Os mandamentos de Deus são um espelho onde se vê até que ponto se é ou não semelhante a Deus (S. Leão I).

3. Não há felicidade perfeita neste mundo

1. Os bens dêste mundo por si sós, riquezas, honras, prazeres, não podem fazer-nos felizes; porque não podem saciar a nossa alma; ao contrário, envenenam muitas vezes a vida, e por fim deixam-nos à hora da morte.

Os bens terrenos iludem-nos: são *bolas de sabão*, irisadas com as mais brilhantes côres, mas que não passam de gotas de água. Assemelham-se também a êsses *frutos artificiais de cera*, muitas vezes mais belos à vista que os verdadeiros, mas enganosos para quem os quisesse provar. Os prazeres do mundo são tão ilusórios como êles (Weninger) (1). São como *gota de água lançada no fogo;* longe de o apagar, activa-lhe mais as chamas; assim os prazeres excitam mais fortemente as paixões sensuais. O homem nasceu para Deus e para a felicidade do céu, como o peixe para a água: tirai êste da água, e ei-lo que se debate, se remeneia, se contorce, a-pesar-dos engôdos que lhe colocais diante; quere ficar no seu elemento, é só lá que existem para êle vida e satisfação. Sucede o mesmo com o homem, quando se afasta de Deus (Deharbe) (2).

(1) Prègador alemão do séc. XIX.
(2) Autor de um grande catecismo muito espalhado na Alemanha.

Por isso S. Agostinho exclama: «O nosso coração está inquieto, ó Senhor, até repousar em vós!». — Os bens e os prazeres dêste mundo não podem **saciar a nossa alma.** Ela precisa de alimento, como o corpo, e não pode saciar-se com coisa alguma corporal, como o corpo não pode saciar-se com coisa alguma espiritual (Ketteler) (1). Por isso J. Cristo disse à Samaritana: «Quem beber desta água de novo terá sêde» (S. Jo. IV, 13). Tão pouco se sacia a alma com riquezas como o fogo com lenha, com azeite, com pez, ou a nossa sêde com sal (S. Boav.). Na Roma pagã, nos primórdios do Império, quando a riqueza e o luxo tomaram proporções extraordinárias, os suicídios aumentaram numa proporção assustadora. Que se conclui daí? «Que o homem só pode achar paz de coração no conhecimento da verdade e na santidade da vida» (S. Agost.). — Os bens dêste mundo **envenenam** mesmo algumas vezes **a vida.** Que cuidados não tem um rico! As riquezas são como espinhos; quem a elas prende o coração a si mesmo causa dores semelhantes às do homem que aperta espinhos nas mãos (S. Jo. Cris.). Como cada gota de água doce se mistura com as ondas amargas e salgadas do oceano, assim a doçura dos prazeres mundanos se transforma em amargor (S. Boav.). Mas é, sobretudo, quando são pecaminosos que estes prazeres lançam na desgraça, como o fruto vedado do paraíso. O homem é então semelhante ao peixe que se deixa prender no anzol; o gôzo passageiro é seguido duma dor acerba (S. Agost.). Os prazeres pecaminosos do mundo são aquelas bagas venenosas que parecem um alimento delicioso, mas que, comidas, produzem dores atrozes e muitas vezes a morte. «O mundo é inimigo dos seus amigos» (Segneri). — Os bens temporais **deixam-nos à hora da morte.** Nós nada levaremos para além do túmulo (I Timót. VI, 7). Passa o mundo, com os seus atractivos (I S. Jo. II, 17). Daí, as palavras de Salomão: «Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade» (Eccles. I, 2). Quando se coroa o Papa, acende-se uma mecha de estôpa, e canta-se: «Santo Padre, é assim que passa a glória do mundo!» Em suma, o homem tem apenas a sorte da aranha. Passa os dias a tirar da sua substância os fios da teia para apanhar uma mosca, um insecto. Depois vem um criado e com uma vassourada tira a teia e mata muitas vezes a aranha. Assim o homem: atormenta-se anos e anos para obter um bem, um

(1) Célebre bispo de Mogúncia, f. 1877.

lugar, o coração de uma pessoa; depois sobrevém um obstáculo, uma doença, e emfim a morte; todos os projectos são destruídos, tôdas as penas foram inúteis (Hunolt) (1). O vagalume brilha de noite, mas de dia é negro e esconde-se; os prazeres mundanos são como êle: brilham durante a noite desta vida passageira e o seu esplendor desaparece ao raiar o grande dia do Juízo (S. Boav.).

Os bens temporais existem ùnicamente para nos ajudarem a conseguir a felicidade eterna.

Tôda a criação não é mais que uma escada, da qual cada criatura é um degrau para subir a Deus (Weninger). No gabinete do pintor, todos os objectos, pincéis, côres, óleos, não servem, afinal, senão para fazer o quadro; do mesmo modo todos os sêres da criação não servem senão para nos amparar na conquista do céu (Deharbe). Portanto, aquêle que tem pelas coisas da terra *aversão exagerada* e recusa sevrir-se delas não conseguirá o seu destino; mas o mesmo sucede a quem a elas tiver *apêgo demasiado*. Os bens da terra são como um fósforo, que é um meio necessário para fazer luz, mas que, afinal, queima os dedos de quem o segura muito tempo. Os bens da terra servem para conseguir a luz eterna, mas aquêles que se ficam com êles ganham os ardores da condenação eterna (Weninger). Pode-se também comparar os bens terrenos a instrumentos, a remédios: se os empregamos mal, prejudicam em vez de servir (Deharbe). Não devemos, pois, considerar os bens dêste mundo senão como *meios* que nos servem para atingir o nosso último fim; mas, logo que se transformem em obstáculos, devemos separar-nos dêles (S. In. Lo.). Sejam estes bens nossos escravos: nós não o devemos ser dêles (S. Af. de L.).

2. Só o Evangelho de Jesus Cristo é capaz de nos tornar em parte felizes já neste mundo; porque, quem segue esta doutrina, achará o contentamento interior.

Jesus Cristo disse à Samaritana: «Aquêle que beber

(1) Jesuíta, f. 1740, o prègador alemão mais célebre do século XVIII.

da água que eu lhe der nunca terá sêde» (S. Jo. IV, 13); depois, quando prometeu o Santíssimo Sacramento, na sinagoga de Cafarnaúm, repetiu: «Aquêle que vem a mim não terá fome» (Ibid. VI, 35). Os ensinamentos de Jesus Cristo podem pois *acalmar os desejos da nossa alma*, e por isso os sofrimentos desta vida não podem já fazer o homem verdadeiramente infeliz.

3. Aquêle que segue a doutrina de Jesus Cristo será perseguido; mas estas perseguições não lhe podem fazer mal.

Todos aquêles que querem, diz S. Paulo, viver piedosamente em Jesus Cristo, sofrerão perseguição (II Tim. III, 12).

Tôda a vida do cristão é cruz e martírio, se quere viver segundo o Evangelho (S. Agost.). Digo-o com tôda a convicção: quanto menos piedade alguém tiver, tanto menos sofrerá perseguição (S. Greg. I). «O servo, diz Jesus Cristo, não é superior ao senhor» (S. Mat. X, 24), isto é, o servo não tem direito a uma sorte melhor que a de Cristo, seu senhor. «Eis que eu, diz ainda Jesus, vos envio como ovelhas para o meio de lôbos» (ib. 16). Os ladrões detestam a luz e os pecadores aborrecem os justos (S. Jo. Cris.). Os mundanos (os que procuram a felicidade neste mundo) hão-de olhar-nos como uns originais, mesmo como uns insensatos (I Cor. IV, 3), hão-de julgar-nos desfavoràvelmente (ibid. 3), hão-de odiar-nos (S. Jo. XVII, 14; S. Mat. X, 22), hão-de perseguir-nos (S. Jo. XV, 20). Mas desgraçado daquele que é louvado por êles (ibid. 19), porque só podemos ser amados pelo mundo, se odiarmos a Cristo (S. Jo. Cris.). As máximas dos mundanos estão em contradição flagrante com as de Cristo. O mundo considera insensatos aquêles de quem Cristo apregoa a bem-aventurança (S. Mat. V, 3-10).

Contudo, Cristo acrescenta: «Aquêle que escuta e pratica as minhas palavras é comparável a um homem prudente, que edifica a sua casa sôbre um rochedo» (S. Mat. VII, 24).

Edificar sôbre Deus é edificar sôbre um fundamento inabalável. As perseguições que José sofreu não sòmente lhe não causaram dano, mas até lhe foram úteis. Que perseguições não sofreu o piedoso David, primeiramente da parte de Saúl, depois da parte de seu filho Absalão? e êle saíu vencedor de tôdas estas provas. Por isso David exclama: «Os justos são submetidos a muitas aflições, e o Senhor os livra de tôdas essas penas» (Ps. XXXIII, 20). S. João Bosco em Turim passou provações sem número ao ocupar-se das crianças abandonadas; todavia, até à sua morte (1888) fundou, com a graça de Deus, cêrca de 200 casas onde 130.000 crianças recebiam educação. Deus não abandona o homem justo (Ps. XXXVI, 25). Medita o mau em perder-nos, e Deus o faz contribuir para nosso bem. Às tristezas do Calvário seguem-se as alegrias da Ressurreição. «Um bom cristão nada tem a temer nem dos homens nem do demónio. Se Deus está connosco, quem poderá estar contra nós?» (S. Jo. Cris.).

4. A felicidade perfeita não é possível neste mundo; porque ninguém pode absolutamente evitar os sofrimentos.

O mundano, como vimos, está sujeito à desgraça, e o justo é perseguido. Além disso, ninguém escapa às doenças, às dores mais amargas, à morte. A terra é um *vale de lágrimas* (Salvè Raínha), um imenso hospital onde há tantos doentes como homens vivos. A terra é o campo de batalha contra os inimigos da nossa salvação, e a nossa vida é uma luta (Job VII, I). A terra é um lugar de exílio afastado da pátria (Segneri), um oceano sempre agitado por violentas tempestades (S. Vic. F.). — A *felicidade* e a *infelicidade*, a alegria e a dor alternam-se na vida, como o sol e a chuva na natureza. Cada prazer é como que o precursor próximo duma desgraça. Anunciaram um dia a Filipe da Macedónia três acontecimentos felizes ao mesmo tempo: «Fui demasiado feliz, exclamou êle, esta prosperidade não durará muito». A nossa vida é uma travessia durante a qual as vagas ora nos levantam ora nos abatem (S. Ambr.), uma viagem que nos obriga a andar ora pela planície ora por incómodas subidas (S. Greg. I). — Fazei os maiores esforços possíveis por melhorar a sorte da humanidade: nunca ela se verá livre de grandes flagelos; porque o sofrimento e

a dor são o destino do género humano. O socialismo é, por conseqüência, incapaz de atingir o fim a que mira: organizar uma vida isenta de privações e cheia de prazeres e gozos (Leão XIII, 1891).

4. Utilidade da religião

Hoje ouve-se dizer freqüentemente: A religião é um negócio *privado*, e portanto acessório. Os que assim falam pensam igualmente que a instrução religiosa é menos importante que o ensino da leitura, da escrita e do cálculo; mas estas opiniões são inteiramente falsas: a religião é antes de tudo o *negócio principal* e o *bem mais útil e mais necessário* à vida.

1. A religião é uma luz divina para a nossa inteligência.

A religião é uma **luz divina**. Os conhecimentos que ela nos dá estão *acima* de todos os conhecimentos terrenos, e tais conhecimentos vêm-nos do céu, isto é, são revelados por Deus. A religião é por isso uma luz para a nossa inteligência, porque nos revela o fim da vida e o caminho que para lá nos conduz. Quem tem religião é como o viajante que leva uma *luz por entre as trevas;* quem a não tem perde-se na escuridão. Dêsse diz a Sagrada Escritura: «Está assentado nas trevas e à sombra da morte» (Is. IX, 2; S. Luc. I, 79); tem olhos e não vê; é um *cego*. Também o Salvador que nos trouxe a verdadeira religião se chama a *luz do mundo:* «Eu sou, diz êle, a luz do mundo: aquêle que me segue não anda nas trevas» (S. João VIII, 12). Eis a razão por que no seu nascimento se viu aparecer uma luz sôbre os campos de Belém, e no céu uma estrêla de resplandecente clarão; é também por essa razão que à missa se alumia o altar com velas: significam elas que sob a aparência do pão e do vinho a «luz do mundo» está sôbre o altar; é pelo mesmo motivo que arde uma lâmpada junto do tabernáculo: indica a presença da «luz do mundo». Na missa cantada levam-se também duas velas acesas para o lado do missal quando se canta o Evangelho, para significar que pela doutrina de Jesus Cristo, pelo Evangelho, a nossa inteligência recebe a ver-

dadeira luz. Também não é sem motivo que a Igreja manda *tocar* três vezes o sino em tempos diferentes: *Antes do nascer do sol,* depois do sol pôsto, e ao meio dia; com isto nos recorda que a «luz do mundo», o Filho de Deus, se fêz homem e durante trinta e três anos viveu no meio de nós. É pelo mesmo motivo que Jesus Cristo quis nascer na época em que os dias começam a aumentar, para nos fazer conhecer que a «luz do mundo» era chegada. Constroem-se também as *igrejas* na direcção do Oriente para que o sacerdote ofereça o santo sacrifício olhando o sol nascente, a-fim-de que as igrejas sirvam de glorificação àquele que é a luz do mundo. Quem tem religião é verdadeiramente *ilustrado;* quem a não tem é retrógrado, embora se julgue muito esclarecido.

2. A religião dá à nossa vontade uma fôrça sôbre-humana para praticar acções nobres e dominar as más inclinações.

A religião é como uma **alavanca.** Com êste instrumento uma criança pode levantar fardos muito pesados; também a religião dá ao homem fraco a fôrça de praticar actos sôbre-humanos: veja-se, por exemplo, um *missionário* que vive em países infiéis no meio de perseguições e perigos contínuos para a sua vida, e trabalha na salvação do próximo sem esperança duma recompensa terrena. Em tempo de doenças *contagiosas* não se vêem muitas vezes os doentes abandonados pelos próprios parentes, e visitados pelos sacerdotes, religiosos e pessoas piedosas? Quem lhes dá tanta coragem? É a religião, que lhes diz: «O que fazeis ao vosso próximo, a Deus o fazeis. Vós recebereis um dia a recompensa eterna do céu, etc.». E quem dá aos *mártires* fôrça para sacrificarem os seus bens e a própria vida antes que praticarem o mal? É ainda a religião, que nos diz: «Deus tudo sabe. Depois da morte vem o juízo, e depois a recompensa merecida. Havemos de ressuscitar um dia, etc.». A religião contribui mais que a *polícia* para a manutenção da ordem no Estado; por isso com razão se pode dizer: A polícia mais bem organizada não pode substituir a influência da mais rudimentar escola de catecismo; na verdade a polícia e o poder civil nada podem fazer senão quando há crime externo, a religião pelo contrário faz-nos proceder correctamente, ainda quando as vistas humanas não nos

perscrutam; ensina-nos que um dia, no tribunal de Deus, deveremos dar conta até dos nossos pensamentos. É portanto a religião que faz o homem consciencioso. Que entusiasmo não inspira ela aos homens! Que coragem lhes dá para a defesa da sua pátria! Recordem-se as cruzadas, na idade média; André Hofer, herói cristão do Tirol, nas guerras napoleónicas; o exército cristão que socorreu Viena em 1683, etc. Alguns pensadores pretenderam melhorar o homem com o simples *ensinamento dos seus deveres,* mas êste ensinamento só se baseia em motivos naturais, como o receio de perder a estima dos homens, o mêdo da polícia, etc. No momento da tentação tais motivos desaparecerão como um monte de neve aos raios de sol.

3. A religião consola-nos na desgraça e salva-nos do desespêro.

A religião tem o mesmo efeito que o **óleo,** acalma a dor e cura as feridas. Job, Tobias e tantos outros suportaram *pacientemente* os sofrimentos porque a religião lhes fazia dizer: «Deus é nosso Pai; êle não nos sujeitará a provações que nós não possamos suportar. Quando a aflição aumentar, o seu auxílio estará mais perto de nós; e Deus pode fazer que tudo redunde em nosso bem». Os **suïcídios,** por motivos fúteis, são tão freqüentes porque falta a religião e com ela a resignação. O homem com religião é como o *carvalho* com fundas raízes, que desafia as tempestades; sem religião é como a cana vacilante. A religião é como uma **âncora** que no meio da tempestade salva o navio do naufrágio; (1) sem religião o

(1) «Um socialista gabava-se numa taberna, diante dos seus camaradas, de ter conseguido, depois de três anos seus camaradas, de ter conseguido, depois de três anos de esforços, tornar irreligiosa sua mulher, outrora piedosa. Foi naturalmente felicitado com efusão. Porém quando regressava à noite a casa encontrou-a cercada pela multidão. Informou-se, e conheceu logo que se dera uma grande desgraça. Avançou para o quarto, onde viu a mulher com três filhos estendidos mortos no soalho. Junto da mulher estava um bilhete com estes dizeres: «Emquanto tive religião, pude suportar tranqüilamente os sofrimentos da vida com a esperança da recompensa que Deus promete; porém, depois que o carrasco de meu marido me arrebatou a fé, sou inteiramente desgraçada. Meus filhos não o hão-de ser. Eis por que os envenenei». («Croix de Calais» 1897). Por aqui se vê o que pode esperar-se do homem com a religião e sem ela.

homem assemelha-se ao náufrago. Com razão dizia o general Laudon: «Na desgraça e no perigo as pessoas sem religião são as mais cobardes, sem coragem nem energia».

4. A religião proporciona ao homem a verdadeira satisfação.

A religião é para a alma o que o *alimento* é para o corpo; com a diferença de que o alimento material só satisfaz o corpo por um certo tempo, ao passo que a religião *satisfaz* a alma para *sempre*. Quem não tem religião parece-se com um *faminto;* a êle se adaptam as palavras de S. Agostinho: «Criastes-nos, Senhor, para vós; e o nosso coração está inquieto enquanto não descansa em vós». O homem sem religião é como um *peixe* fora da água, que salta, contorce-se, enrola-se, a-pesar-do alimento que lhe põem diante; quere voltar à água que é o seu elemento, só ali êle goza de vida: assim é o homem que se afasta de Deus (Deh.). Por isso se vê em certas pessoas que Deus cumulou de *muitos bens temporais*, e até em homens de grande ilustração, sentirem-se assaz desgostosos, e mostrarem nas suas conversações e cartas o descontentamento e tédio que os invade. O próprio Goethe (nas suas conversações com Eckermann) confessava que durante os seus 75 anos de vida poucos dias tivera felizes. «Tôda a minha vida, dizia êle, me parece ter sido o rodar dum penedo». E Schiller escrevia a Körner: «Tenho necessidade de o visitar; só estarei sasatisfeito junto de si: nunca o estive em minha vida». Alexandre de Humboldt fêz a mesma confissão: «A sciência não dá nem repouso nem contentamento». Portanto riqueza, honras, sciência, por si só não são capazes de satisfazer o homem e fazê-lo ditoso; só a religião tem êste poder. Os profetas chamaram a Jesus Cristo o **príncipe da paz,** porque a sua doutrina é a única que sossega o nosso espírito (Is. IX, 6); por isso no seu nascimento os anjos anunciaram a paz aos homens (S. Luc. II, 14). Jesus Cristo costumava saüdar os apóstolos com estas palavras: «*A paz seja convosco*» (S. João XX, 19) e aos seus discípulos *promete* a paz como recompensa da fidelidade dêles em aceitar e seguir a sua doutrina, quando lhes diz: «Eu vos dou a minha paz, mas não é como o mundo a dá que eu vo-la dou» (S. João XIV, 27), e mais adiante: «Aceitai o meu jugo e aprendei de mim

que sou manso e humilde de coração, e achareis repouso para as vossas almas» (S. Mat. XI, 29). Muitos homens experimentaram os mesmos sentimentos que S. Justino, o filósofo: estudou todos os sistemas filosóficos do seu tempo e nenhum o pôde satisfazer; só a religião cristã deu ao seu coração o descanso por que suspirava (foi martirizado em 166).

Quem tira a religião ao seu próximo é mais bárbro que um assassino, porque o arrasta ao desespêro, ao suïcídio e à morte eterna.

Aquêle que arranca a religião ao próximo é mais cruel que o que tira a luz a um viajante que caminha na escuridão e o expõe a graves acidentes e até à morte, visto que o homem que perde a religião perde mais do que a vida corporal.

Primeira Parte do Catecismo:

A Fé

1. O Conhecimento de Deus

O conhecimento de Deus é o conhecimento das suas qualidades e das suas perfeições, das suas obras, da sua vontade, das fontes da graça estabelecidas por êle, etc. «Crescei sempre no conhecimento de Deus (Col. I, 10). Nós agora não vemos senão como num espêlho e por enigmas (os espelhos dos antigos eram pouco límpidos); mas depois da morte conheceremos a Deus claramente (I Cor. XIII, 12).

1. O conhecimento de Deus forma a felicidade dos anjos e dos santos.

Êste conhecimento *é o alimento dos anjos e dos santos;* era dêste alimento que falava o arcanjo *Rafael,* quando dizia a Tobias: «Eu uso um alimento e uma bebida incríveis para os homens» (Tob. XII, 19). Cristo disse também: «Ora a vida eterna consiste em vos conhecer, a vós, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que vós enviastes» (S. Jo. XVII, 3). Contudo o conhecimento que os eleitos têm de Deus é diverso do que nós temos sôbre a terra. Os santos têm de Deus um **conhecimento imediato (directo),** a que nós chamamos **visão (beatífica).** Nós, ao contrário, só conhecemos a Deus mediatamente (indirectamente), isto é, por meio das suas obras e da sua revelação. Êste conhecimento é como a sciência geográfica: uns só conhecem uma nação pelos mapas (têm um conhecimento indirecto e imperfeito), outros conhecem-na, porque a atravessaram e observaram (têm um

conhecimento imediato e mais perfeito). O Salvador disse dos anjos bons: «Os anjos no céu vêem sempre a face de meu pai que está nos céus» (S. Mat. XVIII, 10). Os santos vêem também a face de Deus, porque se assemelham aos anjos (S. Luc. XX, 36).

2. O conhecimento de Deus é muito importante, porque sem êle não há neste mundo nem felicidade nem verdadeira honestidade.

Sem o conhecimento de Deus não há **felicidade**: êle é, de facto, o *alimento da nossa alma*, e, se êste alimento falta, a alma é atormentada pela *fome*, o homem não está contente. «Se falta a paz interior, todos os bens da terra, riquezas, saúde, etc. nunca nos podem dar prazer» (S. Greg. Niss.) — Poucos homens, infelizmente, se preocupam com êste alimento, que fica para a vida eterna; só têm cuidados pelo alimento que sacia apenas um instante (S. Jo. VI, 27). O homem que não conhece a Deus é como um *cego*, que não tem o passo firme, cai e fere-se muitas vezes, sente-se muito desgraçado e não tem nenhum gôsto pela vida; assim o homem sem Deus: não vê o seu fim, cai de um pecado noutro, não tem nenhuma consolação na vida nem esperança alguma na morte. Quem não tem o conhecimento de Deus é um ignorante, ainda que seja o maior sábio (Maria Lataste). «Desventurado o homem que sabe tudo, mas que vos não conhece, a vós, ó meu Deus» (S. Agost.). Desventurado, sobretudo, porque não tem alegria. O próprio Goethe, êsse homem tão ilustre, reconhecia (nas conversas com o seu amigo Eckermann) que em 75 anos não tinha tido 4 semanas de verdadeira felicidade; comparava tôda a sua vida a um rochedo que fôsse preciso empurrar sempre por uma ladeira acima. Ora de onde provinha o descontentamento de tal homem? — Sem conhecimento de Deus, não há verdadeira **honestidade**. Um *campo não trabalhado* não pode produzir bons frutos, e um homem sem conhecimento de Deus não pode fazer boas obras. Esta ignorância é a causa da maior parte dos pecados. Por que são tantos juramentos falsos ou feitos levianamente? por que se não ora? por que se desprezam os sacramentos? por que é esta caça apaixonada ao oiro, às honrarias, aos prazeres sensuais, em que se calcam aos pés tão audaciosamente os mandamentos de Deus?

Porque se não conhece a Deus. O imperador José II († 1790) insinuava-se muitas vezes por entre o povo em trajo disfarçado, e mais de uma vez foi maltratado pelos seus funcionários; porquê? porque êles o não reconheciam, aliás o tratariam doutra maneira. O mesmo se dá com Deus; por isso o profeta Oseas exclama: «Porque na terra não há conhecimento de Deus, por isso os ultrajes, a mentira, o homicídio, o latrocínio... a inundaram como um dilúvio» (IV, 2). E S. Paulo assegura que os judeus nunca teriam crucificado Jesus Cristo, o rei da glória, se o houvessem conhecido (I Cor. II, 8). «Ó Deus, alegria da minha alma, se os homens vos conhecessem, não vos ofenderiam nunca» (S. Inác. Loi.). A experiência demonstra que a maior parte dos *condenados das prisões* nada sabem de Deus. Quando Frederico II da Prússia reconheceu que o desaparecimento do conhecimento de Deus tinha por conseqüência um aumento da criminalidade, apostrofou o seu ministro dizendo-lhe: «Importe-me religião». — Aprender e compreender o catecismo, que não é mais que um resumo do Evangelho de Jesus Cristo, são pois duas coisas muito importantes. Porém, o conhecimento das verdades religiosas não constitui ainda a *honestidade;* porque pode alguém conhecê-las e ser um homem imoral. «Em matéria de religião, o principal não é a sciência e a fé, mas sim a acção e a vida».

3. O verdadeiro conhecimento de Deus só se adquire *pela fé* nas verdades *reveladas* por Deus.

Sem dúvida, podemos chegar a conhecer a Deus pela *razão,* mediante a **consideração das criaturas** (Rom. I, 20): os céus narram a sua glória (Ps. XVIII, 2), mostram a sua omnipotência, a sua sabedoria, a sua bondade, a sua beleza. Mas a nossa razão é fraca, nunca chegaremos, só por ela, a um conhecimento exacto e claro de Deus. Sabe-se que ideias insensatas tinham acêrca da Divindade, e que culto imoral praticavam os pagãos, que se guiavam apenas pela razão. «Se tantos objectos neste mundo são inexplicáveis para o homem, quanto maior é o perigo de errar quando êle procura perscrutar o que está acima dos céus!» (Belarmino). Ninguém pode investigar o que está acima dos céus, se Deus lhe não dá a sabedoria e lhe

não envia o seu espírito (Sab. IX, 14-16); ora êste auxílio é-nos dado pela fé. Esta **fé nas verdades reveladas por Deus** dá-nos um conhecimento *exacto e distinto de Deus*. Por isso S. Agostinho diz: «Creio para conhecer», e Santo Anselmo: «Quanto mais nos alimentamos de fé, mais nos saciamos de inteligência. A fé é o princípio de tôda a sciência superior de Deus». A fé é chamada muitas vezes uma *luz divina* (Catec. Rom. — I Pedro II, 9), que resplende em nossa alma (2 Cor. IV, 6). De facto, assim como a luz, o relâmpago, atravessam as trevas, assim a fé penetra os mistérios cristãos (S. Bern.); assim como a lâmpada alumia a casa, assim a fé alumia a alma (S. Jo. Cris.). A fé é como um *observatório* numa montanha: de lá descobre-se o que não se vê da planície; das alturas da fé descobrimos o que não notamos na simples contemplação das criaturas. A fé é como um *telescópio* por meio do qual se vê o que não se atinge à vista desarmada; pela fé vemos o que só pela razão não podemos distinguir. A fé é como um *espelho:* pode-se ver num espelho uma tôrre altíssima; pela fé podemos muito bem conhecer a majestade de Deus (S. Boav.); assemelha-se também a *um bordão, a um encôsto,* que serve para amparar na marcha os membros vacilantes; pela fé amparamos a razão para melhor conhecer a Deus (S. Jo. Cris.). — Há *dois livros* em que se aprende a conhecer a Deus: um livro sem letras, a Natureza, e outro livro com letras, a Sagrada Escritura, que nos comunica a Revelação.

2. A revelação divina

Se alguém se colocar numa sala por detrás de cortinas transparentes, vê os que passam na rua, mas estes não o vêem; mas, se êle se manifesta pela voz, os transeuntes podem adivinhar quem está por detrás das cortinas. Assim Deus: êle vê-nos sem nós o vermos (Is. XLV, 15), e contudo manifestou-se aos homens de diversas maneiras: aos nossos primeiros pais, a Abraão (a quem apareceu em forma humana, acompanhado de dois anjos), a Moisés na sarça ardente, aos Hebreus no monte Sinai, etc.

1. Deus no correr dos séculos revelou-se muitas vezes aos homens. (Heb. I. 1, 21).

Isto é, Deus falou muitas vezes aos homens acêrca das suas qualidades, dos seus desígnios (por ex. da Redenção que havia de vir), da sua vontade; esclareceu-os a respeito do fim que lhes estava destinado, do que lhes sucederia depois da morte, etc. — Esta revelação de Deus chama-se *sobrenatural*, por oposição à manifestação *natural*, que se faz por meio da criação visível, ou seja, por meio da natureza.

2. A revelação divina fazia-se habitualmente da seguinte maneira: Deus falava a certos homens *em particular* e dava-lhes ordem de *anunciar pùblicamente* aos outros homens o que êle lhes tinha revelado.

Deus falou a certos **homens em particular**, por ex. a Noé, a Abraão e a seus filhos, a *Moisés*, porque encontrava nêles uma alma pura (S. Jo. Cris.). Deus enviou Noé aos homens viciosos antes do dilúvio, e Moisés aos Israelitas perseguidos e ao Faraó. — Por excepção, Deus falou **a muitos homens ao mesmo tempo**, ou serviu-se do *ministério dos anjos*. Deus revelou-se *ao mesmo tempo* a uma inteira multidão ao dar a sua lei no monte Sinai (falava a todo o povo de Israel), e por ocasião do baptismo de Jesus. (O Padre Eterno fêz ouvir estas palavras: «Êste é o meu Filho dilecto, no qual pus a minha complacência»). Deus serviu-se também de **anjos** para se revelar: enviou Rafael a Tobias. Quando Deus falava aos homens, tomava uma *forma visível*; por exemplo, a de um anjo ou a de um homem, ou falava de uma *nuvem* (no monte Sinai), de uma *sarça ardente* (a Moisés), de uma *luz deslumbrante* (a S. Paulo), no murmúrio *do vento* (a Elias), ou por meio de uma *iluminação interior* (Levit. XII, 6-8). — Os homens aos quais Deus falou, e que encarregou de *dar testemunho* diante dos outros homens (S. Jo. I, 7), chamam-se de ordinário **enviados de Deus**. Deus em geral não escolhia senão homens de *bons costumes* e dotava-os com o dom dos *milagres* e da *profecia*, a-fim-de que se desse crédito às palavras dêles. Recordai os milagres de Moisés diante do Faraó, os milagres dos profetas e dos apóstolos.

3. A *prègação* da revelação divina foi feita, sobretudo, por intermédio dos patriarcas, dos profetas,

do Filho de Deus, Jesus Cristo (Heb. I, 1), e dos apóstolos.

A revelação não é mais do que a educação do género humano. É a revelação para tôda a humanidade o que a educação é para o indivíduo. A revelação responde às necessidades das idades sucessivas do homem: infância, adolescência, idade madura. Os patriarcas, que tinham um carácter de *criança*, tinham menos necessidade de leis, e Deus falava com êles familiarmente. Os Israelitas, entre os quais, como no *adolescente*, se encontrava a sensualidade e o amor próprio, careciam ser educados por meio de um ensino continuado e de leis severas. Mas, quando Deus quis que a humanidade entrasse na idade madura, as leis severas caíram e Deus promulgou por seu Filho a lei do amor (I Cor. XIII, 11; Gal. III, 24) — De todos os prègadores da Revelação, o **Filho de Deus** foi o que deu o **testemunho mais fiel.** Êle era a *testemunha fiel* (Apoc. I, 5), e tinha vindo ao mundo para *dar testemunho da verdade* (S. Jo. XVIII, 37). O que êle disse, disse-o como o Pai lho havia ensinado (S. Jo. XII, 50). Êle podia falar mais exactamente e com mais clareza que todos os outros, porque, estando o Filho único no seio do Pai, vê a natureza de Deus melhor que ninguém (S. Jo. I, 18). Êle deu testemunho do que vira, mas os homens não aceitaram o seu testemunho (S. João III, 11).—Os apóstolos também foram prègadores da revelação. Tinham que dar testemunho do que haviam visto, sobretudo da ressurreição do Salvador (Act. X, 39 e seg.), não só em Jerusalém, em tôda a Judea e na Samaria, mas até aos confins da terra (I, 8). Por isso S. Paulo dizia que o seu ministério consistia em dar testemunho do Evangelho (XX, 24). A Revelação por Jesus Cristo e pelos apóstolos foi a *última palavra de Deus* aos homens (Heb. I, 1); encerra a série das revelações, que se dirigem a *tôda* a humanidade.

4. Ainda *depois da morte dos Apóstolos* Deus se revelou muitas vezes aos homens; mas estas revelações não são continuações da revelação evangélica, sôbre a qual repousa a nossa fé (Bent. XIV; S. T. de Aquin.).

Ainda hoje se operam freqüentes vezes revelações, para *reavivar a fé* entre os homens; por ex.: as aparições da Virgem em Lourdes, na França, em 1858, e em Fátima em 1917. Conquanto por um lado não se deva dar crédito com demasiada precipitação a tais revelações (Sab. XIX, 4), porque muitas vezes nisto houve imposturas, por outro lado é preciso não as rejeitar sem exame (Tess. V, 20 e seg.) como infelizmente o fazem de ordinário os homens de sentimentos carnais. — Estas revelações são feitas ainda *a homens que procuram vivamente a perfeição*, como se vê na história, especialmente nas actas de canonização dos santos. Cristo apareceu a S. Francisco de Assis numa Igreja (Origem da Porciúncula), o Menino Jesus a Santo António de Lisboa (imagem dêste santo com o Menino Jesus no colo); Santa Teresa viu muitas vezes Cristo, Anjos, Santos e falou-lhes, etc.. Estas revelações particulares (aparições, visões, etc.) são dons de Deus, que têm por fim desapegar completamente da terra as almas ávidas de perfeição e elevá-las a uma perfeição superior (Scaramelli) (1). Contudo a santidade não consiste nestas revelações e consolações, mas nos sofrimentos e nas virtudes heróicas. Homens até ímpios podem ter visões: Baltasar viu a mão que escrevia na parede (Dan. V). Não se pode, portanto, das visões de um homem concluir lògicamente a sua santidade. — Estas revelações particulares não são **uma continuação da revelação feita à humanidade tôda,** sôbre a qual repousa a nossa fé; elas dirigem-se apenas a *indivíduos*, e em regra geral servem só para *tornar mais inteligíveis as verdades reveladas* (Bento XIV). Temos um exemplo na aparição de Lourdes (1858). Maria disse lá: Eu sou a Imaculada Conceição; brotou uma fonte cujas águas produziram depois numerosas curas. Ora, é curioso que quatro anos antes (1854) Pio IX tinha solenemente definido o dogma da conceição imaculada da Mãe de Deus; esta aparição serviu para espalhar e esclarecer o dogma, e Deus confirmou-lhe a verdade por milagres. Convém, todavia, notar que em muitas revelações particulares o *demónio procura provocar imposturas;* ninguém, portanto, é obrigado a prestar às revelações, ainda que reconhecidas pela Igreja (como as de S. Brígida, S.ta Teresa, S.ta Gertrudes, etc.), uma *fé* maior que a que se presta a um *homem* honesto. Tendo moti-

(1) Autor de uma Teologia mística, f. 1752, S. J.

vos para isso, é até lícito, com certa reserva, recusar-lhes crédito (Bent. XIV).

5. A revelação divina era *necessária*, porque sem ela, depois do pecado original, os homens não teriam conhecido convenientemente nem a Deus, nem a sua vontade, e porque a humanidade precisava ser preparada para a vinda do Redentor.

Os três Magos, no fundo do Oriente, nunca teriam encontrado a Cristo, se êle se lhes não tivesse revelado por uma estrêla; assim a humanidade, que depois do pecado original vivia longe da pátria, **nunca teria chegado a um conhecimento exacto de Deus,** se êle se não tivesse revelado. «Os olhos do corpo precisam de luz para verem as coisas da terra, e a razão, ôlho da alma, precisa da luz da revelação divina para ver as coisas de Deus» (S. Agost.). O pecado original e as desordens da carne tinham escurecido a razão humana de tal sorte, que ela era já incapaz de reconhecer a Deus em suas obras (Sab. IX, 16); isto é demonstrado pela história de *todos os povos pagãos*. Adoravam milhares de divindades, e entre elas scelerados, animais, estátuas, e com um culto imoral e muitas vezes cruel (sacrifícios humanos). Representavam os seus deuses com tôdas as fraquezas e todos os vícios, e até como protectores dêstes vícios. *Os maiores espíritos* da antigüidade *caíram em erros grosseiros:* Cícero aprova o suïcídio; Platão, a exposição das crianças, o desprêzo dos estranjeiros, a embriaguez em honra dos deuses; todos se enganam acêrca da criação, contradizem-se, variam freqüentes vezes de opiniões, e deixam um contraste estranhável entre as obras e as palavras. (Sócrates ensinava a unidade de Deus e flagelava a loucura da idolatria, e contudo, antes de morrer, sacrificou um galo a Esculápio). A maior parte dêles — entre outros, Sócrates e Platão — *reconhecem a sua miséria* e confessam sinceramente a impotência da sua razão para descobrir alguma coisa certa acêrca de Deus e das coisas divinas, e a necessidade de uma intervenção directa de Deus e de uma manifestação expressa da sua vontade. — Sem uma prévia revelação divina, os homens não teriam **nem reconhecido nem convenientemente honrado o Redentor.** Deus procedeu como um rei que quere fazer a sua entrada solene numa cidade, e com muita antecipação anuncia a sua chegada.

— Nós possuímos esta revelação divina e devemos *agradecer* a Deus, como o cego deve agradecer ao médico que lhe deu a vista. São para lamentar aquêles que não se importam com a revelação; assemelham-se a um homem que, em pleno dia, tem as janelas fechadas e permanece nas trevas.

3. A prègação da revelação

1. As verdades reveladas aos homens por *Deus* são por sua ordem anunciadas a todos os povos da terra pela Igreja Católica, por meio da palavra oral, isto é, pela prègação.

A ordem de anunciar a todos os povos as verdades reveladas por Deus foi dada aos chefes da Igreja por Jesus Cristo, no momento da sua *ascensão*.

Cristo nessa ocasião disse aos Apóstolos: «Todo o poder me foi dado no céu e na terra. Ide, pois, **ensinai a tôdas as nações** e baptizai-as em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo... e eis eu estou convosco até à *consumação dos séculos*» (Mat. XXVIII, 18 e seg.). Os Apóstolos e os seus sucessores não deixaram que alguma potência civil lhes proïbisse a prègação do Evangelho. Quando o Sinédrio proïbiu aos Apóstolos a prègação, S. Pedro e os outros declararam categòricamente: «É preciso obedecer antes a Deus que aos homens» (Act. V, 29). E hoje ainda a Igreja não admite ingerência alguma do Estado no exercício dêste mandato de ensinar, que lhe foi dado por Cristo. Em muitos países, e ainda em nosso tempo, muitos Estados pretendem o chamado *placet* régio, segundo o qual os decretos da Igreja, até os decretos dogmáticos, seriam submetidos à censura governamental. A Santa Sé ameaçou *com excomunhão* todos aquêles que, directa ou indirectamente, tentam impedir a publicação ou a execução dos decretos pontifícios (Pio IX, a 12 de out. 1869). Dificilmente se explica a existência de semelhantes leis em nossos dias, quando, segundo as legislações liberais acêrca das liberdades de associação e de imprensa, a cada um é livre exprimir pùblicamente a sua opinião. E como a Igreja está encarregada de anunciar a todos os ho-

mens as verdades reveladas, os Papas enviam continuamente *missionários* aos pagãos, e Encíclicas ao mundo cristão; os bispos dirigem *pastorais* aos seus diocesanos e enviam-lhes *sacerdotes*: estes, nas suas igrejas paroquiais, fazem *todos os domingos um sermão* e ministram nas *escolas instrução religiosa*. — Emquanto a nossa Igreja espalha as verdades reveladas *por meio da prègação*, os Maometanos, por exemplo, propagam a sua fé *pelo ferro e pelo fogo*, e os protestantes pela *Bíblia*.

Erram aquêles que crêem que só a *Bíblia* tem por fim comunicar as verdades reveladas a todos os povos da terra.

Deus quis que os homens conhecessem a revelação e chegassem por ela à fé, **por meio da prègação**, e não, como pretendem os protestantes, só pela Escritura. Cristo só prègou, nada escreveu. Aos Apóstolos disse Êle: «Ide e ensinai a tôdas as nações» (Mat. XXVIII, 19) e não: «Escrevei a todos os povos». Por isso os Apóstolos, à excepção de dois, não escreveram evangelhos, mas contentaram-se com prègar. «Êles eram, diz Santo Agostinho, os livros dos fiéis». S. Paulo diz: «**A fé vem do ouvido**» (Rom. X, 17), e não da simples leitura. Além de que a instrução pelo ensino oral adapta-se perfeitamente *à natureza* do homezm: preferimos aprender com um professor, a fazer por nós mesmos numerosas investigações. Se a Escritura fôsse o único meio de aprender a Revelação, teríamos que, a-pesar-da prègação de Cristo e dos Apóstolos, os homens que viveram antes da redacção das sagradas Escrituras não teriam podido chegar a ela (isto é, todos os homens anteriores a Moisés, e, depois, os anteriores à composição dos Evangelhos). Ainda hoje sucederia o mesmo aos que *não pudessem ler*, aos que fôssem *muito pobres* para comprar uma Bíblia, ou muito *pouco instruídos* para compreender certas passagens da Bíblia, dificílimas. Contudo Deus quere que todos os homens cheguem ao conhecimento da verdade (I Tim. II, 4). — Os próprios Livros sagrados perderiam o seu valor, se a Igreja, pela palavra viva, não nos assegurasse a origem divina e a perfeita integridade dêles. S. Agostinho diz: «Eu não *creria* no *Evangelho*, se não me levasse a isso a *autoridade da Igreja*».

Uma verdade que a Igreja nos representa como revelada por Deus chama-se *dogma* ou *artigo de fé.*

Só os *concílios gerais* (os Bispos de tôda a Igreja reünidos) *e só o Papa* têm o direito de declarar que uma verdade é divinamente revelada. O concílio de Nicea definiu como artigo de fé a divindade de Cristo (325) e Pio IX a Imaculada Conceição da Virgem Santíssima. Mas com isso **não se criava uma verdade nova,** apenas se declarava que esta verdade era realmente revelada por Deus e sempre crida pela Igreja. «Não é um grão novo semeado no campo da Igreja, é apenas a *semente* lançada pelos Apóstolos que chega a um desabrochar mais desenvolvido» (S. Vic. de P.). A criança, avançando no conhecimento da religião, não muda de fé; tampouco o conjunto dos fiéis, a Igreja, também não aceita doutrinas novas quando, ao aparecerem certas heresias, discute e explica com mais clareza certas verdades e torna obrigatória para todos a crença nelas. — Uma verdade admitida pela Igreja desde tempo imemorial, mas ainda não declarada como revelada por Deus, chama-se *pia opinião.* A fé na Assunção da Virgem Santíssima, por exemplo, é uma pia opinião.

2. A Igreja católica vai buscar as verdades reveladas por Deus à *Escritura* e à *Tradição.*

A *Escritura* e a *Tradição* gozam de igual autoridade e devem ser recebidas com o mesmo respeito, com a mesma submissão (Conc. Trid. 4). A Escritura *é a palavra de Deus escrita;* a Tradição, *a palavra de Deus não escrita.* S. Paulo exorta os fiéis a se aterem não sòmente ao que lhes foi escrito, mas também ao que lhes foi de viva vos comunicado (II Tessal. II, 14).

4. A Sagrada Escritura e a Tradição

1. A *Sagrada Escritura,* ou *Bíblia,* compõe-se de 72 Livros escritos, uns antes, outros depois de Jesus Cristo, por homens iluminados por Deus, movidos e inspirados pelo Espírito

Santo; estes livros são reconhecidos pela Igreja como palavra de Deus.

O Espírito Santo actuou neste autores dum modo especial; *impeliu-os* a escrever, *dirigiu-os e iluminou-os;* eis por que o que êles dizem é a **palavra de Deus.** A Sagrada Escritura é, pois, inspirada por Deus (II Tim. III, 16). Isto depreende-se de muitas expressões de Jesus Cristo (S. Mat. XV, 3; Marc. XII, 36) e das decisões dos concílios. O concílio de Trento (1546) e o do Vaticano (1870) declararam expressamente que *Deus é o autor* de tôda a Escritura. É, — diz S. Agostinho — como se a mão de Cristo tivesse escrito os evangelhos. — A Escritura é uma carta de Deus às suas criaturas (S. Greg.). — A Escritura é como uma carta que nosso querido pai nos mandou da pátria (S. Ant. Erem.). Esta carta diz-nos o que temos a fazer para voltar à pátria e sermos lá eternamente felizes. «Foi o Espírito Santo, que falou pelos autores da Sagrada Escritura» (S. Agost.). Estes autores eram como uma lira, que o Espírito Santo tocava (S. Justino). O Espírito Santo servia-se dêles, como o músico se serve do órgão ou da flauta (Atenág.). — Contudo estes autores não eram *instrumentos passivos;* todos podiam manifestar nos seus livros as suas qualidades pessoais. Pareciam-se com pintores que vêem um navio em pleno dia e o copiam fielmente, mas diversamente, segundo os seus talentos maiores ou menores, e a variedade dos instrumentos de que dispõem. — A Sagrada Escritura, portanto, *não contém êrro algum.* Porém, deve olhar-se menos às palavras que ao sentido delas (S. Jerón.). A verdade não está tanto nas palavras como nas coisas (S. Agost.). Por isso não se há-de clamar contra expressões tais como o *sol levanta-se.* — É por a Sagrada Escritura conter a palavra de Deus que nós lhe tributamos sempre **um grande respeito;** pomo-nos em pé durante a leitura do Evangelho, prestamos juramento sôbre o Evangelho; a Igreja, à missa solene, faz *incensar* o Evangelho, fá-lo circundar de acólitos com círios, fá-lo beijar pelo sacerdote. O concílio de Trento decreta penas contra os que *abusam* da Escritura para gracejos, ou outros usos profanos (4.ª sess.). Os judeus tinham já a Escritura Sagrada em grande veneração; preferiram sofrer o martírio, a proceder em oposição às leis consignadas nos livros santos (Josefo), como, por exemplo, os Macabeus e Eleázar.

Os 72 livros da Escritura Sagrada dividem-se em 45 livros do **Antigo** e 27 livros do **Novo Testamento.** Cada uma destas duas partes subdivide-se ainda em livros históricos, sapienciais e proféticos.

Antigo Testamento: Os livros **históricos** contêm principalmente narrativas. Tais são, por exemplo, os 5 livros de *Moisés,* que contêm as origens do género humano, a vida dos patriarcas, a história do povo hebreu até à sua entrada na Terra da promissão; o livro de *Josué* conta a conquista desta terra; os *livros dos Reis* narram os acontecimentos da época dos reis judeus; o livro de *Tobias* contém a biografia de Tobias durante o cativeiro; os *livros dos Macabeus,* as provações do povo hebreu sob Antíoco e as suas lutas pela liberdade, etc. — Os livros **sapienciais** contêm, em geral, uma doutrina edificante. Tais são: o livro de *Job,* que prega a paciência; os *Salmos,* isto é, 150 cânticos, a maior parte compostos por David, que se cantavam no templo; o livro dos *Provérbios,* de Salomão. — Os livros **proféticos** encerram sobretudo as predições acêrca do Salvador: os 4 profetas *maiores,* Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel, e os 12 menores, Jonas, Habacuc, etc.

Novo Testamento: Os livros **históricos** são os 4 *Evangelhos* e os *Actos dos apóstolos.* — Os livros **sapienciais** são as 21 *epístolas* dos Apóstolos, entre as quais 14 de S. Paulo. — O livro **profético** é o *Apocalipse* (revelação de S. João, que a escreveu durante o seu exílio em Patmos). Êste livro é muito difícil de compreender e descreve os destinos da Igreja. — Quanto à língua em que estes livros foram escritos, é preciso notar que os anteriores a Jesus Cristo foram quási todos escritos em *hebraico,* os posteriores a Jesus Cristo quási todos em *grego.* Uma tradução *latina* da Escritura, cuidadosamente revista e corrigida por S. Jerónimo por ordem do Papa (cêrca do ano 400), espalhou-se em quási tôda a Igreja e por isso se chama **Vulgata,** quere dizer: a mais espalhada. O Concílio de Trento declarou-a tradução autêntica (oficial) do texto primitivo da Escritura.

Os livros mais importantes da Escritura são os 4 Evangelhos, de S. Mateus, de S. Marcos,

de S. Lucas, de S. João, e os Actos dos Apóstolos, de S. Lucas.

Os 4 Santos Evangelhos narram-nos *a vida e a doutrina de Jesus Cristo;* os Actos contam especialmente o apostolado dos príncipes dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo.

O número quaternário dos Evangelhos é um símbolo dos quatro pontos cardiais, aos quais deve ser prègado o Evangelho (S. Ag.). Os autores do Evangelho chamam-se evangelistas; dois dêles eram apóstolos: S. Mateus (primeiro era publicano) e S. João, o discípulo predilecto do Salvador, ao qual Jesus vaticinou uma morte natural; atingiu êste uma idade muito avançada e morreu Bispo de Éfeso. S. Marcos era discípulo de S. Pedro; S. Lucas, que primeiro fôra médico, era o companheiro de S. Paulo.

Origem e fim dos Evangelhos. — **S. Mateus** escreveu o seu Evangelho para os judeus da Palestina, em hebraico, quando estava para deixar aquêle país. Entende provar que Jesus era o *Messias* esperado, e cita a cada passo as profecias realizadas em Jesus Cristo. — **S. Marcos** redigiu o seu Evangelho, que é pequeno, para os fiéis de Roma; e contém provàvelmente um resumo das prègações de S. Pedro. S. Marcos representa a Jesus Cristo como filho de Deus. — **S. Lucas** compôs o seu Evangelho para um nobre romano, Teófilo, a-fim-de o instruir na vida e ensinamentos de Jesus Cristo; o seu livro é sem dúvida um resumo dos discursos de S. Paulo. Somos devedores a S. Lucas do que sabemos acêrca da vida da Virgem Santíssima e das mais belas parábolas de Nosso Senhor. Os *Actos dos Apóstolos* são também dirigidos a Teófilo. — **S. João** escreveu o seu Evangelho, já em idade muito avançada, para provar contra os hereges do seu tempo que Jesus Cristo *é o próprio Deus*. Reproduz sobretudo as palavras de Cristo que fazem sobressair a sua divindade.

Época da composição dos Evangelhos. — Os evangelistas escreveram provàvelmente pela ordem por que os seus livros estão na Bíblia: S. Mateus cêrca do ano 40; S. Marcos e S. Lucas alguns anos antes da destruïção de Jeru-

salém, isto é, antes do ano 70; S. João cêrca do ano 90. Só foram, porém, reünidos num só livro no II século.

Os caracteres intrínsecos dos Evangelhos provam-nos que são escritos *por discípulos de Jesus Cristo* e que são *verídicos*. Pode provar-se, com as cópias, traduções e citações mais antigas, que durante o curso dos séculos *nada nêles foi alterado*. (É a prova da **autenticidade,** da **veracidade** e da **integridade** dos Evangelhos).

Os caracteres intrínsecos dos Santos Evangelhos mostram-nos que êles foram escritos por **discípulos de Jesus Cristo.** Examinando o texto grego, vê-se que foi redigido por hebreus, porque o estilo tem numerosos vestígios de hebraísmos. Dizem por exemplo: *O mestre viu* (por *ouviu) o rumor* (S. Marcos, V, 38); chamam ao corpo humano *carne* (S. Jo. VI, 52); à alma, *sôpro;* à consciência, *coração* (Rom. II, 15). Se os autores tivessem sido gregos, não usariam estes hebraísmos. — Os autores escreveram antes da destruïção de Jerusalém (70); conhecem exactamente a topografia, as pessoas e os acontecimentos. Escritores do II século, isto é, duma época em que Jerusalém estava destruída, e tôda a Palestina devastada pela guerra, não teriam podido haver estes conhecimentos. Mais: os três primeiros Evangelhos não fazem menção da tomada de Jerusalém. — Os autores eram homens iletrados; a sua narração é nesse estilo simples, precisamente no estilo de homens do povo. — Os autores *viram e ouviram* o que contam, porque contam duma maneira vivaz e pitoresca. Citam nos seus livros *os próprios nomes.* — A autenticidade dos Evangelhos baseia-se também em provas extrínsecas. Os escritores eclesiásticos mais antigos falam dêstes Evangelhos e citam passagens dêles; o mesmo fazem os hereges. Emfim, possuímos o testemunho das mais antigas Igrejas. — Os caracteres intrínsecos dos Santos Evangelhos provam também a *veracidade* dos seus autores. Com efeito êles narram *com tranqüilidade e sem paixão* (não revelam nem animosidade contra os discípulos de Cristo, nem maravilha em face dos seus milagres, etc.): não calam *os seus defeitos próprios;* narram factos que atraïriam sôbre êles *perseguições* e até a morte (e quem é que mente em

dano seu?); todos nos apresentam *a mesma fisionomia de Cristo* (a-pesar-de escreverem em épocas e lugares diferentes); as *contradições aparentes* (sôbre a hora da crucifixão, por exemplo, sôbre os anjos no sepulcro, sôbre o centurião de Cafarnaúm), mostram que êles não se combinaram; emfim, é absolutamente impossível *imaginar* totalmente *um carácter tão ideal* como o do Salvador. — No decorrer dos séculos **nada foi alterado** nos Evangelhos. Todos os *manuscritos* (há cêrca de 700 cópias no texto original, das quais muitas do IV século) e tôdas as mais antigas *versões* (a *Peschito* em siríaco, a *Itala* em latim, do II século; a tradução gótica do Bispo Ulfilas, que se encontra agora em Upsal, 370) concordam perfeitamente com o nosso texto actual. Não houve, portanto, durante 18 séculos modificação alguma. Também não houve antes do II século, porque naquela época liam-se os evangelhos nas *assembleias litúrgicas* (segundo S. Justino, 138) e ali eram severamente confrontados. Demais, quem teria podido viciar ao mesmo tempo e do mesmo modo os manuscritos de todo o mundo? — Mais ainda: nos escritores cristãos dos primeiros séculos encontram-se *citações tão numerosas* da Escritura que com elas se poderiam quási reconstituir os Livros Sagrados. Ora tôdas estas citações estão conformes com o nosso texto actual. — O *Antigo Testamento*, em particular, não podia ter-se corrompido, porque se encontrava ao mesmo tempo nas mãos dos Judeus cujo escrúpulo ia até lhe contarem as letras. — O *Deus Omnipotente* que inspirou a Bíblia zelará também pela sua conservação. «Deus que, há 6:000 anos, tem conservado o esplendor do sol, tem também poder para conservar a chama da fé que êle acendeu nos Livros Sagrados. Assim como não criou o sol para os nossos primeiros pais sòmente, assim também não mandou escrever a Bíblia só para os primitivos cristãos» (Deharbe).

A **leitura da Biblia** é *permitida* aos católicos, e até muito útil; contudo a tradução deve ser aprovada pelo Papa e ter explicações (Bento XIV, 13 junho 1757).

«Tudo o que está escrito, está escrito para nossa instrução» (Rom. XV, 4). Na Bíblia aprende-se a *conhecer a Deus* exactamente; aí se vê a sua omnipotência (a nar-

ração da criação, de numerosos milagres), a sua sabedoria (o govêrno do género humano e a vocação de certos homens em particular), a sua bondade (a Incarnação e a Paixão do Filho de Deus), etc.. Aí se encontram os *mais belos exemplos da virtude* (Abraão, José, Tobias, Job e sobretudo Cristo) e, por conseqüência, aí se é poderosamente excitado à prática do bem. A Bíblia é, pois, como a trombeta que excita a coragem do soldado (S. Efrém); e ela nos indica o caminho do céu, como o farol no meio dos escolhos indica ao piloto a entrada do pôrto. A Bíblia mostra-nos *as conseqüências desastrosas do vício* e nos previne contra o pecado. (A queda de nossos primeiros pais, a destruïção de Sodoma, o dilúvio, o fim deplorável dos filhos de Heli, de Absalão, de Judas, de Herodes e de outros). E assim vemos os nossos vícios como num espêlho e aprendemos a corrigir-nos (S. Jer.). O amor das Escrituras faz esquecer o amor sensual (S. Jer.). A leitura das Escrituras cria almas santas (S. Jer.). Tudo o que o homem pode encontrar *noutra parte* de útil à sua salvação, encontra-o na Bíblia; e até ali encontra em abundância o que não encontra em mais *parte nenhuma* (S. Agost.). *Por isso nunca se acaba de estudar a Escritura;* por mais que tornemos a lê-la, sempre descobrimos coisas novas, porque muitas de suas passagens encerram um sentido múltiplo. Ela assemelha-se, no dizer de S. Efrém, a um campo que nunca se pode acabar de ceifar, e que por conseguinte nunca está vazio nem deserto, e, segundo S. J. Cris., a uma fonte sempre viva que mana tanto mais abundante quanto mais água se lhe tira. É um pasto nutriente; se saboreamos muitas vezes o que ela contém, seremos nutridos e reconfortados (S. Ambr.). Aquêle, porém, que quere ler e compreender a Bíblia *deve ter em si o Espírito* que inspirava seus autores, se não, não penetrará o sentido das palavras (S. Bern.). É o Espírito Santo que lhe deve abrir a inteligência (S. Lucas, XXIV, 45).

Eis as razões que proíbem que se leia a Bíblia em qualquer texto que se encontre: 1.° As verdadeiras Escrituras e a sua genuína interpretação *só se encontram na Igreja católica;* 2.° A Bíblia é em geral muito difícil de entender.

Só na Igreja católica se encontra a Bíblia *na sua integridade* e com a sua *explicação exacta* (Conc. de Tr. 4); porque foi aos Apóstolos e aos seus sucessores, aos Bispos, isto é: à *Igreja Católica*, que Jesus Cristo prometeu o *Espírito Santo* (S. Jo. XIV); foi só a ela que prometeu que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela (S. Mat. XIV, 18). Por isso a Bíblia de que a Igreja tira a sua doutrina não pode ser corrompida. Os *hereges*, ao contrário, alteram algumas passagens num sentido favorável aos erros dêles e suprimiram passagens e livros que os incomodavam: Lutero, por exemplo, suprimiu a epístola de S. Tiago, porque nela se lê que a fé sem obras é morta. Portanto nenhum católico deve ler a Bíblia protestante. — A Bíblia é, *em geral, difícil de entender*. Poucas pessoas podem dizer que entendem as epístolas lidas na prática do Domingo. S. Pedro diz, êle próprio, que as epístolas de S. Paulo *são difíceis de entender* (II S. Ped. III, 16). O próprio S. Agost. nos diz: «Contém ela mais passagens que eu não entendo, do que passagens que entendo». Nem os profetas, nem Cristo, enunciaram os mistérios divinos de modo que cada um os entendesse (Clem. de Alex.). Por isso os doutores divergem na interpretação de uma e a mesma passagem. É preciso, pois, que a Igreja *explique* o sentido das passagens difíceis. «Todos os códigos supõem uma autoridade que os interpreta nos casos duvidosos; a autoridade instituída por Deus para guardar e interpretar a Bíblia é a Igreja». (Deharbe). Foi a ela que Deus deu o Espírito Santo (S. Jo. XIV e XVI). «Assim como uma criança, diz S.to Efrém, leva a sua mãe a noz que achou e pede que lha parta, assim também o cristão pede à Igreja que lhe explique a Escritura». Só à Igreja compete decidir acêrca do verdadeiro sentido e dar a interpretação exacta da Escritura (Conc. Tr. IV); eis por que o fiel não deve ler senão uma Bíblia com notas aprovadas, isto é: que contém a interpretação da Igreja.

2. As verdades reveladas por Deus, não contidas na Bíblia, mas transmitidas oralmente à posteridade, chamam-se a *Tradição*.

Os Apóstolos *não receberam de Cristo ordem para escrever as suas doutrinas*, mas sim para as prègar (S. Mat.

XXVIII, 19). Por isso poucos de entre êles escreveram, e os que o fizeram *foram obrigados pelas circunstâncias*. Estes escritos são muito incompletos e narram *antes os actos e milagres* de Cristo, *que a sua doutrina*. Os autores sagrados *afirmam* expressamente que não puseram tudo por escrito e que não comunicam muitas coisas aos fiéis senão de viva voz (II S. Jo. 12 — I Cor. XI, 2). «Jesus, diz formalmente S. João no fim do seu Evangelho, fêz ainda muitas outras coisas; e, se fôssem narradas por miúdo, creio que o mundo não poderia conter os livros que se escreveriam» (S. Jo. XXI, 25). — Êle envia-nos, pois, para a tradição oral. Por ela sabemos, por exemplo, que Cristo instituíu sete sacramentos, que é preciso santificar o Domingo, que há um purgatório, que é permitido o baptismo das crianças; sòmente por ela sabemos quais os livros que fazem parte da Bíblia, etc. Quando os protestantes pretendem guiar-se apenas pela Bíblia, contradizem-se pela santificação do Domingo; porque a Bíblia fala da santificação do sábado, e não do Domingo. — *O que em todos os tempos foi observado em tôda a Igreja* é de origem apostólica (S. Vic. Fer.). Se não encontramos um dogma na Escritura, encontramo-lo seguramente pela tradição. Como aquêles cujos condutos já não dão água remontam em direcção à nascente para encontrar os vestígios do veio da água, assim nós podemos escavar os testemunhos históricos das crenças nos séculos passados e aí encontraremos seguramente o vestígio do dogma que procuramos (S. Cipr.).

A tradição *acha-se consignada* sobretudo nos escritos dos Santos Padres, nas decisões dos concílios, nos símbolos e na liturgia da Igreja.

Chamam-se **Santos Padres** os escritores cristãos dos primeiros séculos que se distinguiram por sua sciência e santidade: S. Justino, o filósofo, de Roma, zeloso apologista do cristianismo († 166); Santo Ireneu, Bispo de Lião († 202); S. Cipriano, Bispo de Cartago († 258); etc. Alguns foram discípulos dos apóstolos e chamam-se *padres apostólicos*: Santo Inácio, Bispo de Antioquia († 107), e S. Policarpo, Bispo de Esmirna († 167), etc. — Os homens ilustres por sua sciência e santidade que viveram mais tarde são designados por **Doutores da Igreja**; contam-se *qua-*

tro grandes na *Igreja Grega* e *quatro* na *Igreja Latina*. Os Padres gregos são: S. Atanásio, Bispo de Alexandria († 373); S. Basílio, Bispo de Cesareia na Capadócia († 378); S. Gregório, B. de Nazianzo na Capadócia († 389), S. João Crisóstomo (bôca de ouro), B. de Constantinopla († 407). Os Padres latinos são: S. Ambrósio, B. de Milão († 397); S. Agostinho, B. de Hipona na África setent. († 430); S. Jerónimo, sacerdote e tradutor da Bíblia († 420); S. Gregório Magno, papa e reformador do canto litúrgico († 604). — Houve ainda *4 grandes doutores na Idade Média:* S. Anselmo, Arcebispo de Cantuária na Inglaterra († 1189); S. Bernardo, abade de Claraval e grande servo da Mãe de Deus († 1153); S. Tomás de Aquino, dominicano († 1274), e S. Boaventura, franciscano († 1274). — Nos tempos modernos tornaram-se ilustres S. Francisco de Sales, B. de Genebra († 1626); S. Afonso de Ligório, B. de S. Ágata, perto de Nápoles, fundador dos Redentoristas († 1787). — A Igreja confere o título de *doutor* a certos sábios ilustres por sua santidade (e portanto também aos *SS. Padres)* cujos escritos aprova; ao contrário, os sábios célebres cuja vida ou ortodoxia deixava a desejar, são simplesmente chamados **escritores eclesiásticos;** tais são Orígenes, o mestre da escola catequética de Alexandria († 254), Tertuliano, sacerdote de Cartago († 240), etc.

Para os concílios, ver mais adiante o capítulo da Igreja; para os símbolos, o capítulo da fé. — As *orações litúrgicas* encontram-se no *Missal* e nos Rituais, que servem na administração dos Sacramentos e dos sacramentais. Os missais, por exemplo, provam que em todos os tempos houve preces pelos defuntos na missa: a conclusão impõe-se.

5. A fé cristã

A fé cristã é a firme convicção, adquirida pela graça de Deus, da verdade de tudo o que Jesus Cristo revelou e que a Igreja católica nos ensina em nome dÊle.

Na Ceia disse Jesus Cristo aos seus apóstolos: Isto é o meu corpo; isto é o meu sangue. Ainda que êles, pelo que viam, deviam repetir para si: isto é pão, isto é

vinho — contudo ficaram intimamente convencidos da realidade do que Jesus Cristo lhes afirmava. Com efeito, a santidade da vida de Cristo, o grande número dos seus milagres, a realização de certas profecias que êle tinha feito, tinham demonstrado aos apóstolos a evidência da sua filiação divina, e, por conseguinte, a impossibilidade de pôr em dúvida a verdade das suas palavras. — Abraão recebera de Deus primeiro a promessa de numerosa posteridade, e, depois, a ordem de imolar o seu filho único. Não hesitou em executar esta ordem, firmemente convencido de que, a-pesar-de tudo, a promessa de Deus seria cumprida (Heb. XI, 19; Rom. IV, 9). Que fé! S. Paulo chama à fé uma firme *convicção* daquilo que não vemos (Hebr. X, 1).

A fé cristã é ao mesmo tempo acto de *inteligência* e acto de *vontade*.

Antes de crer *examinamos* primeiro se o que devemos crer é *realmente revelação*. Deus quere esta investigação, porque exige uma *obediência racional* (Rom. XII, 1) e considera insensato aquêle que presta a sua fé com demasiada facilidade e sem exame (Ecli. XIX, 4). Mas se a *inteligência* adquiriu a certeza de que a doutrina proposta é revelada por Deus, a *vontade* deve logo *submeter-se* à palavra divina, ainda que a razão não compreenda esta doutrina, em si mesma. A *vontade pode resistir*, e então não chega à fé. Não se crê, quando não se quere crer (S. Agost.).

1. A fé cristã refere-se a muitas doutrinas que estão fora do domínio dos nossos sentidos e que a nossa razão não compreende, em si mesmas.

A fé é a firme crença **no que não vemos** (Heb. XI, 1). Nós cremos na existência de Deus e não o vemos; na existência dos anjos, que também não vemos. Cremos na ressurreição dos corpos, sem compreender como ela se fará; o mesmo quanto aos **mistérios** da SS. Trindade, da Incarnação, do SS. Sacramento. Estas verdades não podem ser nem compreendidas nem demonstradas directa-

mente pela razão (Conc. do Vat.). É precisamente por êste motivo que a fé é *meritória* e agradável a Deus, como Jesus Cristo dizia a S. Tomé: Felizes os que não vêem e contudo crêem (S. Jo. XX, 29). Por isso S. Clemente Hofbauer (1) repetia: «se eu pudesse ver os mistérios da nossa santa religião de olhos abertos, fechava-os para não perder os merecimentos da fé».

É um êrro crer que por êste motivo a doutrina de Cristo e da Igreja está em contradição com a razão ou com as descobertas da sciência.

Por sem dúvida, muitas verdades reveladas, a Trindade, a Incarnação, a Presença real, **excedem a nossa razão**, mas não a contradizem (Conc. do Vat.). Deus é a origem das verdades reveladas e das verdades racionais; ora Deus não pode contradizer-se. A contradição aparente provém de uma *falsa noção* do dogma, duma *falta de reflexão* (Conc. do Vat. 3-4). Por isso Bacon dizia com razão: «Pouca filosofia pode afastar de Deus, muita filosofia a Deus reconduz». O poeta Weber dizia: «A meia-sciência conduz ao demónio, a sciência inteira conduz a Deus». — Nem a fé está em contradição com *as conclusões da sciência*, mais do que com a razão. Como se explicaria que precisamente os maiores sábios que mais beneméritos foram da humanidade por suas invenções, foram em geral de *uma fé e uma piedade infantis*: Newton, Kepler, Copernico, Linneu, etc., e Pasteur, êste sábio tão conhecido pelas suas descobertas médicas, que no leito de morte pagou tributo à fé, recebendo devotamente os sacramentos (1896)? Declarou êste também que *pelos seus estudos chegara à fé de um camponês bretão*. Convém, aliás, não esquecer que as sciências naturais consistem, em parte, em *hipóteses* que, semelhantes à moda, desaparecem para dar lugar a outras. Nestas condições, como poderia haver conflito entre a sciência e a fé? Tomemos apenas, para exemplo, as teorias relativas ao sol. Na antiguidade a sciência considerava êste astro como uma massa de ferro (Anaxágoras) ou de ouro fundido (Eurípedes); nos tempos modernos, como um grande fogo (Kant). Depois, a sciência foi, durante quási meio século, de opi-

(1) Nasceu na Morávia em 1751. Depois de ter sido moço padeiro, fêz-se redentorista e apóstolo de Viena. Morreu em 1820; canonizado em 1909.

nião que a massa solar era escura, talvez até habitada, e que é cercada de uma atmosfera, de gás luminoso; as manchas solares seriam como os cumes das montanhas (Herschell). Desde 1868 admite-se que tôda a substância solar é gasosa e se encontra a uma temperatura excessivamente elevada; do interior seriam expelidas massas gasosas, pouco luminosas, que constituïriam as manchas. (O astrónomo francês Fay e o italiano jesuíta Secchi). Mas quando a análise espetral demonstrou que estas manchas são massas aluídas e arrefecidas, imaginaram-se novas teorias. O mesmo se deu com muitas outras conclusões das sciências naturais! E haviam de ser semelhantes sistemas os que estariam em contradição com a religião! É ridículo! Não esquecemos, por fim, que a sciência e a religião, se exceptuarmos as narrativas da criação e do dilúvio, não têm ponto algum de contacto.

2. Nós procedemos *muito racionalmente* quando cremos; baseamo-nos, com efeito, na veracidade divina, e além disso sabemos de *sciência certa* que as verdades de fé são reveladas por Deus.

Um míope anda muito racionalmente se der crédito a um dos seus semelhantes de vista penetrante, se êste afirmar que há um avião no ar, ainda que aquêle o não veja. O cego crê num homem de vista sã que lhe fala de cidades, rios, montes, ainda que êle os não possa ver, nem tocar. Todos nós acreditamos na existência de Paris, de Roma, de Londres, talvez sem nunca lá ter estado e sem esperanças de lá ir. Um rei negro dos trópicos acredita nos missionários que lhe afirmam que no inverno a água endurece em suas terras e forma como que uma ponte sôbre os rios, ainda que êle não possa imaginar êste fenómeno. Todos procedem scientìficamente, e a razão é evidente. E contudo nós procedemos mais scientìficamente crendo em Deus; porque os homens podem enganar-se e mentir, Deus não. **A veracidade de Deus,** portanto, é o fundamento da nossa fé. — Escusado é dizer que ela pressupõe a certeza da **realidade da revelação por Deus** das verdades que somos obrigados a crer. Ora esta certeza tem-na o cristão porque Deus provou com **factos**

divinos muito numerosos, especialmente por *milagres* e *profecias* (de que mais adiante falaremos) que é êle o autor da fé. «Os bons acharão sempre motivos suficientes para crer, os maus por seu lado acharão motivos para não crer» (Catarina Emerich) (1).

Nós temos fé na palavra de **Cristo** porque êle é o Filho de Deus, e portanto *incapaz de errar e de enganar,* e porque provou com milagres que a sua doutrina é verdadeira.

Cristo, Filho de Deus, **não pode errar nem enganar.** Seria, diz S. Agostinho, blasfémia supor que nosso Senhor, que é a própria verdade, tenha mentido sequer num ponto. Se, pois, cremos na palavra de Cristo, temos uma certeza maior que se conhecemos pelos sentidos. S. Clemente Hofbauer dizia diante de um quadro: «Eu creio mais firmemente num Deus em três pessoas do que na existência dêste quadro nesta parede, porque os sentidos podem enganar-me, Deus não». — Cristo apela para os **seus milagres** para provar a verdade da sua doutrina. «Se — diz êle (S. Jo. X, 38) — não tendes fé em mim (isto é: nas minhas palavras), crêde nas minhas obras».

Nós cremos nos **ensinamentos da Igreja,** porque Jesus Cristo a governa pelo *Espírito Santo* e a preserva de errar; porque até nossos dias Deus atesta *por meio de milagres* que a Igreja católica ensina a verdade.

Jesus Cristo disse aos seus apóstolos antes da Ascensão: «Eu estou convosco até à consumação dos séculos» (S. Mat. XXVIII, 20); e já na Ceia tinha dito: «Eu rogarei ao Pai e êle vos dará outro consolador a-fim-de ficar eternamente convosco, o **Espírito de Verdade**» (S. João XIV, 16). Como no dia de Pentecostes, o Espírito Santo está ainda no Cenáculo, isto é, na Igreja. — Deus faz, ainda em nossos dias, milagres na sua Igreja: os inumeráveis prodígios que se realizam em *Lourdes,* e aquêles sôbre os quais se fundam os processos de canoniza-

(1) Religiosa agostinha (1774-1824) célebre pelos seus estigmas e pelas suas visões.

ção: os *corpos intactos* dos Santos: S. Teresa († 1582) no Carmo de Ávila; S. Isabel de Portugal († 1336) nas Clarissas de Coimbra; S. Francisco Xavier († 1552) em Goa; S. Catarina de Bolonha († 1452) nas Clarissas desta cidade; S. João da Cruz († 1591) em Segóvia; S. Maria Madalena de Pazzi († 1607) em Florença; a B. Electa em Praga († 1553) no Carmo. A língua de S. João Nepomuceno está intacta (desde 1383) (1) bem como a de S. António de Lisboa. O braço direito de S. Estêvão de Hungria († 1038) conserva-se também intacto na capela de S. Segismundo do castelo de Ofen. Ora *estes corpos não foram embalsamados;* a maior parte dêles passaram debaixo da terra longos anos e nunca exalaram o mínimo cheiro, muitos até exalam um agradável perfume; não estão rígidos mas *maleáveis*.

É conhecido em todo o mundo o milagre de S. Januário em Nápoles. Conservam-se ali duas ânforas de sangue de S. Januário de Benevento, decapitado sob Diocleciano, em 305. Logo que se aproximam estas duas ânforas com o sangue coalhado, da cabeça do Santo, encerrada num relicário de prata, o sangue *começa a liquefazer-se e a ferver;* afastado da cabeça, coalha de novo. Êste milagre pode presencear-se duas vezes por ano e dura há séculos; tem produzido muitas conversões de dissidentes, e até de prelados luteranos.

A fé cristã é, pois, mais certa que a **percepção por meio dos sentidos,** pelo ouvido, pela vista, etc.; mais certa que o **conhecimento racional.** Os nossos sentidos e a nossa imaginação podem enganar-nos; Deus, não. Os nossos olhos, por exemplo, representam-nos o imenso globo solar como um disco relativamente pequeno, o arco-íris como uma matéria colorida, uma vara mergulhada na água como dobrada. A nossa razão perturbada pelo pecado original engana-nos como a vista. Assim como se vê melhor com o telescópio do que à vista desarmada, melhor à luz do sol que à de uma lâmpada, assim melhor conhecemos pela fé do que pela razão. — É preciso não confundir: eu *creio* com **parece-me;** a opinião é uma sciência sem certeza, a fé é a sciência certa baseada na infalibilidade de Deus.

---

(1) Expõe-se todos os anos a 16 de maio na catedral de S. Vito em Praga, durante 8 dias, num relicário ornado de 1200 diamantes.

3. A fé cristã abrange tôdas as doutrinas da Igreja católica.

Recusar fé *a uma só* doutrina da Igreja, é não possuir a fé. Porque quem admite certas palavras de Jesus Cristo ou da Igreja, e rejeita outras, cessa de crer que Jesus Cristo é Filho de Deus e governa a Igreja católica.

A fé de um homem assim é semelhante a uma casa que vacila. Sem valor seria a fé de quem dissesse: Eu creio em tôda a doutrina católica, mas não na *infalibilidade do Papa*, isto é, no auxílio paraticular do Espírito Santo concedido ao Papa, por efeito do qual êle não pode nem errar nem enganar, nas decisões doutrinais solenes que dá, na qualidade de chefe supremo da Igreja. Que temeridade da parte de uma criatura, haver-se com Deus como com *um comerciante fraudulento* em que a gente se não fia, nem lhe aceita certas mercadorias! Que loucura! A razão humana, de tão curta vista, constituir-se juiz de Deus e da Revelação; e chamá-la ao seu tribunal! É a fé como certos fenómenos naturais: o sino perde o timbre com a mínima fenda; o corpo adoece quando um membro sofre; uma nota falsa perturba a harmonia; um grão de pó estorva-nos a vista. Se rejeitais um só que seja dos artigos da fé, a fé é aniqüilada. S. Tiago diz da lei que a sua transgressão num só ponto torna o homem culpado contra tôda a lei (VI, 12); o mesmo se pode dizer da fé: quem quer que lhe rejeita um artigo, peca contra todos. — Por isso não se pode dizer que os hereges possuem a fé cristã; tão pouco é vinho o vinho artificial, como a fé dêles é fé cristã. Porém, como os hereges pretendem possuir também a fé cristã, nós chamamos fé cristã verdadeira, *que não existe senão na Igreja católica*, a fé *católica*.

É necessário crer em todos os ensinamentos da Igreja católica, mas não é necessário para se salvar conhecê-los *todos por miúdo*.

Contudo um cristão católico deve saber *pelo menos que existe um Deus*, e que êste Deus julgará

justamente a todos os homens: *que há três pessoas em Deus* e que a *segunda pessoa se fêz homem para nos salvar.*

«Para alguém se aproximar de Deus, diz S. Paulo, é necessário crer, em primeiro lugar, que existe um Deus; e que êle recompensará aquêles que o procuram» (Heb. XI, 6). O conhecimento da SS. Trindade não era necessário *antes da vinda de Jesus Cristo*, mas era preciso ter uma noção, ao menos confusa, do Redentor (Lehmkuhl) (1). Já hoje não é assim, e sobretudo *para os cristãos*. Aquêle que ignorasse estas duas verdades essenciais não poderia ser admitido *nem ao baptismo nem à absolvição;* apenas é possível uma excepção para os moribundos que não tivessem o tempo indispensável para a instrução.

Aquêles que têm *ocasião de se instruir* na fé cristã são obrigados a saber também: o texto e o sentido do *símbolo dos Apóstolos*, os *mandamentos da lei de Deus* e os da Igreja, os pontos importantes dos *sacramentos* e o *Padre Nosso.*

Portanto são obrigados a saber os pontos fundamentais do *catecismo;* é prescrição da Igreja.

4. A fé cristã é um dom de Deus, porque a faculdade de crer provém só da graça.

A fé é um dom de Deus (Ef. II, 8). «Ninguém, diz Jesus Cristo, vem a mim se isto lhe não fôr dado por meu Pai» (S. Jo. VI, 66). Deus dá-nos a *fé* **desde o baptismo,** que por isso se chama o *sacramento da fé* (Conc. de Tr. VI, 7). Com efeito êle no baptismo, ao mesmo tempo que nos dá *graça santificante*, dá-nos **a faculdade de crer,** ou a virtude da fé. Emquanto o baptizado não chega ao uso da razão, não pode usar desta faculdade, *não pode pôr em prática a sua fé*. Esta actividade só se produz na idade de razão sob a infuência da graça e da instrução religiosa. Dá-se o mesmo com o *sentido da vista*

(1) Jesuita alemão, autor de um tratado de moral muito estimado.

nas crianças recém-nascidas; emquanto os olhos se lhes não abrem, a faculdade visual não se exerce. Mas, logo que se abram, a criança verá, sob a influência da luz, os objectos que lhe ferirem a vista. — O pecador (1) *(que perdeu a fé)* recobra esta virtude **pela penitência;** mas, como Deus não dá a graça aos adultos *sem a cooperação dêles* (Conc. de Tr. VI, 7), o pecador é obrigado *a preparar-se para ela.*

Deus concede a graça da fé sobretudo àqueles que: 1.° têm um *desejo ardente* de conhecer a verdade; 2.° que levam *uma vida moral;* 3.° que lhe *pedem* a graça da verdadeira fé.

Aquêles que **aspiram sèriamente** *à verdade* chegam seguramente à fé. «Bem-aventurados, diz Jesus Cristo, os que têm fome e sêde de justiça, porque serão saciados» (S. Mat. V, 6) e já Deus tinha dito por Jeremias (XXIX, 14): «Se vós me procurais de todo o coração, vós me achareis». S. Justino filósofo († 166) experimentou a verdade destas palavras; nas margens do Tibre encontrou um vélho que o tornou atento ao cristianismo e o converteu. — O segundo caminho para chegar à fé é **uma vida pura.** As boas obras atraem a graça de Deus e por conseguinte a iluminação da inteligência: «Se alguém, diz Jesus Cristo, quere fazer a vontade de Deus, reconhecerá se a minha doutrina é dêle ou se eu falo de mim mesmo» (S. Jo. VII, 19). S. Tomás de Aquino pensa que até um selvagem, vivendo no fundo das florestas e no meio de animais ferozes, que segundo as luzes da razão praticasse o bem e evitasse o mal, obteria de Deus a graça da fé, ou por meio de um *mensageiro* celeste (anjo ou missionário). Foi dêste modo que Deus na pessoa de S. Pedro enviou um mensageiro a Cornélio, centurião pagão (Act. Ap. X). Emfim, *o caminho mais seguro da fé é* **a oração,** segundo estas palavras de Jesus Cristo: «Pedi e recebereis; procurai e achareis; batei e se vos abrirá» (S. Mat. VII, 8). O protestante conde Fred. de Stolberg († 1819) obteve a fé depois de 7 anos de orações e tornou-se um escritor católico célbre (Mehler, VI, 294). Na sua misericórdia, Deus dá muitas vezes a fé até a inimigos da religião (con-

(1) Os pecados que não são contra a fé deixam subsistir a virtude da fé como virtude informe.

versão de S. Paulo), «mas êle não dá esta graça extraordinária senão àqueles que aderiam ao êrro com recta intenção» (S. Af.).

Para dar a graça da fé, Deus serve-se *de um meio ordinário,* como a prègação, ou *de um meio extraordinário,* o milagre.

Entre os **meios ordinários** contam-se, *além da prègação,* a *leitura* de livros religiosos, e a *instrução* pelos simples fiéis. S. Agostinho chegou pouco a pouco à fé pelos sermões de S. Ambrósio, B. de Milão; S. Inácio de Loiola, pela leitura da vida de N. S. J. C. e dos Santos (Mehler I, 191); o filósofo S. Justino mártir, pelas lições de um vélho nas margens do Tibre. — Deus serviu-se de **meios extraordinários** no princípio do cristianismo, e muitas vezes ainda em nossos dias. Os pastores dos campos de Belém foram instruídos por um anjo acêrca do nascimento do Salvador, os Magos foram conduzidos a Cristo por uma estrêla extraordinária, S. Paulo por uma voz milagrosa e um luz vinda do céu (Act. IX); o carcereiro de Filipes pelo estremecimento e abertura da prisão (Act. VI, 16); Constantino Magno pela aparição de uma cruz luminosa no céu (312): o célebre missionário Af. Ratisbone, rico banqueiro, judeu alsaciano, convertido pela aparição da Santíssima Virgem na Igreja de S. André em Roma em 1842 (Mehler, I, 20); o poeta incrédulo Clemente Brentano († 1842) que editou mais tarde as visões da vidente Cat. Emmerich, foi convertido porque a Providência o conduziu ao leito de morte desta última; o advogado parisiense cego, Henrique Lasserre, o futuro historiador dos milagres de Lourdes, foi convertido pela cura dos seus olhos por meio da água de Lourdes em 1882. Um jovem pagão, Teófilo, foi também convertido miraculosamente pelo martírio de Santa Doroteia (398). Pedia-lhe êle irònicamente que lhe mandasse flores e frutos do jardim do seu noivo celeste; e com efeito, depois do martírio da santa, caíram fores aos pés de Teófilo, que se converteu imediatamente e foi martirizado.

Muitos homens nunca chegam à fé cristã *porque lhes falta boa vontade* e são *muito orgulhosos.*

Muitos homens não têm fé, porque *lhes falta boa vontade* (S. Agost.). Como Deus dá a todos a luz do sol, assim quere dar a todos a da fé (S. Agost.). Cristo, luz do mundo, ilumina pelo Espírito Santo todo o homem que vem a êste mundo (S. Jo. I, 9). Mas certos homens repelem esta luz; não querem crer *para não mudarem a sua má vida*. Preferem as trevas à luz (S. Jo. III, 19), e assim pecam contra o Espírito Santo. «Se fechais os olhos, ou as portadas das janelas, nada vereis, diz S. Eutímio; mas nem a luz, nem os olhos serão a causa, será a vossa vontade». Assim procederam os fariseus do tempo de Jesus Cristo. — Os **orgulhosos** também não chegam à fé; eis por quê: é próprio de Deus servir-se, para conduzir à fé, de meios muito simples. O escândalo que daí tiram os orgulhosos é um obstáculo à fé. Cristo apareceu na abjecção e na pobreza, e quis além disso de propósito vir da aldeia tão desprezada de Nazaré. «Que coisa boa pode vir de Nazaré? disseram então os Judeus» (S. Jo. I 46), e desprezaram os ensinamentos do Messias. Ao povo romano, tão altivo, Deus enviou como mensageiros da fé alguns Judeus, súbditos conquistados e sem cultura. A Herodes e aos príncipes dos Sacerdotes Deus mandou de propósito pagãos, os 3 Magos, para anunciarem o nascimento de Cristo. Ainda hoje faz o mesmo; Êle deixa a sua Igreja, a dispenseira da verdade, num estado de opressão, de perseguição. O tesouro da palavra divina acha-se escondido num campo ordinário (S. Mat. XIII, 44). É preciso, pois, não nos admirarmos se os orgulhosos são confundidos; Deus esconde os seus mistérios aos sábios e aos prudentes do século (ibid. XI, 25) e resiste aos soberbos (I S. Pedro V, 5).

5. A fé é a condição necessária para a salvação.

A fé é como a raíz da árvore; como esta não pode viver sem raízes, assim o cristão não pode sem a fé chegar à vida eterna (S. Bern.). A fé é o *comêço da salvação*, o fundamento e a raíz de tôda a justificação (Conc. de Tr. VI, 8). A fé é como a chave que abre os tesouros da esperança, da caridade, das boas obras (Albano Stolz). Por isso em que estima os santos tinham a graça da fé! O piedoso Afonso, o sábio, rei de Castela, dizia muitas vezes chorando de alegria: «Eu agradeço a Deus sem cessar,

não por me ter feito rei, mas por me ter feito católico». — **Fora da fé não há salvação.** O próprio Moisés via ser-lhe recusada a entrada na terra prometida por causa de um movimento de dúvida. Todo aquêle que não crê (S. Marc. XVI, 16) será condenado. Todo aquêle que nesta vida não caminha na *fé*, não chegará à *visão* na outra (S. Agost.). Sem fé é impossível agradar a Deus (Ep. aos Heb. XI, 6). S. Pedro *submergia-se nas ondas* desde que começou a duvidar (S. Mat. XIV, 30), e quem perde a fé vai dar aos abismos. Esta virtude é como *um navio*; sem êle não se pode entrar no pôrto de salvação. Assemelha-se também à coluna de fumo que conduziu os Israelitas através do deserto (S. Justino) para a Terra prometida, ou à estrêla que mostrou aos Magos o caminho de Belém. — **Sem fé não há obras meritórias.** A árvore sem raiz é estéril, e o homem sem fé é incapaz de produzir boas obras (sobrenaturais). É loucura imaginar que pouco importa crer ou não, que basta viver honestamente; porque, sem a fé, é precisamente impossível levar uma vida honesta no verdadeiro sentido da palavra. Não queremos contudo dizer com isto que tôdas as obras que não procedem de fé sobrenatural são pecados; é uma proposição condenada por Alexandre VIII. E o que dizemos das boas obras, diga-se também das *virtudes*. É tão difícil levantar um edifício material sem alicerces, como o da virtude e da perfeição sem fé (S. Boav.). Ao contrário, a verdadeira fé dá impulso às boas obras e às virtudes cristãs. A raiz não fica isolada, deita vergônteas; a fé produz boas obras. A fé nas recompensas eternas *dá* ao homem *fôrças* para fazer o bem. A fé inabalável na ressurreição fortificava os irmãos Macabeus e todos os mártires: a fé na recompensa futura produzia a generosidade de Tobias e de outros Santos. A fé, no momento da tentação, **afasta o pecado** (José do Egito). O farol torna o piloto atento aos escolhos e protege-o contra o naufrágio, e a fé torna-nos atentos à morte eterna em que nos precipita o pecado. A fé, diz S. Paulo, é um *escudo* contra o qual se apagam todos os dardos inflamados de Satanás (Ef. VI, 16) e que nos cobre, acrescenta S. Boaventura, contra êle, como o escudo cobre os combatentes. O fiel assemelha-se (S. Jo. Cris.) a um homem colocado *numa tôrre alta* onde está ao abrigo de qualquer surprêsa e mais nos casos de se defender. A fé defende-nos contra as *tentações da desesperança;* é um capital secreto de reserva cujo juro recebemos nos momentos de privação (Goethe). A me-

dida de nossa fé é também a **das graças** que Deus nos concede, como no-lo provam as curas operadas por Jesus Cristo. Uma fé mais viva obtinha uma cura mais milagrosa, mais rápida. Era acêrca da fé que Cristo interrogava primeiro; é a fé que êle louva dizendo: a tua fé te curou (S. Mat. IX, 22).

6. A fé *só* não basta para salvar-se; é preciso *viver* segundo a fé e *professá-la* pùblicamente.

A nossa fé deve ser **viva**, isto é, deve produzir boas obras. «Nem todos aquêles que me dizem: Senhor, Senhor, entrarão no reino dos céus; mas ùnicamente entrará aquêle que *faz a vontade de meu Pai* que está nos céus» (S. Mat. VII, 12). Quem não tiver cumprido *obras de misericórdia*, será condenado por Cristo no último juízo (ibid. XV, 41). A sua fé é comparável à dos espíritos maus que crêem mas praticam o mal (S. Tiag. II, 19). A fé que não produz boas obras não é pròpriamente *verdadeira fé*. A fé sómente é verdadeira quando se não contradiz com as obras o que se professa com a bôca (S. Greg. Mag.). O corpo sem alma é um cadáver; a **fé sem obras é morta** (S. T. II, 26). A fé sem obras é *uma árvore sem fruto* (S. Cris.), uma vinha estéril (S. Cir. Al.), um poço sem água, uma lâmpada sem azeite, uma amêndoa sem caroço (S. Greg. Mag.). É comparável a um rico que não faz valer o seu capital e que morre de fome não obstante o seu dinheiro (Mgr. Isverger), a um viajante que vê o seu têrmo diante mas que é demasiado preguiçoso para se acercar dêle. Um simples acto de baptismo não basta para salvar-se. — Obras meritórias para o céu, porque são as únicas obras boas, não podem ser cumpridas senão por quem tem a caridade, quere dizer, a graça santificante (ver o cap. da graça e das boas obras). Segue-se que sòmente **a fé unida à caridade** conduz à salvação. Por isso S. Paulo dizia: «Se eu um dia transportasse montanhas, mas não tivesse caridade, nada seria »(I Cor. III, 2). O fiel que não tiver caridade será condenado. — Além disso é necessário **que professemos exteriormente a nossa fé:** «porque é preciso crer de coração para justificar-se, e confessar a fé por palavras para salvar-se» (Rom. X, 10). Perde-se pouco a pouco

o conhecimento de uma língua em não a usando; e a vida da fé perde-se em não a apresentando em plena luz por *testemunhos públicos* (Deharbe). Depressa se perde a fé se não se pratica (Ambr.). O homem é composto de um corpo e de uma alma; o culto de Deus deve, pois, ser não sòmente interior mas exterior. A própria natureza nos impele a revelar aquilo de que estamos interiormente convencidos. Os que não tiverem confessado a sua fé, ouvirão esta sentença de Deus: «Em verdade vos digo que vos não conheço» (S. Mat. XXV, 12). Adiante falaremos mais explìcitamente da profissão de fé. (Veja n.º 8).

6. Os motivos da fé

1. Os principais motivos que nos induzem a crer são as profecias e os milagres; porque por êles adquirimos a certeza absoluta de que uma verdade é revelada por Deus.

Em última análise, a **veracidade divina** é o fundamento da fé; nós admitimos as verdades reveladas por êle, porque sabemos que êle não pode nem enganar-se nem enganar-nos. Contudo nenhum homem razoável admitirá uma verdade como divina senão *quando souber com certeza que Deus a revelou*. Eis por que **alguns factos pelos quais Deus certifica que falou** são para nós o *motivo principal e a condição absolutamente indispensável* da fé. Os apóstolos creram sem hesitar nas palavras da Ceia: isto é o meu corpo, isto é o meu sangue, porque tinham presenciado os inumeráveis milagres de Jesus Cristo e porque tinham visto realizarem-se muitas profecias de Cristo e dos profetas; 3:000 judeus se converteram à fé cristã no dia de Pentecostes, à vista do milagre das línguas; outros 2:000 à vista do milagre feito sob o pórtico do templo. Os pagãos aceitaram a fé em virtude dos milagres com que Deus acompanhava a prègação dos apóstolos. S. Paulo só se converteu pelo milagre do caminho de Damasco, e Constantino pela cruz que resplandeceu no firmamento. Quantos homens se converteriam quando, no ano 70, viram cumprir-se a profecia de Jesus Cristo acêrca da destruïção de Jerusalém! Quantos outros quando viram, em 361, o cumprimento de outra profecia, no

insucesso da reconstrução do templo! — Existem ainda outros motivos de credibilidade: o grande número e a constância dos mártires; a maravilhosa difusão e perpetuïdade do cristianismo, as quatro notas da Igreja. «A própria Igreja é um motivo sólido e constante de crer» (Conc. Vat. III, 3), basta considerar a sua vida, e a sua eflorescência no meio das perseguições. Os motivos de credibilidade não actuam todos do mesmo modo sôbre todos os homens: uns sentem-se comovidos pela constância dos mártires, outros pela santidade de um prègador; uns por um milagre, outros pelos castigos que atingem os perseguidores do cristianismo.

O maior número de milagres deram-se nos princípios do cristianismo, porque eram então necessários à difusão do cristianismo.

Deus faz lembrar um jardineiro que rega as plantas, emquanto são pequenas: emquanto a Igreja foi pequena, Deus regou-a com o dom dos milagres (S. Greg. Mag.).

2. Os milagres são factos extraordinários que não podiam ser produzidos por fôrça alguma natural, mas que foram operados pela acção de uma potência superior.

Chama-se **extraordinário** ao que nos enche de maravilha, porque nunca o vimos nem ouvimos, ou porque não lhe sabemos dar explicação. *Um caminho de ferro, um navio a vapor, uma máquina eléctrica,* maravilham quem os vê pela primeira vez. Admiramos o *fonógrafo* que reproduz discursos, trechos de música, etc., com o timbre próprio, e que permitirá ouvir a voz de homens ilustres, ainda daqui a séculos. Maravilhamo-nos ainda mais com *rádio-telefonia* que permite ouvir ao mesmo tempo no mundo inteiro a voz do Papa, os sinos duma catedral ou o rolar da pedra sôbre o cadáver dum rei. Todavia, tôdas estas invenções extraordinárias não são milagres, posto que o vê-las nos arranque o grito: *maravilhoso!* — Estes resultados obtêm-se por vias naturais, pelas fôrças da natureza. Ùnicamente são miraculosos os

factos **que não se podem obter pelas fôrças da natureza.** A ressurreição de um morto, por exemplo, é um milagre; primeiro, sucede então algo que não se dá habitualmente, e, portanto, uma coisa extraordinária; por ouro lado, os sábios e os operadores mais ilustres não são capazes de dar vida a um morto pelas fôrças conhecidas da natureza. Foi portanto necessária **a intervenção de um agente superior.** — Os milagres são derogações (fenómenos extraordinários) ao curso ordinário da natureza; *parecem contradizer as leis ordinárias naturais,* mas não é assim. As leis da natureza não são suprimidas, apenas se lhes entrava a acção pela intervenção de outra fôrça. Se um livro cai e a minha mão o segura, a lei da gravidade não se destrói; sucede uma coisa análoga no milagre, mas não se vê a fôrça que nêle intervém.

Há milagres **verdadeiros,** que podem ser *grandes* ou *simples,* e milagres **aparentes.**

Os **grandes** milagres são factos extraordinários que *em nenhuma circunstância* podem ser efeito de causas naturais: por exemplo, a ressurreição de um morto, a incorruptibilidade e a maleabilidade duráveis de um cadáver. Os milagres **simples** são os factos extraordinários que podiam, absolutamente falando, ser produzidos por causas naturais, mas que, *nas circunstâncias dadas,* teriam sido *impossíveis,* por exemplo a cura de um doente com uma simples palavra, o conhecimento repentino de uma língua estranjeira. — Os milagres **aparentes** são os factos extraordinários que o demónio produz por causas naturais, de modo tão dextro que os *nossos sentidos são enganados.* (Nós cremos então na realidade duma causa que não existe). Os milagres aparentes assemelham-se às sortes dos prestidigitadores (engolir espadas, cuspir moedas de ouro, etc.), com esta diferença que os demónios excedem por muito os prestidigitadores em inteligência e habilidade. Tais são os milagres operados com o auxílio do demónio: pelos magos de Faraó que imitavam os milagres de Moisés (Exodo, VII, 11); por Simão Mago (Act., VIII. 9). O Anti-Cristo (II Tess. II, 8) também fará milagres aparentes, empregando meios naturais (S. T. de Aq.). Do mesmo modo se poderiam explicar os pretensos desaparecimentos das vítimas sôbre os altares pagãos, a pretensa metamorfose de Ifigénia em corça, etc. (Ben. XIV).

Deus só faz verdadeiros milagres para *sua própria glória,* em particular como *provas da verdade.*

Deus faz, pois, milagres pelos motivos seguintes: para provar a *missão divina* dos seus enviados e a *verdade* da doutrina dêles; para revelar a *santidade de um defunto,* ou para revelar *a sua bondade e a sua justiça.* Deus não pode permitir milagres para se sustentar o êrro.

Todos os documentos de uma autoridade são munidos de um sêlo que atesta a sua autenticidade. Deus tem também o seu sêlo pelo qual atesta a origem divina duma coisa; êste sêlo é o milagre. Tem até esta vantagem: não pode ser contrafeito (Abel). Cristo apela muito para os seus milagres para provar a divindade da sua missão (S. Mat. XI, 4-5, S. João, X, 37). Um membro do Directório, Laréveillère-Lépeaux, tinha, após muitos estudos, ideado uma religião nova, a *Teofilantropia,* mas não conseguia ganhar adeptos. Queixou-se a Talleyrand, que lhe respondeu: «Não me espanto do seu insucesso. Quere conseguir o intento? vá, faça milagres, cure doentes, ressuscite mortos, faça-se crucificar e ressuscite ao terceiro dia». Laréveillère saiu confundido. É que os enviados de Deus, com efeito, são obrigados a fazer-se crer por meio de milagres. Deus prova também a divindade da verdadeira Igreja por milagres. (Veja-se adiante). — Deus manifesta também *a santidade dos defuntos* por verdadeiros milagres. Sucedem, portanto, milagres nos túmulos dos santos (no túmulo de Eliseu, IV Reis, XIII), nos corpos dêles (incorruptibilidade) e por sua intercessão. A Igreja exige pelo menos *dois* milagres depois da morte para declarar alguém beato; para a canonização exige outros. No Ant. Test. os santos obravam mais milagres durante a vida que depois da morte; o contrário acontece no N. Test. porque a Igreja exige estes milagres depois da morte (Bent. XIV); os verdadeiros milagres servem também para revelar a **bondade** e a **justiça** de Deus: p. ex. a passagem milagrosa do Mar Vermelho e do Jordão pelos Israelitas, o maná e a água da penha no deserto; o dilúvio, a chuva de fogo e de enxôfre sôbre Sodoma, a morte re-

pentina de Ananias e de Safira. Os milagres do Ant. Test. eram muitas vezes *castigos;* serviram para arrancar os Israelitas às mãos dos Egípcios, a contê-los no deserto em obediência, a revelar aos povos vizinhos dos Israelitas a glória do Deus de Israel. No N. T. não vemos milagre algum penal, a não ser a esterilização da figueira; Deus pelos milagres que nêles faz procura sobretudo inspirar amor. Os milagres do A. Test. eram mais *grandiosos;* os de Jesus Cristo são-no menos, mas têm um sentido íntimo mais profundo. No A. T. as águas do Jordão elevam-se como duas muralhas para deixarem passar os Judeus: a êste milagre corresponde no N. T. o abonançar da tempestade, menos grandioso, mas que representa com um simbolismo mais perfeito o cessar das perseguições e os triunfos da Igreja; no A. T. Deus alimenta o seu povo no deserto de maná; no N. T. multiplica duas vezes os pães para muitos milhares de homens; no A. T. vê-se a brilhante coluna de fogo no deserto; no N. T. é uma tranqüila luz que ilumina os campos de Belém. — Deus **nunca** permite verdadeiros milagres **em favor do êrro,** porque êles são sempre um sinal de operação divina e prova da verdade. Se o demónio os pudesse fazer, Deus aprovaria o êrro, o que repugna à sua bondade (S. T. de A.). Por sem dúvida, Deus permite que os demónios ou os ímpios operem milagres aparentes; a justiça de Deus serve-se dêles para castigar os incrédulos (Suarez) e protege os justos com a sua graça, que lhes faz conhecer o embuste. São de origem demoníaca, e portanto de todo o ponto aparentes, os milagres que não duram (curas efémeras), que não trazem nenhum auxílio nem ao corpo nem à alma, que não servem à consolidação da fé e dos costumes, que se operam com cerimónias ridículas e insensatas (S. T. de Aq.).

Deus para fazer um milagre serve-se habitualmente de uma criatura, muitas vezes mesmo de uma criatura indigna.

As criaturas podem obrar milagres quando *Deus lhes dá êsse poder* (S. T. de Aq.). Os santos faziam sempre os milagres pelo poder (em nome) de Deus; só Cristo os fazia em seu nome. — O dom dos milagres é uma graça gratuita, e pode ser concedida a indignos para salvação

das almas (S. Mat. VII, 25). Até *pagãos e incrédulos* puderam fazer milagres para corroborar a verdade. Se nos juízos de Deus puderam uns inocentes caminhar impunemente por sôbre carvões ardentes ou levar água em peneiras, Deus terá querido persuadir os homens da realidade da sua providência. — O demónio pode fazer verdadeiros milagres, quando serve de instrumento a Deus para castigar ímpios (S. Agost.); foi o demónio sòmente que causou as pragas do Egipto e a morte miserável de Herodes (Act. XII). Os milagres do demónio servem nesse caso à defesa da verdade. — Mas é preciso nunca se proclamar um milagre, quando uma explicação natural é possível (S. Agost.).

Chamam-se profecias umas predições exactas de acontecimentos futuros que só Deus, com exclusão de qualquer outra criatura, pode conhecer.

Deus faz às vezes predizer acontecimentos futuros que dependem ùnicamente da **vontade livre dos homens,** que só êle pode conhecer. Tal é a predição da negação de S. Pedro, de um Apóstolo em quem tudo fazia presumir o contrário (S. Marc. XIV, 31); tal é também a predição de acontecimentos que **dependem da vontade de Deus,** por exemplo, *a destruïção de Jerusalém e os sinais do fim do mundo.* — Poderiam chamar-se as profecias milagres da omnisciência, por oposição aos milagres da omnipotência. São em verdade milagres porque só podem ter a **Deus por autor.** Com efeito, os acontecimentos futuros que dependem ùnicamente do livre arbítrio do homem só são sabidos de Deus (Isaías XLI, 23; XLVI, 10). Ninguém conhece o que está em Deus senão o Espírito de Deus (I Cor. II, 11). — As profecias distinguem-se dos *oráculos* pagãos em que estes eram geralmente *equívocos;* por exemplo quando o oráculo disse de Creso: «Se transpuser o rio de Halis, destruïrá um grande império», e não disse se era o império de Creso ou de outrem. — A previsão do tempo pelos metereologistas não tem o mínimo carácter profético, bem como o anúncio dos eclipses pelos astrónomos, da cura ou da morte próxima de um doente pelo médico, a previsão de uma guerra por homens de estado, etc., por-

que são predições de acontecimentos que se podem prever em *causas preexistentes.*

Deus torna públicas as profecias, geralmente, só por meio dos seus enviados, e com o fim de promover *a fé* ou de tornar os homens *melhores.*

O profetas fizeram muitas profecias acêrca do Messias, a-fim-de manterem **a fé** no Savador entre os homens que viviam antes da vinda dêle, e para convencerem as idades seguintes da verdade do cristianismo. O vaticínio do dilúvio por Noé tinha por fim **converter** os homens corrompidos. — Em regra geral, o papel de profeta só é confiado a **enviados de Deus;** é por excepção que Deus anuncia o futuro por homens *viciosos e incrédulos* e se serve dêles como de instrumentos para o bem. Deus anunciou a Baltasar a sua desgraça pela aparição da mão que escrevia na parede (Dan. IV). Balaão anunciou a vinda do Senhor aos Moabitas e ao rei dêles pela famosa profecia: uma estrêla *saïrá de Judá* (Num. V). Mas habitualmente Deus só concede o dom da profecia a almas de eleição (Bent. XIV). Estas conhecem o futuro por uma *inspiração interior,* por uma *visão* (aparição) ou por *anjos.* Foi assim que durante o cativeiro de Babilónia o Arcanjo Gabriel anunciou a Daniel as 70 semanas (Dan. IX), decorridas as quais viria o Messias. O dom de profecia estende-se apenas *a casos particulares;* nenhum profeta possui a faculdade *permanente* de anunciar o futuro. Só Jesus Cristo a possuíu. O profeta ainda o mais inspirado não pode responder a tôdas as preguntas (IV Reis IV, 27); Samuel só reconheceu o rei designado por Deus quando lhe trouxeram a David (I Reis XVI, 12).

As profecias são, pois, em regra geral uma prova *de missão divina* do profeta.

Para acreditar alguém como enviado de Deus, é preciso que *as profecias sejam cumpridas* (Deut. XVII, 12); que não sejam contrárias *à doutrina revelada* (Deut. XIII, 2) ou à *santidade de Deus.* Elas devem ser *edificantes, úteis, salutares* (I Cor. XIV, 3) e anunciadas *com sere-*

nidade e modéstia: é próprio dos falsos profetas agitarem-se como furiosos (S. Jo. Cris.).

7. Ausência e perda da fé cristã

A fé cristã é o caminho do céu; nem todos, infelizmente, vão por êle e muitos vão por falsos caminhos.

I. Não têm a fé cristã, 1. os hereges, 2. os infiéis.

1. — Os **hereges** são aquêles que rejeitam *obstinadamente tal ou tal verdade* revelada.

Aquêles que desviam outros da verdadeira fé chamam-se **heresiarcas.** Os heresiarcas são a traça que rói o vestido precioso de Cristo, a Igreja (S. Greg. Mag.). É quási sempre *o amor próprio ferido* que faz surgir os heresiarcas (S. Ireneu). Os principais heresiarcas foram: *Ario,* sacerdote de Alexandria, que negou a divindade de Cristo e contra o qual reüniu o Concílio de Nicea (325); *Macedónio,* bispo de Constantinopla, que negou a divindade do Espírito Santo, definida depois pelo Concílio de Constantinopla (381); João *Huss,* sacerdote de Praga que falsificou a doutrina acêrca da Igreja (Conc. de Constança 1414); Martinho *Lutero,* frade de Wittemberg, que atacou principalmente a instituïção divina do Papado e o magistério da Igreja (Conc. de Trento, 1545-63). *Henrique VIII* de Inglaterra († 1547) introduziu em Inglaterra (a Irlanda resistiu) a heresia anglicana e perseguiu cruelmente os católicos, por ódio contra o Papa que recusava dissolver-lhe o matrimónio. Doellinger, antigo professor e presidente do cabido de Munich, célebre por numerosas obras de alto valor scientífico, irritou-se por não ter sido convidado, como teólogo, para os trabalhos preparatórios do Conc. Vaticano (1870) e atacou violentamente, mesmo depois do concílio, a infalibilidade pontifícia; foi excomungado e morreu impenitente (1890). Doellinger é o autor principal do *vélho-catolicismo.* Os heresiarcas foram, infelizmente, como se vê, quási sempre sacerdotes! Aquêles que espalham falsas doutrinas são como os *moedeiros falsos* que fabricam moeda falsa e a põem em circulação.

São assassinos que desviam o viajante da fé, do caminho da salvação, para caminhos que conduzem à morte eterna (Mgr. Iwerger). Cristo põe-nos de sobreaviso contra êles: «Desconfiai dos falsos profetas que vêm a vós com pele de ovelha (quere dizer, que vos lisonjeiam com belas palavras) e que interiormente são lôbos vorazes (cheios de malícia). Pelos frutos (procedimento) dêles os conhecereis (S. Mat. VII, 25). Que de obscenidades disse Lutero! De quantas injúrias não é êle autor!! Já isto é uma prova de falta de missão divina. O mesmo acontece com outros pretensos reformadores. Para êles, nunca se trata da pureza da fé, mas da *satisfação de paixões baixas:* o orgulho ou a sensualidade. As doutrinas religiosas servem-lhes de pretexto para conseguirem o seu fim criminoso. Procuram sempre explorar o *lado fraco da humanidade:* Lutero entregou aos príncipes os bens da Igreja, liberta os sacerdotes do jugo da castidade, etc. Os heresiarcas são o que foi a serpente junto de Eva. — No número dos hereges podem contar-se os *scismáticos* (os separados) que pròpriamente se recusam apenas a reconhecer o chefe da Igreja, mas que além disso caem sempre na heresia. São scismáticos por exemplo: 1.º *Os gregos não-unidos,* que em 1053 se separaram de Roma por instigação do ambicioso patriarca *Miguel Cerulário;* 2.º os Russos que se separaram da Igreja grega em 1587 e que desde 1721 até à implantação do bolchevismo foram regidos, quanto ao espiritual, pelo czar. — A Igreja reputou sempre a heresia um dos *maiores* **crimes.** «E se um anjo do céu, dizia já S. Paulo, vos anunciasse outro evangelho diverso do nosso, seja excomungado» (Gal. I, 8) ao que S. Jerónimo acrescenta que de tôdas as impiedades a heresia é a maior. Os hereges são *excluídos da Igreja,* e é uma pena que só o Papa, ou quem dêle receber êsse poder, pode absolver (Pio IX, 12 out. 1869).

Aquêle que, por ignorância perdoável, vive em êrro, não é herege perante Deus.

Quem foi educado no protestantismo, por exemplo, e nunca teve ocasião de se instruir sèriamente na religião católica, não é herético senão de nome; porque êle não tem adesão alguma *pertinaz* ao êrro. Se êle está disposto a crer tudo o que Deus revelou, é ortodoxo (S. Agost.). Tão pouco é êle herege, quão pouco é ladrão aquêle que de boa fé retém um bem alheio.

2. **Incrédulos** são aquêles que não querem crer o que *conhecem pelos sentidos* ou podem *compreender pela ração.*

S. Tomé, apóstolo, era incrédulo; não queria acreditar na ressurreição antes de introduzir os dedos nas chagas das mãos e pôr a mão no lado de Cristo (S. Jo. XX, 25). Muitos homens são como êle; não querem crer senão no que vêem, tocam e provam; tudo o mais o rejeitam. O incrédulo, diz S. João Cris., é um terreno areento, que nada produz, a-pesar-da chuva que recebe. O incrédulo ultraja ao seu Deus, como o súbdito ultrajaria um soberano que êle se recusasse a reconhecer sabendo-o legítimo (Lehmkuhl). E por outro lado, que de coisas o incrédulo é obrigado a crer para não crer! (S. Clem. Hofbauer).

A incredulidade tem muitas vezes a origem na imoralidade.

O sol reflecte-se numa água límpida e tranqüila, e não numa água lodosa. Assim o homem, se é de bons costumes, fàcilmente chegará à fé, mas o homem sensual não entenderá as coisas do Espírito de Deus (I Cor. II, 14). Um espelho embaciado não reflectirá ou reflectirá mal. A alma é um espelho (S. Máximo) que deve ser sensível à luz divina e que é incapaz de reflectir as verdades da fé, quando empanada pelo vício. Disse o estulto no seu *coração,* nota S. Agostinho, e não na sua *inteligência:* não há Deus (1).

II. Perde-se fàcilmente a fé cristã, 1.° quando somos indiferentes à fé; 2.° quando duvidamos voluntàriamente das verdades da fé; 3.° quando lêmos *livros* ou *jornais* hostis à religião; 4.° quando nos alistamos em *associações* anti-religiosas ou contraímos matrimónio mixto.

(1) Relevem-nos os leitores o termos acrescentado esta observação de S. Agostinho ao texto do original. (N. do T.)

1. Se por criminosa indiferença deixamos de nos ocupar da fé, pouco a pouco nos tornamos incrédulos, assim como a planta fenece à falta de rega, ou a lâmpada se extingue à míngua de azeite. Oh! como são desgraçados os homens que são indiferentes à religião, que vivem descuidosos sem Deus, que nunca rezam, que nunca ouvem um sermão, que nunca lêem um livro religioso e que não cuidam senão das coisas temporais! São aquêles convidados do Evangelho que se recusam a ir *ao banquete celeste*, um por causa dos bois, outro por causa da granja comprada, o terceiro por causa do seu casamento (S. Luc. XIV, 16). Coisa curiosa! essa gente considera-se *iluminada* e lança um olhar de piedade e de desprêzo sôbre os que cumprem conscienciosamente os seus deveres religiosos. Mas são precisamente êles que *carecem de cultura* e *de sciência* ao mesmo tempo, porque não têm o mínimo conhecimento dos bens mais preciosos da vida e são ignorantes dos negócios mais importantes. Muito freqüentes vezes êsses homens não levam uma *vida irrepreensível*. Uma vinha não cuidada cedo a invadem silvas e espinheiros, e a alma que não é cultivada pela instrução religiosa adopta pouco a pouco *costumes pagãos* (Luís de Gran.). O corpo precisa de alimento sob pena de morrer de inanição; há também um alimento da alma sem o qual ela morre, e êste alimento é o Evangelho, a doutrina de Cristo (S. Agost.). No seu colóquio com a Samaritana, Jesus Cristo chama à sua doutrina: água que mata para sempre a sêde da alma humana (S. Jo. IV, 43); na sinagoga de Cafarnaúm disse de si mesmo: «Eu sou o pão da vida; aquêle que vem a mim nunca terá fome» (S. Jo. VI, 35). Não se importar com êste alimento espiritual, com êste pão da vida, é portanto *matar a alma* já neste mundo.

2. A **dúvida voluntária** acêrca das verdades da fé conduz pouco a pouco à perda da fé. *Estas dúvidas* vêm *do demónio*. Um edifício cai necessàriamente se lhe minam os alicerces; vêem-se exemplos nas cidades construídas sôbre minas de carvão. Assim se destrói a fé quando se abala com a dúvida. Quem põe em dúvida as verdades reveladas, *desagrada a Deus*, porque lhe nega crédito. Moisés duvidou da promessa de Deus de dar água ao povo que murmurava; foi punido com a sua exclusão da Terra prometida (Num. XX); Zacarias duvidou do cumprimento da promessa do anjo, acêrca do nascimento de S. João Baptista; por castigo ficou mudo (S. Luc. I). As

dúvidas *involuntárias* não são culpáveis se não nos demoramos nelas; é preciso combatê-las logo com a *oração*; no meio das escuridões da dúvida, ela obtém-nos *a graça da luz*. Também não é pecado *estudar mais exactamente* os pontos sôbre os quais nos sobreveio uma dúvida, a-fim-de fortalecer a nossa fé; é até um acto de prudência e sabedoria (Maria Lataste). Contudo não é preciso *procurar a explicação dos mistérios;* um excesso de curiosidade faria perder a fé, como um olhar prolongado para o sol faria perder a vista.

3. Perde-se também a fé pela leitura de **livros irreligiosos.** João Huss, sacerdote de Praga, que foi queimado em Constança em 1415, tinha lido as obras do heresiarca inglês Wicleff; por elas se tornou êle próprio heresiarca famoso e foi o flagelo da Boémia. Foi sobretudo pela leitura dos escritos de Lutero que *Zuinglio*, prègador na catedral de Zurich († 1531), e *Calvino*, de Genebra († 1564), caíram na heresia. A história afirma também que a apostasia do imperador *Juliano* não teve outra causa senão a leitura, em Nicomédia, das obras do pagão Libânio. — Os livros mais perigosos de entre os modernos, e desgraçadamente os mais espalhados, são os do ímpio *Rousseau* († 1778), de *Voltaire* († 1778) e de outros filósofos revolucionários; depois, os de *Renan* († 1892), de *Zola* († 1902), *de Anatole France* († 1922), etc. Mãe amorosa, a Igreja aponta-os aos seus filhos e proíbe-lhes a sua leitura assim como o Estado não concede *uma liberdade de ler* absoluta. Para êste fim, criou em 1571 uma congregação especial para a censura dos livros, a *Congregação do Indice*, que condena em nome da Santa Sé os livros perigosos para a fé e para os costumes. — A leitura habitual de **jornais irreligiosos** faz também, como o prova a experiência, perder a fé. Para ganharem maior popularidade, certos jornais têm a especialidade de ostentar que desprezam os dogmas, as instituïções da Igreja e os seus ministros. Esta leitura mina a fé. E não se diga: o leitor julgará por si mesmo; é o caso de aplicar o provérbio: água mole em pedra dura tanto dá até que fura; insensìvelmente a incredulidade ou a indiferença apoderam-se do espírito. Os alimentos pouco sadios, com o uso prolongado, vêm a destruir a mais robusta saúde corporal; é impossível que a leitura freqüente de jornais maus não produza o mesmo efeito na alma. Metei-vos no fogo, diz S. Isidoro, e, de ferro que sejais, acabareis por vos fundir.

De tôdas as **associações anti-religiosas** a mais perigosa é a **franc-maçonaria.** O fim último da franc-maçonaria é minar e destruir, quer secretamente, quer, em parte, pùblicamente, tôda a autoridade eclesiástica ou civil e chegar pouco a pouco à fundação de uma república cosmopolita. A franc-maçonaria foi fundada aí por 1717 por alguns livres-pensadores da alta sociedade inglêsa. Como tomaram para a sua instituïção as graduações das oficinas de arquitectura das catedrais da Idade Média, e pretendiam construir o templo espiritual da Humanidade e da civilização, denominaram-se franc-mações (*pedreiros livres*). Todo aquêle que se filia nesta sociedade, assiste às suas reüniões ou mesmo que apenas as favorece, é *ipso facto excommungado*, isto é, deixa de participar das orações da Igreja, excepto *in articulo mortis* (Clem. XII, 1738; Bento XIV, 1751; Pio VII, 1821; Leão XII, 1825; Leão XIII, 20 abril 1884). O fim último da maçonaria só é, em geral, conhecido pelas pessoas altamente graduadas, as outras pagam apenas: como no exército, em que os soldados marcham sem conhecerem o plano do general. — No capítulo do casamento falaremos dos **casamentos mixtos.**

Todos aquêles que, por sua culpa, morrem sem a fé cristã, são condenados.

O incrédulo, o pagão, é *já infeliz sôbre a terra*. S. Lucas (I, 79) diz dêles que estão nas trevas e nas sombras da morte; consideram como fábulas as verdades da religião (S. Clem. Hofbauer). Cristo diz expressamente: «Todo aquêle que não crer será **condenado**» (S. Marc. XVI, 16); e até acrescenta: «aquêle que não crê já está julgado» (S. Jo. III, 18). E S. Paulo (Tit. III, 1) diz que um herege pronuncia a sua própria condenação. Orai, pois, todos os dias, cristãos, como o faziam os santos, pela conversão dos incrédulos e dos hereges! S. Clemente Hofbauer († 1820 em Viena) tinha por costume dizer: «Prouvesse a Deus que eu pudesse converter todos os infiéis e todos os hereges! Eu os levaria à Igreja nos braços e aos ombros».

8. A profissão exterior da fé

1. Deus exige que professemos a nossa fé exteriormente. Fazei brilhar a vossa luz diante dos homens, diz Cristo, a-fim-de que êles vejam as vossas boas obras e dêem glória a vosso Pai, que está nos céus (S. Mat. V, 16).

É preciso, pois, que pelas nossas palavras e acções façamos **conhecer aos homens que somos cristãos e católicos,** e que seguimos a nossa religião por íntima convicção. Segundo Cristo, é necessário que sejamos no mundo como uma luz numa casa. Pela profissão pública da nossa fé devemos contribuir para a difusão do conhecimento de Deus entre os nossos semelhantes e para a observância mais exacta dos mandamentos divinos. Um cavalo, por pouco fogoso que seja, despede a correr quando vê correr outros cavalos e assim os nossos semelhantes são excitados a imitar-nos quando vêem as nossas boas obras. Nós mesmos nos fortalecemos na fé confessando-a diante dos outros; é o uso que faz os mestres. — Muitos homens, ai! são **cobardes.** Por temor de serem motejados por algum dos seus semelhantes, ou por um jornal mau, de sofrer na sua carreira, de perder fregueses, etc. não ousam intrèpidamente confessar a sua fé ou opor-se aos inimigos dela, semelhantes, assim, a uma criança incumbida por seus pais de um serviço e que volta sem o ter feito, porque não se atreveu a passar ao pé de *um cão que ladrava.* Os homens chamam-nos hipócritas, cabeças fracas, insensatos, fanáticos, e então deixamo-nos desviar das nossas boas resoluções e do caminho da salvação (S. Vic. Ferrer). Somos como lebres timoratas, que um *espantalho* feito de trapos vélhos não deixa ir à erva. E todavia serão os nossos insultadores os confundidos *no dia do juízo* (Sab. V, 1.) Aquêle que não ousa defender a honra de Deus é *um cão mudo* que não sabe ladrar (Is. VI, 10).

Um belo exemplo de profissão de fé nos é dado pelos três jovens na fornalha, que se recusaram a adorar a estátua de Nabucodonosor (Dan. II); pelo santo vélho Eleázar, que repeliu os alimentos proïbidos, a-pesar-das ameaças de morte (2 Mac. VI). S. Maurício e a legião

tebana (martirizados junto do lago de Genebra, 286) declararam-se cristãos diante do imperador e recusaram-se a oferecer antes da batalha os sacrifícios por êle prescritos. Para vergonha de tantos católicos, os adeptos de falsas religiões, por exemplo, os maometanos, não se envergonham de professar o seu culto.

É sobretudo nas *procissões* que a Igreja nos dá ocasião de professar pùblicamente a nossa religião.

A profissão pública da fé não é, contudo, *ordenada* senão quando a sua omissão ocasionaria *desprêzo pela religião* ou *escândalo* do próximo.

Para a salvação não é necessário professar sempre a fé, e em tôda a parte; isto só é exigido, quando nós, se o não fizéssemos, tiraríamos *a Deus a honra e ao próximo a edificação que lhes são devidas* (S. T. de Aquino). — Não somos, pois, obrigados a responder às **preguntas indiscretas** dos incrédulos; podemos **reduzi-los ao silêncio** com uma só palavra, e afastar-nos. Num hotel, um viajante que tinha pedido uma refeição de magro foi irònicamente interpelado acêrca da sua religião pelo dono do hotel: «Importe-se com o meu estômago, senhor, e não com a minha fé» — respondeu-lhe. Mas se somos interrogados por uma *autoridade competente*, temos o dever de responder, como Cristo diante de Caifás, ainda que nos ameacem de morte. Nestes casos cumpre ater-se aos preceitos de Jesus Cristo: «Não temais aquêles que vos podem matar o corpo, mas não a alma» (S. Mat. X, 28). É provocar a cólera de Deus temer os homens mais que a Deus — diz Santo Agostinho. — Também não é mais oportuno entabular **discussões religiosas** com incrédulos. Tais discussões, dizia S. Pedro Canísio, escaldam as inteligências e aumentam as dissensões. Sendo obrigados a elas, devemos haver-nos com grande modéstia (Salviano). A gente do povo tem muitas vezes destas discussões nos hotéis; é uma coisa que se deve evitar.

2. Cristo promete uma recompensa eterna a quem professa animosamente a sua fé diante dos homens. «Aquêle que me confessa diante dos homens, eu o confessarei também dian-

te do meu Pai que está nos céus» (S. Mat. X, 32).

S. Pedro professou varonilmente a divindade de Cristo diante dos outros Apóstolos; por isso Jesus Cristo lhe chamou bem-aventurado e nomeou chefe dos Apóstolos (S. Mat. XVI, 18). Do mesmo modo **exaltará** todos aquêles que o confessam sem respeito humano. Os três jovens de Babilónia que confessaram o verdadeiro Deus diante do rei e de todo o povo, foram salvos milagrosamente e elevados a grandes honras (Dan. III). Caçava um dia Rodolfo de Habsburgo, quando encontrou um sacerdote que levava o viático e se prostrou e rendeu as honras ao SS. Sacramento; pouco depois foi eleito rei da Alemanha na dieta de Francfort (1273).

Uma recompensa *muito grande* está reservada no céu para aquêles que são *perseguidos* por motivo de sua fé, e que lhe *sacrificam a vida.*

Felizes de vós, diz Jesus Cristo, quando os homens vos carregarem de maldições e vos perseguirem e disserem falsamente tôda a a casta de mal contra vós, por minha causa. Jubilai, então, e estremecei de alegria, porque uma grande recompensa vos está reservada nos céus (S. Mat. V, 12). Aquêle que sofreu muitas provações pela fé chama-se **confessor.** — Aquêle que morre pela sua fé chama-se **mártir,** que quere dizer *testemunho.* O mártir ganha infalìvelmente a salvação, porque Jesus Cristo disse: «Aquêle que perde a vida por amor de mim, êsse a encontrará» (S. Mat. X, 39). Por isso, com que alegria morriam os mártires! Com que prazer S.^to^ André abraçava a cruz e S.^to^ Inácio de Antioquia comparecia na presença de Trajano! Fôra injuriar um mártir o rezar por êle (Inoc. III). Com efeito os mártires possuem o *grau mais elevado do amor,* porque desprezam todos os bens terrenos, até o mais precioso: a vida. Esta *vitória* lhes vale o serem figurados com uma palma.

Todavia não é lícito *procurar propositadamente* as perseguições e o martírio. Alguns o fizeram — por exemplo aquêles que se denunciaram ou que derrubaram ídolos — e sucumbiram na prova: estes presunçosos nunca foram honrados pela Igreja como mártires; a razão é que

nunca é lícito impelir alguém a ser injusto (S. T. de Aq.). Jesus Cristo permite mesmo *a fuga diante da perseguição* (S. Mat. X, 23); êle próprio fugiu, e bem assim os apóstolos e santos prelados como S. Cipriano e S.to Atanásio. Só os pastores são obrigados a ficar, quando a salvação das suas ovelhas torna a sua presença *necessária* (S. T. de Aq.). Foge o mercenário, se vem o lôbo; não assim o bom pastor (S. João, X, 12). Os pastores só podem fugir quando a sua presença de nada valeria ou excitaria mais ainda os perseguidores (S. Cipr.). — A morte por uma *heresia* não é um martírio, porque lhe falta o amor, sem o qual não tem merecimento o próprio martírio (I Cor. XIII, 3). Huss de Praga que preferiu deixar-se queimar vivo (1415) a renunciar à sua heresia, não é um mártir. É-se, porém, mártir, quando se é ferido por motivo de fé, e *se morre da ferida;* quando, pela fé, se é condenado à *prisão perpétua, ao exílio;* quando se morre por outra virtude cristã, como por exemplo S. João Baptista, S. João Nepomuceno, porque, diz S. Tomás, a virtude cristã já é uma certa profissão de fé. — Calcula-se que o número dos mártires é de 16.000:000. — Quem receia morrer pela fé, diz S. Cipriano, não é cristão.

3. Aquêle que *se envergonha* da sua fé por temor ou respeito humano, ou que a *renega formalmente,* expõe-se às ameaças de Jesus Cristo: «Todo aquêle que me *renegar* diante dos homens, eu o renegarei também diante de meu Pai que está nos céus» (S. Mat. X, 33). «Se alguém se envergonha de mim e das minhas palavras, o Filho do homem se envergonhará dêle também, quando vier na sua glória» (S. Luc. IX, 26).

Aquêle que se *envergonhar* da sua fé imita a Pedro que renegou Jesus Cristo (S. Mat. XXVI, 69). Numerosos cristãos fizeram o mesmo durante as perseguições e sacrificaram aos ídolos. Hoje muitos homens envergonham-se de fazer na Igreja o sinal da cruz, de receber os

sacramentos, de adorar a Eucaristia, quando encontram um sacerdote que leva o viático, etc. Outros pecam por *participarem dos exercícios religiosos dos dissidentes*, quando, por exemplo, contraem matrimónio mixto diante de um ministro protestante; quando servem de padrinhos a protestantes; quando vão com êles receber a Ceia, etc. (Não é pecar contra a fé o assistir às cerimónias religiosas heterodoxas por curiosidade ou assistir por delicadeza aos seus casamentos ou funerais). *Envergonhar-se* da fé é ainda *tornar-se desprezível aos olhos dos seus semelhantes*, porque ninguém respeita os cobardes. Constâncio, pai de Constantino Magno, despediu do seu serviço aquêles dos seus servos cristãos aos quais êle ordenara que sacrificassem aos ídolos e que lhe obedeceram (Mehler I; 45). Os **renegados** formais são ainda mais desgraçados. O sábio rei Salomão renegou o verdadeiro Deus e fêz-se idólatra por amor às suas mulheres pagãs; *Juliano Apóstata* († 363) renegou o cristianismo e tornou-se o pior inimigo dêle, como se infere da sua tentativa de reconstruir o templo de Jerusalém e da blasfémia que proferiu ao morrer: Venceste, Galileu!

Não é raro verem-se católicos passar ao protestantismo, ao judaísmo ou chamar-se *livres-pensadores*, isto é, que não pertencem a nenhum culto determinado. Em geral procedem *por motivos puramente humanos*, por exemplo, para contraírem um matrimónio mixto ou para manifestarem o seu ódio contra um padre. Só *os viciosos* renegam a fé. «Não se creia, diz S. Cipriano, que os bons saiam da Igreja; o vento não leva o bom grão, mas sim a palha»; o vento também não desarreiga as árvores sadias, mas sim as podres.

Aquêles que apostatam cometem um pecado mortal, porque crucificam de novo ao Filho de Deus (Heb. VI; 4); são *excomungados*, e o papa reservou para si a absolvição dêste pecado: o bispo só pode absolver por delegação do papa (Decr. de Pio IX, 12 out. 1869). Ora quem não tem a Igreja por mãe, não pode ter a Deus por pai (S. Cip.). Não há, pois, provação alguma à qual um católico não deva resistir para conservar a fé; deve ser *árvore bem enraïzada* que desafia tôdas as tempestades, *soldado* que na guerra não desampara o seu pôsto.

9. O sinal da cruz

O católico professa a sua fé sobretudo pelo sinal sagrado da cruz.

O sinal da cruz é para o cristão o que o *uniforme* é para o soldado, para o funcionário; por êle professa que admite a doutrina do Salvador crucificado. O sinal da cruz é para os Judeus e pagãos objecto de ódio e de desprêzo (1 Cor. 23); também os protestantes rejeitam o sinal da cruz. É *o sinal próprio só dos católicos*, e, como é antiquíssimo e se encontra em tôda a Igreja, pode com razão admitir-se que é de *origem apostólica*.

Há duas maneiras de fazer o sinal da cruz. Pode-se fazer, primeiro, traçando com o polegar da mão direita três peequnas cruzes, uma na testa, outra na bôca e outra no peito, tendo a mão esquerda um pouco abaixo do peito, e dizendo ao mesmo tempo: «Em nome do Padre, e do Filho e do Espírito Santo, Amen». Por êste sinal *empenhamo-nos* em crer, professar e seguir a doutrina do Crucificado; *pedimos* que a graça de Deus ilumine a nossa inteligência pela fôrça da cruz, que nas tentações do respeito humano nos abra os lábios para professar a fé, e que leve o nosso coração, a nossa vontade, à observância dos mandamentos; *consagramos* a Deus Padre, autor de tôdas as coisas, os nossos pensamentos (marcando a fronte); ao Filho, palavra que procede do Pai, as nossas palavras (sinal na bôca); ao Espírito Santo, espírito de amor, tôdas as aspirações do nosso coração (sinal sôbre o coração, sede do amor). Chama-se isto *persignar-se*. Há outro modo de fazer o sinal da cruz, que se chama *benzer-se*, e que se usa na missa e nos recorda, pela cruz de Pedro, a nossa união com a Igreja romana. Faz-se levando a mão direita à testa, ao peito, ao ombro esquerdo e depois ao direito, tendo a mão esquerda sôbre o peito. (A mão vai do ombro esquerdo ao direito porque Cristo, pela sua Redenção, nos colocou ao lado direito).

O que importa é não se fazer *nunca* o sinal da cruz *muito à pressa*, e pensar, quando se faz, na majestade do Altíssimo que nomeamos.

1. Ao fazer-se o sinal da cruz, professa-

mos os dois principais mistérios da religião: a *Trindade* e a *Incarnação* do Redentor.

O singular: *em nome*, indica a *unidade* de Deus; os outros nomes, *as três pessoas* divinas.

Em nome quere dizer: pela missão de Deus, pela fôrça de Deus, com o auxílio de Deus, para glória de Deus.

A cruz *única* que fazemos na testa, no peito e nos ombros significa a unidade de Deus; a *cruz tripla*, as três pessoas da SS. Trindade.

A forma da *cruz* recorda que o Filho de Deus feito homem nos salvou na cruz.

O sinal da cruz, portanto, é como que um resumo da religião cristã. Muitos sêres da criação no-la recordam; o corpo humano tem a forma de uma cruz; as linhas do rosto formam uma cruz, bem como o pássaro a voar, o peixe a nadar, a bela constelação dêste nome no hemisfério celeste austral, certas árvores e flores, etc., etc..

O aparecimento de uma cruz no céu anunciará a chegada do Juiz para o juízo final (S. Mat. XXIV, 30). A Igreja católica honra muito o sinal da cruz; emprega-o freqüentes vezes na missa, na administração dos sacramentos e nas bênçãos; coloca a cruz sôbre as tôrres, nos altares, nas bandeiras, nas casulas e sôbre os túmulos. Muitas igrejas são construídas em forma de cruz.

2. Pelo sinal da cruz obtemos a bênção de Deus; e sobretudo recebemos protecção contra o demónio e contra um grande número de *males* espirituais e temporais.

O sinal da cruz não é, pois, uma cerimónia vã, mas **uma bênção** de *si mesmo* (apêlo para o auxílio divino): ora tôda a bênção divina consiste em *afastar males* e *procurar bens*. — O sinal da cruz **põe em fuga** o **demónio** e as tentações. Como o cão teme e foge do pau com

que foi batido, assim o demónio é aterrado e pôsto em fuga pela cruz que lhe recorda a sua derrota (S. Cir.).

Conta-se que um veado trazia uma pequena tabuleta com êste aviso em letras de oiro: «Não me toquem, pertenço ao imperador». Nenhum caçador ousou atirar-lhe. Fazendo o sinal da cruz, nós munimo-nos do aviso: Pertenço ao Salvador, — e o demónio não poderá atingir-nos. Na guerra é proïbido atirar àqueles que — médicos e capelães — levem a faixa branca com a cruz vermelha; assim é proïbido ao demónio fazer mal àqueles que fazem o sinal da cruz.

O sinal da cruz teve como tipo figurativo o sinal traçado nas portas, diante do qual o anjo exterminador do Egipto passou sem ferir (S. Jo. Dam.). A cruz de Jesus Cristo foi figurada (S. Jo. III, 14) pela *serpente de bronze* (Núm. XXI) levantada por Moisés no deserto e que curava só com a sua visão as feridas mortais das serpentes de fogo; o sinal da cruz, que representa a cruz de Jesus Cristo, protege-nos contra as insídias da serpente infernal. Quando Moisés orava, com os braços estendidos em cruz, os cananeus eram postos em fuga (Êxod. XVIII, 12). Em 312 Constantino e todo o seu exército viram no firmamento uma cruz luminosa com estas palavras: *In hoc signo vinces:* com êste sinal vencerás; Constantino mandou pôr a cruz num estandarte e foi vencedor. (Esta foi a origem das nossas bandeiras). Estas palavras valem também para o sinal da cruz que nós fazemos sôbre nós mesmos. Basta a recordação da cruz de Jesus Cristo para dispersar os nossos inimigos invisíveis e para nos defender dos seus ataques (S. Agost.); por isso muitos santos, para repelirem os maus pensamentos, tinham o costume de se persignar logo. Muitas vezes os primeiros cristãos se serviram dêle para *derrubar os ídolos*.

Por ocasião da Invenção (achado) da santa cruz pela imperatriz Santa Helena, mãe de Constantino Magno, foram curados doentes só pelo contacto com a madeira sagrada (325). Que miraculoso poder!! A cruz **livra dos males corporais** e o sinal da cruz não é menos poderoso. Que alívio não receberam de Deus muitos doentes, quando se persignavam com freqüência e devoção! A história narra que muitos *mártires* se benzeram antes das torturas e que saíram delas sãos e salvos. Diz-se de S. João Evangelista que, tendo feito um dia o sinal da cruz sôbre uma taça empeçonhada, a bebeu sem lhe sentir o veneno. A mesma coisa deve ter sucedido a S. Francisco

Xavier, apóstolo das Indias. Os profetas do A. T. tinham já anunciado esta virtude do sinal da cruz. Uma visão mostrou a Ezequiel que, num castigo reservado a Jerusalém, a morte poupara aquêles que um anjo primeiro assinalara na testa com a letra *Tau* (†) que tem a forma de uma cruz (Ezeq. X, 4).

Deve-se fazer *muitas vezes* o sinal da cruz, sobretudo ao levantar e ao deitar, antes e depois das orações, antes e depois da comida, antes e depois de sair de casa, no momento das tentações e antes das nossas acções principais.

Fazei o sinal da cruz ao acordar. Com êle vos assegurareis a bênção de Deus para todo o dia. Fazei-o também à *noite*, a-fim-de afastar todos os maus pensamentos; *antes da oração* para repelir as distrações, *antes das vossas principais acções*, para terdes nelas bons resultados, etc. Adquirindo êste hábito, cumpriremos com mais segurança a ordem do Apóstolo: Quer estejais comendo, quer bebendo ou fazendo qualquer outra coisa, fazei *tudo para glória de Deus* (I Cor. X, 31). Já os *primeiros* cristãos tinham por hábito persignar-se, como atesta Tertuliano († 240) que diz: «Antes e durante as nossas ocupações, ao sair, ao entrar, ao vestir, antes do sono, em tôdas as nossas acções fazemos na testa o sinal da cruz». Nós fazemos o sinal da cruz, especialmente na Missa: no princípio, ao Evangelho, à elevação, à comunhão e à bênção do sacerdote. Pio IX (28 de julho 1863) concedeu 50 dias de indulgência a cada sinal da cruz. Santa Edit († 984), princesa real de Inglaterra, fazia-o muitas vezes: 13 anos depois da sua morte foi encontrado o seu polegar ainda perfeitamente conservado (Mehler, I; 179).

É muito útil, ao fazer o sinal da cruz, servir-se de *água benta.*

Esta água tem uma *virtude particular* contra os assaltos do demónio por causa da oração que a Igreja faz para a benzer. O uso da água benta tem, por cada vez, 100 dias de indulgência (Pio IX, 23 março 1866). Encontram-se pias de água benta em muitas igrejas e casas parti-

culares; mas em muitas casas a pia, infelizmente, está vazia de água benta e cheia de pó.

Sois insensatos se tendes vergonha de fazer o sinal da cruz: Cristo por sua vez se envergonhará de vós; o demónio, diz S. Inácio de Antioquia, goza de ver renegar a cruz, que é a sua ruína, e o sinal da vitória ganha sôbre o seu poder.

10. O símbolo dos Apóstolos

Além do símbolo dos Apóstolos que se recita no Baptismo, a Igreja serve-se também do *símbolo de Nicea* (composto pelo concílio de Nicea, ano 321, completado pelo concílio de Constantinopla, 381) e do símbolo dos concílios de Trento (1) e do Vaticano. O símbolo de Nicea diz-se na missa antes do ofertório. A profissão de fé do concílio de Trento é obrigatória no acto da posse de uma função eclesiástica e na conversão de um herege.

1. O símbolo dos Apóstolos contém, em resumo, o que todo o católico é obrigado a saber e a crer.

As suas poucas palavras encerram todos os mistérios (S. Isidoro). O símbolo assemelha-se ao *corpo de uma criança*, que é pequeno, mas possui todos os membros, ou a uma *semente* que, a-pesar-da sua pequenez, contém tôda a árvore com todos os seus ramos. — Chama-se *símbolo* (sinal pelo qual se distingue alguém), porque na primitiva Igreja servia para distinguir os cristãos. Para poder assistir à missa era preciso saber o símbolo, sob pena de exclusão. Era proïbido comunicá-lo àqueles que não eram baptizados, como é proïbido em tempo de guerra comunicar a senha.

Chama-se símbolo *dos Apóstolos* porque tem origem apostólica.

Os Apóstolos, segundo refere Santo Agostinho, estan-

(1) Este símbolo foi publicado por Pio IV em 1564 e contém a doutrina definida pelo Concílio de Trento; foi completado pelo Concílio do Vaticano em 1870.

do para *se separar*, fixaram uma regra segura de prègação, a-fim-de que, sem embargo da separação, estivessem unidos na doutrina. Isto não quere dizer que as próprias palavras vêm dos Apóstolos; trata-se do *fundo*. Até ao VI século foram-lhe acrescentadas diferentes *explicações;* por exemplo à palavra *Pai*, a de *Criador...;* à palavra *Jesus* a de concebido do Espírito Santo..., às palavras *Santa Igreja*, a de católica..., etc.; foram motivadas pelo aparecimento de certos hereges. Mas, assim como o homem pelo *crescimento* não adquire membro algum novo, assim o símbolo não admitiu verdades novas.

S. Pedro exerceu sôbre a redacção do símbolo uma *influência decisiva*, porque nêle se encontram os pensamentos fundamentais dos seus discursos no Pentecostes e na cura do paralítico no templo, e das suas duas defesas no sinédrio. Na primitiva igreja o símbolo não era mais que uma fórmula de profissão de fé, que era necessário recitar antes do baptismo e que dava em compêndio a doutrina dos Apóstolos e a instrução religiosa que tinha sido ministrada antes.

2. O símbolo dos Apóstolos divide-se primeiro em três partes principais.

A primeira trata de Deus *Pai* e da Criação.

A segunda, de Deus *Filho* e da Redenção.

A terceira, de Deus *Espírito Santo* e da nossa *santificação*.

3. Pode também dividir-se o símbolo dos Apóstolos em *12 artigos*.

Artigo quere dizer «membro de um todo»; chamam-se assim por causa da sua *íntima ligação*. Como os dedos da mão são articulados em falanges, assim as três partes principais do símbolo têm as suas subdivisões. Uma *cadeia* é quebrada logo que dela se tira um fuzil, e a fé destruída logo que dela se tira um artigo.

Encontram-se no A. T. as seguintes *figuras* dos 12 artigos: O Grande Sacerdote trazia um peitoral com 12 pedras preciosas e com esta *inscrição*: Luz e verdade (Lev.

VIII, 8); havia 12 pães de proposição sôbre a mesa de ouro à entrada do tabernáculo (ibid. XXIV, 6); tomaram-se 12 pedras para construir um altar à entrada da Terra da Promissão (Deut. XXVII, 5). Os 12 artigos são, com efeito, doze gemas que espalham o fulgor da *luz* e da *verdade*, e que devemos trazer *no coração*, isto é: crer; são o *pão* espiritual que nos é oferecido à entrada da Igreja, isto é, no baptismo; transformam o nosso coração *num altar*, sôbre o qual oferecemos a Deus as nossas orações e boas obras.

A divisão em 12 artigos indica que o símbolo contém as verdades prègadas por 12 Apóstolos.

Todo o cristão é obrigado a *saber* o símbolo dos Apóstolos *de cor* (S. Agost.). Quem não cura de o aprender torna-se gravemente culpado (S. T. de Aq.). Na primitiva Igreja não se baptizavam aquêles que não tinham feito esta profissão de fé e não se deixavam assistir à missa os que por êste meio não podiam justificar a sua qualidade de cristãos. Recitai *todos os dias* o vosso símbolo, nas orações da manhã e da noite, a-fim-de refrescar a vossa fé (S. Agost.). O símbolo é o renovamento do pacto concluído com Deus no baptismo (S. Ped. Cris.); é uma couraça que nos protege contra os nossos inimigos (S. Ambr.). Os alimentos corporais só nutrem quando os tomamos com freqüência; assim também a fé não alimenta a vida da alma se não repetirmos freqüentes vezes os seus actos.

1.° Artigo do Símbolo: Deus

1. Existência de um Ser supremo

1. Os sêres criados ensinam-nos que existe um Ser supremo (Rom. 1, 19; Sab. XIII, 5).

Não vemos a alma, mas dos actos racionais do homem inferimos que ela existe; assim também inferimos das obras de Deus a sua existência (S. Teóf. de Ant.).

Com efeito, a terra com as suas criaturas e os astros do céu *não podem ter-se produzido a si mesmos*, assim como os astros do céu não podem mover-se por sua fôrça própria.

Basta a existência dos astros para nos ser permitido concluir que existe Deus. O Árabe, dos vestígios na areia, e nós dos vestígios sôbre a neve ou no pó, inferimos a passagem de um viajante; do mesmo modo, da existência dos astros inferimos a existência de Deus. Tão impossível é que os astros se tenham produzido a si mesmos, como que uma cidade se construa por si mesma. O astrónomo Athan-Kirchner tinha um amigo que duvidava da existência de Deus; mandou fazer uma bela esfera e pô-la no seu gabinete. Quando o amigo lhe preguntou de onde ela viera, respondeu-lhe: «Essa esfera fêz-se por si mesma». Esta resposta fêz rir ao amigo, e Kirchner disse-lhe: «Mais fàcilmente se podia êste globo fazer por si mesmo, do que aquêles lá de cima» (*Mehler*, I, 72). Uma *luz* não se acende por si, e, quando se acende, apaga-se ao cabo de poucas horas; ora no firmamento brilha uma luz esplendorosa, o sol, e os séculos não lhe diminuíram o esplendor. Uma noite serena deixa-nos ver milhares e

milhares de estrêlas; quem as acendeu a tôdas? e quem lhes alimenta a luz maravilhosa? (Alb. Stoltz). Eis por que David exclamava: «Os céus narram a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos» (Ps. XVIII, 1), e *Newton* descobria-se e inclinava a cabeça cada vez que ouvia o nome de Deus.

Os *sêres terrestres* permitem-nos também concluir pela existência de Deus. «Interroga os animais, exclamava Job, e êles te ensinarão Deus, as aves e elas to mostrarão. Conversa com a terra e ela te responderá, e os peixes do mar te contarão de Deus. Quem não sabe que a mão de Deus fêz tudo isto?» (Job. XII, 7-9). O imenso universo é pois *um livro* onde lêmos a imensa glória de Deus (S. Ant. Erem.). Se alguém encontrasse numa ilha deserta uma bela estátua de mármore, diria sem hesitar: Por aqui passaram homens. E se alguém quisesse sustentar que a chuva ou o vento tinham arrancado um penedo da montanha e lhe haviam dado aquela forma, chamar-lhe-iam doido. Maior loucura é ainda pretender que êste maravilhoso universo não tem Criador (Cornélio Alap.).

A *ordem* admirável do universo permite estabelecer a existência de um organizador dotado de uma inteligência superior.

E primeiramente é a ordem maravilhosa da *abóbada celeste* que nos faz exigir a existência dêste ordenador. «*Quando um navio* singra com segurança para o pôrto, nós não duvidamos de que êle seja dirigido por um hábil piloto, e da ordem brilhante do universo concluímos que é dirigido por uma sabedoria infinita» (S. Teóf. de Ant.). Sustentar que os astros descrevem suas órbitas por si mesmos, é sustentar a loucura de que um navio da Europa pode deixar um pôrto sem tripulação nem piloto, dar a volta ao mundo e voltar ao ponto de partida. Cícero já dizia: «Quando consideramos o firmamento, chegamos a saber que êle é governado por uma inteligência eminentemente superior».

A *terra* apresenta também o espectáculo de uma ordem maravilhosa. O alternar do dia e da noite e das estações, a estrutura admirável do mais pequenino insecto, da mais pequenina planta e, sobretudo, do corpo humano, que S. Basílio denominou «pequeno mundo», tudo indica um organizador de inteligência superior. Com efeito,

a mais pequenina casa supõe um arquitecto dotado de razão; o *relógio* mais simples, um relojoeiro hábil. As letras de um livro, da Bíblia, por ex., não se podem ter ajuntado ao acaso, e por conseguinte muito menos pode a ordem admirável do universo ter-se produzido a si mesma.

Todos os povos estão intimamente convencidos da existência de um Ser supremo.

Em todos os povos, ainda nos mais selvagens, encontramos homenagens a uma ou mais divindades. Encontram-se cidades sem muralhas, sem reis, sem letras, sem moedas, sem leis; mas não se encontra uma cidade sem templo, sem oração, sem sacrifício (Plutarco), e, diz Cícero, aquilo em que está de acôrdo a natureza de todos os homens, deve ser a verdade. Ora a homenagem à divindade não é o resultado de uma aparência, como a rotação do sol em volta da terra (1), mas é um testemunho da consciência humana. «O conhecimento de Deus é, por assim dizer, *inato em todo o homem*» (S. Jo. Dam.), isto é, todo o homem o adquire fàcilmente.

Só os insensatos dizem: não há Deus.

Os que falam assim, a-pesar-de verem as maravilhas do universo, são homens «que têm olhos para ver e não vêem, ouvidos para ouvir e não ouvem» (S. Marc. IV, 12). Aquêle que nega a existência de Deus está nas condições de entrar para um *asilo de alienados* (Schneider). Tem o nome de ateu. Só há ateus entre *os espíritos orgulhosos* ou entre os homens de *maus costumes*. «Crendo-se sábios, tornaram-se loucos» (Rom. I, 22). Só nega Deus aquêle que teria interêsse em que Deus não existisse (S. Agost.). Os ateus, aliás, falam contra a *sua própria convicção*, porque nos grandes perigos invocam Deus. — Um hospedeiro motejou uma noite de alguns hóspedes crentes, e na mesma noite invocou o auxílio de Deus em presença de um incêndio que tinha rebentado na vizinhan-

(1) É uma resposta à objecção dos que dizem: também todos os povos creram que era o Sol que andava e todavia erraram. — Com efeito, aqui não se trata de uma ilusão dos sentidos, mas da própria voz da consciência.

(N. do T.)

ça (*Mehler*, I, 79). Os ateus são como as crianças que assobiam, às escuras, com mêdo dos fantasmas, para darem a crer que não têm mêdo.

Deus castigará um dia os ateus *pela palavra dêles* e lhes mostrará que *para êles* não há Deus, nem felicidade eterna (Maria Lat.). Basta recordar como Deus se serviu das próprias palavras dos Judeus, que, a-pesar-de todos os milagres, desesperavam do auxílio de Deus contra os Cananeus e desejavam *morrer* no deserto (Núm. XIV).

2. A Revelação também nos ensina a existência de um Ser supremo.

Deus **falou aos homens** em diversos tempos e por diversas formas (Heb. I, 1) para se dar a conhecer a êles. Apareceu a Moisés na *sarça ardente* e chamou-se Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob. Para se distinguir de todos os outros sêres, denominou-se êle mesmo o *único que existe*, dizendo: «*Eu sou aquêle que sou*» (Êxodo III, 14). Depois, ao dar a lei sôbre o Sinai, Deus repetiu: «*Eu sou o Senhor teu Deus*», tu não terás outros deuses a par de mim não os adorarás nem lhes renderás serviços (Deut. V, 6-9). — Para provar a sua existência, Deus **fêz muitos milagres**, por exemplo no monte Carmelo, onde 450 sacerdotes de Baal pediram em vão ao seu ídolo que lhes enviasse fogo do céu para consumir a sua vítima, ao passo que o profeta Elias, fazendo a mesma súplica ao verdadeiro Deus, foi para logo atendido (III Reis, XVIII). Revelou Deus também sua existência pelos milagres obrados durante o cativeiro de Babilónia, por exemplo pelo livramento dos 3 jovens na fornalha, e de Daniel na cova dos leões.

2. A natureza de Deus

O que Deus é aprendemo-lo, em parte, por meio das criaturas; porém, mais claramente pela revelação divina.

A natureza invisível de Deus tornou-se cognoscível pelas coisas criadas, diz S. Paulo (Rom. I, 20). As criaturas são um espelho em que o Criador se mostra (S. Vic. Ferr.). Da beleza das criaturas podemos inferir que aquê-

le que as fêz deve ser ainda mais belo (Sab. XIII, 1). Da grandeza imensa dos corpos celestes podemos inferir o seu *poder* infinito, que os sustém; da ordem admirável, da harmonia do universo conclui-se a sua *sabedoria*.

Mas êste caminho não nos leva a uma *ideia clara* de Deus. Por um *belo quadro* podemos conhecer o talento do pintor, mas não os seus costumes, a sua origem, a sua pátria, o seu nome. As criaturas mostram-nos a sabedoria e o poder de Deus; mas que de perfeições ficam ainda na sombra! (Luís de Gran.). Pelas criaturas conhecemos a Deus como num *espelho pouco límpido* (I Cor. XIII, 12); Deus reflecte-se nelas como o sol numa corrente rápida.

Como os homens, antes da vinda de Cristo, estavam muito *corrompidos*, a sua razão estava *obscurecida*, e por isso tanto menos capazes eram de reconhecer a Deus nas suas obras (Sab. IX, 16). Por isso Deus se revelou, falando muitas vezes aos homens pelos patriarcas, pelos profetas e finalmente por seu Filho Jesus Cristo (Heb. I, 1). As indicações *mais claras* acêrca da natureza de Deus foram-nos dadas por Cristo; os outros não podiam falar-nos dela tão claramente, porque não tinham visto a Deus (S. Jo. I, 18).

Contudo *não podemos* explicar cabalmente a existência de Deus, porque Deus é infinito, ao passo que nós somos sêres limitados.

Não podemos encerrar o oceano num vaso, nem podemos com a nossa *inteligência limitada* perscrutar a imensa majestade de Deus. «Sabei que Deus é grande, dizia Job (XXXVI, 26), e que excede a nossa sciência». «Ninguém conhece o que está em Deus, afora o Espírito de Deus» (I Cor. II, 11). As palavras são, pois, impotentes para definirem Deus, porque, diz Santo Agostinho, não se pode exprimir por *palavras* o que a inteligência não atinge.

O filósofos Simónides foi um dia interrogado por Hierão, rei de Siracusa, acêrca da natureza de Deus. Pediu o filósofo um dia, depois dois dias de reflexão, e assim por diante dobrando sempre o tempo; por último declarou ao rei: Não posso responder; quanto mais reflito nela, mais obscura se me torna (Cic.). *É mais fácil dizer o que Deus não é*, que dizer o que êle é; nem a terra, nem o mar, nem o ar, nem os seus habitantes, nem o sol, nem

a lua, nem as estrêlas são Deus, e todos exclamam: somos criados por Deus (S. Agost.).

Aquêle que pretender perscrutar a majestade de Deus *será confundido.* Aquêle que come *mel em demasia,* diz Salomão, sofrerá, e aquêle que perscrutar a majestade de Deus será esmagado pela sua glória (Prov. XXV, 27). Contam os gregos que Icaro se fêz umas asas e as pegou com cera, para voar ao céu; porém, quando se ia aproximando do sol, a cera derreteu e êle precipitou-se no mar. É uma imagem daquele que tem a presunção de compreender a Deus: é precipitado dessas alturas ao mar da dúvida e da incredulidade. Se fixamos por momentos o *sol,* sentimos um deslumbramento; com maior razão se fixarmos a majestade divina. Os próprios *anjos* velam a face diante do Altíssimo (Ezeq. I, 23) e os mais perfeitos de entre êles são incapazes de conhecer a sua grandeza. Êles vêem a Deus, mas só emquanto o compreendem (S. Cir. Jer.). São como um homem que contempla o mar de um pico elevado: vê o mar sem lhe abranger tôda a vastidão. E o que aos anjos não é dado, estaria em nossas fôrças?!

Portanto, não podemos dar de Deus senão as seguintes noções, imperfeitas e incompletas.

Deus é um ser que existe por si mesmo, duma beleza, duma perfeição, duma felicidade infinitas, criador e soberano de todo o universo.

Quando Deus apareceu a Moisés na sarça ardente, e êste lhe preguntou o seu nome, Deus respondeu: «**Eu sou aquêle que é**» (Êxod. III, 14), isto é: existo por mim mesmo. Sendo que todos os sêres só existem por Deus, em comparação com Deus é como se não existissem. Por isso David exclama: O meu ser está na tua presença como o nada (Ps. XXXVIII, 6) e Isaías diz também: todos os povos são como o nada diante dêle (XL, 17). Daí o nome de Jeová, que quere dizer: «Aquêle que é» — que os Judeus deram a Deus.

Deus é a soberana **beleza.** Se a beleza das coisas criadas pôde seduzir os homens a termos de as adorarem co-

mo divindades, quanto mais belo deve ser aquêle que é o criador desta beleza! (Sab. XIII, 3). Se êle não a possuísse num grau eminente, não poderia comunicá-la aos outros sêres. Platão dizia que Deus é o bem supremo, a origem de tôda a bondade e de tôda a beleza (Sof.).

Deus é a soberana **perfeição.** Vemos sôbre a terra *diferentes graus de perfeição* nos sêres. Uns só têm existência sem vida: as pedras; as plantas têm um elemento vital, porque crescem; os animais têm, além disso, a sensação e o movimento; o homem possui também uma vida espiritual, porque tem inteligência e amor. E contudo acima do homem há uma jerarquia inumerável de puros espíritos, cada um dos quais possui uma perfeição especial. Esta *jerarquia* não é infinita, porque se pode dividir e classificar, e o infinito não se pode dividir, que nesse caso seria imperfeito, o que é absurdo. Fôrça é, portanto, chegar a um *ser infinitamente* perfeito, que tem tôdas as perfeições imagináveis (Scheeben). Todo o belo que notamos nas criaturas não é mais que um *reflexo* da infinita perfeição de Deus (Scupoli), Deus é o ser mais perfeito que se pode conceber (S. Ans.). Deus é o melhor que se pode imaginar (S. Agost.). Deus é inefàvelmente superior a tudo o que existe, a tudo o que pode ser imaginado fora dêle (Conc. do Vatic.).

Deus é soberanamente **feliz** (I Tim. VI, 15). Deus vive perpètuamente numa felicidade infinita, jamais perturbada pelo mínimo sofrimento. Nenhuma criatura é capaz de aumentar ou diminuir a felicidade de Deus (Job, XXXV, 6); Deus *não tem precisão de nenhuma* das suas criaturas (Act. Ap. XVII, 6). O sol não precisa de luz, porque dêle vem ela; Deus bem pode passar sem nós, porque todos os bens que lhe poderíamos oferecer, dÊle os houvemos (S. Agost.). Cristo promete-nos uma felicidade semelhante à que êle possui (S. Jo. XVII, 24).

Deus é o **Criador** de tôdas as coisas, porque *êle fêz* o céu, a terra, o mar, e tudo o que nêles se contém (Act. Apost. XIV, 14). Êle é também o soberano, o senhor, o rei de todo o universo, porque êle submeteu a *leis fixas* todos os sêres que existem fora dêle (Ps. CXLIII, 6). Todos os corpos celestes se movem necessàriamente segundo suas leis. A terra é obrigada a dar volta em 365 dias e 1/4 em tôrno do sol e a girar todos os dias em tôrno do seu eixo. A lua é obrigada a dar volta à roda da terra em 27 dias e 1/3. Estas leis são observadas pelos astros com tal rigor, que se podem predizer, com anos de

antecedência, os eclipses do sol e da lua, e outros fenómenos. É segundo leis fixas que se propagam a *luz* (42:000 milhas por segundo) e o *som* (333 metros) e que os corpos *caem*, (o espaço percorrido é proporcional ao quadrado do tempo). O crescer dos corpos orgânicos, plantas ou animais, obedece também a leis imutáveis; tão pouco podem os homens viver sem ar, como os peixes sem água, etc. Os *sêres racionais* são também sujeitos a leis fixas ou mandamentos. Mas, como são dotados de liberdade, podem transgredir estes mandamentos, e esta transgressão, por sua vez, é punida segundo leis fixas. Deus se chama, portanto, com justo direito, rei (Ps. XCIV, 3) e êle é o rei dos reis (I Tim. VI, 15), o rei da eternidade (Tob. XIII, 6). A majestade dos reis da terra não passa de uma sombra da majestade de Deus.

Visto, portanto, que Deus é o nosso soberano senhor, devemos-lhe *obediência* (Act. Apost. V, 29). Deus submeterá todos os sêres à sua vontade, ou contra vontade dêles, e será a sua desgraça; ou com o consentimento dêles, o que fará a sua felicidade.

2. Nós não podemos ver a Deus, porque êle é um *espírito*, isto é, um ser incorpóreo, imortal, dotado de inteligência e de vontade.

Jesus Cristo disse: «Deus é espírito e quere ser adorado em espírito e em verdade» (S. Jo. IV, 24). Sendo espírito, Deus proïbira aos Judeus qualquer imagem da divindade (Êx. XX, 4). Deus não pode ser visto *por homem* algum (I Tim. VI, 16). Entre nossos olhos e êle há como que um véu (S. Jo. Cris.). As estrêlas estão também de dia no céu e nós não as vemos; só as distinguimos de noite quando o céu está límpido; assim não podemos ver Deus emquanto dura o dia da nossa vida (Êx. XXXIII, 21); só o veremos depois da morte (I S. Jo. III, 2), se a nossa alma está isenta de qualquer pecado grave. Deus é um espírito oculto (Is. XLV, 15) e habita numa luz inacessível (I Tim. VI, 16).

Mas Deus mostrou-se algumas vezes *sob formas visíveis*.

Sob forma de um viandante (a Abraão), de uma pomba (no baptismo de Jesus Cristo), de línguas de fo-

go (no Pentecostes). Contudo em caso algum Deus se mostra tal como é. O nosso pensamento, que está oculto em nossa inteligência, torna-se manifesto por meio do som da palavra: e é desta sorte que Deus aparece; mas, assim como o som não é o pensamento, assim também a forma da aparição não é Deus em pessoa (S. Agost.). Não se tome escândalo de a Bíblia falar *dos olhos, dos ouvidos, das mãos de Deus;* estas expressões são apenas empregadas para nos fazerem compreender melhor as perfeições de Deus. Os homens não podem ter uma ideia de Deus senão por meio de imagens corporais (S. Fulg.). Estas expressões mais fàcilmente nos fazem compreender que Deus vê, ouve, opera, etc. (S. Efrém).

3. *Só há um Deus* (Deut. V, 6).

O ser *soberanamente perfeito* é por necessidade único, assim como *uma só* árvore pode ser a mais alta de tôdas as outras. A *ordem* do universo indica-nos que há *um* só autor dela. Tão impossível é haver muitos deuses como haver muitos pilotos num navio e muitas almas num corpo (Lact.). Os próprios *pagãos* honravam uma divindade como sendo a mais alta: os Romanos, Júpiter; os Gregos, Zeus. No momento do perigo, ao prestar juramento, nas felicitações e agradecimentos, os antigos de ordinário só invocavam um Deus único. A alma dêles, no dizer de Tertuliano, era de seu natural cristã. O *politeísmo* (religião de muitos deuses)) proveio de os homens tomarem pelo próprio Deus as operações de Deus em a natureza, as *fôrças naturais* que os enchiam de terror (o raio, o trovão, o fogo, etc.). Olharam também os *anjos*, bons ou maus, como deidades inferiores, e os adoraram. Emfim, a *corrupção* levou-os a considerarem e adorarem criaturas como o *soberano bem*.

3. As perfeições de Deus

Atribuímos a Deus diversas perfeições, porque a sua perfeição *única* reflecte-se nas criaturas de *diversos modos*.

O sol, ao nascer, ora é purpúreo, ora pálido; contudo êle só tem uma luz cujas côres variam segundo os va-

pores que se levantam da terra e se põem entre o sol e os nossos olhos. Deus também só tem uma perfeição; nêle não há variedade alguma, mas as suas obras mostram-nos esta perfeição sob vários aspectos (S. Fr. de S.). Uma païsagem, sem deixar de ser a mesma, varia de aspecto conforme o ponto de vista.

As perfeições de Deus são, portanto, **denominações diversas de uma só e indisível perfeição divina** ou natureza divina. Em Deus, tôdas as perfeições que nós lhe atribuímos, são uma só e a mesma realidade; a sua bondade é ominpotência; a sua omnipotência é sapiência; a sua sapiência é justiça, etc. As qualidades de Deus e a sua soberana perfeição são uma e a mesma coisa: *Deus é a eternidade*, é a omnipotência, é a sabedoria, etc. É, pois, impróprio dizer: Deus possui a eternidade, a omnipotência. Deus, com efeito, é o Ser dotado de uma *simplicidade perfeita*, sem a mínima composição. As perfeições apenas são divididas pela operação da nossa inteligência. Nas criaturas já não sucede o mesmo: as suas qualidades, na realidade, são diferentes e divididas.

A nossa razão distingue as perfeições divinas em perfeição do **ser**, da **inteligência** e da **vontade** de Deus.

As perfeições do **ser** são a *eternidade* (infinito na adoração), a *ubiqüidade* (infinito no espaço), a *imutabilidade*. — As perfeições da **inteligência** são: a *omnisciência*, e a *sapiência* infinita. — As perfeições da **vontade** são: a *omnipotência*, a suprema *bondade* e, por conseguinte, a *paciência* e a *misericórdia*, a *santidade*, a *justiça*, a *veracidade* e a *fidelidade* infinitas.

1. Deus é eterno, quere dizer: Deus existiu sempre e existirá sempre (S. Greg. Naz.).

As palavras dirigidas por Deus a Moisés: «Eu sou aquêle que é» (Ex. III, 14), exprimem a sua eternidade. — Deus *nunca teve princípio* como os homens; ninguém o podia ter criado porque nenhum ser existe que não seja ou Deus ou criatura de Deus (S. Agost.). Seria absurdo dizer que Deus se criou a si pórprio, porque, diz S. Efrém, se alguém se pudesse criar a si próprio, existiria antes de

existir. Deus existia antes do universo (Ps. LXXXIX, 2) como o arquitecto existe antes da casa, como o relojoeiro antes do relógio.

Deus *nunca terá fim*, como os homens têm (Ps. CI, 38); é por isso que êle se denomina Deus vivo (S. Mat. XVI, 16), Deus imortal (I Tim. I, 17). *Deus existiu antes do tempo e existirá durante tôda a eternidade.*

Para Deus não há passado nem futuro, há só um **presente permanente** (S. Agost.). Deus vê tôdas as coisas como presentes (S. Greg. Mag.), ainda as que nós chamamos passadas ou futuras. Na vida de Deus, os acontecimentos não se sucedem; a seus olhos não há *tempo*. Um dia, diz S. Pedro (II Ep. III, 9), é diante do Senhor como mil anos, e mil anos como um dia. Por isso um espaço de tempo, por grande que seja, não é uma parte da eternidade. O tempo enorme que levaria uma avezinha a esgotar o oceano, gota a gota, nada seria em confronto com a eternidade. E se de um rochedo alto como o firmamento se tirasse um grão de pó de mil em mil anos, e se esta série imensa de anos fôsse a eternidade, os condenados exultariam pelo fim dos seus tormentos (S. Bernardino). Se, pois, quereis a felicidade eterna, uni-vos àquele que é Eterno (S. Agost.).

Deus é dotado de *ubiqüidade*, quere dizer: Deus está em todo os lugares.

Quando Jacob no meio do campo teve a visão da escada misteriosa, exclamou: «Em verdade Deus está neste lugar e eu não o sabia» (Gen. XXVIII, 16); estas palavras aplicam-se a todos os lugares. — Mas Deus não está em tôda a parte sòmente pela sua potência (como o sol está presente na terra pela sua influência), mas *enche* e *penetra* tudo: Deus enche o céu e a terra (Jer. XXIII, 24), o espírito de Deus enche o universo (Sab. I, 7).

1. Deus está presente em tôda a parte, porque tôdas as criaturas *estão em Deus*.

O universo existe no espírito de Deus do mesmo modo que *um pensamento* existe no nosso espírito. Êste é um produto da nossa alma, como o universo é produzido por Deus. Ora a nossa alma é mais extensa que o

nosso pensamento; assim também Deus é maior que todo o universo, e como a nossa alma penetra todo o nosso pensamento, assim Deus penetra todo o universo; daí as palavras de S. Paulo no Areópago: «Nêle vivemos, nêle nos movemos, nêle existimos» (Act. Ap. XVII, 28). Nenhum lugar existe sem a presença de Deus, e todo o lugar está em Deus (S. Hilário). Contudo não se mistura Deus com as criaturas. Deus permanece Deus e as criaturas permanecem criaturas. Deus distingue-se completamente delas.

2. Contudo Deus não é limitado por lugar algum, nem mesmo pelo universo, porque Deus *não tem limites.*

Na consagração do templo, Salomão exclamou: «Visto que o céu e os céus dos céus vos não podem conter, muito menos vos não poderá conter a casa que vos construí» (III Reis VIII, 27). O infinito não pode estar num espaço mensurável (Orígenes). Aquêle que tudo contém em si não pode caber num lugar (S. Pedro Cris.). Só os corpos ocupam lugar; os espíritos não ocupam lugar, mas não podem operar em vários lugares ao mesmo tempo: as suas acções são limitadas a um determinado lugar. Deus não. — Deus está em tôda a parte (porque está em todos os lugares) e não está em parte alguma (porque não é limitado por nenhum lugar) (S. Bernardo). Está perto e longe de nós, em nós, e contudo fora de nós; tôda a criação está nêle, sem contudo êle estar limitado nela (S.to Efrém).

3. Contudo Deus *está sem extensão no espaço* e está, por conseqüência, todo em cada lugar.

Embora Deus seja maior que todo o universo, a sua grandeza *não se assemelha à distância* do céu à terra, ainda mesmo prolongada. Deus não tem extensão. Êle não *está*, portanto, *espalhado* no espaço, como se estivesse metade no céu e metade na terra (S. Agost.). Está *em tôda a parte* e em tôda a parte está *todo êle*. Está *todo* no céu e *todo* na terra. Todo no céu só e todo em cada lugar do céu e da terra (S. Agost.). A *alma* humana também enche o corpo *todo*, está tôda em cada parte do corpo e contudo não tem extensão no espaço.

4. Deus está *de modo especial* presente no céu, no SS. Sacramento e nas almas justas.

No céu Deus mostra-se face a face; no *SS. Sacramento* o Homem Deus está presente sob as espécies do pão e do vinho; nas almas justas, Deus habita pelo Espírito Santo. — Os reis da terra, pôsto que habitem todo o seu palácio, têm uma só sala de trono, onde dão solenemente audiências e distribuem pùblicamente seus favores. Assim também Deus.

5. *Não há lugar* onde Deus não esteja.

Os olhos do Senhor estão em todos os lugares, vêem os bons e os maus (Prov. XV, 8). Muitas vezes, nas igrejas, por cima do altar, vê-se uma imagem chamada o ôlho de Deus: esta imagem recorda-nos que Deus está presente em tôda a parte. *Portanto, ninguém se pode esconder de Deus* (Jer. XXIII, 23); temos a prova na história do pecado original. «Queiras ou não, diz S.to Agostinho, Deus vê-te e não podes ocultar-te ao seu olhar». Portanto, *ninguém pode fugir de Deus*, quer suba ao céu, quer desça aos infernos, quer fuja até às últimas extremidades do oceano (Ps. CXXXVIII, 7). *Jonas* tentou fugir a Deus e não o conseguiu. — É, pois, preciso evitar *todo o pecado*. Se um homem nos surpreende cometendo uma acção má, sentimos inexprimível vergonha; e o homem tem a desvergonha de se entregar aos vícios repugnantes na presença de Deus. Oh loucura! (S. Agost.).

Portanto, devemos sempre pensar que Deus está junto de nós.

Lembra-te, em todos os lugares, de que Deus está perto. Assim como não cessamos de respirar, não devemos cessar de pensar em Deus (Cura de Ars). Não há um só momento em que nós não gozemos dos benefícios de Deus; não deve haver momento algum em que o pensamento de Deus se afaste de nossos corações (S. Agost.). Bem-aventurado, diz S.to Efrém, aquêle que conserva sempre a lembrança de Deus; é como um anjo do céu sôbre a terra. É a êle que se aplicam as palavras de Jesus Cristo:

«Bem-aventurado o servo que seu amo encontra desperto» (S. Luc. XII, 37).

O exercício constante da presença de Deus tem para nós grandes vantagens: afasta-nos eficazmente do *pecado*, mantém-nos na *graça de Deus*, anima-nos às *boas obras* e torna-nos *intrépidos*.

O exercício da presença de Deus dá fôrças contra as tentações; e **sustém-nos no declive do pecado.** Assim José em casa de Putifar. Os soldados combatem mais valorosos sob os olhares do seu rei, precisamente porque, estando presente, pode puni-los ou recompensá-los (S. Af.). Com que dignidade nos havemos diante de *um príncipe!* Com mais razão quando sabemos que estamos na presença de Deus (S. J. Cris.). Quem pensa na presença de Deus nunca pecará (S. T. de Aq.); tão pouco êle caïrá no pecado, como aquêle que se *segura* a um objecto sólido. — Êste exercício é, portanto, o melhor meio de perseverar **na graça de Deus.** Aquêle que anda sempre na presença de Deus nunca perderá o amor de Deus (S. T. de Aq.), tão difícil lhe será perdê-lo como é difícil perder um objecto que se tem seguro com fôrça na mão (S. Fr. de S.). — Êste exercício **aumenta também o nosso zêlo** *pelo bem* e leva, por conseguinte, *a tôdas as virtudes*. O pensar que Deus nos observa é para nós como o olhar do amo: faz-nos cumprir com mais zêlo e exactidão os nossos deveres. Quanto mais perto da nascente, mais límpida é a água; quanto mais perto está o fogo, maior é o calor, diz S. Greg. Naz., e quanto mais perto de nós estiver Deus, por uma recordação contínua da sua presença, mais perfeitos seremos; emquanto o ramo está unido ao tronco, dá fruto; emquanto o cristão está espiritualmente unido a Deus, produz frutos abundantes para a vida eterna. — Finalmente, êste exercício torna-nos **intrépidos.** S. Jo. Cris. respondeu à imperatriz Eudóxia que o ameaçava com o exílio: «Só poderíeis assustar-me se pudésseis enviar-me para um lugar onde Deus não estivesse». E David dizia: «Ainda que eu caminhasse à sombra da morte (quere dizer: entre perigos de morte), não temeria mal algum porque vós estais junto de mim» (Ps. XXII, 4). Se, pois, tendes receio de ir só a alguma parte, lembrai-vos de que Deus está presente em tôda a parte. Quando um homem tímido tem

junto de si um companheiro, deixa de ter mêdo; e temeríamos nós, nós que sabemos que o Senhor omnipotente está connosco (S. Ros. de Lima), e que sem a sua vontade nenhum ser se move? (S. Fr. de S.). — Esquecemos, por desgraça, muito fàcilmente a presença de Deus. Fazemos como um cego à mesa, quando lhe fazem notar a presença de um conviva ilustre: está com respeito algum tempo, e momentos depois perde êsse respeito outra vez, porque não vê o conviva e depressa esquece a sua presença (S. Fr. de S.).

3. Deus é *imutável*, quere dizer: Deus é sempre o mesmo (Ps. CI, 28).

Deus não aumenta nem diminui (Ecli. XLII, 21), não se torna melhor nem pior, nunca retira a sua palavra, etc. (Núm. XXIII, 19). Deus nada pode perder, de nada carece que o não tenha já; nêle não há, pois, mudança alguma (S. Agost.). — A própria **criação** não operou mudança em Deus. Êle tinha decretado, desde tôda a eternidade, que criaria o universo no tempo. Os decretos de Deus para uma obra nova não são novos, são eternos (S.to Agost.). Deus muda as suas obras, não muda as suas vontades (id.). A **incarnação** só mudou o *homem* que se tornou melhor, mas a divindade nada recebeu, porque ela possuía tôdas as perfeições; também nada perdeu, assim como nada perde o sol quando se esconde por detrás de uma nuvem (S.to Ambr.). O nosso pensamento não muda por se revestir da palavra exterior; Deus não mudou por se revestir da humanidade. — Deus também não muda **ao punir** os pecadores; não é Deus que muda, são os homens. Adão e Eva, emquanto não pecaram, foram felizes; depois do pecado, tornaram-se desgraçados; êles mudaram, mas Deus permaneceu o mesmo. (S.to Agost.). Quando o coração é bom, contempla a Deus na sua infinita caridade e amabilidade; quando o coração é mau, vê no Deus imutável o juiz irado e vingador (id.). O *sol* actua assim sôbre os olhos: a luz alegra os olhos sãos, mas fere os olhos doentes: não é o sol que muda, são os olhos. O espelho há-de reflectir-vos de vário modo conforme o olhardes encolerizado ou de bom humor; o espelho é sempre o mesmo, mas o homem não. Quando o sol brilha através de *vitrais de côr*, os raios tomam as côres dos vitrais; o sol não mudou, só os raios se tor-

naram diferentes. — Deus também não muda quando *recompensa;* então Deus não modifica os seus decretos, o homem é que mudou as suas obras (S. Jer.). Quando a Sagrada Escritura diz que Deus *se arrepende* de ter criado o homem, que Deus se irrita, etc., exprime-se dêste modo apenas para se acomodar à nossa maneira de falar.

4. Deus é *omnisciente,* quere dizer: Deus sabe tudo: o passado, o presente, o futuro, até os nossos mais secretos pensamentos.

Deus sabia que Adão e Eva haviam comido do fruto proïbido; Jesus Cristo sabia de antemão a renegação de S. Pedro, a ruína de Jerusalém e muitos outros acontecimentos. Conhecia os pensamentos do fariseu Simão, que se escandalizava de o ver a receber tão cordialmente a pecadora (S. Luc. VII, 40). A divindade assemelha-se a um *espelho* de grandeza e limpidez infinitas; tôdas as nossas acções se reflectem nêle (S. Teresa). Deus olha do alto do céu, diz o Salmista (XXXII, 13) e vê todos os filhos dos homens. Seus olhos são mais brilhantes que o sol (Eccles. XXIII, 26). Aquêle que fêz o ouvido, não ouvirá? e aquêle que fêz o ôlho, não verá? (Ps. XXXIX, 9). Nenhuma criatura é oculta diante dêle (Hebr. IV, 13). Deus vê o que é secreto (S. Mat. VI, 18), vê o que eu faço, melhor do que eu mesmo (S. Agost.).

Deus vê *ao mesmo tempo* o passado, o presente e o futuro, como do alto de uma montanha vemos tôda a païsagem com um só olhar. Diante de Deus o futuro já está realizado (S. Jer.). — *Daqui não se segue que o homem cumpra fatalmente o mal que Deus prevê.* É o mesmo que vermos de longe um homem que se mata: nós vemo-lo porque êle o faz, mas êle não o faz porque nós o vemos. O passado que está na minha memória não é por estar lá que êle sucedeu; assim também o que Deus vê no futuro não sucede fatalmente por êle o ter na previsão (S. Agost.). *Quando Deus prevê a condenação dos homens, Deus não é a causa dela.* Também o médico, pelo andamento da doença, prevê a morte do enfêrmo, e nem por isso é causa dela. O sábio franciscano Duns Scoto passava um dia junto de um camponês que blasfemava horrìvelmente; suplicou-lhe Scoto que se não expusesse levianamente ao inferno. «Deus, replicou o camponês, sabe tu-

do; se êle tem resolvido mandar-me ir para o céu, lá chegarei; se resolveu condenar-me, de nada me serve o que faço». — «Pois bem — retorquiu-lhe Duns Scoto — deixa então o teu campo, não o trates. Se Deus tem resolvido dar-te uma colheita, tu a terás sem êsse trabalho, e, se êle resolveu não ta dar, o teu trabalho é inútil». Reconheceu então o camponês que o homem, pelas suas acções, e não Deus pela sua presciência, é a causa da sua salvação ou da sua perdição (Overberg).

Deus sabe também o que aconteceria *em certas circunstâncias*; é por isso que algumas vezes nos manda uns males para evitar outros maiores.

Jesus Cristo sabia que Tiro e Sídon se teriam convertido se tivessem visto tão grandes milagres como os que viram Corozaím e Betsaida (S. Mat. XI, 21). — Deus prevê que tal justo seria corrompido pelo mundo se êle o não tirasse prematuramente da vida (Sab. IV, 11). Deus previa que o permanecer no paraíso faria muito mal a nossos primeiros pais, e foi por isso que os expulsou (S. Jo. Cris.). Deus prevê que tal homem abusaria da *riqueza* pelos seus vícios, e manda-lhe a pobreza; que tal outro se perderia numa vida cómoda e tranqüila, e deixa-o perseguir pelos maus (S. Greg. Mag.); é, pois, por bondade para com os homens que Deus lhes manda provações. Êste pensamento nos fará aceitar as cruzes com resignação. Como Deus sabe tudo antes, seria impróprio interpretar literalmente a expressão: Deus *experimenta* o justo, porque sabe como o justo se comportará: seria mais exacto o dizer: Deus *dá* ao justo *ocasião* de mostrar a sua virtude.

Deus omnisciente *manifestará no grande dia tudo o que é secreto.*

Nada está oculto, diz Jesus Cristo, que não venha a manifestar-se, e nada é tão secreto, que não venha a ser conhecido e revelado (S. Luc. VIII, 17). Deus revelará e manifestará tôda a nossa vida, *sobretudo à hora da morte* e no *último dia*. O sol nascente alumia tôdas as coisas e deixa-lhes ver as verdadeiras aparências; assim Jesus Cristo, sol de justiça, alumiará, isto é, julgará tudo à luz da sua omnisciência. Tôdas as nossas orações, as esmolas, os

jejuns, os actos de castidade por Deus, estão escritos (no livro da vida) (S. Cir. Jer.).

Convém, pois, *pensar* muitas vezes na omnisciência de Deus, sobretudo no momento da *tentação* e também quando sofremos *injustamente*.

Entrou um dia uma criança numa casa. Crendo que estava só teve tentação de pegar numas maçãs que havia ali. «Não, exclamou ela logo, quando o pensamento da omnisciência de Deus lhe lembrou, não o farei, Deus vê-me». — Leva as que quiseres — respondeu-lhe então alguém que estava escondido por detrás de um reposteiro. Vê-se que vantajoso foi êste pensamento para aquela criança (*Mehler*, I, 106). Quem sabe que o vigiam, evita as faltas; sabendo que somos observados por Deus, manteremos nossa alma pura. Vivei como se não houvesse no mundo senão Deus e vós (S. Af.). — Job, exprobrado por sua mulher e desamparado de seus amigos, consolava-se com o pensar que Deus sabia tudo (Job. XVI, 16). O mesmo fazia a casta Susana (Dan. XIII, 42). Deus fará brilhar a tua justiça como a luz, o teu direito como o sol ao meio dia (Ps. XXXVI, 6).

5. Deus é infinitamente *sábio*, quere dizer: Deus sabe empregar os meios infalíveis para chegar aos seus fins.

O fim que Deus tem em vista não é senão a **sua glória** e o **bem das criaturas.** Quando um lavrador quere ter uma colheita abundante, amanha cuidadosamente o seu campo, estruma-o, escolhe as melhores sementes, faz a sementeira no devido tempo; chamar-se-á *sábio* (prudente) porque emprega os melhores meios para atingir os seus fins. Deus faz o mesmo. Vêde com que sabedoria êle dispôs tudo para *preparar os homens para a vinda do Salvador:* a vocação de Abraão, a viagem dos filhos de Jacob ao Egipto, a purificação dos Judeus por uma sorte muito dura no Egipto e no deserto, a missão dos profetas, o cativeiro de Babilónia para instrução dos pagãos, etc. A sabedoria de Deus revela-se também *na vida de certos indivíduos:* de José no Egipto, de Moisés, de S.

Paulo, por ex., assim como na marcha dos povos e dos impérios. Ó profundidade dos tesouros da sabedoria e da sciência de Deus! Como seus juízos são incompreensíveis! (Rom. XI, 33).

1. A sabedoria de Deus manifesta-se também em êle empregar precisamente as *coisas de menor aparência* para glorificar o seu nome.

«Deus, diz S. Paulo (I Cor. I, 27), escolheu os fracos aos olhos do mundo para confundir os poderosos». Entre todos os astros escolheu Deus a pequenina terra para teatro de suas revelações, a Palestina para berço do cristianismo, uma pobre virgem para sua mãe, um pobre carpinteiro para seu pai adoptivo, simples pescadores para mensageiros do Evangelho, e elevou a grandes dignidades homens de modestas aparências (José, Moisés, David, Daniel, etc.). Deus manda prègar o evangelho aos pobres (S. Mat. XI, 5) e oculta as verdades do evangelho aos sábios e aos prudentes (Id. *ibid.* 25). Aos humildes dá sua graça e resiste aos soberbos (S. T. IV, 7). Serve-se muitas vezes dos meios mais mesquinhos para nos socorrer *nas necessidades*. Fugindo S. Félix de Nola († 310) diante de seus perseguidores, refugiou-se na fenda de uma parede velha; uma aranha veio tecer sua teia por diante, e os perseguidores, vendo-a, inferiram que ninguém ali tinha entrado, e seguiram (*Mehler*, I, 185). Assim dá a protecção de Deus a uma teia de aranha a fôrça de uma muralha e sem a sua protecção uma muralha não vale uma teia de aranha (S. Paulino). Uma pobre viúva devia pagar uma dívida já paga por seu marido, e procurou em vão o livro onde êle tinha escrito as suas contas. Na véspera do processo orava ela com fervor, acompanhada por seus filhos, até à noite, e eis que um vagalume entrou pela janela e foi volitando para detrás de um armário. A mais nova das crianças quis por fôrça ver o insecto; a mãe arredou um pouco o armário, e o livro por tanto tempo procurado caíu ao chão. Aqui estão os meios simplicíssimos com que Deus concede o seu auxílio. — Emfim, Deus quere que cheguemos à virtude e ao céu pelas tentações (II Cor. XII, 9). Quando uma obra útil encontra muita oposição e obstáculos, é sinal evidente de que ela vem de Deus. S. Filipe Néri recusou-se a uma obra por ela não encontrar obstáculos.

Uma obra, declarou êle, que começa de modo tão brilhante, não tem de-certo Deus por autor. — Que de obstáculos Cristóvão Colombo não encontrou quando quis começar a sua viagem de descobrimento em 1492! Que de perigos no mar, à ida e à volta! Que de ingratidões recebeu do mundo! A conclusão impõe-se.

2. A sabedoria de Deus, emfim, mostra-se na bela *ordem* do universo.

Todos os sêres visíveis têm entre si íntimas relações, estão mùtuamente coordenados. Assim como um relógio pára em se lhe tirando ou deslocando uma mola, assim haveria perturbação no universo se qualquer sêr fôsse suprimido ou mudado (S. Jo. Cris.). Se se exterminassem as aves, os insectos multiplicavam-se de modo assustador, o equilíbrio da natureza seria destruído. Os sêres que servem de alimento aos outros multiplicam-se muito, ao passo que os carnívoros: leão, águia, etc., têm uma descendência muito menos numerosa. Como tudo está admiràvelmente disposto! — diz S. Basílio. — Nada sôbre a terra existe **sem um fim** ou **sem utilidade**, ainda que à primeira vista nós não vejamos essa utilidade. Que útil não é, por ex. a alternativa do sol e da chuva, do dia e da noite, das diferentes estações! Que vantajosa a diversidade dos talentos, das carreiras, etc.: são coisas que contribuem para a união dos homens. Uma harmonia pressupõe tons altos e baixos: assim a harmonia social é produzida pela diversidade dos talentos (S. Agost.). O mais pequeno insecto, por feio e incómodo que seja, tem sua utilidade. Muitos *insectos* absorvem os gases que infestariam a atmosfera. Os avestruzes devoram os cadáveres dos animais que, corrompendo-se, especialmente nas regiões tropicais, empestariam o ar. Ainda aquêles fenómenos que de facto causam mal a muita gente, como o *raio*, a *saraiva*, as *inundações*, os *tremores de terra*, a *peste*, etc. não nos parecerão só nocivos, se pensarmos que Deus se serve dêles para livrar almas da perdição eterna. Aliás, estes mesmos feñómenos têm para o homem certa utilidade: por ex. as inundações do Nilo. As tempestades e os vendavais contribuem para a vegetação: cuidamos que a natureza destrói, e ela trabalha e fecunda.

Como é esplêndido o movimento e **a marcha dos astros!** Imaginai que o movimento da lua em tôrno da

terra, e o da terra em tôrno do sol, e que a rotação da terra, existem apenas para nos fazerem da terra uma habitação agradável! Como é útil a inclinação do eixo da terra sôbre o plano da eclíptica! Sem ela quási não haveria variedade sôbre a terra, e só uma pequena parte da terra seria habitável. E se alguém se escandaliza com as longas noites polares, que pense nas *auroras boreais* e *austrais*. Os tons aprazíveis e a admirável harmonia de uma cítara obrigam-nos a concluir que a tange um artista hábil; quanto mais a bela ordem do universo nos demonstrará a sabedoria e a arte infinitas daquele que o governa! (S. Greg. Naz.). Oh! Senhor! que admiráveis são as vossas obras, diz o Salmista (CIII, 24), vós tudo fizestes com sabedoria.

6. Deus é *omnipotente*, quere dizer: pode fazer tudo o que lhe apraz, e em virtude ùnicamente da sua vontade.

Deus pode fazer tudo, ainda aquilo que se nos afigura *impossível*: por ex. livrar os três jovens da fornalha ardente. Casos idênticos sucederam durante as grandes perseguições. A Deus, diz Jesus Cristo, tudo é possível (S. Mat. XIX, 26). E Gabriel dizia a Maria: «A Deus nada é impossível (S. Luc. I, 37). Deus não seria Deus, se não pudesse fazer tudo o que quere (S. Ped. Cris.). Deus pode tudo o que quere, *mas não quere tudo o que pode* (*Teod.*). Deus nem pode nem quere o *que repugna às suas perfeições infinitas*, por ex. mentir, enganar. Deus não quere também tudo o que poderia fazer, contenta-se com o que êle reputa *suficiente* (*ibid.*). Deus, pois, poderia criar um universo mais belo, outros universos, outras criaturas. — Quando as criaturas querem empreender uma obra, são obrigadas a submeter-se às leis fixadas pelo Criador e a conter-se em limites definidos: Deus nada o liga. *Basta-lhe querer* e para logo as coisas se fazem. Deus falou e os sêres se fizeram; ordenou e os sêres foram criados (Ps. CXLVIII, 5).

A omnipotência divina revela-se sobretudo na *criação*, nos *milagres* de Jesus Cristo e nos milagres obrados antes e depois dêle para provar a verdade da religião cristã.

A terra tem 12.756 quilómetros de diâmetro. Mas o sol é maior, porque o seu diâmetro é mais de 100 vezes maior que o da terra. Existem todavia globos celestes maiores ainda; alguns, se estivessem no lugar do sol e se levantassem às 6 horas da manhã, não teriam ainda aparecido completamente às 6 horas da tarde. Que imensidade de *volume!* A terra dista do sol 21 milhões de milhas; uma bala de canhão animada da mesma velocidade levaria 25 anos a percorrer esta distância. Neptuno, que é também um planeta, dista do sol 624 milhões de milhas; uma bala de canhão gastaria 800 anos a percorrê-las. Mas há estrêlas que não pertencem ao nosso sistema planetário e que estão mil e até muitos milhões de vezes mais afastadas de nós. A luz, que anda 42:000 milhas por segundo leva muitos biliões de anos a chegar a nós. Que imensidade na *distância* dos astros! — Em roda do sol movem-se 8 grandes planetas e, entre o 4.º e o 5.º, 280 pequenos planetas. O planeta mais próximo do sol dista dêle 8 milhões de milhas e o mais afastado 600 milhões. Além disso há no firmamento 30 milhões de estrêlas fixas, que são outros tantos sóis maiores que o nosso e que são, por sua vez, centro de um sistema planetário. Que imensidade no *espaço!* — E tudo isto foi tirado do nada por Deus! Que infinita deve, pois, ser a potência do Ser supremo! — *Tudo o que eu vejo me manda êste grito:* Deus! Como sois poderoso, como sois grande! — É preciso ainda acrescentar os milagres de Jesus Cristo: a ressurreição de Lázaro, o serenar da tempestade, etc.; o livramento dos três jovens da fornalha, os inumeráveis milagres de Lourdes, os numerosos corpos intactos de Santos, etc. Quem poderá narrar as maravilhas do Senhor e publicar seus louvores? (Ps. CV, 2).

Sendo Deus todo-poderoso, podemos esperar o seu auxílio *nas nossas mais graves necessidades.*

Deus tem mil meios de nos ajudar. Pode, por ex. mandar um *anjo,* como fêz a S. Pedro na prisão, ou fazer um milagre, como no lago Genesaré; mas em regra geral Deus serve-se *dos meios mais fracos* para nos socorrer. É assim que êle revela a sua grandeza. Para salvar a José no Egipto, serviu-se de um sonho; para salvar Betúlia, de Judit, uma simples mulher. Para Deus não é

mais difícil prestar socorro com poucos do que com muitos meios (I Reis, XIV, 6).

7. Deus é soberanamente *bom*, quere dizer: Deus ama as suas criaturas mais do que um bom pai ama os seus filhos.

Deus ama as suas criaturas, isto é, não lhes deseja senão bem e não lhes procura senão benefícios. **Deus é o próprio amor** (I S. Jo. IV, 8). O amor é essencial à sua natureza. A nascente não pode produzir senão água; o sol, luz; Deus não pode não amar e ser bemfazejo. A bondade de Deus é essencialmente diversa *da bondade das criaturas*, diz Alb. Stoltz, como a luz de uma parede iluminada pelo sol se distingue do sol. A parede só é luminosa pela *luz comunicada*, emquanto o sol é a própria luz; assim as criaturas não são boas, cheias de amor, senão porque Deus lhes comunica a bondade, o amor. Mas Deus não é sòmente bom: êle é a própria bondade, o próprio amor. Por isso Jesus Cristo disse: «Ninguém é bom senão *Deus*» (S. Marc. X, 18).

1. O amor de Deus estende-se a *tôdas as criaturas* (Sab. XI, 25).

O sol ilumina os espaços imensos do céu e o amor de Deus abrange tôdas as criaturas. Os próprios animais, não os exclui (S.^to^ Efrém); Cristo diz das avezinhas: «Nenhuma delas é esquecida de Deus» (S. Luc. XII, 6).

2. Deus ama especialmente os *homens*, porque lhes fêz inumeráveis benefícios excepcionais, e enviou seu Filho para os salvar.

Numerosos e assinalados são os **benefícios** que recebemos de Deus. «A sua bondade, diz S. Leão, reflecte-se em nós como num espelho. Que maravilhas encerrou em nosso *corpo;* deu-nos os sentidos e a linguagem, dotou o nosso *espírito* com numerosas faculdades: inteligência, liberdade, memória. Que nos não dá êle para o corpo? Alimento, bebida, habitação, vestido, saúde, etc.! De que beleza não revestiu a *terra* para nós? A luz, o

calor, o ar, o fogo, as plantas, com seus variados frutos, os inumeráveis animais, peixes, aves, tudo isto êle criou para nossa utilidade e recreio. Depois, que *variedade* na terra: a sucessão das estações, a alternativa do dia e da noite, da chuva e do bom tempo. Que *fôrças* Deus pôs na natureza para nós as empregarmos em nosso proveito: o magnetismo, a electricidade, o vapor! Que tesouros êle encerrou há tantos séculos *no seio da terra* para os homens: minas de carvão, salinas, pedras e metais preciosos, etc.! Deus em verdade fêz o homem *Senhor da criação* (Gen. I, 25), e provou assim quanto o ama. — Deus ama-nos muito mais do que nós nos amamos (S. In. Lo.): o seu amor excede soberanamente o próprio *amor materno* (Is. XLIX, 15), e o amor de *tôdas as criaturas reünidas* não se aproxima do amor de Deus por nós. A nascente do seu amor é sempre inexaurível e é sempre igual, ainda que milhões de homens se aproximem dela (S. Fr. de S.).

Mas o amor de Deus demonstra-se sobretudo **por êle nos ter dado seu filho.** Deus amou tanto o mundo, diz Jesus Cristo, que deu seu Filho único (S. Jo. III, 16). Abraão deu a Deus a prova mais brilhante do seu amor, oferecendo-lhe o *que êle mais amava*: seu filho; assim usou Deus connosco. Não se pode dar maior prova de amor, diz Jesus Cristo, do que *dar a vida* pelos seus amigos (S. Jo. XV, 13), e Cristo quis *sofrer tanto* na cruz para nos mostrar o excesso do seu amor. Tôda *a vida do Crucificado* nos prova o seu grande amor por nós; inclinou a cabeça para nos beijar, abriu os braços como para nos abraçar, abriu o coração para nos encerrar no seu amor (S. Agost.). No *SS. Sacramento* Jesus Cristo quis mesmo perpetuar a sua presença entre nós; na *S. Comunhão* quere unir-se intimamente connosco. Emfim Jesus Cristo prometeu, na sua bondade, *ouvir tôdas as preces* feitas em seu nome (S. Jo. XIV, 14).

3. Entre todos os homens, Deus manifesta o seu amor de preferência aos justos.

Deus prefere uma ama perfeita a mil imperfeitas (S. Af.). Oh! como o Deus de Israel é bom para os de coração justo (Ps. LXXII, 1). Visita-os em *grandes consolações interiores* (Ps. XXX, 20); procura em tudo *bom êxito aos justos* (Rom. VIII, 28). O Pai e o filho vêm *habitar nêles pelo Espírito Santo* (S. Jo. XIV, 23). Deus

recompensa as boas obras dos justos *muito mais do que merecem*, recompensa-os a cem por um (S. Mat. XIX, 29), ama-os, *a-pesar-das suas faltas leves e imperfeições*. É como uma mãe que ama o seu filho com ternura e compaixão, a-pesar-da sua fraqueza e da sua pouca saúde (S. Fr. de S.).

Deus manifesta o seu amor também aos *pecadores*.

Enche-os de favores *até ao último suspiro*, a-pesar-das suas maldades; faz brilhar o seu sol sôbre os bons e os maus, e cair a sua chuva sôbre os justos e os pecadores (S. Mat. V, 45). Se lhes envia *sofrimentos*, é por *amor*. Deus é um médico que não corta nem queima senão para curar (S. Agost.). Deus não ama os pecadores senão por êles terem ainda alguma coisa boa e poderem ainda converter-se antes da morte. Mas o amor de Deus pelos pecadores não pode *manifestar-se fàcilmente;* um magnete atrai tôdas as partículas de limalha que se aproximam dêle, mas se há um objecto entre êle e elas, a sua fôrça pode ainda estender-se até lá, mas as partículas não irão tocar nêle. — Deus não nega o seu amor senão aos demónios e aos condenados; contudo o amor de Deus manifesta-se *no próprio inferno*, porque os condenados sofrem muito menos do que mereciam (S. T. de Aq.). O amor de Deus, que êles repeliram, é precisamente a origem dos seus tormentos. Êles dirão: Ah! se Deus não me tivesse amado tanto, o inferno seria suportável. Mas ter sido tão amado! Que suplício! (Cura de Ars).

Sendo Deus tão bondoso para connosco, devemos *amá-lo sôbre tôdas as coisas* (S. Jo. IV, 19). Não devemos tremer tanto diante dêle como diante do Omnipotente, nem temê-lo como escravos, mas devemos aproximar-nos dêle com uma confiança inteiramente filial (Rom. VIII, 15). — E, sendo Deus tão bom para nós, devemos ser também *bons para os nossos semelhantes* e para tôdas as criaturas (Ef. IV, 32). Deus nos deu, portanto, os seguintes mandamentos: o amor de Deus, o amor do próximo, o amor dos nossos inimigos, o cumprimento das obras de misericórdia, às quais somos obrigados mesmo para com os animais. A **bondade** de Deus manifesta-se sobretudo pela sua *longanimidade* (paciência) e pela **misericórdia**.

8. Deus é infinitamente *paciente*, quere dizer: dá ao pecador tempo para se converter.

Costumam os homens punir logo, mas Deus não; êle suporta por largo tempo a rebelião das suas criaturas e o desprêzo de suas graças, «êle não quere a morte do pecador, mas que se converta e viva» (Ezeq. XVIII, 27). Eis por que muitas vezes fêz anunciar com antecedência seus castigos, e sòmente com demora, como que com hesitação, os executou. Aos contemporâneos de Noé deu 120 anos para se converterem, 40 dias aos Ninivitas, 37 anos aos habitantes de Jerusalém (S. Mat. XXIII, 37). Os castigos de Deus caem *como o raio*, não de um céu sereno, mas de um céu que primeiro se cobre de nuvens e deixa antever os sintomas da tempestade. — Deus prova-nos a sua longanimidade pela parábola da *figueira estéril* (S. Luc. XIII). Se Deus não fôsse Deus, seria injusto pela sua grande paciência com os pecadores (S. Agost.). Mas a actividade de Deus *é o contrário da dos homens;* nós precisamos de muito tempo para edificar e de um instante para destruir; Deus, ao invés, cria num instante, mas é vagaroso em destruir; criou o mundo em 6 dias e marcou 7 para a destruïção de Jericó (S. Jo. Cris.). O homem também não destrói imediatamente a sua casa, e, se lhe encontra um defeito, deixa-o ficar e procura remediá-lo; assim usa Deus com o homem (S. Bern.).

Deus é tão paciente, porque tem *piedade* da nossa fraqueza e porque quere *facilitar a conversão* do pecador.

Deus faz como a mãe ao filhinho recalcitrante; em lugar de lhe bater, aperta-o mais ao peito e faz-lhe carícias até que êle sossegue (Hunolt). Deus *poupa-te* para que te convertas, não para que te obstines no teu pecado (S. Agost.). Não sabes que a bondade de Deus te conduz à penitência! (Rom. II, 4). Deus só tem paciência connosco porque quere ver-nos a todos fazer penitência (II S. Ped. III, 9). Muitos pecadores não abusaram da longanimidade de Deus, porque muitos *grandes pecadores se converteram* e se fizeram grandes santos: Maria Madalena, Agostinho, Maria Egipcíaca, etc. Depois de convertidos, fizeram mais obras de santidade do que iniqüidades

tinham cometido antes (S. Agost.). Mas, a-pesar-da longanimidade de Deus, certos pecadores *não se convertem;* o mesmo raio de sol actua diversamente sôbre diversos objectos: amolece a cera e seca o tejolo; assim a paciência de Deus reconduz uns e endurece outros. — Se Deus não fôsse paciente, *pouca gente se salvaria,* porque todos somos pecadores, e, se uns levam mais tempo que outros a deixar o pecado, todos nós levamos muito a nos corrigir por completo. Se Deus levasse logo os pecadores, servi-lo-iam *mais por temor que por amor* (S. Brígida). — Com ser Deus paciente, sempre *é muito perigoso adiar-se a conversão,* porque a cólera rebenta sùbitamente (Eclesiástico V, 9) como na parábola da figueira (S. Luc. XIII). A demora provocada pela paciência é **compensada pela severidade do castigo.** Quanto mais a pena é adiada, tanto mais violenta é, assim como o arco expele a seta com tanta mais fôrça quanto mais se distende a corda (S. Agost.). Temos um exemplo terrível no espantoso fim do cruel Antíoco Epifânio (II Mac. IX).

9. Deus é infinitamente *misericordioso,* isto é: perdoa de bom grado as nossas culpas logo que nos arrependemos sinceramente.

Jesus Cristo descreveu-nos esta grande misericórdia na bela parábola do filho pródigo (S. Luc. XV). Assim que David, pelas exprobrações do profeta Natán, confessou o seu crime, logo Natán lhe anunciou o perdão dêle (II Reis, XII, 13). Tanto que a dor de ter pecado se apodera do pecador, o Altíssimo se aplaca (S. Lour. Just.). É próprio de Deus ter piedade e perdoar (Missa de *requiem).* A misericórdia de Deus é infinita: o oceano tem limites, mas a misericórdia de Deus é ilimitada (S. Jo. Cris.). Deus exige de nós que perdoemos ao próximo 70 vezes 7 vezes: que grande deve ser a sua misericórdia!

Deus manifesta a sua misericórdia *procurando o pecador* com sofrimentos e benefícios, recebendo *a tôda a hora com amor os maiores* pecadores, mostrando-lhes depois da conversão *mais amor que antes.*

Deus é o bom pastor que **vai atrás** *da ovelha tresmalhada* até dar com ela (S. Luc. XV). Deus manda sofrimentos ao filho pródigo; a David, um profeta; Jesus Cristo lança um olhar a Pedro para o comover e conversa com a Samaritana no poço de Jacob para a converter. Deus parece um pescador ou um caçador que inventa tôda a espécie de traças e engôdos para atrair às suas rêdes os peixes ou os pássaros (Luís de Gr.). — Deus perdoa **aos maiores pecadores:** Se os vossos pecados, diz êle, fôssem como escarlate, eu vos faria alvos de neve, e se fôssem vermelhos como púrpura eu vos faria brancos como lã (Is. I, 18). **Quanto maior** é o pecado, mais benévolo é o Senhor, se o pecador se quere converter. Por isso David diz: «Sêde-me propício, Senhor, porque são numerosos os meus pecados» (Ps. XXIV, 11). Deus é como um pescador que tanto mais se alegra quanto maiores são os peixes que apanha; recebe mais glória do perdão concedido aos homens que, pelo número e gravidade de seus pecados, mais indignos dêle parecem. «Ninguém se perde por ter feito muito mal, mas muitos estão no inferno por um só pecado que não quiseram reparar» (Cura de Ars.). Fazei o que está em vós, Deus fará tudo o mais para se reconciliar convosco (S. Jo. Cris.). O próprio Judas teria sido perdoado se tivesse querido. — Deus perdoa às vezes **ainda no último instante** como o prova o bom ladrão. Mas ninguém deixe para êsse momento a sua conversão: Deus salvou um no último instante, para que ninguém desespere; mas só um para que ninguém adie a sua conversão até à morte (S. Agost.). As conversões à hora da morte são sempre duvidosas, porque a experiência ensina que naquele momento os pecadores prometem tudo, e, apenas curados, nada cumprem: assim o fêz o ímpio Voltaire. No leito da morte os pecadores não se convertem quási senão *por necessidade;* são como marinheiros que, em perigo de naufrágio, alijam a carga por necessidade, mas não por ódio à própria carga. «É ridículo aquêle que, emquanto jovem e forte, se recusa a combater, e quando fraco e impotente quere então fazer-se transportar para o campo de batalha». — Deus acolhe **com amor** o pecador arrependido. Qual não foi a bondade de Jesus Cristo para com Madalena em casa de Simão (S. Luc. VII), para com a pecadora que os Fariseus lhe trouxeram ao Templo (S. Jo. VIII), para com o bom ladrão! (S. Luc. XXIII). Que afectuoso não foi o acolhimento do filho pródigo por seu pai! Ora êste pai é Deus (S. Luc. XV). Es-

tá Deus mais disposto a perdoar ao pecador, que êste a receber o perdão (S. Agost.). Antes que o suplicante bata à porta, vós lhe abris, Senhor! Antes que êle se prostre diante de vós, vós lhe estendeis a mão! (S. Efrém). Deus até *tem prazer* na conversão do pecador; no céu, diz Jesus Cristo, há mais alegria pela conversão de um pecador, do que pela perseverança de 99 justos que não carecem de perdão (S. Luc. XV, 7). A origem desta alegria está em que os pecadores convertidos, em geral, servem a Deus com mais zêlo e o amam com mais ardor (S. Greg. Mag.). — Deus habitualmente trata o pecador, depois da sua conversão, com mais benevolência do que antes. O pai do filho pródigo mandou preparar no regresso um sumptuoso banquete; êste pai é Deus (S. Luc. XV). Deus visita os convertidos com interiores consolações; há-os a quem Deus enche de graças, como S. Paulo que foi arrebatado até ao 3.º céu (II Cor. XII, 2). Quando os homens perdoam àqueles que os ofenderam, êles não os amam mais que antes. Deus procede doutra maneira. Êle mais estima quem a êle volta do que quem fica para trás (S. Ped. Dam.). Eis por que Santo Agostinho chama ao pecado original: *feliz culpa!*

10. Deus é infinitamente *santo*, quere dizer: Deus só ama o bem e detesta o mal (Prov. XV).

Os pagãos imaginavam os seus deuses cheios de defeitos e protectores dos vícios. Não é assim o verdadeiro Deus; êle é puro de tôda a mancha, e detesta tôda a espécie de mal nas suas criaturas. A santidade de Deus não é mais do que o seu amor pelas suas infinitas perfeições. — Quem ama a limpeza procura livrar-se de qualquer nódoa e ter limpo tudo o que o rodeia (casa, quarto, livros, etc.). Assim também Deus; êle é isento de tôda a impureza e quere que tôdas as suas criaturas o sejam também. Que puro é o azul do céu que nenhuma nuvem tolda! Como é puro um fato branco de neve sem a menor poeira! E contudo Deus é ainda mais puro. A santidade de Deus em confronto com a dos anjos e dos santos é como o esplendor do sol comparado com a luz de uma lâmpada. Deus acha máculas até nos anjos (Job. IV, 18). «A nossa santidade, Senhor, a teus olhos é como um pano man-

chado» (Is. LXIV, 6). Por isso os próprios anjos do céu louvam a santidade de Deus (Is. VI, 3), e a Santa Igreja diz com razão nas suas orações: «Só tu, Senhor, és santo!» — Deus quere que nós também, suas criaturas, sejamos isentos de tôda a mancha. «Sêde santos, nos diz êle, como eu sou santo» (*Lev.*, XI, 44). Eis por que êle gravou a lei natural na alma de todo o homem (consciência); eis por que revelou a sua vontade aos homens no monte Sinai, e ligou às boas acções conseqüências felizes e às más acções conseqüências desastrosas. Para purificar os homens das suas faltas, envia-lhes *sofrimentos;* assemelha-se ao jardineiro que poda a vinha a-fim-de que dê fruto (S. Jo. XV, 2). Purifica-os também no *Purgatório,* porque nenhuma impureza pode entrar no céu (Apoc. XXI, 27). Os santos e os anjos são representados com vestes brancas como neve e os recém-baptizados vestem-se igualmente de branco. *Sêde santos e puros, e sereis os mimosos de Deus.*

11. Deus é infinitamente *justo*, quere dizer: Deus recompensa tudo o que é bom e castiga tudo o que é mau.

A justiça de Deus não é senão a sua *bondade.* Deus só castiga o homem para o tornar melhor, isto é, mais feliz. «Deus é justo, porque é bom» (S. Clem. de Alex.).

1. Deus recompensa e castiga os homens, em parte, já *neste mundo,* mas a sua justiça não é perfeita senão *depois da morte.*

Já neste mundo as boas acções granjeiam ao homem honras, riqueza, saúde e uma consciência tranqüila (Ps. CXVIII, 165); as más acções produzem o contrário. Noé, Abraão, José receberam já na terra uma parte da sua recompensa; os filhos de Heli e de Absalão, o seu castigo. A justiça perfeita só se exerce no *juízo* final que segue à morte. Depois da ressurreição, o corpo também terá parte na recompensa ou no castigo. — Se Deus punisse tôdas as faltas já nesta vida, os homens creriam que nada fica de reserva para o juízo final: e, se não punisse nenhuma, não creriam na sua providência (S. Agost.).

2. Deus recompensa a *mínima* boa acção e castiga o *mínimo pecado*.

Cristo promete recompensar o copo de água dado a um dos seus (S. Marc. IX, 40). Deus recompensa até um olhar elevado para êle (Santa Teresa). «Eu vos digo, declara Cristo, que os homens hão-de dar conta no dia do juízo até de uma *palavra* inútil» (S. Mat. XII, 36).

3. Deus castiga, em geral, o homem por onde êle peca.

O que serviu ao pecado servirá ao castigo (Sab. XI, 17). «Sereis recompensados, diz Cristo, na medida que tiverdes usado para com os outros» (S. Mat. VII, 2). Absalão orgulhava-se com a sua cabeleira, e esta foi a causa da sua desgraça. O *rico avarento* por onde pecava mais era pela língua, e é por ela que mais sofre no inferno. O rei do Egipto tinha obrigado os Israelitas a lançarem todos os filhos varões ao Nilo e êste mesmo rei do Egipto pereceu nas vagas do Mar Vermelho, com todos os homens em estado de pegar em armas. O rei Antíoco, que mandou lacerar Eleázar e os 7 irmãos Macabeus por causa da fidelidade dêles à religião, foi devorado dos vermes (II Mac. IX, 6). Os dois ladrões crucificados com N. S. J. Cristo tinham sido assassinos, e tiveram as pernas quebradas. Amán, ministro do rei da Pérsia, pretendera mandar enforcar o tio da raínha Ester, porque êste recusara prostrar-se diante dêle, e o rei mandou enforcar Amán no próprio patíbulo que êle preparara (Ester, V). As mães de Belém recusaram *hospitalidade* à *Mãe de Deus;* era uma crueldade para com o filho de Deus, bem cedo castigada pela crueldade de Herodes contra os próprios filhos delas (S. Mat. II, 16). Os habitantes de *Jerusalém* foram punidos no ano 70 pelo suplício que tinham infligido a Cristo. Muitos milhares de Judeus foram crucificados pelos soldados romanos. (Foram justiçados cêrca de 500 por dia durante 6 meses). 2:000 judeus foram transportados para Roma por Tito, vestidos da bata branca dos loucos. Napoleão I sofreu os tormentos que infligira a Pio VII: foi duas vezes prisioneiro. Muitos dirão: «São simples coincidências, mas o cristão fiel reconhece nelas o dedo de Deus» (S. Agost.).

4. Deus nos seus castigos e nas suas recompensas leva rigorosamente em conta a situação de cada homem, sobretudo as intenções e a inteligência.

Todo aquêle que pratica o bem para receber louvores dos homens, não será recompensado por Deus (S. Mat. VI, 2). Os homens julgam pelas aparências, mas Deus vê os corações (I Reis XVI, 7). Eis por que a pobre viúva que lançou 2 ceitis no tesouro do Templo teve diante de Deus um mérito maior que todos os ricos que lá tinham deitado mais (S. Luc. XXI). O escravo que, tendo sabido a vontade de seu senhor, fêz mal, receberá mais golpes que o escravo que a ignorava (S. Luc. XII, 47), isto é, quanto mais perfeito tiver sido o conhecimento de Deus, tanto mais grave Deus considerará o pecado.

5. Deus não tem *nenhuma* consideração pelas *pessoas* (Rom. II).

Muitos dos que na terra foram os primeiros, serão os últimos na outra vida (S. Mat. XIX, 30). É a história do rico avarento e do pobre Lázaro. Até anjos foram condenados. Muitos daqueles aos quais se elevam estátuas serão desgraçados depois da morte. Muitos homens têm seus nomes escritos no livro da história, e serão apagados do livro da vida, que Deus tem.

Sendo Deus soberanamente justo, devemos temer a Deus.

«Temei, diz-nos Cristo, aquêle que pode lançar o corpo e a alma à perdição do inferno» (S. Mat. X, 28). Um só pecado, *o pecado original*, é causa da morte e dos sofrimentos de tôda a humanidade e da condenação eterna de muitos. Podemos daí inferir como Deus é justo e como são terríveis os castigos do purgatório. A mesma conclusão podemos tirar da crucifixão de Nosso Senhor. Quem, pois, não temerá a Deus? — Contudo o nosso temor de Deus não deve ser servil, **mas filial** (Rom. VIII, 15), isto é, devemos temer menos o ser castigados por Deus do que o ofendê-lo. «Aquêle que só faz o bem por temor do castigo, não abandonou ainda por completo o pecado» (S. Greg. Magno). O temor filial só se encontra num gran-

de *amor de Deus* porque o amor perfeito repele o temor servil» (S. Jo. IV, 18). Contudo é necessário fazer, por temor do castigo, o que ainda se não faz por amor à santidade (S. Agost.).

O temor de Deus proporciona-nos grandes benefícios; *afasta-nos* do pecado, guia-nos à *perfeição* e leva-nos à *felicidade* temporal e eterna.

O temor de Deus *expulsa o pecado* (Sab. I, 17). Impediu o vélho Eleázar de tocar nos alimentos proïbidos. «Se me esquivo agora, dizia êle, aos suplícios dos homens, não poderei subtrair-me, nem morto nem vivo, à mão do Omnipotente (II Mac. VI, 26). Aquêle que teme a Deus livra-se das perseguições do espírito mau (S. Efrém). Aquêle que teme ao Senhor não treme diante de nada (Sab. XXXIV, 16); assim como um homem crucificado faz pouco movimento com mêdo de aumentar os sofrimentos, assim êle abusará pouco de seus sentidos (S. Bas.). O vento dispersa as nuvens e o temor de Deus *a concupiscência da carne* (S. Bernardo). Aquêle que teme a Deus desprende-se dos cuidados do mundo, como o marinheiro alija a carga ao mar por temor do naufrágio (S. Greg. Magno). — O temor de Deus **preserva a virtude**, como o muro protege a vinha (Luís de Gran.). Êle é a alegria da virtude e assemelha-se à sentinela armada que vigia uma casa e é temida dos ladrões (S. Jo. Cris.). Como a agulha perfura o pano e abre caminho ao fio de sêda, assim o temor de Deus abre caminho ao amor (S. Agost. e S. Fr. de Sales). — O temor do Senhor é o princípio da sabedoria (Ps. CX, 10). O temor dos homens é misturado a amargor, o de Deus é cheio de suavidade; aquêle torna o homem escravo, êste torna-o livre (Cassiod.). O temor de Deus traz consigo honra e glória, é coroado de prazer e alegria, faz jubilar o coração, procura gôzo e longa vida (Sab. I, 11). Feliz o homem que teme ao Senhor (Ps. CXI, 1). Tanto menos temeremos a Deus no juízo quanto mais o houvermos temido nesta vida (S. Greg. Mag.).

O temor de Deus é uma graça muito particular.

«Eu quero, diz o Senhor, estabelecer o temor de mim em seus corações, para que êles não se apartem de mim»

(Jer. XXXII, 40). Oremos, pois, como David: «Senhor! atravessai minhas carnes com o temor do vosso rosto!» (Ps. CXVIII, 120). O temor de Deus é um dos sete dons do Espírito Santo.

12. Deus é infinitamente *veridico*, quere dizer: não revela senão a verdade (S. Jo. VIII, 26).

Deus não pode enganar-se nem enganar-nos. Não pode errar, porque é omnisciente, não pode mentir porque é infinitamente santo. «Aquêle que proïbiu tão severamente a mentira, não a pode dizer» (S. Clem. Rom.). Deus não é como um homem capaz de mentir; não é, como o filho do homem, capaz de mudar (Núm. XXIII, 19). É necessário, portanto, crer na palavra de Deus, ainda mesmo aquelas verdades que a nossa fraca razão não pode atingir, por ex. os mistérios da nossa santa religião: a Trindade, a Encarnação, a Presença real.

13. Deus é infinitamente *fiel*, quere dizer: Deus cumpre tôdas as suas promessas e realiza tôdas as suas ameaças.

A *fidelidade* de Deus não é senão a sua veracidade no que diz respeito às suas promessas. — As ameaças de Deus no Paraíso (Gén. II, 17), realizaram-se à letra, assim como a promessa do Redentor (ibid. III, 15); assim também a ameaça de Jesus Cristo contra Jerusalém realizou-se no ano 70 (S. Mat. XXIV). O seu templo, segundo Daniel (IX, 27), nunca mais será reconstruído até ao fim dos tempos. Ora Juliano, o apóstata, começou a sua reedificação no ano 361, mas os tremores de terra destruíram os primeiros fundamentos e as chamas que saíram da terra dispersaram os operários. — Deus serve-se muitas vezes de promessas e de ameaças para *mover* a nossa *vontade* enfraquecida. Jesus Cristo mostra-nos contìnuamente a recompensa ou o castigo eterno. As naturezas sensuais e *grosseiras* têm precisão destas ameaças; não se deixam levar senão pelo temor, como certos animais não se deixam domar senão pelo chicote. Deus contudo não ameaça senão por bondade. O homem que grita: atenção! demons-

tra que não vos quere atropelar. Deus faz o mesmo; ameaça castigar para não ser constrangido a castigar (S. Agost.).

Tudo o que Cristo e os profetas predisseram e ainda se não realizou, será cumprido.

Portanto nenhum tempo haverá em que a Igreja não exista ou o Papado seja destruído (S. Mat. XVI, 18). O templo de Jerusalém nunca mais será reconstruído (Dan. IX, 27). Os Judeus se converterão ao cabo dos tempos (Ps. III, 5). O juízo final será precedido de prodígios pavorosos no céu e na terra (S. Mat. XXIV, 29). Cristo nos fará um dia ressurgir (S. Jo. V, 28) e nos julgará (S. Mat. XXV, 32). — Por isso Cristo disse: «O céu e a terra hão-de passar, porém as minhas palavras nunca passarão» (S. Mat. XXIV, 35). Se nos fiamos num homem por êle nos ter dado a sua assinatura num documento, com mais forte razão devemos ter confiança em Deus que encheu de suas promessas tôda a Escritura Sagrada (S. J. Cris.).

4. A Santíssima Trindade

As três pessoas divinas revelaram-se *no baptismo de Cristo:* o Pai, pela voz descida do céu, o Filho como baptizado, o Espírito Santo sob forma de uma pomba (S. Mat. III, 16).

1. A SS. Trindade é *um* Deus em *três* pessoas.

As três pessoas chamam-se: **Padre, Filho** e **Espírito Santo.**

O **número** três encontra-se freqüentes vezes nos mistérios da religião. Há 3 habitações das almas depois da morte; 3 partes principais na missa; 3 elementos em cada sacramento; 3 pessoas na Sagrada Família; Jesus Cristo esteve 3 horas na cruz e 3 dias no sepulcro; a sua vida pública durou 3 anos; está revestido da tríplice dignidade de sacerdote, de rei e de profeta. O número 3 encontra-se também em certos fenómenos da natureza. Há 3

reinos na criação (mineral, vegetal e animal); 3 estados dos corpos (sólido, líquido e gasoso); 3 divisões do tempo (passado, presente e futuro). — Os místicos comentam também o número 4 nos mistérios: há 4 evangelhos, 4 virtudes cardiais, 4 rios no Paraíso, 4 pontos cardiais de onde os anjos convocarão os homens para o juízo; o género humano esperou o Salvador durante 4 milénios; o templo de Jerusalém tinha 4 lados, etc., etc. — Assim também o número 7: há os 7 dias da criação, 7 sacramentos, 7 obras de misericórdia, 7 virtudes morais, 7 dons do Espírito Santo, 7 ordens eclesiásticas, 7 petições no Padre Nosso, 7 palavras de Cristo na cruz, etc., etc., mistérios estes que contribuem todos para a nossa semelhança ou para a nossa união com Deus. O número 7 encontra-se também no simbolismo da natureza, por ex. as 7 côres do espectro, as 7 notas da escala. — O número 3 é o *número divino;* o número 4 o número da criação (4 pontos cardiais); o número 7 (4 mais 3) representaria a *união* do Criador e da criatura.

2. É-nos *impossível,* com a nossa fraca razão, *compreender* esta verdade; por isso se chama o *mistério* da SS. Trindade.

É-nos impossível compreender como três pessoas divinas não podem ser senão *um* Deus, e portanto a identidade aparente de três e de um! A Trindade é *incompreensível* e *inexprimível* (4 Conc. Lat.). Conta-se que S.to Agostinho encontrou um dia à beira-mar uma criança que lançava água do mar num buraquinho; manifestou o santo a sua admiração e a criança lhe respondeu: «Mais depressa meteria o mar neste buraquinho, do que tu compreenderias o mistério da SS. Trindade». — Quem *fita o sol* deslumbra-se e quem persistisse em fitá-lo cegaria. Assim sucede com os mistérios da religião: quem pretende compreendê-los deslumbra-se e quem se obstinasse em os perscrutar perderia totalmente a fé (S.to Agost.). Quem se recusasse a crer neste mistério sob pretexto de que o não compreende, seria como um cego que negasse a existência do sol por não o ver. Aliás, na própria natureza há uma multidão de coisas que nós somos *incapazes de explicar.* Que é a luz, a electricidade, o magnetismo, o crescer das plantas, etc., etc.? Ignoramo-lo. E

que é isto, ainda, em confronto com os 430 biliões de vibrações que, segundo se diz, faz o éter por segundo quando apreendemos a côr vermelha, ou com êste número dobrado quando vemos a côr violeta? E note-se que para contar um só bilião seriam precisos 20:000 anos. Com mais razão nos devemos confessar incapazes de compreender o que se refere a Deus. Vós sois grande, ó Senhor, e impenetrável aos nossos pensamentos (Jer. XXXII, 19). *Só poderíamos compreender a Deus, se nós mesmos fôssemos Deus.* — Podemos, contudo, por meio da razão iluminada pela fé, chegar a um conhecimento muito útil dos mistérios, considerando certas analogias da natureza (Conc. Vat. III, 4). Citemos algumas, por certo muito imperfeitas: o sol vê-se no céu, na água e no espelho; vêem-se, pois, 3 sóis, a-pesar-de só haver um. O *raio branco* de luz pode decompor-se em vermelho, amarelo e azul: é, portanto, ao mesmo tempo um e tríplice. A *ametista*, diz S. Isidoro, brilha de três côres diferentes segundo o lado de que se observa: é púrpurea, violeta e rósea, sem ser mais que uma só pedra. A água é, em diferentes momentos, sólida, líquida e gasosa. A *água* da nascente, do regato, do rio é a mesma água, mas tem nomes diferentes (S. Dinis Alex.). O globo luminoso do sol, os raios que dêle emanam, e o calor que produzem, são três coisas numa só (S. Cir. Alex.). A alma tem em si a trindade do ser, do conhecer e do querer; três homens podem ter a mesma idea. — Os sábios incrédulos fazem a seguinte objecção: é impossível que *três sejam um* e que *um seja três;* êles *enganam-se acêrca do ensino da Igreja:* blasfemam do que ignoram (S. Judas, 10) porque a Igreja *não diz que três pessoas são uma pessoa,* mas sim que *três pessoas* são *uma só* substância.

3. As três pessoas divinas têm em comum a substância, as qualidades e as obras.

Portanto, não há três deuses, mas um só Deus.

O Pai não é, pois, o Filho, porque difere quanto à pessoa; mas *não é outro ser,* porque não tem outra substância (4. Conc. Lat.).

As três pessoas são, portanto, igualmente eternas, omniscientes, omnipotentes e perfeitas.

Cristo, falando do seu regresso para junto do Pai, dizia: *O Pai é maior do que eu* (S. João, XIV, 28); mas referia-se à sua humanidade.

A *Criação* do mundo, a *Redenção* e a *Santificação* da humanidade foram, pois, realizadas pelas três pessoas em comum.

Contudo é costume dizer-se: Deus Pai *criou* o mundo, Deus Filho *salvou* os homens, Deus Espírito Santo santifica-os. Mais adiante daremos a razão dêste dizer.

4. As três pessoas divinas só *se distinguem* pela origem.

O *tronco* da árvore sai da raiz e o fruto provém de ambos; o mesmo se dá com as três pessoas divinas.

O Pai não tem origem e não procede de pessoa alguma; mas o Filho procede do Pai, e o Espírito Santo procede de um e do outro *(Cat. de Belarmino)*.

Para designar a *ordem* da processão, chama-se ao Pai *primeira* pessoa, ao Filho, *segunda*, e ao Espírito Santo, *terceira*. Mas é preciso notar bem que não se trata de *sucessão no tempo*. O Filho procede do Pai *desde tôda a eternidade*, e assim também a processão do Espírito Santo, de um e do outro, é eterna. Porque, se o tempo produzisse alguma coisa em Deus, êste deixaria de ser imutável e de ser Deus. — O **Filho** é gerado do ser eterno do Pai antes de tôda a criação (Ps. CIX, 3) do seguinte modo: Deus, *pelo conhecimento de si mesmo*, gerou uma imagem consubstancial, assim como o nosso pensamento produz uma imagem, uma ideia no nosso espírito. As comparações que seguem vão ajudar-nos a entender: O *fogo* gera o *clarão*, e êste aparece ao mesmo tempo que o fogo; se existisse um fogo eterno, existiria um clarão eterno (S. Agost.). Ora, diz a Escritura, o Filho é o esplendor da luz eterna (Sab. VII, 26), o esplendor da glória do Pai (Heb. I, 3). Quando os alunos adquirem perfeitamente a *sciência do mestre*, possuem a mes-

ma sciência; mas com esta diferença: que a sciência do mestre é a sciência de origem e a dos alunos é sciência comunicada; assim o Pai e o Filho têm a mesma substância (sabedoria) com esta diferença: que a do Filho foi-lhe comunicada desde tôda a eternidade (Clem. de Alex.). Uma luz pode acender-se noutra sem que esta diminua de claridade; assim o Filho procede do Pai sem lhe tirar coisa alguma (Taciano). O filho de Deus é também chamado seu **Verbo** (palavra) (S. João I, 1), porque êle é a palavra falada e palavra falante da substância divina. A palavra é a expressão fiel do pensamento, e o Filho de Deus é a imagem consubstancial do Pai. — O Filho procede pelo conhecimento e o **Espírito Santo** procede pelo **amor.** Se alguém se vê a um *espelho* produz a sua imagem; se lhe descobre a beleza, êle mesmo se amará. Deus vê-se no espelho da sua divindade e gera uma imagem consubstancial de si mesmo (Heb. I, 3); o **amor recíproco** do Pai e desta imagem consubstancial, isto é, do Filho, é o Espírito Santo (S. Agost., S. Anselmo, S. Tom. de Aq.). O Espírito Santo deve tanto mais ser considerado como Espírito de amor, porque produz em nossos corações o amor de Deus e do próximo. A palavra espírito (sôpro) é bem escolhida, porque designa a *inclinação recíproca, o movimento* do amor (S. T. de Aqu.) — O mesmo Cristo diz que o Espírito Santo procede do **Pai** e do **Filho;** uma vez diz que o Pai enviará o Espírito (S. João XIV, 26); outra vez, que êle mesmo o enviará (Ibid. XVI, 7). O Espírito Santo procede do Pai e do Filho como o calor vem do sol e do raio (S. T. de Aqu.), como o fruto vem a um tempo da raiz e do tronco (Tertul.).

Esta diferença de origem é a razão por que atribuímos ao Pai as obras da *Omnipotência,* ao Filho as da *Sabedoria* e ao Espírito Santo as da *Bondade.*

De facto, estas obras têm certa *analogia* com as propriedades pessoais relativas à sua *origem.* O Pai **gera** o Filho, e por isso lhe atribuímos também a *produção dos sêres contingentes tirados do nada,* isto é, a criação; por isso lhe chamamos Pai Todo-poderoso (Simb. dos Ap.). Atribuímos-lhe também as obras de misericórdia, porque êle recebe como filhos os pecadores arrependidos. S. Paulo chama-lhe Pai de misericórdia (2. Cor. I, 3). — O Filho é o eterno conhecimento do Pai, a **Sabedoria.** Por

isso lhe atribuímos a *ordem magnífica* da criação. Tudo foi feito por êle (S. João I, 3). Como o artista dispõe o plano da obra por um acto de inteligência, assim o Pai criou a ordem do mundo pelo Filho. Atribuímos também ao Filho a *restauração da ordem* pela *redenção*, tanto mais que êle tomou, para êsse fim, a natureza humana. — O *Espírito Santo* é o **amor** recíproco do Pai e do Filho; é, pois, a êle que são atribuídos todos os benefícios de Deus, nomeadamente a *comunicação da vida à criação*. Como a ave repoisa sôbre seus ovos, para vivificar o germe com o calor, assim durante a criação o espírito de Deus pairava sôbre as águas (S. Jer.). Atribuímos, pois, também ao Espírito Santo a *comunicação da vida sobrenatural* pela *graça*, isto é, a santificação dos homens. É chamado *dedo de Deus*, como autor dos milagres; foi êle que operou o maior acto do amor divino, a Incarnação. «A bondade de Deus cumulou sempre os homens de benefícios, mas a medida transbordou, quando pela incarnação do Verbo a misericórdia desceu sôbre os pecadores, a verdade sôbre os que erravam, a vida sôbre os mortos» (S. Leão M.).

5. A SS. Trindade foi-nos revelada pelas palavras de Jesus Cristo.

Não podemos conhecer a Trindade pela criação; porque Deus nela operou com as perfeições comuns às três pessoas: omnipotência, sabedoria, bondade, mas não operou *com o que diferença as três pessoas*. Há aí analogia com o sol: êste só actua sôbre dois sentidos: *vista* e *tacto*, mas não sôbre o *ouvido*, *olfato* ou *gôsto*; não o advertimos, portanto, senão pelos dois primeiros sentidos; os outros três não podem dar-nos ideia alguma do sol. Assim a nossa razão não tem a percepção da Trindade, porque a Trindade não actua sôbre ela (S. Efrém). Nós só podemos ter conhecimento da Trindade pela *revelação*. Diz Jesus Cristo: «Ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho e aquêle a quem o Filho o quere revelar» (S. Mat. XI, 27). Ora Jesus Cristo ordenou a seus apóstolos, no momento da sua *ascensão*, «que fôssem e ensinassem a tôdas as nações e as baptizassem em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (S. Mat. XXVIII, 19). — O *Antigo Testamento* já tinha uma vaga ideia do mistério da SS. Trindade. Os sacerdotes judeus deviam, ao abençoar

o povo, invocar três vezes o nome de Deus (Núm. VI, 23). Isaías diz-nos (VI, 3) que os *Serafins* cantam nos céus: Santo, santo, santo é o Deus dos exércitos. Notemos sobretudo o estranho plural empregado por Deus na criação do homem: à nossa imagem (Gen. I, 26). E David escrevia no Salmo CIX: «Disse o *Senhor* ao meu *Senhor*: assenta-te à minha direita». — Embora envolvida em sombras, a revelação da Trindade fora feita no Antigo Testamento, a-fim-de que o Novo, em que esta revelação seria clara, não parecesse contradizer aquêle (Belarm.). — A Igreja conhece êste mistério, a sinagoga rejeita-o, a filosofia ignora-o (S. Hilário).

6. A fé neste mistério professa-se pùblicamente por meio do sinal da cruz, do símbolo dos apóstolos, do baptismo e dos outros sacramentos, das consagrações e bênçãos, e da festa da SS. Trindade.

Êste mistério é, com efeito, o *fundamento* da religião cristã. Sem êle, é impossível conceber a redenção pelo Filho de Deus. Esforcemo-nos por o professar a miúdo com actos de fé, sobretudo com recitar freqüentes vezes a bela oração: *Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Assim seja.* Enviemos a Deus êste louvor, não só quando nos enche de seus *benefícios*, mas também quando nos manda suas *provações!*

5. História da criação

A história da criação foi-nos contada por Moisés.

A história da criação não é uma *fábula*; é uma narração verídica, consignada por Moisés, inspirada pelo Espírito Santo; Moisés escrevia com fidelidade a palavra de Deus, que lhe mostrou talvez numa visão os pormenores da criação. — A narração de Moisés está de pleno acôrdo com as conclusões da sciência. As excavações na crosta terrestre demonstraram que os sêres orgânicos haviam aí aparecido pela mesma ordem indicada no Génesis.

Por isso todos os grandes sábios admiraram aquela narração vélha de 3:000 anos. — A narração bíblica refere-se apenas à actividade criadora relativa ao nosso planeta.

1. No princípio criou Deus o mundo *espiritual* e o mundo *corporal* (Conc. Vat. III, 1).

No princípio, quere dizer, no comêço dos tempos, quando nada existia além de Deus. O tempo começou com o mundo; não havia, pois, duração algunma antes de Deus a criar! (S. Agost.). Portanto, a Escritura não diz quando foi criado o mundo, diz apenas *que não é eterno*, e que foi feito. Pôde, pois, existir o mundo milhões de anos antes do aparecimento do homem; parece até provável que assim tenha sido, ao pensar que vemos astros cuja luz leva milhões de anos a chegar à terra. — Deus *criou*, quere dizer, tirou do nada; ignoramos e havemos de ignorar sempre como é que o espírito de Deus produziu a matéria e suas fôrças. — Em vez de *mundo espiritual e mundo corporal*, S. Paulo diz: «as coisas invisíveis e as coisas visíveis» (Col. I, 16). Moisés escreve: «No princípio criou Deus o **céu e a terra**» (Gen. I, 1). Por êste têrmo: *céu*, não entende o firmamento, porque a criação dêste só é narrada nos versículos 6-8, 14-19, mas entende a morada dos anjos e eleitos. (Só os pagãos costumavam confundir os dois céus; colocavam seus heróis nos astros). Moisés chama ao mundo corporal: *terra*, porque ela é para os homens a parte principal da criação visível. Não esqueçamos que estas primeiras palavras da Bíblia: «no princípio criou Deus o céu...» devem recordar-nos que o céu é o nosso têrmo final na eternidade.

O mundo *espiritual* compreende os anjos que habitam no céu.

Tendo os anjos sido criados antes da terra, por assim o dizermos na sua aurora, algumas vezes a Escritura lhes chama «estrêlas da manhã» (Job, XXXVIII, 7). — O inferno não foi criado no princípio, como o céu (S. Mat. XXV, 34), mas Deus o criou só depois da queda dos anjos.

O mundo *corporal* é composto de tôdas as coisas que se contêm no universo visível.

Os homens são um composto de matéria e espírito; foram os últimos a ser criados (4.º Conc. Later.).

2. O mundo material era no princípio um caos, sem forma nem luz.

No princípio criou Deus apenas a **matéria prima** da qual formou todos os corpos (S. Agost.). A sciência hoje reconhece cêrca de 70 corpos simples. Moisés dá a esta matéria primitiva o nome de *águas* (S. Jer., S. Ambr.). Estes corpos primitivos eram no princípio uma *mistura*, como a areia do deserto, sem forma nem luz (Gen. I, 2). Era quási o nada, porque carecia de qualquer forma; contudo era um ser real, porque esta matéria podia *receber uma forma*. Esta matéria primitiva, criada por Deus, foi modificada por efeito das leis naturais estabelecidas por êle; porém a razão primária de tôda esta evolução não estava na essência da matéria, mas na vontade de Deus, na palavra criadora: «Fiat». A sciência pretende que esta matéria primitiva, criada por Deus, jazia no **estado gasoso** e enchia o universo (Newton, Laplace, Kant). Nada veda admitir esta opinião, porque todos os metais e todos os minerais, levados a uma temperatura suficiente, volatilizam-se e enchem por conseqüência um espaço maior; além disso, a análise espectral demonstrou que o sol, os planetas e as estrêlas fixas se compõem dos mesmos elementos que a terra, o que permite inferir uma origem comum.

3. Deus deu ao mundo material a forma presente no espaço de seis dias (Gén. I, 3-31).

Estes seis dias são, provàvelmente, *longos períodos* de vários milhares de anos (S. Cip.); porque o sétimo dia, o dia do repouso, durará até ao juízo final, o que forma um enorme período. Aliás, antes do quarto dia, em que foi criado o sol, não podia haver dias de 24 horas. A palavra dia foi, pois, usada, porque a semana da criação devia ser o tipo da semana humana.

No primeiro dia criou Deus a *luz*.

E, conta Moisés, Deus disse: «Faça-se a luz, e foi feita a luz» (Gén. I, 3). Deus criou, pois, uma fôrça es-

pecial *luminosa* ou *ígnea*. (Quando a Escritura diz: *Faça-se tal coisa* ou *tal coisa produza* — é preciso admitir que uma fôrça nova se ajunte aos elementos primitivos). O flúido luminoso, também chamado *éter*, transmite a luz como o ar transmite o som. A fôrça luminosa é independente do sol, visto que há luz fora do sol (aurora boreal, etc.). — A sciência diz-nos que a nebulosa primitiva era *caótica*, quere dizer: sem movimento e sem fôrças. Deus introduziu nela uma fôrça nova, o pêso ou gravidade, em virtude da qual os átomos exerceram atracção uns sôbre os outros, *puseram-se em movimento* e *condensaram-se* em certos núcleos. Êste **movimento,** êste *atrito* e êste *condensamento* produziram a *luz* e, finalmente, o *fogo*. (O fenómeno produz-se friccionando dois pedaços de madeira). No primeiro dia, as massas em movimento incendiaram-se e produziram assim a luz; desta sorte o universo se transformou numa massa ígnea.

No segundo dia criou Deus o *firmamento*.

«Disse também Deus: Faça-se o firmamento (uma coisa sólida) no meio das águas, e separe umas águas das outras águas... e chamou Deus ao firmamento céu» (Gén. I, 6-8). Êste segundo dia é, de ordinário, explicado pela **separação, ordenação** e **solidificação** das massas criadas. Estas, unidas na primitiva, dividiram-se em partes de diferentes constituïções e grandezas, separaram-se em diversas direcções, com velocidades próprias, e entraram nas órbitas que Deus lhes havia traçado e nas quais permanecem. Esta solidificação das massas cósmicas no espaço em órbitas siderais, é chamada *firmamento* ou *coisa firme*. Por se acharem essas órbitas no espaço celeste, costumamos chamar firmamento a *êsse espaço juntamente com os astros e suas órbitas*. «E chamou Deus ao firmamento céu» (Gén. I, 8) que é o nome que lhe damos também. Êste *céu é a abóbada estrelada*, por oposição *ao céu dos espíritos*. Reservou Deus parte dessas massas cósmicas para a *terra*, que é, portanto, formada dos mesmos elementos que os outros astros. — «E Deus, continua Moisés, fêz o firmamento e dividiu as águas, que estavam *por cima* do firmamento» (ibid. v. 8). Sem dúvida, o escritor quis dizer que Deus separou dos corpos destinados a encher os espaços intermediários as massas siderais. — A sciência diz-nos que o condensamento dos núcleos da nebulosa primitiva produziu **massas gasosas**

ígneas, de diferentes composições e grandezas, que se **atraíram reciprocamente** e assim entraram em *órbitas determinadas*. Segundo esta teoria, também, a nossa terra era uma massa em fogo, pequeno sol a derramar no espaço calor e luz, e foi arrastada para a órbita do sol pròpriamente dito.

No terceiro dia criou Deus a terra firme e as *plantas*.

Os astros, depois que se desprenderam da massa primitiva, não permaneceram no estado em que haviam entrado nas órbitas; continuaram a *formar-se*. Moisés, porém, só trata do que mais por perto lhe tocava, da terra, não nos dizendo dos astros senão o que particularmente nos interessa. A sciência diz-nos que a terra, no primitivo *globo em fusão*, foi a pouco e pouco perdendo o calor. Os vapores aquosos da atmosfera tornaram-se em água, e o núcleo terrestre sólido foi totalmente coberto de **mar profundo**, cêrca de 4:000 metros de fundura, em perpétua ebulição por causa do calor do núcleo. Como o globo terrestre continuava a perder calor, formou-se uma camada sólida. Devido às contracções provocadas pelo resfriamento, esta crosta sólida sofreu depressões tais que o mar atingiu profundidades de 18:000 metros. Por outro lado, os vapores do núcleo ainda em fusão levantaram a crosta terrestre e assim formaram **terra firme e as montanhas**. É fácil imaginar estas convulsões terríveis. — Era chegado o momento próprio para o desenvolvimento dos **sêres orgânicos** sôbre êste solo húmido e sob a influência do calor e da luz. Contudo estes sêres orgânicos não saíram do nada como os elementos primitivos, mas sim dos elementos já existentes. Deu-lhes Deus uma forma determinada e comunicou-lhes a fôrça vital: é o que chamamos *criação secundária*.

Pode também ter-se dado que Deus comunicasse desde a origem à matéria as fôrças necessárias para produzir os sêres orgânicos. Nunca, porém, os átomos inorgânicos poderiam ter-se combinado para produzirem os sêres orgânicos por *geração espontânea;* todos os sábios do universo seriam incapazes de produzir, por meio de combinações, uma só planta, um só animal. Demais, é impossível que corpos tão admiràvelmente organizados se tenham formado por si mesmos; uma máquina, ainda que

inerte, não se produz por si mesma, nasce da inteligência humana. — Não se pode admitir que as células primitivas tenham sido criadas ao mesmo tempo que a massa cósmica, porque teriam sido destruídas, já pelo calor excessivo dos globos ígneos, já pelo frio intenso dos espaços intermediários.

No quarto dia criou Deus o *sol*, a *lua* e as *estrêlas*.

Neste dia regulou Deus definitivamente as relações dos astros com a terra. A fôrça luminosa e calorífica da terra ia diminuindo dia a dia, e viria a ficar a terra sem calor e sem luz; Deus tratou de remediar esta falta. — A sciência explica-nos êste fenómeno da seguinte maneira: Como a terra continuasse a arrefecer, as águas produziram menos vapores, desapareceram as nuvens a pouco e pouco, e serenou o céu. Os astros se tornaram, pois, visíveis, manifestou-se a influência do sol e apareceram as sucessões das estações, dos dias e da noite. Antes do quarto dia o *sol* não tinha, talvez, senão um fraco poder de emissão, e sem dúvida não tomou a *forma actual* senão no quarto dia. Deus não nos deu solução nenhuma do problema da *pluralidade dos mundos habitados*, porque ela em nada interessa à salvação de nossas almas. Sabemos apenas que a criação dos astros fêz a felicidade dos anjos (Job. XXXVIII, 7) e que os astros foram criados para nos revelarem a majestade de Deus (Rom. I, 20). — Muitos sábos crêem na pluralidade dos mundos habitados. Alguns raciocinam dêste modo: numa cidade, o facto de ser habitada uma casa autoriza a concluir com fundamento que uma série inteira de casas é habitada. Porque, dizemos, haviam de estar desertas tantas casas? Para que serviriam? Assim com os astros (Mgr. Galura). Contudo, se os astros fôssem habitados, os seus habitantes seriam fundamentalmente diferentes dos sêres terrestrs. A lua, por exemplo, não encerra, nem ar, nem água, nem fogo, portanto não há nela nem som, nem vento, nem chuva, nem flores, mas um céu sempre negro e uma noite de 350 horas. Deus, em verdade, fêz a terra muito aprazível, e devemos dar-lhe profundas acções de graças!

No quinto dia criou Deus os *peixes* e as *aves*.

No sexto dia criou Deus os *animais* da terra e emfim o *homem*.

Os animais foram criados primeiramente para anunciarem *a glória e o poder do Criador* por seu número, variedade, grandeza, fôrça e agilidade; existem também para utilidade do homem. Servem-lhe de alimento, de vestido, de remédios, etc., etc. Pela qualidade mais característica de seu instinto, a maior parte dos animais simbolizam uma *virtude* ou um *vício*. (A raposa é o símbolo da astúcia; o cão, da fidelidade; a ovelha, da paciência, etc.). O *homem* foi o último ser vivo criado, mas a sua grandeza vence a de todos os outros; é a *coroa da criação*. Criou Deus o homem em último lugar por lhe dar honra. Quando um soberano deve entrar numa cidade, vão adiante todos os seus servos para que lhe preparem a entrada. Assim criou Deus primeiro o que era necessário à sustentação do homem, e só depois o mesmo homem (S. Jo. Cris.). O rei só devia aparecer depois de organizado o reino (S. Greg. Naz.). Fêz Deus primeiro o palácio para nêle aoljar o rei (Lact.). A honra que Deus fêz ao homem manifesta-se também nas palavras criadoras. Na criação do homem Deus não diz: seja feito o homem, senão que por assim dizer tomou conselho de si mesmo.

No sétimo dia Deus descansou (Gén. II, 2).

O descanso de Deus nada tem do descanso de um operário fatigado; consiste simplesmente em não criar *novas espécies*, quere dizer, nenhum ser que não estivesse já contido na obra dos seis dias (S. T. de Aqu.). O descanso de Deus não é senão a sua vontade de que se mantenha *a ordem existente* (Clemente de Alex.). Deus, contudo, não cessa de operar (S. João V, 17), porque, se *a acção de Deus cessasse*, a criação deixaria de subsistir. — Como Deus, *um dia descansaremos* nós, nêle, após o acabamento da nossa obra (S. Agost.).

A história da criação mostra-nos que Deus fêz o mundo segundo um *plano* definido.

Deus vai do *imperfeito ao perfeito*. — Cria primeiro os sêres de que hão-de carecer os que vierem depois: pri-

meiro as plantas, depois os animais que delas se nutrem. — Nos três primeiros dias *separa* Deus os sêres uns dos outros; nos três seguintes *adorna* o que existe. — Há uma relação entre as duas séries de dias: no primeiro criou a luz, no quarto os corpos luminosos; no segundo separou as águas dos ares, no quinto povoa as águas de peixes e os ares de aves; no terceiro criou a terra firme e no sexto povoou-a de animais.

A história da criação mostra-nos também que o mundo *não é eterno.*

Cristo na oração depois da Ceia disse: «Pai, glorifica-me a mim em ti mesmo com aquela glória que eu tive em ti, *antes que houvesse mundo* (S. João, XVII, 5).

Imaginavam os *pagãos* que o mundo se havia formado pelo encontro casual de átomos eternos, que vêm a ser pequeninos corpos, indivisíveis (*Teoria de Epicuro*). Pode responder-se que é impossível existirem muitos sêres eternos; que um ser eterno não pode depender de outro; ora seria êste o caso dos átomos que se unem: que os átomos, por si mesmos, não podem nem encontrar-se, nem formar, por meio dêsse encontro casual, a ordem magnífica do universo. Um montão de letras, deitadas ao acaso, jamais formarão um livro. A existência dos átomos não é impossível; porém êles não podem ser eternos nem mover-se por sua própria fôrça. — Pensavam outros que o mundo foi formado de uma *matéria eterna* pelos anjos ou por Deus que dêste modo viria a ser, não o Criador, mas sòmente o *arquitecto* do Universo (Teoria de Aristóteles e de alguns materialistas modernos). Ora a matéria, ser mudável e divisível, não pode ser eterna; não pode ser origem do espírito, nem da vida dos sêres orgânicos. — Outros ainda pensavam que a terra *é o desenvolvimento do próprio ser divino*, como a borboleta sai da lagarta e que todo o ser é Deus (Teoria dos vélhos filósofos da India e dos *panteístas* modernos). Mas, se o mundo fôsse Deus, seria forçoso que fôsse indivisível e imutável; pelo menos, seria preciso que cada parte fôsse eterna, o que é contraditado pelos factos. O homem, nesta hipótese, seria Deus, independente de qualquer outro homem, o que seria a ruína da sociedade. Os próprios animais seriam Deus, e com efeito os egípcios os adoraram; as mesmas rãs, as moscas, as formigas seriam Deus, o que é simples-

mente ridículo (Lact.). Nesta teoria apenas isto é verdade: tudo tem *origem em Deus*, tudo se desenvolveu *sucessivamente*, e tudo existe em Deus, como já explicámos ao falar da sua ubiqüidade; mas tudo o que existe é totalmente distinto de Deus.

De que, porque e para que criou Deus o mundo?

1. Deus criou o mundo *do nada*; bastou a *sua vontade*.

Aos homens só é dado operar sôbre *matéria* já existente; porém Deus criou a própria matéria com a qual formou tôdas as coisas (S. Iren.). Os homens, para suas obras, carecem de instrumentos, e empregam esfôrço e tempo. Deus não fêz mais do que querer, e tudo existiu (Ps. CXLVIII, 5); *a palavra* que lhe atribuímos, outra coisa não é senão a sua vontade. — *Deus tirou do nada o universo e tôdas as suas maravilhas. — Bastou Deus dizer:* Fiat, *e logo o céu e a terra existiram. De nada* nada se faz — objectou Epicuro; pudera ter dito com mais rigor: nada se faz *por nada*; e isto é verdadeiro, por isso nós não dizemos que a terra é de nada, mas sim que foi feita de nada *por Deus*.

Tudo o que Deus havia feito era *muito bom*.

O mesmo Deus louvou as suas obras (Gén. I, 31). O Universo era bom, porque nada era contrário à vontade divina, senão que tudo lhe era conforme (S. Amb.). Deus louvou a sua obra, porque nós, e tôdas as criaturas, somos incapazes de a louvar como convém (S. Jo. Cris.); pelo menos devemos imitar os três jovens que exaltavam as obras de Deus na fornalha (Dan. III.). — O que é mau tornou-se tal pelo *abuso que as criaturas fizeram da sua vontade livre*. Contudo nenhum ser pode tornar-se mau em sua essência; todo o ser é necessàriamente bom sob algum aspecto (S. Agost.).

2. Deus foi levado por sua *bondade* a criar o mundo; quis *tornar felizes as criaturas racionais*.

Um bom pai mostra a seus filhos belas imagens para os contentar e fazer-se amar — e Deus quis mostrar a sua glória a sêres racionais para nos dar alegria e felicidade. «Nós existimos, porque Deus é bom» (S. Agost.). A sua bondade, que êle queria comunicar a outrem, foi o único móbil da criação (S. T. de Aq.). Por isso todo o universo existe para *nosso bem*: certos sêres para nossa conservação: a terra, as plantas, os animais; outros para nossa instrução: os astros; outros ainda para nosso prazer: as côres, os perfumes, a música; outros, finalmente, para nos provarem: a pobreza, a enfermidade, as desgraças, os animais daninhos (S. Bern.). Meu Senhor e meu Deus! devemos exclamar, tudo o que vejo me diz que vós o fizestes para meu bem e me diz que vos ame (S. Agost.). — *Nada obrigou Deus a criar* o universo; êle não tinha necessidade alguma do universo (Atenágoras); e, precisamente para demonstrar que operava por sua livre vontade, criou os sêres *sucessivamente* e não todos de uma vez (Bossuet).

3. O fim da criação é revelar às criaturas racionais *a glória de Deus*.

A obra devia *louvar o autor* por sua perfeição, como um belo quadro é a glória de um pintor. Convém, de facto, distinguir bem o fim do *artista* (o móbil que o leva a trabalhar) e o fim da *obra* (aquilo a que é destinada); o relojoeiro faz o relógio para ganhar a vida, mas o relógio é destinado a marcar as horas. Em Deus, o móbil do acto criador foi a *bondade*, o fim da obra é *glorificá-lo* e tornar felizes as suas criaturas racionais. A inumerável quantidade e a variedade imensa dos minerais, dos vegetais e dos animais, o enorme número dos astros (Ps. XVIII, 1) existem tão sòmente para que os anjos e os homens reconheçam e admirem a divina majestade. «O que eu vejo exclama: Ó Deus, como és grande! como és bom!» — Os anjos e os homens, por seu lado, existem ùnicamente para reconhecerem e glorificarem a majestade divina. Sabemos também que os santos anjos contemplam a Deus e o louvam sem cessar (Is. XI, 3); e S. Agostinho diz do homem: «Vós nos criastes para vós, Senhor! e o nosso coração vive inquieto até repousar em vós!» — Os próprios *demónios* são obrigados a contribuir para a glória de Deus: porque demonstram com seus tormentos

a grandeza da santidade e da justiça de Deus, e Deus faz servir tôdas as astúcias dêles à sua glória e à salvação dos homens. — Os *réprobos*, portanto, não roubam glória a Deus; êles glorificarão por tôda a eternidade a justiça de Deus, ao passo que os eleitos proclamarão sua misericórdia (Maria Lataste). O Senhor criou tudo para si (Prov. XVI, 4); criou para sua glória todos aquêles que invocam o seu nome (Is. XLIII, 7). Contudo não criou o universo para *aumentar* sua glória ou alcançá-la (Conc. Vat. I, 3), porque é soberanamente feliz e não tem precisão de nada; também não é *ambicioso*, porque reclama ùnicamente a honra que lhe é devida.

Visto que existimos para dar glória a Deus, devemos em tudo trabalhar com esta intenção.

S. Paulo nos ordena que: «tudo o que fizermos, quer comamos quer bebamos, façamos tudo para glória de Deus» (I Cor. X, 31). Nada é mais fácil, porque ainda as mínimas acções podem oferecer-se a Deus com esta intenção (S. Jo. Cris.). Não nos esqueçamos de fazer êste acto de boa intenção pela manhã e de o renovar pelo dia adiante. (Aqui o catequista fará recitar o *acto de boa intenção*).

6. A Providência divina

Chama-se Providência divina à conservação e ao govêrno do universo.

Nenhuma outra verdade é tão repetida nas Sagradas Escrituras.

1. Deus *conserva* o mundo, isto é, conserva aos sêres a existência pelo tempo que lhe apraz.

Uma bola presa por um fio cai assim que se deixa o fio; o mundo inteiro recaïria no nada, se Deus o não conservasse com seu poder. Para lhes assegurar a conservação, dá Deus às criaturas o que é necessário para a existência. A *multiplicação dos pães* é um milagre que se re-

pete cada ano nos campos (S. Agost.); um grão produz cem, uma pequenina batata produz uma dúzia delas maiores do que ela. «Os milagres são de todos os dias, mas pela sua freqüência já não produzem impressão em nós» (S. Agost.). — Contudo os sêres não existem mais tempo do que o que Deus quere; êle deixa-nos morrer quando lhe apraz (Ps. CIII, 29). A lua cessa de brilhar quando o sol cessa de iluminar, e o homem deixa de viver tanto que Deus cessa de lhe sustentar a vida (Alb. Stolz). Ainda que Jesus Cristo tenha dito: «o céu e a terra hão-de passar» (S. Luc. XXI, 23), não serão destruídos. Isto seria contrário às perfeições de Deus, que *transformará* o universo num mundo *melhor*. «Esperamos um novo céu e uma nova terra» (II S. Pedro III, 13).

2. Deus *governa* o mundo, isto é, dirige tôdas as coisas de forma que as faz servir à sua glória e ao nosso proveito.

O mundo é governado por Deus como um combóio pelo maquinista, como o navio pelo piloto. Deus dirige os *astros* segundo leis fixas (Is. XL, 26), de sorte que o firmamento narra a sua glória (Ps. XVIII, 2). Êle dirige os *povos* (Dan. IV, 32) e dirigiu em particular o povo hebreu. A intervenção de Deus é visível na vida de José, de Moisés, de Jesus Cristo e de outros, e não menos nos destinos da Igreja católica. Sem embargo, nós não podemos sempre à primeira vista compreender os desígnios de Deus. «Estes desígnios são para nós, homens ignorantes, tão enigmáticos como a marcha regular dos ponteiros de um relógio para o observador que não tem dêle a mínima ideia (Drexélio). — Quando vemos a desordem dos fios no reverso de um tapête, preguntamos a nós mesmos como pode corresponder-se do outro lado desenho tão regular. Assim certos acontecimentos nos parecem à primeira vista nocivos; porém Deus os sabe guiar de modo que servem para sua glória e proveito nosso. Muitas vezes, ao vermos o rumo de certos acontecimentos, estamos nos casos de exclamar com David: «Foi Deus que o dispôs e é uma maravilha diante dos nossos olhos» (Ps. CXVII, 23).

Não há *um único homem* de quem Deus não tenha cuidado.

Poderia uma mãe esquecer seu filho, porém Deus jamais se esquecerá de nós (Is. XLIX, 15). Êle tem cuidado pelos *animais e pelos sêres inanimados*. Deus, diz Jesus Cristo, tem cuidado pelas aves do céu, pelos lírios e pela erva dos campos (S. Mat. VI, 25-30). Todos os sêres, queiram ou não, estão sujeitos à providência de Deus (S. Agost.).

Deus tem particular cuidado pelo que é *humilde* e *desprezado* do mundo.

Tanto fêz Deus os humildes como os poderosos e tem igual cuidado por uns e por outros (Sab. VI, 8). Deus *é grande ainda nos mais pequeninos sêres:* basta-nos observar ao microscópio uma gota de água, a estrutura de uma pequenina planta ou de um insecto. Deus glorifica-se de preferência no que é humilde (I Cor. I, 27); homens de modesto nascimento, como José, David, Daniel, etc., são por êle tirados da obscuridade para subirem às grandes dignidades; os anjos anunciam o nascimento do Salvador a pobres pastores antes que aos fariseus orgulhosos; uma humilde virgem é escolhida para sua mãe, e para apóstolos uns simples pescadores. É aos pobres que êle manda anunciar o evangelho (S. Mat. XI, 5), é aos humildes que dá sua graça (S. Tiag. IV, 6), etc. Por isso, David exclamava: «Quem é como o Senhor, nosso Deus, que habita nos mais elevados lugares e lança seus olhares sôbre o mais humilde que há?...» «Levanta o indigente do chão e ergue de suas palhas o pobre para o colocar no meio dos príncipes do seu povo» (Ps. CXII, 5-8). — Loucura é, pois, crer que Deus não tem cuidado pelo que se passa na terra.

Nada nos sucede na vida, sem ordem ou licença de Deus.

Não foi por vossa traição, dizia José a seus irmãos, que eu para aqui vim, mas por vontade de Deus (Gén. XLV, 8). Cristo afirma-nos que *até os cabelos de nossas cabeças estão contados*, isto é, que a Providência abrange até os mais pequenos acontecimentos da nossa vida (S. Mat. X, 30). Nada, portanto, nos sucede *por mero acaso;* nós, por sem dúvida, ignoramos a causa de muitíssimos factos; porém Deus, que os dirige, conhece-a. «É blasfe-

mar contra a divindade, diz S. Efrém, falar a sério do acaso». *Nada é casual, tudo vem da mão de Deus.* — Importa entendermo-nos bem quando dizemos que tudo sucede por vontade de Deus; com efeito, Deus, santidade e bondade soberana, não pode querer que nos matem, roubem, insultem, etc.; mas *permite certos males,* quere dizer, *não os impede,* pôsto que o podia fazer. Êste consentimento não equivale a uma aprovação; nasce de deixar Deus ao homem a liberdade, e de poder êle, Deus, fazer redundar em bem o mal que não impediu!

Deus transforma em nosso bem o *mal* que permite.

Deus ama-nos infinitamente (S. Jo. IV, 16) e só tem uma intenção, que é fazer-nos bem; as desgraças, as tentações, o próprio pecado tornam-se em suas mãos instrumentos de nossa felicidade (Gén. L, 30). José, por ex., foi vendido, encarcerado, e tudo isto contribuíu para a sua elevação ao trono, para salvação dos Egípcios ameaçados de fome, para felicidade dos irmãos dêle. O *cativeiro dos Judeus* granjeou aos pagãos o conhecimento do verdadeiro Deus e da promessa do Redentor (Tobias XIII, 4). As *perseguições dos primeiros séculos* só serviram para propagar o cristianismo, porque a admiração dos pagãos pela constância dos mártires impeliu aquêles a estudarem a religião dêstes. As *sentinelas* postadas junto do túmulo de Cristo fizeram brilhar a grandeza do milagre da ressurreição, e «a *incredulidade de Tomé* mais útil nos é que a fé dos apóstolos» (S. Agost.). O *pecado de Pedro* tornou-o humilde e indulgente para seus irmãos, o *de Judas* contribuíu para a redenção do mundo; até o demónio é constrangido a servir à nossa salvação para glorificação de Cristo. «Como são incompreensíveis os juízos de Deus, como impenetráveis são seus caminhos!» (Rom. XI, 33). — O que Deus nos envia é bom, ainda que pareça que não. — Aquilo com que cuidam fazer-nos mal, Deus o torna em nosso proveito.

3. O verdadeiro cristão resigna-se, portanto, *na desgraça,* à vontade de Deus.

Jesus Cristo ensinou-nos a dizer a Deus em nossa oração: «Seja feita a vossa vontade assim na terra como no

céu», e S. Pedro exorta-nos a «depor tôdas as nossas inquietações no seio de Deus, porque êle vela por nós» (I S. Ped. V, 7). Todo aquêle que tem a consciência tranqüila pode dizer com David: «Inda que um exército viesse contra mim, meu coração quedaria sem temor» (Ps. XXVI, 3). Primeiramente, não devemos contristar-nos, inquietar-nos por *coisas de pouca monta*, por ex., por uma temperatura que nos molesta. Sobretudo, devemos resignar-nos à vontade de Deus nos acontecimentos que não podemos mudar: doenças, reveses da fortuna, morte de parentes, perseguições, fome, guerra, etc.; mas acima de tudo é preciso resignarmo-nos à morte. Ah! Quantas vezes somos dos que seguem Jesus na multiplicação dos pães, e, como os discípulos, o deixamos no monte Olivete, quando se trata de beber com êle o cális da agonia! (T. Kempis). Para conservarmos a amizade dos amigos, sofremos todos os seus caprichos; nenhum cuidado temos pela amizade de Deus.

Aquêle que na desgraça se resigna com alegria à vontade de Deus obtém a *verdadeira paz* de alma, atinge *grande perfeição* e recebe as bênçãos de Deus.

A alma resignada assemelha-se à bússola, que uma vez virada para o pólo *conserva essa direcção* a-pesar-das agitações exteriores (Rodriguez). Submeter-se à sabedoria de Deus é possuir o céu na terra (S. Agost.). A alma rendida a Deus conserva-se tranqüila, mesmo na tribulação; esta desaparece como centelha caída na imensidão do mar (S. Jo. Cris.). Um homem resignado *não sente a sua dor*, porque a ama como vinda de Deus e da sua santa vontade (Maria Lataste); pròpriamente falando, êle não leva aos ombros a sua cruz, leva-a consigo num carro. Os que não se resignam são obrigados a carregar com ela a custo (S. Dorot.).

Aquêle que mais renuncia à sua vontade própria, para se submeter mais perfeitamente à de Deus, chega muito breve a uma altíssima **perfeição** (S. Teresa); não podemos, com efeito, fazer nada mais agradável a Deus; Deus prefere esta virtude ao jejum, ao cilício, a tôda a casta de sacrifícios (Maria Lataste). A' alma resignada consegue, pois, com segurança a *felicidade eterna;* assemelha-se aos que vão num navio e lhe seguem todos os movimentos; entram com êle no pôrto de salvação (S. Fr. de S.).

A alma resignada obtém já na terra a **felicidade e as bênçãos celestes.** Conta-se que os campos de certo lavrador eram sempre mais férteis que os de seus vizinhos. Um dêles lhe preguntou a razão do facto. «É — respondeu êle — porque tenho sempre o tempo que me convém». Ficou o outro passado de maravilha. «Quero dizer — volveu aquêle — que estou sempre contente com o tempo que Deus manda. Isto agrada-lhe, e aí está por que êle abençoa os meus trabalhos». — A nós nos basta recordar as bênçãos de que Deus cumulou a Job.

O mais belo exemplo de resignação foi-nos dado por *Cristo no horto* das Oliveiras.

«*Pai*, disse Jesus Cristo no horto, *faça-se a vossa vontade e não a minha*» (S. Luc. XXII, 42). Cristo foi obediente a seu Pai até à morte e morte de cruz (Filip. II, 8). — A resignação do patriarca Job tinha sido uma prefiguração da de Jesus. — Miríades de anjos encontram a sua felicidade no cumprimento da vontade divina. «Os mais cruéis tormentos, dizia S. M. Madalena de Pazzi, e as mais graves tribulações, as suportava eu com alegria, contanto que soubesse que vinham da vontade de Deus»; esta é a linguagem de todos os santos.

Da conciliação da Providência divina com a desgraça dos justos e a felicidade dos perversos

Êste mistério não deve levar-nos a duvidar da Providência, porque esta desgraça e esta felicidade não são senão *aparentes*. «A felicidade dos que andam vestidos de púrpura, dizia o filósofo Séneca, muitas vezes não e mais real que a felicidade dos actores que em scena usam scetro ou diadema imperial». O prazer do pecado e tal que se acaba por não lhe achar gôsto (S. Bernardo)

1. Nenhum pecador é *verdadeiramente* feliz, nem nenhum justo verdadeiramente infeliz. Não na felicidade sem *contentamento interior*, ora êste contentamento não existe senão no justo o impio não o tem.

O mundo, isto é, as riquezas, os prazeres da mesa, da carne, as honras, etc., não nos dão a verdadeira paz (S. Jo. XIV, 27); esta só se obtém pela *prática dos mandamentos de Cristo* (S. Mat. XI, 29). A paz interior e a felicidade na terra são fruto do Espírito Santo que não se produz senão pela virtude (L. de Granada); ora todo aquêle que possui a paz de alma é verdadeiramente rico, porque possui o maior tesouro (S. Amb.). — Os *ímpios* não têm *paz*; são como o mar que nunca está em repouso (Is. LVII, 26). O justo, ainda que andrajoso e com fome, saboreia delícias contínuas, é mil vezes mais feliz que o pecador no trono, trajando púrpura e inebriado de prazeres. O contentamento e a alegria não vêm nem do poder, nem das riquezas, nem da fôrça corporal, nem de uma mesa adornada de iguarias, nem de vestidos custosos, nem de outras coisas semelhantes, senão da virtude e de uma boa consciência (S. J. Cris.).

2. A felicidade do ímpio é *passageira*.

Que breve foi, por exemplo, a carreira de um Napoleão, que sacrificou tantas vidas humanas à sua ambição! O ímpio assemelha-se ao cedro do Líbano: eleva hoje a copa soberba, amanhã é cortado e desaparece (Ps. XXXVI, 36). O edifício da sua felicidade está assente sôbre a areia; sobrevém a chuva e leva tudo (S. Mat. V, 27). A felicidade do ímpio é como um tortulho que brota numa noite e logo desaparece.

3. A verdadeira recompensa só chega *depois da morte*.

Muitos de entre os *primeiros*, diz N. S., serão os *últimos*, e muitos de entre os últimos serão os primeiros (S. Mat. XIX, 30). A parábola do *rico avarento e de Lázaro* mostra-nos que na outra vida mais do que um grande, mais do que um rico invejará a sorte do pobre que lhe vinha mendigar à porta. «Deus prepara aos seus uma vida futura melhor e mais deliciosa que a presente; se assim não fôra, não poderia permitir a prosperidade de tantos ímpios e as misérias de tantos santos; a sua justiça exigiria que o pecado e a virtude tivessem uma sanção neste mundo» (S. Jo. Cris.). Nesta vida o prazer é o quinhão dos maus, a tristeza o dos bons; na vida futura serão mudados os papéis (Tert.).

4. O pecador recebe neste mundo a recompensa pelo pouco bem que fêz; o justo é muitas vezes punido já neste mundo pelas faltas que cometeu.

Desgraçados de vós, ricos, diz Jesus Cristo, porque tendes a vossa consolação, quere dizer, a vossa recompensa neste mundo (S. Luc. VI, 24).

Da conciliação da Providência com o pecado

Nem o pecado, nem suas conseqüências devem abalar em nós a crença na Providência.

1. O pecado e suas conseqüências não vêm de Deus (Conc. de Tr. VI, 6), mas sim do *abuso* da nossa liberdade.

Deus criou o homem *livre;* não põe obstáculos, nem mesmo às suas acções más; tem para isso *graves motivos*. Se não pudesse haver nada mau, não haveria para o homem ocasião alguma de *fazer o bem;* se o homem não tivesse a escolher entre o bem e o mal, mas fôsse obrigado a fazer o bem como uma máquina, seria *incapaz de obter recompensa*. (Não esquecer a parábola do joio e bom grão. S. Mat. XIII, 24). Deus nunca permitiria o mal que resulta do abuso da liberdade, se não fôsse bastante poderoso para dêsse mal *tirar o bem* (S. Agost.).

2. Deus em sua sabedoria faz *redundar o mesmo pecado em bem.*

José dizia com razão a seus irmãos: «Vós tínheis tido más intenções a meu respeito, mas Deus as guiou para bem» (Gén., L, 20). Deus procurou a redenção do mundo pela traição de Judas, preferiu tirar o bem do mal, a não permitir o mal (S. Agost.). A abelha suga mel nas plantas venenosas e o oleiro de lama sórdida faz vasos admiráveis; assim faz Deus.

3. Além disso, *não é a nós,* pobres criaturas, *que compete* perscrutar os *desígnios* secretos de Deus;

só nos cumpre adorá-los e submeter-nos a êles com humildade.

Estas reflexões sôbre o pecado valem também para as conseqüências dêle, isto é, para os sofrimentos terrenos.

7. O cristão provado pelo sofrimento

O homem pode sofrer no **corpo** e na **alma** ou em ambos ao mesmo tempo. Os Apóstolos flagelados sofriam no corpo, os irmãos de José, tão severamente tratados por êle (Gén., XLII, 21), sofriam na alma; os sofrimentos de Job nas suas provações eram ao mesmo tempo espirituais e corporais. — A dor pode ser *merecida* ou *imerecida;* o filho pródigo sofria por sua culpa, José e Job eram inocentes. — Contudo as dores imerecidas são também conseqüência do pecado original.

1. Ninguém pode *salvar-se* sem sofrimentos; porque ninguém será coroado se não houver combatido (II Tim. II, 5).

É impossível conquistar um *reino* — por conseguinte, também o reino do céu — sem combate e sem vitória. Cristo, como êle mesmo disse aos dois discípulos de Emaús, não quis entrar na glória senão pelos seus sofrimentos (S. Luc. XXIV, 26). «Aquêle **que não toma a sua cruz,** havia êle dito antes, e que não me segue, não é digno de mim» (S. Mat. X, 38). A volta ao paraíso não é possível senão através do paraíso da dor, e não através do paraíso dos prazeres (Mar. Lat.). O caminho do céu é custoso. As pedras da Jerusalém celeste são trabalhadas neste mundo (S. Fr. de S.). O linho, diz S. Ruperto, não se transforma em belo lençol branco senão depois de triturado, curtido, estendido, banhado; a alma não se assemelhará a êste pano branco senão depois de haver passado pelas mesmas provações. As almas são como os feixes de cereais: não dão suas riquezas senão batidas. É a golpes de cinzel que Deus esculpe os anjos humanos. Querer ir para o céu sem sofrimento é estender a mão para uma mercadoria sem a querer comprar (Tert.), é

provar que se não quere sinceramente ganhar a salvação (Gérson). — A perfeição (*santidade*) e o sofrimento estão, pois, indissolùvelmente unidos: nenhuma boa obra sem obstáculo, nenhuma virtude sem combate.

Deus não deixa *nenhum justo sem alguma dor.*

O médico faz como Deus: se desespera da cura de um doente, permite-lhe tôda a espécie de alimentos; se, ao invés, pode curá-lo, põe-o a dieta, e prescreve-lhe poções em geral pouco agradáveis. «O leite é o alimento das crianças, a tribulação o das almas» (S. Vic. Ferr.). Que santo houve jamais que fôsse coroado sem tribulações! Procurai e achareis que todos sofreram a cruz e a dor (S. Jer.).

Destinou Deus aos seus santos neste mundo uma espada para o coração, no céu uma coroa para a fronte (Alb. Stolz). — Contudo, Deus não deixa **sem consolação** a dor do justo. Deus é como mãe que mistura a doçura do mel ao amargor do remédio, ou que mostra imagens ao filho doente para lhe aliviar as dores. Deus entretece os dias dos bons com admirável variedade de alegrias e provações (S. Jo. Cris.). Reparai na *SS. Virgem:* Que dor quando José a quis repudiar! que alegria quando Deus salvou sua honra mandando um anjo a José! Que dor por não achar abrigo em Belém! que alegria à vista dos pastores adorando Jesus e narrando o aparecimento dos anjos! Que felicidade quando os magos, contando as maravilhas da estrêla, trazem seus presentes; e, logo depois, que angústia para a Santa Família, pela notícia dos projectos sanguinários de Herodes e da ordem do anjo para fugirem para o Egipto! Que dor por terem perdido a Jesus durante três dias! e, logo, que alegria ao vêrem os doutores estupefactos de sua grande sabedoria! Que dor a paixão de Cristo! que alegria a sua ressurreição!

2. Todos os sofrimentos *vêm de Deus* (Amós III, 6) e são sinal *da sua benevolência.*

Deus, por sem dúvida, não é causa directa dos sofrimentos; permite-os, portanto não são contrários à sua vontade. As histórias de Tobias e de Job mostram-nos que, quanto mais justos certos homens são, mais provações lhes envia Deus, e estas aparecem como **recompensa da ple-**

dade. Deus, dizia S. Luís Gonzaga, recompensa pela tribulação os serviços daquele que ama. E Deus oferece esta recompensa, porque os sofrimentos são um bem precioso para a eternidade. «Não é já recompensa grandíssima poder sofrer pelo seu Deus? Aquêle que ama a Deus entende-me», dizia S. João da Cruz. «Os sofrimentos são um dom do Pai celeste (S. Teresa) e muito maior que o poder de ressuscitar os mortos» (S. João da Cruz). — Os pais castigam os filhos para os corrigir de certos defeitos: deixam êsses defeitos sem castigo noutras crianças, porque, como estranhos, não têm por elas nenhuma afeição. Assim faz Deus, *castiga* **seus filhos, porque os ama** (Alb. Stolz). «*Por tu seres agradável a Deus*, dizia Rafael a Tobias, foi preciso que a tentação te experimentasse» (Tob. XII, 14).

S. Paulo diz também: «O Senhor castiga *aquêle a quem ama;* fere os filhos que recebe» (Heb. XII, 6). O ouro e a prata são provados ao fogo; os favoritos de Deus são provados na fornalha das humilhações (Ecli. II, 5). Todos os Santos da Igreja tiveram sofrimentos, e até na proporção da sua santidade. Maria, a mãe de Deus, sofreu mais que todos os santos, por isso é raínha dos mártires. Os Apóstolos não tiveram melhor quinhão; Pedro e Paulo passaram quási tôda a vida presos. «Vida piedosa, cheia de sofrimentos e tribulações, é o sinal mais certo da predestinação» (S. Luís Gonz.). — Deploremos aquêle que *nada sofre;* não há maior desgraça, segundo S. Agostinho, que a felicidade dos pecadores; não há mais pesada cruz, que não a ter. Uma prosperidade contínua é uma desgraça, porque o que se não sofre agora, sofre-se mais tarde.

Deus, também, não nos envia nenhum sofrimento superior às nossas fôrças.

Deus, diz S. Paulo, é fiel; não permitirá que sejais sujeitos a provações superiores às vossas fôrças (I Cor. X, 13). Havia Deus de ser menos prudente e bondoso que o homem, ainda o menos culto, que conhece as fôrças de um animal e não o carrega mais do que convém? O oleiro não deixa ao lume seus vasos muito tempo, para que não estalem (S. Efrém). O músico prudente não puxa tanto as cordas, que rebentem, nem tão pouco, que não produzam um som harmonioso; assim Deus não dei-

xa os homens sem alguma dor, nem lhas manda demasiado fortes (S. João Cris.). O médico prudente não receita a seus doentes remédios tão violentos que os matem; melhor sabe o médico celeste graduar a dose de tribulação que convém aos justos (Luiz de Gr.). — Muitos não sofrem e contudo se queixam, porque acham pesado o que é muito leve (Beato Henrique Suso). Queixar-se excessivamente nos sofrimentos é sinal de fraqueza.

3. Deus faz sofrer o *pecador* para o corrigir e salvar da morte eterna.

Na miséria se converteu o *filho pródigo; Jonas* no ventre do peixe; Manassés nas masmorras de Babilónia (II Paralip. XXXIII); S. Francisco de Borja em presença do cadáver da sua protectora, a raínha Isabel. — Deus é como um pai que de vara na mão chama à obediência seu filho (S. Basílio), como um médico que corta, cauteriza para curar e salvar da morte (S. Agost.). Batem-se os fatos para lhes tirar o pó; assim Deus, batendo, limpa os homens do pecado (S. Tom. de Vilanova). Primeiro efeito dos sofrimentos é que *desgostam o pecador das coisas terrenas;* dão aos prazeres do mundo o travor do fel. «Desapegam-nos da terra. Deus experimentou os Israelitas no Egipto tão severamente a-fim-de que êles tivessem *mais vivo desejo* da Terra prometida; assim Deus nos visita no sofrimento e na tribulação, a-fim-de que nos desapeguemos dêste vale de lágrimas para procurarmos com mais zêlo a pátria celeste» (Drexélio). O pecador no sofrimento adverte também sua fraqueza, seu desamparo, e *procura socorro na oração.* A necessidade ensina a rezar. «Os sofrimentos que nos abatem, forçam-nos a procurar a Deus» (S. Greg. Mag.). — Os golpes que recebemos de fora *fazem-nos entrar em nós mesmos* e despertam em nós o remorso (id.). É a tribulação como o inverno; depois dêle produzem as árvores flores e frutos (S. Boav.) — O sofrimento, por custoso que seja, é o caminho que leva a Deus com mais segurança (S. Teresa).

Deus experimenta o pecador sobretudo com *dores corporais,* a-fim-de lhe curar a alma (S. Isid.).

Muitos homens acharam a saúde da alma nas doenças do corpo: S. Francisco de Assis, S. Inácio de Loiola. «Deus, diz S. Gregório Magno, cura a doença da alma com a do corpo». Uma doença grave torna a alma prudente (Ecli. XXXI, 2). Por meio das doenças dolorosas bate Deus à porta do coração, para que lha abram (S. Greg. Mag.). A mãe dá a seu filho poções amargas para o curar, e Deus castiga o corpo do pecador para lhe salvar a alma. Desgraçadamente os homens são *bastante insensatos para terem por efeito da cólera* o que não é senão efeito da misericórdia de Deus (Maria Lat.). Gozo sempre ao ver um doente, dizia Santo Inácio, porque a doença reconduz a Deus.

4. Pelos sofrimentos Deus *põe à prova o justo*, para saber se êle ama as criaturas mais que a Deus.

Job, que vivera sempre no temor de Deus, perdeu todos os seus haveres, os filhos, a saúde, e foi ainda criticado por sua mulher e pelos amigos. Tobias, que correra grandes perigos para sepultar os mortos, e de tanto esmolar viera à pobreza, perdeu a vista e com ela o seu ganha-pão. Eis como Deus prova os seus! É com resistir à tormenta que a árvore dá mostras de solidez; mostra o justo no sofrimento a medida de sua santidade. O sofrimento, como o vento, separa o trigo e a palha (S. Agost.); as *ervas aromáticas*, como a virtude, dão mais perfume quando as pisam (S. Boav.). — Leva-nos Deus muitas vezes o que *nos é mais querido*: Abraão recebeu ordem de sacrificar seu filho único, Isaac, e Jacob viu roubarem-lhe José, o seu filho predilecto; leva-nos também o que nos é *nocivo*, como um pai, a-pesar-das lágrimas do filho, lhe tira a faca que o pode ferir (S. Agost.).

Ao mesmo tempo os sofrimentos granjeiam ao justo *uma grande vantagem*: servem-lhe para expiar já neste mundo *as penas devidas ao pecado*, purificam-no de muitas *imperfeições*, aumentam-lhe a *virtude* no cumprimento das boas obras, o *amor de*

Deus, o *zêlo na oração,* muitas vezes a *prosperidade temporal* e, emfim, os méritos para o *céu.*

Os sofrimentos **expiam as penas do pecado;** por isso Santo Agostinho exclamava: «Senhor, queimai, cauterizai, cortai, neste mundo, mas poupai-me na eternidade!» Dai-vos por felizes, dizia por seu lado S. Francisco Xavier, em poder trocar as penas terríveis do purgatório pelas desta vida. — Os sofrimentos **purificam-nos das imperfeições.** O Pai celeste, o vinhateiro divino, poda todos os ramos que dão fruto para que carreguem mais (S. Jo. XV, 2). Deus faz passar pelo fogo os justos, depura-os como se depura a prata, prova-os como se prova o ouro (Zac. XIII, 9). O justo é purificado de suas faltas como o trigo passado à joeira, a sua alma revolvida pelas provações expele as sujidades, como o mar agitado pela tempestade lança à praia os sedimentos. O sofrimento arde, mas lava como o sabão; morde como a lima, mas tira a ferrugem e redá brilho; é áspero como escôva, mas limpa (S. Fr. de Sales). — Os sofrimentos aumentam a **energia moral,** assim como as tempestades *robustecem* as raízes das árvores novas (S. Jo. Cris.). A alma fortalece-se nas provas, como o ferro debaixo do martelo, como os músculos no trabalho. Os vasos defeituosos quebram-se quando o oleiro os põe ao fogo; os bons tornam-se mais sólidos: assim a piedade dos bons se torna mais enérgica posta ao fogo das tribulações (Luís de Gr.). «Quando estou fraco, quere dizer, quando sofro, dizia S. Paulo, é então que sou forte!» (II Cor. XII, 10). E a razão é, segundo S. Bernardo, que os sofrimentos enfraquecem o nosso inimigo. — Os sofrimentos aumentam o nosso **amor a Deus.** As águas do dilúvio elevavam a arca para o céu; as da tribulação não podem apagar a caridade, mas elevam nossos corações para mais alto (S. Fr. de S.). Como a fôlha do oiro se dilata sob o martelo, assim se dilatam a caridade e a santidade dos bons sob os golpes da adversidade. De feito, as provações afastam-nos das coisas terrenas e afogam em nós o amor ao mundo; por isso S. Agostinho fazia esta oração: «Senhor, eu vos suplico, enchei de amargor tôdas as coisas, para que eu encntre doçura só em vós!» As provações aumentam também nossa gratidão para com Deus, porque não aprendemos a bem conhecer seus dons, a saúde, por exemplo, senão quando os perdermos; tornam-nos *humildes,*

porque é preciso que os maus façam sofrer os bons para os preservar do orgulho (S. Isid.). — Os sofrimentos **fazem-nos rezar**; a necessidade *ensina a rezar*, como vemos nos apóstolos, que estavam na barca quando rugia a tempestade. Quando David foi perseguido, então escreveu os mais belos salmos que fazem parte das orações da Igreja. Uma prosperidade prolongada destrói a vigilância e a energia. A água tranqüila acaba por se corromper e os peixes morrem; uma alma sem tribulação torna-se tíbia e perde a pouco e pouco a virtude (S. Ambr.), assim como o peixe não salgado se decompõe e o cavalo poupado às esporas alenta o andamento. — Os sofrimentos aumentam até, às vezes, a **prosperidade temporal.** José nunca fôra ministro do Faraó, se primeiro não houvera sido vendido e lançado na prisão. Job rehouve seus bens por causa da sua paciência; Tobias recobrou a vista. Deus fere e cura logo (Tob. XII, 2). Deus muda em alegria a tristeza dos seus amigos (S. Jo. XVI, 20). — Os sofrimentos aumentam a **felicidade eterna.** Enviou Deus ao pobre Lázaro suas misérias a-fim-de o poder glorificar depois da morte (S. Greg. Mag.). O momento tão curto e tão leve das aflições, que sofremos nesta vida, produz em nós o pêso eterno de uma soberana e incomparável glória. A alma, como as pedras preciosas, embeleza-se com a brunidura, e amadurece para a vida eterna como a espiga aos ardores do sol. «Deus, diz Santo Afonso, não nos envia os sofrimentos para nos perder, mas para nos santificar e elevar *a um grau mais alto de santidade*». As tribulações que nos envia são sinal dos grandes desígnios que tem a nosso respeito e do seu chamamento à santidade (S. In. de L.). A nossa recompensa lá no céu estará em proporção com os nossos sofrimentos cá na terra (S. Jer.); se somos infelizes, somos também eleitos (S. Agost.). — **Tudo concorre para o bem dos que amam a Deus** (Rom. VIII, 28). Não temos, pois, outro cuidado senão o de nos entregar à vontade de Deus, porque êle nunca permitirá nada que não nos seja útil, embora o ignoremos (S. Agost.).

5. Os sofrimentos, longe de serem verdadeiros males, são na realidade *benefícios de Deus*, porque contribuem para a nossa felicidade eterna e temporal.

Um agricultor não teria por flagelo uma *saraivada de diamantes* que lhe destruísse as searas! Assim devemos persuadir-nos que os sofrimentos não nos causam perda nenhuma, antes nos asseguram um lucro (Weninger). O que temos por mal, é remédio. Deus que nos ama infinitamente teve o desejo sincero de nos tornar felizes (S. Fr. de Bórg.). Não há outro mal além do *pecado* (S. Greg. Naz.). O sofrimento é uma espécie de sacramento porque é o sinal sensível da graça invisível (S. Matilde). É o caso de aplicar a máxima: a salvação está na cruz. — Os sofrimentos, portanto, não podem tornar ninguém verdadeiramente infeliz, porque o homem, a-pesar-dos sofrimentos, pode ser muito feliz, como Job e Tobias. S. Paulo, no meio das tribulações, exclamava: «Sinto-me cheio de alegria no meio dos meus sofrimentos» (II Cor. VII, 4).

6. É preciso, pois, ser *paciente* nas aflições e resignar-se à vontade divina, é preciso até *alegrar-se* com elas e *agradecê-las* a Deus.

É preciso dizer como Job: «Só aconteceu o que quis o Senhor; seja bemdito o nome de Deus!» (Job. I, 21) ou como *Cristo* no *Jardim das Oliveiras:* «Seja feita a vossa vontade e não a minha» (S. Luc. XXXII, 42). É preciso ser como um doente razoável, que se submete de boamente às prescrições de um médico hábil, ou como um viajante que segue dòcilmente o guia, a-pesar-das dificuldades do caminho. «Deus, afinal, aligeirou-nos o fardo dos sofrimentos, não só com seu exemplo, mas *com a promessa da vida eterna* (Leão XIII). É preciso fazer da necessidade virtude (S. Filpe Néri). — Os Apóstolos **alegraram-se** por serem flagelados (Act. V, 11); assim como também um artista se alegra por ter muito trabalho, por causa do salário que dêle espera (S. Jo. Cris.). O lavrador, emquanto sua no trabalho, alegra-se com a futura colheita; o negociante suporta a travessia por causa do lucro que dela espera, e o cristão deve jubilar no meio das tribulações lembrando-se da recompensa futura (S. Jo. Cris.). Se um bloco de pedra tivesse razão, folgaria de ser transformado em estátua de um grande homem; assim nós devemos alegrar-nos por sermos ennobrecidos pela desgraça (Corn. Aláp.). Os infortúnios, diz S. João Cris., são como um punhado de ortigas; quanto mais se hesita em

as tomar, mais elas picam: é preciso fazê-lo decididamente, que então não picam. O homem, acrescenta, não deve ser como o vidro que quebra ao menor embate. Em tôdas as nossas aflições digamos a oração: «Glória ao Pai, ao Filho, ao Espírito Santo, etc.» — A maior parte dos homens, ai! *murmuram* e *impacientam-se* à mais pequena contrariedade. «Quando restituímos o dinheiro a quem no-lo emprestou, agradecemos-lhe; quando Deus reclama de nós o que nos emprestou, murmuramos» (S. Fr. de Bórg.). Quantos cristãos, ah! se parecem com soldados dispostos a servir, em tempo de paz, mas que desertam no momento da guerra. De resto, a nossa impaciência nada muda aos nossos males; faz-nos, pelo contrário, sofrer, dobradamente, e além disso ofender a Deus. O impaciente é como peixe que se debate no anzol, que mais se fere. Contudo as *lágrimas* e a tristeza, em si, não são pecados; Cristo *também chorou* e sofreu tristeza no jardim das Oliveiras.

A paciência nas tribulações conduz fàcilmente a grande *perfeição* e granjeia-nos grandes merecimentos.

Abandonando-nos nas tribulações à vontade de Deus, avançamos na perfeição tão ràpidamente como um navio que vai de vento em pôpa ou segue a corrente (Weninger); pela resignação vamos adiante de Deus como que a passos alados (Alvarez.). «Feliz, diz S. Tiago (I, 12), aquêle que suporta a provação, porque depois de a ter sofrido receberá a coroa da vida».

O *amor do sofrimento* dá a medida dos *progressos reais* de uma alma *na perfeição*.

O incenso não exala seu perfume senão sôbre carvões ardentes, e a virtude só nas aflições (S. Greg. Mag.). A valentia do guerreiro revela-se na guerra e não na paz (S. Jo. Cris.). O *pecador* murmura nas provações; o *noviço* abate-se, mas lamenta logo sua impaciência: o que vai *mais adiantado* assusta-se, mas recobra logo ânimo, louvando a Deus; o *perfeito* não sòmente espera o sofrimento, mas vai buscá-lo (S. Fr. de Sales). Os que chegaram à perfeição não pedem a Deus que lhes poupe provações e tribulações; desejam-nas e estimam-nas como os munda-

nos cobiçam riqueza, ouro e jóias (S. Ter.). Para o justo a aflição é felicidade e não cuidado (Card. Hugo); por isso a divisa de Santa Teresa e de outras santas era: «Senhor, ou sofrer ou morrer». — Beijar a mão de Deus, dizia S. Fr. de Sales, tanto quando distribui favores como quando castiga, é ter atingido o cimo da perfeição cristã e ter achado a salvação no Senhor.

8. Os anjos

1. Os anjos são puros espíritos, que podem tomar forma visível.

Todos os anjos são espíritos (Heb. I, 14), isto é, sêres incorpóreos (S. Greg. Naz.). Os anjos não são senão espírito, os homens são um composto de um espírito e de um corpo (S. Greg. Mag.). — Mas os anjos podem tomar **formas corporais** (S. Greg. Mag.); Rafael, por ex., guia do jovem Tobias, tomou a figura de um hebreu rico, Azarias (Tob. V, 18). Apareceram anjos em figura de jovens no túmulo de Cristo ressuscitado (S. Marc. XVI, 5), em figura de homens na Ascensão (Act. I, 10).

Os anjos são *superiores aos homens*, porque têm uma inteligência mais elevada e fôrças mais poderosas.

Os anjos vencem em perfeição todos os sêres criados (S. Agost.). Cristo disse que *nem os anjos sabem o dia* nem a hora do juízo (S. Mat. XXIV, 36); deixa portanto entender que naturalmente *os anjos sabem mais que os homens*. — O anjo exterminador matou os primogénitos do Egipto; outro anjo exterminou numa noite no campo de Senaquerib 200:000 Assírios, que tinham blasfemado o verdadeiro Deus (Isaías, XXXVII); foi também um anjo que protegeu os três jovens na fornalha de Babilónia (Dan. III, 49): prova de que os anjos possuem uma fôrça extraordinária. A Escritura denomina-os por isso «*Potências e Virtudes*» (I S. Pedro III, 22).

Deus criou os anjos para sua *glória* e *serviço*, e também para felicidade dêles.

Os anjos **glorificam a Deus;** como de tôdas as criaturas são as que mais se assemelham a Deus, é nêles que *resplandecem com mais brilho as perfeições divinas,* assim como uma bela pintura é a glória do artista. Glorificam também a Deus no céu por incessantes *cânticos de louvor.* — Os anjos são criados, além disso, para o **serviço de Deus.** «Os anjos são todos espíritos que fazem de servos, enviados por Deus para exercerem seu ministério *em favor dos homens* que devem ser os herdeiros da salvação» (Heb. I, 14). O próprio *nome* dêles indica que são servos de Deus, porque *anjo* significa *mensageiro.* Isto se indica também na terceira petição do *Padre-Nosso.* — Os anjos *maus* servem também para glorificação de Deus, porque Deus faz redundar seus ataques em sua glória e salvação nossa. Goethe chama com razão a Satanás «uma fôrça que quere sempre o mal e faz sempre o bem».

O *número* dos anjos é imenso.

Um milhão de anjos, diz Daniel na sua descrição do trono de Deus, o serviam, e mil milhões assistiam diante dêle (VII, 10). Além disso, a S. Escritura fala muitas vezes dos *exércitos* celestes (S. Luc. II, 13; Reis XXII, 19; II Par. XVIII, 18), e Cristo no jardim das Oliveiras dizia que seu Pai poderia enviar em seu socorro 12 legiões de anjos (A legião era de 6.000 homens). O número dos anjos é superior ao de todos os sêres corpóreos (S. T. de Aq.), portanto superior ao de todos os homens passados e por vir. Os anjos, diz S. Dionísio Areopagita, são mais numerosos que as estrêlas do firmamento, que os grãos de areia do oceano, que as fôlhas das árvores.

Os anjos não são todos iguais, estão divididos em *nove coros* ou ordens.

Também os astros não são iguais todos. Entre os *ministros da Igreja* há também uma *jerarquia,* que responde à diversidade de seus poderes: o papa é o chefe da Igreja, é assistido por 70 cardiais; os bispos enviados por êle governam as dioceses, e os cooperadores dêstes, os sacerdotes, administram as paróquias. — A jerarquia dos anjos funda-se na variedade dos *dons* e dos *empregos* conferidos por Deus; uns são destinados de preferência a louvar, outros a servir (Dan. VII, 10). Os mais próximos ao

trono de Deus são os **Serafins**, isto é, os ardentes, porque estão todos abrasados em amor divino; seguem-se-lhes os **Querubins**, que se distinguem por um grande conhecimento de Deus. A Escritura fala-nos também dos **Arcanjos**, em particular de *Miguel*, adversário dos anjos decaídos, de *Gabriel*, mensageiro do nascimento de S. João Baptista e de Cristo, de *Rafael*, guia de Tobias. — Escusado é dizer que a jerarquia subsiste entre os anjos condenados (Efes. VI, 12).

2. Todos os anjos eram *agradáveis a Deus no momento da sua criação;* mas muitos de entre êles *pecaram por orgulho* e foram por isso precipitados por Deus num *inferno* eterno (II S. Pedro II, 4).

Todos os anjos tinham primitivamente *em si o Espírito Santo;* ao criar a natureza dêles, Deus ajuntara-lhe a graça. Podia dizer-se dêles como dos homens: «A caridade foi nêles derramada pelo Espírito Santo que lhes foi dado» (S. Agost.). Mas Deus só coroa os que combateram (II Tim. II, 5); obrou com os anjos como mais tarde com os homens, submeteu-os a uma **prova**, para lhes fazer ganhar o céu como *recompensa*. Muitos anjos sucumbiram e perderam, com o Espírito Santo, a graça santificante; não permaneceram, diz Jesus, na verdade (S. Jo. VII, 44). *Quiseram ser iguais a Deus*, segundo esta alusão, que faz Isaías, ao crime dêles: «Como caíste tu do céu, Lúcifer?... Tu disseste em teu coração: subirei até aos céus e levantarei meu trono por cima das estrêlas de Deus... quero ser igual ao Altíssimo, e tu caíste nos abismos» (Is. XIV, 21). *Uma grande batalha se feriu nos céus* entre **Miguel com os seus anjos** e Lúcifer com os seus; e o demónio foi despenhado do alto do céu com seus anjos e não mais foram vistos no céu (Apoc. XII, 8). Combatendo contra os anjos maus, os bons exclamavam: *Quem é como Deus?* (em hebreu *Mi-cha-el*). Contudo nem todos os demónios estão sempre no inferno: muitos vagueiam temporàriamente nos ares (Ef. II, 2), onde contudo sofrem as dores do inferno. «O demónio, diz Santo Astério, foi punido como cão que deixa a presa para apanhar a sombra dela». Os anjos rebeldes chamam-se

diabos ou **espíritos maus** e seu chefe *Satanás* ou *Lúcifer*, isto é, porta-luz, porque êle era, sem dúvida, um dos anjos mais perfeitos. Que os demónios têm um chefe, conclui-se das palavras de Cristo, que no juízo final dirá aos réprobos: «Retirai-vos... para o fogo eterno que foi preparado para o *diabo* e seus anjos» (S. Mat. XXV, 11). O número dos anjos decaídos é menor que o dos anjos fiéis (S. T. de Aq.); a queda foi-lhes tão desastrosa, porque êles se achavam *muito elevados na luz*, assim como a gravidade da queda de um homem está em proporção com a altura de onde cai. No último dia os anjos serão julgados e a sua malícia, bem como o castigo, será patente a todo o universo (S. Judas, 6; II S. Ped. II, 4). Contestar a existência dos espíritos maus é atacar a fé cristã e recusar crédito às palavras expressas de Cristo.

3. Os *anjos maus* são nossos inimigos; têm-nos *inveja*, procuram *induzir-nos ao mal* e podem, com licença de Deus, fazer-nos *dano* no corpo ou nos bens.

Os espíritos maus são nossos **inimigos**. Querem muitos santos que os homens irão ocupar no céu o lugar dos anjos perdidos; daí a **inveja** dêstes. «A inveja de ver uma criatura feita de barro ocupar o seu lugar, faz sofrer mais o demónio, que as chamas do inferno (S. T. de Aq.). Impotente contra Deus, a sua *raiva* tôda é contra os homens criados à imagem de Deus (S. Bas.). Um só olhar pela história dos povos faz ver que o demónio quere despojar os homens de tudo: da verdadeira religião, da liberdade, da civilização, da prosperidade, da paz, numa palavra, de todos os bens. — O demónio seduziu nossos primeiros pais e Judas; procurou até fazer *cair a Cristo em pecado*; lesou a Job nos bens e causou dano no corpo aos possessos do Evangelho. As palavras de Jesus Cristo (S. Mat. XVI, 18) mostram que os esforços de Satanás tendem sobretudo *contra a Igreja*, contra o seu *chefe*, contra os seus *ministros*; por isso o Salvador disse aos seus apóstolos: «Pediu Satanás para vos passar pelo crivo como trigo» (S. Luc. XXII, 13). Satanás, de feito, sabendo que os sacerdotes lhe destroem o reino e que serão um dia agregados aos anjos para o julgar (I Cor. VI, 3), persegue-os para os perder (Tert.). O demónio é como um leão rugi-

dor que vai cercando os homens procurando devorá-los (I S. Ped. V, 8). Deus dá a cada homem, ao nascer, um anjo da guarda, e Lúcifer, chamado com razão o macaco de Deus, envia a cada homem um dos seus anjos para o oprimir com tentações durante a vida (Pedro Lombardo). É preciso, pois, que nós, como os judeus empregados na reconstrução de Jerusalém, tenhamos numa das mãos a trolha do trabalho e na outra a espada, para combater os inimigos (II Esdras IV, 17).

Todavia o demónio *não é capaz de causar dano* a quem observa os mandamentos e se recusa a pecar.

Um *cão prêso* pode ladrar a todos os que passam, mas não morde senão os que se aproximam (S. Agost.); o demónio é êsse cão, porque Deus o prendeu (S. Jud. 6). Pode êle influir em nossa *memória* e na *imaginação*, mas não tem poder algum directo sôbre a nossa razão e vontade. «O demónio, diz S. Agostinho, pode fazer mal pela *persuasão*, não pela *violência*; é incapaz de nos arrancar um consentimento». — É preciso, pois, **repelir** logo enèrgicamente os maus pensamentos inspirados pelo demónio. «Resisti ao demónio, diz S. Tiago, e fugirá (IV, 7); demais, sabe-se como Jesus Cristo rechaçou o demónio com as palavras: «Retira-te, Satanás!» (S. Mat., IV, 10). Muitas vezes convém repelir estas más inspirações só com o desprêzo (S. Fr. de S.); êste desprêzo das tentações e do tentador consiste em desviar o espírito para outros pensamentos, sem turvação nem tristeza (S. Jo. Cris.). — Aquêle que se detém em maus pensamentos aproxima-se do cão prêso e é mordido. «Só o *pecado* dá ao demónio *poder* sôbre o *homem*» (id.). Por isso nenhum homem se salvaria se êle obtivesse pleno poder sôbre a humanidade (S. Lour. Just.), porque o demónio perdeu a bem-aventurança mas não a superioridade da sua natureza (S. Greg. Mag.).

Deus permite a Satanás que exerça um poder especial sôbre certos homens.

1. De feito, Deus muitas vezes tolerou que durante anos os demónios atormentassem extraordinàriamente almas que tendiam a uma alta perfeição e

eram particularmente favorecidas, a-fim-de as *humilhar* profundamente e as *purificar* completamente das imperfeições.

O cão prêso pode fazer mal à medida que o dono lhe alarga a trela (Scaramelli) (1). É o que Deus faz com o demónio quando quere purificar seus escolhidos. Deus quere que o seu poder brilhe mais na fraqueza (II Cor. XII, 9). Muitos *santos* foram, pois, durante longos anos, *continuamente cercados* de legiões de demónios e atormentados com tentações extraordinárias; assim como cidade sitiada por inimigos. As mais das vezes os demónios lhes apareciam sob formas horríveis e, de noite, como animais ferozes; torturavam-lhes os ouvidos com urros e falas obscenas, sobretudo durante a oração, a-fim-de os distraírem ou apartá-los dela; batiam-lhes e lançavam-nos por terra; (Deus contudo protegeu-lhes sempre a vida e os poupou a feridas, sem contudo lhes poupar o sofrimento); impediam-nos de comer e até de comungar, apertando-lhes os queixos; oprimiam-nos com doenças, aperturas de peito, cansaços, etc., curáveis menos por medicinas que pelas bênçãos da Igreja. O que, porém, era mais terrível eram os assaltos contra as virtudes teologais e morais. Os demónios não tinham poder directo sôbre as *faculdades da alma*, mas podiam *perturbá-las* pela imaginação, de sorte que aquelas pessoas eram privadas de liberdade e cometiam às vezes as acções mais insensatas. Quando voltavam a si, não tinham consciência de nada, mas sentiam-se muito humilhadas pela opinião do próximo. É evidente, contudo, que estes actos não eram culpáveis. Estes ataques demoníacos chamam-se **obsessões**; Job sofreu-as longo tempo, assim como Nosso Senhor no deserto (S. Mat. IV) e durante a Paixão, quando foi entregue aos *poderes das trevas* (S. Luc. XXII, 53); depois de S. Antão eremita, Santa Teresa, Santa Madalena de Pázi, o santo Cura de Ars († 1859). Estas almas piedosas sabiam que Deus não deixa o homem ser tentado além de suas fôrças (I Cor. X, 13) e não permite ao demónio senão o que pode ser útil às almas (S. Agost.); *resignavam-se à vontade de Deus* e expulsavam Satanás com *seu ânimo* e por largo tempo. Aos demónios que lhe amea-

(1) Jesuíta italiano, autor de diferentes obras ascéticas muito estimadas (1687-1752).

avam a vida, Santa Catarina respondia: «Fazei o que uiserdes; o que Deus quere, eu o tenho por bom». «Não êdes, dizia Santa Madalena de Pázi, que me andais gran-ando um esplêndido triunfo!» «Sois cobardes, gritava-lhes S. Antão Eremita, que vindes em tão grande nú-nero!» Afrontai o demónio com destemor de leão e êle e tornará tímida lebre; sêde vós tímida lebre e o de-nónio será leão (Scaramelli). Põem-se também em fuga s demónios com a invocação dos nomes de Jesus e Ma-ia, com o sinal da cruz, com água benta, relíquias, ora-ão, freqüência dos sacramentos e exorcismos. Quanto naiores são aquêles tormentos das almas piedosas, mais *xtraordinário* é também o *socorro divino:* nestas provas êm elas revelações, aparições de anjos e de santos, etc.. Nesta matéria, que já muitas vezes deu margem a im-osturas, a Igreja procede com suma prudência, quási se ode dizer, com desconfiança. Contudo, ter por impos-íveis e criticar todos os acontecimentos que nos contam vida dos santos, as lições do breviário, é dar prova, se-a quem fôr, de muita leviandade. Os mundanos, ah! êsses ão têm para que temer estes assaltos; o demónio des-reza-os, certo de que os há-de ter, cedo ou tarde, em eu poder; só suspira pelas almas santas (Heb. I, 16) atormenta os que vivem segundo o espírito, e não quêles que vivem segundo a carne (S. Bern.).

2. Muitas vezes também Deus permite ao demó-nio que *castigue* duramente e *engane* os homens *vi-iosos* ou *incrédulos.*

Os corpos dos homens que, com seus vícios, haviam dado inteiramente suas almas ao demónio, têm sido mui-tas vezes ocupados pelos demónios, como uma cidade to-mada pelo inimigo. Êste estado chama-se **possessão.** Houve muitos possessos no tempo de Nosso Senhor; em conseqüência da possessão, eram mudos (S. Mat. IV, 32), cegos (ibid. XII, 22), loucos furiosos (ibid., VIII, 28), etc. O Filho de Deus tinha um desígnio especial quando per-mitia ao demónio que fizesse ostentação do seu poder no momento da Incarnação; êle, o leão de Judá, queria re-velar a fraqueza do seu adversário, a existência do mun-do dos espíritos e provar a sua missão divina pela obe-diência que lhe tinham os espíritos maus. — Dos obsessos e dos possessos que sofrem do demónio *contra vontade*

é preciso distinguir os que têm sempre consigo o demónio, porque fizeram *pacto* com êle (Act. XVI, 16; I Reis XXVIII); é caso que hoje se nota quási só entre os pagãos. — Deus permite ao demónio que iluda os adeptos do **espiritismo**, prática que consiste em evocar os espíritos para aprender os segredos. Muitas vezes as sessões de espiritismo não passam de imposturas e abrem ensejo a imoralidades. «Deus por traça de sua justiça permite nessas circunstâncias coisas tão extraordinárias, que a curiosidade cada vez mais se apura e nos sentimos mais estreitamente prêsos nos laços do demónio» (S. Agost.). Estes prodígios são obra dos *espíritos maus*, e não dos bons, que nunca se prestam à *revelação de segredos* apenas para satisfazer a curiosidade dos homens ou o seu amor próprio (Bona). Muitas vezes estes pretendidos segredos revelados são *falsos* porque o demónio é pai da mentira (S. Jo. VIII, 44). Os espiritistas expõem-se a perder a saúde e a tranqüilidade da alma; muitos dêles pagaram com a *vida* esta má paixão, ou foram arrastados na ilusão para os maiores crimes e loucuras.

4. Os anjos que permaneceram fiéis a Deus *vêem* Deus face a face, e louvam-no por tôda a eternidade.

Jesus, falando dos anjos da guarda das crianças, diz: «Os seus anjos no céu contemplam sempre a face de meu Pai que está nos céus» (S. Mat. XVIII, 19). Os serafins cantam ao Deus três vezes santo (Is., VI, 3) e os anjos cantaram bênçãos a Deus nos campos de Belém. «Os graus do conhecimento de Deus, que êles têm, e do amor de Deus, variam-lhes também a maneira de louvar a Deus» (S. T. de Aq.). Os bons anjos são *representados* sob forma de *meninos*, porque são imortais, portanto, de juventude eterna; com *asas*, porque no serviço de Deus são rápidos como o pensamento; com *dois rostos* para significar a sua sciência profunda; com *harpas* porque louvam a Deus; com lírios por causa da sua inocência; com *uma cabeça sem tronco*, porque são espíritos; *junto dos altares*, porque assistem invisìvelmente ao santo sacrifício. — Os santos anjos são de **deslumbrante beleza**. «A visão de um anjo em tôda a sua beleza cegaria pelo esplendor» (S. Bríg.). Um anjo que aparecesse no firma-

mento, no meio de tantos sóis como há de estrêlas, eclipsara-as com seu esplendor, como as estrêlas desaparecem diante do sol (S. Ans.). Por isso os anjos, ao apresentarem-se aos homens, nunca se mostraram com todo o brilho. — Os santos anjos serão **nossos companheiros no céu;** alegram-se à nossa chegada. «A refeição nupcial está preparada mas a casa ainda não está cheia: esperam-se novos convidados» (S. Bern.). Eis por que os anjos têm tanto interêsse pela nossa vida espiritual; o Salvador nos diz que êles se alegram com a conversão dos pecadores (S. Luc. XV, 10). Associam-se até à nossa vida espiritual e corporal, se nós não os impedimos com os nossos pecados.

5. Há anjos bons que se chamam anjos da guarda, porque nos protegem (Hebr. I, 14).

A *escada de Jacob* era figura dos serviços que nos prestam os anjos bons. Esta escada, ao cimo da qual estava o trono de Deus, vinha desde o céu até à terra, e os anjos por ela subiam e desciam; desciam para proteger os homens e subiam para glorificar a Deus (Gen. XXVIII, 12). Os bons anjos são companheiros que o Pai celeste nos deu para nos *guiarem* na perigosa peregrinação terrestre (Segnéri); guardam-nos com a fidelidade do *pastor* para com o seu rebanho (S. Bas.); têm por sua mais nobre missão o ajudar-nos a ganhar a salvação (S. Dion. Areop.). Não parecerá estranho que os *anjos* sejam destinados para *nosso serviço*, se considerarmos que o mesmo rei dêles não veio ao mundo para ser servido, senão para servir e dar a vida por muitos (S. Bern.). Os serviços que nos prestam, longe de lhes causarem fadiga e cuidados, granjeiam-lhes alegria e constituem *uma parte da felicidade dêles*, porque, amando a Deus sôbre tôdas as coisas, nada conhecem mais agradável que trabalhar na salvação das almas e, portanto, para glória de Deus. — É opinião dos doutores da Igreja que **cada homem** tem o **seu anjo da guarda.** «Ó eminente dignidade da alma humana, que desde o nascimento é guardada por um anjo!» (S. Jer.). A dignidade de um anjo depende da *dignidade* daquele que é confiado à sua guarda. Os simples fiéis têm um anjo de grau inferior, os padres, os bispos têm-no de grau mais elevado, e o Papa tem um dos espíritos mais poderosos na côrte celeste. O mesmo

se dá com os reis, príncipes, e outras autoridades da jerarquia civil (Mar. Lat.). Aliás, não é apenas cada indivíduo que tem o seu anjo da guarda; as *cidades*, as *nações*, as famílias, as paróquias, as comunidades têm cada qual o seu (Ibid.).

Os anjos da guarda socorrem-nos do modo seguinte:

1. Inspiram-nos *bons sentimentos* e excitam a nossa *vontade* para o bem.

Nos campos de Belém, no túmulo de Cristo, depois da sua Ascensão, os anjos falaram aos homens, mas em regra geral influem sôbre êles de maneira invisível, sem lhes falarem de modo sensível. Em março de 1890, alguns estudantes de Reichenberg, na Boémia setentrional, deram um passeio à floresta. Assaltou-os um violento vendaval, e todos se acolheram debaixo de uma árvore. De-repente, um dêles correu para baixo de outra árvore, os outros seguiram-no, e logo um raio caíu sôbre a primeira árvore, que a destruíu. Persuadidos de que um anjo da guarda havia inspirado aquêle movimento, os pais levantaram-lhe uma cruz naquele sítio. — Os pensamentos que nos perturbam e *inquietam* não vêm de Deus, nem, por conseguinte, dos santos anjos: de feito, Deus é um Deus de paz (S. Teresa).

2. Os anjos *oferecem* a Deus nossas orações e boas obras.

Rafael declarou que apresentava a Deus as orações de Tobias (Tob. XII, 12). No cân. da missa (3.ª oração depois da elevação), o padre pede cada dia a Deus que faça que o seu anjo leve a sua vítima diante do seu trono. Os anjos apresentam nossas orações a Deus, não porque Deus sem isso as ignorasse — conhece tôdas as coisas antes de serem — mas para as tornarem mais eficazes, *juntando-lhes as dêles* (S. Boav.). O anjo da guarda tem parte em todos os benefícios que recebemos de Deus, porque foi êle quem ajudou a pedi-los (S. T. de Aq.).

3. *Protegem-nos* nos perigos.

«Mandou aos seus anjos que te guardem por todos os caminhos» (Ps. XC, 11). Os exemplos de protecção assinalada dos anjos são: os três jovens na fornalha (Dan. III), Daniel na cova dos leões (ibid. XIV) (1). — O anjo da guarda tem sobretudo o poder de **afastar de nós os laços do demónio,** porque os maus espíritos estão sob o domínio dos anjos bons, como Rafael o provou na história de Tobias (Cap. VIII). O aparecimento do anjo bom é suficiente para pôr em fuga o demónio (Santa Franc. Rom.). Provém isto da *participação no govêrno* do mundo que Deus concede às suas criaturas segundo o grau de união que elas têm com êle. As criaturas perfeitas têm influência sôbre os sêres inferiores; ora, sendo a visão de Deus a mais alta perfeição, segue-se que um anjo de ordem inferior tem sob seu domínio um espírito mau de ordem superior. Contudo os anjos bons não apartam de nós as tentações do demónio que devem servir a salvação de nossa alma (S. T. de Aq.). O bom cristão invocará, pois, o seu anjo da guarda, especialmente *antes de começar viagem*. Tobias deseja êste socorro a seu filho no momento da partida: «Que o anjo de Deus, diz êle, te acompanhe!» (Tob. V, 21).

4. *Revelam* muitas vezes aos homens a vontade de Deus.

Um anjo intervém no sacrifício de Abraão; Gabriel foi o mensageiro de Deus junto de Zacarias, e da Virgem de Nazaré. — Tôdas as revelações e aparições dos anjos perturbam e assustam primeiro, e só depois é que en-

---

(1) Uma lenda fala de uma protecção concedida ao imperador Maximiliano, sôbre a rocha de S. Martinho (1496). — Ouve-se falar freqüentes vezes de crianças que caem de muito alto sem sofrerem mal algum. Narram os jornais, por ex. (3 de maio de 1893), que no n.º 47 da rua de Clignancourt, em Paris, a pequenina Henriette Ferry, de 3 anos, caiu do 5.º andar à calçada e levantou-se sã e salva. Aos nove de julho de 1895, o filho do príncipe Alexandre de Salm, criancinha de 3 anos, caiu de um vagão de caminho de ferro aberto pela tempestade, perto de Viena. O combóio passou por cima dêle em grande velocidade e, quando se fêz trabalhar o sinal de alarme, foi encontrado, com grande pasmo de todos, correndo atrás do combóio.

chem a alma de alegria e consolação. Qual não foi o temor de Tobias, de Zacarias, de Maria e dos pastores ao aparecer dos anjos! Os mesmos anjos foram obrigados a serená-los. O demónio segue outro modo: tranqüiliza primeiro; a turvação e o terror vêm depois. — Os anjos bons aparecem sempre *sob forma humana;* o demónio, sob formas diversas, especialmente de animais (exceptuados o cordeiro e a pomba); tomou até a aparência dos anjos de luz, da SS. Virgem e de Cristo (Bento XIV). Em regra geral aparecem, para os seduzir, àqueles que por orgulho ou curiosidade procuram coisas extraordinárias, por ex. aos espiritistas.

Para obter a protecção dos anjos bons, é preciso procurar *parecer-se* com êles numa vida santa, *honrá-los* e *implorar* a-miúdo seu socorro.

A experiência prova que as *criancinhas* são objecto de protecção especial do anjo da guarda; é, pois, **a inocência** que nos torna amigos dêle. «O amor de Deus nos torna agradáveis aos anjos» (Mar. Lat.) e o pecador expulsa-os como o fumo as abelhas (S. Bas.). O anjo da guarda não protegerá, portanto, as crianças que marinhem às árvores para roubarem os ninhos aos pássaros, nem os trabalhadores que profanem o domingo; pelo contrário estas faltas são a-miúde acompanhadas de acidentes graves. — É bem de ver que os bons anjos nos protegerão mais se os importunarmos com *orações*. Como o mesmo Deus não concede suas graças **senão pedindo-lhas nós,** os anjos observam também esta ordem da Providência. É preciso, pois, todos os dias invocar o anjo da guarda, saüdá-lo ao entrarmos em casa, felicitá-lo por nos ter sido fiel, agradecer-lhe os benefícios. Deve-se ao anjo da guarda maior gratidão que à própria mãe; esta só nos protege durante a infância; êle, durante tôda a vida, não só contra os perigos do corpo, mas também contra os da alma (Hunol). O nosso reconhecimento deve ser o de Tobias que dizia: «Meu pai, que paga lhe havemos de dar, ou como poderemos dignamente recompensar seus benefícios?» (Tob. XII, 12). A Igreja fixou a *festa dos Anjos da Guarda* a 2 de outubro; consagrou também a 2.ª *feira ao culto dêles*. É preciso também honrar a **imagem** do anjo da guarda. Representa-se 1.º orando junto de uma criança no berço (protecção da vida); 2.º condu-

zindo pela mão uma criança que atravessa uma ponte muito estreita (guia para o céu); 3.º afastando de uma criança, que passeia no campo, uma serpente prestes a morder-lhe (socorro na tentação); 4.º voando para o céu com uma criança nos braços (assistência no leito da morte). — O catequista fará recitar a oração ao anjo da guarda.

9. Os Homens

A criação do homem

A criação do homem é-nos contada por *Moisés* do começo do seu 1.º livro (Génesis). — A Bíblia não diz quando Deus criou o homem; admite-se contudo comummente que foi cêrca de 4:000 anos antes de Jesus Cristo. (Representados pelas quatro semanas do Advento).

1. Deus formou o corpo do homem *de barro* e *infundiu-lhe* uma alma (Gén. II, 7).

Como o vapor move a máquina, assim o *sôpro* comunicado por Deus ao homem lhe vivifica o corpo. **A existência** da alma é demonstrada pelos *movimentos do corpo* (S. Teóf. de Ant.). A escritura telegráfica supõe uma pessoa que pensa; assim as palavras proferidas pelos órgãos vocais, postos em movimento pelos fios nervosos, supõem um ser que pensa. A um que dizia que não acreditava na alma, porque a não via, respondeu outro: «Então também não tem juízo, porque o juízo também se não vê». Diz-se *alma*, quando se trata da sua união com o corpo; e espírito quando se trata das faculdades intelectuais, da razão e da vontade. — Não há em nós **senão uma alma**, princípio, a um tempo, da vida corporal e dotada de razão e liberdade (IV Conc. de Constantinopla, 869). Do facto de ter o homem *inclinações diversas* (é, por ex. atraído por um lado para os gozos sensuais e, por outro lado, é levado a combater esta atracção) concluíram alguns que o homem tinha duas almas, material uma, outra espiritual. Mas estas inclinações vêm simplesmente da diversa atracção *que bens diversos exercem sôbre a alma;* os bens sensíveis e os bens espirituais. — Eis as **relações** entre a alma e o corpo. *O corpo é o*

lugar onde reside a alma; esta acha-se no corpo como a amêndoa no caroço, como a jóia no cofre, como o homem no fato, como o ermitão na cela. O corpo é *o instrumento da alma,* de que ela se deve servir para obter a felicidade eterna. O corpo é para a alma o que a serra, a plaina e o martelo são para o carpinteiro, o pincel para o pintor, o órgão para o artista. *A alma é o guia do corpo;* é para êle como que cocheiro, pilôto (S. J. Cris.). Como o cavaleiro dirige o animal com as rédeas, assim a alma deve conduzir e domar o corpo (S. Vic. Férrer). Muitas vezes, ah! a alma deixa-se guiar pelas más paixões do corpo, abaixa o homem até ao nível dos animais, e torna-se eternamente infeliz. Que desordem, diz S. Bernardo, quando a senhora serve e governa a criada! A *alma anima o corpo,* isto é, dá-lhe vida. O homem só viveu depois que Deus lhe soprou dentro uma alma (Gén. II, 7); tanto que a alma sai do corpo, logo êste cessa de viver e se volta à terra (Eccles. XII, 7); o corpo sem alma é um cadáver (S. Tiag. II, 26). — A alma humana é **essencialmente diferente da alma dos animais irracionais;** esta tem mui *diversas faculdades* e *necessidades.* A alma dos brutos é incapaz de procurar *progresso:* a andorinha constrói hoje seu ninho como há séculos; não é capaz de investigar as *causas* e não pode, portanto, elevar-se ao conhecimento do *Criador.* Guiado só pelo *instinto,* o bruto *não tem consciência alguma de suas acções,* não sente *necessidade alguma intelectual ou moral,* nem desejo algum de uma *felicidade suprema;* sente-se plenamente satisfeito com seus prazeres corporais. A alma animal não pode, pois, ser da mesma natureza que a alma humana; pode-se por isso dizer: o animal tem uma alma; mas não: tem um espírito.

Estão em *êrro* aquêles que imaginam que o corpo humano foi produzido por evolução de sêres inferiores.

Muitos pretendem que o homem, pelo menos o seu *corpo,* saiu de *sêres inferiores, por evolução.* Cuidam que se podem explicar assim as palavras da Bíblia, que diz que Deus formou o homem *de barro* (Gén. II, 7). Esta doutrina não é admitida pela Igreja. O principal campeão desta hipótese foi **Darwin,** naturalista inglês, que acreditou que o homem descendeu do **macaco** por desenvolvimento sucessivo. Isto é tão impossível como uma ervilha des-

cender de um castanheiro, porque o homem e o macaco diferem fundamentalmente tanto pela *estrutura corporal* como pela *forma craniana* (Huxley diz: «Cada um dos ossos do gorilha tem caracteres que permitem fàcilmente o distingui-los dos ossos correspondentes do homem». A diferença entre o crânio de um gorilha e o crânio do homem é imensa. De mais, o *cérebro* do homem é diferentíssimo do do macaco mais perfeito). O homem, além disso, tem sôbre o macaco a vantagem da *palavra*, vantagem da expressão dos sentimentos na *fisionomia*. O macaco é incapaz de sorrir; não tem o andamento vertical do homem. O homem para *crescer* precisa de muitos anos e de uma infância muito prolongada; não assim o macaco, que se desenvolve *ràpidamente*; o homem pode *chegar a cem anos*; o macaco, o mais que chega é a *trinta*. Os homens, inda os mais degenerados, são *capazes de cultura*, mas não o macaco. Os *paleontólogos* nunca encontraram esqueleto que indicasse esta passagem do macaco para o homem; verificaram que durante milhares de séculos o esqueleto do homem não sofreu modificação alguma. Os mais antigos monumentos da arte e da sciência provam que os homens não começaram pela bestialidade; ao invés, as tradições e a lingüística recordam uma civilização e melhores tempos e deixam inferir um grau de cultura de que êles vieram decaindo pelo pecado. De mais, os macacos que se *parecem* com o homem não se parecem com êle senão na forma aparente das mãos, dos pés, e do crânio; quanto ao resto, diferem radicalmente. Os macacos mais semelhantes ao homem, pela estupidez e bestialidade que revelam, parecem ter sido criados por Deus para mostrar ao homem o que êle seria sem a alma imortal, e que reconhecimento deve ao seu Criador. «Custa-me a crer, dizia Sebastião Brunner (1), que o homem descenda do macaco; antes é certo que certos homens se tornam macacos». O pecado contra a castdade produz muitas vezes na fisionomia das crianças e dos adolescentes traços simiescos (Alb. Stoltz).

2. Os primeiros homens criados por Deus foram *Adão* e *Eva*.

(1) Sábio jornalista da Austria.

Eva foi formada *de uma costela* de Adão emquanto êste dormia (Gén. II, 21). Segundo os Santos Padres, êste sono foi um êxtase, porque ao acordar Adão sabia exactamente o que se tinha passado.

3. Todos os homens descendem de Adão e de Eva.

S. Paulo disse no Areópago de Atenas: «Deus fêz descender todo o género humano de um só homem e fêz-lhe habitar tôda a terra» (Act. Apóst. XVII, 26). Todos os homens não formam senão *uma família* e são filhos de um só pai (S. Jo. Cris.). As **raças** humanas não têm entre si diferenças essenciais. (Contam-se 5; mas nos respectivos limites não são elas mais nìtidamente divididas que as côres do arco-íris). A côr da pele e a forma do crânio provêm do *clima* e da *maneira de viver*. De facto estes caracteres a pouco e pouco perdem-se nos descendentes emigrados. Notam-se os mesmos fenómenos no *reino animal*: os animais da raça bovina perdem os chifres no norte e sofrem profundas modificações na formação do crânio: os carneiros transportados para a Guiné tomam a forma de cão; em Ângora os animais cobrem-se de um pelo longo e sedoso, etc. As *propriedades mais essenciais do corpo*, o esqueleto, a duração da vida, a temperatura normal, a freqüência do pulso, os fenómenos mórbidos são comuns a tôdas as raças; tôdas têm as mesmas *faculdades espirituais*: inteligência, memória, vontade, etc. As *línguas* e as *tradições antigas* de todos os povos, sôbre a queda original, o dilúvio, etc., autorizam a inferir uma origem comum. Demais os cruzamentos entre famílias de diferentes raças são indefinidamente fecundos. (Já não sucede o mesmo nos cruzamentos entre espécies diferentes).

Os homens não descendem de Adão senão *corporalmente*, porque a alma *é criada por Deus*.

A **alma** de *cada* homem é **criada por Deus**. Não é o homem, é Deus quem comunica a alma (V Conc. Latr.); é êle, diz Zacarias (XII, 1), quem criou o espírito no homem, e é neste sentido que Cristo disse: «Meu pai e eu *continuaremos sempre* a operar» (S. João, V, 17). Assim *como no baptismo e na penitência* o Espírito Santo

desce ao homem para lhe dar a vida espiritual, assim Deus no momento da formação do corpo lhe comunica uma alma para o vivificar. Êle insufla uma alma *em cada homem* como fêz a *Adão;* êle a cria no momento em que a insufla. **Esta insuflação** é a criação (S. Boav.). Êrro é, pois, crer (com Platão e Orígenes) que Deus criou tôdas as almas *no princípio* ao mesmo tempo que criou os anjos. Tertuliano caíu noutro êrro, pretendendo que as almas descendem *das almas dos pais,* como um facho a outro facho se acende. Outros vão até pretender que *todos os homens não têm senão uma alma comum!* De onde resultaria que todos os homens haviam de ter uma única consciência, o que os factos desmentem.

10. A alma humana

1. A alma humana é uma imagem de Deus, porque é um *espírito* semelhante a Deus.

Antes da criação do homem dissera Deus: «Façamos o homem à nossa *imagem* e *semelhança,* e que domine sôbre os animais e tôda a terra» (Gén. I, 26). O homem é, pois, criado à imagem de Deus e por conseguinte deve ter certas analogias com Deus. Estas analogias, ou parecenças, encontram-se na alma; tem êle, como Deus, **inteligência** e uma **vontade livre** que o tornam capaz de conhecer e amar o bem; é por elas que êle **domina** o mundo visível, que êle é o rei da criação visível, como Deus é o rei do universo. Não é, pois, sem razão que Deus uniu, na mesma expressão, a semelhança do homem com Deus e a sua realeza terrestre. O homem torna-se imagem ainda mais perfeita de Deus quando possui a **graça santificante,** porque neste caso é elevado *à participação da natureza divina* (II S. Pedro, II, 4) e a uma semelhança mais exacta com ela. Quando o homem é santo, domina verdadeiramente a terra e as criaturas, ao passo que o pecador é escravo delas. Emfim, em estado de graça, o homem é capaz não só de conhecer a verdade, o belo e o bem, mas de ver o mesmo Deus em sua glória, de o amar, de o gozar. — Assim como um globo é uma bela mas fraca imagem da terra, a alma é uma bela, mas muito fraca imgem de Deus. É, até, uma imagem da *SS. Trindade,* porque tem três faculdades, memória, inteligência e von-

tade, sendo contudo uma só substância; pela memória assemelha-se ao Pai, pela razão ao Filho, pela vontade ao Espírito Santo (S. Bern.). As palavras que Deus pronunciou ao criar o homem tinham um profundo significado, porque o plural que empregou indicava que queria formar o homem à imagem da SS. Trindade. O *valor de uma alma* aos olhos de Deus é portanto imenso, como, aliás, se vê pela redenção; uma alma vale mais que todo o mundo dos astros (S. Jo. Cris.). — O *corpo não é imagem de Deus*, porque Deus, sendo puro espírito, não tem corpo; o homem não é feito à imagem de Deus senão na alma. Sem dúvida, esta semelhança divina da alma manifesta-se também no corpo, que é instrumento da alma; a *atitude vertical* é sinal evidente da sua realeza sôbre a criação; as mãos, hábeis para tôda a espécie de trabalhos, para o manejo de tôda a sorte de utensílios e de armas, asseguram-lhe o domínio sôbre tôda a natureza animada e inanimada. — Daí nasceu o grito de admiração de David: «Senhor, nosso Deus! que é o homem, que dêle vos lembrais?... pouco menos que anjo o fizestes, de honra e glória o coroastes e o constituistes *senhor das obras de vossas mãos!*» (Ps. VIII, 2-7).

2. A alma humana é *imortal*, quere dizer: não pode cessar de existir.

O corpo morre em pouco tempo, a alma subsistirá na eternidade. A alma não pode cessar de existir, mas *pode perder a graça santificante* e estar *espiritualmente morta*, o que acontece pelo pecado mortal. «A alma morre e não morre; não morre, porque conserva sempre consciência de si própria, morre quando abandona a Deus» (S. Agost.). Um *ramo* cortado do tronco é ainda um ser, mas cessa de ser um ramo vivo; assim acontece à alma que cometeu um pecado mortal; é separada de Deus, portanto morta, mas continua a existir. Também o *corpo*, depois da morte, não volta ao nada absoluto, mas cessa de viver, tanto que dêle se separa a alma. A alma, portanto, pode cessar de viver sem cessar de existir, quando abandona a Deus pelo pecado mortal. «Os pecadores estão mortos ainda quando vivem, os justos vivem mesmo depois de mortos» (S. Jo. Cris.). Contradição aparente, fácil de resolver à luz do que acabamos de expor.

Sabemos pelas palavras de Jesus Cristo que a alma é imortal.

Não temais, diz êle, aquêles que podem matar o corpo, mas não a alma (S. Mat. X, 28); além de que disse ao bom ladrão: «Hoje mesmo estarás comigo no paraíso» (S. Luc. XXIII, 43). Cristo ensinou também êste dogma na parábola do rico avarento e do pobre Lázaro (S. Luc. XVI, 19) e além disso diz (S. Mat. XXII, 32) que o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob não é o Deus dos mortos, mas sim dos vivos.

Além disso, as *aparições* de mortos são inumeráveis.

Na transfiguração de Cristo, no Tabor, apareceu Moisés morto havia muito (S. Mat. XVII, 3). Muitos mortos apareceram em Jerusalém na morte de Cristo (ibid. XXIII, 53). O profeta *Jeremias*, e o sumo Sacerdote Onias apareceram a Judas Macabeu antes da batalha (II Mac. XV). A Virgem Maria apareceu muitas vezes no decorrer dos séculos, entre outras em Lourdes, em 1858, e em Fátima, em 1917. «Desde Jesus Cristo ainda não houve séculos sem numerosas aparições de almas *santas* para consolar os vivos ou de almas do *purgatório* a pedir orações» (Scaram.). O Apóstolo de Viena, S. Cl. Hofbauer, apareceu ao seu amigo Zacarias Werner da mesma cidade: estava resplandecente, trazia na mão uma palma, um lírio, um ramo de oliveira, e anunciou ao seu amigo a morte próxima (1820). O mesmo aconteceu à morte de muitos santos. A maior parte dos teólogos rejeitam como impossível o aparecimento de *condenados*, porque ninguém volta do lugar da condenação; quando muito, admitem que os demónios aparecem sob forma de condenados. — Estas aparições são feitas pelo *ministério dos anjos* (S. Agost.) que assumem corpos etéreos (S. Greg. Mag.) ou que provocam em nossos olhos uma certa percepção (S. To. de Aq.). Se mediante o telescópio podemos ver claramente objectos imperceptíveis à vista desarmada, a omnipotência divina pode também fazer-nos ver os espíritos de além túmulo (Scaram.). Não se deve nem crer ingènuamente em todos os aparecimentos que se contam (requere-se um exame muito sério), nem motejar logo dêles como de vãs imaginações. Os motejadores são co-

mo os animais que não crêem senão no que vêem (Scaram.). A inteligência de um homem carnal não alcança mais longe que a sua vista corporal (S. Agost.). Muitos homens não querem examinar sèriamente os casos de aparições, porque se as verificassem seriam obrigados a mudar de vida, que é o que êles não querem.

A nossa mesma *razão* nos diz que a alma é imortal.

O homem tem em si a sêde, o desejo de uma *felicidade* durável e perfeita. Êste desejo é comum a todos os homens; foi, portanto, deposto em nós pelo próprio Criador. Mas esta sêde não pode ser saciada neste mundo por nenhum bem, por nenhum prazer terrestre. Ora, se êste desejo não pudesse ser satisfeito em parte nenhuma, nem nunca, o homem seria mais infeliz que o bruto, que não é atormentado por êste desejo, e Deus, o ser perfeito, não seria bom, mas *cruel:* suposição absurda. — Se a alma não é imortal, o *mau* que sôbre a terra só cometeu crimes ficaria impune, e o justo que a si mesmo tornou a vida penosa combatendo as paixões, ficaria sem recompensa. Deus, soberanamente perfeito, sera *injusto:* suposição tão absurda como a precedente. Se portanto existe um Deus, é preciso que a alma seja imortal. — Nós conservamos a nossa *consciência* psicológica e moral, as nossas *recordações da mocidade,* a-pesar-da transformação do nosso corpo, cujas moléculas se renovam de sete em sete anos; estas faculdades permanecem inteiras, ainda quando perdemos um membro importante, um braço, uma perna ou até uma certa parte do cérebro. Há, pois, no corpo uma substância independente da matéria mudável e que, a-pesar-de tôdas as mudanças, e portanto a-pesar também da morte, permanece *indestrutível.* — Durante os sonhos nós vemos, ouvimos e falamos, a-pesar-de que os nossos olhos, os ouvidos e a língua não estão em actividade; assim depois da morte viveremos e pensaremos, conquanto os sentidos estejam completamente inactivos. S. Agostinho conta que Genádio, médico de Cartago, que recusava crer na imortalidade da alma, teve o seguinte sonho: Viu êle um belo jovem todo vestido de branco que lhe preguntou: «Tu vês-me? — Vejo. — Vês-me tu com os olhos? — Não, os meus olhos dormem. — Com que me vês tu então? — Não sei. — Tu ouves-me? — Oiço. — Com

os teus ouvidos — Não, êles dormem. — Então com que me ouves? — Não sei. — Mas emfim tu estás agora a falar? — Estou. — Com a bôca? — Não. — Então com que é? — Não sei. — Pois bem! Tu estás dormindo, mas falas, vês e ouves; o sono da morte chegará, e tu ouvirás, verás, falarás, sentirás». O médico acordou e compreendeu que Deus lhe tinha por meio de um anjo ensinado a imortalidade da alma (Mehler I, 494).

Nada, nem sequer o mais pequeno átomo de pó, se perde na natureza. A matéria muda de formas, mas a sua massa na natureza permanece sempre a mesma. O corpo do homem não será pois aniqüilado: o espírito humano, tão elevado acima do mundo visível, seria mais mal sorteado que a matéria inerte, que o nosso pobre corpo! As *estrêlas* por sôbre nós, a *terra* por baixo de nós, que não pensam nem sentem, nem esperam, conservam na sua integridade a forma exterior; e o homem, a coroa da criação, não seria criado senão para durar poucas horas fugitivas?

Todos os povos crêem na *imortalidade da alma.*

Primeiro os *Judeus.* — Jacob queria ir ter com seu filho José ao reino dos mortos (Gén. XXXVII, 35). Era proïbido entre os judeus evocar os mortos (Deut. XVIII, 11). — Os *Gregos* falavam do Tártaro e dos Campos Elísios. Os *Egípcios* criam na migração das almas, de três em três mil anos. Os usos de todos os povos: as honras fúnebres, os sacrifícios funerários, indicam a crença dêles na imortalidade das almas. «O dogma da vida futura é tão antigo como o universo, tão espalhado como a humanidade» (Gaume). — Aquêles que dizem: *tudo acaba na morte,* são os homens que vivem no pecado mortal e têm mêdo da retribuïção futura: como estas palavras procuram dissipar seus temores, como as crianças medrosas assobiam no escuro para dissiparem o terror dos fantasmas. Mas o que dizem homens isolados não pode prevalecer contra a fé universal; um indivíduo pode enganar-se: o género humano, não. Aquêle que quere viver como animal, não pode evidentemente desejar a vida futura. «O próprio suïcida, que foi demasiado fraco para suportar o pêso da vida, não tem intenção de se precipitar no nada; quere simplesmente encontrar a paz que em vão buscou neste mundo» (S. Agostinho).

11. Os dons sobrenaturais

Os primeiros homens eram quási tão felizes como os *anjos bons*. «Senhor, dizia David, vós pouco menos que os anjos o fizestes, vós o coroastes de honra e de glória» (Ps. VIII, 6). Tôdas as mitologias pagãs falam da felicidade dos primeiros homens; os Romanos chamavam-lhe *idade de ouro;* e Hesíodo escrevia que o género humano primitivo vivia *como os deuses* em perfeita felicidade.

1. Os primeiros homens possuíam o Espírito Santo, e com êle *privilégios* especiais para a alma e para o corpo.

Eram participantes da natureza divina (II S. Pedro, I, 4). Adão vivia num estado de justiça e santidade (Conc. Tr. V, 1). Os homens não tinham por virtude própria esta justiça e esta santidade, mas era de Deus que a tinham. O ôlho não produz a luz; para ver, é preciso que esta lhe venha de fora. (Alb. Stoltz).

Os principais privilégios da **alma** eram os seguintes: tinham uma razão *esclarecida,* uma vontade *sem fraqueza,* uma *graça santificante;* eram pois *agradáveis a Deus,* filhos dêle e herdeiros do céu.

A **razão** dos primeiros homens era **muito esclarecida** (Sab. XVII, 5-6); disso deu prova Adão designando *todos os animais* por um nome que os caracterizava perfeitamente. Reconheceu também, pelas luzes do Espírito Santo, a *indissolubilidade do matrimónio* (Conc. Tr. 24). A **vontade** dos primeiros homens não era enfraquecida pela **concupiscência.** Revestidos apenas da graça que vinha do céu (S. J. Cris.), *não tinham* vergonha de si mesmos; não havia ainda nêles sensualidade que lhes excitasse o corpo contra a vontade (S. Agost.). Para pecar, portanto, tiveram que travar um combate tão forte como o nosso para praticar o bem. — Com o Espírito Santo que nêles habitava, nossos primeiros pais possuíam a **graça santificante,** eram, pois, semelhantes e agradáveis a Deus. Tinham também um grande *amor de Deus,*

inseparável da graça santificante. — Porque o Espírito Santo residia nêles, eram **filhos de Deus**, pois «todos aquêles que são movidos pelo espírito de Deus são seus filhos» (Rom. VIII, 14) e, «sendo filhos, eram também **herdeiros**, quere dizer, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo» (ibid. 17). Os filhos têm sempre, de facto, um direito à herança do pai.

Os principais privilégios do **corpo** eram os seguintes: era também *imortal* e isento de qualquer doença; habitavam o *paraíso* e tinham *sob seu domínio* tôdas as criaturas inferiores.

Deus criou o homem **imortal** (Sab. II, 23). Isto se infere, aliás, do facto de Deus ter ameaçado os homens de morte, como de uma pena, dizendo-lhes acêrca da árvore da sciência: «No dia em que dela comerdes, morrereis de morte» (Gén. II, 17). Ora aqui não se tratava só da morte espiritual; Deus tinha em vista a morte corporal, porque, quando pronunciou a sentença, disse: «Tu és pó e em pó te hás-de tornar» (Gén. III, 19).

O homem primitivo estava **livre de qualquer enfermidade**; a doença, de feito, é precursora da morte e, não existindo esta, aquela também não devia existir. Sem dúvida, mesmo no paraíso, estava sujeito ao trabalho: mas êste trabalho era uma parte da felicidade. «O trabalho causava-lhes alegria e eram isentos de qualquer fadiga» (S. Agost.); desejavam-no voluntàriamente como um prazer (Leão XIII). — O **Paraíso** era um magnífico *jardim de delícias* em que havia árvores esplêndidas com os mais saborosos frutos, grande cópia de belos animais e um rio dividido em quatro braços. Ali havia, ao *lado da árvore da sciência* (esta árvore devia fazer reconhecer a obediência de Adão), a *árvore da vida:* os frutos desta última preservariam da morte. (Esta árvore foi substituída pelo SS. Sacramento). Certo número de sábios crêem que o Paraíso estava situado nas vizinhanças do Tigre e do Eufrates. Segundo as visões de Catarina Emmerich, o paraíso existiria ainda e não se encontra neste mundo; os homens só teriam sido colocados na terra depois da queda, no sítio do jardim das Oliveiras onde Cristo passava a noite em oração e onde sofreu a agonia

em a noite de Quinta-feira santa (Brentano) (1) — No paraíso o homem **dominava sôbre os animais;** estes estavam como que *domesticados* diante dêle: apareceram-lhe para que êle os visse e lhes desse um nome conveniente (Gén. II, 19). A razão desta mansidão dos animais não se deve de *modo nenhum* procurar numa mudança de natureza: é difícil, segundo S. Tomás, admitir uma mudança de natureza depois da queda, como se os carnívoros não o houvessem sido antes; convém antes pensar que a *fisionomia* do homem tinha certa *grandeza* e *majestade* que exercia grande influência sôbre os animais. «Deus fêz o homem terrível para todos os sêres vivos» (Sab. XVII, 4). Ainda hoje o homem conserva esta majestade; é capaz de aterrar os animais com sua presença. Deus disse a Noé: «Que todos os animais sejam tomados de terror e tremam diante de ti» (Gén. IX, 2). Os domadores de animais ferozes mostram que império o homem pode exercer sôbre os mais cruéis animais; mas êste império é *muito imperfeito* em comparação do que era antes do pecado. Conta-se de muitos santos, de S. Francisco de Assis, entre outros, que muitos animais eram muito tratáveis em sua companhia; isto parece *conseqüência de sua eminente santidade*. Deus restituïria o império sôbre estes animais a alguns servos fiéis cuja inocência se aproximava da do paraíso.

2. Estes privilégios *especiais* de nosos primeiros pais chamam-se *dons sobrenaturais*, porque eram um *suplemento* à *natureza* humana.

Aguns exemplos farão entender esta doutrina. Um *soberano* manda por compaixão dar a um *pobre órfão*, uma *educação correspondente à sua situação*: tem cuidado pela sua alimentação, roupas, abrigo, instrução, aprendizagem de um ofício. (Assim Deus deu ao homem coisas que lhe são absolutamente indispensáveis). Mas o soberano pode levar mais longe a sua bondade: pode-o *adoptar* por *filho*, dar-lhe pousada no seu palácio, vesti-lo como um príncipe, assentá-lo à mesa real, assegurar-lhe a su-

(1) Sábio literato alemão que recolheu as visões de Catarina Emmerich.

cessão ao trono, etc. (Assim Deus concedeu aos primeiros homens *dons sobrenaturais* que os elevavam a uma ordem superior). A água compõe-se de *hidrogénio* e *oxigénio;* tire-se uma destas substâncias e a água deixará de ser água, porque cada uma delas constitui a sua natureza. (Assim a natureza do homem é constituída pela razão, a liberdade e a imortalidade, sem as quais o homem cessaria de ser homem e desceria ao nível de um animal). Mas acrescente-se àquela água *açúcar* e *vinho*, ela sofre uma modificação, tem mais sabor, mais côr, mais fôrça, numa palavra, é mais preciosa. (Assim Deus ajuntou à natureza de Adão e de Eva muitas qualidades que o melhoraram, embelezaram, ennobreceram e elevaram. Eram *dons* sobrenaturais, isto é, que *não eram indispensáveis à natureza do homem*, que, por conseguinte, podiam desaparecer a cada momento, sem que por essa perda o homem deixasse de ser homem). Aquêles dons sobrenaturais produziam **uma semelhança mais notável com Deus;** sem êles, teria sim existido, pela alma racional e imortal, uma certa semelhança, mas não tão elevada. Um pintor pode com poucos traços negros reproduzir a figura de alguém; mas se recorre às côres e pinta os olhos, as faces, os cabelos, etc. com as variações de côr que tem no original, êsse retrato será mais parecido, mais belo, mais precioso. O mesmo se dá com os dons sobrenaturais; aquêles constituem a imagem *natural*, estes a **imagem sobrenatural de Deus.** Quando Deus antes da criação do homem dizia: «Façamos o homem à nossa *imagem* e *semelhança*», a palavra imagem referia-se aos dons naturais e a palavra semelhança aos dons sobrenaturais (Belarmino).

12. O pecado original

A narração da queda original é-nos feita por Moisés; deve tomar-se como a narração verdadeiramente histórica e não como um mito ou uma fábula. É esta a opinião de todos os doutores da Igreja.

1. Deus no paraíso deu aos primeiros homens um *mandamento;* proïbiu-lhes que comessem do fruto de uma árvore plantada no meio do paraíso.

A árvore estava no *meio* do paraíso e o homem estava no meio entre Deus e Satanás, entre a vida e a morte (S. Jo. Cris.). Aquêle fruto não era mau em si, porquanto: como teria Deus num paraíso tão feliz criado alguma coisa má? O fruto só era mau e nocivo porque era proïbido (S. Agost.).

A observância dêste mandamento devia **merecer** a Adão e a Eva a **felicidade eterna.**

Por sem dúvida os homens, sendo filhos de Deus pela graça santificante, deviam obter a felicidade eterna como um dom, como *uma herança*. Mas uma felicidade merecida torna mais feliz, é uma felicidade maior, e Deus em sua bondade quis também que os homens **merecessem** o céu como **uma recompensa.** — Se nossos primeiros pais não houvessem transgredido aquêle mandamento, todos os homens *teriam* nascido como a Santíssima Virgem, *em estado de santidade*, e se tivessem sido fiéis a Deus teriam entrado no céu sem morrer (S. T. de Aq.). Sem dúvida, os descendentes de Adão, embora nascidos em santidade, teriam podido pecar, e teriam morrido como Adão morreu. Mas a falta dêstes pecadores individuais não teria passado à posteridade dêles, porque Deus tinha constituído só Adão chefe do género humano (S. T. de Aq.).

2. Os homens deixaram-se seduzir pelo demónio e *transgrediram* a ordem de Deus.

O demónio tinha *inveja* daqueles homens, tão felizes no paraíso. «A inveja do demónio produziu o pecado no mundo (Sab. II, 23); êle foi homicida desde o princïpio (S. Jo. VIII, 44). Diante de Eva recorreu a uma *mentira*, por isso Cristo lhe chama *pai da mentira* (ibid.). O demónio assumiu *uma forma visível*, como fazem os anjos bons e maus, como faz o mesmo Deus, quando se revelam aos homens; tomou forma de serpente, porque Deus só lhe permitiu a daquele animal, que por seu veneno e astúcia é imagem exacta da astúcia e malícia mortal do demónio (S. Agost.; S. T. de Aq.). O demónio via-se forçado a tomar a forma visível e a atacar os homens pelo exterior, porque *interiormente* não tinha ainda acção alguma sôbre êles, porque não tinham ainda a alma cor-

rompida pela concupiscência. S. Agostinho diz que Deus permitiu esta tentação, porque nossos primeiros pais, antes de pecarem por desobediência, já se haviam tornado culpados de negligência, pensando pouco nêle e *distraindo-se* na contemplação das coisas visíveis; daí proveio aquêle rápido aparecimento da tentação (Eccles. VII, 30). A felicidade original tinha tornado nossos primeiros pais imprevidentes (1). A maior parte dos doutores pensam que a queda sobreveio logo *ao 6.º dia da criação*, no mesmo dia e à mesma hora em que foi a Redenção, numa sexta-feira às 3 horas da tarde. Com efeito é notável que, segundo a Escritura Sagrada, Deus, que imediatamente pediu contas do acto aos nossos primeiros pais, andava pelo paraíso ao tempo que se levanta a viração *depois do meio* (Gén. III, 8).

3. A transgressão do mandamento divino *teve conseqüências terríveis*: os homens perderam o Espírito Santo e com êle os dons sobrenaturais, além de que sofreram prejuízos no corpo e na alma.

---

(1) Mehler traz a êste propósito uma história muito instrutiva de um lenhador. Um dia que êste estava trabalhando diante do príncipe, ao serviço de quem andava, pronunciara horríveis imprecações contra Adão e Eva que haviam transgredido uma ordem tão fácil, e precipitaram assim sua posteridade numa tremenda miséria. «Minha mulher e eu, disse êle, não teríamos sido tão insensatos. — Bem! respondeu o príncipe, vamos ver. A partir de hoje, tua mulher e tu, vivereis em minha casa no paraíso, como Adão e Eva. Mas o dia da prova chegará». O casal recebeu vestidos e aposentos magníficos; foi dispensado do trabalho, sentou-se à mesa do príncipe, em suma não mais conheceu lágrimas e suores. Veio então a prova. Certo dia de festa o príncipe dispôs um esplêndido banquete, mandou que fôssem servidas as mais finas iguarias, e entre outras, um prato coberto com outro prato. «De tudo podeis comer, disse êle, mas não comereis do prato coberto antes que eu chegue. Nem tardou muito em vir. A curiosidade crescia nos dois hóspedes de minuto para minuto, e emfim a mulher não pôde mais ter mão em si que não levantasse o prato que cobria. A desgraça estava feita; um belo pássaro que lá estava prêso voou do prato e saiu pela janela. Neste momento apareceu o príncipe e expulsou os dois do seu castelo, dpois de lhes ter dado salutares conselhos. Notável exemplo da fraqueza humana!

Êste pecado foi tão severamente punido porque o mandamento divino era de fácil observância (S. Agost.) e porque os homens tinham *uma inteligência muito esclarecida.* O pecado era **mortal;** sabemo-lo pela morte que teve de sofrer um Deus para o reparar, porque pela fôrça do remédio se infere a gravidade do mal, do preço do remédio pode-se inferir a profundidade e o perigo da ferida (S. Bern.). — Sucedeu a Adão pelo pecado o que sucede ao homem que caíu na lama: desfigura-se e suja-se (S. Greg. Nic.). O Judeu que indo de Jerusalém para Jericó caíu nas mãos dos ladrões, não foi sòmente *despojado de seus haveres,* foi também *coberto de feridas;* os homens foram também *despojados dos dons sobrenaturais* e além disso foram-lhes cerceados os dons naturais. Por outros termos, a **semelhança sobrenatural com Deus desapareceu** completamente e a **imagem natural foi desfigurada.** «Pelo pecado original o homem foi corrompido no corpo e na alma» (Conc. Trent.).

O pecado causou dano **à alma** de nossos primeiros pais: 1.° *obscurecendo-lhes* a razão, 2.° *enfraquecendo-lhes* a vontade e inclinando-a para o mal, 3.° *tirando-lhes a graça santificante* pelo que êles desagradaram a Deus e se tornaram *incapazes de entrar no céu.*

A **razão** foi-lhes **obscurecida,** isto é, deixaram de conhecer tão claramente a Deus, a sua vontade, e o fim da própria vida, etc. A **vontade** foi-lhes **enfraquecida.** O homem pelo pecado tinha perturbado a harmonia entre as suas faculdades espirituais e sensíveis, os sentidos deixaram de submeter-se sem resistência ao domínio da razão e da vontade. «Para o punir por *se ter revoltado contra Deus,* a carne do homem revoltou-se contra êle; eis por que o homem tem vergonha do seu próprio corpo (S. Euq.). «Sinto, diz também S. Paulo, outra lei em meus membros que repugna à lei do espírito (Rom. VII, 23). «A carne conspira contra o espírito» (Gal. V, 17). Como a pedra é sempre pela sua gravidade atraída para o centro da terra, assim a vontade corrompida do homem é constantemente dirigida para as coisas terrestres. «O espírito do homem e todos os pensamentos do seu coração, são levados para o mal desde a mocidade» (Gén. VIII, 21).

O pecado original produziu particularmente em nós as *inclinações más* que Satanás tinha excitado em nossos primeiros pais: o duvidar da palavra de Deus ou a *incredulidade*, o duvidar da sua justiça ou a *leviandade*, o *orgulho*, as *paixões sensuais* (Hirscher) (1). Eva, que primeiro passou em revista as árvores do paraíso, que se entreteve de maneira culpável com Satanás, depois com seu marido, e que primeiro quis ser como Deus, transmitiu ao seu sexo os vícios da *curiosidade*, da *loquacidade* e da *vaidade*. Mas as faculdades espirituais do homem, a razão e o livre arbítrio, **não foram senão enfraquecidas** pelo pecado original, e de nenhum modo destruídas, como o pretendia Lutero. O homem possui ainda o seu livre arbítrio, a-pesar-da queda (Conc. Trento, 6, 5); se o houvesse perdido de todo, *por que deliberaria* êle antes das suas acções? por que sentiria às vezes *remorso* depois delas? Por isso S. Agostinho diz: «Ainda que Deus nos houvesse criado tais como estamos depois da queda, a nossa alma teria ainda *qualidades preciosas* e teríamos motivo para lhe sermos muito agradecidos». — Nossos primeiros pais perderam **a graça santificante**, isto é, a justiça e a santidade em que haviam sido criados (Conc. Tr. 6, 1), e por conseguinte a amizade de Deus. Todo aquêle que morre com o pecado original não chega *à visão de Deus*, mas por êle também não é condenado às penas do inferno. «A pena do pecado original, diz Inocêncio III, é a privação da visão de Deus; a pena do pecado pessoal é o fogo do inferno». — Daqui se podem tirar conclusões relativas às crianças mortas por baptizar.

No **corpo** sofreram nossos primeiros pais como pena do pecado os males seguintes: 1.° Ficaram sujeitos à doença e à *morte*; 2.° foram *expulsos do paraíso*, sujeitos a um *trabalho penoso*; a mulher foi posta sob o domínio do homem; 3.° as fôrças da natureza e as *criaturas inferiores* ficaram a poder causar dano ao homem e, emfim, o *espírito mau* passou a poder tentá-lo mais fàcilmente e causar-lhe, com licença de Deus, danos nos bens temporais.

---

(1) (1788-1865) Professor de moral em Tubingue e em Friburgo.

O homem por causa do pecado original foi *condenado a morrer*. Deus disse a Adão: «Comerás o teu pão à custa do suor do teu rosto, até que *voltes à terra* de onde saíste; porque tu és pó e em pó te hás-de tornar» (Gén. III, 19). O sacerdote repete-nos esta sentença na *quarta-feira de cinza*, ao espargir sôbre nossas cabeças a cinza. A morte é a *pior das conseqüências* do pecado original; e contudo a morte corporal não é mais que uma débil imagem da *morte espiritual e eterna*, mais terrível ainda, decretada contra a humanidade e da qual não pode salvar-se senão pela Redenção e pela penitência. — O **encerramento** das **portas do paraíso terrestre** é também um símbolo do *encerramento do paraíso celeste* (S. T. de Aq.). — Depois do pecado os homens foram condenados a um **trabalho penoso.** Deus com efeito disse a Adão: «Amaldiçoada seja a terra por causa da tua traição...; que ela produza sarças e espinhos...; *suarás o pão que comeres*» (Gén. III, 17). Foi para afastar esta maldição que a Igreja instituíu grande número de bênçãos. — Desde então foi **a mulher sujeita ao homem,** porque havia seduzido o homem: «Tu estarás, disse Deus, sob o poder do homem e êle terá domínio sôbre ti» (Gén. III, 16). A mulher sofrerá também muitas tribulações por causa dos seus filhos (ibid.), porque com seu pecado os tornou infelizes. — As **criaturas inferiores** tiveram desde aquêle momento poder de **fazer mal** ao homem; porque êste se revoltou contra Deus, seu senhor, é justo que por sua vez as criaturas se voltem contra aquêle que devia ser seu rei. Deus deixou de apartar do homem as influências nocivas dos elementos, das plantas, dos animais, e daí os diferentes flagelos do fogo, das águas, dos animais. «Os homens que ontem aterrorizavam todos os animais estão agora todos em temor» (S. Ped. Cris.). O **demónio** tem também agora **grande influência** sôbre o homem, segundo o princípio: «quem é vencido torna-se escravo do seu vencedor» (II S. Ped. II, 19). O demónio, sobretudo agora que o homem é inclinado para o pecado, pode mais fàcilmente *tentá-lo, levá-lo ao pecado mortal* (Judas, por ex.) e com licença de Deus *fazer-lhe mal* mesmo nos *bens temporais* (Job, por ex.). É por isso que o demónio se chama o *príncipe dêste mundo* (S. Jo. XII, 31; XIV, 30), príncipe da morte (Heb. II, 14). Nós somos nesta terra viandantes em cujo caminho estão os demónios de emboscada como bandidos (S. Greg. Mag.). O mundo todo (I S. Jo. V, 19) está sob o império do espírito maligno.

Um jugo pesado está sôbre os filhos de Adão desde o dia do seu nascimento até ao da sepultura (Ecles. XL, 1). É ordem natural que a *criança* entre na vida chorando. — Tôdas estas penas aplicadas ao homem eram também para êle *remédio*. As doença, a morte, a necessidade do trabalho, a sujeição a outros homens, são úteis para refrear o *orgulho* e a *sensualidade*. Êle foi expulso do paraíso para que não comesse da *árvore da vida*, o que o tornaria *imortal numa terrível miséria*; esta expulsão era também um meio eficaz para o excitar à *penitência*.

4. O pecado do primeiro homem passou com tôdas as suas desgraçadas conseqüências *a todos os seus descendentes* (Conc. Tr. 5, 2).

Todos os dias sinto a **pena** do pecado, e por sentir a pena recordo-me da falta (S. Greg. Mag.). Contudo não foi sòmente a pena que nos foi transmitida, mas o próprio **pecado**, a falta de Adão, porque seria impiedade pensar que Deus, que é justo, quisesse punir alguém que está absolutamente isento de faltas (S. Prósp.). Nós somos por nascimento filhos de ira (Ef. II, 3), todos pecámos em Adão (Rom. V, 12). Nós pecámos em Adão, como *os membros do corpo cooperam no pecado*, quando são movidos por uma vontade má da alma. Podem-se envenenar todos os frutos de uma árvore envenenando-lhe a *raiz*; êste processo saiu bem ao demónio no paraíso (Segneri). Eis outras analogias. Um rei dá, por ex., a um dos seus servos uma *terra*, sob *condição* de que êle lhe seja fiel. Se o servo falta à promessa, perde a terra não só para si, mas para seus filhos. Uma coisa semelhante se dá com o pecado original (Actas do Conc. Tr.). Suponhamos ainda um pai *nobre*. Se êle comete uma falta grave para com o seu suserano, tiram-se-lhe ao mesmo tempo a nobreza e os feudos. Os filhos herdarão o título e os bens? Não, mas herdarão a pobreza, a miséria do pai. O pecado original é *hereditário* como certas *doenças do corpo*. — É *êrro* condenado pela Igreja (Conc. Tr. 5) crer que somos pecadores em Adão pela *imitação* do seu pecado. Como explicar, de facto, a morte das criancinhas que não imitam o pecado de Adão? A doutrina da Igreja, segundo a qual *nós* também nos tornámos pecadores *pelo acto livre de Adão*, é um *mistério da fé*.

Êste pecado chama-se *original*, porque nos vem por termos nossa origem em Adão.

Somos infectados pelo pecado antes de respirarmos o ar (S. Ambr.). Somos concebidos no pecado (Ps. L, 7), porque somos filhos da concupiscência (S. Ambr.). — Os filhos dos *cristãos* não são isentos do pecado original (Conc. de Tr.). Não se nasce cristão, mas pelo baptismo se renasce tal (S. Jer.). O mesmo se dá com as azeitonas: o caroço das oliveiras cultivadas não dá senão azeitonas bravas (S. Agost.).

Jesus Cristo e a Santíssima Virgem foram os únicos isentos do pecado original.

O Salvador e sua Mãe foram concebidos sem pecado. Alguns doutores crêem que *Jeremias* (I, 5) e *S. João Baptista* (S. Luc. I, 15), ainda que manchados do pecado original, foram santificados antes do nascimento (S. Ambr., S. Atan.). Todos os outros homens só são purificados do pecado original pelo baptismo (de água, de sangue ou de desejo). — Rejeitar o pecado original é condenar-se a não entender absolutamente a história da humanidade; admiti-lo é *compreender-se a si mesmo* e a história do mundo (Ketteler) (1). Quão *grande é a miséria* em que o pecado original mergulhou o género humano! E há tão poucos homens que a descubram, e muitos até se consideram muito felizes neste mundo! Assemelham-se a uma criança nascida em uma prisão escura, que lá brinca, se diverte e está contente, porque não sabe o que é a luz: a mãe, pelo contrário, está triste e geme. Assim os filhos do século vivem alegres, mas os santos, que conhecem as alegrias do paraíso, estão cheios de tristeza e derramam lágrimas neste mundo.

(1) Bispo de Mogúncia.

2.°-7.° Artigo do Credo: Jesus Cristo

1. A Redenção

Jesus Cristo, nosso Salvador, livrou-nos das conseqüências desgraçadas do pecado original.

O **homem** decaído era **incapaz** de reconquistar **por si mesmo** a santidade e a justiça primitivas, assim como os bens que delas dependiam. Um *morto* não pode ressuscitar o seu corpo, e uma alma morta espiritualmente não pode voltar por si mesma à vida sobrenatural. «Se o homem não podia, sem a graça de Deus, manter-se no estado de justiça em que fôra criado, com maior razão não pode regressar a êle por si, depois de o ter perdido» (S. Agost.). O homem depois do pecado original assemelha-se a *um doente* que pode mover os braços e as pernas, mas não pode *sem* auxílio alheio levantar-se do leito, nem transportar-se ao lugar onde quere ir (S. T. de Aq.). O que o bom Samaritano foi para o Judeu caído nas mãos dos ladrões, Cristo o é para o género humano ferido pelas astúcias do demónio e despojado de seus dons sobrenaturais. Cristo chama-se *Salvador* (que cura) da humanidade, porque êle trouxe o remédio a esta humanidade arruïnada pelo pecado (Sailer) (1).

Cristo livrou **primeiramente a nossa alma** das conseqüências do pecado original: *esclareceu* a nossa razão com a sua doutrina, *inclinou para o bem* a nossa vontade por meio dos seus mandamentos e promessas, preparou-nos pelo seu sacrifício na cruz as graças (auxílios) necessárias *para obter de novo*

(1) Jesuita da Baviera, mais tarde secularizado, prof. de teol. em Ingolstadt, em Landsuht, depois Bispo de Ratisbona (1751-1832).

a graça santificante, para tornarmos a ser filhos de Deus e herdeiros do céu.

Cristo exerceu, pois, uma tríplice função: a de profeta ou do *magistério doutrinal,* a de rei ou do *govêrno pastoral,* a de pontífice ou do *ministério sacerdotal.* Cristo, portanto, é o nosso **mestre,** o nosso **rei,** o nosso **pontífice.** A estas funções correspondem as três partes do catecismo: na 1.ª Cristo ensina-nos, na 2.ª governa-nos, na 3.ª sacrifica por nós. — Cristo emprega diferentes figuras para designar esta tríplice função. Chama-se a **luz do mundo,** porque ilumina a nossa inteligência com o seu ensino (S. Jo. XII, 36); nomeia-se também **rei,** de um reino que não é dêste mundo (S. Jo. XVIII, 36); dá-se também a si o nome de **bom pastor** que dá a vida por suas ovelhas (id. X, 11); muitas vezes se compara a um *condutor,* a um *guia,* e nos exorta a segui-lo (id. XIV, 6; S. Mat. X, 38). «Somos nesta terra peregrinos sem pousada fixa, mas que procuram a do futuro. O caminho é rude, escarpado, ladeado de precipícios, muitos há que por ignorância se transviam e morrem. Mas nós temos um guia que diz de si mesmo: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (S. Jo. XIII). Se seguimos êste guia e não nos apartamos de seus vestígios, não podemos errar caminho (L. de Gran.). — S. Paulo chama a Cristo grande *Pontífice* (Heb. II, 17) que não tinha que sacrificar primeiro por seus pecados e depois pelos do povo (id. VII, 27), que não ofereceu sangue de animais, mas uma vez por tôdas o seu próprio corpo (id. X) e que penetrou nos céus (id. IV, 15). Por sua obediência expiou a desobediência de Adão (Rom. V, 19) porque foi obediente até morrer na cruz (Fil. II, 8). — Por Cristo nos ter aberto com o seu sacrifício as *fontes da graça,* a missa e os sacramentos com os quais podemos recobrar a santidade, a filiação divina (Gal. IV, 5) e os nossos direitos ao céu (ibid), por isso dizemos que o Salvador **nos reabriu o céu.** Foi precisamente por isso que na sua morte o *véu do templo,* que encerrava o santo dos santos, se rasgou (S. Mat. XXVII, 51). Nós temos esperança certa de entrar no santo dos santos, isto é, no céu, mediante o sangue de Jesus Cristo (Heb. V, 19). A cruz é a chave do céu (S. Jo. Cris.).

Cristo livrou os nossos **corpos** das tristes conse-

qüências do pecado: morrendo por nós, mereceu-nos a *ressurreição;* ensinou-nos, pelas doutrinas e pelo seu exemplo, a maneira de viver neste mundo *felizes como no paraíso* e de *dominar,* de vencer o mundo; finalmente, indicou o meio de *afastar* de nós o demónio e de o vencer.

Cristo era isento de todo o pecado, mesmo do pecado original. Não estava, pois, sujeito à morte, que é castigo do pecado. Morreu livremente por nós; é pois justo que a vida nos seja restituída e que ressuscitemos. Uma comparação vai fazer-nos compreender esta verdade. Se somos devedores de uma soma de dinheiro, e um amigo paga por nós esta dívida ao mesmo tempo que nós a pagamos também, é justo que nos restituam o nosso dinheiro. Cristo é a ressurreição e a vida (S. Jo. XI, 25) e pela *sua própria ressurreição* quis dar-nos um penhor da nossa (I Cor. XV). A morte veio por um homem, a ressurreição dos mortos deve também vir por um homem (ibid.). — Se observarmos a doutrina de Cristo, obteremos a verdadeira felicidade (vejam-se as palavras de Jesus Cristo, à Samaritana) (S. Jo. IV) e gozaremos o *paraíso terrestre* já nesta vida. — Pela prática das virtudes que Jesus Cristo ensinou e praticou, em especial pela humildade, a doçura, a liberalidade, pela prática dos conselhos evangélicos, podemos repelir as tentações e os assaltos do *demónio,* no que têm de prejudicial à nossa salvação. Cristo, portanto, só quebrou o poder de Satanás (Apoc. XII, 8): não o aniqüilará completamente senão no último dia (I Cor. XV, 24). Foi por ter despenhado Satanás do alto do seu poder que Jesus Cristo disse: «Vi Satanás cair do céu como um raio» (S. Luc. X, 18). — Por Jesus Cristo nosso Salvador, *readquirimos pois quási todos os dons* perdidos pelo pecado. Sem dúvida, *muitas conseqüências nos ficaram dêle:* a concupiscência, as doenças, a morte. Mas pelos merecimentos de Jesus Cristo recebemos *em compensação dons maiores e mais numerosos* que os que nos haviam sido roubados pela inveja do demónio (S. Leão Mag.). Onde houve abundância de pecado, houve depois superabundância de graça (Rom. V, 20). *Ó feliz culpa,* exclama S. Agostinho, que nos valeu Salvador tão grande e tão glorioso!

2. A promessa do Redentor

Deus que não perdoara aos anjos decaídos, *perdoou* a nossos primeiros pais, porque estes eram menos culpados. *Não o conheciam* êles tão perfeitamente e haviam sido *seduzidos* pelo demónio. Além disso, os homens tinham, pelo menos em parte, confessado e lastimado o pecado. (Não deviam lançar as culpas a outros). Emfim, Deus não queria, pelo crime de um só, precipitar a *humanidade* numa desventura irreparável.

1. Imediatamente depois da queda, Deus prometeu aos homens um Salvador. Deus disse com efeito à serpente infernal: «Eu porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua posteridade e a dela; ela te esmagará a cabeça» (Gén. III, 15).

Eis o sentido destas palavras: Eu porei inimizade entre Satanás e a Virgem **Maria**, entre os sequazes de Satanás e Cristo, filho da Virgem (Gál. III, 16); a Virgem Maria dará à luz aquêle que há-de destruir o poder do demónio, isto é, que livrará do poder do demónio o género humano entregue à sua influência pelo pecado original. É êrro crer que com estas palavras Deus não quis mais do que inspirar ao homem aversão, horror à serpente; Deus pronunciou-as contra o sedutor e não contra a serpente, seu mero instrumento. — Chamam-se comumente estas palavras o *Proto* (primeiro) *Evangelho*, isto é, a primeira boa nova do Redentor. — Contudo o redentor não veio logo, porque os homens se tornaram muito sensuais e incapazes, por conseguinte, de receberem tão grande graça. Deus foi, pelo contrário, obrigado a puni-los muito severamente com o dilúvio, a destruïção de Sodoma e Gomorra e com a dispersão depois da tôrre de Babel.

2. 2:000 anos mais tarde, Deus prometeu a *Abraão* que o Redentor seria um dos seus descendentes.

Viveu primeiro Abraão na cidade de Ur (cidade de fogo) na Caldeia, mais tarde em Harán, na Mesopotâmia; rodeado de idólatras, conservara a fé no verdadeiro Deus. O Senhor lhe deu depois ordem de deixar os seus e de se passar à terra de Canaán ou Palestina. Para o recompensar desta obediência, prometeu-lhe Deus *que nêle seriam abençoadas tôdas as gerações da terra* (Gén. XII, 23). Além disso, prometeu-lhe *numerosa posteridade* (Abraão é o pai espiritual de todos os crentes. Rom. IV, 11), doou-lhe, e a seus descendentes, a terra fértil da *Palestina* (Gén. XII, 7). Deus renovou esta promessa quando veio com dois anjos visitá-lo à tenda (Gén. XVIII) e quando por obediência Abraão se dispôs a sacrificar seu filho Isaac (Gén. XXII).

Esta promessa feita a Abraão renovou-a Deus a *Isaac*, a *Jacob* e, cêrca de 1:000 anos depois, ao rei *David*.

Deus apareceu a Isaac quando êste, levado pela fome, quis passar à Palestina (Gén. XXVI, 2); a *Jocob*, quando êste fugiu da casa paterna e teve a visão da escada misteriosa (id. XXVII, 12). David (rei 1055 a 1015) recebeu de Deus, pelo profeta Natán, a certeza de que um dos seus descendentes seria o filho de Deus e fundaria um reino eterno (II Reis, VII, 12). — Os homens *das épocas primitivas de cuja raça saiu o Salvador* chamam-se **Patriarcas.** Contam-se 10 Patriarcas antes do dilúvio, de Adão a Noé, e 12 desde Sem até Abraão, Isaac e Jacob. Todos os Patriarcas atingiram provecta idade: os anteriores ao dilúvio atingiram uma idade de cêrca de 1:000 anos, depois do dilúvio, de 400 a 450 anos. Esta longevidade explica-se em parte pela simplicidade dos costumes, a vida ao ar livre, as condições atmosféricas mais favoráveis antes do dilúvio, mas sobretudo pelos desígnios da Providência, que por aquela tradição ininterrupta queria realizar a educação do género humano: o que são para nós a Escritura Sagrada e o magistério da Igreja, eram os Patriarcas para as gerações primitivas.

3. Mais tarde Deus enviou *Profetas* e fêz preanunciar por êles muitas particularidades

acêrca da vinda, da pessoa, dos sofrimentos e da glorificação do Messias.

Os profetas eram homens esclarecidos por Deus (homens de Deus) que foram encarregados por êle de falar aos Israelitas em seu nome. A missão principal dos profetas era impedir Israel de pecar (de o repreender quando havia pecado) e de o preparar para a vinda do Redentor (isto é, de *profetizar* acêrca dêle. Escolheu Deus os profetas em *diversas condições* (Isaías era de raça real; Amós era pastor; Eliseu foi chamado da charrua) e concedeu-lhes o *dom dos milagres e da profecia* (predição dos castigos futuros, de sucessos da vida do Messias), a-fim-de que logo os tivessem por enviados de Deus. A maior parte dêles levaram *uma vida muito penitente;* muitos guardaram celibato (Elias, Eliseu, Jeremias). Os profetas falavam com grande ousadia e gozavam junto do povo de grande estima; contudo todos foram perseguidos e alguns foram mortos (S. Mat. XXIII, 20). Ao todo, houve cêrca de **70** profetas. O mesmo Moisés foi um grande profeta (Deut. XXXIV, 10); o maior foi *Isaías,* que falou tão claramente do Salvador, que se poderia, diz S. Jerónimo, chamar-lhe Evangelista; o último profeta foi Malaquias (cêrca do ano 450 antes de Jesus Cristo). Muitos profetas deixaram alguns escritos (4 grandes e 12 pequenos profetas).

I. Acêrca da **vinda** do Messias os profetas predisseram:

1. Que nasceria em Belém.

«E tu, Belém, chamada Efrata, diz Miqueias, tu és pequena entre as cidades de Judá; mas é de ti que há-de sair aquêle que deve reinar em Israel, cuja geração é desde o comêço, desde a eternidade» (Miqueias, V, 2). — Por isso os reis Magos receberam em Jerusalém aviso de que o Salvador devia ser nascido em Belém (S. Mat. II, 5).

2. Que o Messias viria emquanto durasse o 2.º *templo.*

Quando os judeus, no regresso do cativeiro, *começaram a reconstruir o templo,* os anciãos que tinham visto o

antigo templo choraram amargamente, porque viram desde os primeiros fundamentos que o novo templo não atingiria nem a grandeza nem a beleza do antigo. O profeta Ageu veio então consolá-los, declarando-lhes que o Salvador entraria naquele templo, que venceria o primeiro em glória (Ag. II, 8-10). — Ora aquêle 2.º templo foi destruído por Tito no ano 70 (depois de Jesus Cristo) e nunca mais foi reconstruído.

3. Que o Messias viria quando os judeus estivessem privados da *soberania* (poder real).

Abençoou Jacob a seus filhos antes de morrer e disse a Judá: «O scetro (a soberania, a autonomia) não saïrá de Judá até à chegada daquele que as nações esperarão» (Gén. XLIX, 10). Desde aquêle momento a tribo de Judá conservou a soberania. À *saída do Egipto*, e no tempo dos *Juízes*, era ela a *tribo dominante* (Núm. II, 3-9; Juízes, I, 1; XX, XVIII). O rei *David* era da tribo de Judá (I Paralip. II, 15), assim como os seus sucessores até ao cativeiro, e a Zorobabel, que de lá reconduziu o povo (Esdras, I, 8). E emquanto os Juízes estiveram sob o domínio de reis estranjeiros, os *governadores*, que no Oriente têm um poder absoluto, eram judeus. Mais tarde o povo hebraico reconquistou a liberdade e teve reis nacionais da família dos Macabeus. Mas no ano **39 antes de Cristo** os reis Judeus perderam o trono, porque naquele ano um estranjeiro pagão, Herodes o *Grande* († no ano 3 depois de Cristo) foi criado rei pelos Romanos. — Por isso naquele tempo *esperava-se realmente o Salvador em tôda a Judeia;* porque Herodes tremeu quando os Magos lhe preguntaram *onde havia nascido o Salvador* (S. Mat. II, 3); os Judeus cuidavam já até que S. João Baptista no deserto era Cristo (S. Luc. III, 15). A Samaritana no poço de Jacob fala também da próxima vinda do Messias (S. João IV, 26). O Sumo sacerdote pregunta a Jesus se êle é o Messias (S. Mat. XXVI, 63); emfim, mais de 60 impostores enganaram o povo fazendo-se passar por Cristo. — Os mesmos *pagãos* no tempo de Jesus Cristo esperavam um dominador do mundo, originário da Judeia (Tácito, Suetónio); o poeta Horácio chama-o filho da virgem celeste, que deve regressar ao céu (Odes, I, 2).

4. Que (*Daniel*, 605-530) depois da reconstrução dos muros de Jerusalém (453) até à vida pú-

blica do Messias, decorreriam 69 semanas de anos, e até à sua morte, 69 1/2.

Esta profecia foi-lhe comunicada pelo arcanjo *Gabriel*, quando 3 horas depois do meio dia estava oferecendo o sacrifício da tarde e orava pela libertação do cativeiro de Babilónia (Dan. IX, 21). — Ora Ciro, em 536, só deu aos Judeus cativos licença para reconstruir a cidade e o templo, mas de modo algum lhes deixou levantar fortificações; a não ser isto, não se compreenderia que houvessem sido acusados, junto do rei da Pérsia, de erguer os muros de Jerusalém (I Esdr. IV, 12). Foi sòmente *Artaxerxes* que no 20.º ano do seu reinado **(453)** deu a Neemias, seu copeiro, autorização para fortificar Jerusalém e muni-la de portas (II Esdr. II, 2, 1-8). Ora se ao número 452 ajuntarmos 69 vezes 7, isto é, 483 anos ou 69 1/2 vezes 7, ou sejam 486 1/2, chegamos aos anos 30 ou 33 1/2 depois de Jesus Cristo. Que admirável profecia!

5. Que o Messias nasceria de uma *Virgem* da estirpe de *David*.

Deus mandou dizer por Isaías (VII, 15) ao rei Acaz, que lhe pedisse um sinal da sua omnipotência. Mas o rei recusou. «Portanto, disse o Profeta, o Senhor dará um por si mesmo. Eis que uma Virgem conceberá e dará à luz um filho e o seu nome será Emanuel» (que quere dizer: Deus connosco). — Jeremias por sua vez dizia: «Darei a *David* um descendente justo; êle reinará como um rei e o seu nome será: O *Senhor* nosso Justo» (Jer. XXIII, 5-6).

6. Que o Messias teria um *precursor*, que prègaria no deserto e levaria uma vida angélica.

«Ouviu-se, diz Isaías (XL, 3), a voz daquele que clama no deserto: Preparai os caminhos do Senhor, tornai direitos os caminhos do nosso Deus. Todos os vales serão cumulados, e tôdas as montanhas e tôdas as colinas serão aplanadas». «Vou enviar-vos — lê-se em Malaquias (III, 1) — o meu anjo que preparará o meu caminho diante da minha face, e logo o dominador que vós procurais... virá ao seu templo». — Êste precursor foi *S. João Baptista*.

7. Que com o Messias surgiria uma estrêla nova.

O adivinho Balaão profetizou diante do rei dos Moabitas, à chegada dos Israelitas sob o comando de Moisés: «Eu vejo-o, mas não é ainda, contemplo-o, mas não de perto. Uma estrêla nascerá de Jacob, um scetro se levanta em Israel» (Números, XXIV, 17).

8. Que uns *reis* viriam de países longínquos, para o adorarem e trazerem-lhe presentes (Ps. LXXI, 10).

9. Que, ao tempo do nascimento do Messias, muitas *crianças* seriam mortas.

«Um rumor, diz Jeremias (XXXI, 15), de queixas, de gemidos e de prantos se levantou na colina. Raquel chora seus filhos e recusa consolar-se, porque êles já não existem». Raquel, a mãe da tribo mais numerosa, representa aqui o povo hebreu. Raquel tinha morrido e estava sepultada em Belém (Gén. XXXV, 19).

10. Que o Messias fugiria para o Egipto (Is. XIX, 1) e que de lá voltaria (Os. XI, 11).

II. Acêrca da **Pessoa** do Messias os profetas anunciaram:

1. Que o Messias seria o filho de Deus.

Deus anuncia o Salvador a David pelo profeta Natán e diz: «Eu serei seu pai e êle será meu filho» (II Rom. VII, 10). No salmo II, Deus diz ao Messias: «Tu és meu Filho, eu hoje te gerei».

2. Que êle seria ao mesmo tempo *Deus e homem*.

«Nasceu-nos um *menino*, diz Isaías (IX, 6), foi-nos dado um filho e o seu nome será (quere dizer: êle próprio será): Conselheiro admirável, Deus». «Deus mesmo virá e vos salvará» (Ibid. XXXV, 6).

3. Que êle seria um grande taumaturgo.

«Deus mesmo virá e vos salvará. Então se abrirão os olhos dos cegos, os ouvidos dos surdos; os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos será desligada (Is. XXXV, 6).

4. Que êle seria *sacerdote* como Melquisedec.

Segundo David, Deus dirige-se ao Messias nestes termos: «Tu és sacerdote para a eternidade segundo a ordem de Melquisedec» (Ps. CIX, 4). — Jesus Cristo ofereceu pão e vinho na Ceia e o mesmo faz ainda todos os dias pelas mãos dos sacerdotes.

5. Que êle seria um grande *profeta* ou doutor.

Deus havia já prometido a Moisés, «que suscitaria aos israelitas, de entre os irmãos dêles, um profeta como êle» (Deut. XVIII, 18). Por isso os Judeus designavam simplesmente o Messias: «o profeta que há-de vir» (S. João VI, 14). — Como profeta, o Salvador devia *ensinar* e *profetizar*. Devia também ser a luz dos *gentios* (Is. XLIX, 1-6).

6. Que êle seria *rei* de um novo reino (Jer. XXIII, 5) indestrutível e que abrangeria todos os reinos da terra (Dan. II, 44).

Êste reino é a Igreja católica ou universal. — É por isso que Cristo diante de Pilatos se chamou rei (S. Mat. XXVII, 11). Porém acrescentou isto: «O meu reino não é dêste mundo», quere dizer, o meu reino é todo espiritual (S. Jo. XVIII, 36).

III. Quanto à **Paixão** do Messias, os profetas predisseram:

1. Que o Messias entraria em Jerusalém montado numa jumenta (Zac. IX, 9).

2. Que êle seria vendido por 30 *moedas de prata*.

«Avaliaram-me, diz Zacarias (XI, 12), em 30 moedas de prata; e o Senhor me disse: Lança ao oleiro êsse preço elevado em que êles creram que eu valia. E eu tomei

os 30 dinheiros e os lancei na *casa do Senhor* para o oleiro». — Os factos respondem a esta profecia: Judas arrojou o dinheiro da traição para o templo e os sacerdotes compraram com êle o campo do oleiro para sepultura dos estranjeiros (S. Mat. XXVII, 5-7).

3. Que êle seria atraiçoado por um comensal (Ps. XL, 10).

Judas abandonou a mesa e logo atraiçoou o seu mestre (S. Jo. XIII, 30).

4. Que, na paixão, os seus discípulos o *abandonariam* (Zac. XIII, 7).

Quando prenderam a Jesus, todos os discípulos o abandonaram e fugiram (S. Marc. XIV, 50). Pedro e João, sós, seguiram-no de longe ao átrio do sumo sacerdote (S. Jo. XVIII, 15).

5. Que êle seria insultado (Ps. XXI, 7), ferido, *cuspido* (Is. L, 6), *flagelado* (Ps. LXXII, 14), coroado de espinhos (Cant. III, 11), dessentado com fel e vinagre (Ps. LXVIII, 22).

Os que passavam junto da cruz o amaldiçoavam e moviam a cabeça (S. Marc. XV, 29). Os príncipes dos sacerdotes e os escribas o *escarneciam* e diziam entre si: «Socorreu os outros e não pode socorrer-se a si mesmo» (S. Marc. XV, 31). Já diante do sumo-sacerdote Anás, um servo havia dado uma *bofetada* no Salvador, porque a resposta dêle lhe desagradara (S. Jo. XVIII, 22). Quando Cristo diante de Caifás declarou que era Filho de Deus, alguns lhe cuspiram no rosto, lhe deram punhadas e outros o esbofetearam (S. Mat. XXVI, 67). Pilatos mandou *flagelar* Cristo (S. Jo. XIX, 1); depois os soldados puseram-lhe *uma coroa de espinhos*, um manto de púrpura, bateram-lhe na cabeça com uma cana, deram-lhe bofetadas e o escarneceram (S. Marc. XV; S. Jo. XVIII). No Gólgota deram-lhe *um vinho detestável*, misturado com *fel* (pròpriamente de mirra), (S. Marc. XV, 23); tendo-o provado, recusou beber (S. Mat. XXVII, 34).

6. Que lançariam sortes sôbre o seu vestido (Ps. XXI, 19).

Os soldados fizeram do vestuário de Cristo 4 lotes, e cada um tomou o seu; mas como a túnica não tinha costura e era feita de uma só peça, não quiseram lacerá-la (S. Jo. XIX, 23) e tiraram-na à sorte.

7. Que as suas mãos e os seus pés seriam *trespassados* (Ps. XXI, 17).

Jesus Cristo foi realmente pregado na Cruz; por isso pôde mostrar a Tomé as chagas das mãos dizendo-lhe: «Mete aqui os teus dedos» (S. Jo. XX, 27). Outros crucificados, talvez os dois ladrões, e depois S. Pedro e Santo André, não foram, segundo se diz, presos à cruz senão com cordas.

8. Que êle morreria entre *criminosos*.

«Dão-lhe, diz Isaías, sepultura entre os ímpios e será entre os ricos depois da sua morte» (Is. LIII, 9). Cristo morreu entre dois ladrões de estrada, que foram crucificados com êle (S. Luc. XXIII, 33).

9. Que no meio dos sofrimentos êle seria *paciente* como um cordeiro (Is. LIII, 7) e mesmo pediria pelos seus inimigos (Ibid. 15).

10. Que êle sofreria *voluntàriamente* e por causa dos nossos pecados (Ibid. 4-7).

IV. Quanto à **glorificação** do Messias, os profetas anunciam:

1. Que o seu túmulo seria entre os *ricos* (Is. LIII, 9), que êle seria *glorioso* (Is. XI, 10).

2. Que o seu corpo não seria entregue à corrupção do túmulo (Ps. XV, 10).

3. Que voltaria *ao céu* (Ps. LXVII, 34) e estaria assentado à direita de Deus (Ps. CIX, 1).

4. Que a sua doutrina se espalharia de Jerusalém, mesmo da montanha de Sião, sôbre tôda a terra (Is. II, 3).

O Cenáculo, onde os apóstolos receberam o Espírito Santo, estava situado no monte de Sião.

5. Que as *nações pagãs* de todo o universo entrariam no seu reino, e o adorariam (Ps. XXI, 28-29).

6. Que o povo judeu, que o terá crucificado, seria castigado e dispersado entre os povos da terra (Deut. XXVIII, 64).

Jerusalém será *destruída* com o templo, os sacrifícios e o sacerdócio judaico serão abolidos e o templo nunca mais será reconstruído (Dan. IX, 26-27; Os. III, 4).

7. Que em todos os lugares da terra lhe ofereceriam um sacrifício puro de *trigo* (Mal. I, 11).

8. Que um dia êle *julgaria* todos os homens (Ps. CIX, 6) e que antes do juízo enviaria Elias sôbre a terra (Mal. IV, 5).

V. A vida do Messias foi também predita por numerosas *figuras*.

Uma *planta* mostra de antemão o que será o edifício. A *sombra* do viajante indica que êle vem atrás dela. A *aurora* anuncia o dia. Assim algumas acções dos patriarcas anunciaram certas acções de Cristo, e muitas cerimónias judaicas figuravam alguns mistérios do cristianismo (I Col. II, 17). O Antigo Testamento é para o Novo Testamento, o que a sombra é para a realidade (Heb. X, 1), o que o quadro é para o original. Todo o antigo Testamento era o véu do Novo (S. Agost.). O Novo Testamento está oculto no Antigo e êste é esclarecido pelo Novo (S. Agost.). As pessoas ou as coisas que *representam um acontecimento futuro* chamam-se figuras ou *tipos*.

As principais **figuras** do Messias foram Abel, Noé, Melquisedec, Isaac, Jacob, José, Moisés, David e Jonas, o arcanjo Rafael, o cordeiro pascal, o sacrifício expiatório, a serpente de bronze, o maná, etc.

Abel era o *primeiro justo* entre os homens (Cristo o primeiro entre os eleitos); êle foi *pastor*, ofereceu a Deus um *sacrifício agradável*, foi *odiado* e morto por seu *irmão*, e ficou manso como um cordeiro (Gén. IV), (Cristo foi morto pelos Judeus, seus irmãos). — **Noé** é o único justo entre os seus contemporâneos (Jesus Cristo é o único isento do pecado); êle construíu uma *arca* prègando sempre (Cristo fundou a Igreja); êle salva da ruína o género humano (Jesus Cristo salva-o da morte eterna); êle oferece a Deus um *sacrifício agradável* ao sair da arca (Jesus Cristo o oferece ao sair da vida); por Noé, Deus estabeleceu uma aliança com a humanidade e deixou em penhor o arco-íris. (Jesus Cristo renovou a aliança e deu em penhor o SS. Sacramento). (Gén. VI-IX). **Melquisedec** (Gén. XIV) que significa rei da *justiça*, era rei de Salém, isto é, da *paz* (Jesus Cristo é o rei eterno da justiça e da paz); rei e sacerdote, êle oferece *pão e vinho*. — **Isaac** é o filho único bem amado de seu pai (Gén. XXII), leva êle mesmo para a montanha a lenha do seu sacrifício, põe-se docilmente sôbre a fogueira, depois é restituído a seu pai. (Jesus Cristo é ressuscitado dos mortos). — **Jacob** (Gén. XXV, 33) foi perseguido por seu irmão e reconciliou-se finalmente com êle (Jesus Cristo também é perseguido por seus irmãos, os Judeus, e reconciliar-se-á com êles no fim dos tempos); embora filho de pai abastado, parte pobre para um país estranjeiro, em busca de uma espôsa piedosa (Jesus Cristo veio à terra desposar a Igreja); para haver essa espôsa, Jacob põe-se longos anos a servir (Jesus Cristo pela Igreja tomou a forma de servo e serviu a humanidade durante 33 anos); Jacob tinha 12 filhos e entre êles um filho de predilecção, José (Gén. XXV, 33); (Jesus Cristo tinha 12 apóstolos e entre êles um amigo particular, João). **José** (Gén. XXXVII — XLV), o filho predilecto, é odiado por seus irmãos e vendido por menos de 30 *dinheiros*, é lançado na prisão *entre dois criminosos* dos quais um é agraciado e o outro executado (como se deu com Jesus Cristo na cruz); depois das suas humilhações é elevado às maiores honras; com seus conselhos *salvou o Egipto da fome* (Je-

sus Cristo, com o Evangelho, salvou-nos da fome espiritual); arautos ordenam ao povo que ajoelhe diante de José (os apóstolos pedem a mesma honra para Jesus); reconcilia-se finalmente com seus irmãos, como Jesus Cristo com os Judeus no fim do mundo. — **Moisés** (Êxodo) escapa em criança às ordens cruéis do Faraó; passa a sua mocidade no Egipto, jejua 40 dias antes da promulgação da lei (Jesus Cristo jejua 40 dias antes da prègação do Evangelho); livra os Israelitas do cativeiro e *conduz-los à Terra da Promissão* (Jesus Cristo libertou-nos da escravidão do demónio e introduz-nos na Igreja), faz milagres para provar a sua missão divina, ora contìnuamente pelo povo, aparece no monte Sinai com o rosto radiante de luz (Tabor), é o mediador da antiga aliança, como Jesus Cristo o é da nova. — **David** nasceu em Belém, passou a mocidade em modestíssima condição, atacou com um pau e cinco pedras o gigante Golias adversário do povo de Deus e derrubou-o (Jesus Cristo venceu Satanás com o madeiro da cruz e as suas cinco chagas), tornou-se rei, como Jesus, e sofreu muito mas triunfou sempre (I-II. Reis). — **Jonas** está durante três dias no ventre do peixe (Jesus Cristo, 3 dias no seio da terra. S. Mat. XII, 40), prega penitência aos Ninivitas como Jesus aos Judeus. — O arcanjo **Rafael** desce do céu para se tornar guia de um homem (Jesus Cristo para ser guia da humanidade), acompanha-o, cura a cegueira (Jesus Cristo cura da cegueira espiritual) e livra do demónio (Tob.). — O **cordeiro pascal** (Êx. XIII) é imolado antes da saída do Egipto, portanto na véspera do grande sábado pascal; é vítima e alimento, sem mácula, na flor da idade; não lhe quebraram os ossos; o seu sangue, colocado nas portas, preserva da morte corpórea (o de Jesus, da morte eterna); é comido no momento da partida para a Terra da Promissão (Jesus Cristo dá-se em alimento no momento da partida para a vida futura); o cordeiro é manso, como meigo foi o Salvador. — O **grande sacrifício de propiciação**: o Sumo Sacerdote impunha as mãos sôbre um carneiro ao confessar os pecados do povo; depois expulsava-o para o deserto para que morresse (Núm. XXXIX); Jesus Cristo tomou também sôbre si os pecados da humanidade, e por isso foi para a morte através do deserto da vida mortal. — A **serpente de bronze** (Núm. XXI, 6) é erguida no deserto sôbre uma cruz; um olhar que se lance sôbre ela sara da mordedura mortal das serpentes de fogo; Jesus Cristo diz: «Como Moisés levantou a serpen-

te de bronze no deserto, o Filho do Homem deverá ser levantado, a-fim-de que todos os que crêem nêle não pereçam, mas possuam a vida eterna» (S. João III, 14). — O **Maná** é figura de Jesus no SS. Sacramento; é branco como a hóstia; caía tôdas as manhãs, como Jesus desce tôdas as manhãs sôbre o altar; deixou de cair depois da permanência no deserto, como Jesus deixará de estar no SS. Sacramento depois do fim do mundo. O maná, segundo Jesus Cristo (S. Jo. VI, 33), distingue-se da Eucaristia porque aquêle não é o verdadeiro pão do céu e «êste (a Eucaristia) é o verdadeiro pão de Deus, descido do céu, que dá vida ao mundo».

3. Preparação da humanidade para a vinda do Salvador

1. Deus escolheu um povo e êle mesmo o preparou para a vinda do Salvador; êste povo escolhido era a descendência de Abraão; é comummente chamado povo *israelita* ou *judeu*.

A vocação de Abraão é conhecida (Gén. XII). O povo judeu devia ser o *sacerdócio* de tôda a humanidade (Ex. XIX, 6). Esta escolha não era, pois, uma reprovação dos outros povos, mas uma prova de que Deus tinha cuidado por êles; por isso, a cada promessa do Redentor Deus declarava que o Redentor fazia felizes *todos* os povos.

A preparação do *povo* eleito, para a vinda do Salvador, consistiu em *graves provações*, numa *lei severa*, em *numerosos milagres* e no *ensino por meio dos profetas*.

O povo escolhido era *muito sensual*; preferia as cebolas do Egipto à sua liberdade (Ex. XVI, 3). Deus mandou-lhe, portanto, *provações* para extirpar aquela sensualidade: por ex. a ordem do Faraó de matar tôdas as crianças do sexo masculino; a fome e a sêde no deserto; as serpentes de fogo; os ataques dos inimigos quando o povo abandonara a Deus; muito depois, o cativeiro de Ba-

bilónia e a opressão por monarcas cruéis. Por causa da rusticidade dêste povo, deu-lhe Deus suas *leis* no meio de relâmpagos e trovões, acompanhando-as de ameaças e promessas (S. Jo. Cris.). O povo era também *muito levado para a idolatria*, como o prova o episódio do bezerro de oiro (Êx. XXXII, 1). Os **milagres** tinham por fim robustecer a lei e a confiança no único verdadeiro Deus. (As pragas do Egipto, a passagem do Mar Vermelho e do Jordão, o maná, a nascente da rocha, a queda dos muros de Jericó, etc.). — Os **profetas** tinham também por fim robustecer a fé no verdadeiro Deus e avivar o *desejo do Redentor* que havia de vir.

Eis um breve resumo da **história do povo judeu.**

1. Os descendentes de Abraão permaneceram primeiro na Palestina, depois foram para o Egipto onde ficaram durante 400 anos, numa dura opressão.

Deus chamou a **Abraão** cêrca do ano 2000 antes de Jesus Cristo e conduziu-o para a Palestina. Abraão fixou residência em Hebron (a oeste do Mar Morto); teve um filho, Isaac, que êle quis sacrificar no Monte Mória. Isaac teve dois filhos, **Esaú** e **Jacob** (também chamado Israel); êste, tendo por astúcia roubado a seu irmão a bênção paterna e o direito de primogenitura, foi obrigado a deixar a casa. Teve 12 filhos, dos quais um, **José**, foi rei no Egipto e chamou seus parentes em número de 66, e lhes deu a terra fértil de Géssen a este do Delta do Nilo (1900 antes de Jesus Cristo). Os *Israelitas* — ou filhos de Israel — ali se multiplicaram muito ràpidamente e foram oprimidos pelos reis do Egipto.

2. Moisés fêz sair os Israelitas do Egipto; êles viveram 40 anos no deserto.

Os israelitas passaram o Mar Vermelho (1500 antes de Jesus Cristo) em número de 2 milhões, dos quais 600:000 guerreiros, e chegaram ao deserto da Arábia, onde Deus os alimentou com maná e lhes deu a lei no Sinai. Deus obrou diante dos olhos dêles numerosos milagres, e Moisés morreu no monte Nebo.

3. Comandados por *Josué*, conquistaram a *Terra da Promissão*, mas durante 300 anos foram ainda obrigados, sob o comando dos *Juízes*, a combater os seus inimigos (1450-1100 antes de Jesus Cristo).

Josué, sucessor de Moisés, dividiu a Terra prometida entre as 12 tribos. Os *juízes* eram chefes suscitados por Deus em momentos de provação; comandavam o povo na guerra, combatiam os inimigos e ministravam a justiça. Os principais foram Gedeão, Jefté, Sansão e Samuel, que foi o último juiz.

4. Os Israelitas foram depois governados pelos *reis*: Saúl, David, Salomão (1100-975 antes de Jesus Cristo).

Saúl era cruel de carácter; suïcidou-se numa batalha. Seu sucessor **David** distinguiu-se pela sua piedade (1055-1015). Compôs muitos salmos e recebeu de Deus a promessa de que o Salvador descenderia dêle. Caído por leviandade em grandes crimes, dêles fêz severa penitência. Seu filho Absalão revoltou-se contra êle, mas sem êxito. — Outro filho dêle, Salomão, construíu o templo maravilhoso de Jerusalém (1012) e foi célebre pela magnificência da sua côrte. Era dotado de grande sabedoria e escreveu o livro dos Provérbios.

5. Depois da morte de Salomão, o reino foi dividido em duas partes: o reino de *Israel* ao norte (975-722) e o de *Judá* ao sul (975-588).

Salomão teve por sucessor Roboão, seu filho: êste sobrecarregou o povo com impostos ainda mais que seu pai; por isso as 10 tribos do *norte* fizeram scisma e fundaram o reino de Israel. As duas tribos meridionais, *Judá* e *Benjamim*, ficaram fiéis a Roboão e formaram o reino de Judá.

6. Tendo os habitantes dos dois reinos abandonado o verdadeiro Deus, os reinos foram destruídos e o povo levado para o *cativeiro*.

O reino de *Israel* teve 19 reis; levaram estes o povo à *idolatria* para o impedirem de ir sacrificar a Jerusalém. Deus enviou-lhe profetas para o ameaçar com castigos. Emfim, no ano **722**, o rei da **Assíria**, Salmanazar, destruíu aquêle reino e levou os seus habitantes (entre outros, Tobias) para o *cativeiro assírio*. Em 606, depois da destruïção do império Assírio, caíram sob o domínio dos *Babilónios*, e em 538, sob o do rei *persa*, Ciro. — O reino de *Judá* teve 20 reis e durou mais tempo. Foi sòmente o rei de **Babilónia**, Nabucodonosor, que o destruíu; como êles se revoltaram, grande número de Judeus (Daniel, entre outros) foram levados para o cativeiro (606 e 599). A cidade de *Jerusalém e o templo* foram *destruídos*. Contudo os Judeus continuaram a oferecer sacrifícios sôbre as ruínas do templo (Bar. I, 10).

7. Depois do regresso do cativeiro (536), os Judeus gozaram paz até ao reino do cruel *Antíoco*, rei da Síria (203).

Desde 606 os Judeus do reino de Israel e de Judá encontravam-se sujeitos ao mesmo govêrno, coabitaram o mesmo país e bem de-pressa tiveram relações amigáveis. Foi a partir daquele tempo que a designação de *Judeus* prevaleceu, em lugar de Israelitas. O rei da **Pérsia**, Ciro, que tinha subjugado o império de Babilónia (1), permitiu aos Judeus, em 530, que voltassem à Palestina e reconstruíssem o templo. Para logo 42:000 Judeus, guiados por Zorobabel, voltaram a Jerusalém e começaram a construção do templo, que foi acabado em 516. (Cumprimento da consoladora profecia de Ageas). Em **453** os Judeus receberam do rei persa *Artaxerxes* autorização para reconstruir **as muralhas** de Jerusalém, (Profecia de Daniel relativa às 69 semanas de anos). Os Judeus permaneceram cêrca de 200 anos sob o domínio dos Persas, sem serem perseguidos. Em 330 passaram para o domínio do rei da Macedónia, *Alexandre Magno*, que tinha destruído o império persa. Depois da morte dêle, os Judeus passaram sucessivamente sob diferentes soberanos, e finalmente (203) tornaram-se súbditos de *Antíoco Epífanes IV*. Êste rei perseguiu-os por causa da religião dêles: quis, por ex., obri-

(1) Baltasar, o último rei babilónico, foi morto na mesma noite em que tinha profanado os vasos sagrados.

gar os 7 irmãos Macabeus e Eleázar a comerem carnes proïbidas e mandou-os martirizar; levantou ídolos no templo.

8. Depois de uma guerra encarniçada, os Judeus *conquistaram a liberdade* e foram durante 100 anos governados por príncipes judeus (140-39 antes de Jesus-Cristo).

Sob o comando dos valorosos Macabeus (Matatias e seus 5 filhos), os Judeus começaram a guerra da independência e sacudiram completamente o jugo sírio. (Num dêstes combates foram mortos muitos Judeus sôbre os quais se encontraram ídolos. Judas Macabeu mandou oferecer sacrifícios por êles). Um dêstes 5 irmãos, *Simão*, foi eleito rei e Sumo-sacerdote na Judeia (140). A sua posteridade sucedeu-lhe no trono. Em 64, Pompeu, no decurso de uma expedição à Ásia Menor, parou na Judeia e reduziu os seus príncipes a vassalos do império *romano*.

9. No ano 38 antes de Jesus Cristo, um pagão, chamado Herodes, subiu ao trono da Judeia.

Tendo-se os Judeus revoltado, os Romanos depuseram o príncipe e nomearam um pagão, *Herodes, o Grande*, rei da Judeia (39 antes de Jesus Cristo). Herodes foi portanto o primeiro rei dos Judeus estranho à nação judaica. — Era, portanto, no tempo dêle que devia nascer o Messias; foi êle também que mandou matar as crianças de Belém. Morreu no ano 3 depois de Cristo. — Herodes teve por sucessor seu filho *Herodes Antipas* (3-40); foi êste que mandou degolar S. João Baptista e que tratou como doido ao Salvador. *Herodes Agripa*, neto de Herodes o Grande, sucedeu-lhe no trono: mandou decapitar S. Tiago, o *Maior*, e encarcerar S. Pedro. Fêz-se por decreto considerar como Deus e morreu devorado de vermes (44). — No ano 70, Jerusalém foi destruída por Tito, e os Judeus dispersados por todo o universo.

2. Os outros povos foram preparados para a vinda do Messias, quer pelo povo judeu, quer por homens piedosos ou sábios, quer por meios extraordinários.

Os **Judeus** estavam em relações continuadas com os gentios *por meio de um comércio muito desenvolvido*. Os seus livros santos foram, por isso, logo conhecidos dos pagãos e traduzidos em várias línguas. A Providência permitiu o *cativeiro* dêles a-fim-de os pôr longo tempo em contacto com os gentios: estes tiveram por êles conhecimento do verdadeiro Deus e das profecias acêrca do Redentor. Assim Tobias, iluminado pelo Espírito Santo, exclamava: «Louvai ao Senhor, filhos de Israel; Êle vos dispersou entre os pagãos que o ignoram, a-fim-de que vós lhes narreis suas maravilhas e proclameis diante dêles que não há outro Omnipotente senão êle» (Tob. XIII, 3). — Deus suscitou também entre os pagãos **homens sábios e piedosos,** ou lhos enviou. Sócrates na Grécia ensinava um Deus único, criador do Universo; demonstrou a loucura da idolatria, distinguiu-se pela sua temperança, pelo seu desinterêsse, doçura e intrepidez e foi condenado à morte pelas suas doutrinas, no ano 399. *Job*, na Arábia, *José*, no Egipto, *Jonas*, em Nínive, *Daniel*, em Babilónia, desempenharam êste papel. As suas *virtudes* extraordinárias, a intrépida *confissão* da sua fé, os *milagres* obrados por Deus em seu favor (os 3 jovens na fornalha, Daniel na cova dos leões) deviam necessàriamente mostrar aos pagãos qual era o verdadeiro Deus. De onde resultou que alguns pagãos adoptaram a religião judaica: chamavam-se *prosélitos*. — Deus iluminou também os gentios por **meios extraordinários.** Advertiu os 3 Magos por meio de uma *estrêla* milagrosa (S. Mat. II, 3); o centurião *Cornélio* por *um anjo* (Act. Apóst. X, 3), o rei Baltasar pela *mão misteriosa que traçou as palavras no muro* (Dan. V), o rei Nabucodonosor por um *sonho milagroso* acêrca do verdadeiro Deus e do Messias (Dan. II), Balaão por uma *jumenta* (Núm. XXII, 23). Por isso, como veremos mais adiante, encontra-se realmente entre os pagãos a esperança do Redentor.

3. Antes de enviar o Salvador, Deus deixou cair todos os povos do universo em profunda miséria, para lhes fazer desejar o Salvador com mais ardor e preparar-lhe um acolhimento mais jubiloso.

Os *Judeus* estavam muito divididos em matéria religiosa; *três partidos religiosos* ou seitas se combatiam: os Saduceus, os ricos do país, que negavam a vida futura; os Fariseus, observadores meticulosos das prescrições mosaicas; os Essénios, que deixavam o mundo e levavam uma vida de dura penitência. — A-pesar-da sua filosofia, os *pagãos* estavam mergulhados numa *ignorância total* das coisas divinas e numa *imoralidade* sem nome. O número das suas divindades era tão grande, que, no dizer de Hesíodo, é preciso perder a esperança de as enumerar a tôdas. Adoravam estátuas, homens viciosos e até animais; olhavam seus deuses como protectores do vício e cuidavam honrá-los no melhor modo com acções viciosas ou imorais, e até por sacrifícios humanos. Os pagãos *reconheciam a sua miséria profunda e desejavam* auxílio. Numa das suas odes, o poeta romano Horácio gemeu sôbre as guerras civis e disse: «Vem, finalmente, tu, filho de nobre virgem, permanece longo tempo com o teu povo, regressa tarde ao céu e encontra o teu prazer em sêres chamado pai e príncipe». Antes dêle, Sócrates tinha já exprimido a esperança de que um mediador desceria do céu para nos ensinar sem êrro os deveres para com Deus e os homens. É, pois, com razão que Jacob moribundo (Gén. XLIX, 10) e os profetas (Ag. II, 7) tinham chamado ao Salvador o **Desejado das Nações.** — Antes da vinda de Jesus Cristo, o universo era como um doente que reclama um médico, porque *sente muito vivamente* a sua dor; era como plantas fenecidas que desejam um orvalho refrigerante; como um homem caído num poço que reclama um salvador, porque a-pesar-de todos os seus esforços não pode subir; como o filho do rei, obrigado a viver na maior indigência e sabendo-se chamado a mais altos destinos (Alb. Stolz). — Deus na sua sabedoria continua ainda a operar do mesmo modo; antes das inspirações do Espírito Santo, deixa certos homens cair muito profundamente: testemunhos, S. Paulo, S. Agostinho, etc. Homens caídos em tanta miséria estão *muito mais dispostos a receber* a graça de Deus e *servem* a Deus depois da sua conversão *com zêlo muito mais ardente.*

4. Quando e onde viveu o Salvador?

1. O Salvador viveu neste mundo, há 1900 anos, durante 33 anos.

A **era cristã** começa com o nascimento de Jesus Cristo.

Nos primeiros tempos do cristianismo contavam-se os anos segundo o reinado dos soberanos ou dos *cônsules romanos*. Depois da grande perseguição de Diocleciano, os cristãos tomaram como era a subida ao trono dêste imperador *(era de mártires)*. O padre *Dionísio*, de Roma, foi o primeiro que no ano 525 datou os anos desde a Incarnação de Cristo, isto é, desde a Anunciação. *Carlos Magno* introduziu esta era, mas começou a contar não da Incarnação, mas do Nascimento de Cristo. — Esta era não é a absolutamente exacta, porque Dionísio colocou o Natal quatro anos mais tarde. Cristo nasceu portanto 4 anos antes do ano 1 da nossa era.

O tempo anterior a Cristo chama-se *Antigo Testamento* ou Antiga Aliança; o posterior a Cristo, *Novo Testamento* ou Nova Aliança (Heb. IX, 13-17).

Nós chamamos aos tempos anterior e posterior a Jesus Cristo *Testamento* (quere dizer: declaração de vontade, concessão de herança em caso de morte) porque, nas épocas que precederam e se seguiram a Cristo, Deus exprimiu aos homens a sua *santa vontade* e assegurou-lhes *uma herança no caso da morte do Salvador* (uma herança que se tornaria executória pela morte do Salvador). A herança assegurada aos Judeus era a Terra da Promissão; a herança dos cristãos é o céu. — A época anterior a Cristo é chamada *Aliança antiga* porque Deus nela estabeleceu aliança com muitos homens, com Noé, Abraão, Jacob, com o povo Israelita, *no Sinai*, por mediação de Moisés. Lá, o povo Israelita comprometeu-se a observar as leis que acabavam de ser promulgadas; Deus, em recompensa, prometeu-lhe a sua protecção e que o cumularia de benefícios. A aliança foi selada com o sangue do sacrifício dos animais. — A época posterior chama-se *Nova aliança*, porque Deus, por intermédio de seu Filho, se obrigou à santificação dos homens e à glorificação dêles no céu, se êles observam os dois mandamentos do amor. Esta aliança foi selada com o sangue de Cristo. — Chama-se também Antigo Testamento aos *Livros santos*, escritos durante aquêle período, e Novo Testamento aos livros santos escritos

depois de Cristo. Estes livros são assim chamados com razão, porque contêm as vontades de Deus e a promessa assegurada da herança celeste.

2. O Salvador desenvolveu a sua actividade sobretudo na *Palestina*.

(Mostre-se um mapa dêste país).

Notemos 1.º quanto ao *nome:* que êste país se chamou primeiramente **Canaán,** mais tarde *Judeia,* habitualmente *Terra da Promissão,* isto é, a terra prometida por Deus, e finalmente *Terra Santa,* quere dizer: terra santificada pela habitação do Salvador. — 2.º quanto à sua *extensão e natureza,* que a Palestina não é mais que um pequeno país, apenas de 23.000 quilómetros quadrados, do tamanho de metade da Suíça, de sorte que os pagãos diziam, mofando, que o Deus dos Judeus devia ser um Deus bem pequenino, porque não deu ao seu povo senão um país tão pequeno. (Tem só 90 léguas de comprido por 30 de largo). Contudo a sua *situação* no meio do mundo antigo era muito *favorável* à difusão da verdadeira religião. Era um país *muito fértil,* onde com efeito corria leite e mel (Ex. III, 8) e onde não havia quási precisão de importações de países estranjeiros. A Palestina é *dividida,* por todos os lados, dos países vizinhos, já pelo mar, já por um deserto, de forma que as comunicações amigáveis entre os seus habitantes e as nações vizinhas eram muito difíceis. — 3.º quanto ao número de habitantes, que a Palestina contava ao tempo de Jesus Cristo 5 milhões de habitantes, dos quais 1 milhão em Jerusalém, capital. Hoje êste país não tem senão 770:000 hab. e Jerusalém, 65:000 habit.

A Palestina está situada ao longo do mar Mediterrâneo, de uma e outra margem do rio Jordão.

A parte maior, situada entre o mar e o Jordão, chama-se *terra* do Jordão *ocidental;* a mais pequena, para além do rio, chama-se *terra* do Jordão *oriental.* — A Palestina é limitada ao Norte pela Fenícia, a Este pelo deserto siro-arábico, ao sul pela Arábia, a Oeste pelo Mediterrâneo. — **O Jordão,** que os Judeus passaram a pé enxuto e onde Jesus foi baptizado, tem de largo de 80 a 150 passos;

as suas águas torrenciais e amarelentas atravessam o pequeno lago Merom, depois o *lago de Genesaré*, de 5 milhas de comprido (1), e vão lançar-se no Mar Morto (2), que tem 10 milhas de comprimento. Antes de se lançar no Mar Morto, o Jordão recebe a torrente *Carit*, perto da qual morava Elias. O Mar Morto recebe também as águas da torrente Cédron, que corre perto de Jerusalém e que atravessaram David, na fuga, e Cristo antes da agonia.

A Palestina estava dividida em *quatro partes:* a **Judeia,** ao sul; a **Samaria,** ao centro; a **Galileia,** ao Norte, e, a este do Jordão, a **Pereia,** (com a Itureia e a Traconítide).

Os habitantes da Judeia eram os mais fiéis à verdadeira religião; os da Samaria eram *idólatras*, e odiados pelos Judeus; os da Galileia, finalmente, eram em parte pagãos, especialmente ao Norte, e por conseguinte desprezados pelos Judeus. (O nome de Galileu era uma injúria, tanto mais que êles falavam um dialecto muito grosseiro, pelo qual os conheciam fàcilmente, como sucedeu com Pedro no pátio do Sumo sacerdote).

A *cidade* mais importante da Judeia era **Jerusalém,** onde se encontrava o *Templo.*

Jerusalém (que quere dizer: lugar de paz) é também chamada a *cidade das 4 colinas*, porque está situada sôbre 4 eminências ou alturas: a mais elevada é o monte **Sião,** sôbre o qual se erguia majestosamente a cidade de David e onde se encontrava o Cenáculo: a Este dêle elevava-se o monte **Acra** com a nascente e a bacia de Siloé, onde se operou a cura do cego de nascença; ao Norte, o monte **Mória,** sôbre o qual Isaac esteve para ser imolado e onde estava o Templo: mais ao Norte surgia o monte *Bezeta*, com a cidade nova; a Oeste do monte Mória, e fora dos mu-

---

(1) Foi aí que Cristo serenou a tempestade, prègou na barca, mandou fazer a pesca milagrosa, caminhou sôbre as águas e deu a Pedro o primado sôbre a Igreja.

(2) No declive onde existiram outrora as cidades de Sodoma e Gomorra; as águas dêste mar são salgadas e não contêm ser algum vivo.

ros, elevava-se o **Gólgota**, também chamado Calvário, sôbre o qual foi crucificado Cristo. O conjunto destas elevações é limitado por dois vales: o de Ocidente, *Hinom* (Geena, inferno, porque as mulheres israelitas idólatras aí sacrificaram seus filhos a Mooc), a Este o vale de *Josafat* (Juízo de Deus; era crença que Deus aí cumpriria o juízo final); é neste vale que corre a torrente *Cédron*. A Este do vale de Josafat nota-se o *monte Olivete*, com o seu jardim de Getsemâni, lugar favorito do Salvador. — Jerusalém existia já ao tempo de Melquisedec, que dela era rei (2000 anos antes de Jesus Cristo); ao tempo de David (1000 antes de J. C.) tornou-se capital dos reis Judeus e foi (558 a. J. C.) completamente destruída por Nabucodonosor, rei de Babilónia, para ser reconstruída 50 anos depois (536) e novamente arrasada pelo general romano Tito, no ano 70 da era cristã. — O **Templo** sôbre o monte Mória formava um grande quadrado e era construído com pedras esbranquiçadas. De longe aparecia como uma montanha coberta de neve e oferecia um espectáculo majestoso (S. Marc. XIII, 1). Havia nêle um *átrio para o povo*, e outro no interior *para os sacerdotes*, com o altar dos holocaustos; era neste segundo átrio que se encontrava, num terraço, o templo pròpriamente dito, de 30 metros de comprido, por 10 de largo e 15 de alto, com o tecto plano de cedro. Êste templo compunha-se do vestíbulo, do *Santo* e do *Santo dos Santos;* os muros dos dois últimos compartimentos estavam cobertos de espêssas chapas de mármore e separados por um véu que se rasgou no momento da morte de Cristo. No Santo dos Santos estava colocada entre dois querubins dourados a *Arca da Aliança*, que continha as tábuas da lei, o maná, o báculo de Aarão e o livro da lei (Pentateuco). Era por cima da arca que Deus estava presente numa *nuvem*. — O templo foi construído por Salomão cêrca do ano 1000. Destruído em 588 por Nabucodonosor, foi reconstruído passados os 70 anos do cativeiro pelo príncipe judeu Zorobabel; mas a Arca da Aliança havia desaparecido. O rei Herodes restaurou-o no tempo de Jesus Cristo. Esta restauração foi acabada no ano 64, e 6 anos depois (70), o templo foi destruído pelos Romanos. Em 361 o imperador Juliano, o *Apóstata*, tentou reconstruí-lo, mas um tremor de terra derrubou os primeiros alicerces, e umas chamas que saíram da terra dispersaram os operários. O templo não mais será reconstruído até ao fim dos tempos (Dan. IX, 27).

Além de Jerusalém, as cidades mais notáveis são *Belém* e *Nazaré*.

As localidades mais importantes da **Judeia** são: ao Sul de Jerusalém, *Belém*, a cidade natal de Jesus; um pouco mais ao sul, *Hebron*, residência de Abraão, de Isaac e de Jacob e dos parentes de S. João Baptista; a Este, *Betânia*, onde morava Lázaro, e o deserto da *Quarentena*, onde Jesus jejuou 40 dias; a NO., *Jericó*, a cidade das palmeiras, onde vivia Zaqueu, o publicano arrependido; ao Norte, *Emaús*, célebre por um aparecimento do Salvador ressuscitado. À beira-mar nota-se *Jope*, cidade fenícia que se tornou célebre durante as cruzadas, onde S. Pedro ressuscitou a Tabita e onde foi chamado a casa do centurião pagão Cornélio. Mais ao sul encontra-se o antigo país dos *Filisteus*, com as cidades de Gaza e Ascalon. A Oeste do Mar Morto estende-se o deserto de Judá ou o deserto de S. João, onde habitou o Precursor. — Na **Samaria**, nota-se a capital, *Samaria*, situada quási no centro do país; ao Sul desta cidade encontra-se, perto de Siquém, o *poço de Jacob*, onde foi o encontro de Jesus com a Samaritana; a Este vê-se o monte *Garizim*, onde os Samaritanos tinham um templo idólatra; ao Sul, *Silo*, onde depois de Josué esteve a arca 350 anos. Ao longo do Mediterrâneo estende-se a rica planície de *Saron*; à beira-mar está *Cesareia*, isto é: a cidade imperial, onde residiam os procuradores romanos. Ao Noroeste, não longe do mar, e na fronteira, eleva-se a uma altura de 300 metros o monte Carmelo, com as suas 1000 cavernas, habitação dos anacoretas e de Elias, que ali ofereceu o seu sacrifício para confundir os sacerdotes de Baal. — Na **Galileia** notamos: *Nazaré* (a cidade da flor), domicílio da SS. Virgem no momento da Anunciação e residência de Jesus Cristo até à idade de 30 anos; ao S. o monte *Tabor*, lugar da Transfiguração; perto dela, *Naim*, onde Jesus ressuscitou o filho da viúva; a Este *Caná*, onde êle numas bodas fêz o seu primeiro milagre. Nas margens do lago de Genesaré encontravam-se: *Cafarnaúm*, «a cidade de Jesus Cristo», onde êle gostava de parar e onde obrou numerosos milagres, por ex. a cura do servo do centurião pagão, a ressurreição da filha de Jairo. Foi lá também que êle fêz a promessa da Eucaristia e que chamou a si o Apóstolo S. Mateus; ao Sul, *Betsaida*, donde eram originários os Apóstolos André e Filipe; depois *Mágdala*, re-

sidência de Madalena a pecadora. Na margem do mesmo lago se encontrava também Tiberíades. Ao N. da Galileia estava *Cesareia* de Filipe, onde Pedro recebeu o poder das chaves. As cidades marítimas de *Tiro* e *Sidónia*, onde Jesus ia muitas vezes (S. Mat. XV, 11; S. Marc. VII, 27) encontram-se mais na Fenícia que na Galileia; nos confins desta última se eleva, coberta de neves eternas (até 3000 metros), a cadeia do *Líbano* (monte branco) com os seus magníficos cedros (1), e a Este o *grande Hermon* (2900 m.); mais a E. está *Damasco*, onde se converteu S. Paulo. — Na *Pereia* há a notar, junto do Mar Morto, e a Este da foz do Jordão, *Betabara* (também chamada Betânia) o lugar onde João baptizava, onde êle revelou o Salvador e lhe chamou *Cordeiro de Deus;* a E. o monte *Nebo*, onde morreu Moisés. Ao S. o lago de Genesaré, onde era situada *Pela*, na qual se refugiaram os cristãos de Jerusalém durante o cêrco de Tito (70).

5. Jesus de Nazaré é o Salvador ou o Cristo

Os Judeus chamavam habitualmente ao Salvador desejado: **Messias, Cristo** ou **Ungido.** A expressão *ungidos do Senhor* designava entre os Judeus os *profetas*, os *pontífices* e os *reis;* eram sagrados com o óleo santo no momento em que entravam em função, como sinal da sua missão divina. (A Unção simbolizava a iluminação e a fôrça do Espírito Santo, ao mesmo tempo que era uma exortação à doçura). Devendo o Salvador futuro ser ao mesmo tempo o profeta, o pontífice e o rei, *rei por excelência*, os Judeus chamavam-lhe o *Ungido do Senhor* (Ungido em hebraico é a significação de *Messias*, e de *Cristo*, em grego). Contudo Cristo não foi ungido visìvelmente com óleo, mas *interiormente pelo Espírito Santo* (Ps. XLIV, 8) do qual tinha em si a plenitude (Act. Apóst. X, 38).

1. Jesus de Nazaré é o *Salvador*, porque nêle se cumpriram tôdas as predições dos profetas.

Freqüentes vezes Jesus apelou para êste testemunho

(1) Actualmente restam apenas 300 cedros.

(S. Jo. V, 39; S. Luc. XVIII, 31), especialmente junto dos discípulos de Emaús (S. Luc. XXIV, 26). *S. Mateus*, por seu lado, não cessa, no seu Evangelho, de mostrar o cumprimento das profecias na pessoa de Jesus Cristo (1).

2. O carácter messiânico divino de Jesus de Nazaré é provado *pela perpetuïdade do seu reino* neste mundo.

Os falsos messias tiveram a princípio numerosos aderentes, mas perderam-nos completamente a pouco e pouco: Jesus conserva os seus *através dos séculos todos*. Se o seu reino, *a Igreja*, fôsse obra humana, de há muito teria desaparecido; mas como ela dura, a-pesar-de tôdas as perseguições, é necessàriamente *obra de Deus*. Era o excelente raciocínio de Gamaliel no Sinédrio (Act. Apóst. V, 38) (2).

3. *Jesus* se proclama expressamente *Salvador*, em especial modo no colóquio com a *Samaritana* e diante do sumo sacerdote *Caifás*.

«Eu sei, diz a Samaritana, que o Messias (isto é: o Cristo) há-de vir» e Jesus respondeu-lhe: «Eu sou o Messias, eu que te falo» (S. Jo. IV). — O sumo sacerdote Caifás diz a Jesus: «Esconjuro-te em nome de Deus vivo, que me digas se tú és o Cristo, filho de Deus» — e Jesus respondeu: «Eu o sou» (S. Mat. XXIV, 64). Além disso, Jesus louvou S. Pedro quando êle lhe disse: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo» (S. Mat. XVI, 16).

4. Os *Anjos* também o proclamaram Salvador, tanto o dos campos de Belém, como o que apareceu a S. José.

Um anjo apareceu aos pastores nos campos de Belém e lhes disse: «Não temais! Porque eu vos anuncio uma

(1) Muitos Judeus se converteram por meio da comparação das profecias com a vida de Jesus; por ex. o Judeu Veith, que se tornou mais tarde um dos mais célebres prègadores de Viena.

(2) Se assim raciocinava Gamaliel, quando a Igreja ainda não tinha 20 séculos de história quanta mais fôrça tem hoje o seu raciocínio! — (N. do Tr.).

grande alegria para todo o povo: hoje vos nasceu, na cidade de David, o Salvador que é Cristo, o Senhor...» (S. Luc. II, 10). — José, que queria repudiar Maria, viu em sonho um anjo que lhe anunciou o nascimento de Jesus e lhe disse: «Tu lhe porás o nome de *Jesus*, porque êle *salvará* o seu povo dos pecados» (S. Mat. I, 21). — Por ser o Cristo, isto é, o Messias, Jesus de Nazaré é chamado *Jesus Cristo*, nome que êle deu a si mesmo (S. Jo. XVII, 3).

6. A vida de Cristo

1. A infância e a mocidade de Cristo

O nascimento de Jesus foi anunciado à Virgem Maria, em *Nazaré*, pelo arcanjo Gabriel (S. Luc. I, 25).

Êste facto é recordado pela festa da **Anunciação** (25 de março), pela oração *Angelus* da manhã, do meio dia e da tarde (Trindades) e pela primeira parte da *Avè Maria*, que se compõe das palavras do arcanjo. — Após a Anunciação do nascimento de Cristo, Maria visitou sua prima Isabel. Esta saüdou-a com as palavras contidas na 2.ª parte da *Avè Maria*. Foi em casa de Isabel que Maria entoou o admirável cântico *Magnificat* (S. Luc. I). Êste mistério é-nos recordado pela festa da **Visitação** (1) (2 julho). S. José foi também, como já dissemos, advertido, por um anjo, do nascimento de Cristo.

Cristo nasceu da Virgem Maria em Belém, num presépio.

Tendo o imperador Augusto ordenado um *censo do povo*, Maria e José foram obrigados a ir à cidade de onde eram originários, a Belém (S. Luc. II, 1); dando esta ordem, Augusto, como muitos soberanos, servia de instrumento inconsciente da Providência. Maria foi obrigada

(1) Como esta festa recai depois da oitava do nascimento de S. João Baptista, alguns intérpretes concluíram que a Santíssima Virgem ficou em casa de Zacarias, até ao nascimento do Precursor.

a refugiar-se num presépio, ou estábulo de animais, *porque não achou lugar em Belém* (ibid). Êste presépio parece que era uma espécie de subterrâneo, fora de Belém, nas ruínas de um palácio de David, que mais tarde serviu de abrigo aos pastores e a seus rebanhos (Cat. Emeric.) O nascimento de Cristo foi prodigioso como a sua concepção, porque Maria foi isenta da maldição (Gén. III, 16) *pronunciada contra Eva;* ela foi isenta, diz S. Bernardo, das dores da maternidade, porque era pura de concupiscência. Perante êste nascimento, Santo Agostinho exclama: «Vêde! aquêle que sustém os mundos, está deitado numa manjedoira! Aquêle que é o alimento dos anjos é alimentado por uma mãe. A fôrça se fêz fraqueza a-fim-de que a fraqueza se tornasse forte...». «Um grande médico desceu do céu, porque na terra há um enfêrmo, gravemente enfêrmo; êle cura por um método novo, tomando êle as nossas enfermidades». «Cristo, diz por seu lado S. Paulo, sendo rico se fêz pobre, a-fim-de que nós enriquecêssemos com a sua pobreza» (II Cor. VIII, 9). — **Tôdas as circunstâncias que acompanharam o nascimento de Cristo são cheias de mistérios** (como todos os acontecimentos da sua vida): 1. Jesus nasceu *em Belém* (casa do pão), porque êle é o pão vivo do céu (S. Jer.); em Belém, não em Nazaré, isto é, *fora da sua pátria,* porque êle havia deixado o céu, sua pátria, para vir à terra, onde é estranjeiro entre os homens. 2. Nasce *no meio dos pastores e dos rebanhos,* porque êle quere ser o *bom pastor* (S. João) de um grande rebanho. 3. Nasce num *abrigo de animais,* porque a terra comparada com o céu é mais miserável que aquela gruta; não nasce num palácio, a-fim-de inspirar confiança a todos que desejam acercar-se dêle (S. P. Cris.). 4. Nasce *desconhecido,* porque êle é o Deus oculto (Isaías, XLV, 15), invisível para nós nesta vida, e que ama as boas obras feitas em segrêdo (S. Mat. VI, 1-6). 5. É deposto num *presépio* onde os animais tomam o seu alimento, porque também êle quere ser o alimento das almas; desde a nascença é deitado sôbre umas tábuas, a-fim-de indicar que veio à terra para morrer na cruz (semelhança do presépio com o tabernáculo). 6. Nasce numa *noite* escura, porque à sua chegada o género humano jaz mergulhado na escuridão da ignorância de Deus. 7. Nasce *no inverno,* numa noite fria (as noites na Palestina são relativamente muito frias), porque o coração dos homens estava frio, totalmente privado do amor de Deus e dos homens. 8. Desceu do céu de noi-

te, como o *orvalho* (Is. XLV, 3), porque êle exerce sôbre os homens a acção benéfica do orvalho sôbre as plantas. 9. Nasce quando em Roma o templo de Juno está fechado e quando a *paz* reina sôbre tôda a terra, porque êle é o *príncipe da paz* (id. IX, 6), um Deus de paz (I Cor. XIV, 33). Vem sob a forma de *criança*, e não na idade madura, para nos atrair melhor: sente-se temor diante de um grande senhor, mas de uma criança aproximamo-nos não só sem temor, mas com compaixão, quando a ouvimos gemer. 11. Jesus nasce *pobre e sem aconchêgo* para nos mostrar que se chega ao céu não pelo caminho dos cómodos e dos prazeres sensuais, senão pelo dos sofrimentos e da renúncia de si mesmo. Quere também assim provar que êle é o amigo dos pobres, aos quais primeiramente se dirigirá para anunciar a *boa nova* (S. Luc. IV, 18). 12. Jesus faz brilhar nas trevas da noite *uma luz resplandecente* sôbre os campos de Belém, para indicar que êle é a luz que vem a êste mundo dissipar as trevas (S. Jo. I). 13. Manda anunciar imediatamente pelo *cântico dos anjos* o motivo da sua vinda: quere glorificar a Deus (S. João XIII, 32), trazer a paz aos homens: a paz com Deus por meio do seu sacrifício de reconciliação sôbre a cruz, a paz com o próximo pela prática da caridade, do amor dos inimigos e da doçura, a paz consigo mesmos pelo contentamento resultante da prática das virtudes evangélicas. 14. Faz *anunciar a sua vinda pelos anjos*, não aos soberbos Fariseus e Escribas, mas aos pastores, porque êle esconde os seus mistérios aos sábios e prudentes dêste mundo e revela-os aos humildes (S. Mat. XI, 25) e dá sua graça aos humildes e resiste aos soberbos (I Pedr. V, 5). Além disso, indicava assim que em todo o tempo o Evangelho seria para os orgulhosos, mesmo para os mais sábios, um livro fechado, ao passo que seria compreendido pelos humildes e pequenos. 15. Chamou ao seu presépio primeiro os *Judeus*, na pessoa dos pastores, e em seguida as *Nações*, na pessoa dos Magos, querendo assim indicar que enviaria seus apóstolos primeiro aos Judeus (S. Mat. XV, 24) e em seguida aos Pagãos para os chamar à Igreja. 16. A *estrêla* maravilhosa que apareceu aos magos deve indicar aos homens que Cristo é o *Admirável* anunciado por Isaías (IX 6). 17. O *censo* ou *enumeração* do povo, feito na época do seu nascimento, recorda o da sua segunda vinda; Jesus começa, pois, a ensinar no seu nascimento, ainda antes de começar a balbuciar (Catec. Rom.).

Observações litúrgicas. **Natal**(1), a 25 dezembro, é a festa do nascimento de Cristo. Na noite de Natal celebra-se uma missa solene à meia noite, e cada sacerdote pode celebrar *três* missas, que nos recordam a tríplice vinda de Jesus (sob forma humana em Belém, sob as espécies eucarísticas no altar, e na sua majestade no último dia) e o seu tríplice nascimento (a sua geração eterna pelo Pai, o seu nascimento temporal de Maria e o seu nascimento espiritual nos corações pela graça). O uso de fazer presépios nas igrejas remonta a S. Francisco de Assis (2). A *árvore do Natal* recorda a árvore fatal do Paraíso e também a árvore da cruz; é por isso que nela se dependuram frutas, luzes e objectos preciosos. Os *presentes de Natal* são símbolo dos dons recebidos pela humanidade, de Deus-Pai. — No dia seguinte ao do Natal celebra-se a festa do *Santo Estêvão*, e dois dias depois do Natal a de *S. João Evangelista*, e depois a dos *SS. Inocentes*. A Igreja parece dizer-nos: Se quereis vir a Jesus Cristo, sêde, como Estêvão, mártir, (que quere dizer: testemunho), se não pelo vosso sangue, ao menos pela abnegação e pela paciência; sêde como João, cheio de amor de Deus e do próximo, praticando as obras de misericórdia; sêde finalmente diante de Deus como uma criança inocente. — As quatro semanas que precedem o Natal chamam-se **Advento** (chegada), representam os 4000 anos *que precederam a vinda do Salvador*. O Advento que nos recorda o pecado original e as misérias do género humano que dêle resultaram, foi sempre considerado *tempo de penitência;* por isso a Igreja primitiva (480) prescreveu 3 dias de jejum por semana e fazia ler todos os domingos no Evangelho os chamamentos de João Baptista à penitência. O Advento acaba a 24 de dezembro pela comemoração de *Adão* e *Eva*, para nos mostrar o contraste entre o primeiro Adão e o segundo, para nos mostrar a imensa misericórdia de Deus revelada na Incarnação. O Advento coincide com uma estação fria e sombria, assim como antes de Jesus a humanidade estava imersa nas trevas da inteligência e no frio do coração. (O mundo pagão era idólatra, praticava a escravidão e os sacrifícios humanos).

Jesus recém-nascido foi adorado primeiro pelos *pastores*, depois pelos *três Magos*.

(1) A Vigília é dia de jejum.
(2) Ver a III Parte: Representações da Paixão.

Os pastores que estavam vigiando seus gados nos campos de Belém, souberam por um *anjo* que Cristo era nascido (S. Luc. II, 9); os três Reis, originários do Oriente (de um país situado a E. da Palestina), foram guiados por meio de uma *estrêla* prodigiosa, que os conduziu ao presépio (S. Mat. II, 9). Esta estrêla não era pois um astro ordinário, porque se deslocava em direcções diversas: S. João Cris., crê até que era um anjo sob forma de estrêla (1). Os Magos exprimiram em seus dons as qualidades daquele que adoravam (S. Iren.): a sua realeza, no ouro, símbolo da fidelidade; a sua divindade, no incenso, símbolo da oração; o seu sacerdócio redentor, na mirra, símbolo da mortificação e da sua paixão. Os Magos voltaram às suas terras por *outro caminho*, para indicar que nós não podemos reentrar no paraíso, nossa pátria, senão abandonando o caminho do pecado para seguir o da penitência, da obediência, do império sôbre si mesmo (S. Greg. Magno). — Os pastores eram os representantes dos Judeus (e dos pobres); os três Reis eram os representantes dos pagãos (e dos ricos). As relíquias dos três Reis foram trazidos por Frederico Barbarroxa para Colónia (1162) onde repousam na Catedral. — A **festa dos três Reis** celebra-se a 6 de janeiro (2). Na véspera, na igreja oriental primitiva, *baptizavam-se* os pagãos. — Chama-se também *Epifania* (aparecimento), porque em certas igrejas celebrava-se neste dia a Natividade, quere dizer, o aparecimento de Cristo na terra. (Na Igreja grega o Advento dura até esta festa). Êste dia recorda-nos também o *baptismo de Jesus Cristo* e o seu *primeiro milagre* em Caná (3).

Quando o Salvador tinha *oito dias* de vida, recebeu na circuncisão o nome de *Jesus*. (S. Luc., II, 21).

---

(1) Cat. Emmerich diz, nas suas visões, que naquele astro se viam alternativamente diferentes figuras: uma criança com uma cruz, uma mulher com uma criança, um cális com espigas e uvas, uma igreja, a palavra «Judeia», etc.

(2) Em certos países benzem-se ainda neste dia as pias baptismais (água dos reis) e benze-se sal e greda, e escrevem-se também as iniciais dos nomes dos 3 Reis nas portas, para proteger as casas.

(3) Nos presépios representa-se a chegada dos Magos que figuram as raças branca, amarela e negra; o negro é colocado um pouco atrás, porque os descendentes de Cam são os mais lentos em se converter ao cristianismo.

A circuncisão era uma cerimónia que simbolizava a purificação dos vícios (S. Ambr.). Jesus (em heb. Josué) significa *Salvador*, libertador. Êste nome, diz S. Paulo, é *superior a todos os nomes* (Fil. II, 9); foi escolhido *pelo próprio Deus* e anunciado à Santíssima Virgem (S. Mat. I, 21). Êste nome tem uma *fôrça divina;* a sua invocação granjeia-nos auxílio nas tentações e em cada desgraça; os demónios são por êle postos em fuga (S. Marc. XVI, 17). Os profetas chamaram muitas vezes ao Messias *Emanuel*, isto é, Deus connosco (Is. VII, 14). A festa da Circuncisão no primeiro de Janeiro é também o **Ano Novo.** A Igreja exorta-nos assim a começar tudo pelo nome de Jesus e a purificar nossos corações de todo o pecado e vício (Col. II, 11), se desejamos ter um bom feliz ano. Foi o papa Inocêncio XII que, em 1691, fixou o comêço do ano no primeiro de janeiro; dantes começava geralmente no Natal. A vigília do Ano Novo — *S. Silvestre*, era dantes festa de guarda, de onde resultavam em certas regiões *ofícios solenes* para o encerramento do ano. É conveniente, para todo o cristão, não passar êste dia em prazeres insensatos, mas em acção de graças pelos benefícios recebidos de Deus no ano decorrido, porque assim se atraem outros para o futuro.

40 dias depois do nascimento, Jesus foi apresentado no tempo de *Jerusalém* (S. Luc., II, 39).

Maria observou a lei de Moisés (Lev. XII), embora a sua pureza a dispensasse; ofereceu Jesus, porque Deus, por ocasião da morte dos primogénitos do Egipto, reservou para si como propriedade os primogénitos dos Israelitas (Núm. VIII, 17). — Esta festa da *Purificação* é também chamada **Candelária.** Com efeito a Igreja instituiu neste dia uma procissão antes da missa com velas acesas, porque no Templo o santo vélho Simeão proclamara Jesus: *luz que ilumina as nações* (S. Luc. II, 32), de onde vem a expressão *Candelária* (1). Antes da procissão faz-se a bênção das velas; o sacerdote pede luz e protecção para todos os que as levam. Não é, portanto, superstição acender es-

(1) No mês de fevereiro organizavam também os pagãos cortejos com archotes em honra dos seus deuses, porque nesta estação os dias crescem de modo muito sensível; a Igreja com a sua procissão da «Candelaria» abrogou aquêles costumes idólatras.

tas velas durante as tempestades, colocá-las nas mãos dos moribundos e pedir o socorro de Deus, em vista desta oração do sacerdote. Só haveria superstição se se atribuísse a estas velas uma virtude infalível contra o raio: o raio pode cair, a-pesar-da vela, mas Deus pode proteger o cristão piedoso. — No dia seguinte ao da Candelária celebra-se a festa de *S. Brás:* neste dia os sacerdotes abençoam com as velas da véspera o pescoço dos fiéis, porque desta maneira S. Brás salvou da morte uma criança doente do pescoço. As velas acesas nestes dois dias simbolizam Jesus como *luz do mundo,* segundo as palavras de Simeão acima citadas. Seguindo o exemplo de Maria, as mães cristãs levam os seus filhinhos recém-nascidos à Igreja para os oferecer a Deus (cerimónia da purificação).

Jesus passou os primeiros anos da sua vida no *Egipto,* depois habitou em *Nazaré,* até aos 30 anos (S. Mat. II).

Um anjo ordenou a José que fugisse com o menino, porque Herodes atentava contra a sua vida. O rei mandou depois matar nos arredores de Belém tôdas as crianças do sexo masculino, de menos de dois anos (ibid. 16). Feriu êste flagelo as mães de Belém por causa da sua dureza para com o Salvador, recusando agasalho a sua mãe e a S. José. Os Inocentes não perderam nada com êste martírio: obtiveram com o sangue a felicidade eterna. Nos arredores do *Cairo* (outrora Heliópolis), venera-se o lugar onde viveu a Sagrada Família. O Egipto foi abençoado pela presença do menino Jesus, e tornou-se habitação de milhares de *monges* que levavam uma vida angélica (S. Antão eremita, S. Paulo de Tebas). Foi numa ilha do Nilo que S. Pacómio fundou o primeiro mosteiro (340). Depois da volta do Egipto, Jesus habitou em Nazaré: escolheu esta habitação, porque aquela cidade era desprezada dos Judeus; quis assim dar-nos uma lição de *humildade.* Até à idade de 30 anos passou uma vida absolutamente oculta, para nos recomendar o *afastamento do mundo.*

Na idade *de 12 anos* Jesus foi a Jerusalém ao templo.

Foi então que êle ali maravilhou os doutores pela sua sabedoria.

Quando Cristo chegou *à idade de homem*, João Baptista no deserto anunciou o ministério público de Jesus.

Eis a história de João Baptista: O arcanjo Gabriel anunciou o seu nascimento a Zacarias, seu pai, no templo, à hora do sacrifício. Zacarias não quis crer e ficou mudo (S. Luc. I); no nascimento do menino recobrou a fala e cantou o magnífico cântico *Benedictus* (ibid. 57-80). Desde a adolescência João viveu no deserto, e preparou-se por uma austera penitência para as suas funções de precursor do Salvador. Quando *Jesus chegou a cêrca de 28 anos* (S. Luc. III, 1), João por inspiração de Deus saíu da solidão, prègou nas margens do Jordão uma penitência severa às multidões que acorriam a êle, anunciou-lhes a vinda do Messias e ministrou o baptismo (S. Mat. III). Um dia viu chegar Cristo e exclamou: «Eis o cordeiro de Deus, que apagará os pecados do mundo» (S. João I, 29). Tendo João censurado a Herodes a sua vida dissoluta, êste mandou-o lançar no cárcere, e depois, por ocasião de um banquete, mandou-o decapitar (S. Mat. XIV). S. João é o modêlo dos anacoretas.

II. A vida pública de Cristo

Na idade de 30 anos Jesus fêz-se baptizar por João, no rio Jordão, e jejuou em seguida 40 dias no deserto, onde se deixou tentar pelo demónio (S. Mat. III, IV.)

Todos os *enviados de Deus* se retiraram para a *solidão* antes da sua vida pública; Moisés, João Baptista, e os Apóstolos antes do Pentecostes. Pelo seu jejum e pela sua luta vitoriosa com o demónio, Jesus, o novo Adão, queria dar uma satisfação a Deus por causa do fruto proïbido e criminosamente comido no paraíso; e por causa da queda na tentação. O número 40 aparece muitas vezes na Escritura; os Santos Padres fizeram dêle um símbolo da penitência: a chuva do dilúvio, o jejum de Moisés e de

Elias, duraram 40 dias; os Ninivitas tiveram 40 dias para se converterem; Jesus ficou durante 40 dias na terra depois da sua ressurreição; os Israelitas viveram 40 anos no deserto. — *Liturgia:* Em recordação do jejum de Jesus, a Igreja prescreveu os **40 dias do jejum da quaresma,** que começam na **quarta-feira de Cinza.** Para nos exortar sèriamente à penitência, a Igreja recorda-nos vivamente a ideia da morte. O sacerdote esparge-nos sôbre a cabeça as cinzas, símbolo da nossa mortalidade, e diz-nos: «Lembra-te, ó homem, que tu és pó e em pó te hás-de tornar». Esta cinza é feita dos *ramos* benzidos no ano antecedente, para nos recordar a vaidade efémera da glória e dos prazeres terrestres. A quaresma dura desde quarta-feira de cinza até Domingo de Páscoa; durante êste tempo os adultos, segundo a lei da Igreja, não devem tomar senão *uma refeição por dia* e todos os cristãos são obrigados a evitar os *prazeres rumorosos* e a *meditar na Paixão do Senhor.* (Daí as prègações da quaresma e o véu sôbre as imagens dos altares). O sacerdote serve-se ao Domingo de paramentos côr *violeta* (a côr da penitência), e em lugar de dizer *Ite missa est,* que indica o fim do ofício, diz *Benedicamus Domino,* como que para convidar o povo a ficar ainda na Igreja a-fim-de orar e bemdizer a Deus. Em muitas igrejas, à tarde, há bênçãos em que se canta o *Miserere.* — Os três dias que precedem a quaresma chamam-se *carnaval* (provàvelmente de *caro,* carne, e *vale,* adeus). Para nos apartar dos prazeres rumorosos desta quadra, a Igreja faz celebrar em certas igrejas a Exposição das 40 horas. As loucuras, especialmente as mascaradas e os bailes de máscaras que precedem a quarta-feira de cinza, são de origem pagã; os pagãos celebravam no mês de fevereiro, em que os dias crescem bastante sensìvelmente, o pretenso regresso de Apolo sôbre o seu carro fulgurante. No 5.º Domingo da quaresma *cobrem-se as cruzes,* para simbolizar a fuga do Salvador, obrigado *a esconder-se* para não o matarem antes de tempo (S. João, XI, 54); êste domingo chama-se também **da Paixão,** porque a partir dêsse dia a Igreja está absorvida na meditação da Paixão do Salvador.

A partir do 30.º ano, Cristo percorre a Judeia e ensina durante cêrca de 3 anos e meio; reúne em tôrno de si 72 *discípulos* e entre êles escolhe 12 *apóstolos.*

Jesus *começa* o seu ministério doutrinal *nas bodas de Caná*, onde faz o primeiro milagre para demonstrar que o reino para o qual convida os homens se assemelha a umas núpcias (S. Mat. XXII, 1). Cristo falou muitas vezes *a grandes multidões*, de 4.000 e 5.000 pessoas, sem contar as mulheres e as crianças (Multiplicação dos pães); Zaqueu, o publicano, *foi obrigado a trepar a uma árvore* para ver Cristo no meio da multidão. Jesus Cristo era *habitualmente acompanhado* pelos seus apóstolos e discípulos; estes foram testemunhas de tôdas as suas palavras e de todos os seus actos, a fim de os anunciarem a *todos os povos da terra*. Os apóstolos eram figura dos bispos; os discípulos, dos sacerdotes, cooperadores dos apóstolos. *Apóstolo* significa *enviado*. — A doutrina de Cristo é com razão chamada **Evangelho**, isto é, boa nova, porque o Evangelho anuncia a remissão das penas do pecado e a herança do céu (S. João Cris.). — Cristo é o *doutor dos doutores;* ensinava como *possuïdor da autoridade*, por forma que a sua doutrina enchia o povo de maravilha (S. Marc. I, 22; S. Mat. VII, 29).

Cristo falava de modo *claro*, com *singeleza*, e *ilustrava* a sua linguagem com actos simbólicos, com *parábolas* e alusões ao espectáculo da natureza.

A doutrina de Cristo é semelhante a um tesouro oculto no campo de uma *linguagem simples* (S. Mat. III, 44). Todos os homens apostólicos falam singelamente; não procuram *agradar*, mas sim fazer-se compreender e fazer bem; falam do coração e esta linguagem é sempre simples. Jesus Cristo serviu-se também de actos simbólicos. *Soprou* sôbre os apóstolos ao comunicar-lhes o Espírito Santo, que é como que um sôpro que emana da divindade; *ergueu as mãos* (S. Luc. XXIV, 50) ao conceder-lhes, antes da sua Ascensão, o poder de ensinar e baptizar; a elevação das mãos simboliza a acção de dar; quando curou o cego de nascença (S. Jo. IX), cuspiu no chão, *fêz um pouco de lôdo*, esfregou com êle os olhos do cego e enviou-o à piscina, como se quisesse dizer: a água viva da minha doutrina, saindo da minha bôca e misturada ao pó, ao homem, cura-o da cegueira espiritual se êle se faz baptizar. — Cristo falou muitas vezes por parábolas: o filho pródigo, o Samaritano, o rico avarento e o pobre Lázaro, o publicano e o fariseu no templo, as virgens prudentes e as loucas, o bom e o mau servo, o ecónomo infiel, os 20 ta-

lentos, a ovelha tresmalhada, a dracma perdida, a figueira, os operários da vinha, as bodas reais, o grande banquete, as 7 parábolas sôbre o *reino dos céus;* do semeador, do trigo e do joio, do grão de mostarda, do fermento, da rêde, do tesouro no campo, da pérola. — Cristo fazia contínuas alusões *ao espectáculo da natureza* que tinha diante dos olhos: ao lírio e à erva dos campos, ao passarinho debaixo do tecto, à semente, ao joio, à figueira, à vinha, às ovelhas, aos pastores. A natureza e a religião cristã têm com efeito muitas analogias; ambas procedem de Deus.

Cristo prègou o Evangelho primeiro *aos pobres.*

Êle mesmo diz, na resposta aos discípulos de João: «O Evangelho é anunciado aos pobres» (S. Mat. XI, 5); na sinagoga de Nazaré aplicou êle a si mesmo, como ao Messias, estas palavras do Profeta: «O Senhor me mandou para evangelizar os pobres» (S. Luc. IV, 18). Os pobres estão já em parte despegados dos bens dêste mundo, e portanto mais dispostos a receber o Evangelho.

O pensamento fundamental de todos os ensinamentos de Jesus Cristo é êste: «Procurai o reino de Deus.»

«**Procurai primeiro o reino de Deus!**», diz êle no sermão da montanha (S. Mat. VI, 33), isto é, esforçai-vos *por adquirir a bem-aventurança eterna.* Os evangelistas resumem também a doutrina de Jesus Cristo nestas palavras: «Fazei penitência, e crêde no Evangelho, porque o reino dos céus está próximo» (S. Mat. IV, 17; S. Marc. I, 15).

Cristo ensinou dogmas *novos,* promulgou uma lei nova, instituíu novos meios de santificação.

Ensinou por ex. o mistério da SS. Trindade, o juízo final; — promulgou a dupla lei da caridade e aperfeiçoou o decálogo, proïbindo até a cólera e as palavras injuriosas, etc.: — instituíu o santo sacrifício da missa, os 7 sacramentos e ensinou-nos o Padre-Nosso.

Cristo justificou a sua missão divina e a verdade da sua doutrina com numerosos *milagres*, com provas da sua omnisciência e com a *santidade* da sua vida.

O mesmo Cristo apelou para os seus *milagres*, dizendo: «Se não creis em mim (isto é, nas minhas palavras), crêde nas minhas obras» (S. Jo. X, 38). Nicodemos também inferiu dos milagres de Cristo a sua missão divina: «Ninguém pode operar os milagres que vós operais, se Deus não está com êle» (S. Jo. III, 2). Cristo fêz todos os seus milagres *por poder seu*, ao passo que outros só os fizeram em nome de Deus ou de Cristo. Mais adiante falaremos dêles, ao tratar da divindade de Jesus Cristo. Êle era *omnisciente;* conhecia, com efeito, os pecados, ainda os mais secretos: os da Samaritana, os dos fariseus que lhe haviam trazido a mulher adúltera ao templo; previu os projectos de traição de Judas, as fraquezas de Pedro, uma grande quantidade de circunstâncias da sua paixão, e as suas previsões realizaram-se. — Cristo é ainda notável por uma *santidade* sôbre-eminente; ninguém jamais o igualou em paciência, doçura, humildade, caridade, etc. Como podia mentir um homem, que levava vida tão santa?

Os fariseus e escribas *odiavam-no* e *perseguiram-no*, porque êle não correspondia à esperança que êles tinham de um Messias carnal, e porque lhes atacava os vícios; depois da ressurreição de Lázaro, formaram até o projecto de o matar.

Quiseram apedrejá-lo no templo (S. Jo. VIII, 59; X, 31), precipitá-lo dum rochedo em Nazaré (S. Luc. IV, 29); injuriavam-no; chamavam-lhe possesso do demónio (S. Mat. XII, 24), fautor de revolta, profanador do Sábado; armavam-lhe ciladas, por ex., preguntando-lhe se era permitido pagar tributo a César. Todo o ensino de Cristo era, portanto, uma espécie de sacrifício. — Os Judeus pensavam que o Messias seria *um rei temporal muito poderoso*, que os libertaria do jugo romano, e esperavam que os encheria de bens dêste mundo. Ora Jesus nasceu na obscuridade e na pobreza, prescrevia a mortificação, as obras de misericórdia, etc. Além disso censurava aos Fariseus a *hipo-*

crisia, a *santidade puramente exterior*, e chamava-lhes *sepulcros caiados* (S. Mat. XXIII, 27), filhos de Satanás (S. Jo. VIII, 44). Perseguiam-no, pois, e atacavam a sua doutrina; depois, quando os príncipes dos sacerdotes e os Fariseus souberam da ressurreição de Lázaro, disseram: «Êste homem faz muitos milagres; se o deixamos continuar, todos virão a crer nêle», e resolveram matá-lo (S. Jo. XI, 47-53).

III. A Paixão de Cristo

No *Domingo* antes da festa de *Páscoa*, Jesus Cristo fêz a sua entrada solene em Jerusalém, e passou os dias seguintes a ensinar no templo.

Antes da Paixão, Cristo mostrou-se ainda uma vez na sua glória para mostrar que morria *voluntàriamente*. — *Liturgia:* Os ofícios do *Domingo* de Ramos respiram *alegria* e *tristeza;* alegria, por causa do triunfo de Jesus; tristeza, por causa da sua iminente paixão. Em memória dêste triunfo, a Igreja instituíu a *bênção de Ramos* e a procissão com os ramos bentos. Na missa solene, a paixão segundo S. Mateus é recitada no altar pelo sacerdote e cantada pelo côro; assim a Igreja nos recorda que não se chega ao *triunfo* do céu senão pelos sofrimentos. Fixam-se ramos bentos, quer nos campos, quer nas portas das casas, para pedir a Deus a fertilidade para os campos e bom resultado para as nossas emprêsas. Estes actos de devoção têm sua razão de ser nas orações da bênção dos Ramos, em que o sacerdote pede a Deus que proteja contra o demónio e tôda a espécie de males aquêles que levam os ramos e os conservam piedosamente. — A semana do Domingo de Ramos chama-se **Semana Santa**, ou semana da Paixão.

Na *Quinta-feira santa*, à tarde, Jesus Cristo comeu o Cordeiro Pascal com seus discípulos, instituíu a Eucaristia e depois foi para o jardim das Oliveiras, onde começou a sua *agonia*.

Antes da instituïção da Eucaristia, Jesus Cristo *lavou os pés* aos seus apóstolos, para nos ensinar o amor às humilhações e à humildade. No jardim das Oliveiras ensinou-nos a humildade na oração, o abandono à vontade de Deus e a doçura para com os nossos perseguidores; tomou sôbre si a nossa tristeza, a-fim-de nos dar a sua alegria (*S. Ambr.*). Eu vejo, dizia S. Bernardo, que o maior dos heróis estremece de pavor, que a galinha sofre pelos seus pintainhos: vossos estremecimentos, Senhor, devem fortificar-nos e vossas angústias granjear-nos alegria. — *Liturgia:* Em muitas regiões *toca-se à agonia* tôdas as quintas-feiras à tarde; recordemo-nos do que temos que rezar nessa ocasião. — As cerimónias da Quinta-feira Santa são às seguintes: O Papa *lava os pés a 12 sacerdotes* (1), os bispos e certos soberanos católicos, e algumas vezes também alguns sacerdotes, lavam os pés a 12 vélhos. Na missa solene tocam-se tôdas as campaínhas ao Glória, e tanto o povo como o clero recebem a *comunhão solenemente*, em memória da instituïção do SS. Sacramento. Contudo a Igreja não se deixa transportar de alegria, porque imediatamente depois da missa *leva-se o SS. Sacramento* para um altar lateral ou para uma capela, para significar a partida de Jesus para o Monte Olivete. A desnudação dos altares, o *silêncio dos sinos* são também um sinal do luto em que está a Igreja por causa da agonia de J. C. Nas catedrais o bispo *consagra os Santos Óleos;* esta tradição faz opinar a alguns teólogos que, por ocasião da Ceia, Jesus Cristo instituïu ainda outros sacramentos. A Quinta-feira Santa era também na Igreja primitiva o dia da reconciliação dos penitentes públicos.

No jardim das Oliveiras, Jesus foi preso pelos soldados, conduzido à casa dos *sumos sacerdotes* que o *condenaram à morte.*

Liturgia. Na tarde de quarta, quinta e sexta-feira da semana santa cantam-se as *Trevas* (matinas). Diante do altar encontra-se um triângulo com 15 velas (2), que figuram os discípulos de Nosso Senhor. No fim de cada série de salmos e de lamentações cantadas no ofício, apaga-se uma vela para representar a fuga dos discípulos. A vela

(1) A 13, desde S. Gregório Magno.
(2) Em muitas igrejas, 14 velas são de cera amarela e a do alto, imagem de N. Senhor, de cera branca.

de cera branca é levada no fim do ofício para trás do altar, e é reconduzida com acompânhamento do rumor das matracas. Com isto se pretende figurar a morte e a ressurreição de Cristo, com os tremores de terra que a natureza teve naquela ocasião.

Na *sexta-feira muito cêdo* os Judeus conduziram Jesus a *Pôncio Pilatos*, procurador romano, para fazerem aprovar a sentença de morte.

Os Judeus não tinham o direito de ordenar execuções capitais; era necessária autorização do govêrno romano (S. Jo. XVIII, 31). Mas *Pôncio Pilatos não achou Cristo culpado* e tentou diferentes meios de o salvar: enviou-o a Herodes, deu aos Judeus a escolher entre êle e Barrabás, e apresentou-lho horrìvelmente desfigurado pela flagelação (*Ecce homo*).

Pôncio Pilatos mandou *flagelar* a Cristo para apaziguar a cólera dos Judeus e quis *soltá-lo* porque não o achava culpado.

Jesus Cristo foi maltratado pelos soldados e *coroado de espinhos*.

Quando os Judeus ameaçaram Pôncio Pilatos de o denunciarem ao imperador, êle *condenou* Jesus ao suplício da cruz.

O caminho do pretório ao Calvário mede aproximadamente 1:300 passos; a via-sacra, com as suas *14 estações*, recorda-nos êste caminho.

Na *sexta-feira* ao meio dia Jesus foi crucificado sôbre o monte Calvário, fora de Jerusalém, e *morreu* na cruz às 3 horas da tarde.

O suplício da cruz era naquela época o suplício *mais infamante* e o mais doloroso (Cícero); só se condenavam a êle os maiores criminosos, como os salteadores, os assassinos. A **Cruz** era então o que é hoje o cadafalso; por isso a doutrina do crucificado era um escândalo para os Ju-

deus e uma loucura para os pagãos (I Cor. I, 23); mas a cruz tornou-se um *sinal de honra*, orna a coroa dos reis e o peito dos homens ilustres. — O *primeiro pecado* foi cometido *junto de uma árvore;* foi na árvore da cruz que se operou a redenção de todo o pecado (S. Atan.). A vida veio de onde viera a morte (Prefácio da cruz). Cristo não quis ser *decapitado* nem mutilado, para mostrar que nunca deve haver scisma na sua Igreja. Inclinou a cabeça para nos beijar, estendeu os braços para nos abraçar, abriu o coração para nos amar (S. Agost.). O coração de Jesus foi transverberado, a-fim-de que esta ferida nos mostrasse a do seu amor (S. Bernardo). Não foram os soldados, foi o seu *amor imenso* que o cravou na cruz. Pretende-se que a cruz foi arvorada no lugar da sepultura de Adão, e daí vem que às vezes se colocam caveiras ao pé dos crucifixos.

Um *eclipse total* do sol se observou em tôda a terra durante aquelas três horas, ainda que na época da lua cheia aquêle fenómeno, naturalmente, fôsse impossível.

Ocultou o sol seus raios por não poder suportar o opróbrio do seu criador (S. Jo. Cris.). Êste milagre devia indicar também que a luz do mundo acaba de se extinguir. Êste eclipse é mencionado por autores pagãos; entre outros, por Flégon.

Ao expirar Cristo, a terra tremeu, as rochas fenderam-se, o véu do templo rasgou-se e muitos mortos ressurgiram e apareceram em Jerusalém.

Tôdas as criaturas sofrem com Jesus; só o pecador não quere sofrer, ainda que Jesus só por êle sofre (S. Jer.). Estes milagres levaram muitos a crer na divindade de Cristo; o centurião, por ex., exclamou: «Verdadeiramente êste homem era o Filho de Deus!» (S. Mat. XXVII, 54). Hoje ainda se vê no Calvário uma fenda profunda entre o lugar onde esteve a cruz de Cristo e a do mau ladrão (O catequista explicará a significação desta fenda).

Jesus pronunciou na cruz *7 palavras.*

1. Pai perdoai-lhes. 2. Hoje ainda, estarás comigo no paraíso. 3. Eis aí tua mãe! 4. Meu Deus, por que me

abandonais! 5. Tenho sêde. 6. Tudo está consumado. 7. Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. Com o clamor violento que Cristo levantou antes de exalar o último suspiro, mostrou *que morria voluntàriamente*, porque teria tido fôrças para viver ainda mais tempo. Pela mesma razão *inclinou primeiro* a cabeça e só depois é que exalou o espírito. — A cruz não é, pois, apenas o instrumento do suplício, — é também *a cátedra do ensino de Cristo* (S. Agost.). Aí prègou o amor aos inimigos, a mansidão, a paciência, a obediência, a misericórdia de Deus, a sua bondade, a sua justiça, a sua omnipotência, a imortalidade da alma, o juízo particular e a ressurreição dos mortos. (O catequista fará dizer como é que êle ensina estas verdades na cruz). — *Liturgia:* Em muitas igrejas toca-se na sexta-feira às 3 horas, *em memória da morte de Jesus Cristo.* É também em recordação do sacrifício do corpo de Jesus, que a Igreja nos proíbe na sexta-feira o *uso da carne.* Nas cerimónias da Sexta-feira Santa a Igreja exprime muito vivamente os seus sentimentos de luto. Os altares são desnudados, a lâmpada do santuário é apagada, os sinos estão mudos, o sacerdote prostra-se com a face colada aos degraus do altar. O sacerdote *pede* solenemente *por todos os homens,* mesmo pelos pagãos e judeus, porque naquele dia Jesus se ofereceu por tôda a humanidade. O crucifixo é levantado e descoberto em memória da elevação e do despimento de Cristo na cruz; depois o sacerdote pousa o crucifixo no chão, beija as chagas dos pés, e o povo aproxima-se para venerar as feridas do Salvador. Na Sexta-feira Santa *não se oferece o santo sacrifício;* celebra-se um ofício que se parece com a missa, com uma hóstia consagrada na véspera e consumida pelo celebrante (missa dos pressantificados. Nas Igrejas é reservada uma hóstia, o corpo de Jesus no santo sepulcro).

Na sexta-feira à tarde o corpo de Cristo *foi descido da cruz* e deposto num túmulo cavado em rocha. Êste túmulo pertencia a José de Arimateia.

No *sábado de Páscoa,* a maior festa dos Judeus, Jesus repousa no túmulo.

Liturgia: no *Sábado de aleluia* benze-se diante da por-

ta da igreja o *fogo* tirado da pedra (1), que serve para acender uma vela triangular e a lâmpada do santuário. Um dos vértices do triângulo acende-se à entrada da igreja, outro no meio e o terceiro diante do altar-mor, para indicar que a SS. Trindade não foi conhecida pela humanidade senão sucessivamente. Em seguida faz-se a bênção do *círio pascal*. Com seus cinco grãos de incenso, êle recorda o Salvador sepultado e ressuscitado, e é por isso que êle se acende nos ofícios solenes até à Ascensão. Primitivamente esta bênção realizava-se na mesma noite de Sábado de Aleluia e a Igreja simbolizava assim o triunfo de Cristo ressuscitado, da *luz do mundo*, sôbre o inferno, poder das trevas. A *bênção das pias baptismais* recorda o baptismo solene dos catecúmenos, que na igreja primitiva se fazia no Sábado de aleluia; naquele tempo a missa não se celebrava de manhã, tempo em que Cristo se considerava ainda repousando no sepulcro, mas cantava-se só à meia noite. O ofício do sábado de manhã serve agora de transição do luto profundo da sexta-feira de Paixão para a imensa alegria da Ressurreição. No sábado santo à tarde, muitas igrejas celebram a *procissão solene da ressurreição*, em memória da ressurreição de Cristo e como símbolo da nossa própria ressurreição.

IV. A Exaltação de Cristo

Cristo humilhóu-se e fêz-se obediente até à morte e até à morte da cruz, por isso Deus o *exaltou* (Fil. II, 8). Esta exaltação não se refere senão à sua *humanidade*; emquanto Deus, Jesus Cristo gozava uma felicidade infinita e não podia ser exaltado. Não foi o Altíssimo, foi sòmente a humanidade do Altíssimo que foi exaltada (S. Cir. Jer.).

Logo depois da morte de Cristo, a sua alma vitoriosa desceu ao lugar em que se encontravam os justos do Antigo Testamento (IV Conc. Later.).

Este lugar chama-se **limbo**. O limbo é lugar diverso do *purgatório*; em ambos, é verdade, não se vê a Deus,

(1) Símbolo de Cristo ressuscitado do sepulcro cavado na rocha.

mas no purgatório as almas sofrem penas que não existiam no limbo; êste também não se deve confundir com o *inferno:* neste é-se também privado da vista de Deus, mas sofrem-se também os tormentos eternos. As almas não padeciam no limbo *pena alguma* (Cat. Rom.) e não estavam *sem uma certa felicidade,* como se vê na parábola em que o pobre Lázaro é consolado (S. Luc. XVI, 25), porque no juízo particular haviam recebido a certeza da sua felicidade eterna. Não podiam contudo *entrar ainda nas alegrias eternas do céu,* porque o céu ainda não estava aberto (Heb. IX, 8). *Suspiravam* portanto continuamente *pelo Salvador.* O limbo é chamado pelo rico avarento o *seio de Abraão* (S. Luc. XVI, 22); tem também o nome de *prisão,* quere dizer, estado de cativeiro, porque as almas eram incapazes de sair de lá antes da morte de Cristo (I S. Ped. III, 19). O Salvador na cruz chamou a êste lugar *Paraíso* (S. Luc. XXIII, 43), porque à sua chegada aquela prisão se tornou lugar de delícias (Cat. Rom.). Depois da morte de Cristo o limbo deixou de existir. — Entre outros habitantes do limbo, podemos nomear os seguintes: Adão e Eva, Abel, Noé, Abraão, Isaac, Jacob, David, Isaías, Daniel, Job, Tobias, S. José, pai de Cristo porque o nutriu (pai nutrício ou putativo) e muitos outros, especialmente os contemporâneos incrédulos de Noé que contudo se converteram quando o dilúvio rebentou (I S. Ped. III, 20).

Cristo visitou as almas do limbo para lhes *anunciar* a redenção e o *livramento.*

Cristo desceu à morada dos espíritos do limbo para lhes anunciar que tinha consumado a redenção (I S. Ped. III, 19); a alma de Cristo estava *unida à sua divindade* (S. Epif.). O Senhor demorou-se no limbo até ao *terceiro* dia (S. Iren.). Desceu lá só êle, mas *subiu rodeado de uma multidão inumerável* (S. Inácio Ant.). Cristo assemelhava-se a um rei que se apoderou de uma fortaleza em que os seus estavam prisioneiros (S. Cip.). Esta saída do limbo é imagem da entrada triunfal de Cristo com os eleitos no céu depois do juízo final. Cristo revelou-se também aos *reprovados* do inferno e obrigou-os a adorarem-no (Fil. II, 10).

Na manhã do *domingo de Páscoa,* antes

do nascer do sol, Cristo saíu glorioso do sepulcro, por seu próprio poder.

Cristo havia predito muitas vezes a sua ressurreição ao terceiro dia (S. Luc. XVII, 33), tinha-se comparado a Jonas (S. Mat. XII, 40) e havia dito na festa da purificação do Templo: «Destruí êste templo (falando do seu próprio corpo) e eu o reconstruïrei em três dias» (S. Jo. II, 19). — Tinha dito também que estava em seu poder o dar a sua vida e o rehavê-la (id. X, 18). Se, pois, se diz (Rom. VI, 4; VIII, 11) que o Pai o ressuscitou, é porque Cristo é da mesma natureza que o Pai, e porque êste faz tudo o que Cristo faz. — A ressurreição de Cristo é um *facto indubitável;* «o merecimento do cristão não consiste em crer na morte de Cristo, mas na sua ressurreição de entre os mortos» (S. Amb.). Os judeus pretenderam que os discípulos de Jesus haviam **roubado** o seu cadáver (S. Mat. XXVIII, 13), mas estes discípulos eram por demais tímidos para executarem tal plano, e além disso honestos demais para o fazerem; além de que é impossível que nenhum dos guardas tivesse ouvido o rodar da pedra, e, por outro lado, testemunhas que se dizem adormecidas não valem (S. Agost.). É notável, além disso, que aquêles soldados não foram punidos pela sua negligência. — Certos livre-pensadores pretendem que a **morte** de Jesus foi apenas **aparente,** e que voltou a si do desmaio ao terceiro dia e abandonou o túmulo. Mas os horríveis *tormentos,* a perda considerável de sangue durante a flagelação e a crucifixão, bastavam só de per si para produzir a morte, sem contar a *ferida do lado,* bastante larga para que Tomé lá pudesse introduzir a mão. Já ao subir o Calvário Jesus não podia suportar o pêso da cruz; como é que 36 horas depois teria podido desembaraçar-se das pesadas faixas (S. Jo. XIX, 39), rodar a pedra e *fugir ràpidamente, com os pés trespassados!!!* É preciso ser-se insensato para acreditar semelhantes suposições. Demais, a morte de Cristo foi *oficialmente verificada* pelo relato do centurião a Pilatos (S. Marc. XV, 45); os soldados também, ao visitarem os crucificados, *não lhe haviam quebrado as pernas* porque o viam morto (S. Jo. XIX, 33). O sangue, a água (ib. 34) que saíram do Coração de Jesus, trespassado pela lança, são prova peremptória da sua morte. Além disso, a mãe de Jesus e os seus amigos não o teriam sepultado e não teriam encerrado o túmulo com uma grande pedra, se não

houvessem verificado a morte. A morte de Cristo é afirmada por todos os *evangelistas*.

O Salvador ressuscitado conservou no corpo *as cinco chagas*; o corpo era resplandecente, subtil [1], ágil e imortal.

Cristo ressuscitado conservava as 5 chagas, porque ordenou a Tomé incrédulo que metesse os dedos nas chagas dos cravos e a mão na chaga do lado (S. Jo. XX, 27). Conservou no corpo as chagas como sinais da *valentia* e da *vitória*, o mais glorioso ornamento de um herói; conservou-as além disso para nos convencer *de que não nos esqueceria no céu*, porque nos tinha inscritos nas mãos com o seu próprio sangue (S. Bern.); para *apresentar contìnuamente a seu Pai* o preço da nossa redenção e renovar assim no céu, de modo permanente, o sacrifício da cruz (Hebr. VIII, 1-6). Jesus conservou a chaga do lado para indicar quanto seus sofrimentos nos facilitaram o acesso ao seu Coração (S. Bern.).

O Salvador ressuscitou para *demonstrar a sua divindade* e a certeza da *nossa própria ressurreição*.

Cristo tornou-se primícia dos que dormem (I Cor. XV, 20), é o nosso modêlo em tudo (Deharbe). Do mesmo modo que Cristo, nosso chefe, ressuscitou, assim ressuscitaremos nós todos (S. Iren.); ressuscitou primeiro o seu próprio corpo, em seguida ressuscitarão também os membros do seu corpo (S. Atan.). A futura ressurreição era a maior consolação de Job na profunda miséria (Job, XIX, 25). — *Liturgia:* em memória da ressurreição de Jesus celebramos a **festa de Páscoa.** No Antigo Testamento celebrava-se a Páscoa em memória do livramento da *escravidão do Egipto*. Os cristãos celebram a Páscoa no primeiro Domingo depois da lua cheia que segue ao equinócio da primavera; é uma decisão do concílio de Niceia (325). Contudo, se a Páscoa coincidisse com a Páscoa judaica, celebrar-se-ia 8 dias mais tarde. Esta festa é, pois, festa móvel e recai entre 22 de março e 25 de abril. — Na Páscoa os pagãos ressuscitavam espiritualmente pelo baptismo; foi por isso que se manteve no sábado de aleluia

(1) Isto é: capaz de atravessar todos os obstáculos.

a bênção das pias baptismais. Os cristãos devem ressuscitar espiritualmente pela *confissão* e *comunhão pascal* (Rom. VI, 4), prescritas pelos 3.º e 4.º mandamentos da Igreja, porque para ressurgir um dia do túmulo é preciso primeiro ressurgir do sepulcro do pecado (S. Ambr.). Os ovos de Páscoa são símbolo da ressurreição; como o pintainho sai da casca, assim o homem saïrá do túmulo. Em certas regiões benze-se na Páscoa *pão* e *carne*, que recordam o cordeiro pascal e os pães ázimos, comidos pelos Israelitas antes da saída do Egipto. Cêrca da Páscoa a natureza parece que ressuscita. — A quaresma recorda-nos a vida mortal, cheia de tribulações e tentações; o tempo pascal representa a felicidade que se seguirá à morte e à ressurreição; empregamos portanto o tempo anterior à Páscoa em jejuns e penitência, e o tempo pascal em cantar *cânticos de alegria* (S. Agost.), o *aleluia* (1).

O Salvador ressuscitado permaneceu *40 dias* na terra e *apareceu* muitas vezes aos apóstolos.

Cristo apareceu sem dúvida a *sua mãe* (S. Ambr.), e depois, entre os Apóstolos, a *S. Pedro* (S. Luc. XXIV, 34); no Domingo de manhã apareceu a *Maria Madalena* em figura de jardineiro (S. Marc. XVI, 9; S. Jo. XX, 15), depois às *santas mulheres*, quando se partiram do sepulcro (S. Mat. XXVIII, 9); no Domingo à tarde apareceu a dois discípulos que iam a caminho de Emaús (S. Luc. XXIV) e imediatamente depois aos discípulos reünidos no **Cenáculo**, diante dos quais comeu peixe com um bolo de mel e lhes concedeu o poder de perdoar os pecados (S. Jo. XX). No domingo seguinte apareceu-lhes no mesmo sítio e censurou a *Tomé* a sua incredulidade (ibid.). Jesus reapareceu a sete dos seus discípulos *nas margens do lago de Genesaré*, deu a Pedro o primado sôbre os outros apóstolos e sôbre todos os fiéis, depois predisse-lhe, e a João, a morte de que morreriam (ib. XXI). O seu aparecimento mais solene foi sôbre *uma montanha da Galileia*, onde se mostrou aos 11 apóstolos e a mais de 500 discípulos, dando-lhes ordem para ensinarem e baptizarem tôdas as nações (S. Mat. XXVII, 16, etc.). Durante estes quarenta dias tratou *muitas vezes* do reino de Deus com os seus

(1) Esta palavra freqüentemente empregada no tempo pascal vem do hebreu «halal»: louvar, e «Jah», abreviatura de Jehovah: Senhor.

discípulos (Act. Apóst. I, 3). — A última aparição foi a da Ascensão. — Cristo *não aparecia* senão em plena luz, e não nas trevas da noite; não num só lugar, mas em muitos; no jardim do Calvário, no cenáculo, no lago de Genesaré, numa montanha da *Galileia*, no monte Olivete. As suas aparições não duravam só um instante, mas eram prolongadas, porque êle conversou longo tempo com os seus apóstolos. Os *apóstolos verificaram cuidadosamente* a sua ressurreição, não deram logo crédito às mulheres que voltavam do sepulcro e lhes contavam a visão do anjo e a conversa que haviam tido com êle (S. Luc. XXIV, 11). Êles criam numa ilusão, quando Cristo lhes apareceu, e êle foi obrigado a deixar tocar nas suas chagas, a deixar-se palpar, a comer diante dêles (ibid.) Tomé não quis até crer nos Apóstolos (S. Jo. XX, 25); por isso a incredulidade de Tomé serve mais para fortificar a nossa fé do que a fé dos outros apóstolos (S. Greg. Mag.). A ressurreição era a verdade de que os apóstolos estavam *mais firmemente convencidos;* é a verdade que êles põem no princípio de suas prègações, no Pentecostes, diante do Sinédrio, no templo depois da cura do cego de nascença.

No 40.° dia depois da ressurreição, Cristo elevou-se do monte das Oliveiras para os céus e está sentado à mão direita de Deus Padre.

Cristo subiu ao céu *cêrca do meio dia;* antes, elevou as mãos, abençoou os apóstolos e ordenou-lhes que prègassem o Evangelho a tôdas as nações, prometendo-lhes que estaria com êles até ao fim dos séculos (S. Mat. XXVIII, 18; S. Luc. XXV, 50). *Dois anjos* apareceram logo depois da Ascensão para consolar os Apóstolos (Act. Ap. I, 9). Os peregrinos veneram ainda o vestígio dos pés de Jesus (S. Jer.). Hoje já se não vê senão o vestígio do *pé esquerdo;* o do pé direito foi destruído a golpes de cinzel pelos Turcos. Segundo a direcção dêstes vestígios, Jesus Cristo no momento da sua ascensão voltou-se para a Europa, como já estava durante a crucifixão. Subiu ao céu no mesmo sítio onde havia começado a sua paixão, para nos mostrar que *o caminho dos sofrimentos é também o do céu;* subiu ao céu não como Deus, mas *como homem,* porque como Deus não o tinha jamais abandonado; subiu ao céu por seu poder próprio, sem auxílio

estranho, não sôbre um carro como Elias (IV Reis, II, 11), nem sustido pelos anjos como o profeta Habacuc (Dan. XIV, 36), mas pelo poder da sua natureza divina levou o seu corpo glorificado para os céus (S. Cip.). Jesus Cristo levou consigo as almas que tinha libertado do limbo (Ef. IV, 8). Desde aquêle momento Jesus Cristo, a-pesar-das suas aparições a vários santos, *nunca mais desceu corporalmente à terra*, excepto durante a elevação na santa missa; é esta a opinião comum de todos os SS. Padres (Scaramelli). — *Liturgia:* No 40.º dia depois da Páscoa, a Igreja celebra a festa da **Ascensão,** que é precedida dos três dias das *Rogações* com suas procissões, em que certos autores vêem uma imitação do caminho percorrido por Jesus Cristo com seus discípulos, de Jerusalém à montanha da Ascensão.

Cristo subiu ao céu para *fazer entrar a sua humanidade na glória* (Ef. IV, 10), para enviar o *Espírito Santo* (S. Jo. XVI, 7), a-fim-de *interceder* por nós junto do Pai (ibid. IV, 16), e para nos *abrir* o caminho do céu (ib. XVI, 2).

Cristo é mediador entre Deus e os homens (I Tim. II, 5) e nosso advogado junto do Pai (I S. Jo. II, 1). «Por isso, diz S. Bernardo, aquêles que não ousam dirigir-se ao Pai, devem dirigir-se ao Filho quê nos foi dado como mediador». Cristo compara-se muitas vezes à luz, é o verdadeiro *sol* dos espíritos; ora, assim como o sol não perde nada da sua fôrça ao subir no horizonte mas chega ao meio dia no máximo do seu poder, a influência de Cristo sôbre os homens aumentou, longe de diminuir, pela sua ascensão (Wenninger).

Cristo está sentado à **direita de Deus,** quere dizer, que emquanto homem possui no céu *o mais alto grau de glória* e *o mais alto poder* sôbre tôdas as criaturas.

Colocamos à nossa direita aquêle a quem de modo especial queremos honrar (III Reis II, 19). As palavras: *Cristo está sentado à direita de Deus* significam, pois, que Cristo (na sua humanidade) tem o *primeiro lugar de honra* junto de Deus; está portanto acima de todos os anjos

(Ef. I, 21). A direita do Pai outra coisa não é senão *a felicidade eterna*; a esquerda é a infelicidade eterna destinada aos condenados (S. Agost.). Não sendo Deus Pai corporal, não tem direita — esta expressão designa, pois, a glória da divindade, da qual a humanidade do Filho tomou posse (S. Jo. Dam.). A expressão: *está sentado*, significa que Jesus Cristo possui a autoridade *real* e *judiciária*. Os reis, com efeito, estão também em seus tronos quando exercem o poder e recebem as homenagens de seus súbditos. Os juízes também pronunciam as suas sentenças sentados. (Assim também o confessor; e Jesus Cristo diz de si mesmo que estará sentado no juízo final). Por isso Jesus Cristo diz no momento da sua ascensão: «Todo o poder me foi dado no céu e na terra» (S. Mat. XXIII, 18). Eis por que tôdas as criaturas o devem adorar (Fil. II, 9-11).

No décimo dia depois da sua Ascensão, Jesus Cristo enviou o *Espírito Santo* aos seus apóstolos.

O Espírito Santo desceu sôbre os apóstolos num domingo às 9 horas da manhã (Act. Ap. II, 55). Os fenómenos que acompanharam a descida do Espírito Santo simbolizam as operações do Espírito Santo; o vento impetuoso significa o robustecimento da vontade; o fogo, a iluminação da inteligência; as línguas, o dom das línguas concedido aos apóstolos e a difusão do Evangelho entre tôdas as nações. O Pentecostes é o *dia da fundação da Igreja*, porque 3:000 fiéis entraram nela nesse dia pelo baptismo. O Pentecostes, em que os apóstolos receberam o dom das línguas, faz contraste com a *tôrre de Babel* em que as línguas foram confundidas. — *Liturgia:* O Pentecostes é celebrado no 50.º dia após a Páscoa (*Pentecostes* vem de uma palavra grega que quere dizer: 50). No Antigo Testamento celebrava-se no 50.º dia depois da saída do Egipto em memória *da promulgação da lei no Sinaí*. (No monte Sinai e no monte Sião um fogo celeste aparece e um rumor violento se faz ouvir; num e noutro, a vontade de Deus manifesta-se, e, de cada vez, no quinquagésimo dia depois da libertação de uma escravidão corporal ou espiritual). Na Igreja primitiva, no sábado antes do Pentecostes ministrava-se solenemente o baptismo em memória dos três mil fiéis baptizados no dia do Pente-

costes; eis por que ainda hoje neste dia se benzem as *pias baptismais*. A vigília de Pentecostes foi em todos os tempos dia de *jejum rigoroso* para nos preparar para a vinda do Espírito Santo. — O domingo que segue ao Pentecostes é o da **S.S. Trindade,** que resume como num só foco as três grandes festas do ano, Natal (em que o *Pai* nos deu seu Filho), Páscoa (em que o Filho ressuscitou) e o Pentecostes (em que o *Espírito Santo* desceu do céu). Rigorosamente falando, a *Trindade* devia ser a festa maior; mas a Igreja renunciou a isso para mostrar que é incapaz de aprofundar bastante êste mistério para o celebrar dignamente. — Na quinta-feira seguinte celebra-se a festa do **Corpo de Deus,** com a sua procissão soleníssima. Esta festa foi instituída por um bispo belga em 1250, a instâncias de uma religiosa que tinha tido revelação a êste respeito. Em 1264 o papa estendeu-a a tôda a Igreja. Celebra-se após o Pentecostes, porque os apóstolos começaram então a distribuir o corpo de Nosso Senhor e porque o S.S. Sacramento deve consolar-nos da partida de Jesus Cristo na sua ascensão.

No *fim do mundo* Jesus Cristo voltará a-fim-de julgar a *todos os homens*.

7. A pessoa do Salvador

Jesus Cristo Nosso Salvador é o *Filho de Deus* feito homem, por conseguinte é *Deus* êle mesmo.

I. A Incarnação do Filho de Deus

Os *próprios pagãos tinham o pressentimento* de que a divindade desceria ao meio dos homens para conversar com êles. A mitologia, por ex. a história de Tântalo, fala de visitas feitas aos homens pelos deuses. Ora **Deus desceu verdadeiramente à terra** (S. Jo. III, 10) quando foi anunciado o nascimento de Jesus Cristo.

1. A segunda pessoa divina revestiu a humanidade no seio da *Virgem Maria,* por obra

e graça do Espírito Santo no momento da Anunciação.

O Filho de Deus aceitou então uma alma e um corpo humano como uma espécie de **vestido** para se manifestar na terra. Na sua incarnação aconteceu a Deus como ao *sol:* os nossos olhos não o podem fixar sem se deslumbrarem, senão quando está *coberto de nuvens;* assim Deus se envolveu na nuvem da carne para se mostrar aos nossos fracos olhos corporais (L. de Granada). O *pensamento* humano reveste-se da palavra para se comunicar ao exterior; assim Deus se revestiu da natureza humana (corpo e alma) para se tornar visível aos homens; o *Verbo* (a palavra, isto é: o Filho de Deus) *se fêz carne* (homem) *e habitou entre nós* (viveu 33 anos entre os homens). (S. Jo. I, 14). — A Incarnação fêz-se no momento em que Maria disse ao arcanjo: «**faça-se em mim segundo a vossa palavra**» (S. Luc. I, 38). Esta palavra de Maria atraíu o Verbo divino (S. Bernardo) e a segunda Pessoa da S.S. Trindade desceu ao seio puríssimo da Virgem Maria como o sol se reflecte sôbre a superfície de um mar sereno. É heresia crer que a humanidade de Cristo foi formada primeiro e que depois se uniu a ela o Filho, ou crer que Cristo trouxe o seu corpo do céu (heresia dos Valentinianos). Cristo tomou o seu corpo **da Virgem Maria,** foi formado de uma mulher, diz S. Paulo (Gal. IV, 4) e é da raça de David segundo a carne (Rom. I, 3). Por sem dúvida, o Filho do Homem desceu do céu (S. Jo. III, 13), mas quanto à sua pessoa, e não quanto à sua humanidade. — Também é preciso não crer que a essência divina, comum às três pessoas, desceu do céu para se unir à humanidade, à natureza humana, isto é, ao corpo e à alma; neste caso teriam incarnado *as três pessoas;* mas isto teria sido impossível pelo facto de que esta incarnação teria produzido uma mudança na divindade, suposição que é absurda, atenta a imutabilidade de Deus. **Uma só pessoa da S.S. Trindade,** *o Filho,* se revestiu da humanidade. Deus (uma pessoa divina), mas não a sua divindade (a natureza divina), fêz-se homem. Contudo a natureza divina está intimamente unida à natureza humana pela pessoa do Filho. — Não obstante, é certo que as três pessoas divinas cooperaram na incarnação; com efeito todos os actos exteriores de Deus são rea-

lizados pela natureza divina, que é comum às três pessoas divinas. (Ver o capítulo da S.S. Trindade).

A Incarnação é pròpriamente obra das *três* pessoas divinas.

Tôdas as obras de Deus, e portanto a Incarnação também, são comuns às três pessoas. Tôdas três *criaram*, portanto, um corpo e uma alma de homem e os uniram à segunda pessoa. As três pessoas divinas revestiram uma de entre elas da humanidade como *três irmãos* que se ajudassem a cobrir um dêles com um vestido. «Numa lira só a corda faz ouvir o som agradável, diz S. Agostinho, e contudo há três que cooperam na produção dêste som: a mão, a corda e a habilidade do artista; assim só a segunda pessoa se fêz carne e se tornou visível, e contudo tôdas as três pessoas cooperam nisso». O corpo e a alma ajudam o homem a *nutrir-se* e contudo os alimentos não se unem senão ao corpo; assim também as três pessoas operaram de acôrdo na Incarnação, ainda que a natureza humana só se tenha unido à segunda pessoa (S. Fulg.). Contudo a Incarnação é **atribuída ao Espírito Santo,** porque ela é *a maior obra do amor de Deus,* cujas manifestações são sempre atribuídas ao Espírito Santo, isto é, ao amor do Pai e do Filho (Cat. Rom.). — Os doutores da Igreja pensam que o *Pai e o Espírito Santo teriam podido incarnar;* mas era conveniente que se tornasse *Filho do Homem* aquêle que desde tôda a eternidade é Filho de Deus; que aquêle que *é imagem soberanamente perfeita de Deus* restabelecesse no homem a *imagem sobrenatural* de Deus destruída pelo pecado.

2. O *Pai* de Jesus é portanto *Deus,* o Pai que está nos céus; José, espôso de Maria, não é mais do que seu pai nutrício.

Cristo é, portanto, o *Filho de Deus,* não só porque é a segunda pessoa da S.S. Trindade, mas também porque Deus criou igualmente a sua humanidade (S. Greg. Mag.). — Na primeira profecia relativa ao Salvador, no Proto-evangelho, Cristo é chamado **descendente da mulher,** e *não descendente do homem* (Gén. III, 15). Cristo a si mesmo se chama *Filho do Homem,* isto é, filho de

uma só pessoa humana (S. Mat. XXVI, 64). Na genealogia de Cristo, S. Mateus só menciona os antepassados de Maria, e não os de José (S. Mat. I, 16), e contudo Jesus era tido por muitos como filho de José (S. Luc. III, 23). José era espôso de Maria ùnicamente para salvaguardar a honra de Jesus e de Maria diante dos homens e para vigiar pela sua segurança e sustento. Demais Deus queria ainda ocultar aos homens o mistério da Incarnação, porque estes se escandalizariam. — *José* era *artista* (carpinteiro) (S. Mat. XIII, 55); era *justo*, isto é: levava uma vida santa (S. Mat. I, 19): era, diz S. Jerónimo, perfeito em tôda a espécie de virtudes. A sua santidade era tão grande, porque êle estava muito próximo da nascente de tôda a santidade, como a água mana mais clara à medida que nos acercamos da nascente (S. T. de Aq.); distinguíu-se sobretudo pela *castidade*, que igualou a pureza dos anjos e superou a de todos os santos (S. Fr. de Sales); é por isso que o representam com um lírio na mão. S. José foi *cumulado de graças;* Deus concedeu-lhe uma honra que haviam ambicionado em vão reis e profetas; foi-lhe concedido trazer Jesus em seus braços, beijá-lo, falar-lhe, vesti-lo, alimentá-lo, protegê-lo (S. Bern.; Pio IX). José foi chamado *Pai* por aquêle cujo Pai é Deus (S. Bas.). Muitos santos pensam que êle tem *um lugar supereminente no céu*, como espôso da raínha dos céus, que no fim do mundo será muito invocado e dará então provas da eficácia da sua intercessão. (José no Egipto levou tempo a fazer-se reconhecer por seus irmãos). S. José é *o protector da Igreja* (Pio IX, 8 dez. 1870), isto é: a Igreja está especialmente sob a protecção dêle junto de Deus; é também *o protector da boa morte*, porque pede particularmente esta graça para aquêles que o invocam: com efeito, êle teve uma morte feliz, porque Jesus e Maria lhe assistiram. S. José é também invocado com êxito *nas necessidades temporais*, porque granjeou o sustento ao Salvador. S. Tomás diz que êste Santo obteve de Deus a graça de nos socorrer *em tôda a espécie de necessidade* e Santa Teresa († 1582) declara que tôdas as suas orações a êste santo, numa necessidade da alma ou do corpo, foram sempre deferidas. S. Afonso invoca-o todos os dias e os *missionários* dirigem-se-lhe com justificada confiança. A Igreja coloca-o no seu culto imediatamente depois da S.S. Virgem, e portanto antes de todos os outros Santos (Congr. dos Rit., 8 dez. 1870).

3. A Incarnação do Filho de Deus é um mistério, porque nunca a poderemos compreender, mas sòmente a poderemos admirar e adorar.

O profeta Isaías (LIII, 8) tinha já declarado que a vinda do Salvador era inenarrável. A conceição e a incarnação de Jesus são mais misteriosas que *o florescimento da vara sêca de Aarão*, que produziu fôlhas, flores e frutos (amêndoas) (S. Agost.). «Fecha os olhos, razão, porque não podes com o brilho dêste mistério senão sob o véu da fé, como os olhos do corpo não podem com a luz do sol sem o véu da nuvem» (S. Bern.). «Sei, diz S. Jo. Cris., que o Filho de Deus se fêz homem, mas ignoro como êle se fêz homem». Eis algumas *comparações* acêrca da Incarnação: «A divindade e a humanidade uniram-se em Cristo como *a alma e o corpo no homem* (Símb. At.); se a matéria e o espírito, que diferem radicalmente, se podem reünir no homem, com mais razão a divindade e a humanidade o podem fazer, porque elas têm alguma semelhança. O *verbo humano* tem também a sua incarnação; a palavra é primeiro pensada, portanto, é uma coisa como que inteiramente espiritual; mas quando se quere comunicar incorpora-se na voz, torna-se palavra sensível e é ouvida por muitos. A-pesar disto, o meu pensamento não deixou de me pertencer; assim o Verbo de Deus se tornou visível a muitos homens sem deixar de estar junto do Pai» (S. Agost.) As *comparações* seguintes são figuras da *conceição de Jesus Cristo:* Deus formou o corpo de Cristo do sangue de Maria como tirou Eva de Adão, formado de terra (S. Isid.). A Incarnação assemelha-se à produção dos primeiros frutos na criação; as primeiras plantas produziram os primeiros grãos pela omnipotência de Deus sem cooperação alguma do homem.

Devemos adorar o mistério da Incarnação *quando toca às Trindades.*

O nascer e o pôr do sol recordam-nos vivamente a Incarnação e a morte de Cristo, *luz do mundo;* é por isso que naqueles momentos toca o sino (Trindades). As palavras de que se compõe a oração que então se recita

(*Angelus*, etc.) recordam-nos o colóquio de Maria com o Anjo. — Em cada missa em que se diz o Credo, o sacerdote ajoelha às palavras: *Et incarnatus est;* assim também no evangelho do fim, às palavras: *Et verbum caro factum est.* Esta genuflexão é um acto de adoração do mistério da Incarnação. Na missa solene de *Natal* e da *Anunciação* (25 de março), todo o côro ajoelha na citada passagem do Credo e inclina a cabeça. — Os mesmos anjos adoram êste mistério. «Os homens, diz S. Efrém dirigindo-se a Cristo, confessam a tua divindade, os anjos adoram a tua humanidade. Estes maravilham-se da tua humilhação; aquêles, da tua grandeza».

4. A Incarnação do Filho de Deus *era necessária* para *expiar perfeitamente* a ofensa feita à majestade de Deus.

Deus, sem dúvida alguma, teria podido salvar os homens sem a Incarnação; podia, para glorificar a sua *bondade*, contentar-se com uma satisfação insuficiente, ou mesmo perdoar a falta sem satisfação alguma. Já S. Agostinho escrevia: «*Insensatos* há que consideram a sabedoria divina incapaz de salvar os homens sem ser pela incarnação, pelo nascimento do Filho no seio de uma mulher, pela sua dolorosa paixão. Deus podia operar doutro modo». Mas, como nós o vemos pela morte do Salvador, Deus exigiu uma satisfação **perfeita;** aprouve-lhe glorificar a sua justiça e não a sua bondade. Ora **só um Homem-Deus** podia apresentar esta reparação perfeita. A grandeza da ofensa mede-se sempre pela grandeza da pessoa, e por isso uma ofensa a *Deus é infinita*, e por conseguinte nenhuma *criatura*, nem mesmo o mais perfeito dos anjos, poderia repará-la completamente. É necessária a intervenção de um ser infinito, isto é, do próprio Deus. A salvação do homem carecia portanto da Incarnação (S. Anselmo): só um Deus não podia sofrer, só um homem não podia remir: eis por que Deus se uniu ao homem (S. Proclo). Quando um *retrato* que se tornou irreconhecível precisa restaurado, o original é obrigado a prestar-se de novo ao desenho; é assim que Deus teve que descer do céu para restaurar o homem, feito à sua imagem (S. Atan.).

Para satisfazer *perfeitamente* à majestade divi-

na ofendida, o Homem-Deus apareceu sôbre a terra num *estado de humilhação.*

Se tivesse aparecido em todo o esplendor da sua majestade, o rei da glória não teria sido crucificado (I Cor. II, 8). Cristo imitou de certo modo o rei ateniense *Codro.* O oráculo de Delfos havia declarado que os atenienses saïriam vitoriosos se o seu rei fôsse morto pelos inimigos. Codro revestiu os trajes de escravo e foi ao campo dos inimigos onde o mataram. Estes, tendo sabido que haviam cumprido as condições postas pelo oráculo, assustaram-se e fugiram. Também os profetas haviam predito que o género humano seria salvo pela morte do rei da glória; êste tomou a forma dos escravos, apareceu assim no mundo, não foi reconhecido e deram-lhe a morte. Quando os maus espíritos viram quem haviam matado, puseram-se em fuga (Deharbe). Se um rei quisesse demonstrar a sua perícia no combate e descer à liça, tiraria de cima de si tôdas as insígnias da sua dignidade, aliás ninguém ousaria aceitar o desafio; só no fim se descobriria. Foi assim que procedeu o Filho de Deus (Luís de Gran.); mas êle voltará *de novo* com grande poder e grande *majestade* (S. Mat. XXVI, 64). É impossível afirmar absolutamente que o Filho de Deus se teria feito homem, *ainda que os homens não tivessem pecado;* sabemos apenas que a Incarnação se realizou depois do pecado para salvar a humanidade. Todavia, Deus, sendo Omnipotente, teria podido também incarnar, sem o pecado; esta incarnação teria produzido *a união mais íntima* dos homens com Deus (S. T. de Aq.).

5. O Filho ficou sendo *sempre Deus,* a-pesar-da Incarnação; com ela *nada perdeu da sua majestade.*

Dizemos que o Filho de Deus desceu à terra, mas **isto não significa que deixou o céu.** Uma *estrêla,* ao tornar-se visível, ao começar a existir para a nossa vista, fica no firmamento; assim o Verbo não deixou a glória do céu, quando se fêz homem (Deharbe). O brilho do sol não é destruído pelas nuvens, mas apenas encoberto; assim a divindade de Cristo não é aniqüilada pela sua humanidade, mas apenas ocultada (S. Ambr.). Quando a palavra *(verbo)* do nosso espírito, o *pensamento,* se traduz exteriormente pela linguagem, não deixa de ser o pensamento da nossa inteligência; assim o Verbo de Deus, ao tornar-se

visível, não deixou de estar junto do Pai (S. Agost.). O verbo, a palavra que dirigimos a alguém não é apenas atingida por essa pessoa, mas por todos os que a ouvem; assim o Verbo divino, unindo-se à humanidade, não foi de tal modo confinado nela de forma que deixasse de encher com a sua presença o céu e a terra (Deharbe). Cristo fêz-se homem de modo que não deixou de ser Deus (S. Agost.).—Deus, pela Incarnação, **nada perdeu na sua majestade.** Os raios do sol podem secar um monturo sem se mancharem; assim se pôde aliar ao casto corpo de Maria sem dêle receber mancha; a divindade tudo purifica, sem que nada a macule (S. Odilon). Se um *príncipe* vestisse um fato *de escravo* para apanhar um anel precioso caído na lama e o colocar no dedo, nada perderia da sua honra; assim o Filho de Deus não se desonrou tomando a forma de escravo a-fim-de descer até entre os homens, salvar-lhes as almas e torná-las propriedade sua (Tert.). Um *vestido* poderia ser demasiado ordinário para um monarca se não fôsse bordado a ouro, com pérolas e pedras preciosas; assim a natureza humana manchada pelo pecado teria sido indigna do Filho de Deus, mas não assim a do corpo imaculado da Virgem. — Quando S. Paulo diz que Jesus Cristo se *aniqüilou* e tomou a forma de um escravo (Fil. II, 7), não quere com isso dizer que Deus perdeu uma perfeição da sua divindade, mas sim que se *humilhou* tomando a natureza humana e que dêste modo nos deu *um exemplo de humildade*. «Êle mesmo se *humilhou*». (Ibid. 8).

6. Pela Incarnação do Filho de Deus, todo o género humano foi elevado a uma alta dignidade.

O sol ilumina com seus raios todos os planetas, que se movem em volta dêle; assim Cristo esparge o seu esplendor divino sôbre todos os homens no meio dos quais conviveu 33 anos. A natureza humana adoptada pelo Filho de Deus é como o *fermento* que penetra tôda a massa (S. Mat. XIII, 33); Cristo é o tronco, nós somos os ramos (S. Jo. X, 1). — Nós somos, em certo sentido, *superiores aos anjos;* embora êles não estejam sujeitos nem às doenças, nem à morte, não têm contudo a Deus por irmão: se portanto êles fôssem capazes de invejar, teriam inveja de nós. «O senhor supremo tomou a forma de escravo, para que o escravo se tornasse livre e *senhor* de si mesmo» (S. Ambr.). O Filho de Deus tornou-se filho do Homem a-fim-

-de que os filhos do homem se tornassem *filhos de Deus* (S. Atan.). Oh! como é preciosa a redenção, por isso que o homem parece valer tanto como Deus! (S. Hil.). — Nunca manchemos, pois, a nossa dignidade divina com o pecado; não envergonhemos a Jesus Cristo; não façamos nunca o que não é bom senão para o demónio!

Que verdades se hão-de tirar do mistério da Incarnação?

I. Cristo é ao mesmo tempo verdadeiro *Deus* e verdadeiro *homem;* por isso lhe chamamos **Homem-Deus.**

Cada ser possui a *natureza* daquele de que tira a sua *origem;* pela sua origem humana, a criança recebe a natureza humana. Cristo tem uma dupla origem: pela sua origem de Deus Pai, possui a **natureza divina:** pela sua origem de Maria, adquiriu a **natureza humana.** Cristo viveu sempre de modo que nos mostrou que é Deus e homem (S. Agost.). Umas vezes atribuía a si a divindade e outras a humanidade. O Pai, dizia êle, é maior do que eu (S. Jo. XIV, 28), depois: O Pai e eu somos um (ibid. X, 30). Como Deus, êle chama a Maria: Mulher (nas bodas de Caná e na cruz); como homem, chama-lhe: Mãe. Êle mesmo chamou a si Filho de Deus e Filho do Homem.

Cristo, emquanto homem, é, pois, semelhante a nós em tudo, *excepto no pecado.* (Conc. de Calcedónia).

Cristo, diz S. Paulo, tornou-se em tudo semelhante a seus irmãos (Heb. II, 17), tornou-se semelhante aos homens e foi reconhecido homem por tudo o que dêle apareceu exteriormente (Fil. II, 7). Cristo tinha um **corpo humano** como nós: tinha as nossas necessidades materiais, sentia a fome e a sêde, comia, bebia e dormia; sentia a alegria, chorava, sofria e morreu. Tinha, portanto, um *corpo real,* e não apenas uma aparência de corpo, como pretendia a heresia dos Docetas (1). — Cristo tinha uma **alma humana,** portanto uma inteligência humana, porque êle diz que ignora a época do juízo final (S. Marc. XIII,

(1) De uma palavra grega que significa «aparecer».

32), e uma vontade humana, porque êle pede em oração: «Pai, seja feita a vossa vontade e não a minha» (ib. XXII, 42). À hora da morte, Cristo depôs a alma nas mãos de seu Pai (ib. XXIII, 46). É, portanto, heresia crer que Jesus Cristo só teve uma alma sensível, mas não uma alma racional, como pretendia Apolinário, que antes tinha bem merecido da fé pelos seus escritos contra os Arianos. — S. Paulo chama a Cristo homem *celeste*, por contraste com Adão, o homem terrestre que havia sido formado do lôdo da terra (I Cor. XV, 47), porque o corpo de Cristo tinha sido formado *miraculosamente* pelo Espírito Santo do corpo da SS. Virgem, e porque já sôbre a terra tinha revelado *as perfeições celestes de um corpo glorificado*. (Transfiguração, marcha sôbre as águas).

2. Em Cristo há, pois, *duas naturezas*, a natureza divina e a natureza humana; a-pesar-da sua união íntima, uma subsiste ao lado da outra sem se confundir com ela.

Natureza é o conjunto das faculdades inerentes a um ser; **pessoa** é aquêle que põe em acção estas faculdades. O que é *comum* a todos os homens, é a natureza; aquilo por que o homem é um indivíduo, um ser subsistente em si mesmo, é a *pessoa*. A natureza é comunicável a muitos indivíduos; mas a pessoa não. — Como uma *barra de ferro* e uma barra de ouro em fusão se unem sem se confundirem, assim as duas naturezas em Cristo. — A natureza humana *não foi, pois, mudada* em natureza divina, como a água foi transmudada em vinho em Caná; porque um ser finito e mudável não pode ser transformado num ser imutável e infinito. — A natureza humana não foi também absorvida pela natureza divina, como uma gota de mel é absorvida pelo Oceano, ou um grão de cera pelo fogo. (Heresia de Eutíquio, condenada pelo concílio de Calcedónia, 451). — A união das duas naturezas não produziu tampouco uma *terceira* natureza, como por ex. o oxigénio e o hidrogénio formam a água, porque Deus é absolutamente imutável.

Cristo tem, portanto, **uma dupla sciência**, sciência humana e sciência divina.

Emquanto Deus, conhece tudo, até os pensamentos do homem, contudo afirma que não sabe nem a hora, nem o dia do juízo final (S. Marc. XIII, 32).

Cristo tem também **uma dupla vontade,** vontade divina e vontade humana, ainda que esta esteja completamente sujeita à vontade divina. (III Conc. de Constantinopla, 680).

A existência de uma *vontade humana* em Cristo é demonstrada pela oração no jardim das Oliveiras: «Pai, que a vossa vontade se faça e não a minha» (S. Luc. XXII, 42). A *submissão* da vontade humana à divina ressalta destas palavras: «Eu não procuro a minha vontade, mas a daquele que me enviou» (S. Jo. V, 30). Pode comparar-se esta vontade de Cristo agonizante com a vontade de um doente que deve ser operado. A sua vontade rebela-se contra a operação por causa dos sofrimentos que deve passar, e contudo submete-se à vontade do médico.

3. Em Jesus Cristo não há *senão uma pessoa,* a pessoa divina.

Dois olhos formam uma só vista, duas orelhas um só ouvido; é assim que as duas naturezas se encontram numa só pessoa (Arnóbio). A *alma racional e o corpo* não formam senão um homem: assim Deus e o homem não formam senão um Cristo (Símb. de S. Atan.). No homem o corpo *não subsiste senão pela alma* e cai em pó sem ela; assim em Cristo **a natureza humana não subsiste senão pela pessoa divina.** — Ainda que a *natureza humana de Cristo* não subsiste numa pessoa humana, mas divina, *não é* por êste motivo *imperfeita;* ao contrário, tornou-se muito mais perfeita. O corpo, pela união com a alma, torna-se mais perfeito que o corpo dos animais; assim a natureza humana se torna, pela união com o Verbo divino, **mais perfeita** que em todos os outros homens. Por isso o corpo de Cristo tinha qualidades sobrenaturais (por ex. na transfiguração). — No homem o corpo é o *instrumento* com que a alma opera, assim *a natureza humana é* o instrumento de que se serve a pessoa divina. Contudo a humanidade *não é um instrumento inanimado,* como por ex. a pena do escritor, mas é *viva* e tem a sua actividade

distinta, como o fogo que aquece e alumia. (Há portanto uma sciência e uma vontade humanas, distintas da sciência e da vontade divinas). A natureza humana de Cristo não é também instrumento da pessoa divina como *os profetas, os apóstolos*, etc. o foram entre as mãos de Deus; *êles não foram intimamente unidos* a Deus como a humanidade de Cristo. O ôlho, a mão, são instrumentos que nos estão unidos intimamente, mas não a pena, uma espada, etc. O mesmo se dá no emprêgo dos profetas e dos apóstolos como instrumentos de Deus; estes não foram tão intimamente unidos a Deus como Cristo. — Não há, portanto, nêle *uma pessoa divina* ao lado de uma *pessoa humana*, um Cristo Deus ao lado de um Cristo homem, de sorte que a divindade residiria num homem determinado *como num templo*, assim como habita na alma dos justos (Heresia de Nestório, patriarca de Constantinopla, condenada no concílio de Éfeso: 431).

Estando a natureza divina e a natureza humana *indissolùvelmente unidas* na pessoa divina, segue-se:

1. Que Cristo, *mesmo como homem, é o Filho de Deus.*

«Deus, (diz por conseguinte S. Paulo), não poupou o seu próprio Filho, mas o entregou por nós» (Rom. VIII, 32).

2. Que Maria, mãe de Cristo, é verdadeiramente *mãe de Deus.*

Maria deu à luz Aquêle que é Deus; ela é portanto mãe de Deus. Isabel já lhe chamou mãe do Senhor (S. Luc. I, 43). A heresia de Nestório, que pretendia poder chamar-se a Maria só mãe de Cristo, foi condenada no concílio de Éfeso, em 431. «Se Nosso Senhor Jesus Cristo é Deus, diz S. Cirilo, como é que a Santa Virgem, que o deu à luz, não seria mãe de Deus?» Ainda que a alma da criança não seja recebida de sua mãe, esta nem por isso deixa de ser chamada mãe da criança; assim Maria é chamada mãe de Deus, ainda que ela não deu a Cristo a divindade.

3. Que Cristo, emquanto homem, não podia *nem pecar, nem enganar-se.*

Cristo não pecou nem por acções, nem por palavras (S. Pedro II, 22). A luz não tolera obscuridade alguma em volta de si; assim o Filho de Deus não tolera pecado algum na sua natureza humana (S. Greg. Mag.). — Cristo possuíu, pois, desde o seu nascimento, *uma perfeita sabedoria e santidade* (Col. II, 3) e *não pode fazer nelas progresso.* As palavras de S. Lucas: «Jesus crescia em idade e em graça» (II, 52) significam que com o avançar na idade a sua sabedoria e a graça de Deus se manifestavam cada vez mais nas palavras e nas acções. «Jesus Cristo, sol de justiça, faz como o sol, que desde a aurora até ao meio dia espalha cada vez mais claridade» (Deharbe). — A *estatura corporal de Cristo* e o seu porte devem ter sido majestosos (Ps. XLIV, 3). A glória e a majestade divina reflectiam-se-lhe no rosto e davam-lhe uma beleza que atraía e subjugava todos aquêles que tinham a felicidade de o ver (S. Jer.).

4. As acções humanas de Cristo têm *infinito valor.*

As acções de um *rei* são acções humanas, porque êle é homem; mas são também acções reais, porque é rei. Assim as acções humanas de Cristo eram verdadeiramente humanas, por causa da realidade da sua humanidade; mas eram também divinas, porque êle era verdadeiro Deus. «Um *ferro em brasa* queima, não porque êle tenha esta propriedade de seu natural, mas porque esteve em contacto com o fogo; assim a carne de Cristo opera divinamente, não por ela mesma, mas por estar unida à divindade» (S. Jo. Dam.). A *mais pequenina* oração, o *mais pequeno* sofrimento de Jesus teriam bastado para salvar o mundo.

5. A humanidade de Cristo deve ser *adorada.*

Esta adoração refere-se não à natureza humana, mas à pessoa; a criança que beija a mão de seu pai não venera a mão, mas o mesmo pai (Deharbe). Aquêle que honra o rei, diz S. T. de Aq., venera-o com a púrpura que traz; assim adora-se em Cristo a humanidade com a di-

vindade que é inseparável dela. Pode-se tocar na madeira, mas não quando ela arde; assim a carne em si não pode ser adorada, mas sim a carne à qual Deus se uniu. O que se adora é Deus feito carne (S. Jo. Dam.). — A Igreja adora, pois, as 5 Chagas de Jesus Cristo, o Sagrado Coração de Jesus (como sede do seu amor) e o Precioso Sangue de Cristo.

6. Podemos, portanto, atribuir a *Cristo Deus qualidades humanas; a Cristo-Homem qualidades divinas.*

A Teologia chama a êste mistério *comunicação dos idiomas;* idioma em grego significa propriedade. S. Pedro podia, pois, dizer depois da cura do paralítico: «Vós crucificastes o autor da vida» (Act. Ap. III, 15). S. Paulo, por seu lado, escreveu: «Se êles o tivessem conhecido, não teriam crucificado o Rei da glória» (I Cor. II, 8), e S. João acrescenta: «Foi por isso que reconhecemos o amor de Deus: porque êle deu a vida por nós» (I Ep. II, 15). Sendo *a segunda pessoa divina* ao mesmo tempo Deus e homem, tudo o que se diz desta pessoa divina pode também dizer-se de Cristo enquanto homem, por ex.: Êste homem sabe tudo, é omnipotente. O que se pode atribuir a Cristo enquanto homem, pode-se atribuir também à segunda pessoa da S.S. Trindade, por ex., que Deus sofreu, e morreu por nós. Quando um homem tem duas qualidades, a riqueza e a misericórdia, pode-se dizer dêle: êste *rico é caridoso* e êste *misericordioso é rico.* Estas qualidades referem-se à sua pessoa, que é rica e caridosa. Pode-se fazer a mesma coisa quanto a Cristo, relativamente à sua *pessoa divina,* que é Deus e homem, que tem qualidades, propriedades divinas e humanas; pode-se pois dizer: êste moribundo é omnipotente, etc. — Mas *não se poderia dizer:* a *divindade* sofreu, morreu, porque esta palavra designa a natureza divina, que não sofreu. «Ainda que a divindade residia naquele que sofreu, não foi ela que sofreu. O sol não é atingido quando uma árvore que êle ilumina é derrubada; também a divindade não foi atingida pelos sofrimentos da humanidade» (S. Jo. Dam.).

II. Jesus Cristo é o Filho de Deus

Jesus Cristo é habitualmente chamado **Filho único do Pai,** e êle mesmo deu a si êste nome (S. Jo. III, 10).

Usa êste nome, primeiro porque êle é *a segunda pessoa da S.S. Trindade*, que é *única;* depois porque se distingue de todos os anjos e de todos os santos que também são chamados filhos de Deus. Deus com efeito *não se uniu substancialmente a êles* (Fil. II, 6), apenas os fêz seus filhos de adopção (Gál. IV, 5). Cristo como Filho único de Deus não queria ficar só, queria ter coherdeiros, sabendo que a sua herança não seria diminuída pelo aumento do número dos participantes (S. Ambr.).

1. Jesus Cristo *afirmou por juramento*, diante do sumo sacerdote, que era Filho de Deus (S. Mat. XXVI, 64); também deu a si êste título no colóquio com o cego de nascença (S. Jo. IX, 27).

2. Deus *Pai* chamou a Jesus seu Filho, por ocasião do *baptismo* no Jordão e da sua *transfiguração* no Tabor (S. Mat. III, 17; XVII, 5).

3. Ao anunciar a Maria o nascimento de Jesus (S. Luc. I, 32), o arcanjo Gabriel chamou-lhe logo Filho do Altíssimo.

4. *Pedro* também lhe chamou *Filho de Deus vivo* e foi por isso felicitado por Jesus Cristo (S. Mat. XVI, 16).

5. Até os *demónios*, no momento de serem expulsos dos possessos, exclamavam: «Jesus, Filho de Deus, que queres de nós? Vieste tu para nos castigar antes do tempo?» (S. Mat. VIII, 29).

II. Jesus Cristo é o mesmo Deus

Os profetas já tinham escrito: «O mesmo Deus virá e nos salvará» (Is. XXXV, 4). O mesmo profeta diz: que o menino destinado à salvação do mundo seria o próprio Deus (ib. IX, 6). — O herético *Ario* negava a divindade de Cristo; foi condenado no Concílio de Niceia (325),

que declarou que Cristo é *consubstancial ao Pai* e por conseguinte Deus. Ario morreu repentinamente durante uma festa pública e o seu corpo rebentou como o de Judas (336). A nossa fé na divindade de Jesus deve ser muito firme e muito viva, porque tôda a religião repousa neste dogma. Quando o *jovem rico* disse a Jesus: Meu bom mestre! êste respondeu-lhe: «Porque me chamas tu bom? Só Deus é bom» (S. Luc. XVIII, 19). Com isto queria Jesus fazer compreender que *antes de tudo êle devia confessar a sua divindade*, que sem isso tudo o mais não tinha valor algum.

1. A divindade de Jesus Cristo ressalta das suas próprias palavras e do ensino dos seus apóstolos.

No momento da sua Ascensão, disse: «*Todo o poder me foi concedido no céu e na terra*» (S. Mat. XXVIII, 18); como na festa da Dedicação tinha dito: «O pai e eu somos um» (S. Jo. X, 30), o que os judeus consideraram como uma blasfémia pela qual o quiseram apedrejar (ibid. 33). Além disso, Cristo atribui a si *perfeições* e *obras* que só são próprias de Deus: 1.º a *eternidade*, dizendo de si mesmo: «Pai, glorificai-me com aquela glória que eu tive em vós, antes de existir o mundo» (S. Jo. XVII, 5) ou: «Eu existo antes de existir Abraão» (ibid. VIII, 58); 2.º o *poder de perdoar os pecados*: êle perdoa os pecados à Madalena (S. Luc. VII, 48) e ao paralítico (S. Mat. IX, 2); 3.º chama a si mesmo *ressurreição* (S. Jo. V, 29), *Juiz do Universo* (S. Mat. XXV, 31): *autor de tôda a vida* (S. Jo. XI, 25), quando diz: «Se alguém guarda a minha palavra, não morrerá nunca (ibid. VIII, 51). — Os *Apóstolos* creram firmemente e confessaram altamente a divindade de Jesus: S. Tomé, vendo-o ressuscitado, exclamou: «*Meu senhor e meu Deus!*» (ibid. XX, 28). E S. Agostinho diz de S. Tomé: «Êle via a humanidade e confessou a divindade». «Tôda a plenitude da divindade, escrevia S. Paulo aos Colossenses (II, 9), habita nêle corporalmente»; «por êle tudo foi criado, êle existe antes de tôdas as coisas e tudo subsiste nêle» (ibid. I, 16).

2. A divindade de Jesus Cristo é provada pelos seus *milagres* e pelas suas *profecias*.

O grande número de **milagres,** tão variados, que Jesus Cristo fêz em *seu nome próprio* provam a sua omnipotência.

Estes milagres podem dividir-se em 5 classes: 1.º milagres na **natureza inanimada** (mudança de água em vinho, a multiplicação dos pães, o serenar da tempestade, o caminhar sôbre as águas, etc.); 2.º as **curas dos doentes** (de cegos, de mudos, de leprosos, de paralíticos); 3.º as **ressurreições de mortos** (a filha de Jairo em sua casa, a do filho da viúva de Naim às portas da cidade, a de Lázaro no sepulcro); 4.º a **expulsão de demónios** do corpo dos possessos, muito numerosos naquele tempo; 5.º milagres **no seu próprio corpo** (a ressurreição, a ascensão). Cristo provou, portanto, que tinha o poder de governar *a tôda a natureza*, num grau que nenhum enviado de Deus antes dêle tivera. — Os enviados de Deus operam milagres em nome dÊle (por ex. Pedro e João junto da porta do templo em nome de Cristo); mas Cristo operou *em seu próprio nome*. Êle não diz: «Em nome de Deus, levanta-te», ou outras fórmulas semelhantes, mas simplesmente: «Mancebo, eu te digo, levanta-te» (S. Luc. VII, 14); «Eu o quero, sê curado»; (S. Mat. VIII, 3); «Silêncio! Cala-te» (S. Marc. IV, 39). Quando Jesus ora primeiro a seu Pai, fá-lo ùnicamente para afastar de si a suspeita de que êle é instrumento do príncipe dos demónios (Bento XIV). — Os milagres atribuídos aos fundadores de religiões falsas são simplesmente ridículos: Buda deve ter andado a cavalo num raio de sol; pretende-se que a lua desceu diante de Maomet e que lhe passou pela manga; diz-se que Apolónio de Tiane acarretou tempestades em tonéis, criou árvores a dançar, etc. Que contraste com a majestade serena de Cristo!

As **profecias** de Cristo acêrca do seu destino, da traição de Judas, da negação de Pedro, da morte de João e de Pedro, da destruïção de Jerusalém, dos destinos do povo hebreu e da Igreja, são uma prova da sua *omnipotência*.

Cristo profetizou que morreria em Jerusalém (S. Luc. XIII, 32), que seria flagelado e crucificado, mas que ressuscitaria ao 3.º dia (S. Mat. XX, 17); na última ceia

anunciou que Judas o atraiçoaria (S. Jo. III, 26), que Pedro o renegaria antes que o galo cantasse 3 vezes (S. Mat. XXVI, 34). Depois da sua ressurreição predisse a Pedro que seria crucificado, a *João* que morreria de morte natural (S. Jo. XXI, 18). Depois da sua entrada solene em Jerusalém (S. Luc. XIX, 41) e num discurso no monte Olivete acêrca do juízo final, anunciou que depois de uma geração Jerusalém seria sitiada, cingida de trincheiras e completamente destruída; que êste cêrco seria acompanhado de horrores como nunca tinha havido nem haverá jamais. Cristo sabia também que os Judeus seriam dispersados por tôda a terra (S. Luc. XXI, 24), que a sua Igreja se espalharia ràpidamente entre todos os povos (S. Jo. X, 16; S. Mat. XIII, 31), a-pesar-das violentas perseguições contra seus apóstolos (S. Jo. XVI, 2).

3. A divindade de Jesus Cristo é provada pela elevação da sua *doutrina* e pela sublimidade do seu *carácter*.

A *doutrina* de Jesus Cristo é superior à de todos os *sábios* e difere profundamente das doutrinas *das outras religiões*.

A doutrina de Jesus responde *a tôdas as necessidades do coração humano e convém a todos os estados*, a tôdas as idades, a todos os sexos, a tôdas as *nações*. Milhões de homens nela acharam a perfeição da felicidade, a consolação na vida e na morte; grandes filósofos, S. Justino, S. Agostinho, só nela acharam a paz de coração por que suspiravam. — A doutrina cristã lançou uma luz brilhante sôbre a origem e o *fim último* da humanidade; recomenda *as virtudes* mais sublimes, o amor do próximo, a humildade; a doçura, a paciência, o amor dos inimigos, desconhecidas antes de Cristo, e que ninguém, a não ser êle, teria encontrado. A razão, diz Kant, não conheceria ainda as leis gerais da moral, se o cristianismo não as tivesse ensinado. — A doutrina de Cristo é, a-pesar-da sua sublimidade, *simplicíssima* e claríssima, e foi ensinada com tal *autoridade* que o povo ao ouvir a Cristo ficava estupefacto perante a fôrça da sua linguagem (S. Mat. VII, 28). «É impossível, diz Strauss (1), seja em que época fôr, vencer

(1) Teólogo protestante racionalista.

a Jesus sob o ponto de vista religioso». A religião cristã não encerra o mais pequeno ponto que contradiga a razão, que degrade o homem, o que já se não pode dizer das outras religiões! Maomet ensinou o fatalismo e espalhou a sua religião pelo ferro e pelo fogo. O Talmud, a lei dos hebreus modernos, é também pouco recomendável.

Cristo foi isento do mais pequeno *pecado* e dotado de infinito número de *virtudes* incomparáveis, em grau tal que ficará para sempre *modêlo da humanidade.*

Judas, o traidor, confessou que tinha atraiçoado *sangue inocente* (S. Mat. XXXVII, 4); *Pilatos* não encontra nêle falta alguma (S. Jo. XVIII, 38); *o próprio* Cristo preguntou aos Judeus: «Qual de entre vós me convencerá de pecado?» e os Judeus nada puderam responder (ibid. VIII, 46). Cristo é até isento daqueles defeitos, daquelas particularidades que a época e a nacionalidade imprimem ao carácter de qualquer homem, como vemos no seu proceder com os Samaritanos e os Romanos, sobretudo na sua bela parábola do bom Samaritano (S. Jo. VIII, 46). — As brilhantes *virtudes* de Jesus são: a *sua grande caridade para com o próximo;* tôda a sua vida se passou a prestar serviço, «passou fazendo o bem» (Act. Ap. X, 38); deu até a própria vida pelos outros: a sua *humildade*, que lhe fazia procurar o convívio dos mais desprezados; a sua *mansidão* que lhe fêz suportar não só as perseguições dos seus inimigos, mas até a infidelidade do seu apóstolo; a sua *paciência*, incomparável no meio dos mais horríveis tormentos; a sua *indulgência* para com os pecadores; o *seu amor dos inimigos*, de que deu tão belo exemplo na cruz; a *energia* que mostrou em tôda a parte; *o seu ardor pela oração*, que lhe fazia passar noites inteiras neste exercício. Onde encontrar uma figura como a de Jesus? Os filósofos pagãos mais admirados pelos seus contemporâneos são, em confronto com Jesus, como a luz de pálida chama em confronto com o sol. O carácter de Jesus é e será sempre *um milagre na história do mundo.* — Por isso os maiores inimigos de Cristo o *veneravam* sem querer: viu-se isto quando êle expulsou os vendilhões do templo; ninguém ousou opor-se a êle (S. Mat. XXI, 12). Quando os Fariseus o quiseram apedrejar no Templo, quando êle se declarou Deus, passou por entre êles e êles retiraram-se

(S. Jo. X). No jardim das Oliveiras Cristo não fêz mais do que falar aos soldados, e logo êles caíram por terra aterrorizados (ib. XVIII); o próprio Pilatos o temia (ibid. XIX).

4. A divindade de Jesus Cristo é provada pela *rápida difusão* da sua doutrina e pelos *efeitos maravilhosos* que ela produziu no mundo.

A doutrina cristã propagou-se *muito ràpidamente* no universo, *a-pesar-dos maiores obstáculos* e com *meios muito simples*.

Os **obstáculos** por parte dos pagãos eram: *as leis romanas* que puniam de morte ou com exílio o desprêzo dos deuses; as *calúnias* espalhadas contra os cristãos, que eram acusados de ateísmo, de antropofagia (comer carne humana) nos seus sacrifícios, de crimes horrorosos de tôda a espécie; tornavam-nos responsáveis por tôdas as desgraças públicas: pela peste, pela guerra, pelas inundações suscitadas pela cólera dos deuses; as *perseguições* cruéis que sofreram os cristãos, em conseqüência destas calúnias, durante mais de 300 anos. Contam-se com efeito *10 grandes perseguições* até ao *edito de tolerância* de Constantino Magno. — O cristianismo encontrou ainda outros obstáculos: *a doutrina de um supliciado* já de si era para os pagãos uma loucura; demais, *era ensinada por judeus*, que os Romanos desprezavam profundamente. Além disso, esta doutrina exige a *renúncia*, a *generosidade*, virtudes odiosas a pagãos *sensuais* e *egoístas*, virtudes penosas mesmo para homens relativamente bem dispostos. — Os Judeus eram talvez ainda mais difíceis de conquistar, porque esperavam um império messiânico com uma glória terrestre. — **Meios** que serviram à difusão do cristianismo. Foram 12 simples pescadores ou publicanos *ignorantes*, que, sem eloqüência, sem lisonjas, sem auxílio dos poderosos, converteram o mundo. Sem dúvida, êles obravam milagres, mas a difusão do Evangelho sem milagres teria sido o maior milagre (S. Agost.). — Esta difusão foi maravilhosamente rápida. No dia de Pentecostes, 3:000 convertidos se fizeram baptizar; outros 2:000, depois do

milagre no pórtico do templo, e 100 anos depois a religião de Cristo era tão espalhada em todo o império romano que Plínio o Moço, governador da Bitínia, indicava a Trajano «a deserção dos templos nas cidades e nas aldeias, porque por tôda a parte havia cristãos». Cêrca do ano 150, S. Justino escrevia: «Gamaliel tinha razão em dizer no Sinédrio: «se esta obra é humana, caïrá por si mesma; se é divina, vós não a podeis destruir» (Act. Ap. V, 38).

O cristianismo fêz desaparecer a *idolatria* com os seus horríveis costumes e introduziu entre os povos a *verdadeira civilização*.

Os *sacrifícios humanos* cessaram assim como os cruéis jogos do circo e os combates de gladiadores. — O cristianismo, tornando obrigatórias as obras de misericórdia, fêz nascer uma multidão de *instituições de beneficência* em favor dos doentes, dos estranjeiros, etc. — A doutrina da indissolubilidade do matrimónio reconstituiu a família, abolindo a poligamia e *restituindo à mulher a sua dignidade*. — Sendo todo o homem membro de Cristo, a *escravidão* desapareceu a pouco e pouco. — *Os soberanos e as autoridades* ganharam em respeito, porque, segundo o cristianismo, os governos são representantes de Deus. — As leis penais perderam a sua deshumanidade e as guerras tornaram-se mais raras. — Os ofícios, as artes, as sciências receberam melhor cultivo, e o *trabalho* foi dignificado. — Numa palavra: todos os verdadeiros cristãos, de todos os séculos, se distinguiram pela prática das mais altas virtudes e das obras de misericórdia. Juliano, o Apóstata, recomendava aos pagãos que imitassem a generosidade, a pureza de vida dos cristãos. Uma doutrina que produz tais efeitos é evidentemente divina. — Os inimigos do cristianismo objectam que o cristianismo suscitou entre os homens uma multidão de *guerras de religião* e scisões (seitas). Esta objecção não tem valor; estes males foram causados não pela doutrina de Cristo, mas pelas *paixões dos homens*, e precisamente pelas paixões de homens que em tal ou tal ponto não seguiam esta doutrina. Nada há tão santo que não possa prestar-se a abusos; é preciso, pois, não confundir uma coisa com o abuso que dela faz a malvadez ou a inépcia dos homens. Eu creio, devemos exclamar com S. Pedro, que vós sois Cristo, Filho de Deus vivo!

IV. Cristo é nosso Senhor

Na última ceia Jesus Cristo disse aos apóstolos: «Vós me chamais vosso *Mestre* e vosso *Senhor*, e tendes razão; porque eu o sou» (S. Jo. XIII, 13).

Nós chamamos a **Cristo: nosso Senhor,** porque êle é o nosso Criador, o nosso Salvador, o nosso Legislador, o nosso Mestre e o nosso Juiz.

Cristo é o nosso **Criador.** Por Cristo tudo foi criado, o céu e a terra, tôdas as coisas visíveis e invisíveis (Col. I, 16). Deus criou o mundo por seu Filho (Hebr. I, 2). S. João no seu Evangelho chama a Jesus *Verbo*, e acrescenta: «Nada do que foi feito, foi feito sem êle» (I, 3). Nós somos, portanto, suas criaturas e pertencemos-lhe como o vaso pertence ao oleiro (Ps. II, 9). — Cristo é nosso **Salvador.** Nós fomos remidos e libertados por êle da escravidão de Satanás (I S. Ped. I, 18); pertencemos-lhe, pois, como um escravo àquele que o comprou. Por isso S. Paulo diz: «Não sabeis que já não vos pertenceis? Porque vós fôstes comprados por alto preço» (I Cor. XI, 19). — Cristo é nosso **Legislador.** Êle tornou mais perfeito o *decálogo* e o promulgou novamente; deu os dois preceitos do amor; chama-se o *Mestre do Sábado* (S. Luc. VI, 5); ora quem nos dá leis é nosso Senhor. — Cristo é nosso **Mestre.** Designamos com êste nome aquêle que ensina ou um ofício, ou uma arte, ou uma sciência. Ora, Jesus Cristo ensina aos homens a sciência da salvação, a arte de se tornarem semelhantes a Deus. Êle mesmo se denomina *Mestre* (S. Jo. XIII, 13). — Cristo é nosso **Juiz.** Êle voltará, com efeito, com grande poder e majestade, para reünir os homens diante do seu tribunal e separá-los, como o pastor separa os bodes das cabras (S. Mat. XXV, 31). Os justos como os pecadores lhe chamarão então Senhor. «*Senhor*, dirão êles, quando vos vimos nós faminto, sedento, estranjeiro, nu, doente, prisioneiro?» (S. Mat. XXV, 37 e 44). — Em todo o universo o fraco está sujeito ao forte e dependente dêle: o reino mineral serve ao vegetal e êste serve ao reino animal e todos servem ao homem: a lua gira em volta da terra, a terra em tôrno do sol. Assim tôdas as criaturas gravitam em volta de Cristo, sol da graça. «Êle é o único Poderoso, o único Rei dos reis, o único Senhor dos senhores... ao qual pertence a honra e o império na eternidade. Assim seja» (I Tim. VI, 15).

8.° Art. do Símbolo: O Espírito Santo

I. A graça do Espírito Santo é necessária para nós

1. O Espírito Santo é a terceira pessoa divina, por conseguinte é *Deus*; é portanto eterno, presente em tôda a parte, omnisciente e todo-poderoso.

Nós chamamos-Lhe Espírito **Santo**, porque o Pai e o filho revelam a sua *santidade* por êle (Scheeben) (1). — O Espírito Santo é **Deus** de Deus, como uma luz é da luz em que foi acesa (Tert.). O *vapor* que flutua por cima das águas não é de natureza diversa das águas; assim o Espírito Santo é consubstancial ao Pai e ao Filho (S. Cir. de Alex.). «Eu expulso os demónios, dizia Jesus Cristo, pelo *dedo de Deus*», quere dizer, pelo Espírito Santo. Assim como o dedo é da mesma substância que o corpo de que sai, assim o Espírito Santo tem necessàriamente a natureza divina (S. Isid.); é chamado dedo de Deus, porque é por êle que o Pai e o Filho entram em contacto connosco, porque foi êle quem escreveu as tábuas da lei (S. Atan.). A eternidade, a omnipotência, a imensidade do Espírito Santo foram definidas pela Igreja contra o herético Macedónio, no 2.° conc. ecuménico de Constantinopla (381).— O Espírito Santo **procede do Pai e do Filho** (ver pág. 144). Os Gregos recusam-se a crer êste dogma e separaram-se da Igreja Católica no ano 867 e em 1053. Coincidência curiosa! Constantinopla foi tomada pelos turcos em 1453 e precisamente no dia de *Pentecostes!*

2. A missão do Espírito Santo é comunicar

(1) Jesuíta alemão, teólogo muito ilustre (1835-1888).

as graças merecidas por Jesus Cristo no sacrifício da cruz.

O Espírito Santo não produz, portanto, graça nova, apenas acaba e fecunda o que Cristo começou; o sol ao levantar-se não traz semente alguma à terra que ilumina com seus raios, mas faz germinar e crescer as sementes existentes. — Chama-se **graça** um benefício concedido sem que se seja obrigado a concedê-lo (gratuitamente). Quando um soberano concede a vida a um criminoso condenado à morte, diz-se que lhe faz a *graça*. José II fêz um dia a *graça* a uma criança. Encontrou-a chorando numa rua de Viena e perguntou-lhe o motivo de suas lágrimas. O menino tinha ido, por causa de sua mãe doente, a casa de um médico que se recusava a vir se não lhe pagassem antes um florim. O imperador foi a casa da mãe e escreveu-lhe, como receita, uma ordem para receber do cofre imperial 50 ducados. Deus faz o mesmo connosco: enche-nos de benefícios *sem merecimento algum da nossa parte*, portanto, por pura misericórdia (Rom. II, 23). **Estes benefícios divinos** têm por objecto ora uma vantagem temporal, como a saúde, as riquezas, o talento, ora a **salvação eterna**, como a remissão dos pecados; é dos benefícios desta última natureza que tratamos aqui, sob o nome de graça. São essas as graças que Jesus Cristo nos mereceu na cruz.

3. O auxílio do Espírito Santo é absolutamente indispensável para a nossa salvação.

Só pelas fôrças naturais o homem é **incapaz** de ganhar o céu. Uma criança, por ex., encontra-se num jardim diante de uma bela árvore e *estende os braços para os frutos*, sem os atingir. Assim sucede ao homem; só com as fôrças naturais, é incapaz de atingir a felicidade eterna, sem o auxílio do Espírito Santo. A nossa vista não pode ver nem distinguir objectos muito afastados, mas tem precisão de um *telescópio;* o nosso braço precisa de uma alavanca para erguer pesos muito grandes; assim também as faculdades da nossa alma, tão limitadas; a nossa razão e a nossa vontade têm precisão de um auxílio sobrenatural para chegar à felicidade eterna; o Espírito Santo é para a alma, o que o telescópio é para o ôlho, a alavanca

para o braço. Por isso Jesus Cristo diz: «Se alguém não renasce da água e do Espírito Santo não pode entrar no reino dos céus» (S. Jo. III, 5). Não há vida sem luz, nem navegação sem navio; é impossível, sem o Espírito Santo, sem o sôpro de Deus, entrar no pôrto de salvação (S. Macário).

Sem o auxílio do Espírito Santo somos incapazes de fazer o *mais pequeno acto meritório.*

Nós nada podemos sem o auxílio de Deus, «a nossa capacidade vem de Deus» (II Cor. III, 5). *Desde o pecado original assemelhamo-nos a um doente que, sem o socorro* de outrem, é incapaz de se levantar do leito (S. T. de Aq.); a uma criancinha que não pode cuidar de si, nem lavar-se nem vestir-se sòzinha e que com o olhar implora sua mãe, verte lágrimas até que ela tenha dó e a venha ajudar (S. Macário). Sem o Espírito Santo somos, a-pesar-dos nossos esforços, como os apóstolos que, não obstante uma noite inteira de trabalho, não tinham pescado nada. — O homem é incapaz de trabalhar nas trevas; não pode fazer *bem* algum sem a luz da graça do Espírito Santo. O *corpo* é incapaz de qualquer acção se não é animado pela *alma;* a alma também nada pode, para o céu, se não é socorrida pelo Espírito Santo, que lhe é vida (S. Fulg.). A *lua* não brilha sem receber a luz de fora; assim a alma nada pode fazer de meritório sem a luz da graça (S. Boav.). A nossa alma não produz frutos senão quando é regada pela *chuva* da graça do Espírito Santo (S. Hil.). Sem chuva nenhuma erva cresce, nenhuma flor abre, nenhum fruto amadurece; assim qualquer virtude é impossível sem a graça (S. Greg., S. Iren.). — A graça nada faz sem o concurso da vontade e esta não pode produzir obra alguma meritória sem a graça; a terra nada faz germinar sem a chuva e a chuva nada produz sem primeiro ser recebida pela terra (S. Jo. Cris.). A *tinta* é indispensável à pena do escritor, e a graça do Espírito Santo é indispensável para inscrever as virtudes na alma (S. T. de Aq.). — Tôda a obra meritória é, pois, produzida **em comum** pelo Espírito Santo e pela nossa liberdade (I Cor. XV, 10), assim como o mestre e o aluno escrevem ambos quando o primeiro guia a mão do segundo. Portanto nunca podemos *atribuir a nós mesmos* os merecimentos das nossas boas obras. Os movimentos do

corpo são obra da alma que o anima e as nossas boas obras devem ser atribuídas a Deus que vivifica a nossa alma (Rodriguez). Tão pouco podemos atribuir a nós o merecimento das nossas boas obras, como um soldado, em particular, pode atribuir a si a vitória, e não ao general (S. Valeriano).

Com o auxílio do Espírito Santo nós podemos realizar a obra *mais difícil.*

«Eu posso tudo, diz S. Paulo, nAquele que me fortifica» (Fil. IV, 13). Os Apóstolos não tinham, decerto, as qualidades necessárias para converter o mundo, nem David, para governar um povo, nem José, para justificar a confiança do Faraó; foi o Espírito Santo que os tornou capazes de fazerem o que êles fizeram.

2. As obras do Espírito Santo

O Espírito Santo:

1. concede a todos os homens *a graça actual;*

2. concede a muitos homens *a graça santificante;*

3. concede freqüentemente os seus *sete dons* e raramente *graças extraordinárias;*

4. conserva e dirige a *Igreja católica.*

1. A graça actual

1. O Espírito Santo influi muitas vezes em nós durante a vida, iluminando a nossa *inteligência,* robustecendo a nossa *vontade.* Esta acção passageira do Espírito Santo chama-se *graça actual,* ou *inspiração divina.*

No **Pentecostes** o Espírito Santo exerceu esta acção sôbre os apóstolos; iluminou-lhes a inteligência e *fortifi-*

cou-lhes a vontade. Antes, eram homens ignorantes que o próprio Cristo chamava homens *tardios em crer* (S. Luc. XXIV, 25), e a partir daquele momento êles tinham resposta para tudo; antes, eram timoratos e tinham as portas fechadas; depois, eram intrépidos como leões. As línguas de fogo significavam a luz da inteligência; o sôpro tempestuoso, a fôrça da vontade (com efeito a tempestade desarreiga as maiores árvores). — O Espírito Santo faz como o **sol**, que *alumia e aquece;* êle ilumina o espírito e afervora a vontade para o bem. Logo que o sol se levanta, desaparece o brilho das *estrêlas* e só vemos a luz dêle; assim a iluminação pelo Espírito Santo faz-nos desprezar tudo o que amámos nas trevas do pecado, os prazeres da mesa, do jôgo, da dança, etc.; e todos os nossos pensamentos se dirigem para Deus. A luz do sol faz ver também a *verdadeira forma* das coisas, as *nódoas* do nosso corpo e dos nossos fatos, e as *estradas* a grande distância; a luz do Espírito Santo faz-nos ver o verdadeiro valor das coisas terrestres, os nossos pecados, o verdadeiro fim da nossa vida. — Logo que o calor do sol se faz sentir, o gêlo *derrete* e as plantas começam a verdejar; o calor do Espírito Santo amolece a dureza de nossos corações pelo amor de Deus e do próximo, faz-nos brotar ramos verdes, isto é, actos meritórios para o céu. — O Espírito Santo é uma luz procedente do *Pai das luzes* (S. Tiago, I, 17); a graça actual, uma luz que ilumina e comove o pecador (S. Agost.). — Na linguagem ordinária, chama-se à graça actual *inspiração divina;* chama-se-lhe também graça de auxílio, porque ela constitui um auxílio passageiro para conseguirmos a salvação. Cristo representa-nos a graça actual sob a figura do bom pastor que segue a ovelha desgarrada, até que a encontra (S. Luc. XV).

O Espírito Santo exerce esta acção em diferentes *circunstâncias:* por um sermão, uma boa leitura, uma doença, um luto, por imagens ou exemplos edificantes, por censuras dos nossos superiores ou amigos, etc.

S. Antão eremita († 356) recebeu a influência do Espírito Santo por um sermão sôbre o jovem rico; os Judeus de Jerusalém, pelo sermão dos apóstolos no dia de Pentecostes; S. Inácio de Loiola († 1556), pela leitura da Paixão e da vida dos Santos; S. Francisco de Assis († 1226),

por uma doença; S. Francisco de Borja († 1572), pela vista do cadáver da raínha Isabel; S. Norberto († 1134), pelo perigo em que o pôs um raio; o *filho pródigo*, na parábola, pela sua profunda miséria, etc. Em tôdas estas *almas* uma *transformação repentina* se produz por inspiração divina do Espírito Santo. Tôdas podiam dizer como S. Cipriano: «Quando o Espírito Santo veio à minha alma, mudou-me noutro homem». — Quási sempre Deus faz *preceder* estas inspirações por *sofrimentos*. A *cera* não recebe a impressão do timbre se primeiro não é amolecida pelo fogo e apertada pela pressão; o homem não é sensível à acção do Espírito Santo senão depois de amolecido pelos sofrimentos. O *papel* é primeiro reduzido a pasta e gelado antes de poder servir para a escrita, e o homem não escuta a inspiração do Espírito Santo senão depois de purificado dos maus desejos.

2. Algumas vezes, por milagre, a acção do Espírito Santo foi sensível e pôde ser *vista e ouvida*.

Este foi o caso do baptismo de Jesus, em que se viu a pomba e se ouviu a voz do céu; no Pentecostes com as suas línguas de fogo e o vento impetuoso; na conversão de S. Paulo. Jesus Cristo, para nos dar o Espírito Santo, instituiu os sacramentos, que são também perceptíveis à vista e ao ouvido.

3. O Espírito Santo *não nos faz violência;* deixa-nos completa liberdade.

O Espírito Santo é como um *guia*, que se pode seguir ou não; assemelha-se sobretudo à coluna de fogo e de nuvem que assinalava aos Israelitas o caminho da Terra da Promissão. O Espírito Santo é uma *luz* divina, à qual podemos fechar os olhos: «Seguir o apêlo de Deus ou permanecer surdo, é obra da nossa livre vontade». «Deus não influi sôbre nós como sôbre pedras ou sêres sem razão nem liberdade» (S. Agost.). Deus *respeita* a liberdade do homem; não a destrói nem mesmo quando o homem usa dela para se perder (Mons. Ketteler). Deus não permite ao espírito mau que nos tire a liberdade; êle mesmo também no-la não tira (S. Gertrudes).

O homem pode, portanto, *cooperar* com a graça actual, e pode também resistir a ela.

Saúl cooperou com a graça; o *jovem rico* (S. Luc. XVIII), ao contrário, resistiu a ela. Aquêles que, no Pentecostes, censuraram os apóstolos, fazendo-os passar por *ébrios*, resistiam à graça (Act. Ap. II, 13), como aquêles que mofaram de S. Paulo quando prègava no *areópago* de Atenas o evangelho e a ressurreição dos mortos (ibid. XVII, 32). Também *Herodes* que tinha sabido pelos Magos do nascimento de Cristo, recusou cooperar com a graça. *Lutero* também resistiu à graça em Vartburgo, lançando o tinteiro à parede, como se fôsse contra o demónio; não era o demónio que o perseguia com estes pensamentos: Quem te deu essa missão? Só tu és sábio? — Quando alguém quere *casar*, faz o pedido à pessoa a quem pretende a mão e o coração; esta pessoa pode aceitar ou repelir êste pedido. Deus faz o mesmo: faz-nos as suas propostas, e nós podemos aceitá-las ou rejeitá-las (S. Fr. de Sales). Aquêle que resiste *habitualmente* à graça actual e morre nesta resistência, comete um **pecado** grave e irremissível **contra o Espírito Santo**, e parece-se com Satanás que resiste obstinadamente à verdade. Daqui o aviso da Sagrada Escritura: «Se ouvis hoje a sua voz, livrai-vos de endurecer vossos corações» (Ps. XCIV, 8).

Aquêle que *coopera* com a graça actual recebe *graças mais abundantes;* aquêle que lhe *resiste* [1], *perde* tôdas as outras graças e sofrerá um terrível juízo.

Feliz aquêle que **coopera** com a graça! aquêle que utiliza a primeira atrai sôbre si *uma série delas*. A graça utilizada assemelha-se a uma *semente* que germina. O servo que tinha empregado bem os seus cinco talentos recebeu outros cinco em recompensa (S. Mat. XXX, 28). A todo aquêle que já tem, diz Jesus Cristo, dar-se-á mais e estará na abundância; mas àquele que não tem se lhe tirará até o que tem (ibid. XIII, 12). — Mas desgraçado daquele que **resiste** à graça. *Jerusalém* sofreu um juízo terrível (ano 70) por não ter reconhecido o dia em que Deus a tinha visitado e lhe havia oferecido a sua graça

(1) Em matéria grave.

(S. Luc. XIX, 41). É à resistência à graça que se aplicam as palavras de Jesus: «Lançai o *servo inútil* nas trevas exteriores onde haverá prantos e ranger de dentes! (S. Mat. XXV, 30). Um grande senhor irrita-se quando lhe desprezam os dons e os benefícios; Deus, o soberano senhor do céu e da terra, ira-se quando se repele a graça do Espírito Santo, o seu benefício mais assinalado. «Deus abandona os preguiçosos» (S. Agost.). — Aquêle que deixa passar a graça sem a aproveitar, não chegará ao céu, assim como não se chega ao fim da viagem se se *deixa de subir para o combóio* quando se está na estação. O momento da graça actual assemelha-se ao *momento crítico de uma doença:* se não se lhe presta atenção, arrisca-se a vida. — Muitos homens, infelizmente, tornam vãs as graças divinas, e repelem com distrações, com *prazeres mundanos* (1) o Espírito Santo que queria operar nêles por ocasião de um luto, das festas da Igreja, pela recepção dos sacramentos. Antes convinha *retirar-se para a solidão*, fazer reflexões sérias, recorrer à oração, purificar a consciência pela confissão, como fizeram S. Inácio de Loiola, que depois da sua conversão se retirou por muitos meses para a gruta de Manresa, S. Maria Egipcíaca, que depois de convertida se confessou e fixou residência no deserto, etc. Os *pilotos* põem-se à vela logo que observam que o vento é favorável; assim nós devemos deixar-nos conduzir, logo que sentimos o sôpro do Espírito Santo (Luís de Gran.). Se não seguimos a graça com docilidade e prontidão, Deus retira-nos essa graça. — A graça é como o maná que era preciso colher de manhã cêdo e que os preguiçosos achavam derretido depois do nascer do sol (S. Fr. de Sales). — Quanto maiores tiverem sido as graças recebidas, maior será a **responsabilidade** (S. Greg. Mag.), porque, diz Jesus Cristo, muito se pedirá ao que muito houver recebido (S. Luc. XII, 48).

4. O Espírito Santo influi sôbre *todos* os homens, tanto sôbre os *pecadores* como sôbre os justos, tanto sôbre os hereges e infiéis como sôbre os católicos.

(1) Os banquetes mortuários, por ex. nos enterros nos campos. — As festas de família das primeiras comunhões. — As missas novas!

Deus é como o *bom pastor* (S. Jo. X) que vai atrás da ovelha desgarrada até a encontrar (S. Luc. XV). Jesus Cristo, luz do mundo, ilumina todo o homem que vem a êste mundo (S. Jo. I, 8); Deus quere que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade (I Tim. II, 4).

O Espírito Santo operou para a salvação dos homens *desde a origem do mundo,* mas não se dá, em tôda a sua plenitude, senão desde o Pentecostes.

Durante o cativeiro dos Judeus em Babilónia, o Espírito Santo operou muitas vezes sôbre os pagãos pelos numerosos milagres que fêz para glorificação de Deus: os três jovens da fornalha, Daniel na cova dos leões. Os *patriarcas e os profetas* tinham sido iluminados pelo Espírito Santo, talvez mesmo alguns filósofos, como Sócrates, que havia reconhecido a unidade de Deus e foi condenado à morte por a ter ensinado (399 antes de Jesus Cristo). Assim como o *sol,* ainda antes de aparecer, se *anuncia por seus raios,* Jesus Cristo, sol de justiça, fêz preceder a sua vinda pelos raios luminosos do Espírito Santo. Assim como nós consentimos empréstimos quando prevemos receitas de dinheiro, Deus deu a sua graça aos homens no Antigo Testamento em vista da satisfação futura do Salvador.

Mas o Espírito Santo não distribui as suas graças *igualmente a todos os homens;* êle é mais generoso para os membros da Igreja católica.

Um dos servos recebeu *cinco* talentos, o outro *dois,* o terceiro sòmente *um* (S. Mat. XXV, 15). Os Judeus receberam mais graças que os pagãos; a S.S. Virgem mais que todos os outros homens; as cidades de Corozaim e Betsaida mais que Tiro e Sídon; Cafarnaúm mais que Sodoma (ibid. XI, 31). Há graças *universais,* das quais participam todos os homens, sem excepção; outras graças são *particulares,* isto é, concedidas sòmente a algumas almas destinadas por Deus a uma *vocação especial* (Maria Lat.). Certas graças obtêm-se pela oração alheia ou *pela correspondência à primeira* graça; S. Agostinho obteve por intercessão de sua mãe (S. Mónica) mais graças do que mil outras almas; S. Paulo recebeu grandes graças pelas ora-

ções de S. Estêvão. Os apóstolos receberam muitas, porque seguiram imediatamente o apêlo de Jesus.

O Espírito Santo não opera sôbre as almas *de modo contínuo*, mas por intervalos.

S. Paulo escrevia aos Coríntios: «Eis agora o *tempo favorável*, eis agora o dia da salvação» (II Cor. VI, 2). Na parábola da vinha os operários não são chamados, cada *série*, senão uma vez (S. Mat. XX). A quaresma, as missões, o jubileu são épocas de graças: são como as *feiras* em que os géneros são mais numerosos e mais baratos. Sem dúvida o Espírito Santo não se compra com dinheiro, compra-se sem moeda e gratuitamente (Is. LV, 1). Tirai das nascentes da graça, emquanto podeis, rios inteiros; virá um momento em que não podereis beber (S. Efr.).

5. As graças actuais *obtêm-se fàcilmente* por meio de boas obras: a oração, o jejum e a esmola; pelo uso dos meios de santificação da Igreja: a missa, os sacramentos, a prègação.

A graça de Deus não pode ser *merecida*, estrictamente falando, por obras, por boas acções, aliás deixaria de ser graça (Rom. XI, 6); contudo as boas obras são *necessárias* porque Deus, que nos criou sem nós, não nos salvará sem nós (S. Agost.). Quando um *mendigo* estende a mão para a esmola, êste movimento não constitui um direito, mas é necessário para receber a esmola (Allioli). Deus salvou-nos, não por causa das obras de justiça que nós teríamos feito, mas por causa da sua misericórdia (Tit. III, 5). Se, pois, fazemos muitas boas obras, *obteremos mais fàcilmente* graças. O Espírito Santo concede a cada um *o que lhe agrada* (I Cor. XII, 11), mas *segundo a preparação e a cooperação* de cada um (Con. de Tr. VI, 7); o número das graças actuais está, portanto, em proporção das boas obras. Um meio **muito eficaz** de obter graças é a **invocação do Espírito Santo,** porque o Pai nos céus dá o bom espírito àqueles que lho pedem (S. Luc. XI, 43). — A invocação da **Santíssima Virgem** não é menos eficaz, porque Maria é cheia de graça e *dispenseira* de *tôdas as graças divinas*. Êste título não é um exagêro, por-

que é a linguagem dos maiores santos, e não é bem crer que êles tenham ofendido a verdade, porque todos estavam animados do Espírito Santo, que é espírito de verdade (S. Af.). — A adoração do **S.S. Sacramento** é também uma nascente de graças, assim como o retiro do mundo, a *solidão* em que Deus fala à nossa alma (Oseias, II, 44), a *mortificação* dos sentidos (repressão da curiosidade, fuga das conversações inúteis); os apóstolos são um exemplo frisante.

II. A graça santificante

1. Quando o pecador coopera com a graça actual, o Espírito Santo entra na sua alma para lhe dar um esplendor e uma beleza que lhe conquistam a amizade de Deus. Esta beleza permanente da alma, conseqüência da habitação do Espírito Santo, chama-se *graça santificante.*

Deixe-se actuar o *fogo sôbre o ferro* e o fogo penetra o ferro e êste metal toma outra natureza; torna-se luminoso, ígneo, dourado por assim dizer. Assim sucede à alma; quando ela se abandona à acção da graça, o **Espírito Santo penetra-a** e por esta habitação (I Cor. VI, 19) é *logo* dotada de uma qualidade permanente, uma certa **luz,** um certo **esplendor,** por outros termos: a graça santificante. O mesmo Deus nos revelou que pela *cooperação* com a graça o homem o atrai a si: «Voltai-vos para mim, que eu me voltarei para vós» (Zac. I, 3); «Preparai os vossos corações para o Senhor» (I Reis, VII, 3). O *vestido nupcial* na parábola do banquete (S. Mat. XXII) e a *túnica nova* dada ao filho pródigo representam a alma que recebeu a graça santificante como um homem é revestido de *um magnífico fato novo.* O Espírito Santo comunica à alma **uma grande beleza;** aquêle que o recebe sofre uma mudança semelhante à de um doente desfigurado pela velhice e pela paralisia que de-repente recobrasse por milagre o *esplendor de uma bela mocidade* e revestisse hábitos régios (S. Jo. Cris.). Para que um palácio possa receber um soberano, é preciso prepará-lo condignamente; assim o Espírito Santo transforma a alma num *templo ma-*

gnífico em que Deus possa habitar (Scheeben). Se nós pudéssemos ver a beleza de uma alma em graça de Deus, caïríamos em êxtase (L. de Blois); se pudéssemos ver uma alma sem pecado, esqueceríamos por tôda a vida o comer e o beber (S. Vic. Ferrer). Depois da ressurreição a *beleza do corpo* estará em relação com a da alma. — «É preciso, portanto, pôr todos os cuidados na santificação da alma, porque ela servirá também ao corpo, que sem ela pereceria». É, pois, loucura ter tão grandes cuidados pelo corpo, gastar tanto tempo em o aformosear, sem ter cuidado algum com a alma. — A graça santificante não consiste simplesmente numa *certa complacência de Deus por nós* (Conc. de Tr. VI, 11), mas é um dom do Espírito Divino (S. Jo. IV, 13). O Espírito Santo é, pois, um fogo que nos penetra intimamente e não um simples raio de sol que luzisse núm quarto (Scheeben). Esta beleza da alma granjeia-nos a **amizade de Deus.** Se nós soubéssemos *quanto Deus nos ama,* quando temos a graça santificante, morreríamos de alegria (S. Ma. Mad. de Pazzi). Deus é tão bom que quando nós estamos em estado de graça já *não nos considera seus servos,* mas amigos (S. Jo. XV, 15). Ora a amizade supõe uma certa igualdade. — A elevação da alma do estado de pecado ao de amiga de Deus chama-se também **justificação** (tornar-se *justo*) (Conc. de Tr. VI, 4), novo nascimento (S. Jo. III, 5; Tit. III, 4-7), despojamento do vélho homem e revestimento do homem novo (Ef. IV, 22). — *Exemplos:* Assim que David, o filho pródigo e Saúl se converteram tiveram em si o Espírito Santo e a graça santificante; foi o que os levou a fazer tão grandes sacrifícios. Com efeito, David e Saúl passaram longos dias em oração e jejum severo; e o filho pródigo teve que vencer uma vergonha extraordinária para voltar a casa de seu pai. É certo que quem tem *a contrição perfeita* tem a graça santificante, ainda antes da confissão. Os patriarcas e os profetas do Antigo Testamento tinham em si o Espírito Santo e a graça santificante. Muitos homens recebem o Espírito Santo *antes do baptismo:* êle desceu até visìvelmente sôbre o centurião Cornélio e sôbre aquêles de sua casa que haviam escutado o sermão de S. Pedro (Act. Ap. X, 44).

2. Ordinàriamente o Espírito Santo entra na alma pelos sacramentos do *baptismo* e da *penitência.*

Aquêle que se confessa com uma contrição imperfeita não recebe a remissão dos pecados senão pela absolvição do sacerdote (Ver na III parte: *Sacramento da Penitência*). Pode-se, pois, dizer que estes sacramentos tiram *do tesouro dos merecimentos de Jesus Cristo* o que falta à cooperação do pecador penitente (1), reavivam a pequenina *centelha* no fundo do coração do pecador até fazerem dela uma grande chama que devora a palha do pecado; são também como uma alavanca que aumenta nossas fôrças.

3. O Espírito Santo, habitando em nossas almas, comunica-lhes a verdadeira vida.

O nosso Deus é o Deus vivo, a sua presença produz por tôda a parte a vida: ao vir à nossa alma, vivifica-a, como ela nos vivifica o corpo. *Sem dúvida, a alma tem uma vida;* ela anima o corpo, é dotada de uma vontade e de uma inteligência capazes de perceber e amar o belo, o bom e a verdade; mas esta vida *natural* da alma é uma *morte* em confronto com aquela que ela representa. É a **mesma vida de Deus** que a alma recebe pela graça do Espírito Santo. Esta vida divina chama-se também *sobrenatural*. Outrora Elias ressuscitou o filho da viúva de Sarepta (III Reis, XVII), e Eliseu o filho da sua hospedeira de Sunam (IV Reis, IV), estendendo-se sôbre o cadáver, aplicando a bôca, as mãos, os olhos sôbre a cabeça, as mãos e os olhos da criança; o Espírito Santo faz o mesmo para ressuscitar a nossa alma para a vida divina mediante a sua graça. Inclina-se para a alma, sua imagem; aplica sua bôca à nossa para se insuflar em nós; põe os seus olhos sôbre os nossos, isto é, dá-nos o conhecimento de si mesmo; junta as suas mãos às nossas, dando-nos a sua fôrça divina. *A nossa alma renasce assim para uma nova vida* (S. Ped. I, 3; 24). A alma vive em Deus e Deus nela. — A graça deposita na alma o **gérmen da vida eterna;** ela é, segundo a expressão do Salvador (S. Jo. IV), uma *nascente que vai jorrando até à vida eterna*, isto é, que tem uma fôrça vivificante para tôda a eternidade. Uma *semente celeste* é lançada em nós para aí fazer germinar a vida celeste. Somos uma raça celeste cujo

(1) Por misericórdia de Deus, as crianças recebem o Espírito Santo no baptismo, sem cooperação alguma da parte delas.

pai reina no céu; tal é a dignidade à qual nos elevou a graça (S. Ped. Cris.). Ao passo que o nosso corpo morre todos os dias, a graça *remoça-nos a alma* dia a dia (II Cor. VI, 16). A graça deposita em nós, *mesmo no corpo, o gérmen da vida eterna*. «Porque se o Espírito de Deus, diz S. Paulo, que ressuscitou Jesus dentre os mortos, habita em vós, aquêle que ressuscitou Jesus dentre os mortos ressuscitará também os vossos corpos mortais, por causa do Espírito Santo que em vós habita» (Rom. VIII, 11). O Espírito Santo chama-se, pois, com razão, *vivificante* (no credo da missa).

O Espírito Santo, habitando em nós pela sua graça:

1. *Purifica-nos* de todos os pecados graves.

O ferro abrasado pelo fogo limpa-se da *ferrugem;* nós somos purificados do pecado quando o fogo do Espírito Santo nos penetra. A graça é um certo esplendor, uma luz que apaga tôdas as manchas da nossa alma e a torna mais bela, mais brilhante (Cat. Rom.). A graça santificante e o pecado são, portanto, *incompatíveis;* todo o que está isento de pecados graves, é habitação do Espírito Santo, e todo o que vive no pecado é habitação do demónio. Todavia, ainda que a graça de Deus *cura* a alma, ela não cura a *carne;* nesta parte da natureza humana, na carne, como diz o apóstolo, reina o pecado, isto é, o aguilhão do pecado (Cat. Rom.), a *concupiscência*. Os maiores santos têm, pois, em si a *inclinação para o mal,* contra a qual são obrigados a lutar até à morte. Por isso S. Paulo dizia: «Sei que nada de bom está em mim, isto é, na minha carne» (Rom. VII, 18). A concupiscência pode nesta vida ser enfraquecida, mas não destruída (S. Agost.). A concupiscência permanece, para que o homem reconheça *quão pernicioso é o pecado,* para que tenha sempre, na luta contra a sua natureza corrupta, *ocasião* de granjear méritos para o céu.

2. O Espírito Santo *une-nos* a Deus e faz de nós *templos* de Deus.

Quando o Espírito Santo vem habitar em nós, somos **muito intimamente unidos a Deus,** sempre segundo o

exemplo do ferro em brasa unido ao fogo. Aquêle que tem o Espírito Santo está unido a Cristo, como o ramo da vinha está unido à cepa (S. Jo. XV, 5), como uma *gota de água* com o *vinho de um copo* em que a deitam e do qual ela toma a côr, o perfume e o gôsto (S. Gr. Naz.). Pelo Espírito Santo tornamo-nos participantes da natureza divina (II S. Ped. I, 3), não só quanto ao nome, mas quanto à realidade (S. Cir. Alex.), somos por assim dizer **divinizados** (S. T. de Aq.). O Espírito Santo, vindo a nós, faz como um *bálsamo* que perfuma tudo aquilo em que toca, como um timbre que deixa um vestígio na cera (Scheeben). A graça comunica-nos a divindade (S. Max.). O fogo transforma o ferro na sua própria substância e o Espírito Santo transforma o homem em Deus, de forma que a Escritura chama aos homens deuses (Ps. LXXXI, 5; S. Jo. X, 36). O raio de sol que atravessa o *cristal* torna-o claro e luminoso, semelhante ao próprio sol; o Espírito Santo, êsse raio do oceano de luz da divindade, torna a alma, ao tocar-lhe, **semelhante a Deus,** santa e celeste (Dr. Schmitt). O demónio e nossos primeiros pais ambicionavam *esta semelhança com Deus,* mas sem êle e contra êle; ora Deus quere esta semelhança, mas em união com êle (Scheeben). A graça torna-nos iguais aos *anjos,* porque também êles têm o Espírito Santo (S. Bas.). — O Espírito Santo faz de nós **templos de Deus;** sem dúvida, a sua habitação imediata é nas almas às quais dá a verdadeira vida; mas, estando a alma no corpo, êste torna-se também habitação do Espírito Santo (S. Agost.). A alma em estado de graça é, pois, como o *templo de Jerusalém;* o templo era de brilhante alvura no exterior, revestido de lâminas de oiro no interior, habitado por Deus oculto numa nuvem, iluminado pelo candelabro de sete ramos; esta alma é pura de todo o pecado, cheia da caridade simbolizada no ouro, é trono do Espírito Santo, iluminada pelos seus sete dons. Por isso, S. Paulo escrevia aos primeiros cristãos: «Não sabeis que sois templos do Espírito Santo e que o Espírito de Deus está em vós?» (I Cor. III, 16). «Vós sois templos de Deus vivo» (II Cor. VI, 16). No *Padre Nosso* dizemos: «Padre Nosso que estais nos céus»; mas, sôbre a terra, o céu é a alma do justo, em que Deus habita (S. Agost.). Se algum me ama, quere dizer, se tem o Espírito Santo em si, diz Cristo, meu pai e eu viremos, e viveremos nêle (S. Jo. XIV, 23).

3. O Espírito Santo *ennobrece* as faculdades da

nossa alma e concede-nos outras, pelas virtudes teologais e morais.

Basta recordar, para explicar esta afirmação, as comparações do ferro abrasado pelo fogo, do cristal atravessado pelos raios do sol. O Espírito Santo ennobrece as nossas faculdades pela sua graça: acende nelas *o facho da fé* (II Cor. IV, 6) e *o fogo da divina caridade* (Rom. V, 5). Dá-nos a *faculdade* de crer em Deus, de ter esperança nêle, de o amar (Ver pág. 75). Por outros termos, derrama em nós **as três virtudes teologais** (Conc. de Tr. 6, 7). Torna-nos também capazes de seguir as inspirações do Espírito Santo e dóceis aos seus impulsos; por outras palavras: dá-nos **os seus 7 dons.** A alma em que habita o Espírito Santo *é levada para o bem*, como o ferro em brasa se deixa fàcilmente dobrar. Esta acção é muito visível em S. Paulo; apenas êle a sentiu, exclamou: «Senhor! que quereis que eu faça?» (Act. Apóst. IX, 6). E como a graça inclina a vontade à prática do bem moral, por ela *possuímos* **as virtudes morais** (como faculdades, não como hábitos, que só podem ser adquiridos pelo exercício). — Dêste modo a nossa vida espiritual torna-se *outra*. A *vida interior de um santo* difere radicalmente da vida de um *mundano*. Êste, não possuindo o Espírito Santo, não pensa habitualmente senão nos bons bocados, no jôgo, nos prazeres, no dinheiro, nas honras; tem o amor do mundo, *mas falta-lhe a paz interior*; o outro, pelo contrário, pensa habitualmente em Deus, procura dar-lhe prazer, tem o amor de Deus. Por isso, S. Paulo dizia: «Não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim». (Gál. II, 20). Um homem assim despreza as coisas terrenas, goza *paz interior* e uma inenarrável consolação, a-pesar dos maiores sofrimentos: o Espírito Santo é com efeito o *Consolador* (S. Jo. XIV, 26).

4. O Espírito Santo dá-nos o verdadeiro *contentamento*.

Concede-nos o Espírito Santo uma paz que é *superior a todo o entendimento* (Fil. IV, 7). Quem está em estado de graça, e por conseguinte na luz do Espírito Santo, assemelha-se a um *viajante* que segue seu caminho *à luz do sol* e sob um céu sereno, e que portanto vai contente. Mui diversamente sucede ao homem que perdeu a luz da

graça e caíu nas trevas do pecado; é êste como o viajante obrigado a caminhar de noite, com tempestade, e que vai murmurando cheio de mau humor. Quando um *rouxinol* vê despontar o dia, canta com tal ardor que parece estar; assim é a alegria da alma quando vê nascer em si o sol da justiça (S. Vic. Férrer). O gêlo não se dissolve na água emquanto o calor o não penetra e o faz derreter; assim a alma não se enche de consolação e de ânimo senão quando o Espírito Santo a penetra (Alb. Stolz).

5. O Espírito Santo é nosso *mestre* e *educador*.

Nosso Mestre. Êle ensina-nos *a doutrina da Igreja católica;* a unção que dêle se recebe instrui em todos os pontos dela (S. Jo. II). Pode-se aprender a doutrina cristã sem o Espírito Santo; mas sem êle não se pode apreender; é uma sciência morta. Pode-se ver o corpo humano, sem poder dêle inferir a natureza da alma; assim também se pode, sem o Espírito Santo, ouvir exteriormente a palavra de Cristo, sem lhe atingir o sentido nem o alcance. Na *escuridão,* é quási impossível ler um *livro;* assim a palavra de Deus ficará para nós incompreensível sem a luz do Espírito Santo (Alb. Stolz). O que nos diz o Espírito Santo é infalível, mas nós *nunca temos a certeza* de que o Espírito Santo nos falou; todo o católico, por muito esclarecido que seja, é, pois, obrigado a cingir-se estritamente ao ensino *da Igreja.* Quem não o aceita, não tem em si o Espírito Santo (S. Jo. IV, 6). — O Espírito Santo é também nosso **Educador;** dirige-nos como um pai conduz o seu filho pela mão através de maus caminhos. «Aquêles que estão em estado de graça são *conduzidos* por Deus de modo muito especial; podem dizer: não sou eu que me governo, é Deus que reina em mim». Os justos têm *realmente o reino de Deus em si* (Cat. Rom.), como Cristo havia dito: «O reino de Deus está em vós» (S. Luc. XVII, 21).

6. O Espírito Santo excita-nos às *boas obras* e torna-as *meritórias* para o céu.

O Espírito Santo **excita-nos às boas obras.** Pairando sôbre as águas da criação primitiva, êle tirou do caos as plantas, os animais e os homens; faz o mesmo sôbre nossas almas. Pela sua luz celeste e pelo seu calor divino,

faz-lhes produzir *frutos do amor de Deus* que durarão tôda a eternidade (Scheeben). O vapor move a máquina, e o Espírito Santo (em grego: sôpro), que habita no homem, move-o para o bem; êle trabalha em nós como um operário numa *mina* (Fénelon). A *flor* abre aos raios do sol; assim a alma do pecador se abre ao contacto da fôrça de Deus, aos raios da sua luz, e espalha o aroma da virtude e da piedade (S. Macário). O *corpo* move-se sob a influência vivificante da alma, e a alma faz boas obras quando é animada pelo Espírito Santo. Êste está sempre em acção como o *fogo;* excita contìnuamente para o bem como o vento põe em movimento as velas de um *moínho.* — A graça do Espírito Santo torna as nossas **obras meritórias.** A alma torna racionais os actos animais do homem, e o Espírito Santo faz das nossas acções humanas acções santas e por assim dizer divinas. Sem o sol, a *lua* não tem esplendor; sem a graça santificante, as nossas obras não têm merecimento para o céu. O Espírito Santo faz como um jardineiro que enxerta um ramo numa árvore nova e lhe faz produzir não já frutos selváticos, mas frutos cultivados; êle enxerta em nós a graça vivificante, um ramo da árvore de vida, Jesus Cristo, e desde então nós produzimos não já frutos silvestres, isto é, puramente naturais, mas obras *sobrenaturais* e meritórias. Em estado de graça nós somos ramos de *vinha,* unidos à cepa, a Jesus Cristo, que por conseguinte podemos dar frutos (S. Jo. XV, 4). — As boas obras feitas em estado de pecado mortal obtêm-nos simplesmente graças actuais necessárias para a nossa conversão.

7. O Espírito Santo faz-nos *filhos de Deus* e *herdeiros* do céu.

Quando o Espírito Santo entra em nossa alma, renova em nós o mistério do *baptismo de Jesus Cristo,* sôbre o qual desceu naquela ocasião. Deus Pai adopta-nos por filhos bem amados e o céu se nos abre. «Ser contado entre **os filhos de Deus,** é a suprema nobreza» (S. Cir.). Nós não recebemos o espírito de escravidão, mas o espírito de adopção pelo qual exclamamos: Meu Pai! Meu Pai! (Rom. VIII, 15). «Todos os que são movidos do Espírito de Deus, são filhos de Deus» (ibid., 14). Mas, se nós somos filhos, somos também **herdeiros:** herdeiros de Deus e coherdeiros de Jesus Cristo (ibid. 18). Com efeito os

filhos têm sempre um direito aos bens (à herança) do pai. Sabemos que se esta casa de terra, em que vivemos, se dissolver, Deus nos dará no céu outra casa, uma casa que não será feitura de mão de homem, que durará eternamente (II Cor. V, 1). O Espírito Santo ficará eternamente em nós (S. Jo. XIV, 16). — Que esplendor o do homem em estado de graça! Ela é invisível, é verdade, neste mundo, como o fulgor do diamante ainda em bruto. A graça santificante é, por assim dizer, a aurora do sol *divino;* nós estamos na terra esperando que êle nasça em nós, que nos penetre e ilumine com todos os seus raios, com todo o seu esplendor! (Scheeben). David cantava com razão: «Alegrai-vos no Senhor, e rejubilai, ó Justos!» (Ps. XXXI, 11). Com efeito, a maior felicidade, neste mundo, é o Espírito Santo no homem; todo o que o possui, possui o reino mais vasto, o reino de Deus em si mesmo (Luc. XVII, 21). E, contudo, quantos homens há que desprezam esta suprema felicidade, esta filiação divina, e a vendem à miserável carne, a essa presa dos vermes!

4. A graça santificante *conserva-se e aumenta-se* mediante a prática das boas obras e o uso dos meios de santificação confiados à Igreja; *perde-se* pelo pecado mortal.

O rubro do ferro, a luz e o calor de um quarto podem aumentar-se; a graça santificante pode *crescer* numa alma. Que aquêle que é justo se justifique ainda mais! que aquêle que é santo se santifique ainda mais! (Apoc. XXII, 11). Mediante **as boas obras** a justiça é conservada e aumentada (Conc. de Tr. VI, 24); assim, Santo Estêvão, por exemplo, era um homem «cheio de Espírito Santo» (Act. Ap. VI, 5). «Quando o Espírito Santo, que é êle próprio esmola, não vê em ti esmola, abandonar-te-á, porque *êle não fica numa alma sem misericórdia*» (S. Jo. Cris.). As pedras e a erva má não deixam o sol dar aos campos tôda a sua fecundidade; os nossos pecados são impedimentos à acção *plenamente eficaz* do Espírito Santo; é preciso *removê-los* pela recepção dos *Sacramentos* da penitência e da Eucaristia (Alb. Stolz). É preciso que os campos sejam bem preparados para que o sol lhes preste; assim as almas devem ser preparadas para *receber o Espírito Santo, com freqüentes instruções* da doutrina de

Cristo. Êste não procedeu doutra maneira com os Apóstolos. — O **pecado mortal** faz perder a graça santificante; Deus não abandona jamais os que foram santificados pela sua graça, se não é primeiro *abandonado* por êles (Conc. de Tr. VI, 11). A alma não se separa completamente de Deus senão pelo pecado mortal; mas, assim que êste se comete, o Espírito Santo logo a desampara, e acontece-lhe o que acontece *a um corpo que a alma abandona*. Por isso S. Paulo dá êste aviso: «Não apagueis o Espírito Santo» (I Tess. V, 19). O pecado mortal põe entre Deus, sol de justiça, e a nossa alma *nuvens negras de tempestade*, que fazem logo empalidecer o esplendor celeste da nossa alma (Scheeben). O pecado mortal escurece de repente a *alva roupagem* da graça santificante; a perda da graça traz consigo *o obscurecimento do espírito e o enfraquecimento da vontade*. «Quando o sol se põe, a escuridão vela o olhar que perde de vista as coisas; assim a alma, depois do desaparecimento da luz da graça do Espírito Santo, enche-se de trevas e perde a visão clara da verdade» (Luís de G.). Um homem privado da graça, é como um ôlho sem luz. (Ver na II.ª parte: *os efeitos do pecado mortal*). O que *perdeu* a graça santificante pode readquiri-la pelo sacramento da *penitência*, mas só mediante *sérios esforços*. O espírito mau volta a uma alma assim, e leva consigo outros sete espíritos piores que êle (S. Mat. XII, 45). É impossível (isto é: dificílimo) que aquêles que uma vez foram iluminados, e que depois caíram, se renovem pela penitência (Hebr. VI, 4).

5. Aquêle que não tem a graça santificante *está espiritualmente morto* e *morrerá eternamente*.

Assim como o *corpo sem alma* está morto, a alma **sem a graça** do Espírito Santo está **morta** para o céu (S. Agost.); está sentada nas trevas e à sombra da morte (S. Luc. I, 79); não compreende nada do Espírito de Deus, a sua palavra parece-lhe uma loucura (I Cor. II, 14). O que não tem a *veste nupcial*, isto é, a graça santificante, não é admitido no banquête nupcial, mas é lançado nas **trevas exteriores** (S. Mat. XXII, 12). O ramo que não está unido ao tronco seria e é deitado ao fogo; assim será reprovado o que não permanece em Jesus pela graça. O que não tem o Espírito de Cristo, não lhe pertence (Rom., VIII, 9). O que não tem a graça santificante está

em estado de **pecado mortal,** é habitado pelo *espírito mau.*

6. *Ninguém sabe, com a certeza da fé,* se possui a graça santificante ou se a possuïrá no momento da morte.

O homem não sabe se é digno de amor ou de ódio (Eccles. IV, 1). O próprio S. Paulo diz de si: «Não tenho consciência de falta alguma, mas nem por isso estou justificado» (I Cor. IV, 4). *Salomão,* êsse rei de sabedoria tão divina, tornou-se ainda idólatra antes de morrer. «Bem podemos nós ter o *facho* da graça e da caridade; mas estamos muito afastados da nossa habitação, caminhamos ao ar livre e um pé de vento no-lo pode apagar.» (S. Bernardo). O nosso coração assemelha-se a um *vaso de barro;* pode quebrar pelo pecado mortal e entornar o conteúdo, a graça santificante (Teofilacto). Nós trazemos o tesouro da graça em vasos de terra muito frágeis (II Cor. IV, 7). Por isso S. Paulo nos exorta a operar a nossa salvação *com temor e tremor* (Fil. II, 12). Nós podemos ter *confiança* de estar em estado de graça, mas sem revelação especial não podemos ter disso a certeza da fé (Conc. de Tr. VI, 6). — Pode-se, sem dúvida, *das boas obras inferir* o estado de graça, porque árvore má não pode dar bons frutos (S. Matt. VII, 18).

III. Os sete dons do Espírito Santo e as graças extraordinárias

1. Todos aquêles que têm a graça santificante recebem do Espírito Santo os seus *sete dons,* quere dizer: sete aptidões da alma, que fazem com que a nossa alma se deixe fàcilmente esclarecer e mover pelo Espírito Santo.

O espectro solar tem sete côres. O candelabro de sete ramos do templo de Jerusalém figurava os sete dons do Espírito Santo. — Estes dons completam *as quatro virtudes cardiais.* Estas removem simplesmente os obstáculos que nos afastam de Deus, submetendo ao império da ra-

zão as nossas paixões sensíveis (S. T. de Aq.), mas os sete dons impelem-nos para Deus. Aperfeiçoam, iluminam o nosso espírito de sorte que o Espírito Santo pode fàcilmente influir sôbre êle (iluminar a inteligência, mover a vontade). Assim como a escola primária *forma o espírito dos alunos*, de modo que o torna capaz de aproveitar as lições de uma escola superior, assim os sete dons tornam o homem capaz de receber mais fàcilmente o Espírito Santo. — Os sete dons são *sobrepujados* pelas três virtudes teologais, porque os sete dons não fazem mais do que conduzir a alma a Deus: ao passo que as virtudes teologais a unem a êle. — Todo aquêle que *tem em si o Espírito Santo* tem também os sete dons, e quem quer que o perde pelo pecado mortal perde ao mesmo tempo êsses dons. — Quanto *mais progressos fazemos* na perfeição, tanto mais abundante é a participação dos sete dons. Estes aumentam também pela **confirmação.**

Os *sete dons* do Espírito Santo são: os dons da sabedoria, do entendimento, da sciência, do conselho, da fortaleza, da piedade e do temor de Deus.

Os quatro primeiros iluminam a *razão;* os outros fortificam a *vontade*. Estes sete dons são enumerados por Isaías, que diz que o Messias futuro os possuïria (Is. XI, 3). Cristo possui-os, é claro, no grau mais eminente.

1. O dom da **sabedoria** faz-nos reconhecer claramente que os bens temporais são passageiros e que só Deus é o nosso supremo bem.

S. Paulo reputava imundícia tudo o que o mundo ama e admira (Fil. III, 8). Salomão, que tinha gozado do mundo, chama a todos os seus bens e prazeres: *vaidades* (Eccles. I, 2). S. Inácio exclamava muitas vezes: Ó como a terra me aborrece, quando penso no céu!» e S. Francisco de Assis: «Meu Deus e meu tudo!» — Quando o sol está no ocaso, projecta sombras mais compridas; as sombras, ao contrário, são mais pequenas, quando está no meio-dia. O mesmo sucede com o homem: à medida que o Espírito Santo se afasta dêle, as coisas dêste mundo parecem-lhe maiores; se, ao contrário, o Espírito reina no centro dêste coração, elas lhe parecerão pequenas, um puro nada.

2. O dom do **entendimento** faz-nos distinguir a verdadeira doutrina católica de qualquer outra e torna-nos capazes de a defender.

S. Clemente *Hofbauer*, o apóstolo de Viena († 1820), foi primeiro moço de padeiro. Só começou os seus estudos aos 21 anos; fê-los muito ràpidamente e foi obrigado a cingir-se aos conhecimentos teológicos mais elementares; as suas numerosas ocupações no ministério não lhe permitiram ampliá-los depois consideràvelmente. E contudo grandes dignitários da Igreja lhe pediram muitas vezes conselho em controvérsias teológicas e sôbre obras novas; sem longas reflexões, êle apontava o que não era *ortodoxo*. Por modéstia ocultava a iluminação divina dizendo por gracejo: «Tenho o faro católico» (1). O dom do *entendimento* dá-nos uma *convicção* profunda da verdade católica e tal *facilidade* na sua defesa que o mais iletrado pode confundir os inimigos da Igreja. Santa Catarina († 307) refutou 70 filósofos de Alexandria e converteu-os ao cristianismo. O Salvador prometeu com efeito aos seus discípulos «dar-lhes tal sabedoria que todos os seus adversários serão incapazes de lhe resistir e de a contradizer» (S. Luc. XXI, 15).

3. O dom da **sciência** faz-nos compreender claramente a doutrina católica sem estudo especial.

O Santo Cura de Ars († 1859) (2) não tinha feito senão os estudos ordinários, mas prègava com tanta proficiência que até bispos assistiam aos seus sermões e ficavam maravilhados da sua sciência. *S. Tomás de Aquino* († 1274) afirmava muitas vezes ter aprendido mais ao pé do altar do que nos livros. Igualmente *S. Inácio de* Loiola declarava ter saído da gruta de Manresa mais sábio do que se tivesse estado sob a direcção de todos os doutores do universo. *S. Clemente Hofbauer* repetia muitas vezes estas palavras da Escritura: «Eu não tenho a sciência dos livros» (Ps. LXX, 15). O vélho *Simeão* também não tinha aprendido nos livros que o menino deposto em seus braços era o Messias (S. Luc. II, 26). Depois da vin-

(1) «Clem. Hofbauer», por Haringer, pág. 176, 315.
(2) Foi canonizado pelo Santo Padre Pio XI, em 31 de maio de 1925.

da do Espírito Santo os Apóstolos foram revestidos da fôrça do Alto, quere dizer, de uma sciência clara de Deus (ibid. XXIV, 49). Paulo foi arrebatado ao Paraíso e ouviu lá palavras misteriosas (II Cor. XII, 4). Todos os doutores da Igreja, que, a-pesar-das suas numerosas ocupações, escreveram tantos livros, eram dotados com o dom da sciência.

4. O dom do **conselho** faz-nos conhecer nas situações difíceis o que é conforme com a vontade de Deus.

Jesus Cristo respondeu com a prudência à pregunta: «Deve-se pagar o tributo a César?» (S. Mat. XXII, 15). Êste dom fêz proferir a *Salomão* sentenças notáveis (III Reis, III). Aos satélites de Juliano, que preguntaram a S. Atanásio que fugia: «Onde está Atanásio?» — êle respondeu: «Já não está longe.» Era o dom do conselho que o tinha guiado. O monge Notker de S. Gall († 912) era muitas vezes consultado por Carlos o Gordo. Por ciúmes um dos cortesãos quis uma vez humilhar aquêle santo homem. Um dia que êle estava orando na igreja, o cortesão foi direito a êle com seus companheiros e disse-lhe: «Homem sábio, sabes tu o que Deus faz no céu?» — «Sei, replicou Notzer; eleva os humildes e abate os soberbos». Os cortesãos soltaram uma gargalhada, e o tentador retirou-se corrido de vergonha. No mesmo dia caíu de um cavalo e quebrou uma perna. A resposta de Notker era efeito do dom de conselho. Já o Salvador dizia aos apóstolos, ao anunciar-lhes as perseguições futuras: «Não hajais cuidado do que haveis de responder, nem do modo como respondereis; porque mesmo nessa hora o Espírito Santo vos ensinará o que haveis de dizer» (S. Luc. XII, 12).

5. O dom da **fortaleza** faz-nos suportar tudo para cumprir a vontade de Deus.

S. João Nepomuceno († 1393) deixou-se lançar na prisão, torturar com ferros candentes, precipitar no Moldava, antes do que violar o segrêdo da confissão. *Job* não perdeu o ânimo, a-pesar-da ruína da sua saúde e da sua riqueza, a-pesar-da morte de seus filhos, a-pesar-das censuras dos seus amigos e de sua mulher. *Abraão* estava

prestes a sacrificar o seu estremecido filho único, porque Deus o queria. O dom da fortaleza residia em grau eminente no coração dos *mártires*, dos *confessores* e dos *penitentes*, mas sobretudo no coração da *Mãe de Deus*, a raínha dos mártires. «Ela foi tão constante durante a paixão do Salvador, que na falta de algozes ela mesma teria crucificado seu Filho, se Deus lho houvesse ordenado, porque ela tinha o dom da fortaleza em grau muito mais elevado que Abraão» (S. Af.).

6. O dom da **piedade** leva-nos a honrar a Deus com fervor cada vez maior e a cumprir cada vez mais perfeitamente a sua santa vontade.

S. Luís afastava-se com pesar do tabernáculo, mesmo depois de horas de adoração; o seu confessor era obrigado a ordenar-lhe que abreviasse as suas visitas. Muitos santos derramavam lágrimas durante as suas orações e na meditação das coisas divinas. Que piedade, que profunda adoração de Deus! *Santa Teresa* tinha feito voto de fazer sempre o que considerasse mais perfeito, e Santo Afonso o de nunca estar ocioso.

7. O dom do **temor de Deus** faz-nos temer a mínima ofensa a Deus como o maior mal do mundo.

Êste dom levou os *três jovens* na fornalha a preferir a morte à apostasia. *S. Francisco Xavier* dizia, no meio de uma travessia perigosa: «Nós nada tememos senão ofender a Deus todo poderoso» (Sôbre o temor de Deus, ver pág. 137).

2. Alguns homens recebem do Espírito Santo dons *extraordinários*, por exemplo, o dom das línguas, dos milagres, do discernimento dos espíritos, das visões, dos êxtases, etc.

No dia de *Pentecostes* os apóstolos receberam o dom das línguas; *S. Francisco Xavier*, o apóstolo das Indias, também o teve. *S. Brás* († 316) curou uma criança doente da garganta. Os *profetas* do Antigo Testamento tinham o dom de predizer o futuro. *S. Pedro* conheceu os pensa-

mentos de Ananias. *Catarina Emmerich*, religiosa de Dülmen († 1824), viu em espírito tôda a vida de Jesus, da SS. Virgem e de grande número de Santos (1). *Santa Catarina de Sena* († 1380) caía em êxtase depois das suas comunhões e estava suspensa no ar. O príncipe Alexandre de Hohenloe († 1849), conselheiro episcopal em Bamberg, depois cónego de Grosswardein, curou muitos doentes com as orações, pela imposição das mãos ou simplesmente por uma ordem; muitos sacerdotes piedosos tiveram êste dom nesta época de incredulidade. (Ver as promessas de Jesus Cristo em S. Marcos, XVI, 17). Bernadette Soubirous caíu também em êxtase perante a aparição da Virgem na gruta de Lourdes (1858). Os estigmas, isto é, a impressão, num corpo, das Chagas do Salvador, são também um dom extraordinário do Espírito Santo. Contam-se cêrca de 50 pessoas de eminente santidade cuja estigmatização é autênticamente conhecida, entre elas: S. Francisco de Assis, na aparição do Mont'Alverne, Santa Catarina de Sena, e nos tempos modernos Catarina Emmerich em Dülmen e Maria de Mörl († 1868) em Caldern, no Tirol meridional. — Estes dons são distribuídos pelo Espírito Santo *como lhe apraz* (I Cor. XII, 11). O sol, iluminando as flores, faz-lhes espargir diferentes perfumes; assim o Espírito Santo, com a sua luz divina, produz nos justos resultados diversos e concede-lhes dons *segundo o temperamento* dêles (Luís de Gran.).

O Espírito Santo não concede estas graças extraordinárias senão *para salvação das almas* e *proveito da Igreja.*

Era êste o caso *no tempo dos Apóstolos* (I Cor. XII, 14). Deus é como um jardineiro que não rega as plantas senão emquanto são novas (S. Greg. Mag.). Quando *a verdadeira fé corre perigo*, Deus socorre a Igreja com graças extraordinárias; elas não devem ser utilizadas senão em vista do bem comum (I Cor. XIV, 12). O negociante não deixa nunca o seu dinheiro na caixa sem o fazer render; assim Deus não quere que as suas graças fiquem inutilizadas, quere que os homens as aproveitem (S. Iren.). As graças extraordinárias (2) **não fazem o homem melhor**

(1) As suas obras, muito interessantes, estão editadas por Schmoeger, na livraria Pustet, de Ratisbona.
(2) A teologia chama-lhes «graças gratis dadas».

em si. São *talentos* que Deus dá segundo lhe apraz, como a riqueza, os cargos, uma longa vida. Sem dúvida, são *dons preciosos* com os quais se pode fazer muito bem e granjear muitos merecimentos; por isso Santa Teresa dizia: «Eu não trocaria um só dêstes dons por todos os bens e tôdas as alegrias do mundo; eu sempre os considerei como um grande benefício do Senhor e um inestimável tesouro». Estes bens, em si, não aumentam o valor duma alma: isso só o *bom uso* dêles o faz. Pode-se ter o dom dos milagres e perder a alma. Os milagres não dão certeza alguma de salvação (S. Fulgêncio). O próprio Judas, diz-se, fêz milagres. Estas graças, portanto, nem sempre são **prova de santidade:** o mesmo Jesus Cristo o afirma (S. Mat. VII, 22). Contudo dificilmente se encontraria na Igreja um Santo que não tenha tido dêstes dons extraordinários do Espírito Santo. «Em regra geral, diz Bento XIV, estes dons não são concedidos aos *pecadores,* mas aos justos; se portanto êles se encontram unidos a virtudes heróicas, são uma prova brilhante da sua santidade». Estes dons extraordinários são muitas vezes *acompanhados de grandes sofrimentos,* por ex. de aridez interior, de tentações diabólicas, de doenças, de perseguições, de incómodos por parte dos superiores, etc., etc.

3. Estes dons do Espírito Santo foram concedidos *em tôda a sua plenitude* a Jesus Cristo (Act. Apóst. X, 38), *muito abundantemente* à SS. Virgem, aos Apóstolos, aos Patriarcas e aos Profetas do Antigo Testamento e a todos os santos da Igreja católica.

IV. Govêrno da Igreja pelo Espírito Santo

O Espírito Santo conserva e governa a Igreja Católica.

O Espírito Santo é para a Igreja o que a alma é para o corpo; a acção de um e de outra é invisível. — O Espírito Santo pode chamar-se o *arquitecto* da Igreja. Na criação êle formou, organizou, vivificou tudo; o mesmo

faz na renovação, na redenção das almas: é por êle que se realizou a Incarnação (S. Luc. I, 35), era êle que operava na humanidade de Cristo (ibid. IV, 18; Act. Ap. X, 38), êle continua e acaba o edifício da Igreja fundada por Cristo (Ef. II, 20).

1. O Espírito Santo preserva a Igreja da *ruína* (S. Mat. XVI, 18) e do êrro (S. Jo. XIV, 16).

2. O Espírito Santo assiste *aos chefes* da Igreja nas suas funções sagradas (Act. Ap. XX, 28), especialmente ao *Papa*, vigário de Jesus Cristo.

O Espírito Santo inspira-lhes o que êles devem ensinar (S. Mat. X, 19), e fala por êles como pelos apóstolos no dia de Pentecostes (ib. X, 20). Assim como o vento dirige as nuvens, o Espírito Santo move os arautos do Evangelho e lhes inspira o que devem dizer (S. Greg.). A pena escreve o que o escritor quere: assim os prègadores do Evangelho não falam por si mesmos, mas segundo a inspiração do Espírito Santo (S. Bas.). Deus fala às almas pela bôca dos sacerdotes (S. T. de Vilanova).

3. O Espírito Santo suscita na Igreja, *nas épocas de provação*, homens providenciais.

Na época dos Arianos, *S. Atanásio* († 373); na época da decadência, *S. Gregório VII* († 1085); na época dos Albigenses, *S. Domingos* († 1221); por ocasião do grande scisma do Ocidente, *S. Catarina de Sena* († 1380); *S. Inácio* († 1556) ao tempo de Lutero; os milagres póstumos de *S. João Nepomuceno* († 1393) na época dos Hussitas, na Boémia. Já no Antigo Testamento encontramos homens como Abraão, José, Moisés, que Deus escolheu para seus instrumentos.

4. O Espírito Santo faz de modo que na Igreja Católica haja *sempre santos*.

3. Aparições do Espírito Santo

O Espírito Santo apareceu sob a forma de uma pomba e de línguas de fogo, para simbolizar as suas operações.

O Espírito Santo apareceu sob a forma de uma **pomba** e de línguas de fogo, porque êle torna **meigos** e ardentes todos aquêles a quem enche; aquêle que não tem estas duas virtudes não está cheio do Espírito Santo (S. Greg. Mag.). O Espírito Santo desceu sôbre Cristo sob forma de pomba por causa da sua grande doçura para com os pecadores (id.) — O Espírito Santo apareceu sob forma de **línguas**, porque êle dá aos homens a graça de *falar*, de tal modo que êles inflamam o próximo em amor de Deus (id.); porque a Igreja sob a sua direcção deve falar a *linguagem de todos os povos* (id.); porque êle procede do *Verbo* (palavra) *eterno* e conduz os homens a êste Verbo; ora a palavra e a língua estão em íntima relação (id.) — O Espírito Sento apareceu sob forma de línguas de **fogo**, para purificar as almas da *ferrugem* do pecado, para dissipar as *trevas* da ignorância, para derreter o gêlo dos corações e os tornar *ardentes* de amor para com Deus e para com o próximo, para nos tornar fortes como o fogo endurece os vasos de barro, moldados pelo oleiro. «O nosso Deus é um fogo devorador» (Hebr. XII, 29). — O Espírito Santo aparece no meio de um **vento impetuoso.** Uma tempestade violenta derruba tôrres e desarreiga as árvores; o Espírito Santo pela prègação dos apóstolos derruba a idolatria, o poder do tiranos, a sabedoria e a eloqüência dos filósofos (P. Faber).

9. Art.° do Símbolo: A Igreja

1. A Igreja católica e a sua organização

I. A Igreja católica é uma *instituïção* visível, fundada por Jesus Cristo, em que os homens são *educados* para o céu.

A Igreja católica, que quere dizer universal (mundial), foi fundada por Jesus Cristo para continuar a sua obra depois da sua ascensão: *a educação da humanidade para o céu*. A Igreja é uma **instituïção** análoga a uma escola. A escola tem por fim a educação das crianças, em parte para fazer delas bons *cidadãos do Estado;* a Igreja, para formar *bons cidadãos para a pátria celeste*. Cada escola tem o seu *chefe*, o seu director, os seus *mestres* e os seus *estudantes* (ouvintes). Em cada escola há um programa das *matérias a ensinar, meios de instrução*, quadros, mapas, etc., *regras disciplinares* para manutenção da ordem (1). — A Igreja é **visível;** tem um chefe visível, um sinal visível de iniciação (o baptismo) e uma profissão exterior (visível) de fé. Por isso Cristo a compara com objectos visíveis: uma cidade situada sôbre o monte, um facho sôbre um candelabro. A Igreja é também chamada corpo (Ef. I, 22), casa de Deus (I Tim. III, 15), cidade santa (Apoc. XXI, 10). A Igreja está, portanto, *em tôda a parte onde há cristãos católicos* e sacerdotes católicos. Os hereges excluídos da Igreja, mas desejosos de pertencer a ela, pretendem que a Igreja é invisível; os livre-pensadores prefeririam também que a Igreja visível não existisse; isto dispensava-os de a escutar. — Sob o nome de Igreja não entendemos, pois, a **construção material** que também tem êste nome, embora a Igreja como instituïção tenha certa analogia com o edifício (Ef. II, 21); ela tem uma *pedra angular* viva, Jesus Cristo, que pelo Espírito Santo une os fiéis na grande *família de Deus;* e muitas *pedras fundamen-*

(1) O catequista fará desenvolver ao aluno esta triplice analogia.

tais — os apóstolos (Apoc. XXI, 14), e *pedras de construção* — os fiéis. As pedras de um edifício precisam ser *bem talhadas* e *bem cimentadas;* assim as pedras vivas da Igreja, os fiéis, são trabalhados para o céu por meio de tentações e de sofrimentos, e fortemente unidos pela verdadeira caridade. — Sob o *nome* de Igreja católica também **não entendemos a religião católica.** A Igreja é para a religião o que o corpo é para a alma; a Igreja e a religião são indissolùvelmente unidas.

A Igreja católica é muitas vezes chamada: *reino dos céus,* reino de Deus, *sociedade* de todos os fiéis cristãos.

S. João Baptista e o próprio Jesus Cristo anunciavam que o **reino dos céus** estava próximo (S. Mat. III, 2; IV, 17). A maior parte das parábolas de Jesus acêrca do reino dos céus referem-se à Igreja católica; ela é, com efeito, devido à sua jerarquia (Papa, cardiais, bispos, sacerdotes, diáconos, fiéis) semelhante a um reino, e, como tem por fim educar os homens para o *céu,* chama-se com justo título *reino dos céus.* — A Igreja é o povo de Deus disperso sôbre tôda a terra (S. Agost.). A Igreja é a **sociedade dos fieis** (S. Tom. de Aq.). Poder-se-ia também chamar à Igreja uma grande *associação,* uma grande comunidade. Cristo a comparou a um redil, onde, como bom pastor, êle quere reünir tôdas as suas ovelhas (S. Jo. X).

A Igreja é justamente chamada **Mãe dos cristãos,** porque pelo baptismo lhes dá a verdadeira *vida da alma,* e porque educa seus filhos como uma mãe.

A mãe dá **a vida** ao filho, e a Igreja no baptismo dá ao homem a graça santificante, que nos confere um direito ao céu. A Igreja é, pois, a mãe do homem, se não a mãe do corpo, ao menos a mãe da alma do cristão. — A Igreja é também nossa mãe porque ela tem que nos **educar.** Quando o pai parte para uma viagem deixa os filhos com a mãe e transmite-lhe a sua autoridade. Jesus Cristo fêz o mesmo ao deixar a terra: deixou-nos à nossa mãe, à Igreja, e deu-lhe plena autoridade sôbre nós (S. Jo. XX, 21). É preciso, portanto, honrar a Deus como a nosso pai, e à

Igreja como a nossa mãe (S. Agost.). Se nós já amamos a nossa *pátria* terrestre, porque nela nascemos e recebemos educação, se estamos prontos a morrer por ela, com mais forte razão somos obrigados a amar a Igreja, à qual devemos a vida eterna; é justo, com efeito, que dêmos preferência aos bens superiores da alma sôbre os do corpo (Leão XIII).

2. A Igreja *educa* o homem para o céu, exercendo o tríplice ministério que lhe foi conferido por Cristo: o ministério doutrinal, sacerdotal e pastoral.

A Igreja ensina a *doutrina* de Cristo, aplica *os meios de santificação* instituídos por êle e *governa* os membros da Igreja. — O ensino da doutrina de Cristo faz-se pela prègação; a aplicação dos meios de santificação pelo oferecimento do santo sacrifício, pela administração dos sacramentos, pelas bênçãos, consagrações e devoções públicas; o govêrno, pela promulgação das leis (preceitos e proïbições; por ex. a proïbição de ler certos livros perigosos), pela aplicação de certas penas a graves delitos (por ex. a excomunhão, quere dizer, a exclusão da comunhão dos fiéis), etc.

Êste tríplice ministério foi exercido *pelo mesmo Jesus Cristo*, que o transmitiu aos *Apóstolos* e aos seus sucessores.

Jesus Cristo *prègou*, por exemplo, o sermão da montanha; dispensou *graças*, por exemplo, perdoando os pecados à Madalena, dando na última ceia o seu corpo e o seu sangue aos apóstolos, celebrando ali o primeiro sacrifício da missa, abençoando as crianças. Cristo fêz *acto de govêrno*, promulgando leis, enviando os seus apóstolos, repreendendo e castigando a conduta dos Fariseus, etc. — Êste tríplice ministério transmitiu-o aos *apóstolos*. O **magistério doutrinal:** ordenando-lhes, antes da sua Ascensão, que ensinassem a tôdas as nações (S. Mat. XXVIII, 19). O **sacerdócio:** na última ceia deu-lhes o poder de oferecer o santo sacrifício da missa (S. Luc. XXII, 20); depois da ressurreição, apareceu-lhes no cenáculo e confe-

riu-lhes o poder de perdoar os pecados (S. Jo. XX, 23); na Ascensão, ordenou-lhes que baptizassem (S. Mat. XVIII, 19). O **ministério pastoral:** deu-lhes o poder de censurar (S. Mat. XVIII, 17), e ligar e desligar, isto é: de fazer leis e de as abolir. — Cristo fala a seus apóstolos de modo a fazer compreender que se dirige também aos *sucessores* dêles: ao enviá-los a tôdas as nações, antes de subir ao céu, diz-lhes: «Eu estou convosco até à consumação dos séculos» (S. Mat. XXVIII, 20). Com tôda a evidência, estas palavras não se referiam ùnicamente aos apóstolos.

3. Jesus Cristo é o chefe e o *rei* da Igreja.

Já os profetas haviam anunciado que o Messias seria um grande **rei** (Ps. II) cujo reino duraria eternamente e abrangeria tôdas as nações da terra. O arcanjo *Gabriel*, por seu turno, diz a Maria que o Salvador seria um rei cujo reino não é dêste mundo (S. Jo. XVIII, 36). Cristo dirige e governa a Igreja dum modo invisível pelo *Espírito Santo*, como a cabeça rege os membros do corpo, pelo que S. Paulo chama a Cristo **chefe** (cabeça) da Igreja, e à Igreja *corpo* de Cristo (Ef. I, 23). Todos os cristãos constituem o Corpo de Cristo; cada cristão é um membro dêsse corpo (I Cor. XII, 27). Chama-se a Jesus Cristo **chefe invisível** da Igreja, porque êle não reside *na terra* de modo visível. Por causa do seu amor à Igreja, Cristo é chamado **espôso** dela, e a Igreja sua espôsa (Apoc. XXI, 19). Cristo serviu-se muitas vezes desta comparação; entre outras na parábola do festim nupcial (S. Mat. XXII). S. Paulo diz que por amor à Igreja Jesus Cristo se fêz escravo, como Jacob para obter a mão de Raquel (Fil. II), e que deu a vida pela Igreja (Ef. V, 25). A palavra Igreja vem de uma palavra grega que significa *assembleia*, e S. Agostinho faz observar que esta palavra grega *Ecclesia* significa aquêles que são chamados pela graça, ao passo que a *Sinagoga* designa aquêles que foram constrangidos pela coacção da lei.

4. A Igreja católica compõe-se de Igreja *docente* e de Igreja *discente*. A primeira é constituída pelos chefes da Igreja, o papa, os bis-

pos, e, num sentido mais largo, pelos sacerdotes; a segunda, pelos simples fiéis.

A palavra *papa* vem do grego *papas:* pai; *bispo* (1) de *episcopus:* vigiador; *presbítero* de *presbyter:* ancião. Contudo os padres não têm por si mesmos o poder de ensinar, recebem-no do bispo e não o exercem senão por consentimento dêle. A divisão indicada mais acima corresponde também a de *clero* e *leigos.*

2. O chefe da Igreja

O apoio mais sólido da Igreja é o seu chefe; êle é a rocha sôbre a qual ela está fundada (S. Mat. XVI, 18), e serve principalmente para lhe *conservar a unidade.* A existência de um chefe evita as ocasiões de scisma (S. Jer.). Um navio sem capitão, um exército sem general, estão condenados ao naufrágio e à derrota; assim a Igreja caïria em ruína sem o seu chefe, o centro da unidade (S. Jo. Cris.). Os inimigos da Igreja *atacam* o seu chefe com tanta violência porque com o desaparecimento do pilôto contam com a ruína do navio (S. Cip.). Entre os Papas não há menos de 40 mártires.

1. Cristo constituíu *S. Pedro* chefe dos Apóstolos e dos fiéis; com efeito, disse-lhe: «Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas», entregou-lhe as *chaves* do reino dos céus e muitas vezes o honrou com *distinções particulares.*

Depois da sua ressurreição, Jesus Cristo apareceu aos apóstolos nas margens do *lago de Genesaré* e preguntou três vezes a S. Pedro se o amava, e obtendo resposta afirmativa confiou-lhe a *condução* **(o apascentar)** das ovelhas, isto é, dos apóstolos, e dos cordeiros, isto é, dos fiéis (S. Jo. XXI, 15). Os apóstolos, que perante as na-

(1) A palavra «pontífice» é tirada dos cultos antigos. Aplicava-se em Roma aos sacerdotes encarregados da «Ponté Sublicia». «Sacerdócio» vem das palavras «sacra dare»: oferecer as coisas sagradas.

ções são pastores, são aqui chamados ovelhas, em relação a S. Pedro (Bossuet). — Já antes da sua ressurreição Jesus Cristo tinha prometido a S. Pedro o primado na Igreja. No *caminho de Cesareia de Filipe* tinha louvado a Pedro pela corajosa profissão de fé na sua divindade e tinha-lhe dito: «Tu és Pedro e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja e *as portas do inferno* (o poder de todos os demónios) não prevalecerão contra ela (não a poderão derrubar). Eu te darei **as chaves do reino dos céus** (o poder supremo na Igreja) e tudo que tu *ligares* na terra será ligado no céu, e tudo que tu *desligares* na terra será desligado no céu: o que tu ordenares será como se eu mesmo o houvesse ordenado, tudo que permitires será como permitido por mim» (S. Mat. XVI, 18). — **As distinções conferidas a S. Pedro.** Jesus Cristo mudou-lhe o nome, Simão em Pedro; levou-o consigo nas circunstâncias mais importantes da sua vida: no Tabor, no horto das Oliveiras; pagou por êle o tributo; ressuscitado, apareceu-lhe primeiro que a todos os outros apóstolos. (S. Luc. XXIV, 34; I Cor. XV, 5), etc.

S. Pedro *procede sempre como chefe* dos apóstolos e foi reconhecido por êles como tal.

S. Pedro *procede como chefe* dos apóstolos: no Pentecostes toma a palavra em nome dêles; recebe os *primeiros judeus* na Igreja e, em Cesareia, os primeiros pagãos; opera o *primeiro milagre;* ordena a eleição de um novo apóstolo; defende os apóstolos diante do tribunal; faz prevalecer o seu parecer no *concílio apostólico* de Jerusalém, no ano 51. — S. Pedro *foi reconhecido* como chefe pelos apóstolos. Os evangelistas, quando *enumeram os apóstolos,* nomeiam sempre Pedro em primeiro lugar (S. Mat. X, 2; S. Marc. I, 26; Act. Ap. II, 14). S. Paulo, depois da sua conversão, julgou necessário ir a Jerusalém para se apresentar a S. Pedro (Gál. I, 18; II, 2).

2. Tendo S. Pedro morrido bispo de Roma, o primado e o poder de Pedro passaram ao bispo de Roma.

Está històricamente demonstrado que S. Pedro foi bispo de Roma durante mais de 25 anos. A sua presença em

Roma (44-69) e o seu *martírio* são assinalados por numerosos testemunhos. Cêrca do ano 65, S. Pedro escreve numa das suas epístolas: «A Igreja que há em *Babilónia*... e meu filho Marcos vos saúdam» (I S. Ped. V, 13); ora os primeiros cristãos davam êste nome a Roma, porque pela sua grandeza e corrupção se assemelhava à antiga Babilónia (1). O papa *Clemente de Roma* escrevia cêrca do ano 100: «Pedro e Paulo foram martirizados com inumeráveis eleitos e *nos* deixaram um exemplo admirável». *Tertuliano*, sacerdote de Cartago (200), celebrava a felicidade da Igreja de Roma, que tinha presenciado a morte de Pedro, como do Senhor, e de S. Paulo, como de João Baptista. O seu contemporâneo *Orígenes*, o mestre da célebre escola de Alexandria, conta que Pedro foi crucificado em Roma e, a seu pedido, com a cabeça para baixo. Emfim, desde tempo imemorial, Roma possui o **túmulo** *de S. Pedro*. Os seus ossos repousam numa catacumba situada sob o circo de Nero; o terceiro papa elevara já sôbre êste túmulo uma capela e Constantino Magno uma esplêndida basílica (324). Como esta ameaçasse ruína, os papas levantaram a imensa basílica actual (2), terminada em 1626, após 100 anos de trabalhos. A sede episcopal de Roma é, desde remotíssima antigüidade, chamada *sede de Pedro*.

Os bispos de Roma *exerceram* sempre na Igreja o poder supremo e foram sempre *reconhecidos* como chefes da Igreja.

Rebentaram *dissensões* na Igreja de Corinto nos fins do primeiro século, o litígio não foi levado à presença do apóstolo João, que vivia ainda em Éfeso, mas diante de Clemente, bispo de Roma, cuja epístola produziu grande efeito em Corinto. — Cêrca de 190, o bispo de Roma, Vítor, ordenou aos cristãos da Ásia Menor que celebrassem a *Páscoa* com a Igreja de Roma e não com os judeus; como hesitassem em obedecer, Vítor ameaçou-os com exco-

(1) Além de que «Babilónia» não existia nem como Igreja, nem como cidade, ao tempo de S. Pedro, nem foi mencionada em documento algum anterior ao III século, nem há memória de Bispo algum daquela Igreja até ao VI século, nem da presença ali de S. Marcos juntamente com S. Pedro. O próprio Renan reconheceu que «Babilónia» ali significa Roma. (N. do T.)

(2) Pode conter 100:000 pessoas; 112 lâmpadas ardem continuamente diante do túmulo de S. Pedro.

munhão e êles logo se submeteram. — No *III* século (cêrca de 250), o bispo de Roma, Estêvão, proïbiu aos bispos do *Norte de África que rebaptizassem* os apóstatas que regressavam à Igreja católica, e ordenou que lhes impusessem sòmente as mãos. Alguns bispos recusaram-se e Estêvão obteve a submissão, ameaçando que os excomungaria. Os bispos de Roma tinham a *presidência* em *todos os concílios gerais*, desde o primeiro de Niceia até ao mais recente. — Quando surgia uma *heresia*, os bispos comunicavam-no imediatamente a Roma; muitas vezes apelavam para ela quando se julgavam vítimas de alguma injustiça, por exemplo *S. Atanásio*, bispo de Alexandria, deposto pelo imperador e restabelecido pelo Papa (cêrca de 350). O bispo de Roma é muitas vezes chamado *Sumo Pontífice ou bispo dos bispos*. Quando a carta de S. Leão Magno foi lida no concílio de Calcedónia (em 451), os bispos reünidos exclamaram: Pedro falou pela bôca de Leão, aquêle que tiver outra fé seja anátema! — Cristo quere que S. Pedro tenha sucessores sem interrupção *até ao fim do mundo* (Conc. Vat.). Portanto nunca existirá um tempo em que a Igreja esteja sem papa. Os tronos caíram em grande número no correr dos séculos, nações e impérios desapareceram, só o Papado, tão odiado e tão perseguido, está ainda de pé.

3. O Bispo de Roma, por conseguinte, é chamado Papa, ou Santo Padre, Sua Santidade, Pai da cristandade, Vigário de Jesus Cristo.

Tendo o Salvador dito a Pedro: «Tu és bem-aventurado, Simão, filho de João» (S. Mat. XVI, 17), aos papas se deu o título de «Sua Beatitude» (beatissime Pater); em lugar dêle se lhe dá hoje o de *Sua Santidade*, título que se aplica à sublime dignidade dêste ministério. — A função ou o poder do papa é algumas vezes chamada **Sede de Pedro, Santa Sé,** ou **Sede apostólica.** Êste título provém da cadeira ou trono em que, conforme o uso hebreu, Pedro se sentava para ensinar ou celebrar a liturgia. Esta cadeira conserva-se ainda hoje na basílica de S. Pedro.

Sendo a sede do Papa em Roma, o Papa é às vezes chamado *Papa romano* e a Igreja, governada por êle, igreja católica romana.

Contam-se até hoje **261** papas; cêrca de 60 dos quatro primeiros séculos são honrados como *santos;* 33 dentre êsses sofreram o martírio. Exceptuando S. Pedro, Pio IX e Leão XIII, nenhum papa reinou mais do que 25 anos. — O papa *Leão XIII* teve um pontificado longo e fecundíssimo: contribuíu para a abolição da escravatura no Brasil, auxiliou a luta contra êste flagelo na África, fêz cessar a perseguição religiosa na Alemanha, impediu a guerra entre a Alemanha e a Espanha, erigiu mais de 100 sedes episcopais nos países das missões, etc. Escreveu encíclicas notáveis sôbre a franc-maçonaria, a ordem terceira de S. Francisco, o Rosário, o melhoramento da condição dos operários, a reünião das igrejas separadas, etc. — A Leão XIII sucedeu *Pio X* que tomou por lema do seu pontificado «*restaurar tudo em Cristo*». A formação do clero, o ensino da catequese a restauração dos costumes cristãos foram o objecto particular de sua solicitude apostólica. Condenou a obra nefasta do modernismo; ordenou a reforma dos seminários em Itália, e decretou a codificação do direito canónico. Durante o seu pontificado foi muito provado por amargos desgostos, principalmente por causa das perseguições de que a Igreja foi alvo na França e em Portugal. Faleceu a 20 de agôsto de 1914, amargurado pelo comêço da guerra europeia. — Sucedeu-lhe *Bento XV* (1914-1922) que durante a guerra desenvolveu notável acção diplomática, e publicou em 19 de maio de 1917 o Código de Direito Canónico. — A Bento XV sucedeu *Pio XI;* nasceu em Désio, diocese de Milão, a 31 de maio de 1857; foi eleito papa a 6 de fevereiro de 1922 e coroado em S. Pedro a 12 de fevereiro. Tomou por divisa: «A paz de Cristo no reino de Cristo». A Acção Católica, as Missões, a união dos dissidentes, os problemas sociais, a sciência eclesiástica — eis outros tantos problemas que solicitaram a sua atenção. Durante o seu pontificado resolveu-se a questão romana, com os Acordos de Latrão, a 11 de fevereiro de 1929. Causaram-lhe profundos desgostos as perseguições religiosas na Rússia, no México, na Alemanha e em Espanha.

4. O Papa tem no episcopado um *primado de honra* e a **jurisdição** *suprema sôbre tôda a Igreja* (Con. Vat. 4, X, 83).

O papa tem o **primado de honra** na Igreja. «O papa

é o pontífice soberano e o príncipe do episcopado» (S. Bern.). O papa não representa o Salvador com os opróbrios da cruz, mas o Salvador gloriosamente reinante nos céus, e goza das *honras* seguintes: Toma um *nome novo*, como Pedro, cujo nome fôra mudado por Cristo, o que indica que já não deve ocupar-se senão do seu cargo (desde o século X os papas já não tomam senão nomes de antigos papas e distinguem-se dêles pelos números ordinais acrescentados a êsses nomes; só o nome de Pedro não é escolhido em sinal de respeito pelo vigário imediato de Jesus Cristo). O papa usa *tiara*, isto é: uma mitra com três coroas, que representam o magistério doutrinal, o sacerdócio e a realeza pontifícia; é algumas vezes representado com um báculo encimado por uma cruz; é revestido de uma *batina de seda branca*. Saúda-se o papa *beijando-lhe os pés;* a razão está nestas palavras da Escritura: «Como são belos os pés daqueles que anunciam a paz, que anunciam o Evangelho da felicidade». — Mas o papa não tem apenas um primado de honra, tem também **a plenitude da jurisdição na Igreja.** Como **Doutor universal** (Conc. Vat.), como **pastor dos pastores e das ovelhas** (S. Bernardo), é revestido da autoridade suprema *no ensino da fé e dos costumes* (dá decisões definitivas), na *disciplina* e no *govêrno* de tôda a Igreja. Tem, pois, autoridade sôbre cada igreja particular, sôbre cada bispo e cada sacerdote, pode instituir e depor bispos, convocar Concílios, fundar e suprimir ordens religiosas, enviar missionários, conceder privilégios e dispensas, reservar-se a absolvição de certos pecados. Pela mesma razão deve poder *comunicar livremente* com os pastores e fiéis de todo o universo, instruí-los e conduzi-los pelos caminhos da salvação; os fiéis devem também ter livre acesso (liberdade das peregrinações) a Roma (Conc. Vat.). O papa, portanto, tem também **o direito supremo da vigilância** sôbre tôda a Igreja; como **juiz supremo** de todos os fiéis é êle que profere *decisões irrevogáveis* em todos os negócios eclesiásticos contenciosos, e todos têm o direito de *apelar* par êle. — O papa tem um conselho de **70 cardiais** (1) que pertencem às diferentes nações, e que têm (12 dias depois da vacância da Santa Sé) o direito de eleger o novo papa; a reünião eleitoral dos cardiais chama-se *conclave*. Os cardiais têm o título de Eminência, usam um chapéu vermelho e manto de púrpura

(1) Os cardiais não são de instituïção divina.

para lhes recordar que devem estar prontos a derramar o próprio sangue por Jesus Cristo. Os cardiais dirigem a maior parte das secções de administração pontifícia.

5. O papa é independente de todo o poder *temporal*, porque nenhum poder temporal possui o mais leve direito sôbre a direcção da Igreja.

O papa é o **doutor de todos os povos,** que por direito divino *deve ensinar a tôdas as nações as verdades da salvação.* A sua autoridade estende-se a todos os povos e a todos os Estados. Mas como um Estado não tem o direito de se intrometer nos negócios de outro Estado independente, igualmente não o pode ter para embargar a acção do Papa a respeito dos demais Estados. Pelo que o Papa, como mestre dos povos, não pode estar sujeito às leis de imprensa duma nação, nem ser súbdito de algum Estado. De mais o papa, **chefe supremo da Igreja católica,** convém que *esteja em relações com todos os Chefes de Estado,* e por isso não pode estar sujeito às leis sôbre reüniões ou à autoridade da polícia de qualquer Estado. Possuindo o papa a direcção suprema de um *reino espiritual* universal, **entra pelo menos na categoria dos soberanos temporais;** porque, sendo o espírito superior à carne, o chefe espiritual há-de estar, *pelo menos,* na categoria dos supremos chefes temporais, e portanto ter o direito de soberania. Esta soberania e a preeminência do papa sôbre os outros soberanos da terra foram até hoje reconhecidas pelos poderes políticos, que concedem o primeiro lugar entre os Embaixadores das nações junto duma côrte ao *Núncio de Sua Santidade,* que é o chefe nato do corpo diplomático. Freqüentes vezes se têm dirigido os soberanos ao papa, nomeando-o *Juiz arbitral* nas suas questões. E até os usurpadores dos estados pontifícios, pela *lei das garantias,* de 13 de maio de 1871, reconheceram a soberania do papa. Os protestantes, os russos scismáticos e outros filiados em sociedades cristãs, reconhecem que a suprema autoridade eclesiástica tem de ser independente e soberana, pelo que a conferem ao príncipe que tem a soberania temporal da sua nação. Se, segundo a declaração feita em 1815 pelos membros da Santa Aliança (Rússia, Áustria e Prússia), *Jesus*

Cristo é o único Soberano de tôdas as nações cristas, é preciso por conseqüência que o Papa, Vigário de Cristo, tenha a soberania — espiritual — sôbre todos os Estados e príncipes cristãos. — Pode dizer-se: «o papa não tem fôrça para fazer valer o seu direito, isto é, não possui o *poder executivo*, como os outros Estados, e por isso não tem verdadeira soberania». Tal conseqüência é falsa, e quem tal afirma confunde a fôrça física com o direito: quer se possa fazer valer quer não, um direito permanece sempre direito. Seria coisa triste, e digna de selvagens, que um direito deixasse de existir pelo facto de não poder vingar senão mercê da violência.

A independência temporal do papa é reclamada pelo interêsse de tôdas as nações.

Se o papa fôsse súbdito de algum Chefe de Estado, tornar-se-ia fàcilmente ou pareceria um instrumento em suas mãos, e poderia tomar *decisões* (mais ou menos forçadas) *prejudiciais aos interêsses das outras nações*. Assim o entenderam os déspotas de todos os tempos, esforçando-se por alcançar domínio sôbre os papas (isto teve em vista Napoleão, quando tratou de levar a Paris e fazer seu súbdito a Pio VII).

Por isso desde os primeiros séculos os soberanos asseguraram ao papa a independência, fazendo-lhe, no seu próprio interêsse, mercê dos *Estados da Igreja*.

A história diz-nos como os papas se tornaram senhores dos Estados da Igreja. Logo nos primeiros séculos recebeu a Igreja romana doação de grandes patrimónios. Como, desde Constantino Magno, os imperadores e governadores imperiais deixaram de residir em Roma, os papas foram alcançando predomínio, no território de Roma e no sul da Itália, sobretudo quando a autoridade decadente dos imperadores bizantinos foi impotente para assegurar aquêles povos contra as invasões dos bárbaros. É assim que S. Leão, e não o Imperador, foi quem salvou a cidade de Átila, e S. Gregório Magno foi o amparo do povo romano. — Esta soberania, já radicada pela veneração e pelo auxílio efectivo, obteve a legitimação jurídica dos reis francos, que, tendo conquistado os territórios de Itália aos

lombardos, fizeram doação, aos papas, da cidade de Roma, do Exarcado e Pentápole (Pepino o Breve e Carlos Magno). Os papas perderam dezassete vezes a cidade de Roma, e outras tantas a recuperaram. Depois de em 1809 ser tomada por Napoleão I, foi-lhes restituída pelo Congresso de Viena em 1815. Em 1859 foram roubados de novo ao papa todos os seus estados, excepto a cidade de Roma, e em 1870 consumou-se o roubo sacrílego, sendo-lhes tomada Roma para ser a capital do reino de Itália.

Para atenuar o sacrilégio, o govêrno italiano publicou, em 15 de maio de 1871, a *lei das garantias* na qual se concediam ao Sumo Pontífice a inviolabilidade pessoal, as honras de soberano, uma dotação anual de 3.225.000 liras, a ocupação dos palácios do Vaticano e de Latrão e a liberdade de correspondência. Pio IX rejeitou esta lei e, como protesto, resolveu ficar prisioneiro voluntário no Vaticano. Durou esta situação até que o govêrno italiano concluíu um tratado e uma concordata com a Santa Sé, assinados em Latrão a 11 de fevereiro de 1929. O primeiro resolveu a questão romana, a segunda regulou a situação da Igreja em Itália. Segundo o tratado, é derrogada a *lei das garantias;* a Santa Sé aceita a unidade e integridade da Itália com a capital em Roma, e o govêrno italiano reconhece a independência da Santa Sé e a sua soberania sôbre a Cidade do Vaticano. Indissolùvelmente ligada a êste tratado, a concordata põe têrmo à separação da Igreja e do Estado em Itália e adapta-se às prescrições do direito canónico. Resolvida a questão romana, o Papa Pio XI saíu pela primeira vez do Vaticano em 25 de julho de 1929.

6. O papa é também independente de todo o poder *espiritual*, porque êle próprio possui a plenitude dêsse poder.

Quando a autoridade espiritual inferior se afasta do recto caminho, é admoestada pela superior; porém, a autoridade superior *só* pode ser julgada por *Deus* (Bonif. VIII, 1302). O papa nenhum juiz reconhece na terra superior a si; nem ainda mesmo um Concílio ecuménico, composto de todos os bispos do universo, lhe é superior (Eugénio IV, 4 de setembro de 1439, C. Vatic. 4, 3). Se contra o juízo do pontífice se apela para o Concílio ecuménico, quem tal fizer fixa excluído da Igreja católica (Pio IX, 12 de outubro de 1869).

7. O papa manifesta a sua soberania pela *côrte* de que está rodeado.

Na côrte papal há os mesmos costumes e organização que nas outras côrtes temporais. O papa tem, para guarda da sua residência, um pequeno exército de 600 homens, entre êles a *guarda suíça* (cêrca de 100 homens que vêm principalmente dos cantões de Lucerna e Vallais, trajando ainda o hábito antigo: são os guardas das portas). Nas principais solenidades a guarda de honra ao papa é feita pela *guarda nobre*, composta de uns cinqüenta mancebos da nobreza romana, que têm entrada nos aposentos do papa, e algumas vezes são enviados a várias partes do mundo, por exemplo, a levar um chapéu a um bispo recentemente elevado ao cardinalato. Finalmente a *guarda palatina* (uns cinqüenta homens de famílias nobres e distintas), que tem a seu cargo vigiar pela pessoa sagrada do papa. — Além disso, como soberano manda *cunhar moeda*, concede *condecorações*, tem uma bandeira (branca e amarela, em memória das palavras de S. Pedro no milagre da porta Especiosa: «Não tenho prata nem oiro». — Act. III, 6); e acredita embaixadores ou Núncios junto dos diferentes Estados, etc. A alguém causará estranheza êste ruïdoso aparato, e dir-se-á que Jesus Cristo não usou semelhantes pompas; porém, não se deve ignorar que o papa é o Vigário de Jesus Cristo, não perseguido pelos inimigos e humilhado nos tormentos da cruz, mas o divino Salvador gloriosamente triunfante. Além disto, o papa, por motivo da sua autoridade, tem muitas vezes de tratar com os soberanos temporais, pelo que tem de acomodar-se aos seus costumes, se não quiser despojar-se da própria soberania. Assim como os cristãos, por humildes e pobres de espírito que sejam, têm de acomodar-se no trato social aos usos das pessoas mais ou menos elevadas com quem tratam, e sujeitar-se às prescrições da cortesia, para não perder a estima dos homens, também o papa precisa de viver como soberano para tratar com soberanos como de direito lhe compete.

3. Bispos, Sacerdotes, Fiéis

1. Os *Bispos* são os sucessores dos Apóstolos.

Os bispos ocupam o lugar dos Apóstolos (Conc. Vat.). Os bispos estão unidos aos apóstolos pela sua ordenação como o último anel de uma cadeia está unido ao primeiro. — Os bispos não se distinguem dos apóstolos senão pelos limites da sua jurisdição: estes tinham como campo de acção tôda a terra; aquêles não têm senão a sua diocese: além disso, os apóstolos estavam revestidos de uma *infalibilidade pessoal* que os bispos não têm. Isto explica-se pela missão extraordinária dos apóstolos que careciam de poderes e dons extraordinários, como o dom dos milagres, das línguas e a infalibilidade.

O poder dos Bispos consiste em governar a *parte* da Igreja que lhes é confiada pelo Papa e em participar com êle no govêrno da *Igreja universal.*

Os apóstolos já no seu tempo marcaram aos bispos determinadas regiões. Creta por exemplo a Tito, como diz S. Paulo (Tit. I, 5). A região confiada a um bispo chama-se **diocese.** O *bispo* exerce a sua autoridade *pastoral* e *doutrinal,* aceitando e educando candidatos ao sacerdócio, constituindo e conferindo cargos eclesiásticos, dando jurisdição aos confessores e a missão aos catequistas (eclesiásticos ou leigos), aprovando livros, promulgando as pastorais da quaresma, etc. As funções *pontificais* (poder de ordem) são a administração do crisma, a colação das ordens, a absolvição dos pecados que lhe são reservados, a consagração das igrejas, altares, vasos sagrados, santos óleos, etc. — Como participantes no govêrno geral da Igreja, são chamados os bispos aos *concílios* gerais, onde em comunhão com o papa têm voto deliberativo para emanar decretos e fazer leis.

Os Bispos não são, portanto, *simples vigários* do Papa: têm uma *autoridade real no govêrno da Igreja.*

Os bispos têm uma jurisdição, uma autoridade própria na Igreja; são verdadeiramente **pastores** do rebanho que lhes foi confiado (Conc. Vat. IV, 3), porque são «constituídos pelo Espírito Santo para governar a Igreja de Deus» (Act. Ap. XX, 28). Assim como um príncipe herdeiro tem por nascimento um direito real ao govêrno futuro do país, — os bispos adquirem pela ordenação um direito ao govêrno da Igreja que o papa lhes confia; os

bispos são, pois, os **príncipes** da Igreja, e têm com razão êste título. Por terem a jurisdição, a autoridade ordinária imediata, são também chamados *Ordinários*. O conselho que assiste o bispo chama-se *cabido;* os seus membros chamam-se *cónegos*. Quando vaga uma sé, um dêles é eleito *vigário capitular* e governa a diocese até ao fim da vacância. Em direito, é ao Romano Pontífice que compete eleger o bispo; as concordatas podem transferir êsse direito ou ao govêrno, ou ao arcebispo. Para os auxiliarem no govêrno, os bispos têm *vigários gerais*, ou *coadjutores;* para os auxiliarem no exercício dos poderes de ordem têm bispos *auxiliares* ou *sufragâneos*. — O episcopado é uma *dignidade altíssima*, mais alta, segundo S. Ambrósio, que a dignidade régia. Como *sinal da sua dignidade*, os bispos usam a *mitra*, na qualidade de chefes do exército de Jesus Cristo; um *báculo*, símbolo da autoridade pastoral, báculo curvo na extremidade para significar a limitação da jurisdição; um *anel*, como sinal da sua aliança com a Igreja; e uma *cruz peitoral*. Em sinal de respeito, os sacerdotes e os fiéis beijam-lhes o anel; êles têm direito ao título de *monsenhor* e de *Excelência Reverendíssima;* o papa, quando a êles se dirige, chama-lhes *Veneráveis Irmãos*, porque o poder de ordem do bispo é igual ao poder de ordem do papa.

Os Bispos estão contudo *sob a jurisdição* do Papa e devem-lhe obediência.

O papa confere aos bispos o poder de jurisdição; êle é a *raiz* de que os ramos tiram a seiva. Nenhum bispo pode portanto exercer a sua autoridade antes de ter recebido do papa a *instituïção canónica*. Além disso é obrigado a prestar contas cada cinco anos, ao papa, do estado da sua diocese. São também obrigados à visita *ad sacra limina apostolorum* que deve ter lugar quando apresentarem o relatório do estado da sua diocese, os bispos da Europa cada quinquénio e os de fora da Europa ao menos de dez em dez anos (Código de Direito Canónico. Cânon 340 e 341). Pode-se *apelar* para o Papa de uma sentença episcopal. — Os bispos separados da sede de Pedro, que não estão em comunhão com êle, tais como os gregos, os russos, os anglicanos, já não são membros da Igreja e não têm jurisdição alguma. Leão XIII definiu mesmo solenemente que os anglicanos nem sequer têm o poder de ordem.

Os Bispos que têm outros Bispos sob a sua jurisdição chamam-se *Arcebispos* ou Metropolitas.

Estes têm uma preeminência sôbre os simples bispos; têm o direito em certos casos de usar *pallium* (faixa de *lã branca de cordeiro*, que envolve os ombros, símbolo de doçura e de humildade); em certos países recebem honras civis. — Superior aos arcebispos está o **primaz** ou primeiro bispo de uma *nação*. (O Arcebispo de Lião é o primaz das Gálias; o de Malines, primaz dos Países Baixos; o de Salzburgo, primaz da Alemanha; o de Gran, primaz da Hungria; o de Braga, primaz das Espanhas). Os primazes têm superiores a si os **patriarcas**, em certos países *exarcas*, aos quais primitivamente estavam sujeitos os metropolitanos. (Os principais patriarcas eram os de Antioquia, de Alexandria, de Roma, porque estas sedes haviam sido fundadas por S. Pedro) (1). Os títulos de *primaz* e de *patriarca* são hoje puramente *honoríficos;* não implicam jurisdição alguma e são, como o arquiepiscopado, de simples direito eclesiástico. Encontram-se ainda na Igreja **prelados** que sem terem a ordem episcopal têm a mesma linha jerárquica: são dignitários eclesiásticos (geralmente chefes de ordens religiosas) que com os seus subordinados estão isentos da jurisdição episcopal, mas imediatamente sujeitos à Santa Sé. Certos prelados governam mesmo *uma diocese*, sem terem a ordem episcopal; outros há que governam uma região determinada com os seus sacerdotes e fiéis, e que, com o seu território, estão sujeitos à jurisdição episcopal. Existem também sacerdotes que não têm de *prelados* senão o *título honorífico*.

2. Os *Sacerdotes* são os cooperadores dos Bispos.

Na ordenação os sacerdotes recebem do bispo a *vida sacerdotal*, como as crianças recebem de seus pais a vida natural: são *filhos* espirituais *dos bispos*. Ora os filhos nunca têm na casa paterna uma autoridade pessoal; são sujeitos à autoridade paterna e executam as ordens que lhes são dadas. O mesmo se dá com os padres; não têm

(1) Portugueses, há 2 patriarcas: o de Lisboa e o de Goa, patriarca das Índias.

autoridade pastoral na Igreja. *Nos concílios gerais não têm voto deliberativo*, quando muito têm voto consultivo, quando a êles são chamados; também não podem excomungar; não são senão os *auxiliares*, os *cooperadores* dos bispos, às ordens dos quais se devem submeter.

Os padres só têm *uma parte dos poderes do Bispo*, e não os podem exercer sem *autorização dêle*.

Esta autorização chama-se aprovação, missão canónica. — O hábito do sacerdote é a batina preta. Esta côr recorda ao padre o pensamento da morte: o vestido completamente cerrado recorda-lhe que deve ser absolutamente inacessível aos prazeres criminosos ou mundanos.

Os Padres que o Bispo encarrega da administração e cura de almas de uma circunscrição da diocese chamam-se **párocos.**

Esta circunscrição chama-se *paróquia*. Na Igreja grega o pároco chama-se *pope*. Em certos países o pároco (abade ou prior) é apresentado ao bispo por *padroeiros*, indivíduos ou corporações que adquiriram êste privilégio por serviços assinalados que prestaram à paróquia. — O pároco é *o representante do Bispo* na paróquia. Ninguém ali pode exercer uma função eclesiástica sem sua licença (ou do bispo); em particular, só o pároco tem o direito de prègar, de baptizar, de ministrar a extrema unção, de assistir aos casamentos e de presidir aos enterros. — Os párocos não existiam nos primeiros séculos da Igreja, porque os bispos desempenhavam êles mesmos a maior parte das funções sacras, e, mais tarde, enviavam às localidades afastadas, com delegação temporária, sacerdotes adidos à igreja catedral, para celebração dos ofícios e administração dos sacramentos.

Os párocos que são colocados pelo Bispo superiores aos párocos de uma circunscrição maior chamam-se *Arciprestes, Arcediagos, Vigários da Vara*.

Estes procedem em nome do bispo à visita às igrejas, e servem de intermediários entre a administração episcopal e os sacerdotes.

Os párocos das freguesias populosas têm em tôrno de si padres *coadjutores*.

Estes padres chamam-se vigários, capelães, etc., e são nomeados pelo bispo; quando vaga uma paróquia, é confiada provisòriamente a um *encomendado*.

3. *Católico* é aquêle que é baptizado e professa exteriormente que é membro da Igreja católica.

Uma associação considera como membro sòmente aquêle que nela foi recebido; só é membro da Igreja quem nela **foi recebido**: esta iniciação faz-se **pelo baptismo.** O baptismo é a *porta* por onde se entra na Igreja, como a janela que dava acesso à arca de Noé. Por isso a Escritura conta como membros da Igreja os 3:000 judeus que se fizeram baptizar no dia de Pentecostes (Act. Ap. II, 41). Além disso, é preciso fazer **profissão exterior desta qualidade de membro da Igreja.** Todo o que dela *se separa*, por exemplo, por *heresia*, deixa de ser membro da Igreja, *ainda* que diante de Deus não seja eximido das obrigações impostas pelo baptismo; está nos casos de um *soldado* que desertou a sua bandeira e passou ao inimigo. Os *pagãos*, os *judeus*, os *hereges* e os *scismáticos* (Conc. de Florença) não pertencem portanto à Igreja católica, mas sim os **seus filhos baptizados.** Com efeito, o baptismo é um bem só da verdadeira Igreja, os seus *frutos* não pertencem, pois, senão a ela (S. Agost.). Mas estes filhos baptizados são separados da Igreja quando, *chegados à idade de razão, fazem profissão de heresia*, por ex. recebendo a ceia num templo herético. — Os cristãos tiveram a princípio diferentes *nomes*; chamaram-lhes primeiro *Nazarenos*, porque Nazaré era o domicílio de Cristo; mais tarde *Galileus* (estranjeiros), porque os judeus imaginavam que Jesus Cristo era originário de lá. O nome de **cristãos** (Act. Ap. XI, 26) aparece pela primeira vez na grande comunidade de Antioquia, onde S. Pedro, e mais tarde, S. Inácio foram bispos. Nós usamos com razão êste nome de cristãos (*christianus*) que quer dizer *ungidos*, porque interiormente as nossas almas receberam a unção do Espírito Santo, como os nossos corpos a receberam exteriormente no baptismo; demais, a

nossa vocação é tornarmo-nos semelhantes a Jesus Cristo (Rom. VIII, 29). Êste nome não vem dos homens, vem de *Deus* (S. Greg. Naz.). Nós não tiramos o nosso nome nem de um rei temporal, nem de um anjo, nem de um arcanjo, nem de um serafim, mas do rei dêles todos (S. Jo. Cris.). O título de cristão é amado de Deus, mas desprezado pelos viciosos e orgulhosos (S. Teóf. de Antioquia).

Porém, **verdadeiro católico** é só aquêle que, sendo baptizado e membro da Igreja, *se esforça sèriamente* por chegar *à vida eterna*, e que, por conseguinte, *crê* nas doutrinas da Igreja, *observa* os mandamentos de Deus e da Igreja, recebe os *sacramentos* e *ora* a Deus segundo a maneira prescrita por Jesus Cristo.

Portanto, não se é verdadeiro cristão *quando se não sabe sequer a doutrina cristã;* — então está-se no caso de um indivíduo que se diz pintor ou médico e *não entende nada* da sua arte. — Também não se é vêrdadeiro cristão, quando se não vive segundo a moral de Jesus Cristo (S. Justino), que dizia aos Judeus: «Se vós sois filhos de Abraão, fazei também as obras de Abraão» (S. Jo. VIII, 39), o que significa, para nós: «Se quereis ser cristãos, fazei também obras de cristãos». Uma vida má faz-nos perder o título de cristão (Salviano); se, pois, queremos ser cristãos, vivamos como Cristo (S. Greg. Naz.). Verdadeiro cristão é aquêle que é meigo, bom, misericordioso para com todos, que reparte o seu pão com os pobres (S. Agost.). O próprio Cristo diz que se reconhecerão os seus discípulos *pela caridade para com o próximo* (S. Jo. XIII, 35), que é por conseguinte como o uniforme do cristão. — Um cristão que não recebe os *sacramentos*, que não ora, assemelha-se a um soldado sem armas, a um artista que *não exerce* o seu ofício. — Em nossos dias, ah! muitos são os cristãos que não merecem êste nome; usam êste título, porque receberam o baptismo e têm certidão disso, mas vivem como pagãos. Poderíamos chamar a êsses: *cristãos no papel* ou *cristãos-pagãos*. Que responsabilidade para a eternidade! «De um campo mais bem cultivado há o direito de esperar frutos mais abundantes; assim de um cristão se podem exigir

virtudes mais numerosas que de um gentio, porque aquêle tem mais graças à sua disposição» (L. de Gran.).

Cada católico tem *direitos* e *deveres*; tem *direito* aos meios de santificação da Igreja, e o *dever* de obedecer aos chefes da Igreja nas coisas da religião, de contribuir para a sua manutenção assim como para as despesas do culto divino.

O católico pode, portanto, exigir que lhe preguem a palavra de Deus, que lhe administrem os sacramentos, que o deixem tomar parte nos ofícios divinos, e tem o direito à sepultura eclesiástica, etc. — A Igreja não obriga ninguém a entrar no seu grémio, mas todo o que nela entre livremente, ou nela permanece, é obrigado a submeter-se às suas leis. Em certos casos, a desobediência às leis da Igreja pode implicar a *excomunhão*, isto é: a *expulsão do grémio da Igreja*. O excomungado *perde todo o direito aos bens espirituais da Igreja*, à participação nos ofícios divinos, à recepção dos sacramentos, a uma função eclesiástica, à sepultura cristã; deixa de ter parte nas orações, nas bênçãos da Igreja. Incorre-se em excomunhão, *ipso facto*, por certos crimes, por exemplo, pela apostasia, por entrar na maçonaria, por duelo, etc. (Pio IX, 12 out. 1869); outras vezes só se incorre nela depois de *sentença* emanada da autoridade eclesiástica e precedida de admoestações canónicas, e de um processo regular; é assim que Pio IX excomungou os bispos vélhos-católicos Reikens († 1896) e Herzog; que o arcebispo de Münich excomungou o padre Doellinger (1871). Já S. Ambrósio excluíra da Igreja o imperador Teodósio, porque êste havia mandado assassinar pelos seus soldados 7:000 habitantes de Tessalonica, que foram atraídos ao circo sob pretexto de jogos públicos (390). Tendo Teodósio invocado o exemplo de David, Ambrósio replicou-lhe: «Imitaste David no crime; imita-o também na penitência», e não o recebeu de novo na sua comunhão, senão depois de severa penitência. *S. Paulo* também tinha excomungado um membro vicioso da Igreja de *Corinto* (I Cor. V, 5). A Igreja tem os mesmos direitos que a sociedade civil, que pune certos crimes com a pena de *expulsão*; também se excluem das escolas os alunos incorrigíveis.

4. Fundação e extensão da Igreja

Cristo tinha comparado a sua Igreja a um *grão de mostarda*, que é a mais pequenina de tôdas as sementes, mas que, uma vez nascida, produz uma árvore sob a qual podem abrigar-se as aves do céu (S. Mat. XIII, 31). Cristo não compara a sua Igreja senão a uma planta *arborescente*, porque a Igreja, a-pesar-da sua extensão, permanecerá sempre neste mundo num estado de humilhação.

1. Cristo lançou os *fundamentos* da sua Igreja quando durante a sua vida pública reüniu em redor de si certo número de discípulos, entre os quais escolheu doze para Apóstolos e um dêles para chefe.

Cristo, os 12 apóstolos, os 72 discípulos, os homens e as mulheres que o seguiam habitualmente, formavam uma espécie de comunidade.

2. A Igreja não foi definitivamente fundada *senão no Pentecostes*, quando três mil pessoas receberam o baptismo.

O Pentecostes é, pois, o *dia do nascimento* da Igreja, na qual entraram também duas mil pessoas depois do milagre no pórtico do templo.

3. Logo depois da vinda do Espírito Santo, os Apóstolos partiram em nome de Cristo a prègar o Evangelho em todo o universo e fundaram *comunidades cristãs* em numerosas cidades.

O mais zeloso foi *Paulo*, o perseguidor dos cristãos que havia sido miraculosamente convertido no ano 34 (I Cor. XV, 8); percorreu a Ásia Menor, a Europa meridio-

nal e muitas ilhas do Mediterrâneo. *S. Pedro* viajou quási tanto como S. Paulo, depois de ter sido milagrosamente libertado da prisão (44) por intermédio de um anjo; fixou a sua sede em Roma, onde sofreu o martírio com S. Paulo, a 29 de junho de 67. *S. João*, o discípulo predilecto, tinha-se fixado em Éfeso, onde habitou também a S.S. Virgem, e de lá governava as igrejas da Ásia Menor. Seu irmão, *Tiago Maior*, parece que se adiantou até à Espanha (1) (onde as suas relíquias se encontram, em Compostela) e regressou a Jerusalém onde foi decapitado (44). *Tiago Menor* governou a Igreja de Jerusalém e foi precipitado do terraço do templo (62). *André* prègou nos países do Baixo Danúbio e foi crucificado na Acaia. *S. Tomé* e *S. Bartolomeu* evangelizaram os países do Tigre e do Eufrates e a Índia. *S. Simão*, o Egipto e a África setentrional, etc. «Ó homens misericordiosos, exclama S. João Crisóstomo, que reconhecimento vos devemos pela graça da fé que nos granjeastes à custa dos vossos suores e do vosso sangue! Que penas e torturas sofrestes por nós!»

Os Apóstolos fundavam as comunidades cristãs, convertendo e baptizando um certo número de habitantes de uma localidade, e escolhendo aí *cooperadores* aos quais transmitiam uma parte maior ou menor dos seus poderes. Quando se afastavam, escolhiam *um sucessor* e confiavam-lhe os *poderes por inteiro* (Act. Ap. XIV, 22).

Os cooperadores aos quais os Apóstolos confiavam sòmente uma pequena parte das suas funções chamavam-se *diáconos;* aquêles que tinham mais poderes, anciãos ou *sacerdotes;* os sucessores dos apóstolos, *bispos* (anciãos mais idosos, pontífices). — Cristo havia dado aos apóstolos o *poder de escolher sucessores,* porque os revestira dos poderes que êle mesmo havia recebido de seu Pai (S. Jo. XX, 21). Jesus Cristo ordenara-lhes mesmo que os elegessem, porque os encarregou de prègar o Evangelho até ao fim dos tempos (S. Mat. XXVIII, 20).

---

(1) A vinda de S. Tiago à Espanha é assaz controvertida, parecendo mais certo que não se realizou. — *N. do T.*

A comunidade cristã de *Roma* ocupou o *primeiro* lugar entre as outras, porque foi governada por S. Pedro, chefe dos Apóstolos, e porque tôdas as prerogativas e todos os direitos de Pedro passaram ao Bispo da comunidade romana.

S. Inácio, bispo de Antioquia († 107), escreveu aos cristãos de Roma para lhes rogar que não o livrassem; na sua epístola êle chamava à Igreja de Roma *senhora da aliança santa dos fiéis*, isto é, *senhora da cristandade*. S. Ireneu, bispo de Lião († 202), escrevia também: «É preciso que todos os fiéis do universo estejam de acôrdo com a Igreja romana por causa do seu *eminente primado*.»

Tôdas as comunidades cristãs fundadas depois dos Apóstolos tinham a mesma fé, os mesmos sacramentos, o mesmo sacrifício e o mesmo chefe; juntas, formavam *uma única e grande comunidade*, a Igreja católica.

4. Quando rebentaram as *perseguições*, a Igreja *difundiu-se* ainda mais ràpidamente.

Durante os três primeiros séculos, houve **10** *grandes perseguições* suscitadas pelos imperadores romanos; as mais terríveis foram as de Nero (64-68) e de Diocleciano (284-305); êste tirano fêz martirizar mais de dois milhões de cristãos, de sorte que em 10 anos podem-se contar cêrca de 17:000 mártires por mês. O género de martírio era de uma grande variedade; havia a crucifixão (S. Pedro), a decapitação (S. Paulo), a lapidação (S. Estêvão), o lançamento às feras (S. In. de Antioquia). Outros foram assados ao fogo (S. Lourenço), precipitados nas águas (S. Floriano), esfolados (S. Bartolomeu), precipitados do alto de uma rocha ou de uma tôrre (S. Tiago Menor), queimados numa fogueira (S. Policarpo em Esmirna), enterrados vivos (S. Crisanto), etc. Os cristãos não temiam o martírio, voavam para êle como as abelhas para a colmeia (S. Jo. Cris.). — Tudo o que se tentou para destruir os cristãos só serviu para os **multiplicar**. As *defesas* dos cristãos diante dos tribunais eram uma verdadeira prèga-

ção que comovia e convertia grande número de assistentes; a *alegria* com que os cristãos caminhavam para a morte, a *paciência*, o *amor aos inimigos* faziam também grande impressão sôbre os pagãos, não menos do que os *numerosos milagres* a que os suplícios davam ocasião (S. João Evangelista ficou são e salvo no azeite fervente, S. Policarpo no fogo). Os mártires eram como a *semente* que morre na terra, mas que germina e se torna fecunda em frutos (S. Ruperto). A tempestade sacudindo a semente sôbre o solo é útil, porque germinam outras cinqüenta (S. Leão Mag.). O *sangue* dos mártires, diz Tertuliano, tornou-se semente de cristãos. — A época das perseguições é *a mais florescente* da Igreja; os cristãos levavam uma vida perfeita e foi nesse tempo que *viveu a maior parte dos santos*. Os cristãos freqüentavam, com risco da própria vida, as reuniões litúrgicas nas *catacumbas*. A iniciação ao cristianismo pelo baptismo era precedida de dois anos de instrução, chamados *catecumenato*.

Quando o imperador *Constantino Magno* permitiu aos seus súbditos que abraçassem o cristianismo (313) e o decretou mais tarde (324) religião do Estado, a Igreja tornou-se *florescente no exterior*, mas muitos cristãos caíram na *tibieza*.

Constantino promulgou o seu edito de tolerância sob a impressão do aparecimento de uma cruz luminosa no céu (312) e certamente também sob a influência de sua piedosa mãe, S. Helena. Prescreveu a observância dos domingos e das festas, entregou os templos dos ídolos aos bispos, proïbiu os combates de gladiadores, aboliu a crucifixão e construíu grande número de igrejas (até 30, só na Palestina), etc. — Quando foi a pesca milagrosa, a rêde rasgou-se e as duas barcas cheias de peixes estiveram prestes a sossobrar; era uma imagem dos scismas introduzidos na Igreja pelas *heresias* e pelas *paixões terrenas em que caïriam os cristãos*, quando a Igreja se dilatasse e gozasse paz. Por isso no tempo de Constantino já apareceu a perniciosa heresia de *Ario* (318), que se propagou largamente. Foi também facilitado o ingresso na Igreja e o *catecumenato desaparece a pouco e pouco*, a partir de Constantino. Por isso S. Agostinho com razão dizia: «Quando a Igreja está tranqüila quanto aos seus inimigos

exteriores, encontra muitos no seu seio, que dilaceram o coração dos bons com o seu mau proceder».

5. Na *Idade-Média* a maior parte dos povos pagãos da *Europa* entraram na Igreja.

Os **Francos,** tribo germânica, que tinham invadido as Gálias, foram os primeiros que se converteram ao catolicismo, como nação. Na **Austria,** o Evangelho foi prègado cêrca do ano 450 pelo monge oriental *S. Severino,* célebre pelas suas austeridades, que durante trinta anos exerceu o seu apostolado subindo e descendo o Danúbio († 482), depois por *S. Valentim,* um bispo belga que evangelizou a região de Passau e o Tirol († 470 em Méran). Salzburgo recebeu o evangelho de *S. Ruperto,* bispo de Vormes (580). A **Inglaterra** recebeu cêrca do ano 600, de S. Gregório Magno, quarenta e um missionários entre os quais o monge beneditino *Agostinho,* futuro bispo de Cantuária. Em menos de 80 anos, a Inglaterra foi convertida e dividida em 26 bispados. O apóstolo da **Alemanha** foi *S. Bonifácio,* depois bispo de Mogúncia, que empregou nesta missão cêrca de 40 anos († 755). Os **Eslavos,** especialmente os da Boémia e da Morávia, foram evangelizados com muito êxito pelos monges gregos *Cirilo* e *Metódio* († 885). Os **Húngaros** deveram a sua conversão aos esforços do seu rei *S. Estêvão* († 1038), cuja mão Deus conservou intacta até hoje, sem dúvida como recompensa das suas muitas boas obras. S. Estêvão recebeu do papa o título de *rei apostólico.* A *Dinamarca,* a *Noruega,* a *Islândia,* a *Polónia,* a *Rússia,* só foram convertidas depois do ano 1000.

Na Idade Média a Igreja sofreu muito por causa do **Islamismo.**

O Islamismo é a doutrina de **Maomet.** Originário da Arábia e doente do cérebro, Maomet fêz-se passar por profeta do verdadeiro Deus, prometeu um paraíso voluptuoso depois da morte, permitiu a poligamia, prescreveu a peregrinação a Meca em honra de uma pedra negra que lá se conserva, ensinou o fatalismo, isto é, a submissão a um destino cego, e recomendou a difusão, por meio do ferro e do fogo, da sua doutrina, que está exarada no Alcorão. Em 632 foi envenenado por uma Judia. Os maometanos

guardam a *sexta-feira* e oram cinco vezes ao dia voltados para Meca. Os sucessores de Maomet, os *Califas* (isto é: vigários), empreenderam grandes conquistas, que aniqüilaram a civilização cristã; subjugaram grande parte da *Ásia*, o norte da *África*, a *Espanha* e as ilhas do Mediterrâneo; Carlos Martel pôs têrmo aos progressos da invasão maometana em França por uma série de vitórias (732-38). As invasões pelo oriente vieram quebrar-se contra a resistência heróica de Viena em 1683.

Na Idade Média a Igreja perdeu muitos membros por causa do **scisma grego.**

As causas dêste scisma residem na tendência dos imperadores do Oriente para tornarem cada vez mais independentes de Roma os patriarcas de Constantinopla, muitos dos quais haviam já sido condenados pelos concílios, por causa de heresia. Finalmente o ambicioso patriarca **Fócio**, ferido por uma condenação papal, reüniu um concílio de bispos orientais e *separou-se de Roma* **(867)**. O novo imperador restabeleceu as relações com o papa, mas 200 anos mais tarde o patriarca **Miguel Cerulário** começou o mesmo conflito (1054), e o scisma provocado por êle dura desgraçadamente até nossos dias. Os gregos scismáticos designam-se a si mesmos *ortodoxos* (verdadeiros crentes), nós chamamos-lhe *orientais* ou gregos *não unidos*, por oposição aos gregos que estão em comunhão com Roma e que nós chamamos gregos *unidos*.

6. Nos tempos modernos converteram-se muitas populações do *Novo Mundo*.

Os navegadores portugueses e espanhóis descobriram regiões desconhecidas; seguiram-nos os missionários para nelas prègarem o Evangelho. O mais célebre entre êles foi *S. Francisco Xavier*, o apóstolo das *Indias*, que, com uma sineta na mão, percorria as cidades da India, das ilhas Molucas, do Japão, para convocar ouvintes; dotado do dom das línguas, baptizou perto de dois milhões de infiéis († 3 dez. 1552). Após a sua morte, os Jesuítas, entre outros, os *PP. Ricci* e *Schall* trabalharam com êxito na China, onde, graças aos seus conhecimentos de astronomia, de mecânica, etc., haviam adquirido a estima dos grandes do império. Na China, o cristianismo faz novos progressos

desde que lhe foi garantida a liberdade pelos tratados de 1845. — *S. Pedro Claver* († 1654) foi também um missionário ilustre; exerceu o seu ministério entre os *negros* das províncias setentrionais da *América* do Sul (Colômbia). No fim do século XIX, o grande apóstolo da *África* foi o cardial *Lavigerie*, arcebispo de Cartago; percorreu as grandes cidades da Europa a-fim-de organizar sociedades anti-escravistas e fundou a ordem dos *Padres Brancos* especialmente consagrada à evangelização da África († 1892). — Em Roma encontra-se o estabelecimento da *Propaganda*, fundada em 1622, onde os jovens de tôdas as nações se educam para as missões. — Neste momento os países selvagens são evangelizados por cêrca de 50.000 missionários, entre os quais perto de 20.000 sacerdotes indígenas, auxiliados por mais de 50.000 catequistas e 50.000 professores; a maior parte dos missionários são Jesuítas, Capuchos, Franciscanos, Lazaristas, etc. Estas missões são sustentadas especialmente pela *Obra da Propagação da Fé* (Veja-se neste catecismo a conclusão da III.ª parte). O sustento das missões é para os católicos uma obra de primeira necessidade; é forçoso confessar, para vergonha nossa, que os hereges mostram para com elas mais generosidade.

Nos tempos modernos a Igreja perdeu muitos membros por causa da heresia *luterana* e *anglicana*.

Martinho **Lutero**, monge que foi da ordem de S. Agostinho e professor na Universidade de *Vitemberga*, estava animado de sentimentos de despeito contra Roma, porque numa viagem que lá fizera em 1510 fôra completamente ignorado. Tendo mandado Leão X publicar umas indulgências em favor das colectas para a construção da basílica de S. Pedro, um dos prègadores, Tetzel, veio também a Vitemberga. Antes da chegada, Lutero afixou à porta da igreja do castelo 95 teses em que, em lugar de se contentar com a censura dos *abusos* dos prègadores da indulgência, combateu a própria *doutrina católica* das indulgências **(1517)**. Como Lutero resistisse à ordem de se retratar, o papa excomungou-o (1520) e o imperador o baniu também do império depois de êle ter também recusado retratar-se na dieta de Vormes (1521). Mas o eleitor de Saxónia deu-lhe asilo em *Vartburgo*, e a heresia luterana espalhou-se ràpidamente em tôda a Alemanha e provocou longas guerras de religião. Os seus aderentes foram denominados *protestantes* porque na dieta de *Spira*, em 1529, protestaram

contra tôdas as propostas de conciliação. A paz de Augsburgo, em 1555, concedeu-lhes os mesmos direitos que aos católicos, ao passo que o concílio de *Trento* (1545-63) definia claramente a doutrina católica em face dos erros protestantes. Lutero morreu em 1546. Os seus principais erros são: 1. A negação de um magistério supremo na Igreja; 2. atribuïção do poder eclesiástico aos príncipes seculares; 3. negação de qualquer sacerdócio, exercendo-se o ministério eclesiástico em nome da comunidade leiga; 4. afirmação de que tôdas as verdades de fé estão na Bíblia; 5. que cada um pode interpretar a Bíblia segundo o seu sentir particular; 6. que a fé basta para salvar e que são inúteis as obras; 7. que o homem perdeu o livre arbítrio; 8. que não existe o sacrifício da nova aliança, nem o sacramento da penitência, a confissão, o purgatório, nem verdadeiros santos. — Grande número de protestantes regressaram à fé pelo apostolado dos *Jesuitas*, fundados em 1540 por S. Inácio de Loiola; daí o ódio do protestantismo contra êles. — Na mesma época em que viveu Lutero, **Zuinglio** e **Calvino** pervertiam a *Suíça;* Henrique VIII, a *Inglaterra.* Êste estava irado com o papa, porque êle não ratificara o divórcio do monarca, pelo que Henrique se fêz chefe da Igreja anglicana e perseguiu os católicos. Os erros anglicanos foram mais tarde redigidos em 40 artigos, que contêm a maior parte dos erros luteranos.

7. A Igreja católica conta actualmente cêrca de 340 milhões de fiéis.

Os católicos de todo o mundo são cêrca de 340 milhões e estão sob a direcção de **cêrca de 1200 bispos,** dos quais 15 são patriarcas, 200 arcebispos e 20 prelados com jurisdição episcopal, e cêrca de 350:000 *sacerdotes.* O principal grupo dos católicos é na Europa, onde se contam 208 milhões. A sua proporção nos diversos Estados, relativamente ao total da população, é a seguinte: são mais de 9/10 em Portugal, Espanha, Itália, França, Bélgica e Áustria; 3/4 na Irlanda; 3/5 na Hungria; 2/5 na Suíça; mais de 1/3 na Alemanha e na Holanda; 1/9 na Rússia. Há 2 milhões na Inglaterra e na Escócia; 870 mil nos países balcânicos; 10 mil nos países escandinavos e 10 mil em diversos pequenos Estados. Na América, os católicos são cêrca de 109 milhões; na Ásia, 16.500 mil; na África, mais de 5 milhões; na Oceânia, mais de 1.500 mil.

As diferentes seitas religiosas

Fora da Igreja *católica* há diferentes seitas religiosas que confessam a Cristo. As principais são:

1.° A Igreja **greco-oriental** ou os **gregos scismáticos** que formam uma totalidade de quási cem milhões com oitenta arcebispos e trinta bispos. O seu chefe supremo é o Patriarca de *Constantinopla.*

Os gregos do rito oriental, chamados *ortodoxos* (de recta fé), vivem, pela maior parte, na Rússia e na península dos Balcans. — A igreja **russa** veio mais tarde a separar-se da bizantina, tornando-se independente o patriarca de Moscovo em 1587. Em 1721, o imperador da Rússia Pedro o Grande fundou o chamado Santo Sínodo, constituído pelos bispos e dignitários eclesiásticos para governar, debaixo da direcção do czar, a igreja da Rússia. Então a igreja russa ficou uma igreja nacional. Desde a revolução bolchevista em 1917, reina a anarquia e a opressão. Em 1922, foram mortos 22 bispos e centenas de sacerdotes. A *Grécia* actual também se tornou independente do Patriarca de Constantinopla em 1833, resolvendo os bispos do reino da Grécia não reconhecer outro superior senão Jesus Cristo. Esta **nova** igreja **grega** é dirigida por um sínodo de cinco bispos.

2.° As seitas **protestantes** ou evangélicas.

Compreendem mais de cento e cinqüenta seitas, com cêrca de cento e setenta milhões de sectários. Os protestantes (assim chamados, pelo protesto que apresentaram na dieta de Spira) vivem na Alemanha central e setentrional, Holanda, Dinamarca, Inglaterra, Suécia, Noruega, parte da Suíça, Hungria, e nos Estados Unidos da América. Os protestantes da Inglaterra diferençam-se muito dos restantes dos outros países, pelo que têm o nome de **Anglicanos.** Podemos ainda acrescentar cêrca de dez milhões pertencentes a outras seitas cristãs, o que perfaz **um total de quinhentos e cinqüenta milhões de cristãos,** pouco mais ou menos.

Entre as seitas **não cristãs** podemos mencionar:

1. A religião **judaica** ou israelita.

Há em todo o mundo cêrca de **doze** milhões de Israelitas: e alguns calculam-nos em maior número. A maior parte vivem na Polónia e Rússia. Quanto à religião, diferem muito os modernos dos antigos judeus; pois tiram os princípios religiosos do *Talmud*, livro pejado de mentiras, que os doutores judeus interpretam segundo as suas ideias pessoais, e que a moral condena em muitos pontos. Crêem, é certo, na existência de um Deus único, na revelação e na vida futura com prémios e castigos; mas abandonaram, na maior parte, a crença num *Redentor* e só esperam ser libertados da opressão em que vivem. Muitos dêles actualmente prendem-se só à *letra* da lei, e estão eivados de mil superstições. Estas palavras figuradas da Escritura: «Será (a minha lei) como um sinal em tua mão e como uma lembrança diante de teus olhos» (Ex. XIII, 9), tomadas literalmente, são causa de que usem certas frases da Bíblia, escritas num rôlo de pergaminho, que prendem, para orar, com um cordão ao peito ou ao braço esquerdo. — A existência dos judeus é de grande importância para os cristãos, porque tendo êles em seu poder os Livros do Antigo Testamento, com as profecias da vinda do Salvador nêles contidas, contribuem para a confirmação da nossa fé. Já dizia S. Agostinho: «Os judeus são os guardas dos nossos livros». Se êles não existissem, não deixariam de dizer os incrédulos, que os livros sagrados eram falsos ou foram adulterados pelos cristãos. Por isso os tem conservado a divina Providência, e conservá-los-á até ao fim do mundo, e então entrarão os que ainda restarem no seio da Igreja Católica.

2. A religião **maometana** ou muçulmana.

É seguida por cêrca de 200 milhões de homens, habitando três milhões e meio a província dos Balcans. A maior parte vive na Ásia ocidental (sobretudo na Arábia) e na África setentrional.

3. O **Budismo**, a que pertencem perto de 550 milhões de sectários, que vivem principalmente na China e no Japão.

Buda (o iluminado, o sábio) viveu na Índia, no século VI antes de Jesus Cristo, e era oriundo das regiões do Himalaia. Desgostoso do mundo, e pela consideração dos sofrimentos da humanidade, abandonou aos vinte e nove anos sua mulher e um filho, para correr o mundo como mendigo. Após seis anos de *mortificações contínuas*, sentiu-se iluminado e apresentou-se aos Índios como prègador. Proclamando a igualdade entre os homens e combatendo a diferença de castas, ganhou logo muitos adeptos. Faleceu aos oitenta anos de idade, e a narração da sua vida ficou envolta em mistérios de fábulas e exageros de poesia. Até ao tempo de Jesus Cristo, a sua doutrina estava espalhada pela China e pelo Japão, e dividida em várias seitas, cujas divergências são mais acentuadas que as existentes entre o catolicismo e o protestantismo. A *contradição*, entre os budistas, chega ao ponto de ser quási impossível, segundo o relato dos missionários católicos, obter resposta idêntica à mesma pregunta dirigida a diferentes doutores budistas. Pode assim resumir-se a doutrina de Buda: 1.º Tudo quanto existe está sujeito à dor, cuja causa são as paixões humanas. A *mortificação das paixões* liberta dos sofrimentos, para o que são necessárias as *macerações da carne*. Em conformidade com êste princípio, há na Índia homens (os faquires) só consagrados a martirizarem o próprio corpo de modos inconcebíveis, forçando-se a posições violentas, a ponto de perderem o uso dos membros: tendo, por exemplo, os punhos cerrados com violência, de modo que as unhas crescem dentro da carne; passando horas apoiados em um só pé, com os braços cruzados ao peito, ou levantados acima da cabeça de modo que depois não os podem mover; fazendo-se prender com cadeias aos troncos das árvores; sustendo a respiração, etc. 2.º O homicídio, o furto, a luxúria, a mentira e o uso de bebidas que embriaguem, são proïbidos. 3.º É preceituado o amor do próximo e a liberalidade, e defeso o mau trato aos animais. 4.º **Tudo acaba com a morte**, e o homem volta ao nada (!); não há, portanto, a recompensa duma outra vida. 5.º Tôdas as religiões são igualmente boas, porque tôdas se aproximam mais ou menos do budismo e nêle estão contidas (?). 6.º Os budistas não adoram a divindade, pois, ao que parece, duvidam da sua existência. O seu culto é a mera veneração das criaturas, ou seja, a *idolatria*. Entretanto as cerimónias externas *são tão parecidas com as cerimónias católicas*, que os missionários antigos afirmavam ser

êste culto uma invenção de Satanás para desviar os pagãos da verdadeira religião. Porém muitos costumes tornam-se ridículos, como por exemplo os *moinhos para orar*. Há nas casas ou nas praças públicas vasilhas de madeira em forma de cilindros que contêm fórmulas de oração escritas em papel. Se o cilindro é pôsto em movimento uma ou muitas vezes pelo vento, pela água ou por uma fôrça humana, equivale isso a terem-se recitado uma ou muitas vezes aquelas orações. É certo que o budismo tem algumas prescrições aprovadas pela razão e pela religião, por exemplo a luta contra as paixões, a generosidade, etc. Mas pondo em dúvida a existência de Deus e negando a recompensa depois da morte e a mesma imortalidade (não falando na idolatria e superstições ridículas), não pode oferecer ao homem *contentamento algum verdadeiro* e precipita-o *no desespêro*. (É por isso que é freqüente o suicídio entre os chineses). Filósofos charlatães pensaram introduzir o budismo na Europa. — O **Bramanismo** tem grande afinidade com o budismo, calculando-se em cento e cinqüenta milhões os seus sequazes, que são na maioria indianos.

Entre as diferentes religiões, *só uma pode ser verdadeira.*

As diferentes religiões e seitas estão em contradição; ora a verdade só pode ser uma, e portanto *só* pode haver *uma religião verdadeira*. Não se pode admitir que o *Deus* que conserva intacta a luz do sol para os homens, não mantenha pura a luz das almas, que é a religião. — Peçamos, portanto, a Deus todos os dias, que esclareça aquêles que estão assentados nas trevas e à sombra da morte (Luc. I, 79), a-fim-de que, segundo a promessa de Jesus Cristo, haja *um só rebanho e um só pastor* (S. João, X, 16).

5. A Igreja Católica é indefectível e infalível

1. Indefectibilidade [1] da Igreja

A própria religião *moisaica* não pôde ser destruída nem pelo cativeiro de Babilónia, nem pelos esforços dos

(1) É o têrmo teológico que serve para designar a indestrutibilidade da Igreja.

tiranos para obrigarem os Judeus à idolatria; estupendos milagres (os três jovens na fornalha, Daniel na cova dos leões) preservaram sempre a sinagoga. O mesmo sucede com a Igreja católica. Ela tem por tipo a *arca de Noé*, insubmergível nas vagas do dilúvio e deposta por elas tranqüilamente sôbre a rocha dos montes da Arménia. A Igreja católica é conservada e dirigida peo *Espírito Santo*, que a torna indefectível e infalível no seu ensino. «A Igreja, diz S. Ambrósio, é um carro guiado pelo próprio Deus».

A Igreja católica é indefectível, isto é, haverá sempre um papa, bispos, sacerdotes, fiéis, e o evangelho será prègado até ao fim dos tempos.

Com efeito Cristo disse: «As portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja» (S. Mat. XVI, 18), e além disso: «O céu e a terra hão-de passar, mas as minhas palavras jamais passarão» (S. Luc. XXI, 33).

As obras que são de Deus não podem ser destruídas, como dizia Gamaliel no Sinédrio (Act. Ap. X, 38). As palavras de Cristo: «*As portas do inferno*, etc.» significam que a potência de todos os demónios não bastará para arruïnar a Igreja. O anjo *Gabriel* já tinha anunciado a Maria que o *reino de seu filho não teria fim* (S. Luc. I, 33). — A Igreja é como a *lua*: parece decrescer, e de facto não decresce; é obscurecida, mas não aniqüilada (S. Ambr.). A *barca* de Pedro pode ser coberta pelas vagas, mas não pode naufragar, porque leva dentro a Cristo (S. Ans.). Aquêle que ataca a Igreja não a vencerá, porque o Deus que a protege é mais poderoso que todos os seus inimigos (S. Jo. Cris.). Pode empenhar-se luta com Deus; triunfar, não.

1. Quando a Igreja está em *perigos iminentes*, Cristo vem maravilhosamente em seu socorro, quer com milagres, quer com homens providenciais.

A Igreja é a *barca de Pedro*: no auge da tempestade, Cristo acorda e ordena-lhe que serene (S. Jer.). Como os Fariseus e os Escribas andavam jubilosos quando fizeram crucificar a Cristo, e selar e rodear de guardas *o seu sepulcro!* Mas ao terceiro dia Jesus ressuscita glorioso e os seus inimigos são confundidos. O mesmo fenómeno se reproduz no decurso dos séculos. O Imperador Diocleciano († 313) tinha perseguido tão violentamente os cristãos que lhe ergueram monumentos com esta inscrição: «Ao imperador Diocleciano, destruïdor do nome cristão». E que sucedeu? Constantino Magno, seu sucessor, tornou o cristianismo a religião oficial do império. A alegria dos pagãos pela ruína do cristianismo está desfeita. A perseguição suscitada por *Napoleão* não foi longa. Para a Igreja a festa da Páscoa, da Ressurreição, segue-se infalìvelmente à sexta-feira santa das perseguições. Nas épocas críticas Deus suscitou sempre na Igreja *homens providenciais*. (Veja art.º VIII do símbolo, 2. IV).

2. Todos os *perseguidores* da Igreja experimentaram a inanidade dos seus esforços; muitos dêles tiveram um triste fim.

A morte miserável de *Judas* é a imagem do fim dos perseguidores do cristianismo e da Igreja. *Herodes, o assassino dos Santos Inocentes*, o perseguidor do Menino Jesus, foi roído por uma multidão de insectos, que lhe invadiram as entranhas e lhe causavam dores violentas, impedindo-lhe a alimentação (Fláv. Josefo). *Herodes*, o assassino de S. Tiago e que mandou prender S. Pedro, foi devorado vivo pelos vermes (Act. Ap. XII, 23). *Pilatos* foi exilado pelo imperador romano para Viena, nas Gálias, onde se suïcidou no ano 41 (Fláv. Jos.). A sorte de *Jerusalém* no ano 70 não foi menos aterradora. Um milhão de Judeus pereceram de fome, de doenças, na guerra civil, e sob o gládio dos romanos; a própria cidade foi reduzida a um montão de cinzas e cem mil Judeus foram levados cativos (Fláv. Jos.). O imperador *Nero*, êsse cruel perseguidor da Igreja, foi deposto e expulso de Roma; na fuga, fêz-se transverberar por um escravo e morreu, exclamando: «Que artista desaparece comigo!» O Imperador Diocleciano acabou também a sua vida em opróbrio, a sua família foi expulsa, as suas imagens quebradas e êle mesmo inchou de forma descomunal, ao passo

que a língua lhe era roída por vermes pestilentos. Não menos típica é a vida de Napoleão. Tinha tido prisioneiro a Pio VII durante 5 anos; esteve também preso 7 anos na ilha de Elba e em Santa Helena. Naquele mesmo castelo de Fontainebleau, onde extorquiu ao papa a renúncia aos seus Estados, em troca de um renda de 2 milhões, foi êle mesmo obrigado a firmar a sua abdicação em troca de uma renda semelhante. A 17 de maio de 1809 deu ordem de reünir os Estados pontifícios à França e quatro dias depois a sua estrêla começou a empalidecer nas batalhas de Aspern e de Esslingen. Napoleão tinha motejado da excomunhão, dizendo que ela não faria cair as armas das mãos dos seus soldados, e durante a campanha da Rússia, em que pereceram cêrca de 500:000 dos seus soldados, o frio arrancava-lhes das mãos as armas. A 5 de maio de 1821 Napoleão morreu em Santa Helena, e nesse mesmo dia Pio VII celebrava a sua festa em Roma. Isto faz reflectir: por isso o provérbio francês diz: «Quem come carne de papa morre!» — A sorte dos *heresiarcas* e dos *grandes ímpios* não foi diversa: *Ário* rebentou no meio de um cortejo solene (326); *Voltaire*, o filósofo incrédulo, repetia muitas vezes: «*Estou farto* de ouvir falar dêsses 12 pescadores que, segundo se diz, fundaram a Igreja; eu provarei ao mundo que basto eu para a destruir». Morreu num acesso de raiva e de desespêro, depois de ter sofrido uma sêde horrível e de ter molhado os lábios num líquido repelente († 27 de fevereiro de 1778). E a Igreja ainda hoje subsiste! Coisa curiosa: tinha sido a 25 de fevereiro de 1758, precisamente vinte anos antes da sua morte, que êle escrevera ao seu amigo d'Alembert: «Dentro de vinte anos terei pôsto Deus em aposentaria!» O ímpio Rousseau foi nos últimos anos torturado por tantas angústias que pôs têrmo aos seus dias. — Todos estes ímpios experimentaram a verdade desta sentença da Escritura: «*É terrível cair nas mãos de Deus vivo*» (Hebr. X, 31). Sofreram a sorte de um homem que *se esfacela contra um rochedo;* com efeito, Cristo deu a si êste nome e diz: «Todo aquêle que cair em cima dêste rochedo, será despedaçado» (S. Mat. XXI, 44).

3. É propriedade da Igreja nunca estar tão *florescente* como durante a perseguição (S. Hil.).

As perseguições fazem a educação dos **grandes santos**

(S. Agost.), e a nossa santa madre Igreja pode aplicar a si as palavras ditas a Eva: «Tu darás à luz entre dores» (Gén. III, 16). Como a arca de Noé, quanto mais a onda sobe mais ela se eleva para o céu. A perseguição *multiplica os fiéis;* a Igreja é o *campo* que não é fértil senão quando é sulcado pela charrua, é a *cepa de vinha* cuja fecundidade aumenta com a poda. As plantas crescem sob a influência da rega, a fé floresce quando perseguida (S. Jo. Cris.). O *fogo* aviva-se quando lhe sopram, e a Igreja cresce pela perseguição (S. Rup.). — As perseguições **purificam a Igreja:** são a fornalha onde ela se limpa das fezes (S. Agost.); são o *vento* que deita abaixo os frutos pôdres. Alguns milhares de defecções não prejudicam a Igreja, antes a purificam. — As perseguições são para Deus uma ocasião de **obrar milagres,** a-fim-de provar a divindade da Igreja, como o fêz na época do cativeiro para a sinagoga. Quantas vezes os cristãos saíram sãos e salvos dos suplícios!!! (1) Os inimigos da Igreja são então obrigados a dizer: «Verdadeiramente, o Deus dos católicos é poderoso!» — A Igreja **sai triunfante** de tôdas as perseguições; a sua Sexta-feira de Paixão é sempre seguida pela aurora da Ressurreição. «Quanto mais oprimida é a Igreja, mais ela desenvolve as suas fôrças; quanto mais é abatida, mais se ergue» (Pio VII). É propriedade da Igreja começar a viver quando é imolada (S. Hil.). É *privilégio* que não pertence a nenhuma instituïção humana; é por êle que se reconhece a filha de Deus omnipotente, a espôsa de Cristo.

II. A infalibilidade da Igreja

Deus depositou em nossos corações *a sêde da verdade,* e o homem está inquieto emquanto ela não fôr satisfeita. Nossos primeiros pais não tinham dificuldade alguma na conquista da verdade. No estado de inocência era-lhes impossível crer no êrro (S. Tom. de Aq.). Muito diversamente sucede depois do *pecado original;* o homem pode errar, e, para lhe comunicar de novo a verdade depois da queda, Deus enviou-lhe *um mestre infalível,* seu *Filho unigénito.* «Eu vim ao mundo, dizia Jesus a Pilatos, para dar testemunho da verdade» (S. Jo. XVIII, 37). Cristo devia ser a *luz* para a nossa inteligência obscurecida pelo pe-

(1) Ver mais acima o n.º 4, 4.

cado (ibid. III, 19). Ora, como não devia sempre ficar neste mundo, instituiu em seu lugar *um mestre infalível* da humanidade, *a Igreja*, e concedeu-lhe as graças necessárias para êste ministério, o auxílio do Espírito Santo, como o tinha prometido aos apóstolos por ocasião da sua *ascensão*.

Cristo encarregou os Apóstolos, e os seus sucessores, do *magistério doutrinal* e *prometeu-lhes a assistência divina*.

Ide — disse-lhes ao subir ao céu — ensinai tôdas as nações... e estai certos que *eu estarei convosco até à consumação dos séculos* (S. Mat. XXVIII, 20). Já na ceia havia dito: «Eu pedirei a meu Pai e êle vos dará um outro consolador, a-fim-de que **êle fique eternamente convosco, o Espírito de verdade**» (S. Jo. XIV, 16). A Pedro havia prometido que *as portas do inferno não prevaleceriam contra a Igreja* (S. Mat. XVI, 18). Se Cristo é Deus, as suas palavras devem ser a verdade; ora, se a Igreja pudesse ensinar o êrro, Cristo não teria cumprido a sua palavra. Uma verdadeira blasfémia! — S. Paulo chama, por conseguinte, à Igreja *coluna e fundamento da verdade* (I Tim. III, 15) e os apóstolos reünidos no concílio de Jerusalém, em 51, puseram no princípio da sua decisão a declaração seguinte: «*Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós*» (Ac. Ap. XX, 28). — A crença na infalibilidade da Igreja é de tradição imemorial. «Há dois astros, dizia Orígenes, para iluminar nossos corpos, o sol e a lua, que dêle tira sua luz; há dois para iluminar nossas almas, Cristo e a sua Igreja. Cristo, luz do mundo, comunica a luz à Igreja, que por sua vez nos ilumina, a nós todos que caminhamos no êrro». *Onde está a Igreja*, diz S. Ireneu, *aí está o Espírito divino*.

1. A Igreja católica é *infalível* no seu ensino, quere dizer, é assistida pelo Espírito Santo, de tal modo que não pode errar, nem na conservação, nem no ensino das verdades reveladas.

A *razão*, em princípio, impede-nos de produzir afirmações *contrárias a certas verdades primordiais* — e o Espírito Santo, com a sua assistência, impede a Igreja de dar uma decisão contrária à revelação de Cristo (Deharbe). Muitos homens cuidaram achar um êrro nas doutrinas da Igreja; sucedeu-lhes o que sucedeu àqueles pescadores que quiseram apanhar as estrêlas na sua rêde: retiraram-na vazia, porque tinham tomado a aparência por uma realidade (Görres). — Atribuindo a si mesma a infalibilidade, a Igreja *não se iguala a Deus*, porque ela não se diz infalível por virtude própria, como Deus o é, mas atribui a sua infalibilidade à assistência divina.

2. A Igreja dá decisões infalíveis por meio dos Concílios *gerais* e do *Papa*.

Em todos os Estados há um **tribunal superior** que pronuncia sentenças *sem apêlo;* a sabedoria de Deus exige que êle tenha instituído um tribunal semelhante na sua Igreja. Esta autoridade reside, antes de tudo, **no episcopado inteiro**, porque Cristo, antes de subir ao céu, o encarregou do magistério doutrinal e lhe prometeu uma assistência que o preserva do êrro (S. Mat. XXVIII, 18). É o que exprime S. Cipriano, quando diz: «A Igreja está *nos Bispos*». Mas, como os bispos não podem sempre reünir-se nem estar reünidos, Deus *teve de tomar outras medidas*, a-fim-de prover a decisões definitivas. — Os *sacerdotes*, que não podem exercer as funções do ensino senão com licença do bispo, não receberam a promessa da assistência preservadora do êrro, ainda que Deus lhes concede graças para o exercício das suas funções. O episcopado, portanto, serve-se algumas vezes dêles como consultores, mas êles não têm voto deliberativo na publicação de sentenças doutrinais. — Logo que a Igreja pronunciou uma decisão definitiva, cada um é em consciência obrigado a submeter-se a ela; todo aquêle que se recusa, separa-se da Igreja. Eis por que ela sanciona os seus decretos doutrinais com *excomunhão* contra todos aquêles que os rejeitam, isto é, que se recusam a reconhecer a verdade dêsses decretos.

Chama-se **Concílio geral** ou **ecuménico** a assembleia dos bispos de todo o universo, sob a presidência do Papa.

Os próprios apóstolos tiveram um concílio em Jerusalém, em 51, e propuseram a sua decisão como emanando de Deus. Referindo-se aos quatro primeiros concílios ecuménicos, S. Gregório Magno dizia: «Aceito e reverenceio as decisões dos concílios como os quatro evangelhos». — Desde o concílio apostólico houve até nossos dias **20 concílios gerais.** O primeiro foi realizado em *Niceia* (325) contra a heresia de Ario; o 3.º em *Éfeso* (431), onde foi definida a maternidade divina de Maria; o 7.º em *Niceia* (787), que aprovou o culto das imagens; o 12.º em *Latrão* (IV dêste nome), em 1215, onde foi publicado o decreto da comunhão pascal; o 19.º em *Trento*, contra os erros da reforma; o 20.º no *Vaticano* (1870), onde se definiu a infalibilidade do papa. — A presença de todos os bispos não é indispensável à ecumenicidade de um concílio, basta a maioria moral. No concílio do Vaticano foram convocados 1:044 bispos; no começo só 750 estavam presentes, e no fim apenas 580. — A unanimidade dos votos não é necessária para uma decisão, basta *uma maioria que se aproxime da unanimidade*. A infalibilidade do Papa, por exemplo, recolheu 533 sufrágios; 2 bispos votaram contra e 55 não assistiram à sessão. A *presidência pessoal do papa* também não é necessária; êle *faz-se representar por delegados*, como aconteceu n.º 1.º, no 3.º e no 4.º concílio geral. Porém para a validade das decisões é preciso que o Papa as aprove. — Os *cardiais*, os *gerais das ordens*, os *prelados com jurisdição episcopal* (certos abades, por exemplo), têm voto deliberativo no concílio, assim como os *bispos titulares* (in partibus), quando são convocados. — Os concílios gerais não tomam as suas decisões senão depois de *maduras deliberações*, que visam sobretudo o ensino da Igreja nos séculos passados. — Além dos concílios gerais, há concílios **nacionais**, onde se reúnem os bispos de uma nação, sob a presidência do primaz; concílios **provinciais** ou assembleias dos bispos de uma província eclesiástica, sob a presidência do arcebispo ou metropolita; emfim, *sínodos diocesanos*, onde se reúne o clero de uma diocese sob a presidência do bispo. Afora os concílios gerais, nenhum concílio possui a infalibilidade.

As decisões do *episcopado disperso* são também infalíveis; estas decisões podem produzir-se quando o Papa consulta os Bispos sôbre um ponto de dogma ou de moral.

Êste caso deu-se em 1854: Pio IX tinha pedido a todos os bispos do mundo o seu testemunho acêrca da crença na Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Quási tôdas as respostas foram afirmativas e, a 8 de dezembro de 1854, Pio IX proclamou solenemente o dogma para tôda a cristandade. — As decisões do episcopado não são menos infalíveis que as de um concílio, porque *a assistência do Espírito Santo não está ligada a um determinado lugar*. Não é até necessária uma decisão expressa de todo o episcopado disperso; basta que sôbre um dado ponto **todos os bispos ensinem a mesma doutrina.** Também neste caso é impossível que todo o episcopado se tenha afastado da verdade, aliás a Igreja inteira teria caído no êrro, o que é contrário à sua indefectibilidade. Eis por que o concílio Vaticano (3, 3), declarou que é necessário crer não só as verdades proclamadas solenemente pela Igreja, mas também aquelas que nos são propostas como reveladas *pelo ensino ordinário e comum* (pelo episcopado em geral).

Há **decisão infalível do Papa** quando o Papa promulga para a Igreja universal, na qualidade de chefe e doutor supremo dos fiéis, uma verdade concernente à fé ou aos costumes. Estas decisões chamam-se *doutrinais* ou *ex cathedra*.

O concílio do Vaticano (1870) definiu como dogma a infalibilidade das decisões *doutrinais* (ex cathedra) do papa. Esta infalibilidade deduz-se das palavras de Jesus Cristo a S. Pedro: «Tu és Pedro e sôbre esta **pedra** edificarei a minha Igreja» (S. Mat. XVI, 18). Se aquêle que é o fundamento da Igreja pudesse arrastá-la para o êrro, não seria uma *rocha*, mas um banco de areia em que *se enterraria* o edifício. S. Pedro é, além disso, constituído *pastor* dos apóstolos e dos fiéis por estas palavras de Cristo: «Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas» (S. Jo. XXI, 15), e Cristo deu-lhe o poder de *confirmar seus irmãos na fé* (S. Luc. XXII, 32). Se o Papa pudesse ensinar o êrro, a palavra de Cristo seria vã, o que é impossível. — As decisões doutrinais do Papa gozaram *sempre* de grande autoridade. Quando a Santa Sé condenou o êrro dos Pelagianos, S. Agostinho exclamou: «**Roma falou, acabou-se a questão**». «Os hereges, diz S. Cipriano, não têm entrada na Igreja romana». Os mesmos concílios gerais chamam ao Romano Pontífice **Pai e Dou-**

tor de todos os cristãos (Conc. de Florença, 1439) e à Igreja romana *mãe e mestra de todos os fiéis* (IV Conc. de Latrão, 1215). Evidentemente o concílio referia-se à Igreja (romana) *docente*, porque a Igreja *ensinada* (discente) nunca passou por autoridade doutrinal. A infalibilidade, de resto, já compete ao papa só pelo facto de possuir êle a **plenitude do poder de reger tôda a Igreja** (Conc. Flor.), porque a *autoridade doutrinal suprema* faz necessàriamente parte daquela plenitude do poder governamental. Ora a autoridade doutrinal suprema é protegida, por direito divino, pela assistência suprema do Espírito Santo, isto é: a suprema autoridade doutrinal é infalível. Eis por que as decisões *ex cathedra* do papa são infalíveis *por si mesmas*, independentemente do consenso dos bispos (Conc. Vat. 4, 4), aliás a rocha, o sucessor de Pedro, tiraria a sua fôrça do edifício que sôbre êle repousa, quando é o edifício que deve tirar a sua solidez da rocha sôbre que assenta. Contudo *não se pode dizer* que o Papa é *infalível em tudo*; porque êle é homem e pode enganar-se, como nós, nas coisas humanas, lendo, escrevendo, calculando, etc.; pode também pecar, como qualquer homem, e nós não contestamos que houve papas viciosos. Mas, quando dá uma decisão doutrinal, é Cristo que actua sôbre êle pelo Espírito Santo e o preserva do êrro. Aliás, o papa nunca publica um decreto doutrinal sem consultar primeiro o episcopado. — Não há decisões *ex cathedra*, por exemplo, nas alocuções do papa aos peregrinos, nas suas cartas a um soberano, na supressão dos jesuítas em 1773. Os ensinamentos *ex cathedra* são ordinàriamente sancionados pela *ameaça de excomunhão* contra aquêles que se recusam a admiti-los; são, pois, obrigatórios *para todos os católicos*. — A infalibilidade do papa *ex cathedra* não torna *supérfluos os concílios gerais*. As decisões infalíveis dos concílios têm maior pêso pela sua solenidade, e as deliberações dos concílios permitem que se aprofundem bem os motivos da doutrina eclesiástica. Estas assembleias, em certas circunstâncias, são portanto muito úteis, necessárias até: os apóstolos julgaram oportuno realizar uma em Jerusalém, ainda que cada um dêles gozava do dom da infalibilidade.

3. As matérias em que as decisões da Igreja são infalíveis são: os artigos de fé, as leis mo-

rais e o seu sentido; a Escritura Sagrada, a Tradição e a sua interpretação.

Quando, portanto, a Igreja define *a eternidade das penas do inferno*, esta decisão é infalível, porque se trata de uma *matéria de fé*. Quando ela diz que *a santificação do dia dominical* é ordenada por Deus, promulga-nos a vontade de Deus infalìvelmente, porque a sua decisão versa sôbre um ponto de *moral*. Com efeito, Cristo prometeu aos seus apóstolos que o Espírito de verdade lhes ensinaria tôda a *verdade* (S. Jo. XVI, 13), quere dizer, pelo menos **tôda a verdade que esteja em relação com a religião.** Ora as palavras de Jesus Cristo provam que a religião compreende *as verdades de fé e a lei moral*, porque êle disse aos seus apóstolos: «Ide, *ensinai* tôdas as nações... e ensinai-lhes a praticar tudo *o que eu vos ordenei*» (S. Mat. XXVIII, 20) e é esta mesma ordem que lhes confere a infalibilidade. — Como a Igreja vai buscar tôdas as verdades religiosas à **Escritura Sagrada** e à **Tradição,** é necessàriamente infalível na interpretação de ambas. — Pode deduzir-se do que precede o absurdo da alegação de certos jornais anti-clericais, que a Igreja poderia definir como dogma esta proposição: o Papa deve ser soberano temporal.

Segundo a crença comum, a Igreja é também infalível na *condenação dos erros* e na *canonização dos Santos*.

Segundo a crença comum, a Igreja é infalível quando define que *uma doutrina é contrária à verdade revelada*. Se portanto a Igreja condena a *opinião* darwinista, que o homem descende do macaco, define uma coisa que está em conexão íntima com as verdades reveladas e conserva-se no domínio em que ela é infalível. Com efeito, se pela assistência divina a Igreja conhece a *verdade*, deve também conhecer o *êrro*. Por isso ela *desde tempos imemoriais* condenou os erros, quer êles fôssem espalhados oralmente, quer por escrito: os padres do concílio de Niceia (325), por exemplo, condenaram os erros de Ario. É assim que os papas condenam *livros* contrários à fé e aos costumes. Ora a Igreja não publicaria essas decisões, se não tivesse consciência da sua infalibilidade neste ter-

reno. — A infalibilidade na **canonização dos santos** não é menos fundada, não sòmente por causa do *processo longo e sério* que precede esta canonização, mas também porque o culto dos santos é um *acto de religião* (S. T. de Aq.). Pela canonização, a veneração de um santo é por assim dizer recomendada pela igreja como uma profissão de fé, porque o santo é oficialmente honrado nas orações da missa e do breviário. Se portanto um defunto fôsse canonizado e não fôsse santo, a Igreja inteira participaria de um êrro. Isto é tanto menos possível que Bento XIV afirma ter, no decurso de longos processos de canonização, quási tocado com a mão *na intervenção do Espírito Santo*: testemunhos extraordinários se produziam de repente, que ou resolviam as dificuldades ou faziam renunciar ao processo. E, de facto, a Igreja na canonização dos santos julga uma das matérias que estão *em conexão íntima com as verdades reveladas da fé e dos costumes;* Deus, com efeito, revelou o que constitui a santidade. Contudo esta inbalibilidade não é ainda dogma, porque a santidade de um santo em particular não é revelada; é preciso, a êste respeito, esperar uma definição da Igreja (Bento XIV).

6. A Jerarquia da Igreja

Jerarquia significa ordem, subordinação dos diversos postos na Igreja; ela é como um *exército* em que os simples soldados estão sujeitos aos oficiais subalternos, que por sua vez estão sujeitos aos oficiais superiores e generais (S. Clem. de Rom.). Na Igreja existe uma subordinação entre os bispos, os sacerdotes e os diáconos, como entre os *coros dos anjos* (Clem. Alex.).

1. Os ministros da Igreja estão divididos em *três classes de dignidade* e de *poder diferentes:* os **bispos,** os **sacerdotes** e os **diáconos** (Conc. de Trento, 23, cap. 4, cânon 6).

Esta jerarquia é figurada no Antigo Testamento pelo sumo sacerdote, os sacerdotes e os levitas; no Novo Testamento por Jesus Cristo, os 12 apóstolos e os 72 discípulos. Cristo estabelece uma diferença na missão que dá aos apóstolos e aos discípulos; àqueles diz: «Como meu Pai me enviou, eu vos envio» (S. Jo. XX, 21); a estes diz simplesmente: «Ide, eu vos envio» (S. Luc. X, 3).

Êle envia os apóstolos a todo o universo; os discípulos, sòmente às regiões onde êle mesmo havia de passar (ibid.). Os **bispos** tomaram o lugar dos apóstolos (Conc. Tr. 23, 4); são superiores aos sacerdotes, porque receberam uma *ordem superior* e porque têm um poder mais extenso, o *direito de governar a Igreja* (daí o báculo que usam). O bispo é, para falar pròpriamente, o pastor, o condutor do rebanho, e é a êle que compete decidir quem, e até que ponto, deve ter parte nesse govêrno; é o que êle faz ao dar a jurisdição. O bispo é o chefe da sua igreja, sem licença do qual nada se deve fazer nas coisas santas (S. In. Ant.). O bispo ocupa o lugar de Jesus Cristo, o bom pastor. Tem *poder de ordem superior;* só êle pode *ordenar sacerdotes* (S. Jer.), só êle é o *ministro ordinário* da confirmação (S. Cip.), só êle exerce *certas funções* com exclusão de qualquer outro ministro inferior (Conc. Tr. 23, 4), só êle tem voto deliberativo nos *concílios*. — Os **sacerdotes** são superiores aos diáconos; têm uma *ordem* superior e um *poder maior;* em particular, podem oferecer o *Santo Sacrifício* e *perdoar os pecados*. — Os **diáconos** só têm o direito de *baptizar*, e de *prègar*, e de *distribuir* a Sagrada Comunhão. Os diáconos na Igreja são apenas servos do bispo (S. Cip.), são muitas vezes chamados as mãos, os pés, os olhos da Igreja. A superioridade dos sacerdotes sôbre os diáconos é provada pelo uso da Igreja primitiva de escolher os bispos entre os presbíteros e não entre os diáconos (S. Jer.).

2. Esta jerarquia é *de origem apostólica.*

S. Paulo na sua epístola aos Filipenses fala de presbíteros e diáconos, mas só nomeia um, o *fiel companheiro dos seus trabalhos* (IV, 3). Já então existia em cada igreja alguém a quem competia *julgar os padres* (I Tim. V, 19), *ordená-los* (I Tim. V, 22), *colocá-los* em certas cidades determinadas (Tit. I, 5). S. Inácio de Antioquia também distingue uma *tríplice jerarquia* entre os ministros da Igreja: «Obedecei todos, escreve êle aos de Filadélfia, ao bispo, como Jesus Cristo a seu Pai, aos sacerdotes como aos apóstolos, aos diáconos como à lei divina. (Ver mais acima as comparações de S. Clemente Romano († 217). Contudo, nos tempos apostólicos os termos não estavam ainda fixados: Os presbíteros ora eram chamados *anciãos* (presbyter) ora *vigias* (episcopus: bispo). Entre os Judeus empregava-se mais o nome de *anciãos* (presbyter), por-

que os Judeus tinham anciãos no Sinédrio e nas sinagogas e conheciam, por conseguinte, esta expressão; entre os pagãos usava-se de preferência o nome de *vigias*, porque a palavra *ancião* lhes teria parecido estranha, visto que até homens novos se faziam sacerdotes. Em cada comunidade havia *vários sacerdotes* (I Tim. IV, 14), mas um dêles *presidia* aos outros, era como que o sumo sacerdote, e foi a êle que mais tarde foi reservado o título de *bispo*. O bispo muitas vezes só é chamado sacerdote, porque com efeito o é, e por excelência; por isso S. Pedro (I, V, 1) e S. João (II, I, 1) se dão a si mesmos êste nome.

3. *Cristo* instituíu o sacerdócio *imediatamente*; o diaconato *mediatamente pelos apóstolos*.

Os apóstolos elegeram diáconos para se fazerem substituir por êles para a distribuïção das esmolas; conferiram-lhes esta ordem pela imposição das mãos (Act. Ap. VI). Os diáconos com efeito tinham também que desempenhar *funções sacras*: prègavam (S. Estêvão), baptizavam (S. Filipe que baptizou o tesoureiro da raínha da Etiópia). — As *diaconisas* da primitiva igreja eram de instituïção eclesiástica: eram viúvas ou virgens às quais era confiado o cuidado dos doentes e das mulheres catecúmenas. Não faziam parte da jerarquia, porque a Igreja foi sempre fiel ao princípio de S. Paulo: «Que as mulheres se calem na Igreja» (I Cor. XIV, 34). São as mulheres condenadas ao silêncio, porque Eva seduziu Adão e assim perdeu o direito de ensinar na assembleia dos fiéis (I Tim. II, 11 etc.).

4. Além desta tríplice ordem, há ainda na Igreja *outra jerarquia* segundo a *subordinação dos poderes*: O **Papa**, os **Cardiais**, os **Arcebispos**.

Já tratámos mais acima destas dignidades (das quais as últimas duas não são de instituïção divina). — Esta jerarquia é importante, porque se baseia na **obediência**; os inferiores devem obediência aos superiores. Todos devem obediência ao papa; os sacerdotes e os leigos, ao bispo; os diáconos e os leigos, ao sacerdote (I S. Pedro, V, 5; Hebr. XIII, 17). A jerarquia eclesiástica é, pois, como a *ordem de batalha* de um exército (Conc. Tr. 23, 4). A

Igreja é um *corpo* em que a cabeça influi sôbre os membros superiores e estes sôbre os membros inferiores; sem esta influência a Igreja não seria mais do que um cadáver rígido, não resistiria às perseguições com o êxito que é sabido. Tôda a sua fôrça reside nesta organização.

7. As notas da verdadeira Igreja

Quando o espírito mau viu os falsos deuses destruídos e os seus templos desertos, imaginou nova astúcia, enganando os homens sob color do nome cristão e provocando heresias (S. Cipr.). Assim, depois de Cristo, fundou êle cêrca de **200 igrejas novas,** tôdas diferentes por sua doutrina. Ora, como Cristo não instituíu senão *uma só* igreja, segue-se que entre *tôdas* as igrejas uma só é a *verdadeira*. Por isso Deus quis que nós reconhecêssemos a verdade, e por conseguinte a verdadeira Igreja, mediante certos sinais (notas) infalíveis.

1. A verdadeira Igreja é aquela que tem sido mais *perseguida* pelos homens e mais *glorificada* por *milagres divinos*.

Cristo profetizou muitas vezes essas perseguições aos seus discípulos. «O servo, disse-lhes êle, não é superior ao seu senhor; **se êles me perseguiram, êles vos perseguirão também** (S. Jo. XV, 20). Anunciou-lhes que seriam conduzidos à presença dos *reis* e dos *governadores* para prestar contas da sua doutrina (S. Mat. X, 18); disse-lhes mesmo: «Hora virá em que aquêles que vos derem a morte cuidarão ter bem merecido de Deus» (S. Jo. XVI, 2), e, «porque eu vos escolhi entre o mundo, é por isso que o mundo vos odeia» (ibid. XV, 19). Por isso a Igreja nunca está sem perseguição; a história ensina-nos que todos os *sacerdotes e os bispos* que trabalharam ardentemente segundo o Espírito de Jesus Cristo tiveram que sofrer, até a prisão. Quantos países em que foram suscitadas perseguições abertas! (Na Alemanha, no século passado, chamaram-se estas perseguições *Kulturkampf*, que quere dizer: luta pela civilização!!! por exemplo em 1873 e 1874, em que muitos bispos e centenas de padres foram lançados nos cárceres por terem celebrado missa, assistido aos moribundos, censurado ou transgredido as leis perseguidoras).

A Igreja no decorrer dos séculos sofreu êsses assaltos quási por tôda a parte. As mesmas *seitas*, que se combatem entre si, unem-se no ódio contra a Igreja, como Herodes e Pilatos se reconciliaram e tornaram amigos no dia da condenação de Cristo. Tôda a gente sabe que tôdas as **obras católicas**, as ordens religiosas, as associações, os congressos católicos, as missões, encontram por tôda a parte e sempre os mais violentos obstáculos: que no nosso tempo de liberdade de imprensa há nações onde a publicação dos decretos pontifícios e das ordens episcopais é submetida ao *placet*, ao passo que os inimigos da Igreja têm ilimitada liberdade de imprensa e de associação. Que ódio, sobretudo em certos países, contra as *ordens religiosas!* Só a verdade pode ser assim odiada e perseguida! Portanto, as igrejas que favorecem o espírito do mundo não são as que possuem a verdade. — *Só no seio da* **verdadeira igreja há milagres.** Produzem-se inumeráveis milagres nas peregrinações católicas, por exemplo em Lourdes, produzem-se por meio das relíquias, e dos corpos dos santos preservados da corrupção (Ver pág. 73). Nenhuma outra igreja os pode alegar semelhantes; ora nós sabemos que os milagres são o sêlo com que Deus marca a verdade (pág. 84).

2. A verdadeira Igreja é aquela em que se encontra o sucessor de *S. Pedro.*

A Igreja repousa sôbre uma *rocha*, que é Pedro, porque foi a êle que Jesus Cristo disse: «Tu és Pedro, etc.» **Onde está Pedro, aí está a Igreja** (S. Ambr.). Quando foi a *pesca miraculosa* à beira do lago onde Jesus prègou, êste para falar subia para a barca pertencente a Pedro (S. Luc. V, 3). A razão é evidente. Ora o sucessor de Pedro só se encontra na Igreja *católica;* note-se, com efeito, a sucessão dos papas: Pio XI sucede a Bento XV, Bento XV a Pio X, Pio X a Leão XIII, Leão XIII a Pio IX, êste a Gregório XVI e assim por diante até ao primeiro papa, S. Pedro.

3. A verdadeira Igreja reconhece-se também por *quatro* notas principais: ela é *una, santa,* universal ou *católica* e *apostólica.*

Só a *Igreja católica* possui estas quatro notas. É curioso ver os *títulos bombásticos* com que as outras igrejas se decoram para as substituir: uma chama-se *ortodoxa* (que tem a verdadeira fé); outra *evangélica* (que se cinge estrictamente ao evangelho); outra ainda *vélha-católica* (que data da primitiva igreja). Estes títulos parecem ouropéis.

1. A verdadeira Igreja é **una**, isto é: em todos os tempos e em tôda a parte tem o mesmo chefe, a mesma doutrina, os mesmos sacramentos e o mesmo sacrifício.

A verdade só pode ser uma; portanto a doutrina da Igreja não pode mudar. Jesus Cristo queria esta unidade da Igreja; prova-o êle por suas palavras e acções: ora na última ceia pela unidade da Igreja (S. Jo. XVII, 20), quere que na sua Igreja haja um só rebanho e um só *pastor* (ibid. X, 16); estabelece nela um só chefe (ibid. XXI, 17), etc. Como *tipos* da unidade da Igreja encontramos no Antigo Testamento o templo único de Jerusalém, os Judeus como único povo eleito; no Novo Testamento, a túnica inconsútil de Cristo. — A **Igreja católica é una**; todos os catecismos do universo concordam na doutrina; em todo o mundo se celebra o Santo Sacrifício, se administram do mesmo modo os sacramentos, observam-se as mesmas festas principais e as mesmas cerimónias importantes e reconhece-se o primado do pontífice romano. — Embora tenha havido *anti-papas*, só aquêle que havia sido regularmente eleito era o verdadeiro chefe da Igreja; um pretendente à coroa não tira os direitos ao chefe legalmente estabelecido num estado. A Igreja permanece também una, a-pesar-das *heresias*, porque o herege que rejeita um dogma definido por ela é expulso do seu grémio. — A *imutabilidade* da doutrina e das instituïções da Igreja não é uma *falta de progresso*, porque a razão não pode chamar progresso ao abandono da verdade para se adoptar uma novidade, um êrro. A verdade dogmática é imutável como a verdade matemática, que nunca admitirá que se possa mudar êste princípio: 2 e 2 são 4. Portanto não se pode reconhecer unidade naquela igreja que admite a livre interpretação da Bíblia por qualquer fiel, que admite, portanto, como igualmente verdadeiros os sentidos mais diversos e mais contraditórios,

que permite a cada teólogo o sustentar qualquer doutrina que lhe convenha, que admite ora cinco, ora três, ora apenas dois sacramentos. «Protestantismo, exclama com razão Bossuet, tu tens variações, portanto não estás na verdade».

2. A verdadeira Igreja é **santa,** isto é: possui os meios e o desejo de santificar todos os homens.

A santificação dos homens é precisamente o *fim para que Cristo fundou a Igreja,* e a dotou com tantos meios de graça. **Só um santo pode educar santos** (Stökl) (1). — **A Igreja católica é santa.** Tôdas as suas doutrinas são severas e sublimes; a sua moral tôda é fundada, depois do amor de Deus, sôbre o *amor do próximo,* e a *renúncia de si mesmo.* Ela possui dois sacramentos, a Penitência e Eucaristia, eminentemente próprios para elevar o coração humano, para cuja mais alta perfeição moral ela concorre ainda pela observância dos *conselhos evangélicos.* Assim produziu ela legiões de santos, cuja santidade foi assinalada por Deus com inegáveis milagres. — Os vícios individuais dos católicos ou os escândalos e os *abusos* que se produzem às vezes na Igreja não lhe podem ser censurados: são obra das paixões humanas. Um objecto útil, por exemplo uma faca, um martelo, etc., pode ser empregado para um crime; não é êle que se torna mau, foi o homem que abusou dêle. Os próprios apóstolos contavam entre êles um mau e Cristo representou alguns membros da sua Igreja sob a figura do joio e de peixes maus. — Ao invés, a santidade falta à igreja que ensina que basta a fé para a salvação, que as obras são inúteis (Lutero); àquela que ensina que certos homens nascem já predestinados ao inferno (Calvino); àquelas que, como elas mesmas confessam, não podem apontar nenhum de seus membros que tenha vivido numa santidade garantida por Deus com milagres.

3. A verdadeira Igreja é **universal** ou **católica,** isto é: tem a faculdade e a missão de receber no seu seio os homens de tôdas as épocas e de tôdas as raças.

---

(1) Filósofo alemão, muito célebre entre os católicos.

Cristo morreu por todos os homens e depois da sua morte enviou os apóstolos aos homens de tôda a terra que haviam de viver até ao fim dos tempos (S. Mat. XXVIII, 20); a Igreja deve, portanto, existir para todos os povos. A união de tôdas as nações na Igreja foi, aliás, indicada pelo milagre das línguas no Pentecostes. — *A Igreja romana é universal.* As suas doutrinas são tais que podem ser ensinadas a tôdas as nações; por isso ela tem recebido no seu as mais diversas raças: os gregos com a sua cultura, os romanos com o seu espírito de conquista e os seus súbditos, os Germanos bárbaros e ávidos de saque, os Eslavos afastados de tudo o que lhes é estranho, etc. Hoje está espalhada por todo o universo. Há, sim, diz Santo Agostinho, hereges em tôda a parte; mas não são por tôda a parte os mesmos. As Igreja católica tem, só ela, 340 milhões de membros; é ela portanto mais numerosa que tôdas as outras igrejas. Além disso está enviando sem cessar os seus missionários aos povos pagãos, como mensageiros da fé. — As outras igrejas, ao invés, identificaram-se demasiadamente com o espírito nacional ou local e tornaram-se *igrejas nacionais*. Uma igreja que depende absolutamente de um soberano, não pode ser a verdadeira igreja, como o não pode ser a que declara (Lutero) a leitura da Bíblia indispensável à salvação (com efeito, segundo Lutero, a salvação depende só da fé e esta vem da leitura da Bíblia); nem aquelas que não têm missões entre os pagãos ou cuias missões não produzem fruto.

4. A verdadeira Igreja é **apostólica,** isto é, deve descender dos Apóstolos, as suas instituïções devem ser substancialmente semelhantes às dos tempos apostólicos e os seus chefes devem ser os sucessores dos Apóstolos.

As palavras de Jesus no momento da sua ascensão provam que êle queria a perpetuïdade das suas instituïções *até ao fim dos tempos;* a Igreja é construída com os apóstolos por fundamento e com Jesus Cristo por pedra angular (Ef. II, 20). A verdadeira igreja é portanto só aquela que, **fundada pelos apóstolos,** dura até hoje. — **A Igreja católica é apostólica:** ela dura há 1900 anos. O próprio Lutero concordava em que a Igreja católica é a *mais antiga* das igrejas: «Todos os fiéis, dizia êle, receberam dos católicos a sua religião». Santos Padres mais antigos

ensinavam já o que contêm os nossos catecismos, e o nosso culto não difere do culto dos primeiros cristãos senão em cerimónias acessórias. Os nossos bispos e os apóstolos estão unidos entre si pela ordenação, como os anéis das duas extremidades de uma cadeia. — Uma igreja que só existe há 400 anos (Lutero insurgiu-se cêrca de 1520) ou há poucos anos, não pode ser a verdadeira igreja. Certos protestantes, por outro lado, reconhecem que se separaram da verdadeira Igreja. Atribui-se ao vélho marechal *Moltke* o seguinte dito: «Será necessário que nós, protestantes, tornemos a ser católicos». Uma grande personagem teve a ousadia de dizer ao conde de Stolberg, depois da conversão dêste ao catolicismo: «Não gosto das pessoas que abandonam a religião de seus pais». O conde replicou maliciosamente: «Nem eu: Se meus avós não tivessem mudado de religião, já eu não teria necessidade de *reentrar* na Igreja católica».

O estudo das notas da verdadeira Igreja tem trazido, no decorrer dos séculos, ao seio da Igreja, uma multidão *de homens ilustres.*

É muito de admirar que sejam precisamente homens *de grande sciência e de alta virtude, tais como no século* XIX os futuros cardiais inglêses Newmann e Manning, os que se converteram, mesmo com prejuízo temporal, a-pesar-da perda de seus cargos. Pelo contrário, aquêles que saíram da Igreja provaram sempre pela sua vida ulterior quão pouco valiam. — É, pois, para nós *motivo de alegria* o pertencermos à verdadeira Igreja, tanto mais que a fé católica tem sôbre as outras a imensa vantagem de nos granjear mais *consolação* na desgraça e no momento da morte. Melanchton, o principal discípulo de Lutero, escrevia a sua mãe, que permanecera católica: «**É mais fácil viver no protestantismo, mas é mais doce morrer no catolicismo**» e a outra pessoa: «A religião nova tem mais *aparência*, o catolicismo tem mais *segurança*».

8. Fora da Igreja católica não há salvação

A Igreja católica é um *rio* que tem sua nascente nas águas vivas que brotam da bôca de Cristo, na sua doutrina (palavras de Jesus à Samaritana, S. Jo. IV), e que corre há 19 séculos. Todo aquêle que vai nesta corrente

(que se deixa conduzir pela Igreja) voga *direito ao pôrto da bem-aventurança eterna.* Aquêle que vai nas águas derivadas do rio (que pertence a outra igreja) não chegará ao pôrto, se não regressar ao rio. Por outros termos: **Fora da Igreja não há salvação.**

1. Não se pode assegurar a salvação a não ser na Igreja católica, isto é, só ela possui os *meios* que asseguram a salvação: a *doutrina* de Cristo, as *fontes de graça* instituídas por êle, *os chefes destinados* por êle ao ensino e ao *govêrno* da Igreja.

Não se pode querer mal à Igreja por ela proclamar o princípio: «fora de mim não há salvação»; ela não pode declarar que a verdade e o êrro são dois caminhos igualmente seguros para ir ao céu. Ninguém hesita em denunciar à opinião pública os negociantes que vendem *géneros falsificados;* com mais razão é preciso pôr os homens de sobreaviso contra as igrejas que adulteraram e envenenaram o pão das almas. A Igreja **não diz quem irá para o céu, mas sim o que conduz ao céu;** só Deus, que sonda os rins e os corações, sabe quem se salvará ou não. O princípio católico não contém, pois, *nenhuma intolerância,* nenhum fanatismo contra as pessoas, mas sim a intolerância da verdade pura com o êrro, a intolerância de Deus que não sofre nenhum ídolo a seu lado (I Reis, V.). A Igreja tanto não tem ódio aos que estão fora do seu seio, que na Sexta-feira santa implora a misericórdia de Deus sôbre êles. A *condenação dos hereges à morte,* na Idade média, (por exemplo João Huss, queimado em 1415), não era obra da Igreja, que não quere a morte do pecador, mas a sua conversão; era obra do poder secular e da legislação civil que perseguia os hereges, porque em regra geral êles atacavam também o poder, a moral e a paz pública. — A Igreja católica é, portanto, **o caminho do céu.** Nisto distingue-se da Sinagoga, que mostrava apenas êste caminho num futuro longínquo e obscuro, ao passo que a Igreja é ela mesma o caminho; distingue-se também da *heresia* que trunca a doutrina de Cristo e suprime as fontes da graça, tais como a santa Missa, o sacramento da penitência. Os caminhos destas Igrejas são caminhos errados e desviados.

Um paralítico avança mais no bom caminho do que um carro com excelentes cavalos fora do recto caminho (S. Agost.). Aquêle que não confessa a verdadeira fé, dá grandes passos, mas é fora do caminho; quanto mais anda, mais se afasta do fim para onde se dirige (S. Agost.). Pode-se, em verdade, ir a Roma por Constantinopla; mas quando se chegará? e à custa de que fadigas e despesas? Muitos não chegariam lá.

2. Todo o homem que vive fora da Igreja tem a obrigação grave de se fazer receber nela, logo que lhe reconheça a verdade.

Diz-se ordinàriamente: *Um homem de bem não muda de religião.* Esta máxima é uma insensatez. Um filho honrado não pode ficar com a *riqueza* mal adquirida por seu pai, só pela razão de a ter herdado; com mais razão não se pode permanecer numa religião que se reconhece falsa, ùnicamente porque se recebeu, ou por nascimento, ou por educação (Deharbe). Outros dizem: «Nós cremos todos no mesmo Deus, **tôdas as religiões são boas** e pode-se ir para o céu, vivendo numa ou noutra». Estes princípios chamam-se *indiferentismo.* São falsos, porque só *uma fé* pode ser *a verdadeira,* a revelação divina, como só há um Deus; ora a mesma razão nos impõe o dever de procurar sempre/a verdadeira fé e de a seguir. É absurdo pensar que é *indiferente* a Deus que se adore a Êle ou que se adorem ídolos de madeira e de pedra; que se reconheça Jesus por seu Filho ou que, com os judeus, se considere como um blasfemo. Por que teria Cristo, e depois dêle os Apóstolos, sofrido tantas *tribulações* para anunciar o Evangelho, se fôsse indiferente crer nêle ou não? Por que se teriam os Apóstolos levantado tão enèrgicamente contra aquêles que falsificavam a doutrina de Cristo? (Gál. I, 8; II S. Jo. I, 10). Por que teria Jesus convertido a S. Paulo? Por que teria êle enviado um anjo e um apóstolo ao centurião Cornélio? (Act. Ap. IV, 42). Além disso Jesus disse expressamente: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai, se não fôr por mim» (S. Jo. XIV, 6). — Por isso encontramos entre os convertidos **as almas mais nobres;** a sua conversão custou-lhes muitas vezes os mais duros sacrifícios. *Cristina,* filha única de Gustavo Adolfo, o grande perseguidor dos católicos, adquiriu por suas leituras a convicção da verdade do catolicis-

mo: as leis suecas não toleravam o catolicismo, e ela depôs a coroa após três anos de reinado (1654) e acabou seus dias em Roma (1689), onde está sepultada em S. Pedro. É um procedimento heróico! O conde *Frederico de Stolberg* teve procedimento análogo (1800); êste brilhante escritor renunciou ao seu cargo. Na segunda metade do século XIX a *Inglaterra* viu a conversão, em massa, de cêrca de 5:000 personagens importantes, entre outras a de Newmann (1845) e de *Manning* (1851), que depois foram cardiais. Na *Alemanha* verificou-se no século XIX a conversão de cêrca de 20 personagens pertencentes a casas soberanas e de cêrca de 120 membros de nobreza. Houve também conversões do *Judaísmo*, entre outras a do vienês *Veit*, depois prègador da catedral, e a dos Alsacianos *Ratisbonne* e *Liebermann* (1).

3. Aquêle que *por sua própria culpa* permanece fora da Igreja não se pode salvar.

«O servo, diz Jesus, que conheceu a vontade de seu senhor e não a cumpriu, será duramente açoitado» (S. Luc. XII, 47). Terrível será portanto a sorte daquele que conhece convenientemente a divindade da Igreja e que, por exemplo, para contrair matrimónio com uma protestante, para fazer um bom negócio, *sai da Igreja;* o mesmo se diga do que, tendo reconhecido a verdade da religião católica, *se recusa a abraçá-la* por cobardia, por temor do que dirão, por desprêzo. O mesmo juízo se deve emitir acêrca daquele que tem *dúvidas fundadas* sôbre a verdade da sua religião e descura o esclarecer-se, que faz calar seus escrúpulos por temor de reconhecer a divindade da Igreja católica. Estes homens têm por um interêsse passageiro um aprêço superior ao que têm pela amizade de Deus e pela felicidade eterna; preferem as trevas à luz (S. João III, 19). Aquêles que ficam fora da Igreja perdem-se como aquêles que estavam *fora da arca de Noé* (S. Cip.). **Não pode ter a Deus por pai, quem não tem a Igreja por mãe** (id.). Não se pode ninguém salvar quando não tem a Cristo por chefe; ora quando se não faz parte do corpo da Igreja es-

(1) O primeiro era de Estrasburgo e fundou a ordem das Damas de Sião; o segundo era filho de um rabino de Saverne, e fundou a Congregação do Espírito Santo; foi declarado Venerável.

tá-se neste caso (S. Agost.). Separar-se da comunhão da Igreja é separar-se de Cristo (IV Conc. de Latrão).

4. Aquêle que *sem ser por sua culpa* permanece fora da Igreja, pode salvar-se, contanto que leve uma vida piedosa: é católico de vontade.

Grande número dos que nasceram e foram educados no êrro crêem pertencer à verdadeira Igreja e imaginam que são verdadeiros cristãos. *Enganam-se*, não por *ódio*, mas, por que assim o digamos, *por amor de Deus* (Salviano). Aquêle que leva uma vida *piedosa* tem em si a *caridade*; esta lhe serve de **baptismo de desejo** e dêle faz um membro da verdadeira Igreja; será salvo, não pelo êrro, mas por pertencer à verdadeira Igreja (Belarmino). «De qualquer nação que se seja, diz S. Pedro, é-se agradável a Deus, quando se lhe tem temor e se pratica a sua justiça» (Act. Apóst. X, 35). A Igreja abrange *todos os justos*, desde Abel até ao último eleito antes do fim do mundo (S. Greg. Mag.). Todos aquêles que *viveram em conformidade com a razão* eram cristãos, a-pesar-das aparências, tais como Sócrates entre os Gregos, Abraão e Elias entre os Judeus (S. Justino). Aquêles de que acabamos de falar não pertencem ao *corpo da Igreja*, isto é, à sociedade constituída pela profissão exterior da fé, mas à **alma da Igreja** pelos sentimentos interiores que devem animar seus membros.

Há portanto na Igreja membros *visíveis* e membros *invisíveis*.

Os membros *visíveis* são aquêles que entraram na Igreja pelo *baptismo*, que professam a verdadeira fé e estão sujeitos aos pastores legítimos. Não são membros *visíveis* da Igreja os infiéis (pagãos, judeus, maometanos), os hereges (protestantes), os scismáticos (gregos), os excomungados, isto é, aquêles que são excluídos da Igreja. Os membros *invisíveis* da Igreja são aquêles que, sem culpa, não fazem parte dela, e estão em estado de graça: tais foram Abraão, Moisés, David, Job, etc.

Os membros visíveis da Igreja dividem-se por sua vez em *vivos* e *mortos*, conforme se encontram, ou não, em estado de graça.

É êrro crer que se é excluído da Igreja por um pecado mortal. A Igreja é como um campo onde cresce *trigo e joio* (S. Mat. XIII, 24), como uma rêde onde há peixes *bons* e *maus* (ibid. 47), como a arca de Noé que continha animais puros e impuros, como uma eira onde se encontra grão bom e palha (S. Agost.), como uma árvore que tem *ramos verdes e ramos secos*. Só a qualidade de membro da Igreja não basta para a salvação, é necessário viver segundo a religião, aliás aquela qualidade apenas serviria para condenação mais rigorosa.

9. As relações entre a Igreja e o Estado

O Estado pode-se dizer que é uma instituïção que tem por fim imediato a *prosperidade temporal* dos cidadãos de um país. — A Igreja e o Estado visam a *fins análogos;* êste, principal e directamente, procura a felicidade temporal dos cidadãos; aquela, não sòmente a prosperidade temporal, mas também, e sobretudo, a felicidade eterna. *Os dois poderes vêm de Deus;* a Igreja recebeu de Cristo a sua autoridade, o Estado recebeu a sua, não do povo, mas de Deus, autor da sociedade (Leão XIII). — Contudo a Igreja é *distinta* do Estado; os Estados são muitos, a Igreja é uma só; o Estado não abrange senão um ou alguns povos; a Igreja, todos os povos da terra; os Estados nascem e morrem; a Igreja é imortal. A Igreja *aceita tôdas as formas de govêrno*, desde que elas nada têm que seja contrário à Igreja católica (Leão XIII não cessou de exortar instantemente os monárquicos franceses para que reconhecessem à forma *republicana* do govêrno existente (1892). Cristo tinha já ensinado que é preciso dar a César o que é de César (S. Mat. XXII, 21).

1. A Igreja na sua esfera é completamente independente do Estado; porque Cristo conferiu o ministério doutrinal, sacerdotal e pastoral só aos Apóstolos e aos seus sucessores, e não aos príncipes temporais.

O Estado, portanto, não tem competência para prescrever aos cristãos o que devem crer ou não, nem aos sacerdotes o que hão-de prègar, quando e como devem ad-

ministrar os Sacramentos, celebrar Missa, etc. Por isso a Igreja repeliu sempre enèrgicamente qualquer ingerência do Estado nos negócios puramente religiosos. O bispo de Córdova, Ósio, que se havia distinguido no concílio de Niceia, declarou animosamente ao imperador que pretendia intrometer-se em questões dogmáticas: «Aqui vós não tendes nada que nos ordenar, mas antes tendes que receber as nossas ordens». — O Estado, por seu lado, é no seu domínio *independente da Igreja;* uma e outro têm um campo nìtidamente delimitado, dentro do qual cada um é livre de proceder a seu modo (Leão XIII). — Contudo, matérias há em que os dois poderes se tocam e nas quais é necessário um **acôrdo comum,** porque, se cada poder decidisse em sentido contrário do outro, haveria conflitos, e os súbditos não saberiam a qual obedecer (Leão XIII). Quando a Igreja e o Estado estão em luta, não sòmente as coisas pequenas sofrem, mas até os grandes interêsses se arruínam (id.). Os dois poderes devem estar *unidos* como o corpo e a *alma* (id.). — A Igreja e o Estado estabelecem muitas vezes tratados, a que se chama *concordatas*. A Igreja nesses tratados dá sempre provas de magnânimo amor maternal, fazendo com a sua doçura e a sua condescendência habituais as mais largas concessões possíveis.

2. A Igreja contribui poderosamente para a prosperidade do Estado; ela ensina a submissão aos poderes públicos, impede os crimes, impele os cidadãos para actos generosos e mantém a união entre as nações.

A religião protege o Estado melhor do que as muralhas (Plutarco), e a polícia mais bem organizada não vale tanto como um singelo catecismo de aldeia. A Igreja ensina-nos que o poder civil *tem de Deus a sua autoridade* (Rom. XIII) e que é preciso *obedecer* até aos *maus governos* (I S. Pedro, II, 18). — Muitos *grandes criminosos* têm sido convertidos pela Igreja e transformados em grandes santos, em grandes bemfeitores da humanidade, por exemplo, Santo Agostinho; muitos homens são *desviados do crime* pelos austeros ensinamentos da Igreja acêrca de Deus, que sabe tudo, que em tôda a parte está

presente, e acêrca do juízo depois da morte. Quantos *bens mal adquiridos* são restituídos, quantos inimigos reconciliados, graças à influência do sacerdote, sobretudo no confessionário. — Emfim a Igreja ensina que a felicidade eterna se obtém por meio das *obras da misericórdia* e impõe aos cristãos o dever estricto de socorrer os desgraçados. Quantas **instituïções de caridade** para os doentes, os órfãos, os cegos, os surdos, etc., foram criadas por seus ministros! A Igreja, em conformidade com a lei de Cristo, ocupa-se primeiro dos *pobres*, que são os mais expostos ao perigo de cair nos vícios: foi com êste fim que ela fundou uma multidão de associações de socorros. — Além disso a Igreja procura realizar *a fraternidade* dos **povos** (S. Agost.), por um lado mediante a unidade das prescrições morais e da religião, e por outro lado mediante a lei da caridade.

Por isso, os governos sérios e os verdadeiros homens de Estado procuraram sempre proteger a Igreja.

Basta recordar o que fizeram pela Igreja Constantino Magno no império romano, Carlos Magno entre os Francos e os Germanos, Santo Estêvão na Hungria, S. Venceslau na Boémia, etc. — Um bom príncipe, longe de repelir o auxílio da Igreja, procura-o (S. Ambr.). Os soberanos que perseguem a Igreja, minam a sua própria *autoridade;* o povo já não os considera como representantes de Deus, mas como iguais, como simples representantes do povo; os reis dêste modo serram o ramo em que estão sentados.

Os Estados que perseguiram a Igreja cedo caíram em ruína.

Todo o reino dividido contra si, disse Jesus Cristo, será desolado (S. Luc. XI, 17). A religião e o poder civil são uma para o outro como alma e corpo: sem alma o corpo não é senão cadáver; o mesmo sucede ao Estado sem religião; por isso Isaías já dizia: «O povo e o reino que vos não servem serão destruídos» (LX, 12). O próprio Macchiavelli escreveu estas palavras: «O sintoma mais seguro de decadência dos Estados é o desprêzo da religião». Nada o prova melhor que a ruína do *império*

romano e os horrores da *Grande Revolução*. Napoleão mesmo dizia que é impossível governar um povo sem religião. Logo que esta diminui, o *número dos crimes aumenta*. O grande Frederico, amigo de Voltaire, tendo verificado êste fenómeno no seu reino, disse a um dos seus ministros: «Procurai trazer-me de novo religião ao país». Era o que já dizia o profeta Oseias aos seus compatriotas: «Porque não há conhecimento de Deus sôbre a terra, os ultrajes, a mentira, o homicídio, o latrocínio, o adultério se derramaram nela como o dilúvio» (IV, 12). A população das *prisões* é na grande maioria composta de indivíduos irreligiosos. «Seria mais fácil, diz Plutarco, construir uma cidade no ar, do que conservar um Estado sem religião». A razão e a experiência demonstram que sem religião não há moralidade, e não é bom patriota aquêle que mina a religião, êsse esteio poderoso da sociedade (Washington).

3. A Igreja tem sido em todos os tempos protectora da sciência e da civilização.

A própria Igreja tem interêsse em cultivar a sciência: porque a ignorância tem muitas vezes por companheira a imoralidade e a selvageria. A Igreja é, por assim dizer, forçada a estudar a *natureza*, porque o universo é o livro que em cada página proclama a sabedoria de Deus. Quanto mais o homem estuda a natureza, mais aprende a conhecer a Deus perfeitamente e mais se lhe enche o coração de amor de Deus (Leão XIII, ainda bispo de Perusa). Os povos mais civilizados são aquêles onde a Igreja pôde exercer mais livremente a sua influência. Foi o Cristianismo que domou os **povos bárbaros da Europa** e que os civilizou de forma a torná-los senhores e guias das outras nações.

Foi a Igreja a *primeira* a cuidar da instrução das crianças e a *fundar escolas*.

No tempo de Carlos Magno, as escolas dos mosteiros, das catedrais, das paróquias, eram estabelecimentos eclesiásticos, e a maior parte das universidades devem aos papas sua fundação. Inteiras congregações, como os Piaristas, os Beneditinos, os Jesuítas, os Irmãos das escolas cristãs, se consagraram ao ensino. A excelência dos mé-

todos dos *Jesuítas* foi-lhes reconhecida pelos próprios inimigos; a-pesar-da sua supressão (1773), Frederico II da Prússia e a Imperatriz da Rússia Catarina II continuaram a confiar-lhes a direcção de certos colégios. — Ainda hoje a Igreja funda **escolas livres** nos países onde a religião é banida das escolas. Coisa curiosa: há anti-clericais que enviam seus filhos não à escola leiga, mas à escola católica.

Foi a Igreja que preservou da ruína *os monumentos da antigüidade.*

Foram os monges da idade média que copiaram as obras primas literárias da antigüidade e as conservaram dêste modo para a posteridade; é nas bibliotecas dos mosteiros, nas bibliotecas e nos museus pontifícios que são conservadas grande número de obras de arte antigas. Os beneditinos contam na sua ordem cêrca de 16:000 escritores, e os Jesuítas cêrca de 12:000.

Foi a Igreja que mandou construir as mais belas *obras de arquitectura.*

Basta recordar as magníficas catedrais da idade média: a catedral de *Colónia* (1249-1880) cuja construção durou seis séculos, a de Estrasburgo (1015), a de Friburgo (1120), a de Ratisbonna (1275), a de Vienna (1365), a de Ulm (1377), a de Milão (1386), etc.. É à Igreja que se deve a célebre basílica de S. Pedro de Roma, com a sua cúpula gigantesca, começando a sua construção em 1506 e durando 150 anos; custou cêrca de 150 milhões de francos.

Foi a Igreja quem mais cultivou as *belas artes,* a música, a escultura, a pintura.

O canto litúrgico encerra obras primas; foi cultivado por S. Ambrósio, de Milão († 397), e S. Gregório Magno († 604). Os papas foram os protectores de grande número de músicos e de compositores, entre outros, de Palestrina († 1594). — A Igreja protegeu as imagens, primeiro no concílio de Niceia (787) contra os Iconoclastas, apoiados pelos imperadores bizantinos, em seguida no concílio de Trento, contra os adeptos de Lutero e de Zuínglio. — Os mais célebres artistas, Leonardo de Vinci

(†1519), Rafael († 1520), Miguel Ângelo († 1564), Corrégio († 1534), Canova († 1822) eram protegidos dos soberanos pontífices. Os primeiros *pintores* e os primeiros gabinetes de pintura procediam dos mosteiros.

Foi a Igreja que *arroteou* e *fertilizou* grandes regiões.

Os monges de S. Bento e de Cister desbravaram, especialmente na Alemanha, imensas florestas, secaram pântanos, praticaram a agricultura, etc. O mesmo fizeram em Portugal os monges de Alcobaça. É o que ainda hoje fazem nos países selvagens os Trapistas e outras ordens religiosas.

É a sacerdotes e a frades que devemos certo número das *invenções* mais importantes.

Um diácono, *Flávio Gioia*, inventou a bússola, cêrca do ano 1300; *Guido de Arezzo* descobriu a escala, as regras da música e da harmonia; o dominicano *Spina* inventou as lunetas; o franciscano *Bertoldo Schwartz*, a pólvora (cêrca de 1300); o jesuíta *Kircher*, a lanterna mágica e uma nova espécie de espelhos concavos (1646); *Copérnico*, cónego de Frauenberg, descobriu o sistema planetário (1507); o jesuíta *Cavaliere*, a composição da luz branca; o beneditino espanhol *Pontius* descobriu o método de ensinar os surdos mudos, levado à perfeição pelo padre *de l'Epée*; o jesuíta *Lana* inventou um método para ensinar a ler aos cegos (1687); o jesuíta *Secchi* († 1878) é célebre pelos seus estudos sôbre o sol; e o pároco de Baviera *Kneipp* ilustrou-se pelo seu método de hidroterapia († 1897) (1). — Os inimigos da Igreja pretendem que ela *é inimiga do progresso e das luzes;* isto é verdade, se por êste nome se entende o retrocesso da moralidade e do temor de Deus, o desenvolvimnto do egoísmo e do materialismo. — Diz-se também que a Igreja *é inimiga da liberdade;* por sem dúvida, se por liberdade se entende a licença e a desvergonha: «O excesso de liberdade, diz Platão, é licença e conduz ao despotismo».

(1) Portugueses, entre outros, recordaremos o Padre Himalaia, inventor de um explosivo potentíssimo e de um aparelho solar que lhe valeu fama universal.

4. A Igreja favoreceu sempre a prosperidade temporal; foi ela que fundou numerosíssimas instituïções de caridade e sociedades de socorro.

Não houve em tempo algum miséria nem necessidade a que a Igreja não procurasse remediar; isto não é contestado por ninguém. A Igreja fundou instituïções para os surdos-mudos, os cegos, os órfãos, as crianças abandonadas; as suas congregações hospitaleiras de frades e de Irmãs fundaram e administraram hospitais para os doentes, para incuráveis, casas para prêsos libertados (S. Vicente de Paulo), para os alienados, albergues para os vélhos, hospícios para os enjeitados (Inoc. III), para os viajantes (hospício de S. Bernardo), leprosarias (em nossos dias na Birmânia, nas Índias, onde em 12.000:000 de habitantes há 30:000 *leprosos*, repelidos por todos, que sofrem cruelmente durante longos anos). Numa palavra, a Igreja esteve em tôda a parte à frente das obras de beneficência. — Foi ela também que fundou as *sociedades de socorro:* a sociedade de S. Vicente de Paulo, os círculos operários, a sociedade de S. Rafael para os emigrantes, a sociedade anti-escravista, a obra da Santa infância para o resgate de criancinhas pagãs, os asilos para criadas nas grandes cidades, etc. — Só na diocese de Colónia o último meio século viu nascer mais de 1:200 instituïções e sociedades de beneficência. Além disso os papas envidaram os mais louváveis esforços para impedir as guerras ou atenuar os seus horrores. Assim fizeram Pio X e Bento XV, durante a guerra europeia (1914-1918). É, portanto, calúnia acusar a Igreja de consolar os infelizes ùnicamente com as esperanças da vida futura sem lhes curar dos interêsses dêste mundo. «Se a Igreja, diz S. Agostinho, tivesse sido fundada *só para as necessidades* desta vida não teria logrado conseguir maiores benefícios do que os que tem conseguido». «Os recursos recebidos pela Igreja, diz Thiele, capelão protestante da côrte, *voltam* ao povo pelos inúmeros canais *da cultura e da beneficência.*» Se os ricos do nosso tempo tivessem imitado, sequer de longe, o exemplo da Igreja, muitos fenómenos sociais, muito tristes, não se teriam dado. Os inimigos da Igreja, para desviar de seus próprios vícios as atenções, atribuem-

-nos a ela, como o ladrão que desorienta aquêles que o perseguem, gritando êle também: ladrão, ladrão!

10. A Comunhão dos Santos

Consideremos **a passagem do Mar Vermelho pelos Israelitas.** Podem-se distinguir três partes nessa imensa multidão; a retaguarda dos Israelitas tinha ainda que passar o mar e era acossada pelos soldados egípcios; o centro achava-se ainda ameaçado pelas muralhas líquidas e já a vanguarda tinha felizmente pôsto pé na margem oposta. Êste exército de imigrantes, saindo da terra da escravidão para entrar na Terra da Promissão, é imagem da humanidade; nós vamos de *viagem* para a pátria celeste, como diz S. Paulo «não temos aqui habitação fixa, procuramos a do futuro» (Hebr. XIII, 14). Somos como peregrinos que marcamos reünião num santuário bemdito. Muitos homens já lá chegaram, são os *Santos;* outros, as almas do purgatório, vão a caminho e estão já perto do fim; outros, finalmente, os fiéis dêste mundo, têm apenas começada a viagem. Todos juntos, porém, formamos um só povo, **uma só grande família de Deus.** «Somos todos cidadãos da mesma cidade dos Santos e membros da família de Deus» (Efés. II, 19). Três filhos dum mesmo pai podem estar em situações muito diferentes: um ainda na escola, outro num estabelecimento superior, o terceiro já numa carreira brilhante; isto não impede que sejam da mesma família, filhos do mesmo pai, irmãos entre si e coherdeiros dos bens paternos. Assim também os alunos das *classes superiores e inferiores* constituem todos juntos *um só colégio,* todos tendem ao mesmo fim. O mesmo se dá com os fiéis sôbre a terra, com as almas do purgatório e os santos no céu; todos tendem para o **mesmo fim,** a *união íntima* com Deus; por isso há entre êles um laço que os une em uma comunhão. — Os membros desta sociedade chamam-se **Santos,** porque todos foram santificados pelo baptismo (I Cor. VI, 11) e porque todos são chamados à santidade (I Tessal. IV, 3). Muitos dêles chegaram já à santidade consumada, e S. Paulo chama também santos aos fiéis da Igreja ainda vivos (Ef. I, 1).

1. Chama-se comunhão dos Santos a sociedade e a união íntima dos *fiéis vivos,* das almas do *purgatório* e dos eleitos no *céu.*

Os fiéis vivos formam a Igreja **militante**, porque têm de combater um tríplice inimigo: o mundo (as insídias dos homens perversos), a sua própria carne (as más inclinações), o demónio e as suas tentações (Job. VII, 1). As almas do purgatório constituem a Igreja **padecente** (ou purgante) porque têm de padecer no purgatório antes de entrar no céu. Os santos no céu são chamados Igreja **triunfante**, porque venceram seus inimigos e gozam a vitória. — Parece talvez estranho que se dê o nome de Igreja às almas do purgatório e aos santos; mas convém notar que todos, pelo baptismo, se tornaram membros da Igreja e com estarem noutro estado não deixam de lhe pertencer. *Não são*, portanto, *três igrejas*, mas uma só em estados diferentes.

2. Os fiéis vivos, as almas do purgatório e os eleitos do céu estão unidos a Cristo, como os membros do corpo à cabeça (Rom. XII, 4).

Todos são animados do **Espírito Santo** (1) (I Cor. 13). A alma vivifica todos os membros do corpo, dá vista aos olhos, ouvido aos ouvidos, etc., assim o Espírito Santo anima todos os membros do corpo de Jesus Cristo (S. Agost.). Mas como o *Espírito Santo procede do Filho*, é pròpriamente *Jesus Cristo que é o motor de todos os membros* desta grande comunidade, como a cabeça é o princípio motor de todos os membros do corpo. Eis por que Cristo é chamado *cabeça* do corpo da Igreja (Col. I, 18). Jesus Cristo é como *a cepa da vinha* (S. João XV, 5), que comunica a seiva aos ramos. — Cada membro tem sua *função própria*, e cada membro da Igreja seus dons particulares (I Cor. XII, 6-10, 28). O estômago, por exemplo, *funciona em proveito de todo o corpo*, e assim cada membro da Igreja serve à utilidade de todos. Os diferentes países trocam os frutos que cada um produz (S. Greg. Magno). Cada membro sente o *bem estar ou a dor* de outro; o mesmo sucede na Igreja em virtude do laço da caridade. «Se um dos membros sofre, todos os outros sofrem com êle; ou se um dos membros recebe louvores, todos os outros rejubilam com êle» (I Cor. XII, 26). Os

(1) Os pecadores podem pelo menos ter ainda a fé, que é um dom do Espírito Santo.

santos no céu não são insensíveis aos nossos cuidados. — Os fiéis que são *pecadores* continuam a fazer parte dêste grande corpo, mas não aquêles que são *expulsos* da Igreja, como os excomungados; os pecadores, porém, são membros mortos da Igreja.

3. Todos os membros da comunhão dos Santos participam dos *bens espirituais* da Igreja católica e podem mùtuamente *socorrer-se* com suas orações e boas obras; os eleitos no céu, porém, não carecem de socorro.

Numa sociedade todos os membros participam das suas vantagens: no Estado todos os cidadãos participam dos seus benefícios, das suas escolas, dos seus hospitais; todos têm direito a reclamar justiça perante os tribunais; na *família* todos os membros quinhoam de seus bens: nobreza, riqueza, etc. O mesmo na Igreja: todos os seus membros participam **dos bens espirituais comuns.** Todos os *sacrifícios* da missa, tôdas as *fontes da graça*, tôdas as *orações*, tôdas as boas obras dos fiéis são úteis a todos os membros da Igreja. No *Padre Nosso* pedimos por todos os fiéis; a Missa é oferecida por todos os fiéis vivos e mortos (as orações do Ofertório), o Breviário dos sacerdotes é recitado com as mesmas intenções. Daqui se pode inferir por que é que um grande pecador, que conserva a sua fé, se converte mais fàcilmente do que um mação, que é excomungado; por que é que um católico pode mais fàcilmente esperar ser libertado do purgatório. S. Francisco Xavier durante as suas peregrinações apostólicas consolava-se com o pensamento de que a Igreja tôda orava por êle e o apoiava em seus trabalhos. — Além disso, todos os membros da comunhão dos Santos **podem socorrer-se mùtuamente.** No corpo, a fôrça e a saúde de um membro contribuem para o bem dos outros membros, mesmo de um membro doente: um estômago, um pulmão sadio, por exemplo, contribuem poderosamente para a cura de um doente. Os olhos não vêem só para si, trabalham em favor dos outros membros, porque, se um obstáculo ameaçava a mão ou o pé, os olhos evitam o choque; diga-se o mesmo dos outros membros (S. Agost.). Na Igreja não sucede doutro modo; os merecimentos de uns operam em favor dos ou-

tros: Deus *perdoara a Sodoma,* se lá houvesse encontrado *dez justos.*

1. Os católicos **vivos** podem portanto ajudar-se mùtuamente, pela oração e pelas boas obras.

Os fiéis podem **pedir uns pelos outros.** Os fiéis pediram por *Pedro* na prisão e o libertaram. Santo Estêvão durante o seu suplício obteve pelas suas orações a conversão de Saulo (S. Agost.), e *Santa Mónica,* por 18 anos de súplicas, a conversão de seu filho Agostinho. Já no antigo Testamento Deus prometera escutar favoràvelmente a intercessão dos *sacerdotes* em favor do povo (Lev. IV, 20, Núm. XVI, 48). Cristo disse a Maria Lataste: «Assim como a intercesão da raínha Ester, junto de Assuero, obteve perdão para o povo hebreu, assim a oração de uma só alma basta muitas vezes para suster o braço vingador de Deus, levantado contra uma nação». Por isso S. Tiago nos faz esta recomendação: «*Orai uns pelos outros, a-fim-de operardes a vossa salvação*» (V, 16). Os outros apóstolos pediram muitas vezes as orações dos fiéis. «Auxiliai-me, dizia S. Paulo, junto de Deus com vossas orações» (Rom. XV, 30). Os filhos devem, portanto, pedir por seus pais, e recìprocamente. Esta intercessão é uma *uma obra de misericórdia,* que atrai dupla bênção, sôbre quem ora e sôbre aquêle pelo qual se pede. — Os fiéis podem também com suas boas obras (oração, jejum, esmola) fazer os outros participantes de **suas satisfações** (Cat. Rom.). É o que sucede na vida ordinária: um pode pagar as dívidas de outro, e o fiel pagar junto de Deus a dívida do castigo merecido pelo pecado. Por isso na primitiva igreja se perdoava a um pecador uma parte da sua penitência, porque um mártir intercedia por êle.

2. Podemos também socorrer **as almas do purgatório** por meio de orações e boas obras; elas, por seu lado, podem socorrer-nos com suas orações, sobretudo quando entram no céu.

Era já crença dos Judeus que nós podemos *socorrer as almas do purgatório;* Judas Macabeu enviou 12:000 dracmas de prata a Jerusalém, a-fim-de aí mandar oferecer sacrifícios pelos seus guerreiros mortos na batalha (I Macab.

XII). A igreja recomenda-nos a oração pelos defuntos por meio do toque a finados e às Trindades; ela ora também por êles na missa, ao *memento* dos mortos. «A prece pelos defuntos, diz Santo Agostinho, é a chave que abre o paraíso»; e o concílio de Lião (1274) ensina-nos formalmente que a intercessão dos fiéis vivos, pela Missa, pela oração, pela esmola e pelas outras boas obras, alivia as penas das almas do purgatório. — Estas podem também *socorrer-nos*, porque muitos Santos aprovam que as invoquemos (Belarm., S. Afonso de Liguori). Santa Catarina de Bolonha († 1463) tinha o costume de as invocar quando a intercessão junto dos Santos não era logo atendida, e diz que nunca as invocou em vão. As almas dos defuntos mostram-se *reconhecidas* àqueles que as socorrem, como se vê na brilhante vitória de Judas Macabeu sôbre Nicanor (II Macab. XV).

Os **santos do céu** socorrem-nos com suas orações diante do trono de Deus, especialmente quando os invocamos (Apoc. VIII, 4).

Os santos *sabem*, certamente, *o que se passa na terra*, porque a bem-aventurança consiste na satisfação perfeita dos desejos da criatura. O próprio demónio mostra, com suas tentações, que conhece os nossos lados fracos, os profetas do Antigo Testamento previam o futuro e conheciam coisas secretas — e os santos haviam de ser menos dotados? Êles sabem quando um pecador se converte (S. Luc. XV, 7), e com mais razão sabem quando são invocados. «Vêem em Deus, como em espêlho, tudo que se passa no mundo» (S. Teresa); não podem não ver, êles que vêem Aquêle do qual nada se esconde (S. T. de Aq.); não podem não ver as coisas exteriores, êles que vêem a Deus interiormente (S. Greg. Mag.). Quando nós *invocamos* os santos, êles oram no céu connosco (Catec. rom.). A intercessão dêles tem *um grande poder;* porque já sôbre a terra a prece fervorosa *do justo* pode muito (S. Tiago, V, 16). Qual não foi o valor da intercessão de Abraão pela cidade de Sodoma! Se, pois, os santos, quando *vivos ainda nos seus corpos*, oram com tamanho êxito, certamente o podem fazer quando lograram vitória (S. Jer.). Os santos *obrigam*, por assim dizer, Deus a escutar-nos; fazem como os guerreiros perante os potentados terrestres: mostram as feridas recebidas nas batalhas combatidas por

êle, e êle nada lhes pode recusar (S. J. Cr.). A intercessão dos santos foi por vezes confirmada por milagres, como se vê em Lourdes, e nas maravilhas incontestáveis dos processos de canonização.

Os nossos *parentes* e *amigos* defuntos que estão no céu, *intercedem* contìnuamente por nós perante o trono de Deus e *protegem-nos* nos perigos.

Os laços que nos prendem aos nossos defuntos não são quebrados pela morte, mas subsistem (Orig.). *A caridade não morre* (I Cor. XIII, 8), por isso não cessa no céu, onde, sendo glorificada, se torna mais íntima. Até o mau rico conserva no inferno uns certos vínculos com seus irmãos ainda vivos (S. Luc. XVI, 19). No limbo, Jeremias e o sumo sacerdote Onias rezavam pelo povo judaico (II Mac. XV, 14). Cristo prometeu a seus apóstolos rogar por êles (S. Jo. XIV, 16; I S. Jo. II, 1). Assim se explica como S. Agostinho fêz tamanhos progressos na santidade depois da morte de Santa Mónica, sua mãe, e S. Venceslau, depois da morte de sua avó Santa Ludmila. — Os *santos* com a sua intercessão *socorrem também as almas do purgatório*. A santíssima Virgem salva todos os dias um grande número (Alain de l'Isle); ela é a raínha e a mãe das almas do purgatório (Santa Brígida); na festa da sua Assunção liberta anualmente milhares delas (S. Pedro Dam., S. Af.) e sem dúvida também em outras festas. O papa João XXII diz-nos na *Bula Sabatina* que a Santíssima Virgem salva muitas almas aos *sábados*, que lhe são consagrados. Os *santos Anjos* também não são insensíveis aos sofrimentos das almas que hão-de ser um dia suas companheiras no céu; *S. Miguel* em particular é o patrono delas; a sua prece, dizem os ofícios litúrgicos, introduz as almas no céu; é ofício dêste príncipe das celestes milícias servir de introdutor das almas no paraíso da felicidade. Os *anjos da guarda* e os anjos da nossa especial devoção têm um cuidado particular das almas do purgatório (P.e Faber). Quanto é consoladora, pois, a doutrina católica da comunhão dos santos!

10.º Art. do Símbolo: a remissão dos pecados

1. *Ninguém* no mundo é *isento do pecado*; todos nós temos portanto necessidade do perdão de nossas culpas.

Se dissermos que estamos sem pecado, *mentimos* (I Jo. I, 8); até o justo cai *sete vezes* (de freqüente) ao dia (Prov. XXIV, 16). Deus permite as nossas freqüentes quedas veniais para nos conservar na *humildade* (S. Franc. de S.). Como caímos todos os dias, estamos obrigados todos os dias a pedir no *Padre Nosso* o perdão das nossas culpas (S. J. Cri.). Sem um privilégio especial, tal como o teve a Santíssima **Virgem**, é impossível passar a vida sem alguma falta venial (Conc. de Tr.), torna-se mesmo necessária uma *graça particular* para passar um espaço de tempo considerável sem falta ligeira (S. Ag.). A perfeição que a fraqueza humana pode atingir é ùnicamente a de não cair em uma falta venial com *propósito deliberado* (S. Af.).

2. O perdão dos pecados é possível, porque Jesus Cristo o *mereceu* na cruz e porque deu aos Apóstolos e aos seus sucessores o *poder* de perdoar os pecados.

Nada é *tão consolador* para o homem como a remissão dos pecados, porque nada nos causa mais tormentos do que as nossas faltas. Já Sócrates se alegrava pensando que um mediador enviado por Deus havia de vir ensinar aos homens a maneira de se purificarem de suas faltas. — Êste perdão foi-nos **merecido** por Jesus Cristo pela sua paixão na **Cruz** (Conc. Tr. cap. 7); êle é o cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo (S. Jo. I, 29), foi pelo seu sangue que obtivemos a redenção, a remissão dos

pecados (Col. I, 14); é a vítima de propiciação por nossos pecados e não sòmente pelos nossos mas pelos de todo o mundo (I S. Jo. II, 2). — Cristo deu *só aos Apóstolos e aos seus sucessores o poder de perdoar os pecados;* êle mesmo tinha êste poder e dêle usou para com a Madalena, Zaqueu e o bom Ladrão, e disse expressamente ao curar o paralítico: «Para que saibais que o Filho do Homem tem poder sôbre a terra de perdoar pecados, eu te digo: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa». (S. Mat. IX, 7). Êste poder, que possuía, comunicou-o Jesus Cristo aos apóstolos dizendo-lhes depois da ressurreição: «Recebei o Espírito Santo. Aos que vós perdoardes os pecados ser-lhes-ão êles perdoados, e aos que vós os retiverdes ser-lhes-ão retidos» (S. Jo. XX, 23). Se, pois, queremos obter a remissão dos pecados é preciso ir aos apóstolos, isto é, aos bispos ou aos sacerdotes ordenados por êles. «*A remissão dos pecados não existe senão na Igreja Católica,* porque só ela recebeu o penhor dessa remissão no Espírito Santo» (S. Agost.).

3. Os *pecados mortais* são perdoados pelos sacramentos do baptismo e da penitência; os pecados *veniais* pelas boas obras feitas em estado de graça; tais são a oração, o jejum, a esmola, o ouvir missa, a comunhão, o uso dos sacramentais, as indulgências, o perdão das injúrias, etc.

O **baptismo** é o barco em que fomos embarcados para o céu; quando cometemos um pecado mortal somos como náufragos que só se salvam se agarram uma tábua e se seguram a ela. Esta tábua de salvação é o sacramento da **penitência**; a remissão do pecado mortal não se pode obter nem pela oração, nem pelo jejum, nem pela esmola. Estas obras podem apenas *preparar-nos* para a penitência que é só a que realmente cancela os pecados. «Nem os anjos, nem os arcanjos podem alterar em nada esta ordem; o mesmo Jesus Cristo não nos perdoará sem a penitência» (S. Agost.). Os pecados veniais podem ser perdoados pelo uso da água benta, pela oração, pela comunhão, pela bênção do bispo, etc. (S. T. de Aq.).

4. Qualquer pecado, por grande que seja, pode ser perdoado por Deus nesta vida, quando o pecador se arrepende e se confessa sinceramente.

«Se os vossos pecados forem como a *escarlata*, êles se tornarão brancos como a neve, e se forem roxos como o *carmesim*, ficarão alvos como a branca lã» (Is. I, 18). Deus não faz diferença alguma no poder de perdoar os pecados: permite ao sacerdote que os perdoe *todos* sem excepção (S. Ambr.). *Ninguém* é, portanto, *tão ímpio*, tão mau, que deva perder a esperança de ser perdoado, se se arrepende sinceramente dos seus desvarios (Cat. rom.). Parece até que Deus mais se agrada em receber um grande pecador, porque esta infinita misericórdia lhe dá mais honra; é como o pescador que gosta de apanhar os peixes graúdos. — *O pecado contra o Espírito Santo* é o único que é irremissível, porque consiste precisamente na vontade de não se emendar; a falta não está, portanto, do lado de Deus, mas do lado do homem que, a-pesar-de reconhecer o mal, não quere deixar de o cometer, nem quere arrepender-se. Ora, sem arrependimento, sem conversão, não pode haver perdão.

Um pecado depois de *perdoado* não torna a reviver, ainda que o pecador torne a cair em pecado mortal (S. T. de Aq.).

Com as boas obras não sucede o mesmo: os seus merecimentos revivem logo que o homem se reconcilia com Deus. Oh! como é grande a sua misericórdia!!

11.° e 12.° Art. do Símbolo: os novíssimos

1. A morte

A terra é como um campo de batalha em que há todos os dias um recontro e em que caem muitos milhares de pessoas. Em todo o mundo há por dia cêrca de 80:000 mortes, o que dá 60 por minuto, 1 por segundo e 32.000:000 por ano. — O sono é uma imagem da morte.

1. A *morte* do homem efectua-se pela *separação* do corpo e da *alma;* esta vai para a habitação dos espíritos, aquêle corrompe-se e reduz-se a pó.

Na morte *a alma separa-se do corpo.* Assim que se deixa fugir o vapor de uma máquina, logo esta pára; o mesmo se vê quando a alma, êsse sôpro divino, abandona o corpo. S. Paulo chama à morte dissolução (II Tim. IV, 6). O corpo é para a alma como um invólucro, um vestido que ela despe no momento da morte. O viver da alma no corpo assemelha-se ao viver das almas dos justos no Limbo. O momento da morte é o da libertação (Maria Lataste); a alma é então como que libertada da sua *prisão* (S. Agost.). Prova evidente da separação da alma é o cessar da vida; o que animava o corpo está ausente. — Na morte **o espírito volta para Deus** que o havia dado (Eccles. XII, 7); é a sua viagem para a eternidade (S. J. Cris.). É, portanto, êrro crer que as almas emigram para outros corpos de homens ou de animais (metempsicose dos Egípcios, dos Gregos e dos Indus), ou crer que a alma cai num *sono* — de que só despertará no último dia. É o corpo, pelo contrário, que dorme êste sono. — Depois da morte o *corpo corrompe-se.* É da terra e volta à terra,

segundo a sentença do paraíso (Gén. III, 19); não há excepção, por um motivo evidente, senão para os corpos de Jesus e Maria. Por milagre alguns corpos, ou alguns membros de santos, permaneceram intactos até hoje (pág. 73 dêste vol.). Mas no último dia todos os corpos *ressuscitarão;* o sono da morte é, pois, *um sono com* esperança de uma próxima ressurreição (S. T. de Aq.). A morte é representada na imagem de um *esqueleto,* porque ela nos dá aquela forma horrenda; tem na mão uma foice, porque dá fim à vida do homem tão ràpidamente como o segador ceifa a erva dos prados (Ps. CII, 15). Deviam antes representá-la com uma chave, porque nos abre a porta da eternidade.

2. *Todos* os homens estão sujeitos à morte, porque ela é uma conseqüência do pecado original.

Nossos primeiros pais perderam pela sua desobediência o dom da imortalidade corporal; somos todos, pois, *sujeitos à morte* (pág. 202). «Assim como por um homem entrou o pecado neste mundo, e pelo pecado a morte, assim passou também a morte a todos os homens, no qual todos pecaram» (Rom. V, 12). O homem que queria ser igual a Deus é profundamente *humilhado* pela morte; ela faz-lhe expiar aquêle orgulho. *Henoc* (Gén. V, 24) e *Elias* (IV Reis, II) foram os únicos levados da terra sem morrer, mas tornarão a aparecer no juízo final (Eccles. XLIV, 16; S. Mat. XVII, 11) e então morrerão, bem como todos os homens que *viverem* ainda no momento do *juízo final* (S. T. de Aq.). Só Cristo não estava *sujeito* à morte, porque estava por si mesmo isento de pecado; morreu, porque livremente quis morrer. — A morte estabelece igualdade entre o *pobre* e o *rico;* a vida não é mais que um teatro onde se representa por pouco tempo o papel de general, de juiz, de soldado, etc., e onde *nada fica* do vestido que se usou (S. Jo. Cris.). No jôgo do xadrez também cada peça tem seu lugar especial no tabuleiro, mas depois da partida tôdas são postas em confusão numa caixa; assim também os homens no jôgo da vida têm posições diferentes e na morte todos são depostos na mesma terra (Diez). O rico ao morrer não pode levar nada (Job XXVII, 16). A morte *suprime tôdas as dignidades e tôdas as honrarias* (S. Ambr.); mesmo aquêles que neste mundo tiverem sido os primeiros serão os últimos e os que foram últimos serão os primeiros (S. Mat. XIX, 30).

— A vida é como um *sonho* que passa tão depressa como veio (S. J. Cris.); nossos dias são como uma *sombra* (Job VIII, 9), como uma *teia de aranha*, como um *vapor* que se vê um instante e logo desaparece (S. T. IV, 15). — **A hora** da morte **é-nos desconhecida.** Morreremos na hora em que o não suspeitaremos (S. Mat. XXIV, 14); a morte há-de vir como um ladrão (ibid. 43), e nos apanhará como o milhafre cai sôbre o pardal e o lôbo sôbre o cordeiro (S. Efrém). A vida é um facho que um leve sôpro de vento apaga (S. Greg. Niss.). Somos como soldados em licença, que não estão um momento seguros de não serem chamados às fileiras (Padre Kneipp). Raros foram os santos que tiveram revelações sôbre a hora de sua morte; Deus esconde-a aos homens, por uma grande *bondade* e uma grande *sabedoria*. Com efeito, se soubéssemos a hora da nossa morte, uns caïríamos no desespêro e outros nos precipitaríamos nos mais indignos desregramentos. — Esta ignorância deve levar-nos a estar *sempre prontos para morrer*. «Estai apercebidos», disse Jesus, porque não sabeis em que hora tem de vir o Filho do Homem» (S. Mat. XXIV, 44). Foi também com êste fim que êle contou a parábola das 10 virgens (ib. XXV). A morte é um senhor de importância: não quere esperar por ninguém, mas exige que todos esperem por ela (S. Efrém). Se neste momento não estais preparados, temei morrer mal; porque *tal vida tal morte*. Aquêles que adiam a sua conversão até ao momento da morte são como os estudantes que reservam o trabalho para as vésperas dos exames.

3. A morte é *terrível* para o pecador, mas não para o justo.

A morte só é aterradora para os homens *sensuais* e *voluptuosos*, porque é o têrmo de sua pretensa felicidade e o comêço de sua eterna desgraça; não o é para os homens piedosos e virtuosos. «O justo na morte é uma árvore que se poda para a fazer dar na outra vida frutos ainda mais belos; o pecador é árvore que se corta pela raiz para a lançar ao fogo» (S. Vic. Férr.). Para o justo a morte não é senão a passagem para a vida eterna (S. Ant. de Lisboa). Todos os santos suspiravam com prazer pela morte; como S. Paulo, desejavam a dissolução do seu corpo e viver com Cristo (Fil. I, 23). O jornaleiro suspira pelo fim do dia para receber o seu salário; assim o homem virtuoso deseja morrer de-pressa para receber a sua

recompensa no céu (Cardial Hugo). Os santos anelam a morte como o marinheiro o pôrto, o viadante o têrmo de sua viagem, o lavrador a colheita (S. Jo. Cris.). Na morte alegra-se o justo como aquêle que deixa uma casa a esboroar-se por uma esplêndida habitação (idem). Todos os santos morreram com alegria. Como é suave morrer, dizia S. Agostinho, quando se viveu piedosamente. Homens insensatos há que pensam que é uma felicidade **morrer ràpidamente** (sem sofrer muito); não é a rapidez da morte que a torna venturosa, mas o estado de alma do moribundo, porque a árvore fica onde cai (Eccles. XI, 3), ou antes, a árvore cai para o lado para onde pesam seus ramos. Estão voltados para o Norte, cai para o Norte; estão para o Sul, caïrá para o Sul. O mesmo sucede ao homem; a sua vontade ficará dirigida depois da morte para os objectos para que se voltou no momento da morte. Feliz do homem cuja vontade se inclinava principalmente para Deus, que possuía *o amor de Deus*, e por conseguinte a graça santificante, porque *contemplará a Deus*. Ao invés, desgraçado do homem, cuja vontade pendia para as coisas terrenas, que tinha *o amor do mundo* e se encontrava em desagrado de Deus, porque ficará *separado* dêle!

Para ter morte *feliz* é preciso pedir todos os dias a Deus essa graça e desprender-se desde já dos bens e dos prazeres terrenos.

Tém-se morte *feliz* quando se tem feito reconciliação com Deus e se tem pôsto em ordem os negócios temporais. — É preciso, pois, especialmente pedir a Deus a graça de poder ainda receber os **últimos sacramentos.** É preciso, também, fazer com tempo o **testamento.** Nisto imitamos os marinheiros que em perigo de naufrágio lançam tudo ao mar e assim se livram da morte. Uma morte *repentina* não se deve, pois, *desejar*, porque não deixa pôr em ordem os interêsses temporais e eternos. Por isso dizemos na ladaínha: de morte repentina e imprevista livrai-nos, Senhor! — A *oração* para obter uma boa morte tem já esta vantagem: faz-nos pensar muitas vezes na morte. A Igreja o faz com freqüência: **recorda-nos** a morte no dia de finados, na quarta-feira de Cinza, quando dobra a finados, etc. O pensamento da morte é muito salutar e afasta do pecado. «Lembra-te dos teus novíssimos, diz o filho de Sirac, e nunca jamais pecarás» (VII, 40).

Aquêle que pensa freqüentes vezes na morte tão pouco se prenderá às coisas da terra, como um condenado à morte achará gôsto aos regalos, ou Dâmocles ao seu banquete, com a espada suspensa por um cabelo sôbre sua cabeça. O mesmo Deus nos relembra a morte na natureza por meio do pôr do sol, da noite, do sono, do inverno. — *É preciso desde já desapegar-se cada um voluntàriamente dos bens e dos prazeres dêste mundo.* Depois da morte nossos olhos não mais verão, nossos ouvidos não mais ouvirão, nossa bôca não mais falará, etc.; é preciso desde já colocarmo-nos livremente nesta situação inevitável, combatendo a curiosidade da vista e do ouvido, a loquacidade, a intemperança no beber e no comer: numa palavra, é preciso começar a morrer. «Morramos, diz S. Basílio, para viver». As boas obras que Deus reclama de nós, a oração, a esmola, o jejum não são para o coração mais do que um desapêgo das coisas terrenas. Só aquêles que estão neste estado de desprendimento verão a Deus depois da morte, segundo a palavra de Cristo: «Bem-aventurados os limpos de coração, porque êles verão a Deus». (S. Mat. V, 8).

2. O juízo particular

1. Imediatamente depois da morte realiza-se o juízo particular.

Está estabelecido, diz S. Paulo, que todos os homens morrerão; e a morte é seguida do **juízo** (Hebr. IX, 27). A parábola do rico avarento e de Lázaro ensina-nos que os dois foram julgados depois da sua morte. Os mesmos pagãos acreditavam na existência de três juízes nos infernos. No momento da morte Deus nos dirigirá as palavras do amo ao feitor: «*Dá-me contas da tua administração*» (S. Luc. XVI, 22). Logo depois é o justo *pagamento* do salário. Deus exige dos homens *que não demorem o salário aos operários* no fim do seu trabalho; com mais razão devemos esperar de Deus que êle não demorará o salário duramente ganho pelo homem durante a vida. «A morte é o momento da paga do salário e da entrada da colheita» (S. Ambr.). Se alguns homens sofrem uma *demora* no ajuste do seu dia de trabalho, isto é, se são primeiro sujeitos à prova do purgatório, a si sòmente o devem atribuir, Deus não é o responsável.

Será Cristo quem fará o juízo particular: *revelará* tôda a nossa vida e *nos tratará do mesmo modo como houvermos tratado os nossos semelhantes.*

Jesus Cristo afirmou que *êle mesmo* faria êste juízo: «O Pai, disse êle, a ninguém julga, mas *todo o juízo deu ao Filho*» (S. João V, 22); na última ceia prometeu a seus apóstolos voltar depois da sua ascensão para os conduzir com êle (id. XIV, 3); evidentemente entendia por êste modo o momento da morte. Jesus diz também de S. João: «Eu quero que êle fique assim até que eu venha» (id. XXI, 22). Os mesmos apóstolos diziam que emquanto vivessem estariam longe dêle (II Cor. V, 6.) — Não devemos contudo imaginar êste juízo como uma ascensão da alma para Cristo ou uma descida de Cristo à alma sôbre a terra; êste movimento não é de modo algum necessário. Cristo *ilumina* a alma ao sair do corpo de tal modo que ela verá imediatamente com uma nitidez perfeita que o seu Salvador pronuncia sôbre ela um juízo justo. Esta iluminação faz compreender à alma que **Deus revela tôda a vida do homem.** «Do mesmo modo que um relâmpago, diz Cristo, sai do Oriente e se mostra de repente até ao Ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem» (S. Mat. XXIV, 27); isto quere dizer que no momento da morte, que é a vinda de Jesus Cristo, tôda a nossa vida aparecerá diante da nossa alma *com a rapidez e o fulgor do raio* (S. Clemente Hofbauer). Quando chegar a hora da justiça divina, Deus porá todos os pormenores da vida do moribundo diante dos olhos dêste (Mar. Lat.). No momento da morte serão reveladas as obras do homem (Sir. XI, 29). Todos aquêles que *já estiveram perto da morte* afirmam que naquele momento acontecimentos esquecidos desde muito, actos da mocidade, se representaram vivamente a seu espírito. No momento da morte ainda **as mais ocultas acções serão reveladas.** «Não há coisa encoberta, diz Cristo, que não haja de ser manifestada, nem escondida que não haja de saber-se e fazer-se pública» (S. Luc. VIII, 17). Lembrar-nos-emos e daremos conta de tôdas as *palavras inúteis* (S. Mat. XII, 36). O nosso espírito assemelha-se a um *pintor*, que desenha dentro de nós tôda a espécie de pensamentos, de projectos, de imagens. Até à morte estes quadros estão cobertos como com um véu e quando o véu cair se volverão ou em glória para o autor ou em seu

desdouro, se representam as vergonhas do vício (S. Bas.). À morte de um homem abre-se-lhe o *testamento;* é fácil explicar por que se pode dizer a mesma coisa da sua consciência. Um raio de sol faz ver num quarto mil grãos de *pó;* o mesmo sucederá às nossas faltas, ainda as mais leves, quando o sol de justiça penetrar em nossas almas. — No dia do juízo veremos a face de Deus frente a frente, como durante a vida nos havíamos mostrado perante o nosso próximo: *Deus é um espêlho* que reflecte perfeitamente a imagem de quem está diante dêle (L. de Gran.). «*Com a medida com que medirdes,* diz Cristo, *vos medirão também a vós*» (S. Mat. VII, 2). — Ao juízo segue-se a *recompensa.*

2. Depois do juízo particular as almas vão ou para o *céu,* ou para o *inferno,* ou para o *purgatório.*

A parábola do rico avarento e do pobre Lázaro mostra-nos que a sentença do juiz é executada *imediatamente* (S. Luc. XVI). A Igreja ensina que as almas que não pecaram depois do baptismo, e aquelas que depois de terem pecado expiaram completamente suas faltas, ou na terra ou no purgatório, são recebidas *logo* no céu, e que as que morrem em pecado mortal caem *logo* no inferno (2.º Conc. de Lião, 1274). As almas dos justos, que são perfeitas, vão para o céu logo que deixam o corpo (S. Greg. Mag.). Logo que uma alma justa saíu do corpo é separada das almas pecadoras e introduzida no paraíso pelos anjos (S. Justino). É êrro crer que as almas justas não têm até à ressurreição do corpo senão um *antegôsto* da felicidade eterna e que os pecadores não serão submetidos completamente à condenação senão depois do juízo final (opinião dos gregos scism.). **Poucos homens entram imediatamente no céu** porque «nada impuro pode entrar no céu» (Apoc. XXI, 27); poucos justos se livram de ir ao purgatório (Belarmino). Há teólogos (1) que pretendem que os condenados serão mais *numerosos* que os eleitos; fundam-se nestas palavras de Jesus: «São muitos os chamados, e poucos os escolhidos» (S. Mat. XX, 16). Todos devem ser salvos, mas poucos cooperam com a

(1) Não passa de uma simples opinião contraditada por outros teólogos de grande valor.

graça e se salvam (Suarez); menor é o número dos que irão para o céu (S. T. de Aq.). — Além do juízo particular, haverá um *juízo geral*. Aquêle não considera a alma senão como *agente principal* do bem e do mal que se há-de recompensar ou punir; êste abrangerá também na retribuïção o corpo como *instrumento* dos actos da alma.

3. O céu

1. O céu é a mansão da bem-aventurança eterna.

Cristo deu aos seus apóstolos um antegôsto do céu no *Tabor* (S. Mat. XVII). O céu abriu-se no baptismo de Jesus (id. III, 16). S. Estêvão viu o céu aberto (Act. Apóst. VII, 55). S. Paulo foi arrebatado ao céu (II Cor., XII, 2). O céu é ao mesmo tempo um lugar e um *estado*. Como lugar está, segundo alguns teólogos, para além do mundo sideral. Não passa de uma opinião, mas funda-se no teor das palavras de Cristo: que desceu do céu, que para lá subiria, que de lá voltaria. — O céu é também um **estado** da alma; consiste na visão de Deus (S. Mat. XVIII, 10), na paz e na felicidade do espírito (Rom. XIV, 17). Quando os anjos e os santos nos visitam neste mundo, não deixam, pois, de estar no céu, porque não podem ser privados da visão de Deus (S. Bern.). Jesus Cristo é o **rei** do céu. «Eu sou rei, dizia êle a Pilatos, mas o meu reino não é dêste mundo» (S. Jo. XVIII, 6). O bom ladrão reconhecia esta realeza quando dizia ao Salvador: «Senhor! lembra-te de mim quando entrares no teu reino» (S. Luc. XXIII, 42). No céu veremos os anjos de Deus subir e descer sôbre o Filho do homem (S. Jo. I, 51). No céu os anjos adoram a Cristo (Hebr. I, 6). — O céu é a nossa verdadeira **pátria**; neste mundo não somos mais do que estranjeiros (II Cor. V, 6); é esta verdade que as procissões nos representam.

As alegrias do céu são **inefàvelmente grandes**; os eleitos estão livres *de qualquer mal*, gozam a *visão* de Deus e *a amizade de todos os habitantes do paraíso*.

As alegrias do paraíso são *inefàvelmente grandes*. «O

ôlho não viu, diz S. Paulo, nem o ouvido ouviu, nem jamais veio ao coração do homem, o que Deus tem preparado para aquêles que o amam» (I Cor. II, 9). Esta bem-aventurança pode ser merecida, mas não descrita (S. Agost.). «Os eleitos, diz David a Deus, se inebriarão na abundância da vossa casa e vós os fareis beber da torrente de vossas delícias» (Ps. XXXV, 9). Comparada com a felicidade eterna a nossa vida actual é antes uma morte (S. Greg. Mag.). As alegrias dos eleitos são tão grandes, que tôdas as torturas dos mártires não mereceriam uma só hora delas (S. Vic. Ferrer). Nós gozamos no céu a própria felicidade de Deus (S. Mat. XXV, 21); porque lá seremos participantes da natureza divina (II S. Ped. I, 4), e seremos semelhantes a Deus (I S. Jo. III, 2). Seremos no céu transformados, como o ferro na fornalha (Cat. rom.). A divindade se reflectirá em cada alma, como o sol da manhã nos milhões de gotas de orvalho. — No céu há muitas mansões (S. Jo. XIV, 2). O céu é semelhante a um grande banquete (S. Mat. VIII, 11; S. Luc. XIV, 16) em que o mesmo Deus serve aos seus convidados (ibid. XII, 37). O alimento lá não será corporal, mas espiritual (Tob. XII, 19). No céu brilha uma luz viva (I Tim. XI, 16), ouvem-se os cânticos dos anjos (Ps. LXXXIII, 51), os santos vestem brancas roupagens (Apoc. VII, 14), e recebem uma magnífica coroa das mãos de Deus (Sab. V, 17). Os santos possuem inteira liberdade e dispõem de todos os bens de Deus (S. Mat. XXV, 21); estão onde está Cristo (S. Jo. XVII, 24), que lhes dá o cêntuplo do que deixaram por êle neste mundo (S. Mat. XIX, 29). — O *firmamento* visível já é tão belo, quanto mais bela será a habitação junto do trono do próprio Deus! A *terra* está tão cheia de belezas, sobretudo na primavera, em certos sítios notáveis, e contudo não é mais do que um deserto, comparada com o céu! «Senhor, exclama S. Agostinho, se nos tratais assim nesta prisão, que fará no vosso palácio!» Mas que há que Deus nos não possa conceder, se é omnipotente? Todavia os gozos do céu não são sensuais (S. Mat. XXII, 30) como os do paraíso que promete Maomet! Se um cavalo fôsse capaz de pensar, não iria imaginar que seu senhor, no dia das suas bodas, mandaria ir feno para a sua própria mesa! — Os eleitos estão **livres de qualquer mal.** É mais fácil *enumerar os males* de que estão livres do que os prazeres de que gozam (S. Agost.). Não padecem nem fome, nem sêde (Apoc. VII, 16), no céu não haverá já nem morte, nem luto, nem ge-

midos, nem dor (ib. XXI, 4), nem noite (ib. XXV, 5). Não poderão pecar; a sua vontade estará absorvida pela de Deus, como uma gota de água misturada a um copo de vinho lhe toma o gôsto e a côr (S. Bern.). — Os **eleitos vêem continuamente a face de Deus** (S. Mat. XVIII, 10); reconhecem claramente a imensidade, as perfeições e tôdas as obras de Deus (S. Agost.); vêem a Deus como êle é (I S. Jo. III, 2); vêem-no face a face (I Cor. XIII, 12); vêem a Deus não numa imagem, mas está tão presente à inteligência dêles como a árvore ao ôlho que a vê (S. T. de Aq.). Os eleitos só por suas fôrças não podem atingir esta visão, assim como nós não podemos atingir a fé; uma acção especial de Deus os torna capazes dela, acção que se chama *luz da glória*. Esta visão torna os eleitos semelhantes a Deus (I S. Jo. III, 2), e produz-lhe *delícias inefáveis;* todavia gozam ainda mais com a bem-aventurança de Deus do que com a sua própria (S. Boav.). Ora se o conhecimento das coisas criadas é já um grande prazer, quanto maior será o do próprio Criador! (S. Carl. Borrom.). Por isso S. Agostinho exclama: «Gozar junto de vós, Senhor, a vós e por vós, nisso consiste a vida eterna». — Êste conhecimento de Deus produz necessàriamente *o amor de Deus;* um cresce em proporção do outro. «Os eleitos, diz S. Anselmo, vos amarão, Senhor; tanto quanto vos conhecerem!» Conseqüência desta grande felicidade será a ausência de tôda a tristeza, porque um vivo prazer é incompatível com a dor e vice-versa (Aristóteles). — Os *santos* **amam-se também uns aos outros;** são todos um (S. Jo. XVII, 21). O amor, que é a vida dos eleitos no paraíso, é tão grande que até o eleito mais desconhecido para nós nos ama ainda mais do que os pais neste mundo amam seus filhos (Suso). Só o amor distingue os filhos do reino celeste dos filhos de perdição (S. Agost.). E que alegria não experimentaremos quando *tornarmos a ver* lá nossos parentes e amigos, depois duma cruel separação! Grande era com efeito já a alegria de Jacob ao encontrar seu filho José cheio de honrarias. No céu somos esperados por uma multidão de amigos! (S. Cipr.).

Os gozos celestes duram **eternamente.**

Os justos, diz Jesus, entrarão na vida eterna, isto é, numa vida feliz, que não terá fim. O Espírito Santo lhes permanecerá unido eternamente (S. Jo. XIV, 16). Ninguém poderá roubar-lhes a sua felicidade (S. Jo. X, 29).

Os grandes senhores, os príncipes e os reis, costumam pagar a seus servos, ainda mesmo que já não possam continuar a prestar-lhes serviços; ora Deus é o maior de todos os senhores e o mais generoso em suas recompensas; dá uma eterna, única digna dêle. Se os gozos do céu não fôssem eternos, os eleitos estariam perpètuamente em temor de os perder; o céu deixaria de ser o céu. É por causa da duração eterna da felicidade do céu, que ela é chamada *a posse de Deus*.

A felicidade dos santos **varia** em proporção dos seus merecimentos.

O senhor no Evangelho põe a governar 10 cidades o servo que ganhou 10 talentos, 5 cidades aquêle que ganhou 5 talentos (S. Luc. XIX, 16). Êste senhor é Deus, que recompensa com uma felicidade maior aquêle que mais boas obras fêz. Com isto glorifica a perfeição da sua *justiça*. Aquêle que semeia com parcimónia, diz S. Paulo, recolherá pouco, aquêle que semeia à farta terá uma rica colheita (II Cor. IX, 6). Os justos vêem todos a Deus claramente; mas um vê mais perfeitamente que outro, em razão de seus merecimentos (Conc. de Florença). Diferente é o brilho do sol — Jesus Cristo — do brilho da lua — Maria — e do das estrêlas — os santos — (I Cor. XV, 41). O mesmo sol é fitado com mais fixidez pela águia do que pelas outras aves. O fogo aquece mais os que lhe estão chegados do que os que estão longe dêle (Belarm.). O mesmo se dá no céu; o *conhecimento* de Deus, a *caridade*, as *delícias* são maiores num santo do que noutro; com efeito o prazer está em proporção com o conhecimento. Segundo certa opinião, os homens devem ocupar o lugar dos anjos decaídos; ora, entre os anjos, há nove coros. O grau de glória celeste depende *do grau de graça santificante* em que o homem se encontrava à hora da morte; noutros termos: o grau de glória corresponde à medida em que se possuía o Espírito Santo, em que se tinha a *caridade* à hora da morte. — O **grau de glória** de um santo não pode nunca **aumentar nem diminuir**; existe contudo no céu uma *felicidade extrínseca*, quando o santo é objecto de um gôzo ou de uma honra especial. Há, diz Cristo, uma alegria no céu, cada vez que um pecador se converte (S. Luc. XV, 7). A beatificação, a canonização, a celebração de uma festa, as invocações, o santo sacrifício e

os actos virtuosos oferecidos a Deus em honra de um santo, contribuem certamente para a felicidade dêste. É provável que nessas ocasiões o santo seja honrado de modo especial pelos anjos (Cochem). Santa Gertrudes via nessas circunstâncias os santos revestidos de trajos mais brilhantes e servidos por servos mais nobres; a sua felicidade parecia aumentada. — A-pesar-da diversidade da recompensa não há entre os santos **inveja alguma.** Todos receberam do pai de família um dinheiro (S. Mat. XX). Quando dois filhos, diz S. Francisco de Sales, recebem de seu pai fatos da mesma fazenda, o mais pequeno não tem inveja ao maior, porque não se poderia servir do fato dêle. O mesmo se dá no céu; mais ainda: cada um lá goza com a felicidade dos outros, o prazer e a felicidade de um formam o prazer e a felicidade dos outros.

O céu só é concedido às almas perfeitamente *puras* de pecados e de penas do pecado.

Só entrarão no céu as almas que não tiverem cometido nenhum pecado depois do baptismo, ou que, tendo pecado, houverem completamente expiado suas culpas, ou na terra ou no purgatório (Conc. de Flor.). Nada impuro entrará no céu (Apoc. XXI, 17). — O céu só foi aberto pela morte do Salvador; as almas dos justos foram obrigadas a esperar no Limbo a sua redenção (Ver art.º V do Símbolo).

Ganha-se o céu com o *sofrimento* e com as *vitórias sôbre si mesmo.*

«É necessário, diz S. Paulo, entrar no reino de Deus por muitas **tribulações**» (Act. Ap. XIV, 21). As madeiras destinadas ao templo de Jerusalém eram *postas em esquadria* e preparadas no próprio Libano para serem colocadas em seu lugar sem rumor; os eleitos devem ser aparelhados neste mundo com os sofrimentos, para gozarem sem dor na Jerusalém celeste. (Ver sôbre os sofrimentos pág. 164).—Não há felicidade eterna **sem vitória sôbre si mesmo;** o reino dos céus é semelhante a um tesouro ou a uma pérola preciosa; para os adquirir é necessário dar tudo (S. Mat. XIII, 44), isto é, quebrar todo o apêgo desordenado às coisas terrenas. Não se obtém um grande salário senão por grandes esforços (S. Greg. Mag.). O rei-

no dos céus sofre violência (S. Mat. XI, 12); a porta e o caminho que conduzem à vida são estreitos (ib. VII, 11). Só obtém o prémio da corrida quem corre com rapidez e perseverança, quem se despoja de tôdas as peças de vestuário supérfluas (I Cor. IX, 24). Para obter a coroa na meta é preciso primeiro abster-se de tudo que possa enfraquecer o corpo (ib. 25). Para chegar ao céu é preciso, pois, ser *mártir* pelo menos incruento; é por êste motivo que a festa de S. Estêvão vem logo a seguir ao Natal. «O que ama a sua vida, diz Jesus, perdê-la-á; o que aborrece a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna» (S. Jo. XII, 25), isto é, aquêle que procura os prazeres e os gozos dêste mundo, será condenado, e aquêle que procurar desapegar-se dêles será salvo. — Mas quanto mais esforços nos custar a alvação maior será o nosso prazer, porque um gôzo merecido deleita duplamente.

Para os justos o céu começa parcialmente já neste mundo.

Os justos, procurando a vida eterna, já a gozam (S. Agost.). Os Justos possuem a verdadeira *paz de alma* (S. Jo. XIV, 28), esta paz de Deus que é superior a todo o entendimento (Fil. IV, 7); por isso estão contentes, mesmo quando jejuam (S. Mat. VI, 17) ou quando sofrem (ib. V, 12). Os justos possuem o *Espírito Santo:* estão, pois, desde êste mundo unidos a Deus (I S. Jo. IV, 16). Cristo habita-lhes já no coração (Efés. III, 17), têm dentro de si o reino de Deus (S. Luc. XVII, 21). — Todo aquêle que pensa no céu será com certeza *paciente nas provações e desprezará* as coisas e os prazeres dêste mundo. Pensai na coroa e de boa mente sofrereis (S. Agost.). Os sofrimentos dêste mundo não têm comparação com a glória futura que será revelada em nós (Heb. XII, 9). Meditando nas coisas celestes, as do mundo nos parecerão frívolas (S. Greg. Mag.). Quem está no cume de uma montanha não vê os objectos no vale ou só os vê muito pequenos (S. J. Cris.); o passarinho que voa muito alto está fora do alcance do caçador (id.).

4. O inferno

1. O inferno é o lugar dos tormentos eternos.

O desgraçado rico avarento pediu a Abraão que enviasse um defunto a seus cinco irmãos para os impedir de caírem como êle naquele *lugar de tormentos* (S. Luc. XVI, 28). No seu discurso sôbre o juízo final, Jesus chama ao inferno *o suplício eterno:* «os condenados irão para o suplício eterno» (S. Mat. XXV, 46). O inferno é um *lugar* e um *estado de alma.* Como **lugar** o inferno diz-se que está *debaixo da terra,* isto é, mais baixo que o mundo visível. Eis por que se diz *desceu* aos infernos, por que se chama ao inferno um abismo e por que nos exorcismos a Igreja diz ao demónio: «Deus te precipitou do alto do céu *nas profundezas da terra*». O inferno está totalmente separado do reino dos céus: entre os dois medeia um imenso abismo (S. Luc. XVI, 26). Os condenados são separados dos eleitos (S. Mat. XXIV, 51). Todavia S. João Crisóstomo diz com razão: «Procuremos menos saber onde é o inferno do que evitar o cair nêle». O inferno é também **um estado** da alma, a continuação do estado em que se encontrava o pecador ao morrer. Os tormentos do inferno não têm a Deus por autor, mas os próprios homens (S. Jo. Damasc.). Pode-se aplicar ao inferno o provérbio trivial: *Quem boa cama fizer nela se deitará.* Como o inferno é também um estado, eis explicado como os espíritos maus podem vaguear em tôrno de nós (I S. Ped. V, 8), e até habitar no coração do pecador (S. Mat. XII, 45). Muitos incrédulos dizem: «Oh! nunca ninguém *voltou* do inferno e nenhum de nós *ainda lá foi*». Em verdade ninguém de lá voltou, porque é próprio do inferno que ninguém de lá volte e, a-pesar-de ninguém dos vivos lá ter ido, sabemos contudo o que lá se passa; também ainda ninguém foi à lua, e todavia conhece-se a sua constituïção e a sua distância. Os próprios *pagãos* acreditavam num inferno, como o provam os mitos de Tântalo, das Danaides e de Sísifo. *Tântalo,* rei da Frígia, passa por ter sido condenado, por causa de uma ofensa aos deuses, a uma sêde e a uma fome eternas: a água e a fruta que tinha perto de si retiravam-se logo que êle lhes estendia a mão. As *Danaides,* que haviam assassinado seus maridos, estavam condenadas a encher tonéis sem fundo por meio de peneiras. *Sísifo,* tirano de Corinto, célebre por sua crueldade, tinha por castigo rolar para o alto de uma montanha um rochedo que recaía tôdas as vezes que ia chegando ao cimo.

As *penas* do inferno são **terríveis;** os condenados *nunca mais verão a Deus,* estão no *fogo,* na cidade dos demónios, sofrem indizíveis *tormentos na alma* e os sofrerão também no corpo depois da ressurreição.

As penas do inferno são **terríveis.** «É horrenda coisa, diz S. Paulo, cair nas mãos do Deus vivo» (Heb. X, 31). Assim como êle promete recompensar com o cêntuplo todos os prazeres desprezados por sua causa, assim punirá com centuplicado tormento todos os prazeres proïbidos (S. Jo. da Cruz). Pode aplicar-se ao inferno o que S. Paulo disse do céu: «Nunca olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem coração jamais sentiu o que Deus reserva àqueles que o não amam» (S. Jo. Cris.). Jesus designa o inferno por diversas expressões: chama-lhe um *fogo inextinguível* (S. Mat. VIII, 12), porque as dores do inferno são as mais fortes que se podem imaginar; com efeito as queimaduras são as feridas mais torturantes. Chama também ao inferno *trevas exteriores* (ib. XXII, 13), porque os condenados estão privados da vista de Deus, foco da luz eterna. Jesus Cristo diz que no inferno haverá *chôro e ranger de dentes* (ib. VIII, 12), para indicar a dor e a desesperação dos condenados; diz ainda que o *verme dêles não morre* (S. Marc. IX, 53), para indicar os remorsos eternos da consciência dos condenados; que serão *ligados de pés e mãos,* para tornar bem sensível a sua falta de liberdade e o seu destêrro para um lugar estreito. — A sentença de Jesus Cristo no juízo final: «apartai-vos de mim para o fogo eterno» (S. Mat. XXV, 41) faz ver que os condenados terão duplo castigo: serão privados da vista de Deus (pena do dano) e sujeitos a tormentos (pena do sentido). **A privação da vista de Deus** é de todos os tormentos do inferno o mais terrível. Quanto mais precioso é o bem que se perde maior é a dor; ora os réprobos perderam um bem do infinito valor, a sua dor deve, pois, ser dalgum modo infinita (S. Af.). O cego é infeliz porque não vê as maravilhas da criação; mas como deve sentir-se miserável aquêle que é privado da vista do ser soberanamente belo! (S. Jo. Dam.). A posse de Deus, o bem supremo, é o *fim* de todo o espírito criado; o espírito tende para Deus, como o rio para o oceano. Já sôbre a terra a alma humana tende para a felicidade infinita; mais vivamente tenderá ainda depois da morte, quando os bens passageiros

já não a poderão distrair nem granjear-lhe algum contentamento. Mas que miséria, se esta sêde do espírito fica insaciada por tôda a eternidade. «É justo que Deus repila aquêle que primeiro o repeliu» (S. Agost.). A dor de *Esaú* por perder o direito de primogenitura é uma imagem, bem pálida, da dor dos condenados pela perda da vista de Deus; esta perda fazia tremer os santos já neste mundo. — Os réprobos são excluídos *de tôda a comunicação com os bem-aventurados;* vêem-nos, sem dúvida, como o rico avarento via a Lázaro, não para sua consolação, mas para seu castigo, com os mesmos olhos com que um esfaimado vê uma mesa ricamente servida em que não pode tocar (S. Vic. Férrer.). — Os condenados são **fortemente atormentados pelos demónios;** é justo que aquêle que durante a vida se uniu e sujeitou aos demónios esteja na sociedade dêles depois da morte. A história de Job no Antigo Testamento e dos possessos no Evangelho dá-nos um salutar exemplo da crueldade do demónio para com aquêles sôbre os quais tem algum poder. Mas quanto maior será para com os condenados que estão completamente sob seu domínio! (Overberg). Os condenados atormentam-se também recìprocamente, porque se *odeiam:* no inferno, naquele lugar da ira de Deus, não pode haver amor (Maria Lat.). Quantos mais condenados houver no inferno, maiores serão os *gemidos;* não digamos pois: oh! não estarei eu só no inferno! porque esta companhia dos condenados não fará senão multiplicar os tormentos. Os condenados sofrerão a pena do **fogo;** serão mergulhados nêle como os peixes na água (S. Af.). O fogo do inferno será um **fogo real;** isto vê-se claramente das palavras de Cristo (S. Luc. XVI, 24), e do ensino dos Padres. Já neste mundo Deus se serviu do fogo para punir os crimes dos homens, por exemplo, dos habitantes de Sodoma e Gomorra (Gén. XIX, 24; IV Reis, I). Se o espírito pôde ser unido à carne e sofrer por ela, pode também ser pôsto em contacto com o fogo para ser castigado por êle (Belarm.). Por que não poderia a omnipotência divina depois da morte do homem suscitar na alma as sensações que ela experimentava durante a sua união com o corpo? O fogo do inferno, todavia, é diferente do fogo terrestre; êste *destrói* os objectos: aquêle, ao invés, conserva os condenados, como o sal preserva os alimentos (S. Marc. IX, 48); êste *ilumina:* aquêle deixa subsistir as trevas (S. Mat. XXII, 13); êste *aquece,* aquêle não impede um frio insuportável, símbolo da falta de amor de Deus e do próximo. Emfim o fogo do

inferno é muito *mais doloroso* que o nosso, que comparado com êle é antes refrigerante (S. Vic. Férr.), como que fogo pintado (S. Bern. de Sena). Os dois não têm de comum senão a faculdade de *fazer sofrer*. O fogo do inferno queima como as ortigas (Tert.). — Os **tormentos da alma** consistem nos **eternos remorsos de consciência**. Os condenados estarão em horrível desespêro; reconhecerão como foram *descuidados* em repelir tantas vezes a graça de Deus, como foram *insensatos* em preferir um bem passageiro à felicidade imutável, como são *desgraçados* por terem perdido por tôda a eternidade um Deus que os amou tanto. Os condenados sentirão uma grande *vergonha*, porque Deus revelará as suas torpezas a tôdas as almas, e os colocará em último lugar, ao passo que aquêles que êles desprezaram e escarneceram, na terra, serão os primeiros. Os condenados serão também atormentados pela *inveja*, por que invejarão a glória dos eleitos (S. Ant.). O exemplo da dor de Jacob ao saber da morte de José mostra que os tormentos da alma são mais acerbos que os do corpo e muitos homens, Judas por exemplo, suïcidam-se para se subtraírem a êles. — **Depois da ressurreição** os condenados **sofrerão tambem no corpo**; saïrão do túmulo para a ressurreição do juízo (S. Jo. V, 29). Os pecados exteriores serão punidos nos sentidos pelos quais foram cometidos; a vista será punida pelas trevas (S. Mat. VIII, 12), o ouvido pelos uivos e blasfêmias (Job. XV, 21), o gôsto pela fome e pela sêde (S. Luc. VI, 24; XVI, 25), o olfato por fedores insuportáveis, e o tacto pelo calor e pelo frio. Deus pode ainda ajuntar outras dores, porque já neste mundo Deus permitiu que alguns ímpios fôssem devorados vivos pelos vermes (Act. Ap. XII, 23).

Os tormentos dos condenados são **eternos**.

Satanás e o seu séquito estão no fogo, num lago de enxôfre onde são atormentados dia e noite durante tôda a eternidade (Apoc. XX, 10). Não há *redenção* do inferno, porque o tempo da graça acabou (S. Jo. III, 36). No inferno a *noite* não traz *repouso* algum (S. Hil.). Os condenados *morrem sem morrer* (S. Greg. Mag.), a sua vida é a morte eterna, a segunda morte (Apoc. XXI, 8), porque vida sem prazer e cheia de tormentos é morte, não é vida (S. Agost.). Ó morte! diz o papa Inocêncio III, como tu serias doce para aquêles para os quais fôste tão amarga! — A eternidade das penas é ensinada por *Cristo*;

êle chama ao fogo do inferno fogo eterno (S. Mat. XXV, 41), às penas do inferno penas eternas (ib. 4); é também a doutrina do *Concílio de Trento*. O êrro de *Orígines* († 254), que negava a eternidade das penas, foi condenado no II Concílio de Constantinopla em 543. Aquêle que destruíu em si um bem eterno merece uma pena eterna (S. Agost.). Os próprios *tribunais humanos* condenam à morte ou à prisão perpétua. «O oleiro já não pode reformar um vaso desde que êle está no forno» (Alb. Stolz).

Os tormentos dos condenados não são iguais, mas **variam** segundo seus pecados.

Assim como há diferentes graus de santidade, assim há diferentes graus de reprovação. As penas do inferno são desiguais (Conc. de Flor.); são tão variadas como os pecados dos homens (S. T. de Aq.), serão proporcionadas *à espécie, ao número, à grandeza dos pecados*. Quanto o homem houver vivido na voluptuosidade, tanto será castigado (Apoc. XVIII, 7); quanto mais tiver abusado das graças, mais será punido. Os habitantes de Sodoma e Gomorra serão no dia de juízo tratados com mais indulgência do que as cidades que não quiseram receber os apóstolos (S. Mat. X, 15).

2. O inferno é a pena dos homens que morrem em estado de *pecado grave*.

Por um pecado mortal separamo-nos inteiramente de Deus. O homem neste estado é um *ramo de videira* cortado da cepa, que é Cristo; seca e vai para o fogo (S. Jo. XV, 6). Estas almas caem no inferno logo depois da morte (II Conc. de Latrão). Irão, pois, para o inferno: os inimigos de Jesus Cristo (Ps. CIX, 1), todos aquêles que não crêem no Evangelho (S. Jo. III, 18), os impudicos, os ladrões, os avarentos, os ébrios (I Cor. VI, 10), todos aquêles que não fizeram frutificar os talentos recebidos de Deus (S. Mat. XXV, 30). Mas aquêles que, como as crianças não baptizadas, morrem só **com o pecado original**, não vão para o lugar dos réprobos, são simplesmente privados da vista de Deus sem sofrerem **tormento algum**.—É grande êrro crer que só se vai para o inferno por crimes, por delitos extraordinários. Oh! não! um só pecado mortal,

mesmo secreto, de que não tenha havido arrependimento, basta para precipitar o homem na infelicidade eterna.

Para o pecador o inferno começa *já nesta vida.*

Todos os pecadores são privados da *paz interior;* assemelham-se a um mar em tormenta, que não serena (Is. LVII, 20); estão já sentados nas *trevas* e à sombra da morte (S. Luc. I, 79). Não compreendem a doutrina da religião que lhes parece loucura (I Cor. II, 14), parecem vivos e na realidade estão mortos (S. Jo. Cris.). — Os filhos do mundo não *sentirão* a plenitude da sua desgraça senão *na morte,* agora não a experimentam porque estão distraídos de mil maneiras. «Não hão-de gostar a morte, antes que vejam vir o Filho do homem na glória do seu reino» (S. Mat. XVI, 28). *Pensemos a-miúdo no inferno;* êste pensamento é salutar, êle nos desviará do pecado como o fogo defende a presa dos assaltos do leão. Descei muitas vezes ao inferno durante a vossa vida, diz S. Bernardo, para lá não descerdes depois da morte. Aquêle que desafia o inferno ou o esquece, não lhe escapará (S. Jo. Cris.). Aquêle que não crê no inferno venda voluntàriamente os olhos para não ver o abismo em que vai cair.

5. O Purgatório (lugar de purificação)

1. O purgatório é um lugar onde sofrem temporàriamente as almas dos homens que morrem sem pecado grave, mas cujos pecados não estão ainda inteiramente expiados.

Judas Macabeu acreditava que as almas dos *guerreiros mortos* que tinham ídolos consigo seriam obrigadas a sofrer; por isso mandou oferecer por êles sacrifícios no templo de Jerusalém (II Mac. XII, 43). Muitos homens à hora da morte estão no estado do *trigo* ceifado de fresco ou do *oiro* acabado de extrair da mina. Antes de se guardar o trigo no celeiro deixa-se exposto aos raios ardentes do sol; antes de trabalhar o oiro purifica-se no fogo: «assim as manchas da alma separada do corpo devem desaparecer no fogo» (S. Greg. Mag.). Na vida futura há um *baptismo de fogo,* penoso e longo, que devora o que há de ter-

restre na alma, como o fogo devora a erva (S. Greg. Mag.). — Segundo muitos santos o *lugar* do purgatório é *debaixo da terra* (mais baixo que o universo visível), é por isso que a Igreja reza nas exéquias: *A porta inferi* (do poder subterrâneo, livrai-o Senhor!) e *De profundis...* (do fundo do abismo, eu clamo a vós Senhor!). Outros pensam que muitas almas sofrem precisamente *no lugar onde pecaram*, e podem estar presentes nos lugares onde pedimos por elas. O que é certo é que algumas pobres almas do purgatório apareceram na terra a alguns santos: a S. Filipe Néri, a Santa Brígida, a Santa Teresa. — Os santos são de parecer que as almas do purgatório sofrem *com um total abandono à vontade de Deus*, em contraste com as almas dos condenados que estão num estado perpétuo de desespêro. Com efeito, Deus enche aquelas almas dum grande amor, que lhes torna suportáveis os maiores suplícios (S. Catarina de Génova). A ideia de que rendem a Deus uma satisfação conveniente e de que sofrem por Deus, inspira-lhes a coragem dos mártires (id.). Além disso, a certeza de que chegarão um dia à vida eterna e à *visão beatífica* enche-as de grande consolação. São além disso cheias de prazer pelos *sufrágios* dos fiéis vivos e dos santos do céu, pelas *visitas* dos anjos (S. Francisca Romana). Pode-se crer também que os seus sofrimentos diminuem à medida que aumenta o seu conhecimento de Deus (S. Cat. de Génova). A vida dos santos, por exemplo de Santa Perpétua (1), ensina-nos, com efeito, que em aparições sucessivas das pobres almas estas aumentam de cada vez em beleza.

As almas expiam no purgatório ou os seus pecados *veniais*, ou as penas temporais dos pecados *mortais* perdoados pela absolvição, mas pelos quais não satisfizeram suficientemente.

Deus pune o pecado **venial** com penas temporais. *Zacarias*, pai de S. João Baptista, foi punido por não ter acreditado no anjo, *Moisés* por ter duvidado um momento. Deus deixa também subsistir uma pena temporal pelos pecados *mortais* que perdoou ao pecador arrependido, como os de *Adão* e de *David*. Êste esforçou-se sinceramente depois da sua conversão por obter a remissão das penas tem-

(1) Ver neste capítulo o n.º 3.

porais, mas não a conseguiu; sobreveio-lhe a morte do filho, como fôra predita. Todo aquêle que não expiou completamente seus pecados é obrigado a fazê-lo no lugar da purificação (Conc. de Trento, 6, 30). Os tribunais condenam às vezes a uma multa e eventualmente, em caso de não pagamento, à prisão; Deus faz o mesmo: se o pecador não satisfaz à justiça neste mundo, há-de fazê-lo necessàriamente na prisão do purgatório. Não vos contenteis, pois, nunca com a penitência imposta pelo confessor, mas imponde-vos *voluntàriamente* outras obras *satisfatórias*. Pode-se também fazer penitência suportando *pacientemente* os males desta vida, por exemplo a doença, e *aceitando com resignação a morte* quando ela vier. Sobretudo, não olheis o pecado venial como coisa leve, porque há-de ser forçoso expiá-lo duramente.

Os sofrimentos das almas do purgatório consistem *na privação da vista de Deus* e em *grandes dores*.

Não é em vão que dizemos a oração: Senhor! dai-lhes o eterno descanso e que a *luz* perpétua os alumie! Quere dizer: libertai-os de tôdas as dores e deixai-os chegar à visão de Deus. Os círios acesos nos enterros e sôbre os túmulos simbolizam êste pedido a Deus; de dar às almas a luz eterna, isto é, a visão beatífica. — Afora a doração, **não há diferença essencial entre as penas do inferno e as do Purgatório** (S. T. de Aq.); o mesmo fogo purifica os eleitos e atormenta os condenados. É por isso que a Igreja na missa dos defuntos emprega a palavra inferno para designar o purgatório, de que ela pede sejam libertadas as almas (Bento XIV). As penas do purgatório são maiores do que os *mais horríveis tormentos dos mártires* (S. Agost.). Os mais pequeninos sofrimentos do purgatório **são mais cruéis que os maiores da terra** (S. T. de Aq.). Todos os sofrimentos que se pudessem imaginar neste mundo são antes um alívio em comparação com a menor pena do purgatório (S. Cir. Al.). O fogo da terra é um paraíso em comparação com o do purgatório (S. Mad. de Pazzi).

O rigor e a duração das penas do purgatório estão em proporção com a gravidade dos pecados.

Quantas mais *matérias combustíveis*, isto é, pecados, se levam ao purgatório, mais aí se arderá (S. Boav.). *Quanto maior é a falta* mais viva é a dor da chama purificadora (S. Agost.). A purificação dos fiéis pelo fogo será mais ou menos lenta, conforme a maior ou menor afeição que houverem tido às coisas terrestres (S. Agost.). Aquêle que *envelheceu no pecado* levará mais tempo a passar pela fornalha (ibid.); assim certas viandas particularmente duras precisam cozidas durante muito tempo para ficarem apresentáveis. Os *legados perpétuos*, por serem admitidos pela Igreja, provam que ela reconhece a possibilidade de uma longuíssima duração das penas do purgatório. Catarina Emmerich conta nas suas visões que, em todos os aniversários da sua morte, Jesus desce ao purgatório para aí libertar uma ou outra alma daqueles que foram outrora testemunhas da sua paixão e que *ainda não foram* admitidos à visão beatífica. Ainda que o castigo de uma alma não durasse mais que *uma hora*, esta parecer-lhe-ia uma duração insuportável (1) (S. Brig.). — Alguns santos crêem que certas almas (sem dúvida almas muito perfeitas) *não são punidas senão pela privação da vista de Deus*, sem sofrerem a pena do sentido; sofrem passageiramente a sorte das crianças mortas sem baptismo (id.). A pena do sentido estaria em relação com *os pecados exteriores*: os pecados da gula, por exemplo, serão punidos com a fome e a sêde (S. Mat.). S. Brígida via as almas sofrerem as penas correspondentes aos membros em que mais tinham pecado. Santa Margarida de Cortona viu muitos condenados a ficarem no purgatório até à restituïção dos *bens mal adquiridos* por êles; segundo outra santa, um pintor esteve no purgatório até à destruïção de um quadro escandaloso pintado por êle (Louvet). Descei a miúdo ao purgatório durante a vida, diz S. Agostinho, para lá não entrardes depois da morte.

2. A existência do purgatório é demonstrada pelos ensinamentos de *Jesus Cristo* e sobretudo pelos usos e pela doutrina da *Igreja* infalível. É notável, aliás, que quási *todos*

(1) Os membros da «confraria do escapulário» podem merecer uma abreviação especial do purgatório (Ver 3.ª parte, quási no fim).

os povos do mundo crêem na existência do purgatório. A mesma *razão* nos indica que deve existir um purgatório.

«Aquêle que falar contra o Espírito Santo, **diz Jesus Cristo**, não se lhe perdoará nem neste mundo, *nem no outro*» (S. Mat. XII, 32). Além disso Jesus Cristo ameaça o pecador com uma *prisão* e acrescenta: «Em verdade, em verdade te digo que não saïrás de lá até pagares o último ceitil» (ibid. V, 26). S. Paulo, por seu lado, diz que alguns se salvarão, mas como passando pelo fogo (I Cor. III, 15). O purgatório também nos é demonstrado **pelos usos da Igreja.** Ela *ora pelos mortos* em tôdas as missas (Memento dos mortos depois da elevação), celebra *missas de defuntos* (no dia de finados, no dia do falecimento ou do entêrro, nos aniversários), manda *tocar a finados* para convidar os fiéis a orar pelos mortos, instituíu mesmo uma solenidade especial, a *comemoração dos mortos*, a 2 de novembro. (Esta solenidade foi introduzida em 998 por Odilão, abade de Cluni, e estendida mais tarde pelos papas a tôda a Igreja). Ora os usos dos cristãos não são espectáculos vãos, mas instituïções do Espírito Santo (S. Jo. Cris.). — Os Padres dos *concílios de Florença* (1439) e de *Trento* (1545-63) definiram expressamente a existência do purgatório. — A *crença num purgatório encontra-se* **em quási todos os povos.** Os egípcios criam na *migração* das almas através dos animais. Os gregos tinham a fábula de Prometeu, que, por ter roubado o fogo no Olimpo, foi acorrentado a um rochedo do Cáucaso, onde um abutre lhe devorava as entranhas, até que foi libertado por Hércules. Os *Judeus* também criam no purgatório, porque Judas Macabeu recolheu 12:000 dracmas para mandar oferecer sacrifícios em Jerusalém pelos guerreiros mortos na batalha. Os *primeiros cristãos* também oravam pelos mortos, sobretudo à missa, e S. Agostinho conta que no seu leito de morte *Mónica* lhe disse, a êle e a seu irmão: «Sepultai o meu corpo onde quiserdes, mas peço-vos que vos recordeis sempre de mim, ao altar do Senhor!» S. João Crisóstomo declara que em conformidade com a *instituïção apostólica* os cristãos haviam em todos os tempos orado pelos mortos, e S. Cirilo de Jerusalém que os defuntos são aliviados, quando se pede por êles no Santo Sacrifício. Por isso, as mais antigas liturgias con-

têm orações pelos defuntos. — **A nossa razão** mesma faz-nos concluir a existência de um purgatório. Sabemos que nada impuro pode entrar no céu (Apoc. XXI, 27), e contudo somos obrigados a admitir que há pecadores que Deus não pode condenar eternamente e que, não sendo dignos nem do céu nem do inferno, estes pecadores se encontram num lugar intermédio de purificação.

3. Os *fiéis vivos* podem socorrer as almas do purgatório com o Santo Sacrifício e por meio das boas obras: jejum, esmola, oração, recepção dos sacramentos e indulgências.

As pobres almas do purgatório não pode *ajudar-se a si mesmas*, porque já não podem fazer obras meritórias. O tempo da graça passou e chegou o da retribuïção. Depois da morte já ninguém pode trabalhar (S. Jo. IX, 4). As pobres almas não podem, portanto, expiar a sua falta senão *sofrendo* as penas impostas por Deus; são obrigadas a esgotar o cális da sua paixão até à última gota; são tratadas como o Filho de Deus sôbre o Calvário, a quem, a-pesar-dos seus horríveis tormentos, o Pai não enviou consolação alguma, a termos que êle exclamou: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?» Mas nós, **os vivos**, podemos aliviá-las pela santa missa, pela oração, pela esmola e pelas outras obras de piedade (II Conc. de Lião, 1274). É o *santo sacrifício* que lhes leva o mais eficaz socorro (Conc. Tr. 25), assim como o oferecimento da *sagrada comunhão* a Deus (S. Boav.). **Não são os prantos** que socorrem os defuntos, mas a oração e a esmola (S. Jo. Cris.). Para curar sua inútil dor a uma mãe que não cessava de chorar um filho, enviou-lhe Deus um sonho. Viu ela um grupo de jovens que se dirigiam para uma soberba cidade, mas não viu entre êles o seu filho; êsse vinha longe, atrás dêles, miserável, cansado, com o fato molhado. Interrogado por sua mãe, respondeu: «Estou molhado pelas tuas lágrimas inúteis. Pensa em dar alguma esmola por mim e em mandar celebrar o Santo sacrifício». A mãe, quando acordou, trocou suas estéreis saüdades por um amor cristão (Louvet). *Cobrir o caixão de coroas e vestir-se de crepes* são coisas diante de Deus inúteis, se não se acompanham de boas obras; mais valera converter em esmolas aquêles sinais supérfluos de lu-

to. Às *orações*, por outro lado, não lhes vem o valor do seu cumprimento, mas da sua piedade. «Uma palavra só, dizia Jesus a Santa Gertrudes, vinda do fundo do coração, alivia mais as pobres almas do que a recitação maquinal duma multidão de salmos e orações; como uma pouca de água pura em que se esfreguem bem as mãos as purifica mais do que uma massa de água que se lhes deite ao acaso». Não se segue daí que uma oração curta, um Padre Nosso, baste para livrar uma alma, porque «Deus seria cruel se retivesse no castigo, por causa da falta de um Padre Nosso, almas pelas quais derramou o seu sangue» (Maldonado). A Igreja serve-se da **água benta** nas exéquias, porque a água benta alivia as almas (em virtude das orações, pronunciadas à bênção). «Como uma chuva suave refresca as flores ressequidas do calor, assim a água benta refresca as flores celestes requeimadas no purgatório» (S. Teodato). São sobretudo aliviadas pelo **acto heróico**, isto é, pelo oferecimento feito a Deus, em favor das almas do Purgatório, do merecimento satisfatório de tôdas as nossas boas obras. Aquêle que fêz êste acto de caridade pode ganhar uma indulgência plenária em cada comunhão, ou à missa ouvida à segunda-feira; se é sacerdote, tem todos os dias a concessão de altar privilegiado (Pio IX, 30 set. 1852).

Os *parentes* dos defuntos são mais estritamente obrigados a *aliviá-los*.

É a êles que são dirigidas as palavras da Escritura: «Compadecei-vos de mim, sequer vós, que sois meus amigos, porque a mão do Senhor me feriu!» (Job, XIX, 21). Muitas vezes tem Deus revelado aos parentes a sorte dos seus defuntos. Santa Perpétua, prisioneira em Cartago em 202, viu *em sonho* seu irmão, de 7 anos; estava num lugar sombrio, coberto de imundícies e ardendo em sêde; orou por êle com fervor e logo êle reapareceu cheio de alegria e de beleza. *Santa Isabel* de Turíngia, tendo recebido notícia da morte de sua mãe, a raínha Gertrudes da Hungria, dedicou-se logo às mais austeras obras de penitência, chegou mesmo a disciplinar-se, mas teve a consolação de ver logo sua mãe a dar-lhe parte da sua libertação (Louvet). Contudo, *ninguém deve confiar-se* às obras que os seus hão-de fazer depois da sua morte. É preciso recordar o provérbio: *longe da vista, lon-*

ge do coração. As boas obras feitas depois de nossa morte, ajudam-nos relativamente *muito pouco*. «Uma só missa ouvida com piedade em vida é mais útil do que deixar dinheiro para se dizerem cem depois da nossa morte» (S. Ans.). Uma pequena luz que vá adiante de nós alumia-nos mais que uma tocha acesa atrás de nós (S. Leonardo de Pôrto Maurício). Deus tem em mais alta conta uma pequena penitência voluntária feita nesta vida, do que uma pena rigorosa involuntária na outra, como um pedaço de ouro vale mais do que muito chumbo (S. Boav.). Um pai preguntou um dia aos seus três filhos que boas obras fariam por êle depois da sua morte. «Pai, respondeu o mais novo, tratai da salvação, e fazei vós mesmo penitência; as nossas orações pouco vos podem auxiliar» (Mehler, IV, 399).

O orar pelos defuntos é uma obra de *misericórdia* e alcança-nos a nós mesmos a bênção de Deus e a remissão dos nossos pecados.

Poderíamos temer o descuidarmo-nos de nós, ocupando-nos demais das almas do purgatório. Não, as orações pelos defuntos alcançam um duplo proveito: são úteis aos *mortos e a quem as recita*. Aquêle que tem piedade das pobres almas achará em Deus um **juiz misericordioso** segundo a palavra de Jesus: «*Bem-aventurados* os misericordiosos, porque êles alcançarão misericórdia» (S. Mat. V, 7). Cristo considerará no juízo cada obra de misericórdia como feita a êle mesmo (ib. XXV, 40). Os defuntos mostrar-se-ão **reconhecidos** aos seus bemfeitores, sobretudo no momento da sua entrada no céu. «Nunca fareis coisa mais útil do que orar pelos mortos, porque no céu se recordarão da vossa misericórdia e *não cessarão de pedir por vós*» (Mar. Lat.). Judas Macabeu obteve uma recompensa admirável pelos sacrifícios que mandou oferecer pelos seus guerreiros mortos; Jeremias e Onias apareceram-lhe e ganhou *uma brilhante vitória sôbre Nicanor* (II Mac. XII). As pobres almas que tivermos libertado por nossas orações, intercederão no céu por nós, a-fim-de *nos sacrificarmos* cada vez mais e para que depois da nossa morte sejamos nós também *libertados* **do purgatório** (Mar. Lat.). «É um santo e saüdável pensamento orar pelos mortos, para que sejam livres dos seus pecados» (II Mac. XII, 46).

6. A ressurreição da carne

Os Judeus tinham já a crença de que os corpos dos defuntos ressuscitariam um dia; *Job* consolava-se no meio dos seus sofrimentos com a lembrança da sua futura ressurreição (Job, XIX, 35), os *irmãos Macabeus* também (II Mac. VII, 11). *Marta* também disse a Jesus: «Sei que meu irmão há-de ressurgir na ressurreição que haverá no último dia» (S. Jo. XI, 24).

1. Cristo no último dia ressuscitará da morte os corpos de todos os homens e os tornará a unir para sempre às almas. *Cristo* com efeito *afirmou* muitas vezes que ressuscitaria do túmulo os corpos de todos os homens e provou com *milagres* que tem o poder de o fazer. A ressurreição dos corpos tem além disso a sua imagem em muitos fenómenos da natureza.

Cristo ressuscitará *todos* os homens; virá julgar os *vivos* e os *mortos* (Simb. dos Ap.), isto é, no último dia ressuscitará tanto os corpos dos homens que *já tiverem morrido* (os mortos) como os dos homens que então estiverem *ainda em vida* (os vivos); mas estes serão transformados num instante, morrerão e ressuscitarão no mesmo momento (I Tess. IV, 16). Cristo ressuscitará tanto aquêles que estiverem *em estado de graça* (vivos) como os que estiverem *em pecado mortal* (mortos) (S. Jo. V, 28; S. Mat. XXV, 31 e seg.). Além disso a ressurreição de todos os homens será *instantânea* e *universal* (I Cor. XV, 62); os bons e os maus ressuscitarão ao mesmo tempo. — **Cristo declarou muitas vezes** que ressuscitaria os mortos. «Virá uma hora, diz êle, em que todos os que se acham nos sepulcros ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que obraram bem, saïrão para a ressurreição da vida; mas os que obraram mal, saïrão ressuscitados para a condenação» (S. Jo. V, 28). «O que come a minha carne, diz êle noutra circunstância, e bebe o meu sangue, tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia» (S. Jo. VI, 55). Cristo compara muitas vezes

a morte a *um sono:* a filha de Jairo (S. Mat. IX, 24) e Lázaro (S. Jo. XI, 11), segundo êle disse, não estavam senão adormecidos; ora a morte só pode comparar-se ao sono por causa da ressurreição (I Tess. IV, 13). — Cristo provou com **milagres** que tinha o poder de ressuscitar os mortos: ressuscitou a filha de *Jairo* em casa dela; o jovem de *Naim* às portas da cidade e *Lázaro* no túmulo; Êle mesmo se ressuscitou e ressuscitou a santíssima Virgem, sua mãe. Pode, pois, dizer com tôda a verdade: «Eu sou a ressurreição e a vida» (S. Jo. XI, 25). — **Muitos fenómenos na natureza** nos representam a ressurreição dos mortos: o acordar de manhã; o despertar da natureza na primavera; a metamorfose do verme (prêso como o homem à gleba), em crisálida (imagem do homem no túmulo), depois em borboleta (tipo do homem ressuscitado, pela sua beleza, e pelas asas que o livram da terra); o sair dos pintaínhos do ovo (simbolismo dos ovos da Páscoa); o germinar da semente que parece ter apodrecido (I Cor. XV, 36); a cura do homem depois de uma doença grave, o despertar de certos animais entorpecidos durante o inverno; o nascer e o pôr do sol; o crescer e minguar da lua. Pode-se também considerar como símbolo da ressurreição a *rosa de Jericó* (planta que cresce perto desta cidade e chamada por Lineu flor de ressurreição; é uma imagem do poder que Deus tem de restituir a vida, porque esta flor, ainda que esteja ressequida há muitos séculos, recomeça a viver logo que se lhe mergulhe a haste em água).

2. Deus ressuscitará os corpos para revelar a sua infinita *justiça* e glorificar o *Salvador.*

Se só a alma fôsse punida ou recompensada, a retribuïção não seria completa. «Porque, diz Tertuliano, muito boas obras, como o jejum, a castidade, o martírio, não podem ser realizadas senão por meio do corpo, é pois justo que êle participe da felicidade da alma». Para revelar o infinito da sua **justiça,** Deus estenderá a sanção à alma, que foi instrumento do corpo. «Quando, diz Teodoreto, se levanta uma estátua a um general vitorioso, gosta-se de o representar com a armadura que usava no combate; e a alma não deveria ser glorificada no corpo em que venceu o seu inimigo?» A *retribuïção* é, pois, a razão última da ressurreição (Tert.). A ressurreição obtém **a**

glorificação do Salvador. Cristo quis salvar o homem *todo*, em corpo e alma; se, portanto, pelo seu sacrifício só tivesse salvado a alma, sem o corpo a redenção seria incompleta (Tert.); o demónio na sua obra de destruïção teria sido mais poderoso que Cristo na sua obra de restauração; isto é impossível: o triunfo de Cristo foi completo. «Por um só homem entrou a morte no mundo, e por um só homem a ressurreição» (I Cor. XV, 11).

3. Os corpos ressuscitados terão as *qualidades* seguintes: 1.° serão *idênticos* aos desta vida: 2.° os corpos dos justos serão *glorificados*, os dos maus *rebaixados no opróbrio*; 3.° os corpos ressuscitados serão *sem mutilação* e *imortais*.

O homem ressuscitará com o *seu próprio corpo*. «Êste (corpo) corruptível revestirá a incorruptibilidade e êste (corpo) mortal, a imortalidade» (I Cor. XV, 52). Todos os homens ressuscitarão no *seu próprio* corpo (Simb. Atan.). Job já sabia que na ressurreição teria a *mesma carne* que tinha durante a vida: «No derradeiro dia, dizia êle, surgirei da terra; e serei novamente revestido da minha pele, e na minha própria carne verei a meu Deus» (Job XIX, 26). Ao ser executado um dos sete irmãos Macabeus, disse ao tirano que o tinha condenado a lhe serem os membros cortados: «De Deus os tenho e espero que êle mos restituïrá» (II Mac. VII, 11). Os pagãos de Cartago foram à prisão ver Santa Perpétua e os seus companheiros, e ela lhes disse: «Olhai-nos bem e fixai bem nossos semblantes, para que nos reconheçais no dia do juízo». Esta observação converteu-os. Nós teremos, portanto, os *mesmos* corpos e não outros novos, a-fim-de que cada um receba o que é devido às boas ou más acções que houver praticado emquanto andava revestido do seu corpo» (II Cor. V, 10). A retribuïção não é devida senão ao corpo que tomou parte na acção, e não a outro. «Assim como não é outra alma que há-de receber a recompensa, tampouco a receberá um corpo diferente do que praticou a acção» (Tert.). *Não é impossível* a Deus reconstituir o corpo desorganizado; porque, se Deus pôde criar o que não existia, com mais razão pode reconstituir o que já existia. «Ainda que dentro de 10 ou 12 anos tôdas as moléculas materiais do nosso corpo hão-de estar mudadas, o nosso corpo conserva-se idêntico a si próprio, porque o

princípio, a substância são os *mesmos*; assim os corpos ressuscitados conservarão a sua identidade, ainda quando *tôdas as moléculas materiais* lhes não fôssem restituídas» (S. T. de Aq.). É porque esperamos rehaver os nossos corpos na ressurreição, que nós *enterramos* os mortos, veneramos as relíquias dos santos. — Os corpos ressuscitados não terão todos as mesmas qualidades. «Ressuscitaremos todos, diz S. Paulo, mas não seremos todos transformados (glorificados)» (I Cor. XV, 51). *Os corpos dos justos* serão semelhantes ao corpo glorioso de Jesus Cristo (Fil. III, 21) e possuïrão por conseqüência as seguintes propriedades: serão *impassíveis* (Apoc. XXI, 4), *scintilantes* como o sol (S. Mat. XIII, 43), *ágeis* como o pensamento e dotados de *penetrabilidade*. Os corpos gloriosos serão transformados como o ferro vulgar o é na fornalha. «Cristo, nas *bodas de Caná*, transformou a água comum em vinho precioso, assim no dia da ressurreição ennobrecerá a vil natureza do homem» (S. Ambr.). Se Deus pôde conceder a pequenos insectos o dom de brilhar *nas noites de verão*, por que não poderia também concedê-lo ao corpo humano? (S. Cir. Jer.). O brilho celeste do nosso corpo será superior ao do sol, como êste é agora maior que a luz do nosso corpo (S. Agost.); temos uma prova na transfiguração de Jesus no Tabor e no esplendor do rosto de Moisés, quando desceu do Sinai depois do colóquio com Deus. Se depois da ressurreição Cristo se mostrou despojado do seu esplendor, era porque os apóstolos com quem devia conversar, não teriam podido suportar-lhe o brilho (S. Agost.). O corpo ressuscitado dos justos é muitas vezes chamado *espiritual*, porque será completamente sujeito ao espírito e livre de qualquer *concupiscência* terrestre (S. Luc. XX, 35). A beleza do corpo dependerá da da alma (I Rom. VII, 11) (I Cor. XV, 41). O mais miserável estropiado, se tiver vivido piamente, terá um corpo magnífico, ao passo que o mais formoso pecador ressuscitará com um corpo horrendo (Alb. Stolz). Os corpos dos *pecadores* sofrerão e serão por assim dizer ligados de pés e mãos (S. Mat. XXII, 13). — «Os corpos ressuscitados readquirirão a sua *integridade*. Os mártires tornarão a haver os *membros mutilados*, ainda que suas feridas permaneçam como as chagas do Salvador, sobrepujando o brilho do oiro e das pedras preciosas» (S. Agost.). Os santos não mostrarão *vestígio algum da idade*, da doença ou de qualquer defeito. Os *condenados* também tornarão a ter a integridade corporal, não para recompensa, mas para seu castigo; porque

quantos mais membros tiverem, maiores serão os tormentos. — Os corpos ressuscitados serão todos *imortais* (I Cor. XV, 42); no paraíso o fruto da árvore proïbida teria tornado o corpo imortal; agora é a *S. Comunhão* que é o penhor da ressurreição e da imortalidade (S. Jo. VI, 55). Deus que fêz viver os patriarcas durante 900 anos, poderá também fazer-nos viver eternamente. Os condenados também não morrerão nunca; todavia não se lhes pode chamar imortais, porque, como não podem morrer, é antes a morte dêles que não morre (S. Agost.). A ressurreição dos mortos é a esperança dos cristãos (Tert.).

4. A crença da ressurreição *consola-nos* nos sofrimentos e da perda de nossos parentes e amigos.

Job no meio das maiores **dores** consolava-se com a ideia da ressurreição (Job. XIX, 25); êste mesmo pensamento dava aos primeiros cristãos a coragem, a intrepidez perante os perseguidores. — Aquêle que tem uma fé viva na ressurreição não se deixará cair em nenhum excesso de dor **quando os seus morrerem,** assim como nós não nos desesperamos *ao pôr do sol,* certos de que no dia seguinte nascerá de novo. Nós, cristãos, não devemos, pois, contristar-nos diante do túmulo dos nossos, como os *pagãos* que não têm esperança (I Tess. IV, 12). Também S. Cipriano, bispo de Cartago († 258), mandava os cristãos absterem-se de um luto excessivo que poderia fazer duvidar os pagãos da fé dos cristãos na ressurreição; achava inconveniente que se *trouxesse luto* por aquêles (os mártires) que diante do trono de Deus trajam as vestes do júbilo; só se devia chorar pelos que morrem em pecado.

7. O juízo universal

1. Logo após a ressurreição dos mortos haverá o *juízo universal; Cristo,* com efeito, afirmou muitas vezes que depois da ressurreição dos mortos reüniria todos os homens diante do seu trono para os julgar.

A nova vinda de Jesus para o juízo foi anunciada aos apóstolos por dois anjos imediatamente depois da ascen-

são (Act. Ap. I, 11). O mesmo Jesus disse: 1.º que a **Cruz** apareceria no céu para anunciar a vinda do juiz e que encheria de terror os maus (S. Mat. XXIV, 30); 2.º que viria com uma grande **majestade**, e não já em humilhação, o que não quere dizer que todos os homens terão a visão de Deus, que só se obtém no céu, e que constituïria para os ímpios o céu; estes não sentirão a presença e a majestade de Deus senão por certos *sinais* (S. T. de Aq.); 3.º que os **Anjos** o acompanharão (S. Mat. XXV, 31): os anjos, por terem auxiliado a salvação dos homens, serão glorificados diante de todo o universo; 4.º que sentado no **seu trono** ajuntará em tôrno de **si todos os povos** da terra (S. Mat. XXV, 32); 5.º que os **separaria**, como um pastor separa os bodes das ovelhas: os justos serão chamados para a direita, os ímpios repelidos para a esquerda (ib. 33). — A palavra *Josafat* significa em hebraico *juízo de Jeová;* se, pois, o profeta (Joel, III, 2) diz que Deus reünirá e julgará todos os povos no vale de Josafat, não fala do vale entre Jerusalém e o monte das Oliveiras, mas do lugar designado por Deus para o juízo universal. A pequenez daquele vale basta para provar que aquela palavra não se deve tomar num sentido literal. Chamamos a êste juízo **universal** ou *geral*, porque todos os homens que tiverem vivido, e os próprios anjos, serão julgados; chama-se também juízo **final**, porque será no último dia. — No juízo de Deus ninguém pode, como nos tribunais humanos, *fazer-se representar;* grande ou pequeno, é forçoso que cada um compareça pessoalmente e preste contas da sua vida (S. Vic. Ferr.). Vi, diz o Apocalipse, grandes e pequenos diante do trono de Deus (XX, 12).

2. O juízo universal far-se-á para revelar a tôdas as criaturas a *sabedoria* e a *justiça* de Deus; será celebrado por *Jesus* para que lhe seja pùblicamente restituída a honra de que os pecadores o privaram.

No dia do juízo universal Deus revelará aos homens a **sabedoria** com que dirigiu os destinos de todos e de cada um, para lhes fazer atingir o último fim e mesmo a felicidade terrena. Os homens verão como Deus fêz servir ao bem o mal, tanto os sofrimentos dos homens como os seus pecados. — No juízo Deus revelará também a sua **justiça**, porque *acabará o que ficou imperfeito no juízo par-*

ticular. Os actos, as palavras, os escritos de muitos homens fizeram ainda bem e mal depois da morte dêles, os apóstolos, os missionários encheram de benefícios numerosas gerações, assim também os hereges corromperam não só os contemporâneos, mas também a posteridade. O *grão* semeado pelo homem não chega à *completa maturidade* senão no juízo final. O tribunal será presidido por Cristo pessoalmente, porque julgar é acto de *sabedoria,* e como o Filho de Deus é a sabedoria gerada do Pai (a inteligência eterna do Pai), a êle cabe julgar (S. T. de Aq.). Além disso, Cristo virá como juiz, porque os seus contemporâneos e muitos ímpios no decurso dos séculos lhe recusaram *a honra que lhe é devida.* Foi condenado como criminoso pela sentença iníqua de Pilatos, e segundo o Apóstolo tornou-se para os Judeus escândalo e loucura para os gentios (1 Cor. I, 23); é necessário que a sua honra lhe seja *restituída* no juízo. Os seus inimigos quedarão aterrados diante dêle, como os irmãos de José quando êste se deu a conhecer (Gén. XLV); «então os ímpios dirão aos montes: caí sôbre nós; e aos outeiros: cobri-nos!» (S. Luc. XXIII, 30). Por isso Cristo disse: «O Pai a ninguém julga, mas todo o juízo deu ao Filho, a-fim-de que todos honrem ao Filho, bem como honram ao Pai» (S. Jo. V, 22). Durante a sua vida Cristo não exerceu o seu poder de juiz: «Eu, dizia êle, a ninguém julgo» (ibid. VIII, 15). No último dia Cristo fará justiça, porque se *fêz homem;* o género humano ressuscitado deve ter um *juiz visível.* «O Pai, dizia Jesus por êste motivo, deu ao Filho o poder de exercitar o juízo porque é Filho do homem» (ib. V, 27). Deus dá-nos também por juiz um homem por *misericórdia* (S. Bern.). «Aceito com gôsto por juiz, exclama S. Tomás de Vilanova, aquêle que foi meu Salvador!»

3. O juízo de Cristo no último dia *consistirá* em descobrir *o mais oculto,* em exigir de cada homem a conta de *suas obras de misericórdia* e em *separar eternamente* pela sua sentença os bons dos maus.

O juízo universal não será, pròpriamente falando, mais do que uma **continuação solene do juízo particular.** «O estado, diz S. Agostinho, em que cada um se achou no último dia da sua vida será também o do último dia do universo. Será então julgado da mesma maneira que o foi

à hora da morte». Pode-se também dizer: o juízo final será um **recomêço da história universal**, porque todos os acontecimentos de todos os séculos passarão num dia diante dos olhos dos homens. Deus, na sua omnipotência, *inscreveu-os*, por assim dizer; eis por que a Escritura fala do *abrir dos livros* segundo os quais os mortos serão julgados (Apoc. XX, 12). As **coisas mais secretas** serão **desvendadas**; o Senhor levará luz às trevas mais profundas (I Cor. IV, 5), perscrutará Jerusalém com fachos (Sof. I, 12) segundo estas palavras de Jesus: «não há coisa encoberta que não haja de ser manifestada, nem escondida que não haja de saber-se e fazer-se pública» (S. Luc. VIII, 17). Quando o *sol* aparece, a neve derrete-se e tudo que estava por baixo aparece; assim no juízo final, o sol de justiça fará aparecer tudo. *Todos os pecados* serão revelados, a vergonha dos condenados será para êles o comêço do inferno; os pecados dos *justos* serão revelados também, não para sua vergonha, mas para glorificação da sua penitência. Os pecados não se notarão no vestido da graça santificante; longe de serem aí nódoas, serão *ornamentos* preciosos (S. Gertrudes). Deus cobrirá os pecados expiados pelos justos como um artista hábil sabe esconder um rasgão debaixo de um bordado (Osório). Tôdas as *boas obras* serão trazidas à luz (Eccles. XII, 14), assim como as *intenções* de tôdas as acções (I Cor. IV, 5). As almas *piedosas*, especialmente os mártires, receberão diante de todos os homens *as honras de que foram injustamente privados*, e perante êste espectáculo os ímpios exclamarão: «Estes são aquêles de quem nós noutro tempo fazíamos zombaria, e a quem tínhamos por objecto de opróbrio. Nós insensatos reputávamos a sua vida por uma loucura e o seu fim sem honra: ei-los aí como têm sido contados entre os filhos de Deus, e entre os santos está a sua sorte» (Sab. V, 3). No juízo far-se-á a distinção entre *os santos e os viciosos* (hipócritas), o que actualmente não se pode fazer. «No inverno tôdas as árvores se assemelham, mas na primavera distinguem-se as que estão sêcas das que têm seiva; agora também os homens parecem iguais, mas no juízo se distinguirão os bons dos maus» (S. Agost.). — No juízo, Cristo exigirá de todo o homem contas das suas *obras de misericórdia*, é delas que fará depender a salvação (S. Mat. XXV, 34). Se prestarmos bem atenção às palavras que êle pronunciará no juízo, compreende-se por que é que os santos e todos os bons cristãos praticam essas obras com tanto zêlo. Santa Isabel interrogada sôbre

os motivos da sua caridade respondeu: «Preparo-me para o dia de juízo». No juízo final não haverá consideração alguma pelas riquezas e dignidades porque Deus *não olha a pessoas* (Rom. II, 11). Ao invés, muito se pedirá aos que muito houverem recebido (S. Luc. XII, 48). — O julgamento acabará por uma *sentença* que *separará eternamente* os bons dos maus (S. Mat. XXV, 46). Esta separação é figurada por Cristo na parábola *da cizânia e do trigo*, em que o pai de família diz aos seus servos: «Colhei primeiramente a *cizânia*, atai-a em molhos para a queimar; mas o trigo recolhei-o no meu celeiro» (ib. XIII, 30). O *Calvário* também, onde o bom ladrão está à direita e o mau à esquerda, é uma imagem do juízo (S. Agost.). Muitos *parentes e amigos* ali serão eternamente separados (S. Mat. XXIV, 49). Muitos homens poderosos e ricos estarão perdidos, ao passo que o seu subordinado e aquêle que se lhes aproximava como mendigo serão salvos, como no-lo mostra a parábola do rico *avarento* e de *Lázaro*. — O juízo será também o sinal do *renovamento da criação;* ela tomará nova forma, glorificada, em relação *com a glória dos corpos dos justos* (S. Agost.). Por isso S. Pedro diz: «Nós esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça» (II S. Ped. III, 13). Esta metamorfose efectuar-se-á por meio de um *fogo* (ib. 12) que será ao mesmo tempo um *fogo purificador* para os homens que tiverem ainda pecados por expiar. Como depois do juízo já não deve haver purgatório, a *violência das dores* substituïrá a sua duração. Os justos serão tão pouco atingidos por elas como os três jovens na fornalha (S. Agost.). — A lembrança do juízo é muito *salutar*. S. Metódio pintou ao rei *Rogoris* o juízo num quadro; o rei nunca mais perdeu de vista aquêle quadro, fêz-se cristão e difundiu com zêlo o cristianismo nos seus estados (Mehler I, 406). *Félix*, o procurador romano, estremeceu também quando S. Paulo lhe falou do juízo, mas não cooperou com a graça e interrompeu a conversação (Act. Ap. XXIV, 25).

4. O dia de juízo é *desconhecido*, mas Jesus anunciou-nos os *sinais* que o precederão.

«Nem daquele dia, nem daquela hora, diz Jesus Cristo, ninguém sabe nem os anjos dos céus, senão o Pai» (S. Mat. XXIV, 36). Êste conhecimento não teria para nós utilidade alguma, como a não teria o da hora da nossa

morte. É por isso que Jesus Cristo nada nos revelou a êsse respeito. «Pouco importa conhecer ou ignorar o dia de juízo; fazei o que fôreis se êle fôsse amanhã e não tereis que temer a vinda do juiz» (S. Agost.). — Contudo Jesus deu-nos alguns sinais precursores do juízo, quando no monte das Oliveiras, estando com seus discípulos, lhes vaticinou a *ruína de Jerusalém* (S. Mat. XXIV, 3). Jesus Cristo revelou alguns dêsses sinais, para que no fim dos tempos os fiéis sejam perseverantes e não percam o ânimo.

Eis quais serão êsses **sinais:**

1. A *prègação do Evangelho* em todo o universo (S. Mat. XXIV, 14).

Hoje dois terços do mundo são ainda pagãos.

2. A maior parte dos homens terão *perdido a fé* e terão caído no *materialismo* (S. Luc. XVII, 26).

Os homens serão semelhantes aos do tempo de Noé (S. Mat. XXIV, 38).

3. Aparecerá o *Anticristo.*

O *Anticristo* será um homem que se fará passar pelo Messias e que com o auxílio do demónio fará milagres (II Tess. II, 9). Será perigoso sobretudo pelas *perseguições* e pelos seus meios de *sedução* (Apoc. XX, 3-9). É provável que o Anticristo tome como campo de acção Jerusalém e os lugares onde Cristo viveu (Massal.). Cristo ao voltar matará o Anticristo (II Tess. II, 8) que terá tido no decurso dos séculos precursores e tipos figurativos (I S. Jo. II, 18). O mistério de iniqüidade projecta suas sombras adiante de si (II Tess. II, 13).

4. *Henoc* e *Elias* voltarão para prègar a penitência.

«Eu vos enviarei, lê-se em Malaquias (IV, 5), o profeta Elias, antes que venha o dia grande e horrível do Senhor; e êle converterá o coração dos pais aos filhos, e o *coração dos filhos a seus pais*», quere dizer que porá no

coração dos Judeus os sentimentos dos patriarcas. Cristo anunciou também o regresso e a prègação de Elias para os últimos tempos (S. Mat. XVII, 11). «Henoc, diz o Eclesiástico (XLIV, 16), agradou a Deus e foi transladado ao paraíso para exortar as nações à penitência». Henoc e Elias prègarão três anos e meio. A sua prègação afastará a muitos do Anticristo, que os matará. Deixarão seus corpos sem sepultura, mas Deus os ressuscitará ao fim de três dias e meio (Apoc. XI, 3-11).

5. Os *Judeus* converter-se-ão.

Segundo a profecia de Jesus Cristo sôbre o juízo final, o povo Judeu existirá até ao fim dos tempos. «Esta geração (o povo judeu) não passará sem que se cumpram tôdas estas coisas» (S. Mat. XXIV, 34). «Os filhos de Israel, diz Oseias, falando da *conversão dos Judeus*, estarão muitos dias sem rei, sem príncipe, sem altar; e depois disto tomarão e buscarão o Senhor seu Deus, e no fim dos dias olharão com respeitoso temor para o Senhor, e para os bens que lhes terá feito» (III, 4). Israel permanecerá na cegueira, diz S. Paulo, até que a plenitude dos gentios entre na Igreja (Rom. II, 25). Deve ser *Elias* quem «há-de restituir as tribos de Israel», quere dizer, que as converterá à fé cristã (Ecles. XLVIII, 10); tal foi sempre a crença da Igreja (S. Agost.).

6. Aparecerão no céu *sinais terríveis* e uma grande tribulação oprimirá os homens.

«*Escurecer-se-á* o sol e a *lua* não dará a sua claridade, e as estrêlas *caïrão do céu* (desaparecerão) e as virtudes dos céus se comoverão» (S. Mat. XXIV, 29). A humanidade será flagelada pela *guerra*, pela *peste*, pela *fome*, como por ocasião da ruína de Jerusalém (S. Mat. XXIV, 7). «Os homens se mirrarão de susto na espectação do que virá sôbre todo o universo» (S. Luc. XXI, 25). Estes sinais têm por fim abalar os pecadores e levá-los ao arrependimento.

A esperança cristã

I. Natureza da esperança cristã

O símbolo dos apóstolos nomeia no fim alguns bens que nós não devemos só crer, mas devemos também esperar. É por isso que dizemos no *Credo* da missa: «espero, *expecto*, a ressurreição dos mortos e a vida eterna».

A esperança cristã é a espectativa confiada de todos os bens que Jesus Cristo nos prometeu pelo cumprimento da vontade de Deus.

O santo vélho *Simeão* recebera de Deus a promessa de que veria o menino Jesus e suspirava por êsse dia. *Suspirava*, porque tinha *confiança* em Deus e estava firmemente convencido do cumprimento da promessa divina (S. Luc. II). A espectativa da vida eterna depois da ressurreição deu aos *irmãos Macabeus* coragem para suportar as cruéis torturas de Antíoco (II Mac. VII, 9). A esperança é, pois, por um lado um certo *desejo*, a *espectativa* de um bem prometido e, por outro lado, a *confiança*, a firme convicção de que Deus será fiel à sua palavra. A esperança assemelha-se a um *telescópio*, que aproxima a nossos olhos os objectos mais afastados; a esperança torna-nos como que presentes os bens do céu e no-los faz gozar. «Pela esperança temos um *ante-gôsto das delícias do paraíso*» (S. Paulino). «Deste, Senhor, a tua doçura completa àqueles que esperam em ti» (Ps. XXX, 20). A esperança cristã pode também chamar-se santa, porque tem por objecto Deus e os bens sobrenaturais; faz-nos observar o preceito do apóstolo: «Buscai as coisas que são *lá* de cima!» (Col. III, 1).

1. Em prémio do cumprimento da divina vontade, Jesus Cristo *prometeu-nos* a *felici-*

dade eterna e os *meios* necessários para a alcançar, quere dizer: a graça divina, os bens temporais indispensáveis à vida, o perdão dos pecados, o socorro nas necessidades e o acolhimento favorável das nossas orações.

Jesus Cristo prometeu-nos a *felicidade eterna* (I S. Jo. II, 25). «Na casa de meu Pai, disse êle, há muitas moradas, e eu vou a aparelhar-vos o lugar» (S. Jo. XIV, 2). Faz-nos esta promessa na parábola do festim nupcial, do grande banquete real, dos operários da vinha; prometeu-nos a ressurreição *dos corpos* (S. Jo. V, 28). O desejo da felicidade é, aliás, inato em nós. — Jesus Cristo prometeu-nos também a sua *graça*, isto é, o auxílio do Espírito Santo para alcançar a felicidade. Quere êle com efeito que todos os homens se salvem (I Tim. II, 4); ora a graça é absolutamente necessária para a salvação, a graça actual para o pecador se converter e fazer obras meritórias, a graça santificante para entrar no céu. Esta graça promete-a Jesus ao pecador na parábola da ovelha perdida. — Jesus prometeu-nos os *bens temporais* indispensáveis à vida. «Não andeis cuidadosos na vossa vida, que comereis, nem para o vosso corpo, que vestireis. Porquanto vosso Pai sabe que tendes necessidade de tudo isso». Prova-nos com o exemplo das *avezinhas* do céu que êle alimenta, dos *lírios* e da erva dos campos que êle veste, que tem ainda mais cuidado dos homens (S. Mat. VI, 25-32). — Os santos muitas vezes se acharam em situações muito penosas; faltava-lhes alimento, habitação, fato, etc. Fortes com a promessa de Deus, não tinham temor algum e, com efeito, nunca lhes faltou o auxílio divino. — Jesus Cristo prometeu-nos o *perdão dos pecados* se nos convertemos e emendamos. «Haverá, diz êle, mais júbilo no céu sôbre um pecador que fizer penitência que sôbre 99 justos que não hão mister dela» (S. Luc. XV, 7). As parábolas do *filho pródigo* e da *ovelha perdida* provam-nos como Deus está disposto a perdoar-nos. «Deus não olha tanto para o que o homem fêz como para o que êle está disposto a fazer» (S. Agost.). Emquanto o homem vive, o seu arrependimento nunca se perde (S. Cipr.), porque o ladrão na cruz obteve ainda o seu perdão. «Deus, diz Ezequiel (XVIII, 32), não quere a morte do pecador, mas que se converta e viva». — Cristo prometeu-nos *auxílio na ne-*

cessidade. Quando no mejo da tempestade os apóstolos tremeram, Jesus censurou-lhes isso e disse-lhes: «Por que temeis, homens de pouca fé?» (S. Mat. VIII 26). Deus chama-se nosso refúgio e nossa fôrça (Ps. XLV, 1) nas aflições. Demora às vezes o seu socorro, como nas bodas de Caná onde disse: «Ainda não é chegada a minha hora» (S. Jo. II, 4). Mas quanto mais nos faz esperar, mais *eficaz* e *maravilhoso* é o seu auxílio: a prova está na conspiração de Ester (V); no serenar da tempestade no lago de Genesaré; na libertação de S. Paulo do cárcere. — Cristo prometeu **escutar nossas orações**; «Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, disse êle, essa vos farei» (S. Jo. XIV, 14), «se vós pedirdes a meu Pai alguma coisa em meu nome, êle vo-la há-de dar» (ib. XVI, 23).

Cristo ensinou-nos no *Padre Nosso* a pedir estes diferentes bens ao *Pai celeste*.

Na 2.ª petição pedimos a *felicidade eterna*, na 3.ª a graça necessária para a alcançarmos, na 4.ª os *bens temporais* indispensáveis, na 5.ª o *perdão dos pecados*, na 6.ª e na 7.ª o socorro na *necessidade*. A palavra *Amen* exprime a confiança que temos de ser atendidos por Deus.

2. A esperança cristã *nasce da fé*; nós esperamos de Deus os bens prometidos por êle, porque a fé nos ensina que Deus é infinitamente *fiel*, *poderoso* e *bom*, e que Jesus nos merece todos êsses bens.

A esperança nasce da fé como o tronco das raízes; são duas irmãs (S. Greg. M.). A fé certifica a existência dos bens e a possibilidade de os possuir e a esperança no-los faz desejar e esperar. — Estamos convencidos de que aquêle que proïbiu a mentira é *incapaz* êle *de enganar* (S. Clem. Rom.); donde a palavra de S. Paulo: «Conservemos firme a profissão da nossa esperança porque fiel é o que fêz a promessa» (Heb. X, 23). Estamos além disso convencidos de que Deus, a quem nada é impossível (S. Luc. I, 37), é bastante *poderoso* para cumprir a sua promessa (Rom. IV, 18); de que Deus, que é o *amor* (I S. Jo. IV, 8), dá ainda com maior boa vontade do que

a nossa de receber (S. Jer.); de que Jesus Cristo, com o seu sacrifício doloroso, nos mereceu a felicidade eterna e os meios para a alcançar. «Sem dúvida, observa S. Agostinho, eu não poderia, por causa da grandeza dos meus pecados, esperar nem o perdão, nem o céu; mas ouso esperar *pelos merecimentos de Jesus Cristo* que serei salvo pela penitência e pela observância dos mandamentos. «Deus ainda a seu próprio Filho não perdoou, mas por nós todos o entregou: como não nos deu também com êle tôdas as coisas?» (Rom. VIII, 32). — Esta firme convicção de que Deus é *soberanamente fiel, poderoso* e bom, e de que Cristo nos mereceu todos os bens, chama-se **confiança em Deus**; esta virtude é a *raiz* da esperança. Quanto mais vigorosa é esta raiz, mais firme é a nossa esperança; era esta a virtude da mulher enfêrma que tocou a fímbria do vestido de Jesus, quando êle ia a caminho da casa de Jairo (S. Mat. IV, 22).

Só o que observa fielmente os mandamentos, ou o pecador arrependido, pode esperar os bens prometidos por Jesus Cristo.

«Nem todo o que me diz Senhor! Senhor! entrará no reino dos céus, mas sim o que faz a vontade de meu pai que está nos céus» (S. Mat. VII, 21).

O *pecador* não pode ter esperança em Deus senão quando se arrepende sèriamente dos seus pecados.

A esperança sem virtude é presunção (S. Bern.). O cruel rei Antíoco Epífanes, verdugo dos irmãos Macabeus, já devorado pelos vermes, esperava ainda o auxílio divino: não veio (II Mac. IV, 13). A mesma sorte coube a *Jerusalém*, sitiada pelos Romanos (70). Em vão se espera em Deus quando se não pratica o bem (S. Lour. Just.). Se, ao contrário, o ímpio faz penitência de seus pecados e exerce a justiça e o direito, Deus esquecerá as suas iniqüidades (Ezeq. XVIII, 21). *Manassés*, rei de Judá, arrastou o seu povo à idolatria e mandou matar muitos profetas; Deus entregou-o aos seus inimigos, que o levaram carregado de cadeias a Babilónia e o lançaram numo masmorra. Deplorou então seus crimes, prometendo

sinceramente corrigir-se; e tendo-o Deus libertado e tendo-lhe restituído o trono, Manassés destruíu os templos dos falsos deuses (II Par. XXXIII). A história de *Jonas* ensina-nos a mesma verdade.

O justo, *ao invés*, pode esperar que Deus proverá a tôdas as suas necessidades; todavia o justo deve *esforçar-se por adquirir* os bens que espera de Deus.

«Buscai primeiramente, diz Jesus, o reino de Deus e a sua justiça e tôdas estas coisas se vos *acrescentarão*» (S. Mat. VI, 33). Nós somos *servos de Deus;* temos que obedecer às suas ordens, êle provê às nossas necessidades e dá-nos o nosso salário. «A nós toca o servi-lo, a êle o cuidar de nós» (S. Jo. da Cruz). Deus nunca desamparou nenhum daqueles que observaram fielmente os seus mandamentos (Eccles. II, 12). *Deus não abandona os seus.* Ofendê-lo-íamos se não tivessemos plena confiança nêle (S. Agost.), por isso S. Pedro diz: «Remetei para o Senhor tôdas as vossas inquietações, porque êle tem cuidado de vós» (I S. Ped. V, 7). A-pesar-disto, é preciso que nós mesmos *nos esforcemos por adquirir os bens prometidos por Deus*. Nossos corpos e nossas almas têm faculdades que são como a chave dos celeiros do céu e da terra; aquêle que se recusa a servir-se desta chave ver-se-á na indigência: Deus não nos dá sem o nosso concurso senão aquilo para que não bastam nossas fôrças (Alb. Stolz). **É preciso esperar o melhor,** mas **também fazê-lo** (S. Car. Bor.). Esperar o socorro divino sem se fazer o que se pode, é tentar a Deus (S. Fr. de Sales). Portanto, se queremos recobrar *a saúde*, é preciso primeiramente empregar os meios que a podem dar, Deus fará o resto: não é permitido pedir logo um milagre. S. Paulo tinha o dom dos milagres, e contudo recomendava a Timóteo que tomasse algum vinho no interêsse da sua saúde (I Tim. V, 23). O operário sem trabalho deverá portanto primeiro *procurar trabalho*, e só depois poderá esperar um auxílio especial de Deus. Esta observação aplica-se a qualquer dificuldade em que o homem possa encontrar-se. *Trabalha e Deus te ajudará!*

4. A esperança cristã deve ser acompanhada de um *temor* salutar do pecado.

A esperança é um fato com duas mangas: uma é a confiança na misericórdia de Deus, a outra é o temor da sua justiça (S. Brigida). Deus quere que nós operemos a nossa salvação *com temor e com tremor* (Fil. II, 12). *Ninguém* tem a *certeza* absoluta de pertencer ao número dos eleitos, ou de perseverar em graça até à morte (Conc. de Tr. 6, cân. 15, 16). O marinheiro no mar, fora do pôrto, tem sempre, ainda na maior serenidade do tempo, o temor de uma tempestade que o pode fazer naufragar; o cristão, também, vive contìnuamente no temor da tempestade das tentações (S. Macário). Navios excelentes e muito grandes se têm muitas vezes perdido à vista do pôrto, ao passo que vélhos navios entraram nêle (S. Gil). Homens favorecidos da inspiração divina, como Salomão, tornaram-se ímpios na velhice, ao passo que pecadores, como Maria Madalena e Agostinho, se tornaram grandes santos. Até *anjos* caíram bem fundo e foram condenados para sempre. «O *pedreiro*, ainda o mais prático, anda sempre suspenso por causa do perigo de cair» (S. Jo. Cris.). Tenha, pois, cuidado em não cair, quem se julga de pé (I Cor. X, 12). Nós trazemos o tesouro da graça em vasos frágeis (II Cor. IV, 7). A **desconfiança de nós mesmos** é a protectora da esperança (S. Agost.). A esperança e o temor são coisas que devem andar unidas; onde elas reinam, a coroa do céu está ganha (S. Jo. Cris.). A *esperança dá-nos a fôrça* para caminhar, e o *temor torna-nos previdentes;* a esperança é o vento favorável ao navio, o temor serve-lhe de lastro; o vento impele o navio para o seu fim e o lastro mantém o equilíbrio; uma e outra coisa são necessárias para uma feliz navegação (Scaramelli). — O temor não diminui a esperança, ao contrário *aumenta-a*. A confiança em Deus e a desconfiança de nós mesmos são como os pratos de uma *balança*, quando um sobe o outro desce; quanta mais desconfiança temos de nós mesmos, mais confiança temos em Deus, e reciprocamente (S. Fr. de Sal.).

5. A esperança cristã é um *dom de Deus*, porque a *faculdade* de esperar não se obtém senão com a graça santificante.

Com a esperança dá-se o mesmo que com a fé (pág. 75). — É o *espírito* de Deus que desperta em nós o desejo dos bens eternos e nos enche de confiança em Deus.

Quanto mais elevado é, pois, o grau da graça santificante (quanto mais cristãmente se vive), mais perfeita é a faculdade de esperar. Os santos têm mais firme a esperança *no fim da sua vida;* a esperança assemelha-se aos rios que são mais largos junto do mar. — Seremos obrigados a suprir no purgatório a esperança que nos falta neste mundo.

II. Os frutos da esperança cristã

1. Aquêle que espera em Deus goza uma *protecção especial de Deus.*

Temos disso a prova nos *três jovens na fornalha,* em José prisioneiro no Egipto, na Mãe de Deus, no momento em que esteve para ser abandonada por S. José, na *libertação de Viena, sitiada pelos turcos,* em 1683. Durante dois meses (de 16 de junho a 12 de setembro), Viena foi bloqueada por 250:000 Turcos e não tinha senão uma guarnição de 16:000 homens, comandada pelo valoroso Stahremberg. Os Turcos deram vários assaltos e tinham mandado pelos ares uma parte das fortificações; mas quanto mais desesperada se tornava a situação, mais aumentava a confiança em Deus. E com efeito, já nos últimos extremos, chegou o exército libertador de apenas 90:000 homens, sob o comando de Sobieski, rei da Polónia. A batalha durou um dia inteiro, mas à tarde os Turcos estavam completamente desbaratados. Conta-se um facto semelhante na vida de Fernando II, mais tarde imperador da Alemanha. No começo da guerra dos 30 anos (1619), êste príncipe estava fortemente ameaçado em Viena pelos revoltosos. Lançou-se aos pés de um crucifixo (1) e orou com fervor. Contudo os revoltosos haviam já penetrado na Hofburg, e procuravam arrancar violentamente a Fernando concessões para o protestantismo. Fernando, porém, confiando em Deus, recusou ceder e de repente ouviram-se trombetas: eram 50 dragões conduzidos por Saint Hilaire, diante dos quais os revoltosos debandaram (Weiss, IX, pág. 186). Deus salva os que têm esperança nêle (Dan. XIII, 60). **Um cristão que espera em Deus pode ser atacado, mas não vencido** (S. Cip.). Asseme-

(1) Êste crucifixo conserva-se na igreja paroquial da Hofburg, por cima do sacrário.

lha-se a um *exército* bem garantido por uma reserva numerosa e sólida (S. Fr. de Sal.). Os que têm confiança em Deus são inabaláveis como a montanha de Sião (Ps. CXXIV, 1); uma montanha, diz S. João Crisóstomo, não pode ser abalada nem derrubada, seja qual fôr o número de máquinas empregadas contra ela. Aquêle que põe tôda a sua confiança em Deus, obtém dêle uma protecção especial; pode ter a certeza de que o não atingirá nenhum verdadeiro mal (S. Vic. de P.); e quanto maior é esta confiança, maior é o socorro divino em todos os perigos (S. Fr. de S.). Nenhum daqueles que têm confiança em Deus foi jamais confundido (Eccles. II). A história de Portugal está cheia de exemplos que provam como desde o alvorecer da nacionalidade portuguesa a confiança ilimitada que nossos maiores depositavam em Deus e em sua Mãe Santíssima lhes proporcionou os maiores triunfos. Só assim se explica e se compreende como um povo tão pequeno pôde realizar emprêsas tão grandiosas, desde a expulsão dos agarenos até às nossas prodigiosas descobertas e à guerra da restauração.

2. Aquêle que espera em Deus obtém *tudo* de Deus, porque, diz Jesus Cristo, é capaz de transportar montanhas (S. Marc. XI, 23).

Transportar montanhas é *vencer os maiores obstáculos*. Conta-se, por outro lado, de S. Gregório o Taumaturgo, que transportou realmente uma montanha († 270). Confiado em Deus, Moisés dividiu o Mar Vermelho com o seu bordão, e Elias obteve a chuva depois de uma grande estiagem (1). «A esperança é uma seta que atravessa o coração de Deus e faz manar dêle por sôbre a alma confiada a torrente da misericórdia» (Mar. Lat.). **O homem recebe em proporção da esperança que tem** (S. Jo. da Cruz). Aquêle que tem esperança é rico ainda antes de possuir riquezas (S. Jo. Cris.).

---

(1) Esta confiança em Deus levou Rodolfo de Habsburgo a marchar contra o rei Ottokar da Boémia, com um exército quatro vezes menor que o do seu adversário. Recomendou às suas tropas que tomassem como grito de guerra: Cristo! Cristo! ao passo que os outros tinham o de: Praga Praga! e ganhou a brilhante vitória de Jedenspeugen (1278).

3. Aquêle que espera em Deus é *fortalecido* por êle; é intrépido diante dos homens, *paciente* e *alegre* nas tribulações, principalmente diante da morte.

A esperança cristã dá uma fôrça *sobrehumana:* é como uma alavanca que levanta os maiores pesos. Qual não foi a **intrepidez** de David diante de Golias, e a do Papa Leão Magno diante de Átila! († 452). *S. Martinho* foi um dia assaltado por bandidos e ameaçado de morte; tendo-lhe estes preguntado por que não receava, respondeu: «Sou cristão e estou sob a protecção divina; eu não tenho razão para temer, vós sim». Aquêle que espera em Deus não se importa com o favor dos poderosos nem com o que dirão os homens (I Cor. IV, 3). — O que espera em Deus será *paciente* nos trabalhos, pois sabe que as tribulações desta vida não são comparáveis com a futura glória que se manifestará em nós (Rom. VIII, 18). Job tinha tanta paciência nos trabalhos, porque se comprazia antecipadamente na ressurreição futura (Job. XIX, 25). Como poderá estar triste aquêle que pensa nos indescritíveis prémios que o esperam no céu? Um camelo anima-se no deserto quando sente a proximidade da água. S. Paulo exclama no meio das suas tribulações: «Exubero de gôzo no meio dos meus trabalhos» (II Cor. VII, 4); e em outra parte: «Morrer é lucro para mim. Desejo abnegar-me e estar com Cristo» (Filip. I, 21, 23); e noutro lugar: «No futuro me está reservada a coroa da justiça, que me dará naquele dia o justo juiz» (II Tim. IV, 8). Quão *alegre* morreu, por exemplo, o apóstolo S. André, o qual, quando viu a sua cruz, se abraçava com ela, e lhe dizia: «Salvè, cruz preciosa, justificada pela morte do meu Deus! Por mim muito tempo desejada, solìcitamente amada, buscada sem trégua e finalmente concedida à minha alma anelante!» († 62). Santo Inácio mártir, bispo de Antioquia, se alegrou ao ouvir da bôca do imperador Trajano a sua sentença de morte; e, sabendo que os fiéis de Roma o queriam livrar dela, lhes rogou que o não fizessem, nem lhe tirassem a coroa do martírio. «Não temo os animais ferozes nem o desconjuntamento dos membros, contanto que com isto possa ganhar a Cristo» († 107). O diácono S. Lourenço, apertado pelo juiz pagão para que entregasse os tesouros da sua igreja, e condenado a morrer assado

numas grelhas, escarnecia o juiz no meio do seu suplício, dizendo-lhe: «Já está assado dêste lado, volta e come!» († 258). Santa Cecília dizia ao verdugo: «Morrer por Cristo é trocar o lôdo por ouro, uma choça por um palácio, o pó por uma coroa» († 230). A esperança é uma firme *âncora* para a alma (Heb. VI, 19). Como a âncora guarda o navio em tempo de borrasca, assim nos guarda a esperança na hora do sofrimento, com a diferença que a âncora se apoia na terra e a esperança no céu (S. T.). Assim como a águia, em tempo de tormenta, se eleva acima das nuvens com as suas poderosas asas, até às alturas onde brilha o sol, assim nós, por meio da esperança, nos levantamos sôbre tôdas as solicitudes e trabalhos da terra.

4. A esperança cristã é um estímulo poderoso que nos *conduz* às *boas obras* e às *virtudes* heróicas.

É a esperança que leva *os missionários* às nações pagãs. A esperança da colheita, a espectativa do salário, o desejo da glória, anima o *lavrador*, o *artista*, o *soldado*; mas a esperança cristã é *muito mais firme*, porque nós esperamos o que a própria verdade prometeu (S. Paulino). A nossa esperança é tão certa como um acontecimento passado (S. Agost.). *Construir sôbre Deus é construir sôbre um fundamento inabalável.*

5. A esperança cristã conduz à *vida eterna.*

Aquêle que tem a esperança está seguro acêrca da sua salvação, como aquêle que tem *a semente* está seguro acêrca da árvore que plantar, porque a felicidade eterna está contida na esperança como a árvore na semente (S. T. de Aq.). É pela esperança [1] que nos salvamos (Rom. VIII, 24). S. Bernardo compara a fé na omnipotência, na fidelidade, no amor de Deus a uma tríplice corda inquebrável que do alto da pátria êle nos lança à nossa prisão, e pela qual devemos subir até à visão da glória. A casa de Deus (quere dizer, a santidade) está fundada sôbre a fé, levanta-se sôbre a esperança e remata pela caridade

---

(1) Damos a título de mera curiosidade a origem da palavra latina «spes», citada por S. Isidoro. Põe-a êle em relação com «pes» — pé, e a esperança seria dêste modo tão necessária para a salvação como os pés para andar.

(S. Agost.). — No céu já não haverá *esperança*, porque aí se possuïrão os bens que se desejavam e esperavam.

III. Defeitos da esperança cristã

A esperança cessa de ser agradável a Deus se se espera dêle mais ou menos do que prometeu.

1. Não devemos fiar de nossas próprias fôrças, das dos homens ou dos meios humanos mais do que de Deus; aliás seremos confundidos, porque nada é seguro fora de Deus.

A esperança daquele que se fia ùnicamente nos meios humanos não é cristã nem divina, mas *terrestre*. *Pedro* na ceia gloriava-se da sua coragem e renegou o Senhor; *Golias* ria-se dos Israelitas e logo depois foi morto; *Napoleão* riu-se da excomunhão papal, dizendo que não faria cair as armas das mãos dos seus soldados; pouco depois, marchando para a Rússia com meio milhão de soldados, viu-lhes cair as armas das mãos, geladas pelo frio da Rússia, e voltou derrotado (1812). S. Francisco de Bórgia tinha pôsto tôda a sua confiança na sua protectora, a raínha Isabel; mas esta morreu e êle reconheceu o seu êrro. Vale mais fiar de Deus que dos homens (Ps. CXVII, 8). Não depositeis vossa confiança nos príncipes (Ps. XLV, 2). Construir sôbre um fundamento humano é construir na areia (Sermão da montanha). Aquêles que põem sua confiança nos homens serão confundidos como os sacerdotes de Baal no Carmelo (III Reis, XVIII). Confiar em si mesmo é não ter outro protector senão a si mesmo; Deus não protege aquêle que lhe não pede o seu auxílio (S. Agost.). Só aquêle que tem a esperança cristã pode exclamar: «Em ti, Senhor, esperei, não permitas que eu seja eternamente confundido» (Ps. XXX, 2).

2. Nunca devemos *desesperar*, isto é, nunca devemos perder a confiança de que Deus nos perdoará os *pecados* e nos socorrerá na necessidade.

Caim caíu na desesperação quando disse: «Meu crime é demasiado grande para ser perdoado» (Gén. IV, 13). Saúl também, quando, acossado de todos os lados pelos Filisteus na batalha, se deixou cair sôbre a ponta da espada (I Reis, XXXI).

O cristão nunca deve *desesperar*, porque a *misericórdia* de Deus é infinita e o socorro divino está tanto mais próximo quanto mais iminente está o perigo.

Antes do pecado é necessário temer a justiça, depois do pecado confiar na misericórdia (S. Greg. Mag.). Quem duvidaria de poder pagar suas dívidas em presença do *tesouro real* de que lhe fôsse permitido tirar às mãos cheias? Quem, portanto, poderá duvidar da misericórdia divina? A malícia dos homens em face da bondade de Deus é menos que uma scentelha caída no oceano (S. Jo. Cris.). Deus parece mesmo receber com mais alegria um grande pecador arrependido, porque o perdão lhe dá mais glória.

Quando a necessidade é maior, o auxílio de Deus está mais próximo.

Deus mostra-se às vezes esquecido, como Cristo na tempestade de Genesaré. Às vezes difere a sua ajuda como nas bodas de Caná, quando disse: «A minha hora ainda não chegou» (S. J. II, 4). Mas quanto mais nos faz esperar, tanto mais certa e maravilhosamente nos socorre. Veja-se como sossegou a tempestade no mar, e como livrou a S. Pedro do cárcere. *Deus prova mas não afoga.* Deixa que o justo caia no mar, mas não se afogue.

A desesperação conduz muitas vezes ao *suicídio* e por êle à morte eterna.

Temos a prova em Judas. A desesperação é um pecado irremissível contra o Espírito Santo. «A esperança abre o céu, a desesperação fecha-o» (S. Isid.). Aquêle que desespera da misericórdia de Deus ofende-o como *aquêle que duvida da sua existência* (S. Agost.). Judas ofendeu menos o divino Mestre vendendo-o, do que duvidando da sua bondade (S. Jer.): «perdeu-se menos pelo seu crime

do que pelo seu desespêro» (S. Agost.). Pecar é matar a alma, mas desesperar é já lançar-se no inferno (S. Isid.). Que tormento não terá na vida futura tal homem, que se suïcidou por desesperação, conhecendo os modos admiráveis que Deus tinha à sua disposição para auxiliá-lo, se tivesse permanecido fiel! Se Job, ou Tobias, ou José, se tivessem suïcidado no extremo da sua miséria, que tormento não sofreriam por tôda a eternidade, ao conhecer as maravilhas que Deus tinha pensado obrar para socorrê-los, e os gozos que lhes tinha preparados. O suïcida não terá, pois, razão nenhuma para culpar a Deus da sua perdição.

3. A **presunção** da misericórdia divina é um pecado, quere dizer, é pecado perseverar no pecado com a ideia de que Deus, na sua misericórdia, não nos condenará.

A *confiança* em Deus e o *temor* devem sempre equilibrar-se. (Ver mais acima). É pecado quando o *temor suprime* a esperança (desespêro); mas é pecado não menor suprimir completamente o temor, quando nos persuadimos que a nossa salvação é certa (presunção), ou que Deus nunca nos recusará o seu auxílio (tentar a Deus). É insensatez crer ùnicamente na bondade de Deus e não na sua **justiça**. «Não abusemos da bondade de Deus para não cairmos sob os golpes da sua justiça» (S. Bern.). «Se vós outros não fizerdes penitência, diz Jesus Cristo, todos assim mesmo haveis de acabar» (S. Luc. XIII, 3). Ninguém diga: «Confessar-me-ei dêste pecado, converter-me-ei no fim da minha vida». Quem assim faz obra tão loucamente como aquêle que, carregado, aumenta sem cessar a sua carga. Como poderá suportá-la depois? Acontecer-lhe-á como a Aníbal em Roma, o qual, depois de haver vencido todos os exércitos romanos, se entregou às delícias de Cápua, e, acometido logo por novos exércitos, não lhes pôde resistir. Depois exclamou: «quando pude não quis, e agora que queria não posso!» Infeliz do cristão que se descuide assim até à hora da morte! Diga-se, ao invés, como S. Greg. Nazianzeno: «Sinto profundamente, ó meu Jesus crucificado, o ter-vos desprezado e ofendido, precisamente porque eu devia honrar-vos e amar-vos mais». (Ver sôbre êste assunto, na terceira parte, o sacramento da penitência).

4. **Nunca devemos tentar a Deus,** isto é, é necessário não nos expormos *sem motivo* a um perigo, com a ideia de que Deus nos auxiliará.

Notemos as palavras de Cristo: «*Não tentarás ao Senhor, teu Deus*» (S. Mat. IV, 7). Só o que faz o que Deus quere do homem, pode esperar o auxílio de Deus; portanto quem não se importa com a vontade divina, quem procede *sem motivo suficiente*, será abandonado de Deus. Por isso a Escritura diz: «**O que ama o perigo perecerá nêle** (Eccles. III, 27). O demónio quis levar Cristo a tentar a Deus, sugerindo-lhe que se *precipitasse do terraço do templo* (S. Mat. IV, 6). Também os chamados *Juízos de Deus*, na Idade Média, eram, geralmente, o que se chama tentar a Deus, obrigando o acusado a pegar num ferro em brasa ou pôr-lhe os pés de cima, na presunção de que Deus praticaria um milagre para salvar a sua inocência. O mesmo acontece com aquêles que praticam o pecado do duelo, supondo que Deus protegerá o inocente (P. Nicol. I). Só pode esperar o auxílio de Deus *quem faz o que Deus lhe pede*. Aquêle que, *numa doença grave*, não tivesse cuidado de chamar o médico ou de tomar os remédios, com a ideia de que Deus o curaria, com isso ofenderia a Deus, salvo se soubesse por experiência que o seu temperamento pode dispensar êsses meios ou se os remédios não estivessem ao alcance da sua bôlsa. Na igreja primitiva aquêle que se lançava presunçosamente ao encontro do suplício não era honrado como *mártir*, ainda que desse a vida pela fé. «O tentar a Deus é um *grande ultraje a Deus*» (S. Afonso de Liguóri).

FIM DA PRIMEIRA PARTE

Índice da primeira parte

Pág.

Explicação das abreviaturas 6
Prefácio 9
Orações 17
Quadro sinóptico 29

Introdução.

1. Para que estamos nós neste mundo? 33
2. Como adquirimos a felicidade eterna? 35
3. Não há felicidade perfeita neste mundo 38
4. Utilidade da Religião 43

A Fé.

1. O conhecimento de Deus 49
2. A revelação divina 52
3. A prègação da revelação 57
4. A Sagrada Escritura e a Tradição 59
5. A fé cristã 68
6. Os motivos da fé 81
7. Ausência e perda da fé cristã 88
8. A profissão exterior da fé 94
9. O sinal da cruz 99
10. O símbolo dos Apóstolos 103

1.º Artigo do Símbolo: Deus.

1. Existência de um Ser supremo 106
2. A natureza de Deus 109
3. As perfeições de Deus 114
4. A Santíssima Trindade 140

Pág.

5. História da criação 146
6. A Providência divina 156
7. O cristão provado pelo sofrimento 164
8. Os anjos 173
9. Os homens 185
10. A alma humana 189
11. Os dons sobrenaturais 194
12. O pecado original 197

2.º-7.º Artigos do Credo: Jesus Cristo.

1. A redenção 204
2. A promessa do Redentor 208
3. Preparação da humanidade para a vinda do Salvador 220
4. Quando e onde viveu o Salvador? 226
5. Jesus de Nazaré é o Salvador ou o Cristo ... 232
6. A vida de Cristo 234
7. A pessoa do Salvador (A Incarnação do Filho de Deus. Jesus Cristo é o Filho de Deus. Jesus Cristo é o mesmo Deus. Cristo é nosso Salvador) 259

8.º Artigo do Símbolo: O Espírito Santo.

1. A graça do Espírito Santo é necessária para nós 281
2. As obras do Espírito Santo 284
3. Aparições do Espírito Santo 308

9.º Artigo do Símbolo: A Igreja.

1. A Igreja Católica e a sua organização 310
2. O chefe visível da Igreja 314
3. Bispos, Sacerdotes, Fiéis 323
4. Fundação e extensão da Igreja 331
5. A Igreja Católica é indefectível e infalível ... 342
6. A Jerarquia na Igreja 353
7. As notas da verdadeira Igreja 356
8. Fora da Igreja Católica não há salvação 361
9. As relações entre a Igreja e o Estado 366
10. A comunhão dos Santos 373

10.º Artigo do Símbolo: A remissão dos pecados. 379

Pág.

11.º e 12.º Artigos do Simbolo: Os novissimos.

1. A morte 382
2. O juízo particular 386
3. O céu 389
4. O inferno 394
5. O purgatório 400
6. A ressurreição da carne 408
7. O juízo universal 412

A esperança cristã.

1. Natureza da esperança cristã 419
2. Os frutos da esperança cristã 425
3. Defeitos da esperança cristã 429